

The background is a solid light pink color. Scattered across the surface are several sprigs of small, white, bell-shaped flowers with yellow centers and green stems. The text is written in a large, bold, pink, brush-stroke style font. The words are arranged in five lines: 'COISAS', 'QUE', 'ESCONDAMOS', 'DOS', and 'OUTROS'.

COISAS QUE ESCONDAMOS DOS OUTROS

AUTORA DE COISAS QUE NUNCA SUPERÁMOS

LUCY SCORE



**COISAS
QUE
ESCONDEMOS
DOS
OUTROS**

**COISAS
QUE
ESCONDEMOS
DOS
OUTROS**

info@marcador.pt
www.presenca.pt/collections/marcador
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2023. *Things We Hide from the Light* por Lucy Score.
Edição portuguesa publicada com o acordo de Bookcase Literary Agency.
Os direitos morais da autora estão certificados.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *Coisas Que Escondemos dos Outros*
Título original: *Things We Hide from the Light*
Autora: Lucy Score
Tradução: Ana Saragoça
Revisão: Ana Guerreiro/Editorial Presença
Paginação: Gráfica 99, Lda.
Design da capa: Kari March Designs
Arranjo de capa: Sofia Ramos/Editorial Presença
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

1.^a edição em papel, Lisboa, outubro, 2023

Em memória de Chris Waller, o leitor que me contactou e pediu que incluísse a palavra «entretela» num livro para ele poder ganhar uma aposta com a mulher. Kate, espero que ela a faça sorrir quando voltar a encontrá-la no interior.

UM

BRASAS MINÚSCULAS

Nash

Os agentes federais no meu gabinete estavam com sorte por duas razões.

Primeira, o meu gancho esquerdo não era o mesmo desde que fora alvejado.

E segunda, eu ainda não me tinha capacitado para sentir nada, muito menos raiva suficiente para me levar a ponderar fazer uma estupidez.

— O *Bureau* sabe que o senhor tem um interesse pessoal em encontrar o Duncan Hugo — disse a agente especial Sonal Idler, sentada do outro lado da minha secretária, direita como se tivesse engolido um garfo.

O olhar dela desceu para a nódoa de café na minha camisa.

Era uma mulher severa, de fato de calça e casaco, que parecia comer procedimentos ao pequeno-almoço. O homem ao lado dela, o *marshal* Nolan Graham, tinha bigode e o aspeto de alguém obrigado a fazer uma coisa que não queria nada fazer. Parecia também culpar-me por isso.

Eu queria desenvolver uma fúria. Queria sentir alguma coisa que não o buraco negro e vazio que me invadia, inevitável como a maré. Mas não havia nada. Só eu e o vazio.

— Mas não lhe podemos permitir, nem aos seus rapazes e raparigas, que andem aí a contaminar-me a investigação — prosseguiu a Idler.

Do outro lado do vidro, o sargento Grave Hopper despejava meio quilo de açúcar no seu café, lançando olhares assassinos aos dois agentes federais. Atrás dele, o resto do espaço zumbia com a energia habitual de uma esquadra de cidade pequena.

Os telefones tocavam. Os teclados teclavam. Os agentes serviam. E o café não prestava.

Todos viviam e respiravam. Todos menos eu.

Eu estava só a fingir.

Cruzei os braços e ignorei a pontada aguda no meu ombro.

— Agradeço a cortesia profissional. Mas porquê o interesse especial? Não sou o primeiro polícia a ser alvejado no cumprimento do dever.

— Também não era o único nome naquela lista — disse o Graham, falando pela primeira vez.

O meu maxilar contraiu-se. Fora com a lista que aquele pesadelo começara.

— Mas foi o primeiro atacado — disse a Idler. — O seu nome estava naquela lista de polícias e informadores. E isto é mais do que um tiroteio. É a primeira vez que temos alguma coisa com que pegar no Anthony Hugo.

Era a primeira vez que eu estava a ouvir qualquer tipo de emoção na voz dela. A agente especial Idler tinha o seu próprio interesse pessoal, que consistia em encostar à parede o chefe do crime Anthony Hugo.

— Preciso que este caso seja inatacável — prosseguiu ela. — E é por isso que não pode haver pessoas cá da terra a tentarem fazer justiça pelas próprias mãos. Mesmo que tenham crachás. O bem maior tem sempre um preço.

Passei a mão pelo queixo e encontrei, surpreendido, uma barba por fazer. Nos últimos tempos, isso não estivera propriamente na minha lista de prioridades.

Ela presumia que eu tinha andado a investigar. O que era razoável, dadas as circunstâncias. Mas não sabia o meu maior segredo. Ninguém sabia. Por fora, eu podia estar a cicatrizar. Podia vestir a farda e comparecer na esquadra todos os dias. Mas, por dentro, não restava nada. Nem mesmo o desejo de encontrar o homem responsável por aquilo.

— O que pretende que os meus agentes façam se o Duncan Hugo voltar e resolver alvejar mais uns quantos cidadãos? Que finjam que não veem? — resmoneei.

Os *feds* trocaram um olhar.

— Pretendo que nos mantenha informados de quaisquer ocorrências locais que possam ter que ver com o nosso caso — disse com firmeza a Idler. — Temos mais alguns recursos à nossa disposição do que a sua esquadra. E não temos interesses pessoais. — Senti uma centelha de algo no meio do nada. *Vergonha*.

Eu devia ter um interesse pessoal. Devia andar lá fora, a dar caça ao homem por conta própria. Se não por mim, então pela Naomi e a Waylay. Ele fora

atrás da noiva do meu irmão e da sobrinha dela de outro modo, sequestrando-as e aterrorizando-as por causa da lista que me tinha valido dois orifícios de bala. Mas uma parte de mim morrera naquela valeta e naquela noite, e o que restava não parecia ser digno de luta.

— Aqui o *marshal* Graham vai ficar por perto durante algum tempo. Para se manter de olho nas coisas.

O Bigodes não parecia mais feliz do que eu com isso.

— Algum tipo de coisa em especial? — perguntei.

— Todos os outros alvos na lista vão receber proteção a nível federal até determinarmos que a ameaça deixou de ser iminente — explicou a Idler.

Céus. A cidade ia revoltar-se se as pessoas descobrissem que andavam por ali agentes federais à espera de que alguém violasse a lei. E eu não tinha energia para uma revolta.

— Eu não preciso de proteção — declarei. — Se o Duncan Hugo tivesse dois neurónios funcionais, não se demoraria por aqui. Já se foi embora há muito.

Pelo menos, era o que eu me dizia à noite, quando o sono não aparecia.

— Com todo o respeito, chefe, foi você quem levou os tiros. É uma sorte estar aqui agora — disse o Graham, retorcendo o bigode, arrogante.

— E a noiva do meu irmão e a sobrinha dela? O Hugo sequestrou-as. Vão receber proteção?

— Neste momento, não temos razões para acreditar que a Naomi e a Waylay Witt corram qualquer tipo de perigo — disse a Idler.

A pontada no meu ombro aumentou para um latejar surdo que condizia com o que eu sentia na cabeça. Tinha falta de sono e de paciência e, se aquelas duas melgas não saíssem do meu gabinete, não podia garantir que manteria a compostura.

Reunindo todo o charme sulista que conseguia, ergui-me de trás da secretária.

— Entendido. Agora, se me dão licença, tenho uma cidade para servir. — Os agentes levantaram-se e trocámos apertos de mão superficiais. — Agradeço que me mantenham informado. Dado que eu tenho um «interesse especial» e tal — disse eu, enquanto eles alcançavam a porta.

— Partilharemos decerto o que pudermos — disse a Idler. — Também esperamos que nos ligue assim que se lembrar de alguma coisa do tiroteio.

— Com certeza — disse eu, entre dentes.

No meio do triângulo de lesões físicas, perda de memória e aturdimento vazio, era uma sombra do homem que fora.

— A gente vê-se — disse o Graham. Soou como uma ameaça.

Esperei até os seus traseiros se pavonearem para fora da minha esquadra, antes de arrancar o casaco do cabide. O buraco no meu ombro protestou quando enfiei o braço na manga. O do tronco não se sentia muito melhor.

— Está bem, chefe? — perguntou o Grave, quando saí para o espaço comum.

Em circunstâncias normais, o meu sargento teria insistido num relato tintim por tintim da reunião, seguindo-se uma sessão de uma hora a amaldiçoar as tretas das jurisdições. Mas, desde que eu tinha sido alvejado e quase morto, todos estavam a fazer os possíveis por me tratar com luvas de pelica.

Talvez eu não estivesse a esconder as coisas tão bem como pensava.

— Ótimo — disse eu, mais áspero do que quisera ser.

— Vai sair? — inquiriu ele.

— Vou.

A nova e empenhada agente de patrulha saltou da cadeira como se esta tivesse molas.

— Se quiser almoçar, posso ir buscar-lhe alguma coisa ao Dino's, chefe — propôs.

Nada e criada em Knockemout, Tashi Bannerjee tinha acabado de sair da Escola de Polícia. Agora os seus sapatos brilhavam, e o cabelo escuro estava apanhado num carrapito que excedia os regulamentos. Mas, quatro anos antes, fora multada no secundário por atravessar um restaurante *drive-thru* montada num cavalo. Quase todos na esquadra tínhamos contornado a lei num ponto qualquer da nossa juventude, o que dava mais significado à escolha de a mantermos em vez de a ignorarmos.

— Eu posso comprar o raio do meu almoço — disparei, brusco. O seu rosto descaiu por um segundo antes de ela recuperar, fazendo-me sentir como se tivesse dado um pontapé a um cachorrinho. *Foda-se*. Estava a transformar-me no meu irmão. — Mas obrigado pela oferta — acrescentei, num tom ligeiramente menos antipático.

Bestial. Agora tinha de fazer uma coisa simpática. Outra vez. Fazer mais um gesto de «desculpem por ser uma besta» para o qual não tinha energia. Durante aquela semana, já tinha trazido café, *donuts*, e, depois de uma fúria

especialmente constrangedora por causa do termóstato no espaço comum, chocolates da bomba de gasolina.

— Vou à fisioterapia. Volto daqui a uma hora, mais ou menos.

Dito isto, atravessei o vestíbulo e dirigi-me para a saída a passos largos, como se tivesse assuntos para tratar, não fosse alguém tentar meter conversa.

Esvaziei a mente e tentei concentrar-me no que estava a acontecer mesmo à minha frente.

Toda a força do outono do norte da Virgínia me atingiu quando transpus as portas de vidro do Centro Municipal Knox Morgan. O sol brilhava num céu tão azul que feria os olhos. As árvores que ladeavam a rua estavam um espetáculo, com o verde das folhas a ser substituído por tons de cobre, amarelo e laranja. As abóboras e os fardos de palha dominavam as decorações das montras das lojas.

Uma moto rugiu, e eu ergui o olhar a tempo de ver o Harvey Lithgow a passar. Tinha chifres de Diabo no capacete e um esqueleto de plástico atado ao assento atrás de si. Ergueu uma mão a saudar-me antes de continuar a rugir pela rua fora, pelo menos vinte e cinco quilómetros por hora acima da velocidade permitida. Sempre a testar os limites da lei.

O outono sempre tinha sido a minha estação preferida. Novos começos. Mulheres bonitas com camisolas macias. A temporada do futebol americano. A receção aos antigos alunos. Noites frias aquecidas com *bourbon* e fogueiras.

Mas agora tudo estava diferente. Agora, *eu* estava diferente.

Como tinha mentido sobre a fisioterapia, não podia propriamente ser visto a almoçar no centro, portanto fui para casa.

Iria fazer uma sanduíche que não queria comer, sentar-me na solidão e tentar arranjar uma maneira de me aguentar durante o resto do dia sem ser demasiado cretino.

Tinha de atinar. Caraças, não era assim tão difícil assinar papéis e aparecer de vez em quando, como o espantalho inútil que era agora.

— Bom dia, chefe — saudou-me a Tallulah St. John, a nossa mecânica residente e coproprietária do Café Rev, atravessando fora da passadeira mesmo à minha frente.

As suas tranças, longas e escuras, estavam unidas sobre o ombro do fato-macaco. Tinha um saco de supermercado numa mão e na outra um café, quase

decerto feito pelo marido.

— Bom dia, Tallulah.

O passatempo preferido de Knockemout era ignorar a lei. Eu vivia a preto-e-branco e, por vezes, sentia que as pessoas à minha volta viviam inteiramente em cinzento. Fundada por rebeldes sem lei, a minha cidade dava pouca importância a regras ou regulamentos. O anterior chefe da polícia limitara-se a deixar os cidadãos à sua sorte, enquanto dava lustro ao crachá como um símbolo de *status*, e usara o seu cargo para benefícios pessoais durante mais de vinte anos.

Eu era chefe havia cerca de cinco anos. Aquela cidade era o meu lar; os cidadãos, a minha família. Era claro que falhara ao tentar ensinar-lhes a respeitarem a lei. E agora era apenas uma questão de tempo antes de eles se aperceberem de que eu já não era capaz de os proteger.

O meu telemóvel deu sinal no bolso, e eu ia retirá-lo com a mão esquerda quando me lembrei de que já não o transportava daquele lado. Praguejei entre dentes e retirei-o com a mão direita.

Knox: Diz aos feds que vão à merda, da tua parte, da minha parte, e, já agora, da parte de toda a cidade.

Claro que o meu irmão sabia dos *feds*. O alerta soara, provavelmente, no segundo em que o carro deles entrara na Main Street. Mas eu não estava em condições de discutir o assunto. Na verdade, não estava em condições de nada. O telemóvel tocou na minha mão.

A Naomi.

Havia bem pouco tempo, eu estaria ansioso como tudo para atender aquela chamada. Tinha tido um fraco pela «empregada de mesa nova na cidade, mergulhada numa maré de azar». Mas, inexplicavelmente, ela tinha ficado caída pelo rabugento do meu irmão. Eu tinha desistido da paixão — mais facilmente do que pensara —, mas tinha desfrutado da irritação do Knox sempre que a sua quase-esposa me ia visitar.

Agora, porém, aquilo parecia-me mais uma responsabilidade com a qual eu não conseguia lidar.

Deixei a chamada ir para o gravador e virei a esquina para a minha rua.

— Bom dia, chefe — disse a Neecey, que saía da pizaria com o cavalete da ementa. O Dino's abria às onze da manhã em ponto, sete dias por semana. O

que significava que eu só conseguira cumprir quatro horas do meu dia de trabalho antes de ter de fugir. Um novo recorde.

— Bom dia, Neece — disse eu, sem entusiasmo.

Queria ir para casa e fechar a porta. Fechar-me para o mundo e afundar-me naquela escuridão. Não queria parar de dois em dois metros para ter uma conversa.

— Ouvi dizer que aquele *fed* de bigode anda aí a farejar. Acha que ele vai gostar da estada no motel? — disse ela, com um brilho malicioso nos olhos.

A Neecey era coscuvilheira, usava óculos e estava sempre a mascar pastilha enquanto dava à língua com meia cidade durante cada turno. Mas tinha razão. O motel de Knockemout era o sonho molhado de um inspetor sanitário. Violações das regras em cada página do manual. Alguém tinha de comprar aquela porcaria e demoli-la.

— Desculpa, Neece. Tenho de atender isto — menti, levando o telemóvel ao ouvido e fingindo que tinha uma chamada.

Assim que ela voltou para dentro, guardei o telemóvel e percorri, apressado, o resto do caminho até à entrada do meu apartamento.

O meu alívio foi breve. A porta para as escadas, de madeira trabalhada e vidro reforçado, estava aberta, apoiada numa caixa de arquivo com a palavra «Ficheiros» escrita a marcador.

Ainda a olhar para a caixa, entrei.

— Filho de uma grande puta! — ecoou de cima uma voz de mulher que não pertencia à minha vizinha idosa.

Ergui o olhar, e uma mochila preta de luxo rebolou pelas escadas na minha direção, como um rolo de ervas secas de marca. A meio dos degraus, um par de pernas longas e esguias captou a minha atenção.

Estavam cobertas por umas *leggings* lustrosas verde-musgo, e a vista não parava de melhorar. A camisola cinzenta e felpuda era curta e deixava ver uma pele macia e bronzeada sobre músculos trabalhados e curvas subtis. Mas era o rosto que exigia mais atenção. Pómulos de mármore. Olhos grandes e escuros. Lábios carnudos franzidos de irritação.

O cabelo — tão escuro que era quase preto — tinha um corte curto e assimétrico, e parecia ter acabado de ser percorrido pelos dedos de alguém. Os meus dedos dobraram-se junto ao corpo.

A Angelina Solavita, mais conhecida por Lina, ou por ex-namorada do meu irmão numa outra vida, era uma brasa. E estava nas minhas escadas.

Aquilo não era bom.

Baixei-me e apanhei o saco aos meus pés.

— Desculpa por te atirar a minha bagagem — disse ela lá de cima, debatendo-se com uma grande mala de viagem com rodas nos últimos degraus.

Eu não tinha reclamações sobre a vista, mas tinha um sério receio de não sobreviver a conversas de chacha.

No primeiro andar, havia três apartamentos: o meu, o da senhora Tweedy e um espaço vago ao lado do meu.

Eu já tinha que fazer por viver em frente de uma viúva idosa que não mostrava grande respeito por privacidade e espaço pessoal. Não me interessava ter mais distrações em casa. Nem mesmo quando tinham o aspeto da Lina.

— Estás a mudar-te? — perguntei, quando ela reapareceu no alto das escadas.

As palavras saíram-me forçadas, a voz tensa.

Ela lançou-me um daqueles sorrisinhos *sexy*.

— Estou. O que é o jantar?

Vi-a atacar as escadas a trote, descendo-as com rapidez e elegância.

— Acho que arranjas melhor do que aquilo que eu tenho para oferecer.

Não ia a um supermercado desde... Bem, não me lembrava da última vez que me aventurara no Grover's Groceries para comprar comida. Vivia de entregas de comida, quando me lembrava de comer.

A Lina deteve-se no último degrau, ficando cara a cara comigo, e percorreu-me lentamente com o olhar. O sorriso abriu-se sem reboço.

— Não sejas modesto, valentão.

Tinha-me chamado isso pela primeira vez havia algumas semanas, quando limpava a porcaria que eu tinha feito dos meus pontos a salvar o couro do meu irmão. Na altura, eu deveria ter estado a pensar sobre a avalanche de papelada com que teria de lidar graças a um sequestro seguido de um tiroteio. Em vez disso, ficara sentado, de costas apoiadas na parede, distraído pelas mãos calmas e competentes da Lina, pelo seu cheiro limpo e fresco.

— Estás a flirtar comigo? — Não tivera intenção de o dizer, mas mal conseguia aguentar-me.

Pelo menos não lhe tinha dito que gostava do cheiro do seu detergente da

roupa.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Tu és o meu novo vizinho, o chefe da polícia bem-parecido e irmão do meu namorado dos tempos da faculdade. — Aproximou-se mais uns centímetros, e uma faísca de alguma coisa quente remexeu-se no meu estômago. Queria agarrar-me a essa sensação, guardá-la na concha das mãos até que descongelasse o meu coração gélido. — Eu adoro más ideias. Tu não?

O meu Antigo Eu teria ativado o seu charme. Teria gostado de um bom *flirt*. Teria apreciado a atração mútua. Mas eu já não era esse homem.

Ergui a mochila pela asa. Os dedos dela fecharam-se sobre os meus quando estendeu a mão para lhe pegar. A faísca multiplicou-se numa dezena de pequenas brasas, quase o bastante para que eu me lembrasse de como era sentir alguma coisa.

Quase.

Ela observava-me intensamente. Aqueles olhos castanho-whiskey mergulhavam em mim como se eu fosse um livro aberto.

Desencarcerei os meus dedos dos dela.

— O que é que disseste que fazias na vida? — perguntei.

Ela falara nisso de passagem, chamando-lhe uma maçada, e mudara de assunto. Mas tinha uns olhos que não deixavam escapar nada, e eu estava curioso sobre que emprego a deixava vaguear por Nenhures, na Virgínia, durante semanas seguidas.

— Seguros — disse ela, lançando a mochila sobre um dos ombros.

Nenhum de nós recuava. Eu, porque aquelas brasas eram a única coisa boa que sentira em semanas.

— Que tipo de seguros?

— Porquê? Andas à procura de uma nova apólice? — brincou ela, começando a afastar-se.

Mas eu queria que ela ficasse perto. Precisava que ela atiçasse aquelas débeis faíscas, para ver se ainda havia algo dentro de mim que valesse a pena arder.

— Queres que pegue nisto? — ofereci-me, apontando com o polegar para a caixa de arquivo encostada à porta.

O sorriso desapareceu.

— Não é preciso — disse ela secamente, fazendo menção de passar por mim.

Eu bloqueei-a.

— A senhora Tweedy esfolava-me vivo se descobrisse que eu te tinha obrigado a carregares essa caixa por aquelas escadas — insisti.

— A senhora Tweedy?

Apontei para cima.

— Do 1.º C. Saiu com o seu grupo de halterofilia. Mas não tardarás a conhecê-la. Ela vai certificar-se disso.

— Se saiu, não vai saber que não agravaste as tuas lesões de balas por insistires em arcar com uma caixa pelas escadas acima — observou a Lina. — Como estás a evoluir?

— Bem — menti.

— Hum. — Ela arqueou de novo a sobrancelha. — A sério?

Não acreditava em mim. Mas a minha fome por aquelas migalhas de sentimento era tão forte, tão desesperada, que eu não me importei.

— Estou são como um pero — insisti.

Ouvi um toque baixo e vi um clarão de irritação quando a Lina retirou o telemóvel de algum bolso escondido no cós das *leggings*. Foi apenas um vislumbre, mas consegui ler «Mãe» no ecrã, antes de ela ignorar a chamada. Parecia que andávamos ambos a evitar a família.

Aproveitei e usei a distração para pegar na caixa, fazendo questão de usar o braço esquerdo. O meu ombro latejou, e uma pérola fria de suor abriu caminho pelas minhas costas abaixo. Mas, assim que voltei a fixar o olhar no dela, as faíscas regressaram.

Não sabia o que era aquilo, só que me era necessário.

— Vejo que a teimosia Morgan é tão forte em ti como no teu irmão — observou ela, voltando a guardar o telemóvel no bolso.

Lançou-me mais um olhar de avaliação, antes de se virar e começar a subir as escadas.

— Por falar no Knox — disse eu, fazendo tudo para que a minha voz parecesse natural —, deduzo que estejas no 1.º B.

O meu irmão era o proprietário do edifício, que incluía o bar e a barbearia no piso térreo.

— Agora, estou. Estava alojada no motel — disse ela.

Agradei mentalmente pelo facto de ela estar a subir as escadas mais devagar

do que descera.

— Não acredito que te aguentaste lá tanto tempo.

— Hoje de manhã, vi uma ratazana andar à chapada com uma barata do tamanho de uma ratazana. Foi a última gota — disse ela.

— Podias ter ficado com o Knox e com a Naomi — disse eu, obrigando-me a dizer tudo antes de perder completamente o fôlego.

Estava em baixo de forma, e aquele rabo bem torneado dentro daquelas *leggings* não ajudava a minha resistência cardiovascular.

— Gosto de ter o meu espaço — disse ela.

Chegámos ao topo das escadas, e eu segui-a para a porta aberta ao lado da minha, enquanto um rio de suor gelado me serpenteava pelas costas. Precisava mesmo de voltar ao ginásio. Se ia ser um cadáver ambulante para o resto da vida, mais valia ser um cadáver que aguentasse uma conversa num lanço de escadas.

A Lina deixou cair a mochila dentro do apartamento, e depois virou-se para aceitar a caixa.

Mais uma vez, os nossos dedos tocaram-se.

Mais uma vez, senti alguma coisa. E não era só a dor no ombro, o vazio no peito.

— Obrigada pela ajuda — disse ela, tirando-me a caixa das mãos.

— Se precisares de alguma coisa, estou mesmo aqui ao lado — disse eu.

Os lábios curvaram-se-lhe muito ligeiramente.

— É bom saber. Vemo-nos por aí, valentão.

Eu fiquei pregado ao chão mesmo depois de ela ter fechado a porta, esperando até que a última daquelas brasas arrefecesse.

DOIS

TÁTICAS DE ESQUIVA

Lina

Fechei a minha nova porta da rua no metro e oitenta do ferido e soturno Nash Morgan.

— Nem penses nisso — resmoneei para comigo.

Normalmente, não me importava de correr riscos, brincar um pouco com o fogo. E conhecer melhor o Garanhão Certinho, como as mulheres de Knockemout lhe chamavam, seria exatamente isso. Mas tinha coisas mais urgentes para fazer do que curar com um *flirt* a tristeza que envolvia o Nash como uma capa.

«Ferido e soturno», pensei de novo, arrastando os meus ficheiros pela sala.

Sentir-me atraída não me surpreendia. Embora preferisse o estilo de vida «gozar e largar», não havia nada de que gostasse mais do que um desafio. E penetrar aquela fachada, investigar o que lançava aquelas sombras no seu rosto de herói triste, seria exatamente isso.

Mas o Nash parecia-me do tipo de querer assentar, e eu era alérgica a relações.

Assim que mostrávamos interesse numa pessoa, ela começava a pensar que isso lhe dava o direito de nos dizer o que fazermos e como fazê-lo, duas das coisas que menos me agradavam. Eu gostava de me divertir, do entusiasmo da perseguição. Gostava de brincar com as peças de um *puzzle* até obter uma imagem completa e depois passar ao seguinte. E, pelo meio, gostava de entrar na minha casa, recheada das minhas coisas, e de encomendar a minha comida preferida sem ter de discutir com ninguém sobre o que ver na televisão.

Larguei a caixa na minúscula mesa da sala de jantar e contemplei o meu novo domínio.

O apartamento tinha potencial. Percebia a razão pela qual o Knox tinha

investido no edifício. Ele nunca deixara de se aperceber do potencial escondido no meio da confusão. Tetos altos, soalhos de madeira gastos, grandes janelas que davam para a rua.

A sala de estar encontrava-se equipada com um sofá florido e desbotado, que tinha em frente uma parede de tijolo vazia, uma pequena mas sólida mesa de jantar com três cadeiras e uma espécie de estante, construída com velhas caixas de madeira, sob as janelas da frente.

A cozinha, isolada numa minúscula divisão com paredes de pladur, estava fora de moda havia duas décadas. Não era um problema, visto que eu não cozinhava. As bancadas eram de um laminado amarelo berrante, e tinham há muito passado do seu auge, se é que alguma vez o tinham tido. Mas havia um micro-ondas e um frigorífico com espaço suficiente para guardar comida pronta e um *pack* de cervejas, portanto servir-me-ia perfeitamente.

O quarto estava vazio, mas tinha um guarda-fatos espaçoso, o que, ao contrário da cozinha, era indispensável para mim e para as minhas tendências de louca por roupas. A casa de banho anexa era encantadoramente *vintage*, com uma banheira de quatro patas e um lavatório de pedestal absolutamente inútil, que podia acomodar zero por cento da minha coleção de maquilhagem e cuidados de pele.

Respirei fundo. Dependendo do conforto do sofá, talvez pudesse adiar uma decisão sobre a cama. Não sabia quanto mais tempo passaria ali, quanto tempo levaria a descobrir o que procurava.

Esperava que já não demorasse muito.

Deixei-me cair no sofá, rezando para que este fosse confortável.

Não era.

— Porque estás a castigar-me? — perguntei ao teto. — Eu não sou uma pessoa horrível. Dou passagem aos peões. Contribuo para o abrigo dos animais de quinta. Como as minhas verduras. Que mais queres?

O universo não respondeu.

Soltei um suspiro e pensei na minha moradia em Atlanta. Estava habituada a trabalhar em más condições. Regressar de uma estada prolongada num motel de duas estrelas fazia-me sempre valorizar os meus lençóis caros, o meu sofá de *design* ultrafofo e o meu guarda-roupa meticulosamente organizado.

Aquela estada prolongada em especial, porém, começava a tornar-se ridícula.

E, quanto mais tempo passava ali sem um avanço, uma pista, uma luz ao fundo do túnel, mais irrequieta me tornava. No papel, talvez parecesse que eu era uma criança impulsiva e bravia. Na realidade, estava simplesmente a seguir o plano que tinha traçado havia muito tempo. Era paciente e lógica, e os riscos que corria eram — quase sempre — calculados.

Mas semanas infindáveis numa cidade minúscula a trinta e oito minutos da *Sephora* mais próxima, sem a menor indicação de que estava no caminho certo, começavam a desgastar-me. Daí a conversa com o teto.

Sentia-me entediada e frustrada, uma combinação perigosa, porque me impossibilitava de ignorar a dúvida miudinha na minha mente de que talvez eu não gostasse tanto daquele tipo de trabalho como gostara em tempos. A dúvida que tinha brotado por magia quando as coisas tinham corrido mal durante o último trabalho. Mais uma coisa em que não queria pensar.

— OK, universo — disse, novamente na direção do teto. — Preciso que uma coisa me corra bem. Só uma. Como sapatos em saldo, ou, sei lá, que tal um avanço neste caso antes que perca o juízo?

Desta vez, o universo respondeu-me com um telefonema.

O universo era um cretino.

— Olá, mãe — disse, com impulsos iguais de irritação e afeto.

— Finalmente! Estava preocupada. — A Bonnie Solavita não era preocupada de nascença, mas aceitara o fardo que lhe fora lançado com uma dedicação entusiástica a esse papel.

Incapaz de ficar quieta durante estas conversas diárias, levantei-me do sofá cheio de altos e dirigi-me para a mesa.

— Estava a carregar uma coisa pelas escadas acima — expliquei.

— Não estás a abusar, pois não?

— Foi uma mala e um lanço de escadas — disse eu, tirando a tampa da caixa de arquivo. — O que estão vocês a fazer? — Redirecionar era o que mantinha intacta a minha relação com os meus pais.

— Eu estou a caminho de uma reunião de *marketing*, e o teu pai está algures debaixo do capô daquele maldito carro — disse ela.

A minha mãe tinha feito um hiato mais longo do que o necessário no seu trabalho de executiva de *marketing*, para poder sufocar-me até eu ir para a faculdade, a três estados de distância. A partir daí, reentrara no mercado de

trabalho e subira na carreira como executiva de uma organização nacional de cuidados de saúde.

O meu pai, Hector, tinha-se reformado havia seis meses da sua carreira de canalizador. «Aquele maldito carro» era o a-precisar-desesperadamente-de-cuidados *Mustang Fastback* de 1968 com que eu o surpreendera pelo seu aniversário, dois anos antes, graças a um farto cheque de bónus no emprego. Ele tinha tido um quando era um jovem solteiro e sedutor no Illinois, até o ter trocado por uma carrinha *pick-up* toda fina para impressionar a filha de um agricultor. O meu pai casou-se com a filha do agricultor — a minha mãe — e passou as décadas seguintes com saudades do carro.

— Já o pôs a trabalhar? — perguntei.

— Ainda não. Ontem, ao jantar, aborreceu-me de morte com uma dissertação de vinte minutos sobre carburadores. Portanto, eu aborreci-o também, com uma explicação de como vamos mudar as nossas mensagens publicitárias com base nas categorias demográficas distribuídas pelos subúrbios da Costa Leste — explicou a minha mãe, ufana.

Eu ri-me. Os meus pais tinham uma daquelas relações em que, por muito diferentes que fossem, por muitos anos que tivessem de casamento, continuavam a ser os maiores fãs um do outro... e os maiores provocadores.

— Isso é mesmo típico de vocês — disse.

— A consistência é essencial — cantarolou a minha mãe. Ouvi alguém fazer uma pergunta rápida do lado dela. — Usem o conjunto de *slides* secundário para a apresentação. Fiz uns ajustes ontem à noite. Ah, e traz-me uma *Pellegrino* antes de entrares, sim? Obrigada. — A minha mãe aclarou a garganta. — Desculpa lá isto, querida.

A diferença entre a sua voz de chefe e a sua voz de mãe era uma fonte inesgotável de divertimento para mim.

— Sem problema. És uma chefona ocupada.

Mas não demasiado ocupada para saber notícias da filha nos dias designados para isso.

Pois. Entre o itinerário de mão de ferro da minha mãe e o desejo dos meus pais de se certificarem que eu estava bem em todos os momentos, eu falava com um progenitor quase todos os dias. Se os evitasse por demasiado tempo, eram capazes de me aparecer à porta sem aviso. Já tinha acontecido.

— Ainda estás em DC, não estás? — perguntou ela.

Encolhi-me, pois já sabia o que aí vinha.

— Mais ou menos. É uma pequena cidade a norte de DC.

— As pequenas cidades são onde as empresárias atarefadas são seduzidas por um comerciante local abrutalhado. Ooh! Ou por um xerife. Já conhecestes o xerife?

Poucos anos antes, uma colega tinha viciado a minha mãe em livros românticos. Todos os anos tiravam umas férias juntas, que coincidiam sempre com alguma sessão de autógrafos. Agora ela esperava que a minha vida se transformasse a qualquer momento no enredo de uma comédia romântica.

— Chefe da polícia — corrigi. — E, por acaso, ele mora aqui ao lado.

— Sinto-me mil vezes melhor por saber que tens a autoridade como vizinha. Eles aprendem socorrismo, sabes?

— E várias outras competências especiais — disse eu secamente, tentando não me irritar.

— É solteiro? Giro? Tem contraindicações?

— Acho que sim. Definitivamente. E ainda não o conheço o suficiente para as detetar. É irmão do Knox.

— Ah.

— A minha mãe conseguia dizer muito com uma sílaba. Os meus pais não tinham conhecido o Knox. Sabiam apenas que tínhamos namorado — por pouco tempo — quando eu estava na faculdade e que éramos amigos desde então. A minha mãe culpava-o injustamente pelo facto de a sua filha de trinta e sete anos estar ainda solteira e disponível. Não é que estivesse desesperada por uma boda e por netos. Mas os meus pais só respirariam de alívio quando eu tivesse na minha vida alguém que assumisse o papel de protetor preocupado. A minha autossuficiência não importava. Para os meus pais, eu continuava a ser uma menina de quinze anos numa cama de hospital.

— Sabes, o teu pai e eu falámos sobre viajarmos no fim de semana. Podíamos meter-nos num avião e estar aí no próximo.

A última coisa de que precisava era de um deles a seguir-me pela cidade enquanto eu tentava trabalhar.

— Não sei quanto tempo vou estar aqui — disse diplomaticamente. — Posso ir para casa a qualquer momento.

Era improvável, a menos que descobrisse alguma coisa que virasse o caso para uma nova direção. Ainda assim, pelo menos não era uma mentira descarada.

— Não compreendo como é que a gestão de formações empresariais pode ser tão imprevisível — observou a minha mãe, divertida. Felizmente, antes de eu ter de elaborar uma resposta plausível, ouvi um novo comentário abafado do lado dela. — Tenho de ir, querida. A reunião vai começar. Enfim, avisa-me quando estiveres para regressar a Atlanta. Nós apanhamos um avião e vamos visitar-te antes de tu vires a casa para a Ação de Graças. Se combinarmos bem, podemos acompanhar-te à consulta.

Pois. Porque eu ia mesmo a uma consulta médica com os meus pais a reboque. Claro.

— Falamos disso depois — disse.

— Amo-te, querida.

— Também te amo.

Desliguei e soltei um suspiro que acabou num grunhido. Mesmo a centenas de quilómetros, a minha mãe ainda conseguia fazer-me sentir que tinha uma almofada sobre a cara.

Alguém bateu à porta, e eu lancei-lhe um olhar desconfiado, perguntando-me se a minha mãe estaria do outro lado, pronta para me fazer uma surpresa.

Mas depois soou uma pancada que parecia de uma bota irritada contra a base da porta. Seguiu-se um áspero:

— Abre lá, Lina. Esta merda é pesada.

Atravessei a sala e abri a porta de repelão, dando com o Knox Morgan, a sua bonita noiva, Naomi, e a sobrinha desta, Waylay, todos de pé no patamar.

A Naomi sorria, com uma planta de vaso na mão. O Knox estava de trombas, carregado com o que parecia serem cento e cinquenta quilos de roupa de cama. A Waylay aparentava estar entediada e segurava duas almofadas.

— Então isto é o que acontece quando saímos do motel das baratas? Começam a aparecer pessoas sem avisar? — perguntei.

— Desvia-te. — O Knox desviou-me do caminho, sob um edredão branco-sujo.

— Desculpa por aparecermos assim, mas queríamos dar-te os teus presentes de boas-vindas — disse a Naomi.

Era uma morena alta, cujo guarda-roupa tendia para o feminino. Tudo nela

era macio: o cabelo ondulado, a malha de croché do vestido de manga comprida sobre as curvas generosas, o modo como apreciava o mui agradável rabo do seu noivo, que caminhava a passos largos para o meu quarto.

Os traseiros bonitos eram um traço familiar dos Morgans. Segundo a Amanda, a mãe da Naomi, o rabo do Nash fardado de polícia era considerado um tesouro local.

A Waylay transpôs timidamente a porta. Tinha o cabelo louro apanhado num rabo de cavalo que ostentava madeixas azuis temporárias.

— Toma — disse, empurrando as almofadas para mim.

— Obrigada, mas eu não estou a mudar-me definitivamente — observei, atirando-as para o sofá.

— Knockemout tem a arte de se transformar em casa — disse a Naomi, estendendo-me a planta.

Ela devia saber. Chegara poucos meses antes, pensando que ia ajudar a irmã gémea a livrar-se de sarilhos, e ficara ela envolvida num. No espaço de poucas semanas, a Naomi ganhara a guarda da sobrinha, arranjava dois empregos, fora sequestrada e fizera com que o Knox «Não Entro em Relações» Morgan se apaixonasse por ela.

Agora viviam numa grande casa nos limites da cidade, rodeados por cães e familiares, e estavam a planear o casamento. Tomei uma nota mental para um dia apresentar a minha mãe à Naomi. Ela ficaria doida com aquele «felizes para sempre» na vida real.

O Knox voltou do quarto de mãos vazias.

— Feliz instalação. A cama chega esta tarde.

Pestanejei.

— Compraram-me uma cama?

— Terás de lidar com isso — disse ele, lançando um braço sobre os ombros da Naomi e puxando-a para junto de si. Ela deu-lhe uma cotovelada no estômago.

— Tem maneiras.

— Não — rosnou ele.

Era um retrato e tanto. O antipático alto, tatuado e barbudo, e a morena curvilínea e sorridente.

— O que o Viqingue quer dizer é que estamos felizes por tu ficares na

cidade e achámos que uma cama tornaria a tua estada mais confortável — traduziu a Naomi.

A Waylay tombou sobre as almofadas no sofá.

— Onde está a televisão? — perguntou.

— Ainda não a tenho. Mas, quando a comprar, vou pedir-te ajuda para fazer as ligações, Way.

— Quinze dólares — disse ela, aconchegando as mãos atrás da cabeça. A miúda era um génio eletrónico e não se coíbia de fazer uns trocos com os seus talentos.

— Waylay! — disse a Naomi, exasperada.

— O que é? Estou a fazer-lhe o desconto para amigos e família.

Tentei lembrar-me se alguma vez estivera próxima de alguém o suficiente para merecer um desconto para amigos e família.

O Knox piscou o olho à Waylay e deu um pequeno apertão à Naomi.

— Tenho de falar com o Nash sobre um assunto — disse, apontando para a porta com o polegar. — Se precisares de mais alguma coisa, diz-me, Leens.

— Ei, já fico contente por não ter de disputar o chuveiro com um exército de baratas. Obrigada por me deixares instalar aqui temporariamente.

Ele lançou-me uma continência e um meio-sorriso, dirigindo-se para a porta.

A Naomi estremeceu.

— Aquele motel é um perigo para a saúde pública.

— Pelo menos tinha televisão! — exclamou a Waylay do quarto vazio.

— Waylay! O que estás a fazer? — perguntou a tia.

— A bisbilhotar — respondeu a miúda de doze anos, aparecendo no umbral, de mãos enfiadas nos bolsos com brilhantes das calças de ganga. — Não há problema. Ela ainda não tem aqui nada.

No patamar soou uma pancada ruidosa.

— Abre, parvalhão! — rosnou o Knox.

A Naomi revirou os olhos.

— Peço desculpa pela minha família. Parece que foram todos criados por lobos.

— A rudeza tem um encanto muito próprio — observei.

Apercebi-me de que ainda estava a segurar a planta. Levei-a até à janela e pousei-a em cima de uma das caixas vazias. Tinha folhas verdes e lustrosas.

— É um lírio-do-vale. Só vai florir na primavera, mas simboliza a felicidade — explicou a Naomi.

Claro que simbolizava. A Naomi era perita em gestos atenciosos.

— A outra razão pela qual aparecemos de surpresa é que queríamos convidar-te para jantar no domingo à noite — prosseguiu.

— Vamos grelhar frangos, mas deve haver uns cem vegetais — advertiu a Waylay, enquanto vagueava até à janela da frente e olhava para a rua.

Um jantar que não seria preciso encomendar e em que eu teria a oportunidade de apreciar o Knox domesticado? Não podia recusar esse convite.

— Claro. Digam-me o que posso levar.

— Leva-te só a ti. Sinceramente, entre mim, os meus pais e o Stef, vai ser um banquete — garantiu a Naomi.

— Que tal álcool? — propus.

— Isso nunca se recusa — admitiu ela.

— E uma garrafa de *Yellow Lightning* — disse a Waylay. A Naomi lançou-lhe um olhar materno de advertência. — Por favor — emendou a miúda.

— Se quiseses uma garrafa inteira daquele refrigerante de apodrecer os dentes, vais ter de comer salada com a tua piza ao almoço e brócolos ao jantar logo à noite — insistiu a Naomi.

A Waylay revirou os olhos para mim ao dirigir-se para a mesa.

— A tia Naomi é obcecada por vegetais.

— Acredita, há obsessões piores — disse eu.

Ela olhou para a caixa de arquivo, e eu arrependi-me de não ter voltado a tapá-la quando os seus dedos rápidos retiraram um ficheiro.

— Boa tentativa, Snoop Doggy Dog — disse eu, arrancando-lho da mão com um floreio.

— Waylay! — ralhou a Naomi. — A Lina trabalha em seguros. Isso deve ter informações confidenciais.

Ela nem fazia ideia.

Peguei na tampa e voltei a pô-la na caixa.

Na porta ao lado, as pancadas continuavam.

— Nash? Estás aí?

Pelos vistos, eu não era a única a esconder-me da família.

— Anda, Way. Vamos embora antes que o Knox derrube o prédio — disse a

Naomi, estendendo o braço para a sobrinha. A Waylay deslizou para junto da tia, aceitando o afeto oferecido.

— Obrigada pela planta... e pela cama... e pelo sítio onde ficar — disse eu.

— Estou tão contente por te ter aqui durante mais algum tempo — disse a Naomi, enquanto íamos juntas até à porta.

Pelo menos uma de nós sentia-se contente.

O Knox estava à frente da porta do Nash, percorrendo as chaves que tinha no porta-chaves.

— Acho que ele não está — apressei-me a dizer.

O que quer que se estivesse a passar com o Nash, eu duvidava de que ele quisesse o irmão a entrar-lhe pela casa adentro.

O Knox ergueu o olhar.

— Disseram-me que ele saiu do trabalho e veio para aqui.

— Tecnicamente, disseram-nos que ele saiu do trabalho e foi para a fisioterapia, mas a Neecey do Dino's viu-o aqui em frente — disse a Naomi.

Numa cidade pequena, os mexericos viajavam à velocidade da luz.

— Provavelmente veio e voltou a sair. Eu fiz uma barulheira dos diabos a subir com as minhas tralhas para aqui e não o vi.

O Knox guardou as chaves no bolso.

— Se o vires, diz-lhe que ando à procura dele.

— Eu também — acrescentou a Naomi. — Tentei ligar-lhe a convidá-lo para o jantar de domingo, mas foi logo para o *voicemail*.

— Já agora, diz-lhe que eu também ando à procura dele — interveio a Waylay.

— Porque andas à procura dele? — perguntou o Knox.

A Waylay encolheu os ombros na sua camisola cor-de-rosa.

— Sei lá. Estava a sentir-me de fora. — O Knox puxou-a, segurando-lhe a cabeça com o braço, e despenteou-a. — Irra! É por isto que eu tenho de usar laca industrial! — queixou-se, mas eu vi como a boca se lhe curvava para cima quando o meu amigo rabugento e tatuado lhe depositou um beijo no alto da cabeça.

Juntas, a Naomi e a Waylay tinham feito o impossível e transformado o Knox Morgan num coração de manteiga. E eu tinha um lugar na primeira fila para assistir ao espetáculo.

— A cama chega hoje, às três. No domingo, o jantar é às seis — disse o Knox, com aspereza.

— Mas podes aparecer antes. Especialmente se lewares vinho — disse a Naomi, piscando o olho.

— E *Yellow Lightning* — acrescentou a Waylay.

— Lá estarei. — Dirigiram-se os três para as escadas, o Knox no meio, com os braços em redor das suas miúdas. — Obrigada por me deixarem ficar aqui! — exclamei.

O Knox ergueu uma mão em reconhecimento.

Vi-os desaparecerem e fechei a minha porta. O verde lustroso da planta atraiu o meu olhar. Um objeto caseiro e solitário, num cenário em branco.

Eu nunca tinha tido uma planta. Nada de plantas. Nada de bichos. Nada que não conseguisse sobreviver dias ou semanas sem mim.

Esperava não a matar antes de concluir o meu assunto ali. Com um suspiro, peguei na pasta que a Waylay tinha agarrado e abri-a.

O rosto do Duncan Hugo devolveu-me o olhar.

— Não podes esconder-te para sempre — disse eu à fotografia.

Ouvi a porta do Nash abrir-se e fechar-se suavemente.

TRÊS

MORTO NUMA VALA

Nash

O sol ergueu-se acima da linha das árvores, transformando folhas geladas de erva em joias cintilantes. Eu guinei com a minha carrinha para fora da estrada. Ignorei o metralhar do meu coração, as palmas das mãos suadas, o aperto no peito.

Knockemout quase toda estaria ainda a dormir. Em geral, éramos uma cidade mais de bebedores notívagos do que de madrugadores. Isso significava que as probabilidades de encontrar ali alguém àquela hora eram poucas.

Não queria a cidade inteira a falar de como o chefe Morgan fora alvejado e a seguir perdera o juízo a tentar recuperar a maldita memória.

O Knox e o Lucian iriam meter-se, espetando os seus narizes de civis onde não eram chamados. A Naomi lançar-me-ia olhares compassivos enquanto, juntamente com os pais, me sufocava com comida e roupa lavada. A Liza J fingiria que nunca acontecera nada, a única reação com que eu, como Morgan, estava minimamente confortável. Acabaria por ser pressionado para pedir baixa no serviço. E, então, que diabo me restaria?

O trabalho, pelo menos, dava-me uma razão para cumprir os gestos. Uma razão para sair da cama — ou do sofá — todas as manhãs.

E, se todos os dias me levantava do sofá e vestia a farda, podia, já agora, fazer alguma coisa útil.

Pus o veículo em ponto-morto e desliguei o motor. Com as chaves apertadas na mão, abri a porta e saí para a berma de cascalho.

A manhã estava luminosa e fria. Não tinha o peso da humidade nem da escuridão fechada que tivera naquela noite. Dessa parte lembrava-me, pelo menos.

A ansiedade era uma bola de pavor alojada no meu estômago.

Respirei profundamente para me acalmar. Inspirar em quatro. Segurar em sete. Expirar em oito.

Estava preocupado. Preocupado com a possibilidade de nunca me vir a lembrar. Preocupado com a possibilidade de me lembrar. Não sabia qual seria pior.

Do outro lado da estrada, encontrava-se o emaranhado infinito de ervas e mato de uma propriedade penhorada e esquecida.

Concentrei-me no metal áspero das chaves a espetarem-se-me na pele, no ranger do cascalho sob as minhas botas. Caminhei lentamente para o carro que não estava ali. O carro de que não me conseguia lembrar.

O elástico em redor do meu peito apertou-se dolorosamente. O meu avanço deteve-se. O meu cérebro podia não se recordar, mas alguma coisa em mim o fazia.

— Continua a respirar, parvalhão — relembrei-me.

Quatro. Sete. Oito.

Quatro. Sete. Oito.

Os meus pés cumpriram por fim a ordem e retomaram o avanço.

Tinha abordado o carro, um *sedan* de quatro portas, de trás. Não me lembrava de o ter feito, mas vira mil vezes as imagens da câmara do tabliê, na esperança de que me avivassem a memória. No entanto, tinha sempre a sensação de estar a ver outra pessoa a caminhar para a sua experiência de quase-morte.

Nove passos desde a minha porta até ao para-choques traseiro do *sedan*.

Tinha tocado com o polegar no farolim. Após anos de serviço, aquilo começara a parecer-me um ritual inócuo, até a minha impressão digital ter servido para identificar o carro depois de ele ter sido encontrado.

Um suor frio escorria livremente pelas minhas costas.

Porque não conseguia lembrar-me?

Alguma vez conseguiria?

Estaria a leste se o Hugo voltasse para terminar o serviço?

Preveria a sua vinda?

Importar-me-ia o bastante para o deter?

— Ninguém gosta de um cretino patético e mole — resmoneei em voz alta.

Com a respiração trêmula, dei mais três passos, chegando ao sítio onde teria estado a porta do condutor. Tinha havido ali sangue. Da primeira vez que voltara, não tinha conseguido obrigar-me a sair do carro. Ficara sentado ao volante, de olhar fixo no cascalho com manchas cor de ferrugem.

Já tinham desaparecido. Apagadas pela natureza. Mas eu ainda conseguia visualizá-las ali.

Conseguia ouvir o eco de um som. Algo entre um chiado e um crepitar. Perseguia-me em sonhos. Não sabia o que era, mas parecia-me ser importante e perigoso.

— Foda-se — grunhi em surdina.

Espetei o polegar entre as sobancelhas e esfreguei.

Tinha sacado da arma demasiado tarde. Não me lembrava das balas a morderem-me a carne. Dos dois tiros rápidos. Da queda no solo. Nem do Duncan Hugo a sair do carro e a agigantar-se acima de mim. Não me lembrava do que ele dissera ao pisar o pulso da minha mão armada. Nem de ele apontar a sua própria arma, mais uma vez, à minha cabeça. Nem do que ele tinha dito.

Só sabia que teria morrido.

Devia ter morrido.

Se não tivessem sido aqueles faróis.

Tive sorte. Entre mim e aquela bala final estivera apenas a sorte.

O Hugo pusera-se em fuga. Vinte segundos depois, uma enfermeira, atrasada para o seu turno nas urgências, encontrara-me e entrara de imediato em ação. Sem hesitação. Sem pânico. Competência pura. Passaram mais seis minutos até chegar ajuda. Os paramédicos, homens e mulheres que eu conhecia de quase toda a vida, seguiram os procedimentos necessários, fazendo o seu trabalho com uma eficiência praticada. Não tinham esquecido a sua formação. Não se tinham distraído nem reagido tarde de mais.

Tudo enquanto eu jazia, quase morto, na berma da estrada.

Não tinha memória de a enfermeira ter usado o meu próprio rádio para pedir ajuda enquanto exercia pressão na ferida. Não me lembrava do Grave ajoelhado ao meu lado e a sussurrar enquanto o paramédico me cortava a camisa. Não havia memória de ter sido colocado numa maca e transportado para o hospital.

Uma parte de mim tinha morrido naquele preciso local.

Talvez o que restava de mim devesse tê-la seguido.

Dei um pontapé numa pedra, falhei e bati com o dedo do pé no chão.

— Au. Foda-se — grunhi.

Aquela lamechice do «coitadinho de mim» começava a irritar-me, mas eu não sabia como sair dela. Não sabia se seria capaz disso.

Não me salvara a mim mesmo naquela noite.

Não tinha dado cabo do mau. Nem sequer o ferira.

Se ainda ali estava, era por pura sorte. Sorte por o sobrinho autista da enfermeira ter sofrido um surto antes de ir para a cama, quando a tia devia estar a preparar-se para ir trabalhar. Sorte por ela ter ajudado a irmã a acalmá-lo antes de sair.

Fechei os olhos e inspirei mais uma vez, a lutar contra o elástico apertado da tensão. Um arrepio percorreu-me a espinha enquanto a brisa matinal evaporava o suor frio que me encharcava o corpo.

— Vê se te controlas. Pensa noutra coisa. Em qualquer coisa que não te faça odiar-te mais.

A Lina.

Fiquei surpreendido com o rumo da minha mente. Mas ali estava ela. Nas escadas para o meu apartamento, de olhos cintilantes. Agachada ao meu lado naquele armazém sujo, com a boca curvada num trejeito divertido. Toda ela sedução e confiança. Fechei os olhos e agarrei-me à imagem. Aquela constituição atlética, salientada pelas roupas justas. Aquela pele bronzeada e macia. Os olhos castanhos que não deixavam escapar nada.

Conseguia sentir o cheiro a limpo do seu detergente e concentrar a minha atenção naqueles lábios carnudos e róseos, como se só isso me pudesse prender a este mundo.

Algo se moveu no meu âmago. Um eco das brasas do dia anterior.

Um ruído à minha direita arrancou-me daquela bizarra fantasia de berma de estrada.

A minha mão voou para a coronha da arma.

Um ganido. Ou talvez fosse um gemido. Os nervos e a adrenalina ampliavam o zumbido nos meus ouvidos. Seria uma alucinação? Uma memória? Um esquilo raivoso prestes a abocanhar-me a cara?

— Está aí alguém? — perguntei, alto.

Só me respondeu a quietude.

A propriedade que se estendia ao longo da estrada fazia um pequeno declive para uma vala de drenagem. Depois tornava-se um emaranhado de espinheiros, mato e sumagreiras, que acabava por desaguar numa zona arborizada. Do outro lado ficava a horta do Hessler, que fazia um bom dinheiro com o labirinto de milho e a produção de abóboras.

Escutei com atenção, tentando acalmar o coração e a respiração.

Os meus instintos eram afinados. Pelo menos, eu tinha pensado que eram. Crescer como filho de um toxicodependente tinha-me ensinado a captar emoções, a ficar atento a sinais de que tudo estava prestes a ir por água abaixo. A minha formação de polícia tinha ampliado isso, ensinando-me a ler situações e pessoas melhor do que a maioria.

Mas isso era dantes. Agora os meus sentidos estavam embotados, os instintos abafados pelo rugido surdo de pânico que borbulhava sob a superfície. Pelo crepitar incessante e absurdo que eu ouvia em *repeat* na minha cabeça.

— Se houver por aí esquilos raivosos, é melhor seguirem caminho — anunciei para o campo deserto.

Então ouvi mesmo. O tilintar débil de metal contra metal.

Aquilo não era um esquilo.

Saquei da arma de serviço e deslizei pelo declive suave. As ervas geladas estalavam-me sob os pés. Cada respiração pesada se materializava num sopro de prata. O coração batucava-me nos ouvidos.

— Polícia de Knockemout! — exclamei, varrendo a área com o olhar e com a arma.

Uma brisa fria agitou as folhas, levando as árvores a suspirarem e o suor a congelar-se contra a minha pele. Eu estava sozinho ali. Um fantasma.

Senti-me um idiota e voltei a pôr a arma no coldre.

Passei o antebraço pelo sobrolho encharcado em suor.

— Isto é ridículo.

Queria voltar para o carro e afastar-me. Queria fingir que aquele lugar não existia, fingir que *eu* não existia.

— Está bem, esquilo. Desta vez, ganhas tu — resmoneei.

Mas não me fui embora. Não havia barulho, nenhuma mancha de cauda de esquilo raivoso a correr para mim. Só um sinal invisível de *stop* a ordenar-me que me mantivesse em posição.

Por capricho, levei os dedos à boca e emiti um assobio breve e estridente.

Daquela vez, não houve maneira de confundir o ganido implorante e a fricção de metal contra metal.

Bem, caramba. Talvez os meus instintos afinal não estivessem tão fritos.

Voltei a assobiar e segui o ruído até à boca do cano de drenagem. Agachei-me e, ali, um metro e meio adiante, descobri-o. Um cão sujo e desganhado, sentado num leito de folhas e detritos. Era de tamanho pequeno, e possivelmente fora branco em tempos, mas agora era de um castanho-sujo e lamacento com tufos encaracolados de pelo opaco.

Percorreu-me uma sensação de alívio. Eu não estava doido, foda-se. E não era a merda de um esquilo raivoso.

— Olá, rapaz. O que estás a fazer aqui dentro? — O cão inclinou a cabeça, e a ponta da cauda nojenta bateu cautelosamente. — Vou só acender a lanterna para te ver melhor, *OK*?

Com movimentos lentos e cuidadosos, retirei a lanterna do cinto e aponte a luz para o cão. Ele tremia pateticamente.

— Ficaste aqui encalhado, não foi? — observei. Havia uma pequena extensão de corrente enferrujada que parecia estar emaranhada num ramo retorcido. O cão soltou mais um ganido e ergueu a pata dianteira. — Vou só estender-te a mão muito devagarinho, está bem? Podes aproximar-te, se quiseres. Sou simpático. Juro.

Deitei-me sobre o estômago na erva e encaixei os ombros na boca do cano. Era desconfortável e apertado, e agora negro como breu, não fosse a luz da lanterna. O cão ganiu e recuou um pouco.

— Eu percebo. Também não gosto muito de espaços pequenos e escuros. Mas tu tens de ser valente e vir para aqui. — Dei umas palmadinhas no metal cheio de lama e ferrugem. — Anda. Anda cá, rapaz.

Ele já se tinha levantado e estava apoiado em três patas, mantendo a da frente erguida.

— Que cãozinho tão bom e fedorento. Anda cá, que eu dou-te um hambúrguer — prometi.

As suas unhas grotescamente compridas sapatearam num ritmo excitado, e ele deu uns passos no sítio, continuando sem se aproximar.

— E uns *nuggets* de frango? Dou-te uma caixa inteira.

Desta vez a cabeça inclinou-se para o outro lado.

— Ouve, rapaz: eu não quero ir à cidade buscar um gancho e voltar aqui para te pregar um cagaço valente. Seria muito mais fácil se mexesses o cu e viesses ter comigo. — A massa de pelo sujo devolveu-me o olhar, aturdida. Depois deu um cauteloso passo para a frente. — Lindo cãozinho.

— Nash!

Ouvi o meu nome uma fração de segundo antes de algo quente e sólido me acertar nas costas. O impacto levou-me a erguer a cabeça, fazendo-me bater com ela na parte de cima do cano.

— Au! Porra!

O cão, agora completamente aterrado, recuou de um salto e encolheu-se no seu ninho de lixo.

Saí a custo do cano, com a cabeça e o ombro a reclamarem. Agindo por instinto, levei a mão ao meu atacante e usei o balanço para o prender ao chão.

Para *a* prender.

A Lina estava quente e macia sob o meu corpo. Tinha os olhos arregalados de surpresa, e as mãos fechavam-se em punhos, agarradas à minha camisa. Suava, e usava auriculares.

— Que diabo estás a fazer? — perguntei, arrancando-lhe um dos auriculares.

— Eu? Que diabo estás tu a fazer, deitado na berma da estrada?

Empurrou-me com os punhos e com as ancas, mas, mesmo tendo eu perdido tanto peso, não conseguiu desalojar-me.

Foi nesse preciso momento que eu me apercebi da posição em que estava. Estávamos peito com peito, estômago com estômago. As minhas virilhas estavam solidamente pousadas entre as suas pernas compridas e sinuosas. Senti o calor do seu âmago como se estivesse de cara contra uma fornalha.

O meu corpo reagiu como se esperava, e fiquei duro como pedra contra ela.

Senti-me aliviado e horrorizado. Horrorizado por razões legais e de respeito que eram óbvias. O facto de o meu equipamento parecer estar a funcionar era uma boa notícia, uma vez que ainda não o tinha posto à prova desde o tiroteio. Havia tantas coisas em mim que agora estavam avariadas que eu não quisera ter de acrescentar o meu sexo à lista.

A Lina ofegava debaixo de mim, e eu conseguia ver o palpar da sua pulsação naquele pescoço delgado e gracioso.

O latejar da minha ereção intensificou-se. Pedi a Deus um milagre que a impedisse de o sentir.

— Pensei que estivesse morto numa vala!

— Acontece-me muito — disse eu entre dentes.

Ela deu-me uma palmada no peito.

— Que gracinha, cretino.

As suas coxas moveram-se de modo quase impercetível. O meu sexo notou de imediato, e não houve profissionalismo nem maneiras que pudessem impedir a minha cabeça de se inundar com as imagens do que eu lhe queria fazer.

Queria mexer-me, investir contra aquele calor, usar o seu corpo para me fazer regressar à vida. Queria senti-la a apertar-se em redor de mim, ouvi-la sussurrar o meu nome naquela voz rouca e encharcada de desejo.

Queria enterrar-me tão fundo dentro dela que, quando ela cedesse, me levasse consigo, envolto naquele calor.

Era mais do que um fraquinho, uma atração corriqueira. O que eu sentia aproximava-se de um apetite incontrolável.

As imagens que me passavam pela cabeça eram o suficiente para me fazerem correr o perigo real de uma situação ainda mais humilhante. Tomei as rédeas desfeitas do meu controlo e obriguei-me a afastar-me do precipício.

— Caralhos me fodam — resmoneei em surdina.

— Aqui?

Os meus olhos abriram-se de repente e focaram-se nos dela. Aquelas profundezas castanho-escuras revelavam indícios de graça e de outra coisa. Uma coisa perigosa.

— Estou a brincar, valentão. Acho. — Voltou a deslocar-se debaixo de mim, e o meu maxilar contraiu-se. Os meus pulmões ardiam, lembrando-me de respirar. O meu suor já não tinha nada de frio. — A tua arma está a espetar-me.

— Não é a minha arma — disse eu entre dentes.

A sua boca curvou-se maliciosamente.

— Eu sei.

— Então para de te mexeres.

Precisei de mais trinta segundos, mas consegui descolar-me dela. Recuperei a postura em pé, e a seguir estendi a mão para a puxar para cima. Afogadoado,

puxei com mais força do que era necessário, e ela veio chocar contra o meu peito.

— Calma, grandalhão.

— Desculpa — disse eu, pousando-lhe as mãos nos ombros e dando deliberadamente um passo para trás.

— Não peças desculpa. Só te mandaria pedires desculpa se *não* tivesses uma reação biológica tão saudável ao ato de me prenderes ao chão.

— Não tens de quê?

Pelo aspeto, ela tinha saído para correr. Vestia *leggings* de desporto e um *top* ultraleve de manga comprida, ambos justos, como uma segunda pele. O sutiã desportivo era azul-turquesa, e as sapatilhas, laranja-vivo. Trazia o telemóvel preso a um braço e uma pequena lata de gás-pimenta numa bolsa que tinha à cintura.

Inclinou a cabeça para o lado e devolveu a minha vistoria silenciosa. Senti o seu olhar como se fosse uma carícia. Boa notícia para a minha morte interior. Má notícia para a ereção que eu estava a tentar fazer desaparecer.

Ficámos assim, mais próximos do que devíamos, de olhares penetrantes e respiração tensa, durante um longo e ardente momento. As centelhas no meu estômago tinham ganhado vida e espalharam-se, aquecendo-me desde dentro. Eu queria tocá-la outra vez. Precisava disso. Mas, quando ergui a mão e a estendi para ela, um apito estridente desviou-me a atenção. A Lina saltou para trás e deu uma palmada no pulso.

— Que diabo foi isso? — perguntei.

— Nada. É só... um alerta — disse ela, a mexer no relógio. Estava a mentir. Eu tinha a certeza. Mas, antes que pudesse exigir-lhe respostas, um gemido penoso ecoou, vindo do cano. A Lina ergueu o sobrolho. — Que diabo foi *isto*?

— É um cão. Pelo menos, acho que é um cão — disse-lhe eu.

— Era *isso* que estavas a fazer? — perguntou ela, enquanto me contornava e se dirigia para o cano.

— Não. Enfio-me em tubos de drenagem duas ou três vezes por semana. Faz parte do serviço.

— Tens muita graça, valentão — disse a Lina por cima do ombro, pondo-se de quatro em frente do cano.

Belisquei a pele entre as minhas sobrancelhas e tentei não prestar atenção

àquela posição provocante, dado que a minha excitação já estava mais do que desperta.

— Vais dar cabo dessa roupa — adverti, e ergui o olhar para o céu azul, sem o baixar enquanto ela avançava de gatas.

— É para isso que servem as máquinas de lavar e as lojas — disse, baixando a cabeça à entrada do cano.

Eu olhei severamente para a minha ereção, que se debatia contra o fecho e o cinto.

— Olá, bichinho. Que tal saíres daí para eu te dar maminhos?

Ela estava a falar — a ronronar — para o cão. Eu sabia disso. Mas algo estúpido e desesperado dentro de mim reagiu àquele tom calmante e rouco.

— Deixa-me tratar disto — disse eu, dirigindo-me mais ao seu rabo torneado pelas *leggings* cinzentas.

— Que lindo menino, ou menina — disse a Lina, antes de reaparecer. Tinha manchas de terra na face e nas mangas. — Tens alguma coisa que se coma no veículo, valentão?

Porque não me lembrara eu disso?

— Tenho carne seca no porta-luvas.

— Importas-te de partilhar o teu lanche com o nosso novo amigo? Posso atraí-lo ou atraí-la o suficiente para o apanhar com um isco tentador.

Ela era um isco tentador. Eu teria rastejado por lama gelada só para a ver melhor, mas isso era eu, não um cão vadio e enregelado.

Voltei para a carrinha, ordenando ao sangue que desocupasse as minhas virilhas. Achei a carne seca e retirei mais umas coisas do estojo de emergência que tinha lá atrás, incluindo uma trela extensível, uma tigela para cão e uma garrafa de água.

Quando regressei com as coisas que tinha encontrado, a Lina estava ainda mais dentro do cano, deitada de barriga para baixo, visível apenas da cintura para baixo. Agachei-me junto dela e espreitei lá para dentro. A minha imunda bolinha de pelo tinha-se aproximado e estava quase à distância de uma lambidela ou de uma dentada.

— Tem cuidado — adverti.

Fui assaltado por visões de esquilos raivosos.

— Esta bebé linda não vai atacar-me. Vai estragar esta camisola muito boa

quando eu a embrulhar nela. Mas vai valer a pena. Não vai, princesa?

A ansiedade estava a crescer no meu peito. Nem me dei ao trabalho de tentar perceber o que a tinha desencadeado. Ultimamente, tudo parecia ter esse poder.

— Lina, estou a falar a sério. É um assunto de polícia. Deixa-me tratar disto — disse, com firmeza.

— *Não* acabaste de chamar «assunto de polícia» a um cãozinho a tremer. — A voz dela ecoou de um modo estranho.

— Não quero que te magoes.

— Não me magoo, e, se magoar, foi uma escolha minha, e ambos temos de aceitá-la. Além disso, tu, com esses ombros largos de herói, nunca caberias aqui.

Eu devia ter chamado o Controlo Animal do condado. O Deke Lingrinhas caberia ali perfeitamente. Não conseguia ver com clareza, mas parecia que o cão se aproximava mais um pouco para farejar delicadamente a mão que a Lina lhe estendia.

— Dá-me carne, Nash — disse a Lina. Estendeu o outro braço para trás e agitou os dedos. O meu sexo semissólido continuava com muita dificuldade em ignorar o modo como aquelas *leggings* lhe envolviam o rabo. Mas consegui abrir a embalagem de carne seca e passar-lhe um pedaço. A Lina aceitou-o e estendeu-o ao cão. — Toma lá, beleza.

A bolinha de pelo e lama rastejou cautelosamente em direção à mão dela. Os cães pequenos também mordiam. A Lina não conseguiria bloquear um ataque. E depois havia outros motivos de preocupação, como infeções. Sabia-se lá que parasitas estavam a crescer naquela nojeira meio gelada. E se ela apanhasse uma infeção, ou precisasse de uma cirurgia de reconstrução facial? E tudo sob a minha guarda.

A Lina continuou a dar beijinhos no ar, e o cão aproximou-se mais, enquanto o meu coração ameaçava sair pelo esterno.

— Olha para isto. Um belo pedaço de carne seca. É todo teu — disse ela, agitando tentadoramente a carne à frente do cão. Coloquei as mãos nas ancas da Lina e preparei-me para a puxar. — Não, o senhor simpático está só a abraçar-me por trás. Não vai aterrorizar-te nada com as suas *vibes* assustadoras — prosseguiu ela.

— Eu não tenho *vibes* assustadoras — reclamei.

— Nash, se os teus dedos se espetarem mais, vou ficar com hematomas. E não serão dos engraçados — disse ela.

Baixei o olhar e vi os meus dedos brancos enclavinados nas curvas das suas ancas. Descontraí-os um pouco.

— Linda menina! — exclamou a Lina, e eu baixei-me, tentando ver o que estava a acontecer. Mas o meu ombro não deixava, e a vista estava bloqueada pelo supracitado rabo torneado. — Já tenho a nossa menina bem segura — relatou a Lina. — Só há um problema.

— Qual é?

— Não consigo segurá-la e sair. Vais ter de me puxar. — Voltei a olhar para aquele rabo. Teria de ter muito cuidado ao escrever o relatório daquele incidente, senão iria ser o bobo da festa para o Grave. — Vá lá, chefe. Eu não mordo. Tira-me deste pântano nojento antes que comece a pensar em raiva e pulgas.

Eu tinha duas opções: podia levantar-me e arrastá-la pelos tornozelos ou podia puxá-la para trás pelas ancas.

— Para tua informação, vou escolher a opção que causará menos lesões à tua zona lombar.

— Agarra numa mão-cheia e puxa.

— Está bem. Mas manda-me parar se te sentires incomodada ou se o cão te começar a assustar.

— Meu Deus, Nash, estou a dar-te autorização para me sacares deste cano de drenagem pelo rabo. Mexe-te!

Perguntando-me como fora que um breve exercício mental me levara ali, agarrei-a pelas ancas e puxei-as contra as minhas virilhas. Por pouco consegui reprimir um gemido, enquanto o tronco da Lina deslizava para fora do cano.

— Está tudo bem? — perguntei, entre dentes.

— Tudo. Ela é um amorzinho. Cheira a estrume, mas é simpática.

Segurei-lhe as ancas com mais firmeza.

— Como sabes que é uma «ela»?

— Tem uma coleira rosa debaixo desta sujidade toda.

Desejei com todas as forças que aquilo que estava a ouvir na estrada não fosse o motor de um carro.

— Juro por Deus, se alguém passar aqui... — resmoneei.

— Vá lá, valentão. Mostra do que és capaz — encorajou a Lina.

A cadela soltou um latido excitado, como se estivesse a concordar com a sua heroína.

Eu recuei, de joelhos, e a seguir arrastei as ancas dela para junto de mim. De novo, as curvas perfeitas encostaram-se precisamente ao sítio certo. Mas, desta vez, a cabeça, os braços e o cão deslizaram do cano para a erva gelada. Ela ficou de quatro, com o rabo contra as minhas virilhas. A minha pulsação triplicou, e eu senti-me tonto por razões que, por uma vez, nada tinham que ver com ansiedade.

Uma pequena e elegante carrinha *Porsche* cruzou o traço contínuo e parou atrás do meu veículo.

— Precisa aí de ajuda, chefe?

O Stefan Liao, o melhor amigo da Naomi, sorria atrás do volante.

Baixei o olhar para a Lina, que arqueou uma sobrancelha por cima do ombro. Parecia que eu estava a montá-la na berma da estrada.

— Acho que temos tudo controlado, Stef — respondeu ela, em voz alta.

O Stef fez uma pequena saudação e um sorriso malicioso.

— Bom, eu vou andando, para contar a toda a gente que sei como o chefe Morgan começa as manhãs de sábado.

— Larga-me a braguilha, senão prendo-te — adverti eu.

— Ao que parece, não se aplica a todos, chefe — disse o Stef.

Com uma piscadela de olho e um aceno, afastou-se em direção à cidade.

— Nash?

— O que é? — As palavras saíram-me a custo.

— Achas que podes largar-me? Começo a ficar com ideias que fariam corar aqui a nossa nova amiga.

Eu praguejei em surdina e afastei as mãos — e as virilhas — dela. Depois, fiz deslizar a trela em redor do pescoço magrinho da cadela. Ela tinha realmente uma coleira cor-de-rosa, muito suja, sem identificação. Tanto a coleira como ela pareciam saídas de uma corrida de quinze quilómetros em corta-mato. Não sabia se devia agarrar na mulher ou na cadela, e decidi que era mais seguro optar pela cadela. Ela estremecia pateticamente nos meus braços, embora a sua cauda desgrenhada me tamborilasse, nervosa, no estômago. A Lina pôs-se de

pé.

— Parabéns, papá. É uma menina — disse ela.

Retirou o telemóvel da manga e tirou-me uma foto.

— Para — ordenei asperamente.

— Não te preocupes. Eu cortei pela cintura, para que ninguém veja o armamento que tens — brincou ela, pondo-se à minha frente e tirando uma *selfie* de nós os três. Eu fiz cara feia, e ela riu-se.

A cadela subiu mais no meu peito, tremendo-me nos braços.

— Lina, juro por Deus...

Ela pousou-me uma mão no peito, e a minha agitação interior aquietou-se.

— Tem calma, Nash. — O seu tom era suave, como se ela estivesse de novo a falar para a desgraçada da cadela. — Estou só a provocar-te. Tu estás bem. Eu estou bem. Está tudo bem.

— É impróprio. Eu fui impróprio — insisti.

— Estás decidido a martirizar-te, não estás?

A cadela enterrou a cabeça sob o meu queixo, como se eu fosse de algum modo protegê-la.

— Que tal isto? — perguntou a Lina, fazendo uma carícia tranquilizadora na cadela com a sua outra mão. — Eu paro de te provocar, temporariamente. Se tu admitires que há coisas piores do que fazeres-me sentir fisicamente atraente quando estou suada e coberta de lama. Combinado?

A rafeira malcheirosa escolheu aquele momento para me lamber a face do maxilar até ao olho.

— Acho que ela gosta de ti — observou a Lina.

— Cheira a uma estação de tratamento de resíduos — queixei-me.

Mas os olhos da cadelinha fixaram-se em mim, e eu senti alguma coisa. Não o lamber de chamuscas que atacava sempre que a Lina estava à distância de um toque, mas outra coisa. Algo mais doce, mais triste.

— Então, qual é o plano, chefe? — perguntou a Lina.

— Plano? — repeti eu, ainda a contemplar aqueles patéticos olhos castanhos.

QUATRO

SUJIDADE, PURA E SIMPLES

Lina

Depois de matarmos a fome e a sede ao nosso esfarrapado troféu e de o embrulharmos numa *T-shirt* lavada, eu entrei para o lado do passageiro vestida com a *sweatshirt* do chefe da polícia de Knockemout. Não era propriamente como esperara que fosse o decorrer da minha manhã. Pensara em aclarar as ideias com uma corrida, não em acabar «à cãozinho» com o Nash Morgan.

O homem com um autocontrolo impressionante fechou a minha porta, contornou o capô e deslizou para trás do volante. Ficou ali sentado por um momento. Todo ele transpirava exaustão e tensão ao olhar para o para-brisas.

— Foi aqui que aconteceu? — perguntei.

Tinha lido os artigos noticiosos e os relatórios sobre a operação *stop* transformada em emboscada.

— Onde aconteceu o quê? — disse ele, evitando a questão e fingendo-se inocente, enquanto colocava o cinto de segurança.

— Ah, então vai ser assim? *OK*. Tu passaste por acaso pelo local onde foste alvejado, e a seguir usaste a tua visão de raios X para determinar que estava um cão preso num tubo de drenagem.

— Não. Foi a minha superaudição, não a visão de raios X — disse ele, ligando o motor e o aquecimento.

Eu mordi o lábio, e então arrisquei:

— É verdade que não te lembras?

Ele grunhiu, atravessando as duas faixas com uma inversão de marcha em direção à cidade.

Está bem.

O Nash parou no lugar ao lado do meu *Charger* vermelho-cereja, nas traseiras do nosso prédio. O parque de estacionamento do Honky Tonk, o bar para *motards* labregos do Knox, estava deserto, apenas com uma mão-cheia de carros deixados para trás pelos bêbedos responsáveis da noite anterior.

Baixámos o olhar para a trouxa malcheirosa de pelo e folhas nos meus braços; depois o Nash ergueu os olhos para mim. Aqueles olhos azul-ganga estavam atormentados, e eu senti o desejo, tão feminino e tão irritante, de lhe fazer bem.

— Obrigado pela assistência que me deste — disse ele, por fim.

— Sempre às ordens. Espero que não tenhas ficado muito escandalizado — brinquei. Ele desviou o olhar e esfregou o ponto entre as sobrancelhas, o que denunciava os nervos. — Não te atrevas a pedir desculpa novamente — adverti.

Ele devolveu-me o olhar, com uma curva nos lábios.

— O que queres que diga? — perguntou.

— Que tal «Vamos dar um banho a esta bola de pelo»? — sugeri, e abri a minha porta.

Ele saiu a seguir.

— Não precisas de fazer isso. Eu posso encarregar-me do assunto.

— Estou empenhada. Além disso, já estou suja. E, se as minhas memórias de infância não falham, quatro mãos são melhores do que duas no que toca a dar banhos a cães.

Dirigi-me para a porta das escadas das traseiras e escondi um sorriso quando o ouvi praguejar em surdina antes de me seguir. Apanhou-me e, caminhando um pouco mais próximo do que o necessário, segurou a porta para eu passar. A cabeça da cadela espreitava do seu embrulho de *T-shirt*, e eu senti a cauda despenteada a agitar-se contra o meu estômago. Subi as escadas mais devagar do que era hábito, consciente do fardo que transportava e do homem junto de mim.

— Importas-te de a limparmos na tua casa? — perguntei enquanto subíamos.

Havia uma caixa de arquivo em cima da minha mesa que eu não queria de modo algum que o Nash visse.

— Não, tudo bem — disse ele, após um instante de hesitação.

Chegámos ao cimo das escadas, e o seu ombro roçou o meu quando ele meteu a mão ao bolso em busca das chaves. Voltei a sentir. Aquele despertar de consciência sempre que nos tocávamos. Aquilo não devia existir. Eu não gostava de contactos físicos espontâneos. Estava sempre hiperalerta a eles. Mas com o Nash parecia... diferente.

Ele destrancou a porta, abriu-a, e recuou um passo para que eu entrasse primeiro.

Pestanejei. A casa dele era a imagem em espelho da minha, e os nossos quartos e casas de banho partilhavam uma parede. Mas, enquanto o meu apartamento era uma tábua rasa e não remodelada, o do Nash fora remodelado nalgum momento daquela década. Também tinha sido revolvido.

Nada naquele homem me dava uma impressão de desleixo, mas as provas inegáveis estavam espalhadas por todo o lado.

As persianas das janelas da frente estavam corridas, bloqueando a luz e a vista do exterior. Havia uma pilha de roupa lavada, parcialmente dobrada, na mesa de centro. Parecia que ele tinha desistido de a dobrar e que há algum tempo se limitava a tirar peças de roupa limpas diretamente da mesa. O chão estava pejado de roupa suja, bandas de resistência, provavelmente da fisioterapia, e postais a desejar melhores. No sofá estavam uma manta amarrotada e uma almofada.

A cozinha, que tinha eletrodomésticos novos e bancadas de granito, abria para a sala principal, o que me proporcionou uma vista desafoçada de pratos sujos, velhas embalagens de comida para levar e pelo menos quatro arranjos de flores mortas. A mesa de jantar, como a minha, estava coberta de ficheiros e mais correio por abrir.

A casa toda tinha um cheiro abafado, como se tivesse estado fechada, desabitada. Como se nela não houvesse vida.

— Está... uh... normalmente não está tão desarrumada. Tenho andado ocupado — disse ele, numa voz envergonhada.

Agora eu tinha um milhão por cento de certeza de que aquelas suas feridas eram mais profundas do que ele dava a entender.

— A casa de banho? — perguntei.

— Por ali — disse ele, apontando na direção do quarto e com um ar um

pouco acanhado.

O quarto não era um desastre tão grande como o resto da casa. Aliás, parecia um quarto de hotel vazio. Os móveis — cama, cómoda, duas mesas de cabeceira — faziam conjunto. Por cima da cama, feita com cuidado, havia uma coleção emoldurada de gravuras de música *country*. Os frascos de medicamentos estavam alinhados numa das mesas de cabeceira, como uma fileira de soldados. Havia uma fina camada de pó na superfície do móvel.

O homem andava definitivamente a dormir no sofá.

A casa de banho era típica de um solteirão. Poucos produtos e nenhuma tentativa de atmosfera. A cortina do chuveiro e as toalhas eram beges, por amor de Deus.

A minha banheira de quatro pés era melhor do que a dele, forrada a azulejos. No chão, junto de um cesto em perfeitas condições, estava uma pilha de roupa suja. Se o homem não estivesse obviamente a combater algum tipo de demónios, a sua desejabilidade teria caído vários pontos por aquela infração.

— Podes fechar a porta? — perguntei.

Ele ainda parecia um pouco atordoado. Havia algo no Nash Morgan ferido que puxava por mim. E a tentação de o puxar também era quase irresistível.

— Nash? — Estendi a mão e dei-lhe um pequeno apertão.

Ele sobressaltou-se e a seguir abanou ligeiramente a cabeça.

— Sim. Desculpa. O que é?

— Podes fechar a porta, para a nossa amiguinha fedorenta não poder sair?

— Claro. — Fechou a porta sem ruído; depois voltou a esfregar o ponto entre as sobrancelhas. — Desculpa pelo caos.

Parecia tão perdido que eu tive de combater o ímpeto de o derrubar e de o beijar para passar o dói-dói.

— O único caos que me preocupa é este aqui.

— Pousei-a e desenrolei a *T-shirt*. Ela encostou de imediato o nariz aos azulejos e começou a farejar. O Nash entrou em ação como um boneco de madeira transformado em rapazinho. Baixou-se e abriu a torneira da banheira. A cidade não se enganava quanto àquele belo rabo, decidi eu, enquanto despia a sua *sweatshirt* pela cabeça.

— És capaz de ter de queimar isto.

— Sou capaz de ter de queimar a casa de banho. — Ele acenou com a cabeça

para a cadela, que estava a deixar pegadas minúsculas e lamacentas por todo o lado.

Despi o *top* sujo e acrescentei-o à pilha de roupa questionável.

O Nash olhou longamente para o meu sutiã de desporto, e a seguir quase se lesionou, ao virar-se para testar a temperatura da água com a mão e ajeitar a cortina do chuveiro sem necessidade.

Terno e cavalheiresco.

Definitivamente, não era o meu tipo. Mas eu tinha de admitir que gostava de o ver exasperado.

Sempre evitando olhar diretamente para mim, o Nash tirou umas quantas toalhas do armário da roupa e deixou cair duas junto da banheira, dobradas, antes de abrir uma terceira sobre o lavatório.

— É melhor tirares a camisa, valentão — aconselhei.

Ele baixou o olhar para a sua camisa da farda, coberta de nódoas de lama e erva. Com uma careta, desapertou os botões e despiu-a, atirando-a para dentro do cesto. Depois ergueu do chão a pilha de roupa suja e acrescentou-a ao cesto.

Vestia uma camisola interior branca que se colava ao seu peito. Sob a manga esquerda, era visível uma tira de fita adesiva colorida, daquelas que os atletas usavam nas lesões.

— Podes ir à cozinha buscar um copo grande ou assim? Não quero molhá-la com o chuveiro e pregar-lhe um susto de morte — sugeriu ele.

— Claro. — Deixei-o com a cadela e parti em demanda de um recipiente para lavar cães.

Uma revista rápida aos armários provou que toda a louça que o homem possuía estava ou no lava-louça ou na máquina de lavar, que, a avaliar pelo cheiro, não tinha sido posta a funcionar nos últimos tempos. Despejei detergente para dentro da máquina, pu-la a funcionar e depois lavei à mão um grande copo de plástico do Dino's Pizza.

Senti apenas uma pequena farpa de culpa quando fiz um desvio pela mesa dele para espreitar os ficheiros.

Ficava a caminho da casa de banho, portanto não fizera uma viagem de propósito. Além disso, tinha um trabalho para fazer. E não era culpa *minha* que ele os tivesse deixado à vista, pensei.

Em menos de trinta segundos, encontrei três ficheiros.

HUGO, DUNCAN.

WITT, TINA.

217.

O 217 era um código da polícia para agressão com tentativa de homicídio. Não era preciso ser-se um génio para imaginar que era provavelmente o relatório da polícia sobre o ataque ao Nash. Fiquei definitivamente curiosa. Mas só tinha tempo para uma espreitadela rápida, o que significava estabelecer prioridades. Lançando um olhar para o quarto, ergui a capa do ficheiro do Hugo com um dedo. A pasta tinha um toque estranho, e eu apercebi-me de que, tal como a mesa de cabeceira no quarto, estava coberta por uma fina camada de pó.

Mal tinha conseguido olhar de relance para a primeira folha, uma fotografia de identificação pouco lisonjeira tirada alguns anos antes, quando ouvi:

— Encontrei alguma coisa?

Assustada, larguei a capa, deixando-a fechar-se, com o coração a mil, até perceber que o Nash estava a falar da casa de banho.

Afastei-me um passo da mesa e expirei.

— Já vou! — gritei debilmente.

Quando regressei à casa de banho, o meu coração tropeçou em si mesmo. O Nash estava agora em tronco nu, e a sua camisola interior, encharcada, jazia no chão, ao lado da banheira. Ele sorria. Um sorriso totalmente de homem *sexy*.

Entre a seminudez frontal e o sorriso, eu fiquei imóvel e apreciei a vista.

— Se não paras de atirar água para todo o lado, vais inundar a barbearia — disse o Nash à cadela, que corria de uma ponta para a outra da banheira. Ele salpicou-a com água da torneira, e ela soltou uma série de ladridos roucos mas deleitados. Eu dei uma gargalhada. O homem e a cadela olharam para mim. — Lembrei-me de a pôr na banheira para garantir que ela não se armava em *gremlin* — disse o Nash.

A vida dele podia estar a ganhar pó, mas o seu heroísmo era profundo. A farpa da culpa transformou-se numa coisa maior, mais aguçada, e eu dei graças por ele não me ter apanhado a bisbilhotar.

A linha entre o risco necessário e a estupidez era ténue.

Juntei-me a ele no chão, ajoelhando-me sobre uma das toalhas dobradas, e passei-lhe o copo.

— Pelos vistos, estão a divertir-se — disse, tentando não parecer uma mulher que acabara de invadir a privacidade do Nash.

A pequena *gremlin* encharcada pousou as patas dianteiras no rebordo da banheira e olhou-nos com adoração. A sua cauda de rato era um borrão de felicidade, que lançava gotículas de água suja para todo o lado.

— Vê se consegues segurá-la enquanto eu a enxaguo — sugeriu o Nash, enchendo o copo com água limpa.

— Anda cá, minha sereia peludinha.

Trabalhámos lado a lado: esfregámos, ensaboámos, enxaguámos, rimo-nos.

Sempre que o braço nu do Nash roçava no meu, toda eu ficava em pele de galinha. Sempre que eu sentia a necessidade de me aproximar em vez de manter a distância entre nós, perguntava-me que diabo se passava comigo. Estava suficientemente perto para ver que ele se encolhia de cada vez que movia o ombro de um modo que não agradava aos músculos lesionados. Mas não se queixou uma única vez.

Foram precisas quatro passagens por água e meia hora até a cadela estar finalmente lavada.

O seu pelo crespo era quase todo branco, com manchas escuras espalhadas pelas patas. Tinha uma orelha manchada, e a outra era castanha e preta.

— Como lhe vais chamar? — perguntei, enquanto o Nash retirava a cadela da banheira. Ela lambeu-lhe a cara com exuberância.

— Eu? — Ele manobrou a cabeça para escapar à língua cor-de-rosa. — Para de me lamber.

— Não a culpo. Tens uma cara que é de lamber.

Ele lançou-me um daqueles olhares de fogo lento, antes de a pousar com gentileza. Ela sacudiu-se, espalhando água num raio de dois metros.

Eu peguei na toalha e envolvi-a nela.

— Tu é que a encontraste. Tens direito a escolher o nome.

— Ela tinha coleira. Provavelmente já tem nome.

Ela retorcia-se sob as minhas mãos enquanto eu lhe secava o corpinho peludo.

— Talvez mereça um novo nome. Um novo nome para um novo começo.

Ele olhou-me durante um longo momento, até me apetecer remexer-me sob a sua mirada. Depois disse:

— Tens fome?

— *Scout? Lucky?* — Baixei o olhar para a cadela, agora lavada, enquanto preparava uma cafeteira de café.

O Nash olhou-me, mexendo ovos numa frigideira.

— *Scrappy?*

— Não. Não reage. *Lula?* — Baixei-me até ao chão e bati as palmas.

Ela saltitou até mim e aceitou com alegria as minhas carícias afetuosas.

— *Gizmo? Splinter?*

— *Splinter?* — escarneci.

— Das *Tartarugas Ninja* — disse o Nash, de novo com aquele vislumbre de sorriso.

— O Splinter era uma ratazana de esgoto.

— Uma ratazana de esgoto que dominava artes marciais — observou ele.

— Esta jovem precisa de um nome de debutante — insisti. — Como *Poppy* ou *Jennifer*.

O animal canino não reagiu, mas o homem na sala dirigiu-me um sorriso divertido.

— Que tal *Buffy?*

Sorri para o pelo da cadela.

— A caçadora de vampiros?

Ele apontou-me a espátula.

— Essa mesmo.

— Eu gosto, mas ela parece ambivalente em relação a *Buffy* — observei.

Podia ter ido à casa ao lado para mudar de roupa enquanto o Nash fazia o pequeno-almoço, mas, em vez disso, resolvi voltar a vestir a *sweatshirt* dele e ficar por ali. Ele — infelizmente — tinha-se mudado e vestira uma *T-shirt* e calças de ganga lavadas.

Agora estávamos a representar uma espécie de cena aconchegada e doméstica na cozinha. O café coava, um homem lindo e descalço fazia coisas de pequeno-almoço ao fogão, e a fiel cadela dançava aos nossos pés.

O Nash serviu uma parte dos ovos num dos três pratos de papel que tinha alinhado e pô-lo de lado. A cadelinha saltou do meu colo e foi dar patadas na perna dele.

— Aguenta os cavalos. Primeiro deixa arrefecer — adverti-a.

O latido rouco dizia que ela não estava interessada em aguentar os cavalos de ninguém.

Levantei-me e fui lavar as mãos. O Nash atirou-me o pano de limpar as mãos que tinha sobre o ombro, e a seguir começou a espalhar queijo sobre os ovos. Sentindo-me sociável, encontrei duas canecas na bancada e lavei-as.

No momento em que eu servia a primeira caneca de café, a torradeira cuspiu duas fatias de pão de um castanho apetitoso.

— Encontrámo-la num cano. Que tal *Piper**? — sugeriu de repente o Nash.

A cadela arrebitou as orelhas e a seguir sentou-se, com a cabeça inclinada para o lado.

— Ela gosta desse — observei. — Não gostas, *Piper*?

Ela agitou os quartos traseiros, à laia de reconhecimento.

— Acho que temos um vencedor — concordou o Nash. Servi a segunda caneca, observando-o a pousar o prato de ovos no chão. — Toca a comer, *Piper*.

A cadela deu um pulo; as suas duas patas dianteiras pousaram no prato, e ela devorou o pequeno-almoço.

— Vai precisar de outro banho — disse eu, com uma gargalhada.

O Nash colocou uma torrada em cada um dos pratos restantes, e a seguir usou a custo a mão direita para as cobrir com a mistura de queijo e ovos.

— E de mais pequeno-almoço — observou, entregando-me um prato.

Um dia, o Nash Morgan ia dar muita felicidade a uma mulher de sorte.

Comemos de pé, na cozinha, o que me pareceu mais seguro e menos doméstico do que arranjar um espaço à mesa. Embora não me tivesse importado de dar mais uma espreitadela àqueles ficheiros.

Estava ali para fazer um trabalho, não para complicar as coisas aconchegando-me a um vizinho injustamente giro.

Mesmo que ele fizesse uns deliciosos ovos mexidos com queijo. E estivesse muito bem com a *T-shirt* lavada e com os seus olhos profundos e sofridos. Sempre que os nossos olhares se encontravam, eu sentia... qualquer coisa. Como se o espaço entre nós estivesse carregado de uma energia que não parava de se intensificar.

— O que te faz sentir viva? — perguntou ele, abruptamente.

— Há? — Foi a minha resposta inteligente, com a boca cheia de torrada.

O Nash olhava-me fixamente, de caneca na mão e metade do pequeno-almoço abandonado no prato.

Ele precisava de comer. O corpo precisava de combustível para sarar.

— Para mim, costumava ser entrar na esquadra. Todas as manhãs, sem saber o que o dia traria, mas sentindo-me pronto para tudo — disse ele, quase para consigo.

— Já não te faz sentir o mesmo? — perguntei.

Ele encolheu um dos ombros, mas o modo como os seus olhos se fixavam em mim era tudo menos descontraído.

— E tu?

— Conduzir depressa. Música alta. Encontrar em saldo o par de sapatos perfeito. Dançar. Correr. A perseguição. Sexo suado e desesperado.

O olhar dele tornou-se ardente, e a temperatura ambiente pareceu aumentar vários graus.

Carência. Era a única palavra que me ocorria para descrever o que vi naqueles seus olhos azuis, e mesmo essa não lhe fazia justiça.

Ele avançou um passo para mim, e a respiração prendeu-se-me na garganta graças a uma mistura louca de antecipação, adrenalina e medo. *Uau. Uau. Uau.*

O meu coração estava prestes a saltar-me do peito. Mas de um modo bom, para variar.

Tinha de me controlar. Não andava a tentar evitar saltos impulsivos?

Antes que qualquer um de nós pudesse dizer ou — santo Deus — *fazer* fosse o que fosse, o meu telemóvel tocou estridentemente, afastando-me de qualquer má ideia para a qual estivesse prestes a atirar-me.

— Eu, hum, tenho de atender isto — disse, mostrando-lhe o telemóvel.

O olhar dele continuava fixo no meu de um modo que fazia com que tudo dentro de mim se sentisse um pouco desesperado. Está bem, pronto. *Muito* desesperado. E com uma febre de milhões de graus.

— Sim — disse ele por fim. — Obrigado pela ajuda.

— Sempre que precisares, valentão — consegui dizer debilmente, tentando não correr para a porta. — Olá, Daley — disse, atendendo a chamada, assim que fechei a porta do Nash atrás de mim.

— Lina — disse a minha chefe, à laia de saudação.

A Daley Matterhorn era o género de mulher eficiente que não usava duas palavras quando bastava uma. Aos 52 anos, supervisionava uma equipa de doze investigadores, era cinturão preto em karaté e participava em triatlos por diversão.

— O que se passa? — O nosso tipo de trabalho não respeitava o tradicional «de segunda a sexta, das nove às cinco», portanto o facto de ela me estar a telefonar num sábado de manhã não era preocupante.

— Sei que estás a meio de uma investigação, mas gostaria que fizesses uma pausa. Precisamos da tua ajuda em Miami. O Ronald localizou o quadro desaparecido de Renaux na casa de um barão da droga que foi preso recentemente. Precisamos de alguém para dirigir uma equipa de recuperação amanhã à noite, antes que algum agente da autoridade decida que o quadro é uma prova ou um bem a ser congelado. Há apenas uma mão-cheia de seguranças no local. Para ti, deve ser canja.

Senti a familiar aceleração no pulso, a excitação a aumentar com a ideia de pisar um pouco a linha para mais uma vitória.

Mas organizar uma operação em vinte e quatro horas não era só arriscado: era claramente perigoso. E a Daley sabia-o.

Raios.

— Estás a pedir-me que comande uma equipa depois do que aconteceu no último trabalho?

— Tu fizeste o trabalho. O cliente ficou encantado. E não te ouvi a queixares-te quando recebeste o bónus.

— Houve um ferido — lembrei-lhe.

Houvera um ferido por minha causa.

— O Lewis conhecia os riscos. Aqui não andamos a vender seguros nem trabalhamos à secretária. Este trabalho implica uma percentagem de risco, e quem não tiver tomates para encarar isso pode procurar emprego noutro sítio.

— Não posso. — Não sei qual de nós ficou mais surpreendida quando as palavras me saíram da boca. — Estou a fazer progressos aqui, e não é um bom momento para me ir embora.

— Estás apenas a fazer pesquisa no terreno. Posso mandar outra pessoa para fazer perguntas e procurar registos de propriedade. Literalmente qualquer

pessoa.

— Preferiria levar isto até ao fim — disse eu, teimosa.

— Sabes, vai haver uma vaga nos Valores Financeiros — disse a Daley, balançando descontraidamente o meu emprego de sonho à minha frente, como se fosse um par de *Jimmy Choos* cintilantes.

— Ouvi rumores — disse eu, com o coração a bater um pouco mais depressa.

O Departamento de Valores Financeiros significava mais viagens, trabalhos mais prolongados e bónus mais chorudos. Também significava mais missões a solo. Era o meu supremo e assustador objetivo, e, agora, ali estava ele.

— Vale a pena pensares no assunto. É preciso alguém com coragem, alguém que não se intimide com situações perigosas, alguém que não tenha medo de ser a melhor.

— Compreendo — disse eu.

— Ótimo. Se mudares de ideias quanto a amanhã, liga-me.

— Combinado. — Desliguei o telemóvel e enterrei as mãos no bolso da frente da camisola com capuz do Nash.

Uma parte de mim queria dizer sim. Meter-se num avião, mergulhar nas informações e encontrar uma entrada. Mas a outra parte de mim, maior e mais ruidosa, sabia que eu não estava preparada para liderar uma equipa. Tinha-o provado estrondosamente.

E havia outra parte, mais pequena e quase inaudível, que estava a ficar cansada de motéis merdosos e de horas infindáveis de vigilância. Aquela que carregava o fardo da culpa e da frustração por uma operação que correria mal. Aquela que talvez estivesse a perder as suas qualidades.

* Alusivo a *pipe* (cano). (NT)

CINCO

O QUE ACONTECE NO DUCHE FICA NO DUCHE

Nash

— Para de comer a roupa, *Pipe*! — exclamei, com cansaço, do chão da cozinha.

Estava mergulhado pelos joelhos em pétalas de flores mortas da meia dúzia de ramos de «lamento que tenhas sido alvejado» que as pessoas tinham mandado durante a minha recuperação. Aquilo lembrava-me vagamente o funeral da minha mãe.

A maldita cadela contornou a correr a ilha, com uma das minhas meias limpas a pender-lhe da boca.

Eu estava exausto e exasperado.

Tinha ligado para o abrigo de Lawlerville para ir lá deixar a *Piper*, mas disseram-me que estava lotado depois de terem recebido mais de dez cães desalojados por um furacão no Texas. Aconselharam-me a tentar num outro abrigo em DC. Mas, depois de mais uns telefonemas, tudo o que tinha ouvido eram respostas de «desculpe, estamos lotados» ou advertências de que os cães com problemas de saúde ou que não fossem adotados rapidamente corriam o risco de serem abatidos.

Assim, eis-me como relutante família de acolhimento de uma rafeira maltratada e cheia de ansiedade.

Eu mal conseguia tomar conta de mim. Como diabo poderia tomar conta de um cão?

Tínhamos feito uma visita à veterinária para um exame geral, durante o qual a *Piper* se tinha encolhido atrás de mim como se a simpática doutora com guloseimas fosse o demónio. Depois de ela ter passado no exame, tínhamos ido à loja de animais de Knockemout para comprar o básico. Mas o Gael, o dono e vendedor exímio, topara a minha cara de papalvo à distância. Bastara olhar

para a carinha feliz da *Piper* ao descobrir um corredor cheio de peluches, e o Gael tivera de pôr o letreiro de «VOLTO JÁ» na montra, para me ajudar a levar todas as compras para casa.

Comida saudável de luxo, petiscos *gourmet*, conjuntos de trela e coleira, brinquedos, uma cama para cão ortopédica melhor do que o meu próprio colchão. Ele até oferecera o raio de uma coisa tipo pulôver, para aquecer a «Princesa *Piper*» durante os passeios.

A *Piper* saltitou até mim e soltou um ladrido abafado por entre a meia e a ovelha de peluche que tinha conseguido meter na boca.

— O que é? Não sei o que queres.

Ela cuspiu a ovelha para cima das flores murchas.

Esfreguei a cara com as mãos. Não estava equipado para aquilo. Bastava olhar para o meu apartamento.

Parecia o quarto do Knox em adolescente. Até no cheiro. Não tinha reparado nisso, até reparar que a Lina e o Gael reparavam.

Assim, em vez de mergulhar em papelada na esquadra, como planeara, liguei a televisão num jogo de futebol, abri o raio das persianas e dediquei-me às limpezas.

A máquina de lavar louça ia na terceira e última lavagem. Eu tinha um monte Everest de roupa lavada para arrumar — se conseguisse que a cadela parasse de a roubar. Tinha atacado as camadas de pó e as marcas pegajosas de copos nos móveis, tinha deitado fora semanas de comida de *takeaway* cheia de bolor e tinha até conseguido mandar vir algumas coisas do supermercado.

A *Piper* fez-me companhia enquanto eu lavava, esfregava, organizava, desinfetava e arrumava. O aspirador não lhe agradou muito. Mas eu não lhe reconheci grande razão para queixas, tendo em conta que, até àquela manhã, ela tinha vivido num tubo de drenagem.

Ela inclinou a cabeça para um lado e dançou sem sair do lugar, com as suas unhas recém-aparadas a tamborilarem no soalho de madeira. Praguejando, atirei a ovelha na direção da sala e vi a cadela correr atrás dela com deleite.

O ombro doía-me. A cabeça latejava. O cansaço fazia com que sentisse os ossos quebradiços, como se tivesse sofrido um caso de gripe permanente. Seria tão fácil ficar ali sentado no chão até ao fim do tempo que me restasse.

Ouvi o sonoro «tunc» do cabo da vassoura a bater no chão, seguido de um

latido penoso e do arranhar de unhas no soalho. A *Piper* reapareceu, sem a meia nem a ovelha, e atirou-se para o meu colo, a tremer.

— Porra — resmoneei. — Achas que sou capaz de te proteger do que quer que seja? Nem a mim próprio consigo proteger.

Aquilo não pareceu preocupar a cadelinha, demasiado ocupada a enterrar-se mais nas minhas virilhas.

Suspirei.

— Está bem, sua esquisita. Vamos lá. Eu salvo-te da vassoura má.

Meti-a debaixo do braço e pus-me de pé a custo, sentindo-me com cem anos. Deitei o resto dos cadáveres de flores no caixote a transbordar, peguei no último cesto de roupa lavada e arrastei-me para o quarto.

— Pronto. Satisfeita? — perguntei, pousando a *Piper* e o cesto na cama.

Ela trotou até à minha almofada, junto da cabeceira; depois enroscou-se numa bolinha, de cauda sobre o nariz, e soltou um suspiro ressonado.

— Não te habitues. Acabei de largar oitenta e seis dólares numa cama de cão para ti. Além disso, no momento em que te arranjar uma família de acolhimento, saís porta fora.

Ela fechou os olhos e ignorou-me.

— Está bem. Fica com a cama.

Não era como se eu andasse a dormir nela. Em vez disso, acampava no sofá, deixando o zunzum das televidas embalar-me até adormecer; então, os sonhos perseguiam-me, até eu voltar a acordar para a nuvem negra que nunca deixava passar a luz.

Era um ciclo divertido e produtivo.

A montanha de peças dobradas — a quase totalidade do meu guarda-roupa — ali estava, desafiando-me a ignorá-la.

— Céus.

De quantas *T-shirts* cinzentas precisava eu? E por que diabo a máquina nunca devolvia um número par de meias? Mais um dos grandes mistérios da vida que nunca seriam resolvidos. Como qual era o propósito de tudo e porque é que os coelhos esperavam até nos levantarmos para desatarem a correr à nossa frente.

O meu olhar pousou nos frascos de comprimidos na mesa de cabeceira.

Não tocara nos analgésicos. Mas os outros, os antidepressivos e os ansiolíticos, tinham-me ajudado no início. Até eu ter decidido entregar-me àquele vazio

frio e escuro. Rebolar-me nele. Ver durante quanto tempo sobreviveria nas suas profundezas lodosas.

Varri os frascos para a gaveta e fechei-a.

A cadela ressonou sonoramente, e eu apercebi-me de que estava escuro lá fora.

Tinha conseguido sobreviver a mais um dia.

Tinha comido.

Tinha limpo.

Tinha falado com pessoas usando mais do que grunhidos mal-humorados.

E não tinha deixado que ninguém visse o enorme abismo vazio que vivia no meu peito.

Se conseguisse tomar um duche e fazer a barba, bastaria.

As pernas da *Piper* contraíram-se, e ela soltou um latido sonolento. Estava a sonhar, e eu perguntei-me se seria um sonho ou um pesadelo. Com cuidado, para não a acordar, aconcheguei a ovelha junto dela, para afastar o mal, e dirigi-me para a casa de banho.

Abri o chuveiro, agora limpo, e deixei a água aquecer bastante enquanto me despia. As cicatrizes rosadas e arrepanhadas captaram o meu olhar no espelho. Uma no ombro, outra no baixo-ventre, do tiro que me atravessara.

O meu corpo estava a sarar, pelo menos por fora. Mas era a minha mente que me preocupava.

Perder o juízo e mergulhar numa espiral descendente era, infelizmente, um traço de família.

Só era possível fugir do que nos estava tatuado no ADN até certo ponto.

O vapor atraiu-me para o duche. Deixei que a água se precipitasse sobre mim, relaxando os nós musculares com o seu calor. Bati com as palmas nos azulejos frescos e pus a cabeça sob o jorro.

A Lina.

Uma imagem dela a rir, vestida com um sutiã de desporto e pouco mais, emergiu, rapidamente seguida pelo resto da nossa manhã juntos. A Lina preocupada, de olhos muito abertos. A Lina de gatas, enquanto eu a puxava de encontro a mim. A Lina a sorrir-me do lugar do passageiro, enquanto eu conduzia de regresso a casa.

Entre as pernas, o meu sexo pesado ganhava vida, à medida que as imagens

dela se transformavam em fantasias. Era um desejo depravado. Um desejo que eu quase saboreava, porque sentir alguma coisa, fosse o que fosse, era melhor do que nada. E porque aquela necessidade louca me dera algo que eu receara ter perdido.

Não ficava duro desde que fora alvejado. Não até essa manhã... com ela.

O meu sexo engrossou, e a excitação acendeu-se em mim.

Não me permitira pensar no assunto. Afinal, que tipo de cretino dava mais valor à função do sexo do que à sua saúde mental? Assim, tinha enterrado a preocupação, fingindo que, abaixo da cintura, tudo estava apenas cansado, ou entediado, ou o que quer que fosse que as pilas ficavam.

Mas bastara a Lina Solavita pôr-se de joelhos à minha frente e as minhas fantasias tinham ganhado vida. Pensei na sensação das suas ancas sob as minhas mãos. Na curva do seu rabo enquanto a puxava para mim. O desejo prendeu-me pela garganta e pelos tomates. Estava a arrastar-me para fora da escuridão, para o fogo. Para ela.

Não consegui resistir. Precisava de mais.

Apoiando uma das mãos nos azulejos, agarrei no meu sexo túmido com a outra e reprimi um palavrão.

O contacto foi simultaneamente um alívio e uma desilusão. Eu queria que fosse a sua mão, a sua boca a envolver-me. A minha mão no cabelo dela, guiando-a para se ajoelhar perante mim e me tornar humano de novo.

A sua rendição far-me-ia sentir poderoso, forte, *vivo*.

Prometi a mim mesmo sentir-me culpado pela fantasia mais tarde. Só umas carícias, para me certificar de que continuava inteiro, de que tudo funcionava. Umas carícias, e eu passava da água quente para a fria.

Imaginando aqueles lábios carnudos a abrirem-se, a acolherem-me no seu interior, fiz o meu punho subir até à coroa da glândula, com a água a atingir-me na nuca. A minha pressão fez com que a humidade subisse e transbordasse da fenda. Imaginando a sua língua ávida a sair para a saborear, levei a mão até à base.

— Foda-se — grunhi, fechando a minha mão livre num punho contra os azulejos.

Aquilo era errado. Mas a sensação era *tão* boa, e eu precisava de coisas boas.

Rendido, imaginei que lhe rasgava aquele *top* curto e que a encontrava sem

sutiá, os mamilos, pontos aguçados a implorarem a minha atenção, enquanto ela me trabalhava o sexo com a boca.

As minhas ancas deram um sacão para a frente, como se tivessem vontade própria, lançando-se contra o meu punho.

— Mais uma. — Só mais uma carícia e pararia.

Só que, na minha fantasia, a Lina já não estava de joelhos. Estava a montar-me. Aquele calor húmido do seu interior estava protegido apenas por uma inútil tira de seda. A minha boca estava no seu seio. Engoli em seco, pensando em enfiar um daqueles picos rosados na boca e chupá-lo.

A minha mão tinha-se esquecido do limite de uma carícia e movia-se em sacões rápidos e curtos para cima e para baixo. Com as ancas a projetarem-se ao mesmo ritmo, senti um peso nos testículos e percebi que não passaria com uma punheta. Mas aquele desejo negro era melhor do que o vazio.

Imaginei-me a desviar para o lado a tira de seda da sua tanga, a agarrar-lhe as ancas, a impulsionar-me para chegar lá.

— *Sim*, é isto, meu anjo.

Quase conseguia ouvi-la a inspirar enquanto a preenchia. Bati com o outro punho nos azulejos. Uma, duas vezes.

Agora já não podia parar; o meu punho era uma mancha enquanto servia o meu sexo agradecido.

La lambar e chupar o outro mamilo até ficar em pedra, ao passo que as minhas mãos moviam as suas ancas para cima e para baixo no meu sexo. E ela agarrada a mim. E ela a precisar de que eu a fizesse vir-se.

«*Nash*.»

Quase a ouvia respirar o meu nome enquanto a excitação crescia entre nós. Enquanto o seu interior molhado se apertava cada vez mais em meu redor.

Via aqueles olhos castanhos a ficarem vidrados, saboreava o pico aveludado do seu mamilo contra a minha língua, sentia o apertão doloroso enquanto os seus músculos gananciosos se fechavam sobre cada centímetro do meu sexo.

— Angel. — Dei outro murro na parede.

Ela tivera um orgasmo forte e prolongado. O tipo de orgasmo que a deixaria suficientemente flácida para eu pegar nela e a levar depois para a cama. Que não me deixaria opção senão imitá-la, esvaziando-me dentro dela. Marcando-a como minha.

Mas, em vez do alívio que procurava, deparei com outra coisa.

A minha visão afunilou-se, o som da água esmoreceu, e o sangue rugiu-me nos ouvidos. O coração batia selvaticamente no meu peito, e o elástico da tensão apertou-se. Larguei o meu sexo e inspirei, uma inspiração difícil e trémula, para combater a onda de terror que se abatia sobre mim.

— Foda-se. Foda-se — rouquejei. — Raios me partam.

Os meus joelhos fraquejaram, e eu consegui baixar-me dentro da banheira.

Ainda duro. Ainda carente. Ainda com medo. Pus as mãos na cabeça e ajoelhei-me sob o jorro de água até este arrefecer.

SEIS

NO MEIO DE UM CONCURSO DE PILAS

Lina

A Biblioteca Pública de Knockemout situava-se em frente da esquadra, no Edifício Municipal Knox Morgan, um nome que me proporcionava um divertimento sem fim. Tirei uma foto às letras grossas e douradas e enviei-a, numa mensagem, para o homem, o intratável, a lenda em pessoa.

A resposta do Knox foi imediata. Um *emoji* de pirete.

Com um sorriso, guardei o telemóvel e dirigi-me para o interior.

O edifício fora financiado, em grande parte, por um «donativo» de peso, resultante de um prémio de lotaria que o Knox tentara impingir ao Nash. Era, na minha opinião, um «vai-te foder» de nível profissional.

Aparentemente, também tinha levado a um desentendimento entre os irmãos, reforçado pela teimosia inata e pelas deficiências de comunicação na família.

Não era que o Knox e eu tivéssemos partilhado assuntos pessoais em tantos anos de amizade. Mantínhamos as coisas ligeiras, não nos sobrecarregávamos um ao outro com temas pesados. Não tentávamos trazer as coisas à luz para exames inúteis.

E era assim, senhoras e senhores, que se fazia durar uma amizade.

Sem fardos. Sem bagagem emocional.

Poucas necessidades e muito tempo de qualidade e diversão.

Tendo isto na ideia, fiz especificamente questão de *não* espreitar pelo vidro da esquadra. Não estava preparada para conversas de circunstância com o chefe da polícia tão poucas horas depois de o ouvir a levar-se ao clímax no chuveiro, a uma parede nada isolada de distância.

Só de pensar nisso, ficava com as faces a arder e com as partes de baixo a pulsar.

Nunca na vida tinha ficado tanto tempo a escovar os dentes encostada a um lavatório.

Uma coisa era certa: o chefe Morgan era uma bomba-relógio. E, quem quer que fosse a tal Angel, esperava não ter de a odiar.

Entrei na biblioteca. Havia mais gente e barulho do que eu esperava. Graças à Hora do Conto da *Drag Queen*, a secção infantil tinha a energia de um infantário à hora do lanche. Miúdos e graúdos ouviam, muitíssimo atentos, a Cherry Poppa e a Martha Stewhot a lerem sobre famílias diversificadas e adoção de animais.

Deixei-me ficar e ouvi um livro inteiro, antes de me lembrar de que estava em missão.

Encontrei a Sloane Walton, a fantástica bibliotecária, nas estantes do segundo andar, a discutir qualquer coisa livresca com o idoso mas elegante Hinkel McCord.

A Sloane era diferente de todas as bibliotecárias que eu conhecera. Pequena e irascível, tinha o cabelo louro com madeixas cor de lavanda. Vestia-se como uma adolescente estilosa, conduzia um *Jeep Wrangler* todo modificado e organizava mensalmente uma *Happy Hour* de Copos e Livros. Tanto quanto eu percebera, ela tinha transformado sozinha a decadente Biblioteca Pública de Knockemout no coração da comunidade, com trabalho, determinação e algumas doações.

Havia algo nela que me recordava as raparigas simpáticas e giras do secundário. Em tempos, eu tinha pertencido a esse clube exclusivo.

— Só estou a dizer que dê uma oportunidade à Octavia Butler. Hás de voltar com flores de arrependimento e tequila, porque estás redondamente enganado — disse ela ao homem.

O Hinkel abanou a cabeça.

— Vou experimentar. Mas, quando eu detestar, terás de me dar um daqueles pães com tomate seco.

A Sloane estendeu a mão.

— Combinado. Tequila da boa. Nada daquela zurrapa que se rouba da garrafeira dos pais para a fogueira do liceu.

O Hinkel acenou com a cabeça, astuto, e apertou-lhe a mão.

— Combinado.

— Subornas sempre os utentes com produtos de padaria? — perguntei.

O Hinkel sorriu para mim e levantou o elegante chapéu de palha.

— Menina Lina, não me leve a mal, mas a sua beleza envergonha as folhas de outono.

Eu retirei da estante uma edição de bolso e abanei-me com ela.

— Meu caro senhor, é verdade que sabeis dar a volta à cabeça de uma senhora — disse, adotando um sotaque de donzela sulista.

A Sloane cruzou os braços, fingindo irritação.

— *Desculpe*, senhor McCord. Pensava que *eu* é que era a sua cortejada dos domingos de manhã.

Ele fez um gesto, indicando o seu fato às riscas e o laço.

— Há Hinkel mais do que suficiente para todas. Agora, se estas adoráveis senhoras me derem licença, vou lá para baixo flirtar com uma rainha ou duas.

Vimos o centenário a dirigir-se com vivacidade para as escadas, bengala numa mão, livro na outra.

— Knockemout dá homens muito charmosos — observei.

— É bem verdade — concordou a Sloane, indicando-me que a seguisse.

Entrámos numa espaçosa sala de reuniões. A Sloane dirigiu-se de imediato para o quadro magnético e começou a apagar vários desenhos obscenos de sexo.

— Adolescentes? — supus.

Ela abanou a cabeça, fazendo dançar o seu arrebitado rabo de cavalo.

— Urologistas do norte da Virgínia. Tiveram aqui ontem a sua reunião quadrimestral. Achei melhor apagar as provas antes do fim da nossa hora do conto.

— Não estava à espera desta.

A Sloane lançou-me um sorriso.

— Espera até os NoVaP se reunirem aqui em janeiro.

Percorri mentalmente as possibilidades.

— Proctologistas do norte da Virgínia?

— Rabos por *todo* o lado. — A Sloane pousou o apagador e começou a organizar os marcadores por cores. — O que te traz hoje às minhas belas instalações?

Resolvi ajudar e comecei a colocar os vários folhetos penianos no balde da

reciclagem.

— Preciso de algumas recomendações de livros.

E de algumas informações, acrescente para comigo.

— Vieste ao sítio certo. De que gostas mais? Mistério? Viagens no tempo? Autobiografia? Poesia? Policial? Fantasia? Autoajuda? Histórias românticas e escaldantes de província?

Pensei no Nash no duche na noite anterior. No bater de um punho contra os azulejos molhados. No palavrão estrangulado. Senti-me um pouco entontecida.

— Alguma coisa com assassínios — decidi. — Além disso, há alguma base de dados do condado que possa ser usada para pesquisar propriedades?

— Estás a pensar em tornar a tua visita permanente?

— Não — disse rapidamente. — Tenho um amigo que vive em DC. Está a pensar em sair da cidade e abrir um negócio.

A mentira foi pouco convincente, mas a Sloane era uma bibliotecária ocupada, e as pessoas dali eram excêntricas. Não ia perder tempo a desarmar a minha história.

— Que tipo de negócio?

Raios.

— Uma garagem de customização de carros? Acho que é uma coisa desse género.

A Sloane fez subir os óculos no nariz.

— Estou certa de que o teu amigo sabe usar os *websites* de imobiliário normais.

— Ele, hum... eles sabem. Mas e se a propriedade não estiver à venda? Dinheiro não lhes falta, e não seria a primeira vez que fariam uma oferta difícil de recusar.

Tecnicamente, esta parte não era mentira. Não exatamente.

Ela varou-me com um olhar curioso. Normalmente, eu era muito melhor a inventar histórias. Aquela cena do Nash no chuveiro devia ter-me mesmo afetado. Nota para mim: evitar homens que me tornem estúpida.

— Nesse caso, podes tentar numa base de dados de avaliação do condado. Têm quase todas mapas das propriedades, registos, avaliações tributárias. Posso dar-te os *links*.

Vinte minutos depois, fiz os possíveis por passar sem fazer barulho pela Hora do Conto da *Drag Queen*, com a minha pilha de policiais nada *sexy*, um livro para vencer as tendências autodestrutivas e notas autocolantes coloridas com os nomes de três bases de dados das propriedades do condado.

Já tinha cruzado a porta para o átrio quando fui detida por uma voz familiar:
— Inspetora Lina Solavita.

Estaquei, e depois girei lentamente nos calcanhares.

Um fantasma do passado sorria-me enquanto fechava atrás de si a porta da esquadra. Tinha deixado crescer o bigode desde a última vez que o vira e ganhara uns cinco quilos, mas ficavam-lhe bem.

— *Marshal* Nolan Graham. O que estás a fazer...? — Não foi preciso terminar a pergunta. Havia apenas um caso local que requeria a presença de um *marshal*.

— Estou com um caso. — Ele retirou o primeiro livro da minha pilha e espreitou sob as notas adesivas coloridas na capa. — Não vais gostar deste.

— Um fim de semana há talvez uns cinco anos e pensas que conheces os meus gostos literários?

Ele sorriu-me.

— O que posso dizer? És memorável.

O Nolan era chato e arrogante. Mas era bom no que fazia, não era um idiota misógino e, se a memória não me falhava, era também um ótimo dançarino.

— Gostava de poder dizer o mesmo. Belo bigode, já agora — zombei.

Ele alisou-o entre o indicador e o polegar.

— Queres dar uma volta nele mais logo?

— Vejo que continuas um cretino incurável.

— Chama-se confiança. E baseia-se em anos de experiência com mulheres satisfeitas.

Eu sorri.

— És do piorio.

— Sim, eu sei. Que diabo fazes tu aqui? Alguém roubou a *Mona Lisa*?

— Vim visitar amigos. Pôr a leitura em dia. — Ergui a pilha de livros.

Ele semicerrou os olhos.

— Tretas. Tu não tiras férias. De que é que a Pritzger Insurance anda atrás, neste sítio?

— Não sei de que estás a falar.

— Vá lá. Distrai-me. Eu ando basicamente em cima do chefe da polícia desta parvalheira, à espera de que um merdoso acabe o trabalho.

— Achas que o Duncan Hugo vai tentar outra vez? Tens informações sobre isso?

— Ora, estamos bem informadas.

Revirei os olhos.

— É uma cidade pequena. Estamos todos bem informados.

— Então não precisas de que eu una os pontos.

— Vá lá. O Hugo andava a dedicar-se a uma lista para impressionar o paizinho, mas falhou. Tanto quanto sei, anda a monte. Não tem razão alguma para voltar e terminar o trabalho.

— A menos que o Chefe Amnésia de repente se lembre do tiroteio. Tudo o que temos é a palavra de uma ex-namorada maluca e chata, a gémea má. E o testemunho de uma miúda de doze anos. Nenhuma das provas físicas é sólida. Carro roubado. Arma não registada. Ausência de impressões digitais.

O Duncan Hugo tinha-se aliado à Tina, a gémea da Naomi, para mentir, burlar e roubar por todo o norte da Virgínia, até ter cometido o erro trágico de alvejar o Nash.

— E as imagens da câmara do tabliê? — insisti.

O Nolan encolheu os ombros.

— Estava escuro. O tipo tinha uma camisola com capuz e luvas. Mal se consegue ver o perfil. Mas um advogado com alguma competência pode argumentar que era literalmente qualquer outra pessoa.

— Ainda assim, porquê mandarem-te para fazeres de ama? O Hugo é insignificante, não é?

— O Nolan arqueou uma sobrancelha.

— Ahhh. Os *feds* querem o paizinho.

O Anthony Hugo era um chefe do crime cujo território abrangia Washington DC e Baltimore. Enquanto o filho se entretinha com aparelhos eletrónicos e carros roubados, o paizinho querido tinha uma reputação temível por extorsão, drogas e tráfico sexual.

— Não posso dar essa informação — disse ele, agitando as moedas no bolso.
— Agora, desembucha. Que tesourinho procuras tu?

O meu sorriso foi felino.

— Não posso dar essa informação.

O Nolan pousou a mão na parede por trás de mim e inclinou-se, como um *quarterback* do secundário com a chefe de claque deslumbrada.

— Vá lá, Lina. Talvez possamos trabalhar juntos.

Mas eu não era uma chefe de claque deslumbrada. E também não jogava em equipa.

— Desculpe, *marshal*. Estou de férias. E, tal como o trabalho, é coisa que faço sozinha. — Era mais seguro assim.

Ele abanou a cabeça.

— As boas são sempre obstinadamente solteiras.

Eu inclinei a cabeça para o lado e estudei-o. Com aquele fato e gravata institucionais, parecia o melhor vendedor de Bíblias da região.

— Não te casaste? — perguntei.

Ele mostrou a mão esquerda, desprovida de aliança.

— Não pegou.

Sob a bravata, senti um indício de tristeza.

— O trabalho? — presumi.

Ele encolheu os ombros.

— Que posso dizer? Nem toda a gente aguenta.

Eu percebia. As viagens. As longas semanas de obsessão. A sensação de vitória quando um caso se compunha. Nem todas as pessoas de fora aguentavam essa vida.

Franzi o nariz, compassiva.

— Lamento que não tenha resultado.

— Pois. Eu também. Podias fazer-me sentir melhor. Jantar? Bebidas? Consta que há um sítio chamado Honky Tonk a uns quarteirões daqui que tem um *scotch* decente. Podíamos ir beber uns quantos, em honra dos velhos tempos.

Podia imaginar a reação do Knox se eu entrasse no bar dele com um *marshal* a reboque. Enquanto o irmão era adepto da lei e da ordem, o Knox tinha uma costela rebelde no que dizia respeito às regras.

— Hum. — Precisava de um plano, de uma estratégia.

A abertura da porta da esquadra salvou-me de ter de formular uma resposta. Depois foi a severidade do rosto do Nash que me deixou demasiado atrapalhada para articular fosse o que fosse.

— Está perdido, *marshal*? — perguntou o Nash.

A voz dele era enganadoramente mansa, com uma camada extra de mel sulista. Vestia a camisa e as calças cinzento-escuras do uniforme da polícia de Knockemout, e ambas as peças pareciam ter sido lavadas e engomadas. E também lhe ficavam cinquenta milhões de vezes melhor do que o fato ao Nolan.

Raios partam as paredes finas. Malditas sejam.

A minha garganta secou, e o cérebro ficou estúpido, fazendo soar em *repeat* na minha cabeça o gemido grave do Nash na noite anterior.

Se o Nash soturno e ferido era *sexy*, o autoritário chefe Morgan era de liquefazer as cuecas.

O olhar dele virou-se para mim e percorreu-me da cabeça aos pés.

O Nolan manteve a mão onde estava, acima da minha cabeça, mas virou-se de modo a poder olhar para o Nash.

— Estou a pôr a conversa em dia com uma velha amiga, chefe. Já teve o prazer de conhecer a inspetora Solavita?

Fiquei a dever ao Nolan uma joelhada nos tomates.

— Inspetora? — repetiu o Nash.

— Inspetora de seguros — disse eu, apressada, antes de lançar um olhar gelado ao Nolan. — O chefe Morgan e eu já nos conhecemos.

Normalmente, eu era boa sob pressão. Não. Não era só boa. Era ótima sob pressão. Era inteligente, paciente e expedita quando necessário. Mas o Nash a lançar-me aquele olhar duro e autoritário, como se quisesse arrastar-me para uma sala de interrogatórios e gritar comigo durante uma hora, estava nitidamente a desequilibrar-me.

— Imagino que não tão bem como tu e eu nos conhecemos — disse o Nolan, piscando o olho.

— A sério? — perguntei. — Esquece lá isso.

— A Angel e eu somos próximos — disse o Nash, sem desviar o olhar de mim.

A Angel?! *Eu* era a Angel da fantasia de duche do Nash? O meu cérebro

lançou-se numa reconstituição gráfica da minha bisbilhotice noturna. Sacudi-me mentalmente e resolvi lidar com aquela informação mais tarde.

— Partilhamos uma parede — disse eu, sem saber bem o porquê da necessidade de explicar. O meu passado com o Nolan não era da conta do Nash. O meu presente com o Nash não era da conta do Nolan.

— E ontem também partilhámos um banho — disse o Nash.

Fiquei de boca aberta e soltei um ruído parecido com o de um acordeão a ser esmagado.

Os dois homens olharam para mim. Fechei a boca com brusquidão.

Ia dar um pontapé nos tomates ao Nolan e empurrar o Nash das escadas abaixo, decidi.

— Ela sempre foi doida pela autoridade — disse o Nolan, balançando nos calcanhares, com cara de quem estava a gozar o prato.

Fiquei furiosa, mas, antes que conseguisse desancar aqueles idiotas cheios de testosterona, a porta da biblioteca abriu-se. O Nash avançou para a segurar.

— Minha senhora — disse ele à Cherry Poppa, que saía.

— Que encantador — ronronou ela. O Nolan curvou-se numa vénia. — Isto aqui fora está uma delícia — observou a *drag queen*, dirigindo-se para a porta.

— Bom, isto foi divertido — rosnei para os idiotas que atravancavam o corredor. Depois segui a bela *drag queen* para a rua.

— Sabes o que ninguém nos diz sobre estarmos no meio de um concurso de pilas? — perguntou a Cherry, sacudindo os caracóis louros.

— O quê? — perguntei.

— Que somos nós quem acaba a cheirar a mijo.

SETE

NÃO ESTÁVAMOS A COISAR

Lina

Ainda estava bastante enfurecida quando cheguei ao meu carro e parti para o jantar em casa do Knox e da Naomi. Claro. Que mulher não tivera ocasionalmente a fantasia de dois homens a lutarem por si? Mas não era assim tão *sexy* quando a discussão era, na verdade, um concurso jurisdicional de pilas e eu não passava de um peão.

Um pouco de ação no acelerador deu vida ao meu corpulento *Charger* num trecho aberto da estrada. Eu adorava grandes motores e carros rápidos. Havia algo na estrada aberta e no rugir de um V8 que me fazia sentir livre.

Recuei para os meus habituais quinze quilómetros por hora acima do limite de velocidade. Apenas o bastante para me divertir um pouco, mas demasiado trabalho para que um polícia me parasse.

Das colunas saía música zangada e agressiva de mulheres, e o vento perpassava-me os cabelos.

Cedo de mais, abrandei, a fim de virar para a alameda de cascalho que serpenteava por entre as árvores. Uma parte de mim sentia a tentação de continuar. De conduzir depressa e cantar alto até que todas as frustrações que se tinham acumulado voassem pela janela.

Mas, chateada como estava, nem uma viagem de costa a costa me bastaria para aclarar as ideias.

Portanto, escolhi a opção irritante e responsável e virei.

Mesmo através do meu mau humor, apreciei o espetáculo proporcionado pelo outono. O bosque era uma festa de cores. Folhas vermelhas, douradas e cor de laranja pendiam dos ramos e choviam até cobrirem o caminho. Eu tinha sentimentos complicados em relação ao outono. O que em tempos representara

a reunião com os amigos e o começo de novas aventuras passara apenas a significar não fazer nenhuma dessas coisas.

— Bolas, hoje estou desagradável — resmoneei, ao som da Carrie Underwood a riscar com as chaves o carro do ex.

Baixei o volume do rádio e deixei que o sussurro do ribeiro através das árvores enchesse o carro.

A casa do Knox e da Naomi apareceu depois da curva seguinte. Era uma visão de madeira e vidro aninhada entre as árvores, como se fizesse parte da floresta. Parei atrás da carrinha da Naomi e saí antes de me permitir convencer-me a ficar ali sentada a amuar. Quanto mais cedo chegasse, mais cedo poderia sair e ir para casa rebolar-me no meu mau humor.

Dirigi-me para o carreiro de pedra que ziguezagueava por entre arbustos baixos e flores tardias até aos degraus largos do alpendre fronteiro.

Havia uma bicicleta de criança numa extensão de relva e almofadões listrados nas cadeiras de baloiço. Das vigas do alpendre pendiam vasos com fetos. Um trio de abóboras esculpidas e iluminadas amontoava-se logo à entrada.

Eu era capaz de apostar que a abóbora do Knox era a mais assustadora, que vomitava as próprias entranhas. A da Naomi seria a esculpida com precisão, de sorriso cheio de dentes. E a da Waylay era a impaciente, irregular, torta, com sobrelanceiras aterradoras.

A casa inteira gritava «família». O que era ao mesmo tempo adorável e divertido quando eu me lembrava do Knox que conhecia desde sempre.

De trás da porta de rede veio um uivo excitado, logo seguido por uma cacofonia de ladridos e ganidos. Cães de todos os tamanhos e feitios espalharam-se pelo alpendre e pelos degraus, rodeando-me num frenesim de simpatia.

Baixei-me para os cumprimentar.

Os cães da avó do Knox eram uma *pit bull* miúda e zarolha chamada *Kitty* e um *beagle* irrequieto chamado *Randy*. Os pais da Naomi, que agora residiam na cabana da propriedade, tinham levado com eles a cadela, *Beeper*, uma rafeira resgatada que parecia um tijolo desalinhado com patas.

O cão do Knox, um robusto *basset hound* chamado *Waylon*, apoiou as rechonchudas patas da frente nas minhas coxas para se erguer acima da refrega e receber a sua dose de afeição.

— *Waylon*! Para com isso! — ladrou o Knox do alpendre, abrindo a porta de rede.

Tinha um pano da louça atirado sobre o ombro, uma pinça de grelhador na mão e algo próximo de um sorriso no seu belo rosto.

— Estou a pôr a mesa, como tu mandaste! — exclamou lá de dentro a voz ofendida de uma menina de doze anos.

— *Waylon*, não *Waylay* — gritou o Knox em resposta.

— Então porque é que não disseste? — berrou a *Waylay*.

Eu sorri.

— A vida familiar fica-te bem — disse, abrindo caminho por entre os cães até ao alpendre.

Ele abanou a cabeça.

— Ontem à noite passei uma hora a «googlar» o raio da matemática do sexto ano e já levo uma semana de mulheres a discutirem arranjos de flores. — Um coro de risos soou dentro de casa. — Nunca há sossego. Há sempre gente por todo o lado.

O Knox Morgan podia estar ali a queixar-se, mas era claro como água que era mais feliz do que alguma vez fora.

— Parece-me que mereces uma coisa destas — disse eu, erguendo o *pack* de cervejas que tinha levado.

— Vamos beber nas traseiras, antes que alguém nos descubra e precise de que eu vá consertar a ventoinha da máquina de secar ou ver mais um «TikTok hilariante» — disse ele. Guardou a pinça no bolso de trás, pegou em duas cervejas e abriu-as no parapeito do alpendre. Passou-me uma delas. — É a tua última oportunidade de fugires — ofereceu.

— Oh, não perco por nada o espetáculo do Knox domesticado — disse eu.

Ele fungou de riso.

— Domesticado?

— Estou a meter-me contigo. Fica-te bem.

Ele apoiou os antebraços no parapeito do alpendre.

— O quê?

Eu apontei com o gargalo da garrafa para a porta da frente.

— Aquelas duas senhoras ali dentro precisavam de ti. Tu chegaste-te à frente, e agora os três irradiam uma felicidade tão grande que nós, os outros, não

conseguimos olhá-los diretamente.

— Achas que elas são felizes? — perguntou o Knox.

Dentro de casa, soou mais uma explosão de risos. Os cães corriam pelo pátio de narizes no chão, em busca de outra aventura.

— Tenho a certeza — disse eu.

Ele aclarou a garganta.

— Há uma coisa que quero pedir-te, e não quero que faças um grande aparato.

— Estou curiosa.

— Quero que sejas meu padrinho ou lá o que é.

Eu pestanejei.

— Eu?

Exceto no casamento da minha tia Shirley com a minha tia Janey — em que dera espetáculo aos oito anos como fada dos brilhantes arco-íris —, eu nunca tinha feito parte da comitiva de um casamento. Nunca fora próxima de ninguém a ponto de ser convidada.

— A Naomi vai convidar a Sloane, o Stef, a Fi e a Way. Eu tenho o Nash, o Luce e o Jer. Pelo menos, terei, quando os convidar. E tu.

O Nash. Bastou a menção do nome do seu irmão para me lançar numa espiral de irritação. Mas uma irritação temperada com um forte brilho no meu peito.

— Queres que vá de *smoking*?

— Não me interessa se levas uma camisola com nódoas de cerveja. Mas estou certo de que a Flor terá as suas opiniões. Basta que estejas lá. — Deu um gole na cerveja. — E que não me deixes lixar tudo.

Eu sorri.

— Será uma honra ser tua... guarda de honra?

— A Naomi vai chamar-te padrinha, mas eu não digo essa merda em público. O Stef é madrinho, e isso já digo.

Sorrimos ambos para a penumbra que se ia instalando no pátio.

— Obrigada pelo convite — disse eu por fim. — Embora não tenha sido um convite.

— Se dissermos às pessoas o que queremos em vez de lhes pedirmos, é mais provável obtermos o que queremos — disse ele.

— Knox, o filósofo domesticado.

- Cala-te, senão obrigo-te a ires de tafetá cor de tangerina.
- Espanta-me que conheças qualquer uma dessas palavras.
- O casamento é daqui a três semanas. Estou a aprender as palavras todas.
- Três semanas?!

O seu sorriso era preguiçoso.

— Sinto que já espero desde sempre para ter a Flor e a Way na minha vida. Iria hoje mesmo ao registo, se conseguisse convencê-las.

— Bom, se eu já não estiver por cá nessa altura, volto para a ocasião — prometi.

Ele assentiu.

— Aviso-te de que vai haver abraços às carradas.

Eu fiz uma careta.

— Não contes comigo.

A afeição física estava algures entre ficar em espera com a operadora de telecomunicações e submeter-me à desvitalização de um dente. Houvera uma época na minha vida em que o meu corpo tinha pertencido mais a pessoal médico do que a mim. Desde então, preferia evitar qualquer toque de surpresa, a menos que fosse eu a instigá-lo. E isso só tornava mais confusa a minha reação Àquele Que Não Será Nomeado.

— Já tenho uma solução — disse ele. — Vou escrever «não quer abraços» a seguir ao teu nome no programa.

Ainda me estava a rir quando as árvores da alameda foram iluminadas por faróis. A carrinha *pick-up* do Nash, uma *Nissan* azul, parou no carreiro, ao lado do meu carro.

A irritação percorreu-me a pele, juntamente com o receio de que ele prosseguisse a linha de interrogatório em relação à minha situação de inspetora. Não me convinha que ele espalhasse a informação.

— Não sabia que ele vinha — disse.

O Knox olhou-me de soslaio.

— Tens algum problema com o meu irmão?

— Sim, por acaso tenho. Tu tens algum problema por eu ter um problema?

Os lábios dele curvaram-se.

— Não. Já é altura de alguém ficar lixado com ele além de mim. Não deixes é que isso interfira com o casamento, para não transtornar a Naomi. Ninguém

transtorna a Naomi a não ser eu.

Os cães rodearam o veículo, entusiasmados.

O meu olhar faiscante encontrou o do Nash, gelado, através do para-brisas. Ele não parecia muito feliz com a ideia de sair do carro. *Ótimo*.

— Acho que vou para dentro. Ver se há alguma coisa em que possa ajudar — decidi.

O Knox trocou comigo a pinça por uma terceira cerveja.

— Vê o frango na churrasqueira, se o Lou ainda não tiver começado a vigiá-lo — disse ele, e avançou na direção do irmão.

Ver o frango? Os meus conhecimentos sobre confeção de aves limitavam-se ao que me aparecia no prato nos restaurantes. Abri a porta e segui o barulho.

A casa era um encanto, tosca e rústica, mas com toques de conforto que faziam uma pessoa querer sentar-se, estender as pernas e gozar o caos.

As paredes estavam decoradas com fotografias de família que recuavam várias gerações, e os soalhos marcados eram suavizados por tapetes macios.

Encontrei grande parte do barulho e das pessoas na cozinha. A Liza J, avó do Knox e do Nash — a anterior ocupante da casa, até se ter mudado para o chalé no fim da alameda —, supervisionava a Amanda, mãe da Naomi, enquanto esta compunha uma tábua de charcutaria.

O Lou, pai da Naomi, estava — felizmente — já no pátio das traseiras, a espreitar por baixo da tampa do grelhador e a ajeitar o frango com a sua pinça.

A Naomi e o seu melhor amigo, o deslumbrante e estiloso Stefan Liao, discutiam enquanto ele abria o vinho e ela mexia no fogão alguma coisa que tinha um cheiro delicioso.

— Diz-lhe, Lina — disse a Naomi, como se eu tivesse estado sempre ali.

— Digo o quê a quem? — perguntei, procurando no frigorífico espaço para as cervejas que me restavam e para a garrafa de dois litros do refrigerante destruidor de dentes da Waylay.

— Diz ao Stef que ele devia convidar o Jeremiah para sair — disse ela.

O Jeremiah era o sócio do Knox na Whiskey Clipper, a barbearia/cabeleireiro da cidade, situada por baixo do meu apartamento. Como todos os homens solteiros daquela terra, era também muito, muito bonito.

— A Sabichona está a fazer aquela cena convencida de senhora quase casada, em que tenta emparelhar todos os amigos, para que eles também possam ser

sacanas convencidos e quase casados — queixou-se o Stef.

Vestia caxemira e bombazina e parecia saído das páginas de uma revista masculina de moda.

— Tu queres ser um sacana convencido e quase casado? — perguntei-lhe.

— Oficialmente, nem sequer vivo nesta cidade — disse ele, agitando de forma expressiva os braços, sem entornar uma gota do *shiraz*. — Como posso saber se quero ser um sacana?

— Bestial. São mais três dólares para o frasco do calão. — O lamento da Waylay fez-se ouvir da sala de jantar.

— Põe na minha conta! — gritou o Stef em resposta.

O frasco do calão era um recipiente de *pickles* de quatro litros que vivia na bancada da cozinha. Estava sempre a transbordar de notas de dólar graças ao vocabulário colorido do Knox. O dinheiro servia para comprar produtos frescos. A única maneira que a Naomi tinha de contar com a ajuda da Waylay para domar a linguagem era manter a família cheia de saladas até aos olhos.

— Por favor — zombou a Naomi. — Tu passas mais tempo em Knockemout do que na tua casa em Nova Iorque ou com os teus pais. Eu sei que não estás aqui só por amor ao caos canino.

Na hora certa, os quatro cães entraram a correr pela porta da cozinha, precisamente quando a Waylay a cruzava. Ela desviou-se com um salto, o que conseguiu excitá-los ainda mais.

— Rua! — gritou a Amanda, abrindo a porta para as traseiras e afugentando a nuvem de pelos e patas para o exterior.

A Waylay esgueirou-se para a cozinha e rapinou uma rodela de *pepperoni* da tábua de charcutaria.

— A mesa está posta — disse.

A Naomi estreitou os olhos, retirou um pedaço de brócolos do tabuleiro das verduras e enfiou-o na boca da sobrinha.

A Waylay debateu-se com valentia, mas a sua tia decidida ganhou com um abraço sufocante.

— Porque és tão obcecada por coisas verdes, tia Naomi? — resmungou a Waylay.

— Sou obcecada pela tua saúde e bem-estar — disse a Naomi, despenteando-a.

A Waylay revirou os olhos.

— És tão esquisita.

— Sou esquisita porque te amo.

— Vamos voltar a chatear o tio Stef por ser demasiado cobarde para convidar o Jeremiah para sair — sugeriu a Waylay.

— Boa ideia — concordou a Naomi.

— Um rapaz daqueles não vai ficar solteiro por muito tempo — advertiu-o a Liza J enquanto passava furtivamente à Waylay uma fatia de salame.

— Ele é muito bonito — concordou a Amanda.

Todos se viraram para mim com um ar expectante.

— É lindíssimo — concordei. — Mas só para quem estiver numa de relações monogâmicas.

— E eu não estou — insistiu o Stef.

— O Knox também não estava — observei. — Mas olha para ele agora. Está enjoativamente feliz.

A Naomi lançou-me um braço sobre o ombro, e eu mal consegui esconder o repúdio pelo gesto inesperado. O anel de noivado no seu dedo cintilava à luz.

— Vês, Stef? Tu também podes ser enjoativamente feliz.

— Acho que prefiro estar só enjoado.

Esgueirei-me do abraço afetuoso da Naomi e dirigi-me para a travessa das carnes. A Waylay enfiou salame roubado na boca enquanto a Naomi não estava a olhar. Eu quase conseguia ouvir mentalmente a voz da minha mãe:

«Continuas a evitar carnes processadas, certo, Lina?»

«Achas mesmo boa ideia beberes álcool com a tua condição?»

Bebi um gole de cerveja, desafiadora, aproximei-me da Waylay e escolhi uma fatia de mortadela.

— O que é? Sou giro e *gay*, portanto, andar com o barbeiro giro e bissexual é uma conclusão lógica? Os *gays* e os *bi* têm de ter mais em comum do que apenas serem *gays* e *bi* — fungou o Stef.

— Não tinhas dito que ele era o homem mais atraente do planeta, com uma voz como gelado derretido, que te dava vontade de arrancares as roupas e ouvi-lo recitar uma lista de compras? — zombou a Naomi.

— E não disseste também que aquela sua cena de pequeno empresário era interessante, porque estavas farto de andar com modelos musculados? —

acrescentou a Amanda.

— E não são os dois grandes fãs de marcas de luxo, do Luke Bryan e de soluções energéticas amigas do ambiente? — piquei eu.

— Odeio-as a todas.

— Não andes com ele por ser bissexual, Stef. Anda com ele porque é perfeito para ti — disse a Naomi.

O Knox e o Nash entraram, com expressões vagamente irritadas. Em boa justiça, era a expressão habitual que tinham depois de uma conversa entre os dois. O Nash parecia também cansado. E estava uma brasa, com calças de ganga e camisa de flanela — nham.

Raios. Tinha-me esquecido de que já não o achava atraente.

Concentrei-me no facto de ele ter feito de tudo para me humilhar perante o Nolan e agarrei-me à minha raiva feminina interior.

Ele tinha uma cerveja numa mão, enquanto com a outra segurava a *Piper*, trémula. Ela vestia uma ridícula camisola com abóboras estampadas. As expressões de ambos diziam que aquele era o último lugar da Terra onde quereriam estar.

— Boa noite. — Falou para todos, mas aqueles olhos azuis aterraram em mim.

Olhei-o com hostilidade. Ele devolveu o olhar.

Uma nova vaga de pandemónio rebentou quando as mulheres assediaram o Nash para verem melhor a *Piper*.

O Knox passou por elas e beijou a Naomi na face, antes de ir direito ao tabuleiro das carnes.

— Olá, minha linda! — disse a Naomi, saudando delicadamente a cadela. — Gosto da tua roupa.

— Quem é esta coisinha querida? — ronronou a Amanda, fazendo uma festa delicada na cabeça da *Piper*.

Lá fora, os cães, pressentindo uma potencial nova amiga, pressionaram os focinhos contra a porta das traseiras e soltaram ganidos patéticos.

— Esta é a *Piper*. Encontrei-a ontem num tubo de drenagem às portas da cidade. Quem quer acolhê-la? — perguntou o Nash, ainda com um olhar irado na minha direção.

Fiz questão de o ignorar.

— Não foi isso que me pareceu que estavam a fazer — disse o Stef, num tom de «eu sei uma coisa que vocês não sabem». O Nash e eu virámos para ele os nossos olhares hostis. O Stef sorriu, demoníaco. — Desculpem, meninos. Tenho de pôr outras pessoas na berlinda, senão elas nunca mais se calam.

— O que pareceu que estavam a fazer? — quis saber a Liza.

— Tendo em conta a posição comprometedora...

— Que tal guardarmos esta história para depois? — propôs sonoramente a Naomi, olhando na direção da Waylay.

— O que estavam a fazer? — perguntou o Knox, agora atento.

— Receio que a tua carência de «tu sabes o quê» te esteja a fazer alucinar, Stef. Talvez *devesse* convidar o Jeremiah para sair — sugeri eu.

— *Touché*, Pernas. *Touché* — disse ele.

O Nash ignorou-nos e pousou a cadela trémula no chão. Ela tentou esconder-se atrás das pernas dele. Depois, quando espreitou por entre as suas botas, viu-me.

Eu acenei-lhe, e ela deu um passo hesitante na minha direção. Baixei-me e bati no chão à minha frente.

A *Piper* saiu a medo de trás das botas do Nash e a seguir deu uma corrida doida até mim.

Eu peguei nela e submeti-me ao banho de lambidelas.

— Cheiras muito melhor do que cheiravas antes — disse-lhe.

— Ena! Ela gosta de ti! — observou a Naomi.

— Vamos voltar à posição comprometedora — sugeriu a Amanda.

O Stef serviu de vinho o copo vazio que a Liza J agitou na sua direção.

— Bom, eu estava a voltar para a cidade ontem de manhã, e o que é que vi na berma da estrada?

O Knox cobriu com as mãos as orelhas da Waylay.

— Um urso? — aventou a Liza J.

— Melhor ainda. Vi o chefe da polícia de Knockemout, de joelhos na erva, numa, digamos, «posição de investida» por trás do r-a-b-o torneado da menina Solavita.

O Nash parecia ponderar seriamente fugir porta fora.

— Que car... valho?! — exclamou o Knox.

Eu suspirei.

— A sério, Stef? Dizes «investida», mas soletras «rabo»?

— «Investida» não é um palavrão — disse a Waylay, entendida.

— Eh! Tapa com mais força. — Era a Naomi a instruir o Knox.

Ele obedeceu, voltando a menina para si e envolvendo-a num abraço ursino ao nível da cabeça.

— Não consigo respirar! — O grito dela foi abafado pelo peito do Knox.

— Se ainda te estás a queixar, é porque consegues — insistiu o Knox.

— Os parvos dos teus músculos estão a partir-me o nariz! — guinchou a Waylay.

O Knox soltou-a e despenteou-lhe o cabelo.

— Waylay, podes ir ver como é que o avô se está a sair com o frango? — sugeriu a Naomi.

— Só me estão a mandar embora para poderem falar de coisas nojentas de crescidos.

— É verdade — disse o Stef. — Agora sai daqui, para podermos chegar às coisas nojentas.

O Knox pousou a mão no alto da cabeça da Waylay e guiou-a para a porta das traseiras.

— Anda, miúda. Nenhum de nós precisa de ouvir isto.

Juntos, marcharam lá para fora e fecharam a porta.

— Voltemos à investida — insistiu a Amanda. Empoleirou-se num banco de bar e imitou um tremor excitado.

— Eu parei, bom samaritano como sou — prosseguiu o Stef.

— Agora chamam-se assim? — perguntou secamente o Nash.

— Ofereci assistência, mas a Lina, muito rosada, garantiu-me que eles não precisavam de ajuda para coisarem.

— Nós não estávamos a coisar! — insisti.

— Aposto que se pode ser preso por isso — zombou a Liza J, com uma pontinha de orgulho.

Eu retirei uma cenoura do tabuleiro dos vegetais e atirei-a ao Stef, acertando-lhe na testa.

— Au!

— Estávamos completamente vestidos e a retirar um cão, esta cadela, do tubo de drenagem, idiota. — Ergui a *Piper* para a multidão, em estilo *Rei Leão*.

— Por falar nela, quem a vai acolher até o abrigo lhe arranjar uma casa? — perguntou o Nash.

— Nunca pensei que poderia ficar desiludida com uma história de resgate de um cão — anunciou a Amanda, após um momento de silêncio.

— Vamos voltar à cobardia do Stef — sugeri.

Um pedaço de couve-flor fez ricochete na minha face e aterrou no chão.

O Lou abriu a porta, e a vaga de cães entrou. A *Kitty*, a *pit bull* da Liza J, pousou o rabo nos meus pés e ergueu o olhar para o cão vestido com uma camisola com abóboras nos meus braços. O *Waylon* devorou a couve-flor caída, enquanto a *Beeper* fazia sapateado aos pés do Lou.

— O frango está pronto — anunciou ele. — Perdi alguma coisa?

— Nada — dissemos o Nash e eu em coro.

OITO

FEIJÕES-VERDES E MENTIRAS

Nash

O jantar foi caótico, como eram sempre as reuniões da família Morgan. Mas, o que em tempos me fora prazeroso, agora era apenas esgotante.

As conversas voavam de um lado para o outro da grande mesa, com música *country* a tocar em fundo. Era tudo rápido de mais para eu conseguir acompanhar, quanto mais participar, mesmo se tivesse energia — e não tinha. Passara todo o dia na esquadra, a ser seguido por um *marshal* que parecia retirar muito prazer de me pôr fora de mim.

Estava cansado até aos ossos. Mas tinha ido ali por uma razão, que era obter respostas da Lina «Os Seguros São Uma Seca» Solavita. Ela mentira-me, mentira à minha família, e eu ia descobrir porquê.

Tinha trazido a *Piper* para me fazer companhia. A cadela parecia tão exausta como eu me sentia. Encontrava-se ferrada, enroscada contra a *Kitty* na cama para cães, ao canto. O resto da tropa canina estava demasiado excitada para se juntar à festa e tinha sido enxotada lá para fora.

A comida passava de mão em mão, e os copos eram reabastecidos, por vezes sem qualquer pedido. Eu mantive-me com uma só cerveja e obriguei-me a comer apenas o suficiente para não atrair atenções. Nós, os Morgans, não tínhamos jeito para falar de sentimentos, o que significava que o meu irmão e a minha avó me deixavam em paz. Mas a Naomi e os pais eram do tipo de detetarem um problema e falarem dele sem parar, enquanto faziam de tudo para o resolver.

Ao receber alta do hospital, tinha voltado para um apartamento limpo, roupas lavadas e um frigorífico abastecido de refeições. Os Witts tinham tornado claro que, além de terem adotado o Knox e a Waylay, me adotavam

também.

Depois de uma vida no conforto da disfunção da família Morgan, aquilo era bastante desconcertante.

Metade da mesa rompeu em gargalhadas por alguma coisa que me escapara. O riso foi tão súbito que me sobressaltou. À *Piper* também, aparentemente; soltou um latido preocupado. Imperturbável, a *Kitty* pousou a sua grande cabeça no corpo da *Piper* e, no espaço de uns segundos, estavam as duas de novo a dormir profundamente.

Aquilo era mais vida do que aquela velha casa vira desde a minha infância, mais do que eu conseguia aguentar. Estava preparado para fazer o que aprendera a fazer, abrir o meu caminho a pulso. Mas a presença da Lina, à minha esquerda, produzia-me uma bola de sentimentos que se emaranhavam no meio do vazio que agora vivia a tempo inteiro no meu peito. Aquele braseiro de atração que eu não compreendia continuava ali, juntamente com uma pontada de culpa por tê-la usado para dar uns golpes no parvalhão do Nolan. Mas, acima de tudo, eu estava zangado.

Ela tinha deliberadamente induzido em erro toda a gente no que respeitava ao seu trabalho. Isso para mim equivalia a uma mentira. E eu não tolerava mentiras nem mentirosos.

A nossa troca de palavras matinal deixara-me com perguntas.

Tinha feito algumas pesquisas, entre despachar documentos e ajudar o Controlo Animal a capturar um cavalo parvo dos Bacon Stables, depois de ele ter deixado um rasto de merda pela Second Street.

Mas a mesa de jantar não era sítio para começar o interrogatório. Assim, controlei-me e tentei limitar o número de vezes que olhava na direção dela.

A Lina vestia calças de ganga e um casaco de malha cinzento que parecia macio como uma nuvem. Dava-me vontade de estender o braço e tocar-lhe, de esfregar a minha cara no tecido. De...

OK, *tarado*. *Vê se te controlas. És um homem deprimido e zangado, não um stalker cheira-camisolas.*

Despertei daquele nevoeiro e fiz uma fraca tentativa de participar na conversa.

— Lou, como vai o golfe? — perguntei.

À minha direita, a Amanda deu-me um pontapé debaixo da mesa. A Naomi engasgou-se com o café.

O Lou apontou-me o garfo da extremidade da mesa.

— Eu digo-te. É impossível que o Buraco Nove seja um par três.

— E agora todos temos de sofrer — sussurrou a Amanda, enquanto o marido se lançava num discurso sobre as aventuras e desventuras no *green*.

Fiz um esforço para desviar as minhas atenções da Lina à medida que o Lou nos dizia as dez maiores razões pelas quais o Buraco Nove estava mal sinalizado.

A *Piper* estava a emitir aquele assobio nasalado estranhamente alto que me acordara duas vezes durante a noite. A ponta da sua cauda agitou-se duas ou três vezes, como se ela estivesse a ter sonhos felizes. Pelo menos era melhor do que acordar com o outro barulho, aquele que vivia apenas na minha cabeça.

Os olhos da Naomi cintilaram quando o Knox fez deslizar a mão por trás da sua cabeça e lhe segredou qualquer coisa ao ouvido. A Waylay esperou até os seus guardiões estarem ocupados e escondeu dois feijões-verdes no guardanapo. Apanhou-me a olhar e fingiu-se inocente.

A noite caíra do outro lado das vidraças, fazendo desaparecer as árvores e o riacho. No interior, as luzes estavam baixas, e as chamas das velas tornavam o ambiente ainda mais aconchegante.

— Passa o frango, Nash — disse a Liza da cabeceira da mesa.

Eu peguei na travessa e virei-me para a esquerda. Os dedos da Lina emaranharam-se nos meus, e quase deixámos cair a travessa.

Os nossos olhos encontraram-se. Havia uma centelha de irritação naqueles olhos castanhos, provavelmente provocada pelo nosso encontro naquela manhã. Mas, no cômputo geral, eu tinha mais razões do que ela para estar chateado.

Ela tinha-se maquilhado e estava penteada de maneira diferente. Fazia-me lembrar uma fada radical. Os brincos eram sininhos que pendiam dos lóbulos, sedutores. Tocavam sempre que ela se ria. Mas agora não se estava a rir.

— Ainda hoje, de preferência — disse a Liza J, acutilante.

Consegui passar a travessa sem deitar o frango ao chão. Os meus dedos estavam quentes do seu toque, e eu fechei a mão em punho no colo para segurar o calor.

— A tua cara está uma merda — anunciou-me o Knox.

— Knox! — exclamou a Naomi, exasperada.

— O que é? Se ele vai deixar crescer a barba, que deixe crescer o raio da barba ou que tenha a decência de marcar uma hora para se sentar no raio da minha cadeira. Seja como for, empenha-te. Não andes pela cidade com um campo mal semeado na cara. Faz má publicidade à Whiskey Clipper — queixou-se o meu irmão.

A Waylay pousou a cabeça nas mãos e resmungou qualquer coisa sobre um frasco e vegetais.

Esfreguei o maxilar com a mão. Mais uma vez, tinha-me esquecido de fazer a barba.

— Come mais uns feijões-verdes, Nash — disse a Amanda, à minha direita, servindo uma colherada por cima da outra em que eu ainda não tinha tocado.

A Waylay captou-me o olhar do outro lado da mesa.

— Esta família tem uma obsessão por coisas verdes.

A minha boca estremeceu. A miúda ainda estava a habituar-se à cena da «família», depois de uma curta vida com uma má influência.

— Waylay, não queres pedir uma coisa ao Knox e ao Nash? — instou a Naomi.

A Waylay baixou o olhar para o prato por um segundo, antes de encolher os ombros num aborrecimento de pré-adolescente.

— É uma coisa parva. Vocês não têm de a fazer. — Ostensivamente, espetou um feijão-verde com o garfo e franziu a cara ao morder o pedacinho mais minúsculo possível.

— Talvez te enganes. Nós gostamos de coisas parvas — disse-lhe eu.

— Bom, há um desafio *Girl Dad* no TikTok em que os pais deixam as filhas maquilhá-los. E pintar-lhes as unhas. E algumas também os penteiam — começou ela.

O Knox e eu, paralisados, trocámos um olhar de terror.

Nós alinhávamos.

Odiaríamos cada segundo. Mas alinhávamos, se era o que a Waylay queria.

O Knox engoliu em seco.

— OK. E...? — Parecia que estava a ser estrangulado.

A Naomi suspirou.

— Waylay Witt!

O sorriso da miúda foi diabólico.

— O que é? Estava só a impingir-lhes uma coisa pior, para que eles dissessem que sim ao que realmente quero que façam.

Eu relaxei com a dissipação da ameaça de batom e pestanas postiças.

O Knox recostou-se na cadeira, revirando os olhos para o teto.

— Que raio vou fazer com ela aos dezasseis anos?

— Oh, caramba! — resmungou a Waylay.

— Frasco! — disse o Stef.

— Se tu parasses de praguejar a cada frase, talvez pudéssemos estar a comer batatas fritas e rolinhos de *pepperoni* em vez de feijões-verdes — lamentou-se a Waylay.

Os brincos da Lina tilintaram por ela estar a tentar conter o riso.

— O que é que queres de nós, na verdade? — perguntei.

— OK. A minha escola vai fazer uma cena parva, o Dia das Profissões, e eu pensei que talvez não fosse horrível se tu e o Knox fossem à minha aula falar dos vossos trabalhos e assim. Podem dizer que não — acrescentou, apressada.

— Queres que eu e o teu tio Nash falemos à tua turma? — perguntou o Knox.

Eu esfreguei a testa e tentei afugentar todos os «nem pensar» que me ecoavam na cabeça. As relações com a comunidade eram parte integrante do meu trabalho, mas eu tinha evitado todos os eventos públicos desde... antes.

— Sim. Mas só se fizerem boa figura, porque a mãe do Ellison Frako é juíza da comarca e vai fazer um julgamento a fingir. Portanto, tipo, não apareçam para falar de papelada e de extratos bancários. — Eu sorri, escarninho. Papelada e extratos bancários eram noventa por cento do trabalho do meu irmão. A Waylay olhou para mim. — Lembrei-me de que talvez tu possas fazer uma cena fixe, tipo atingir um dos rapazes irritantes com um *taser*.

Ao meu lado, a Lina engasgou-se na cerveja com uma gargalhada. Sem palavras, passei-lhe um guardanapo.

A Naomi lançou-me um olhar implorante.

Como se eu não soubesse o quanto custava à Waylay pedir o que queria.

— Posso não descarregar armas na sala de aula, mas é provável que arranje alguma coisa — disse eu.

Uma gota de suor frio serpenteou-me pelas costas. Mas a expressão aturdida e feliz da Waylay fazia com que tudo valesse a pena.

— A sério?

— Sim. A sério. Mas devo avisar-te de que o meu trabalho tem muito mais estilo do que o do Knox.

O Knox fungou.

— Oh, vais ver.

— O que é que vais fazer? Reconstituir uma vitória na lotaria? — zombei.

Ele atirou-me um pedaço de batata encarnada do outro lado da mesa.

Eu respondi com uma mão-cheia de feijões-verdes.

— Meninos! — admoestou a Amanda.

A Waylay dirigiu-me um daqueles sorrisinhos que eu tanto apreciava. Uma coisa era fazer sorrir uma criança feliz, mas arrancar um sorriso a uma menina que tinha muitas razões para não sorrir era como ganhar uma medalha de ouro.

— Agora falando de assuntos sérios: quem é que quer levar a *Piper* para casa? — voltei a perguntar.

— Oh, ora, Nash. Sabes que isso não seria justo para a pobre querida. É óbvio que ela já criou laços contigo — observou a Amanda.

Depois da tarte e do café, a festa dividiu-se, ao som de uma canção da Patsy Cline, uma das preferidas da minha mãe.

O Knox começou a lavar a louça, enquanto a Naomi ia lá para cima supervisionar o trabalho de casa da Waylay. O Lou e a Amanda ofereceram-se para acompanhar a Liza J a casa. A *Piper* ganiu tristemente à porta, ao ver a *Kitty* desaparecer na noite.

Eu também queria desaparecer, mas as boas maneiras não permitiam que me fosse embora sem dar pelo menos uma ajuda. Voltei para a sala de jantar e encontrei a Lina a recolher pratos de sobremesa vazios.

— Dá cá isso — disse eu. — Vai juntando os talheres.

Ela pousou os pratos na mesa, em vez de mos entregar.

— Então, tu e o *marshal* Graham pareciam amigos esta manhã.

Foi a frase errada.

Os garfos e facas que ela tinha juntado tiniram ao serem largados numa travessa vazia.

— A sério? — Os seus olhos faiscaram, e ela cruzou os braços. — Qual é o teu problema com o Nolan?

O meu problema é que ele era Nolan para ela, não *marshal* Graham.

— O meu problema é que o teu amigo Nolan não me larga. Seguiu-me até aqui. Diacho, é provável que esteja neste momento estacionado ali no carreiro.

Ela tamborilou com as unhas vermelho-escuras nas mangas da camisola. Duro e afiado sobre macio.

— Ele não é meu amigo. E podias pelo menos tê-lo convidado a entrar.

O caraças é que podia.

Na cozinha ouviu-se um estilhaçar seguido de meio minuto de palavrões:

— Foda-se, porque é que a merda dos pratos molhados são tão escorregadios? Onde temos a merda da vassoura? — rosnou o Knox.

— Frasco vezes três! — gritou a Naomi lá de cima.

— Senta-te — disse eu.

Os olhos da Lina estreitaram-se.

— Desculpa?

Puxei de uma cadeira e aponte para ela.

— Senta-te, já disse.

O *Waylon* entrou a galope na sala, plantou o rabo no tapete, aos meus pés, e olhou em redor em busca de uma guloseima. A *Piper* juntou-se a ele, de olhar esperançoso.

— Fizeste-a bonita — disse a Lina.

Resmungando entre dentes, tirei duas das guloseimas que tinha no bolso e dei uma a cada cão. Depois puxei outra cadeira e sentei-me.

— Por favor, s-e-n-t-a — disse, com um gesto para a cadeira vazia.

Ela levou o seu tempo a fazê-lo, mas sentou-se.

— Isto não é uma sala de interrogatório, valentão. E eu não sou uma suspeita. Qualquer relação passada ou presente entre mim e o Nolan é assunto que não te diz respeito.

— Aí é que te enganas, Angelina. Sabes, é que eu não acredito em coincidências, especialmente quando são aos montes. Nunca tinhas vindo aqui visitar o meu irmão. De repente, apareces e decides surpreendê-lo com uma visita sem final marcado. Improvável, mas está bem. Também apareces depois de eu ser alvejado e imediatamente antes de a Naomi e a Waylay serem levadas. Mais uma vez, pode ser apenas coincidência.

— Mas tu achas que não é — disse ela, cruzando os braços.

— Depois, por mero acaso, tens um historial com o *marshal* encarregado de

me infernizar os cornos.

A Lina entrelaçou os dedos sobre a mesa e inclinou-se para a frente.

— O Nolan e eu tivemos uma aventura suada e nua que durou quarenta e oito horas, num motel em Memphis, há cinco ou seis anos.

— Foi mais ou menos na altura em que recuperaste 150 mil dólares em joias para os teus patrões da Pritzger, não foi? E os fulanos de quem as recuperaste, por acaso, eram objeto de uma investigação do FBI, não eram?

Ela estudou-me durante um longo momento.

— Onde obtiveste essa informação?

— Foi uma detenção em grande. Veio nas notícias.

— O meu nome não foi mencionado em nenhuma delas — disse a Lina, friamente.

— Ah. Mas foi mencionado no relatório do incidente da esquadra da polícia.

OK, eu tinha investigado um pouco mais a fundo.

Ela expirou entre dentes.

— O que é que queres?

— Porque estás aqui? E não me venhas com a treta das saudades do velho amigo Knox — adverti, quando ela abriu a boca. — Quero a verdade.

Exigia a verdade.

— Vou falar devagar, para tu poderes perceber tudo à primeira. Eu não sou da tua conta. Os meus assuntos, incluindo quem sou ou de quem fui «amiga», o que faço para viver e porque estou na cidade, também não são da tua conta.

Eu inclinei-me mais, até os nossos joelhos se roçarem sob a mesa.

— Com todo o respeito, Angelina, sou eu quem tem os buracos. E, se estás aqui por alguma razão relacionada com isso, então é claramente do raio da minha conta.

O telemóvel dela tocou, e a identificação no ecrã dizia «Pai».

A Lina carregou com brusquidão no botão de ignorar e afastou o telemóvel com movimentos tensos.

— Fala. Já — disse eu.

Ela arreganhou os dentes, e os seus olhos tornaram-se escuros e perigosos. Por um segundo, pensei que me ia atacar, e delicieei-me com a ideia de a sua fúria se erguer e chocar com a minha, despertando-a e atijando-lhe as chamas infernais.

Mas o inferno foi interrompido por um alarme estridente.

A Lina deu uma palmada no relógio de pulso, mas não antes que eu visse o número no ecrã, junto do coração vermelho.

— Isso é um alerta de pulsação? — perguntei.

Ela levantou-se da cadeira com tal brusquidão que assustou os cães. Eu pus-me de pé.

— Isto, como todas as coisas relacionadas comigo, não é da sua conta, chefe — disse ela, começando a dirigir-se para a porta.

Quase a alcançou, mas tínhamos ambos subestimado o meu nível de fúria. Apanhei-a; a minha mão fechou-se no seu pulso, e eu puxei-a para trás.

Ela girou. Eu avancei. E foi assim que dei por mim cara a cara com ela, cujas costas estavam contra a parede.

Estávamos ambos ofegantes, e os nossos peitos moviam-se um contra o outro a cada inspiração. Ela era uma mulher alta, de pernas compridas, mas eu ainda tinha uns centímetros de vantagem, obrigando-a a inclinar a cabeça para trás para olhar para mim. A pulsação na base da sua garganta era visível.

Sim. Era um sussurro no meu sangue. Quanto mais eu me aproximava dela, mais ele se elevava.

Controlado, percorri com a mão o seu braço até ao pulso e ergui-o. Ela observou-me, sem se soltar. Interrompi o contacto visual para olhar para o relógio.

— É um ritmo cardíaco bastante alto para quem estava sentada a conversar — observei.

Ela tentou soltar-se, mas eu segurei-a.

— Eu não estava sentada a conversar. Estava sentada a tentar não partir o nariz a um bófia.

Eu continuava com a mão dela na minha. A outra estava fechada em punho na minha camisa. Mas não estava a afastar-me. Estava a segurar-me no sítio.

— Vamos os dois ter calma — disse eu, mansamente.

— Ter calma?! Tu queres que eu tenha calma? Uau. Porque é que não me lembrei disso?

Eu tinha escalado o vulcão, e agora estava a olhar para lava pura e derretida. Tudo o que me apetecia era saltar para aquele calor glorioso.

— Diz-me o que temos aqui — insisti. — Precisas de um médico?

— Oh, meu Deus, Nash. Se não me largares imediatamente, nenhum júri no mundo vai responsabilizar-me pelos danos que o meu joelho vai produzir nos teus testículos.

A ameaça, combinada com o modo como ela se mexia contra mim, tinha-me feito passar da meia haste para uma ereção firme e hirta.

Merda.

A seguir, estávamos ambos a mexer-nos.

Eu tinha-a totalmente presa à parede, com uma mão na sua cintura, logo abaixo do seio, e a outra espalmada na parede, junto da sua cabeça. Entretanto, os nós dos seus dedos estavam brancos contra a minha camisa, segurando-me junto dela.

Eu conseguia seguir a sua respiração quando ela inspirava, expandindo o peito, antes de a expiração me aquecer a cara e o pescoço. Inspirava-a e balançava contra ela.

Tinha de me afastar. Além de ser uma péssima ideia envolver-me com uma mulher que, sabia-o, estava a mentir-me, havia o facto de a minha cabeça estar a interferir com a minha pila.

— Queres que eu me afaste? — perguntei, percorrendo com o nariz a sua linha do maxilar.

— Sim — silvou ela. Mas as suas mãos puxaram-me mais para si.

— Queres que eu pare de te tocar, Angel? — Rezei a todas as deidades religiosas que me ocorreram e juntei alguns músicos e celebridades, pelo seguro.

Divina Dolly Parton, por favor, faz com que ela não diga sim.

As suas pestanas estremeceram. Surpresa e uma outra coisa ganharam vida naqueles belos olhos castanhos.

— Não. — Era um sussurro. Um apelo velado que me fez ferver o sangue.

Os nossos olhares encontraram-se enquanto a minha mão subia até os dedos roçarem a parte de baixo do seu seio. O meu sexo latejava dolorosamente por trás da braguilha. Pequenas línguas de chamas aqueciam-me os músculos.

A Lina soltou um pequeno gemido *sexy*, e juro pela Dolly que quase me vim ali mesmo. Guardei o som na memória, sabendo que o recordaria uma e outra vez. Sabendo que, mesmo que o meu sexo nunca mais funcionasse, eu continuaria a fechá-lo na mão à lembrança do som que saía daqueles lábios

entreabertos.

Ela pressionou as ancas contra mim e quase me partiu. Talvez o fizesse. Talvez eu a tivesse arrastado para o chão e usado os meus dentes e a minha língua até ela estar nua e a implorar por mim.

Mas os «talvez» não estavam nas cartas.

— Com mil diabos, o que estão a fazer, porra?! — rosnou o Knox. Tinha uma vassoura numa mão e uma cerveja na outra e parecia ter vontade de quebrar ambas na minha cabeça.

— Estamos a ter uma conversa particular — respondi, ríspido.

— O tanas é que estão! — rugiu o meu irmão.

— Na verdade, eu estava já de saída — disse a Lina, com as faces afogeadas de um rosa provocador. — Se quiser voltar a fazer um interrogatório a sós, chefe, certificar-me-ei de que terei a presença de um advogado.

— Juro por Deus, Nash, se não te afastares, parto-te esta garrafa nos cornos e a seguir obrigo-te a apanhares os vidros com a merda da vassoura.

Estar noivo e feliz começava definitivamente a afetar a habilidade do meu irmão para formular ameaças.

Ainda assim, não era sensato da minha parte ficar de costas para ele. Retirei a mão da cintura da Lina e tentei recuar um passo. Mas ela continuava agarrada à minha camisa.

— És tu quem tem de largar, querida — sussurrei. Ela baixou o olhar para as mãos enclavinadas na minha camisa e começou lentamente a abri-las. — Estás em condições de conduzir? — perguntei.

— Ela bebeu a merda de uma cerveja. Vais fazer uma operação de controlo de alcoolemia na minha sala de jantar? — interpôs o Knox.

— Eu não estava a falar da cerveja — disse eu entre dentes.

— Estou bem. Obrigada pelo jantar, Knox. Vemo-nos por aí.

Ela contornou-me e saiu porta fora.

— Que. Porra. Foi. Aquilo? — O Knox pontuou cada palavra com um golpe do cabo da vassoura nas minhas costelas.

— Au!

— Não — disse ele.

— Não, o quê?

Com o cabo da vassoura, o Knox apontou para a porta pela qual a Lina saíra,

e depois para mim.

— Isto. Não vai acontecer.

Ignorei o comentário.

— O que é que sabes sobre a Lina?

— Que diabo queres dizer? Conheço-a desde sempre.

— Sabes o que ela faz profissionalmente?

— Trabalha em seguros.

— Errado. É inspetora de seguros para a Pritzger Insurance.

— Não vejo a diferença.

— É basicamente uma caçadora de recompensas de propriedade privada.

— E então?

— Então, apareceu na cidade logo a seguir a eu ter levado com duas balas. Mentiu sobre o que faz para viver e conhece o *marshal* que não me larga. Não achas interessantes estas coincidências?

— Porque é que toda a gente na minha vida quer falar das coisas até faltar?
— resmoneou o Knox.

— Porque usa ela um relógio que lhe monitoriza o ritmo cardíaco?

— Como raio queres que eu saiba? Os idiotas que correm por prazer não usam todos isso? Estou mais preocupado com a razão pela qual o meu irmão encurralou uma das minhas melhores amigas contra uma parede.

— Tens algum problema com isso?

— Sim. E bem grande.

— Importas-te de explicar?

— Não, porra! Tu e a Lina não vão acontecer. Ponto final. Não são precisas explicações.

— Essa estratégia alguma vez funcionou com as tuas miúdas?

Com um ar fatigado, o Knox puxou de uma das cadeiras e sentou-se.

— Até agora, não, mas tenho esperança de que algum dia elas me deixem vencer. Senta aí o rabo. — Indicou a cadeira que a Lina deixara vaga.

Assim que me sentei, a *Piper* arranhou-me as canelas, e eu peguei nela. Enroscou-se contra o meu peito e soltou um suspiro. Como se eu a fizesse sentir-se segura. Raio da cadela.

— Queres falar. Está bem. Cala a boca e ouve. Acredita quando te digo que a Lina é o tipo de amiga que convém teres do teu lado. Não só porque é o

demónio em pessoa quando a irritam, mas porque é das boas. Se ela não dá à língua sobre profissões e estúpidos relógios inteligentes, tem alguma razão para não contar. Talvez a razão seja o facto de tu ainda não lhe teres conquistado a confiança. Ou talvez porque essas merdas não são da tua conta.

— Eu sei...

O Knox cortou-me a palavra.

— Calou. Ela é uma das melhores pessoas que conheço. Tu também. Remedeia a situação com ela e deixa-a em paz. Não vou deixar que haja joguinhos entre vocês. E para de a prender contra paredes. Aquela mulher detesta que lhe toquem. Nem acredito que ela não te tenha arrancado os tomates à saída. — A Lina detestava ser tocada? Era novidade. — Vamos sair amanhã à noite. Tu, eu e o Lucy — prosseguiu o meu irmão.

Abanei a cabeça.

— Estou sobrecarregado...

— Vamos sair amanhã à noite — repetiu ele. — Honky Tonk, às nove da noite. É o teu dia de folga, e, se tentares cancelar, o Lucy e eu aparecemos na tua casa e arrastamos-te de lá para fora. Temos merdas para discutir.

NOVE

A VIZINHA EMPATA

Nash

Fiz um pirete à minha sombra federal no estacionamento, deixei a *Piper* na minha casa e, a seguir, contrariado, dirigi-me à porta ao lado. A porta da Lina agigantava-se à minha frente como uma muralha de castelo. Ouvia-se música no interior. Alguma coisa acelerada. Algo que dizia: «Cuidado: Mulher Zangada.» Hesitei por um segundo, e a seguir bati com força.

A porta abriu-se quase de imediato, e eu pestanejei de surpresa quando a senhora Tweedy apareceu no limiar. Segurava o seu habitual copo de *bourbon* com gelo e vestia a sua farda habitual de *leggings*, túnica e batom rosa-choque. O cabelo branco estava disposto num penteado alto e volumoso, que acrescentava dez centímetros ao seu metro e meio de altura.

Verifiquei o número do apartamento, perguntando-me como diabo batera à porta errada.

— Ora, se não é o Garanhão Certinho — disse ela, no seu sotaque sulista.

O gelo no copo tiniu alegremente.

Era o 1.º B. Mesmo ao lado da minha porta. Não me tinha enganado no apartamento. A senhora Tweedy é que estava a abrir a porta errada.

— A Lina está? — perguntei.

— Não. Eu arrombei a porta. Queres algemar-me? — Estendeu as mãos, de pulsos unidos, e agitou as sobrancelhas de modo sugestivo.

Aos 76 anos, a January Tweedy era tão espreitada que eu estremecia ao pensar em como ela teria sido na adolescência.

A Lina apareceu à porta, por trás dela, e eu soltei um suspiro de alívio.

— Em que posso ajudá-lo, chefe? — perguntou a Lina. O seu tom era gélido.

— Precisa de saber o que almocei hoje? Uma lista de todas as pessoas com

quem falei desde que cheguei aqui?

— Eu estou nessa lista. Somos MAPC — interpôs a senhora Tweedy.

— MAPC? — repeti.

— Melhores amigas pra caraças — disse ela. — Tens algum problema aqui com a Lina? Tens um problema maior comigo. Ah, e também preciso de que vás lá a casa tirar outra vez o meu relógio do triturador de lixo.

Os lábios da Lina estremeceram. Mas todo o divertimento se desvaneceu quando me apanhou a olhar para ela.

— Senhora Tweedy, se me deixar falar a sós com a Lina, eu passo lá a seguir e tiro-lhe o relógio do lava-louça.

— E penduras a minha cortina de duche nova.

— Mais uma cortina de duche nova? Que diabo aconteceu à última?

Rebelde, ela bebeu um gole de *bourbon*.

— Isso pareceu-me um «não», e a ti, Lina?

— Um «sim» é que não foi — concordou ela.

— Está bem. Relógio e cortina de duche. Agora, vá-se embora — disse eu.

A senhora Tweedy deu-me uma palmadinha na face.

— És um bom menino, Nash. Vê lá se deixas de andar empinado. Qualquer dia, torna-se permanente. — Virou-se para a Lina. — Vemo-nos no ginásio amanhã de manhã. Bem cedinho!

— Foi um prazer conhecê-la — disse a Lina, enquanto ela se afastava.

Toda a simpatia desapareceu no segundo em que a porta da frente se fechou.

— Se vieste aqui para continuar o interrogatório...

Apoiei o antebraço na moldura da porta.

— Não, minha senhora.

— Não me venhas com «minha senhora». Isto é o norte da Virgínia. Escusas de te fazer de bronco. As maneiras sulistas não resultam comigo.

A porta da senhora Tweedy entreabriu-se atrás de mim.

— Vim pedir desculpa — disse eu, ignorando o público ouvinte. A Lina cruzou os braços. — Não me vais facilitar nada, pois não?

— Porque o faria?

Decidi arriscar mais. Pousei-lhe uma mão no ombro e, delicada mas firmemente, fi-la recuar para dentro, fechando depois a porta atrás de mim.

— Claro. Entra. Fica à tua vontade — disse ela, secamente.

Não parecia que ela própria tivesse feito muito para impedir isso.

Os únicos pertences pessoais que vislumbrei eram uma planta suspensa numa das janelas da frente e aquela caixa de arquivo sobre a mesa.

Fi-la recuar mais um passo e a seguir retirei a mão.

— Baixa a música. Por favor — acrescentei, quando fui fulminado pelo seu olhar.

Ela fez-me esperar tanto que pensei que teria de ser eu a fazê-lo; por fim, dirigiu-se à mesa e pegou no telemóvel. A música reduziu-se a um rugido em surdina.

Não me escapou o facto de ela fazer um desvio para pôr a tampa no arquivador.

— Alguma vez tiveste uma experiência de quase-morte? — perguntei.

Ela imobilizou-se.

— Por acaso, tive — disse, em voz neutra.

— Vou querer algumas respostas sobre isso mais tarde — avisei-a, após um momento. — Mas, por agora, vou presumir que sabes melhor do que a maioria o que é acordarmos e apercebermo-nos de que ainda aqui estamos, quando quase deixámos de estar.

Ela não me dirigiu mais do que um olhar neutro, com aqueles olhos cor de *whiskey*.

Soltei uma respiração inquieta.

— Angel, eu quase me esvai em sangue numa vala. Grande parte de mim ainda cá está, mas uma parte não sobreviveu. Se o estares aqui tem alguma coisa que ver com isso, eu mereço saber.

Ela fechou os olhos por um momento, com as longas pestanas a sombrearem a pele bronzeada.

Quando abriu os olhos, susteve o meu olhar.

— Não estou aqui por tua causa.

Parecia ser verdade.

— É tudo o que estás disposta a dar-me? — insisti.

Ela franziu os lábios.

— Veremos como corre a parte do pedido de desculpas da tua apresentação. E é bom que inclua um «Desculpa por ser um idiota e ter dado a entender a um *marshal* que fizemos sexo».

— Peço desculpa pelo interrogatório. Sinto que não tenho chão, e estou a fazer o melhor que posso numa situação de merda. Parecia que estavas a esconder alguma coisa, especialmente quando vi o Bigode Irritante a atirar-se a ti esta manhã. Estou habituado a confiar no meu instinto. Ainda tenho de me habituar ao facto de que já não posso fazer isso.

Os olhos dela estreitaram-se.

— Porque é que não podes?

— Porque fui direitinho àquele carro.

A Lina deixou cair os braços ao longo do corpo e soltou um som irritado.

— Como pode uma mulher guardar rancor perante o número do herói soturno e ferido?

— A minha esperança é que não possa — confessei.

Ela inspirou profundamente e expirou.

— Está bem. Estou na cidade em busca de uma coisa. — Ergueu um dedo na minha direção quando eu abri a boca. — Não vim aqui por alguém te ter metido uma ou duas balas no corpo. Ando à procura de uma coisa que foi roubada a um cliente. Alguns indícios apontaram nesta direção. O meu caminho e o do Nolan cruzaram-se há anos, noutro trabalho. Eu não sabia que ele estava na cidade, e vice-versa.

— Estás a planear cruzar de novo o teu caminho com o dele enquanto estiverem os dois aqui?

Havia uma distância de cerca de meio metro entre nós, e eu juro que ouvi um estralejar no ar, como se um relâmpago estivesse prestes a atingir-me.

— Não percebo porque pensas que isso é da tua conta — disse ela.

— Eu digo-te, se tu disseses que aceitas as minhas desculpas.

— Está bem. Desculpas aceites.

— És rápida — observei.

— Para de empatar — ordenou ela.

— Vou ser honesto, e é provável que não gostes.

— Só há uma maneira de saber.

— Eu gosto de te picar. Provoquei-te e, em grande parte, lamento tê-lo feito — admiti.

— Porquê?

— Porque é que lamento?

— Não. Apesar do modo como agiste de manhã e à noite, não és idiota. Sabes que eu seria uma vizinha assustadora se ficasse zangada. Porque me provocaste? — perguntou ela.

— Tu fazes-me sentir coisas. E, depois de muito tempo sem sentir nada, sentir alguma coisa, mesmo que seja raiva ou adrenalina, é melhor do que nada. — A centelha de luz nos seus olhos liquefez-se. Eu dei um passo lento na sua direção. — Sempre que estou perto de ti, sempre que te ris, ou me olhas tal como estás a olhar agora, ou ficas irritada, eu sinto alguma coisa.

— Que tipo de alguma coisa?

Dei mais um passo e encurtei a distância entre nós.

— Boa — disse, arriscando e fechando ligeiramente as mãos em redor dos seus bíceps. Ela não se afastou. — Mas, para ser honesto, «boa» é praticamente o oposto de tudo o que tenho sentido. Posso estar a tentar ganhar coragem para lutar pelo direito de estar perto de ti. Mas não posso fazer isso se houver outro homem na tua cama.

Ela franziu os lábios e ponderou.

— Neste momento, não há ninguém a ocupar esse espaço — disse por fim.

— Incomoda-te que eu te toque? — perguntei.

Ela revirou os olhos.

— Calculo que o Knox tenha aberto aquela sua grande boca.

— Pode ter mencionado que tu tinhas um problema.

— E, no entanto, aqui estás tu, com as mãos em cima de mim — observou ela. — Mostra que tens tomates.

— O meu irmão ficou surpreendido por tu me deixares aproximar tanto e não mos arrancares. Isso fez-me pensar. E se?

— E se o quê?

— E se tu gostares tanto de que eu te toque como eu gosto de te tocar?

Estava suficientemente próximo para a beijar. Seria bastante fácil inclinar-me e fazer desaparecer a distância. Sentir aquela boca inteligente sob a minha e saborear os seus segredos. Algo nisso me parecia tão certo. Tão inevitável.

— Está bem, eu brinco. E se gostar?

Ela tinha salpicos de ouro e topázio naqueles olhos castanhos que me mediam.

— E se me deixares aproximar?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Aproximar quanto, exatamente?

Dei meio passo para ela, colando totalmente o corpo ao seu. Todos os nervos do meu corpo ganharam vida com aquele contacto, como se ela fosse um conjunto de cabos de arranque e eu fosse uma bateria descarregada.

— O mais próximo que deixares. Não é só que eu queira isto, Angelina. Preciso disto.

— Estás a dizer que queres que eu sirva para uma espécie de queca de apoio emocional?

— Estou a dizer que quero aproximar-me tanto quanto tu me deixares. Quanto mais perto estou de ti, melhor me sinto. Como agora — disse, baixinho. — Sinto-me finalmente capaz de respirar.

Ela ergueu uma mão até ao meu peito e pressionou-a contra ele.

— Isso é... muita pressão.

— Eu sei — admiti. Não se tratava de procurar uma cena de uma noite. Era procurar uma âncora. Algo a que me pudesse agarrar na tempestade. — Cartas na mesa?

— Porquê parares agora?

— Há um monte de razões pelas quais deves recusar. Uma das principais é que estou tão ferido que sei que há uma hipótese de nunca mais recuperar.

— Ninguém é perfeito — disse ela, com um trejeito daqueles lábios carnudos e macios.

As minhas mãos subiram-lhe pelos braços e a seguir voltaram a descer, só para eu sentir a suavidade da camisola, o calor do seu corpo.

— O Knox não nos quer minimamente perto um do outro.

— Temos pena, porque eu detesto que me digam o que fazer — disse ela, levando a outra mão ao meu peito. Pressionou-a ali, e eu encostei-me ao toque.

— Detesto surpresas e não tolero mentiras. Nem mesmo as pequenas.

— Eu desprezo o tédio e a rotina. Alguns diriam mesmo que atraio o drama.

— Até este verão, eu estava bastante decidido a encontrar uma mulher. Iniciar uma família — confessei.

Ela soltou uma gargalhada nervosa.

— Está bem. Essa assustou-me um pouco. Agora estás decidido a quê?

— A sentir-me vivo.

O seu olhar fixou-se no meu, e parecia o sol do meio-dia a aquecer-me até ao âmago.

— E achas que eu posso ajudar nisso? — perguntou ela.

O meu coração batia com força contra o esterno. Uma pulsação de resposta ecoou por todo o meu corpo, aquecendo-me o sangue, inquietando-me o sexo.

— Angel, já ajudaste.

Ela abriu muito os olhos, e eu receei ter ido longe de mais.

— Não és o meu tipo — disse por fim.

— Eu sei.

— Não estou a planear demorar-me.

— Também já percebi.

— Acabaste de dizer que procuravas uma mulher, Nash.

— Procurava. Agora tento apenas chegar ao fim de cada dia.

Ela soltou uma expiração que eu senti.

Continuámos a aproximar-nos mais e mais. De pé, no meio do seu apartamento quase vazio, enchemos de calor o espaço à nossa volta. Os seios dela roçaram o meu peito, e os pés descalços tocavam a ponta das minhas botas. A minha respiração agitava-lhe o cabelo.

— Preciso de te perguntar mais uma coisa — disse eu.

— Se for o nome de solteira da minha mãe e os últimos quatro algarismos do meu número da segurança social, vou perceber que isto é na verdade um esquema elaborado.

Eu percorri com um dedo o seu maxilar afilado.

— Gostas quando eu te toco?

Um arrepio percorreu-a.

— Porquê?

— Tu sabes porquê. Mas quero que o digas. Cartas na mesa.

O seu rosto suavizou-se.

— Aparentemente, não me importo quando as tuas mãos me tocam, valentão.

— Se isso mudar, preciso de saber. Imediatamente. — Ela hesitou antes de assentir. — Sim? — pressionei.

Ela voltou a assentir.

— Sim.

Levei uma das suas mãos do meu peito até ao ombro. Depois fiz o mesmo com a outra. Ela estava quente, viva e tão macia contra mim. Mudei o meu peso para um pé, fazendo-nos oscilar para o lado.

— Não podemos dançar um *slow* ao som dos Struts — observou ela, enquanto a batida de «Could Have Been Me» soava.

— Parece que é exatamente o que estamos a fazer.

Ela soltou uma respiração trémula. Passei a ponta de um dedo pela pulsação no seu pescoço. Apesar da sua calma exterior, a sua pulsação latejava sob o meu toque.

— A monitorização do ritmo cardíaco faz parte da tal história da experiência de quase-morte? — perguntei.

Ela deteve-se a meio do balanço; mordeu o lábio, parecendo indecisa pela primeira vez desde que eu me lembrava.

— Acho que talvez já tenhamos tido honestidade suficiente para uma noite — disse.

Eu não concordava. Mas era um homem paciente. Descobriria cada um daqueles segredos que a Lina guardava até ela estar tão despida como eu. Aconcheguei-lhe a cabeça sob o meu queixo, e a seguir fiz deslizar as mãos sob a bainha da camisola para lhe tocar a pele das costas. Inspirando os aromas do champô e do detergente da roupa, segurei-a contra mim, como se fosse uma carga preciosa, e oscilei.

Estava outra vez duro. Uma coisa era certa: a Lina Solavita sabia como fazer um homem sentir-se vivo.

Encontrava-me tão concentrado em absorver toda a suavidade e o calor que a Lina tinha para oferecer que ela reagiu primeiro à pancada na porta.

— A cortina do duche não se vai pendurar sozinha, chefe! — berrou a senhora Tweedy.

— Merda — rosnei.

— Parece que é melhor ires — disse a Lina, e os seus braços libertaram-me o pescoço.

— Parece que sim. Vais pensar no que te disse?

— É possível que não pense noutra coisa — confessou, com um sorriso irónico.

Delicadamente, tomei o seu rosto entre as mãos e avancei. Mas, em vez de me

dirigir para aqueles lábios carnudos que se entreabriram à minha proximidade, depositei-lhe um beijo na testa.

— Obrigado pela dança, Angel.

DEZ

TREINO COM OS VELHOTES

Lina

O ginásio de Knockemout era como o resto da cidade: um pouco grosseiro e muito interessante. Era um edifício longo e baixo, de metal, com um parque de estacionamento de gravilha. Às sete da manhã, este encontrava-se respeitavelmente preenchido com motos, carrinhas e veículos familiares de luxo.

Eu tinha passado uma boa parte da noite às voltas, a pensar na proposta do Nash. Não estava habituada a que um homem me afetasse e me deixasse obcecada daquele modo. Esperava que um bom treino me ajudasse a sacudir a ruminação constante sobre qual a proximidade exata que o Nash queria ter comigo. Ou qual a proximidade que estava disposta a permitir-lhe.

Sentia-me tentada. *Muito* tentada. Era exatamente o tipo de excitação em que o meu velho eu mergulharia. Mas não estaria na altura de romper com os velhos padrões? De aprender a fazer escolhas melhores?

Além disso, se lhe franqueasse a minha cama, ele queria aproximar-se mais. E isso significava que eu corria o risco de o Nash descobrir a minha praticamente insignificante omissão da verdade, o que para ele seria um ato de guerra. E era por isto que eu não me metia em nada que se parecesse minimamente com um relacionamento.

Sim, as mãos dele faziam-me sentir liquefeita e decadente como um queijo *gourmet* derretido, mas era um desafio que não me convinha aceitar. Um mistério que não era preciso resolver. A atitude mais inteligente seria evitá-lo. Ficar fora do seu caminho, terminar o meu trabalho e fazer-me à estrada.

No interior, a música era *rock* clássico pesado, em vez das animadas misturas *pop* preferidas pela maioria dos ginásios. Não havia camas de solário nem

poltronas de massagem, só filas de máquinas, halteres e gente suada.

— É nova? — A rapariga por trás da secretária ferrugenta tinha um *piercing* no nariz, uma tatuagem no pescoço e o corpo de uma deusa do ioga.

— Sim. Venho encontrar-me com a senhora Tweedy e os seus amigos.

Ela lançou-me um sorriso pronto.

— Divirta-se. E, definitivamente, assine isto. — Passou-me uma prancheta com um termo de responsabilidade.

Perplexa sobre quão mau poderia ser um treino com septuagenários, rabisquei o meu nome no final e devolvi-lha.

— Tente não se magoar a acompanhá-los — advertiu ela. — Os balneários são atrás de mim. O seu grupo está lá ao fundo. — Apontou para a extremidade do ginásio.

— Obrigada — disse eu, e encaminhei-me naquela direção.

O centro do espaço estava ocupado por algumas dezenas de máquinas de cárdio: passadeiras, elípticas, máquinas de remo, bicicletas estáticas. Ao fundo, havia um estúdio amplo, onde decorria uma espécie de treino de recruta. Alguém vomitava para dentro de um balde do lixo, e outra pessoa estava deitada de costas com uma toalha sobre o rosto enquanto o instrutor comandava o resto da turma num número excessivo de agachamentos.

A turma era uma mistura de adeptas de equitação, com as suas *leggings* de marca e relógios inteligentes de alta tecnologia, e *motards* exibindo as tatuagens, com *T-shirts* justas e bandanas. Nas passadeiras próximas, corriam um tipo branco na casa dos vinte, vestido da cabeça aos pés de *Under Armour*, e uma mulher negra de rastas prateadas e com um *top* de alças *Harley* que já vira melhores dias. O rosto dele estava contraído de esforço. Ela sorria.

A Agatha e a Blaze, lésbicas *motards* de meia-idade que frequentavam o Honky Tonk do Knox, saudaram-me das suas máquinas de degraus contíguas.

— Lina!

A senhora Tweedy acenou-me da secção dos halteres. Meia dúzia de idosos em fatos de treino iguais observaram-me enquanto me aproximava.

— Bom dia — disse eu.

— Malta, esta é a Lina, a minha nova vizinha e melhor amiga. Lina, é a malta — disse ela.

— Olá, Lina — disseram eles em uníssono.

— Olá, malta.

Eram o bando mais misturado que eu já vira. Pela aparência, as idades iam dos sessentas aos oitentas. Havia rugas e cabelos brancos, mas também músculos e sapatilhas topo de gama.

— Estás pronta para trabalhar? — perguntou a senhora Tweedy.

— Claro.

Desde que chegara à cidade, tinha-me praticamente limitado a correr. Um treino descontraído com pesos seria uma boa maneira de reentrar com calma nos treinos de força.

— Não comecem sem mim! — O Stef aproximou-se a correr, com equipamento de marca.

— Voltamos a encontrar-nos — disse-lhe eu.

— Já era tempo, Steffy — disse a mulher à direita da senhora Tweedy. Tinha o cabelo preto raiado de branco, e na sua *T-shirt* lia-se «O MEU AQUECIMENTO É O TEU TREINO».

— Estive no parque de estacionamento a tentar motivar-me — disse ele. Olhou para mim. — De certeza que aguentas isto?

Soltei um riso trocista.

— Corro oito quilómetros por dia. Acho que consigo acompanhar.

A senhora Tweedy bateu as palmas.

— Vamos lá aquecer estes ossos, pessoal!



— Oh, céus. Estou a morrer. Salva-te. Continua sem mim — implorei ao Stef.

Ele baixou-se e puxou-me para fora da comprida tira de tapete que corria ao longo de uma das paredes do ginásio. Os meus joelhos fraquejaram. Eu era uma casca desidratada de ser humano. Os meus músculos estavam demasiado fracos para me manterem de pé. Milagrosamente, o coração tinha-se mantido na zona de segurança durante o treino infernal, mas o resto do meu corpo rendera-se.

— Vê se te recompões, mulher. Se desistires agora, eles nunca mais esquecem — ofegou o Stef.

O suor pingava-lhe do peito. O seu cabelo, que normalmente tinha um aspeto perfeito, espetava-se em tufo por toda a cabeça.

Inspirei a custo.

— Não compreendo como um homem de setenta anos pode ter tanta força nas cordas de batalha. O bigode dá-lhe superpoderes?

O Stef apertou a garrafa de água sobre o rosto.

— O Vernon foi da Marinha. A reforma aborrecia-o, portanto começou a treinar para as competições Iron Man. Não é humano.

Encostei-me à parede junto do bebedouro e usei a bacia do meu *top* para limpar o suor dos olhos.

— E a senhora Bannerjee? Acabou de levantar cem quilos. *Oito* vezes.

— A Aditi começou a levantar pesos nos seus cinquenta. Tem três décadas de experiência.

— Vá lá! Podem descansar quando morrerem! — berrou a senhora Tweedy.

— Não sou capaz — gemi.

O Stef pôs-me as mãos nos ombros, mas o meu suor impediu-o de me segurar. Desistiu e encostou-se à parede, ao meu lado.

— Ouve-me. Nós *somos* capazes. Nós *vamos* conseguir. E, quando acabarmos, vamos ao Café Rev, pedimos *Red Line Lattes* e comemos o nosso peso em bolos.

— Preciso de mais motivação do que bolos.

— Merda. — Ele afastou-se da parede e encarou-me, com um aspeto doente.

— Merda, o quê? Acrescentaram mais bolas de parede? Da última vez, uma bateu-me na cara.

As bolas de parede eram um tipo especial de inferno que consistia em agacharmo-nos com uma pesada bola de exercício e a seguir sairmos explosivamente do agachamento, lançando a bola o mais alto possível. Eram piores do que as flexões com salto.

Eu detestava-as.

O Stef enfiou ambas as mãos no cabelo; depois, com uma careta, limpou as palmas nos calções.

— Como é que estou?

— Como se tivesses sido arrastado para uma piscina sem pé por tritões abrutalhados.

— Raios!

— Mas de um modo muito bonito, à Henry Golding — emendei.

— Talvez fosse melhor despir a camisola.

— O que se passa? — perguntei, tirando-lhe a garrafa de água das mãos e apontando-a à minha boca.

— O Jeremiah e o seu belo rabo acabam de entrar para fazer bíceps.

Eu não parei de engolir a água, mas espreitei por cima do ombro do Stef. O deslumbrante barbeiro não era difícil de descobrir, a levantar pesos em frente ao espelho... ao lado do Nash Morgan.

Engasguei-me e quase sufoquei.

— Merda! — Arranquei a fita do cabelo e encharquei-a em água antes de voltar a colocá-la.

O Stef deu-me uma cotovelada.

— Desculpa! Não podes ficar com ele. É meu. Se eu alguma vez reunir coragem para o convidar realmente para sair.

— Não estou a «merdar» por causa do Jeremiah, parvo. Estou a «merdar» por causa do Nash «Aquele Rabo» Morgan.

Uma palpitação no meu peito fez-me olhar para o relógio. O meu coração continuava a bater regularmente. Agora o pulsar estava a deslocar-se para o meu estômago. Aparentemente, aquilo não era um defeito estrutural. Era pior.

O Stef olhou por cima do ombro e depois girou a cabeça na minha direção, lançando uma chuva de suor para todos os lados.

— Alguém tem um fraquinho — cantarolou.

— Em primeiro lugar, que nojo. Tenho suor teu nos olhos. Em segundo, não é um fraquinho — argumentei. — É... uma consciência.

A minha consciência entrou em modo «mergulho de montanha-russa» quando o olhar do Nash, de pé, junto de uma barra carregada de pesos, pousou em mim. Não havia nada de amistoso no modo como os seus olhos me percorreram. Era tudo fome.

— Não te ofendas, mas não és supostamente uma durona radical? — perguntou o Stef.

Desta vez, o fraquejar dos meus joelhos não teve nada que ver com fadiga muscular.

Afastei a custo os olhos do ardente chefe da polícia.

— Há?

— Admito: o Garanhão Certinho parece querer vir aqui, arrancar-te a roupa

e dobrar-te sobre um banco de musculação. — O meu âmago contraiu-se numa necessidade involuntária. — Mas eu pensava que tu eras do tipo «gaja fria que os faz implorar».

Não havia nada frio no modo como eu reagia ao Nash Morgan. Era necessidade liquefeita misturada com laivos gelados de medo.

— Não acredito que vou dizer isto, mas parece que alguns homens tornam impossível a cena da gaja fria — confessei.

— Vocês os dois vão estar na palheta o dia todo ou vão terminar a série? — berrou a senhora Tweedy. — Não me façam acrescentar mais bolas de parede!

— E agora estão todos a olhar para nós — resmoneou o Stef.

Todos, incluindo o Jeremiah e o Nash.

Endireitei os ombros.

— Temos de fazer isto.

— E fazer de modo *sexy*.

— Então é melhor despires a camisola — disse eu.

— Igualmente. Talvez fiquem tão hipnotizados pelos meus peitorais e pelas tuas mamas que nem sequer reparem quando entrarmos em paragem cardíaca.

— Vamos tentar evitar essa parte — sugeriu.

— Não posso prometer nada.

— Vá lá, miúdos! — chamou o Vernon.

— A última série é a melhor! — gritou a senhora Tweedy.

O Stef rangeu os dentes.

— Vá. Toca a despir e a desfilas.



— Bebe.

Os meus olhos abriram-se a custo, e dei por mim a contemplar o céu do olhar azul do Nash. Uma garrafa de água bailava à minha frente.

Estava demasiado cansada e sedenta para me ofender por receber ordens.

Icei-me a custo para uma posição sentada. O Nash acorara-se ao meu lado. Uma camada de suor cintilava-lhe na pele e colava a sua *T-shirt* ao peito. O Jeremiah estava de pé atrás dele, com uma expressão divertida.

Dei um pontapé na perna do Stef.

— Deixa-me morrer em paz, mulher — disse ele. Encontrava-se de cara para

baixo no tapete, ao meu lado.

Dei-lhe outro pontapé, este mais forte.

— Não podemos morrer à frente de *testemunhas*.

Ele descolou o tronco da borracha e pestanejou para o nosso público.

— Precisas de ajuda? — perguntou-lhe o Jeremiah.

Reuni energia bastante para sorrir ao ver o meu companheiro de treino ser içado do chão pelo tipo por quem tinha uma paixoneta.

— Estou impressionado — disse o Nash, enquanto eu finalmente bebia a água oferecida. — Ninguém sobrevive à primeira sessão de Treino com os Velhotes.

— Eu não diria que sobrevivi — rouquejei.

— Conseguieste fazer a última repetição — insistiu ele. — Isso conta.

— E tive de ir vomitar para o balde do lixo.

A boca dele suavizou-se com um daqueles quase-sorrisos que me acendiam um fogo no estômago.

— Conta na mesma.

— São sobre-humanos. Todos eles.

— Isso é verdade — concordou.

Vi que alguns frequentadores do ginásio reparavam em nós.

— Ou eu estou em *topless* ou tu andas de rabo ao léu, para atraírmos tanto as atenções.

Ele olhou em volta e a seguir fez uma careta.

— É uma cidade pequena. Ultimamente não tem havido muitos motivos para mexericos.

— Além de o chefe ter sido baleado, duas cidadãs terem sido sequestradas e resgatadas e um *marshal* andar a espiolhar a cidade. Já agora, onde está a tua sombra de crachá?

O Nash apontou um polegar por cima do ombro, para o lugar onde o Nolan suava numa bicicleta estática, com uma expressão de irritação e tédio.

— Só mais um dia em Knockemout — disse o Nash, oferecendo-me a mão.

Aceitei-a e deixei que ele me puxasse até ficar de pé.

Os meus músculos cantaram com um misto de exaustão e êxtase pós-treino.

— Se queres uma resposta à tua oferta... — comecei.

Mas ele interrompeu-me, abanando a cabeça.

— Preferia que pensasses nisso por um pouco mais do que uma noite. É um grande favor. Primeiro, tenho um mais pequeno a que preciso que digas que sim.

— O que é?

— Podes tomar conta da *Piper* logo à noite? Ainda não a deixei sozinha por mais do que uns minutos.

— Claro.

— Não volto muito tarde — prometeu ele.

Eu não lhe perguntaria quais eram os seus planos. E *muito menos* se era um encontro amoroso.

— Vou beber uns copos com o Knox e o Lucian — disse ele, lendo-me os pensamentos.

Imaginei as senhoras da cidade afogueadas com aquele grupo *sexy* de brasas.

— Sim. Sem problema — garanti-lhe, fingindo que não sentia a estúpida onda de alívio por ser só uma noite de rapazes.

Ele baixou a cabeça para mim daquele seu modo *sexy* e íntimo. A minha pulsação tropeçou, bem como a mulher na passadeira atrás de mim. Dirigiu-me um sorriso triste e um encolher de ombros quando recuperou. O Nash Morgan era um perigo para as mulheres aonde quer que fosse.

— Obrigado. Vou lá deixá-la um pouco antes das nove — disse ele.

Jurei a mim própria estar lavada, maquilhada e vestida com alguma coisa não encharcada em suor a essa hora. Se conseguisse fazer as minhas pernas funcionarem até lá.

— Está bem.

Ele olhou para o relógio.

— Tenho de ir. Prometi à Liza J que hoje ia limpar os algerozes.

— Toma. — Estendi-lhe o cantil.

— Fica com ele. Eu sei onde moras.

— Obrigada — rouquejei.

— Até logo, Angelina.

Lançou-me um último olhar que me causou pele de galinha.

— Nash? — Ele parou e virou-se. Olhando em redor, para o nosso público não muito subtil, encurtei a distância entre nós com o coxeio mais *sexy* que consegui. — Quanto queres tu de mim ao certo?

Aqueles olhos azuis transformaram-se num fogo gelado.

— A resposta de um cavalheiro seria tanto quanto estiveres disposta a oferecer.

— E tu és um cavalheiro?

— Costumava ser. — Depois ergueu o queixo. — Bebe mais água e não te esqueças de alongar, senão amanhã arrependes-te.

Ainda bem que a minha cara já estava em fogo devido ao esforço.

Ele piscou-me o olho, lançou-me o espectro de um sorriso e dirigiu-se para o balneário. Fiquei a vê-lo ir. Eu e a restante população feminina do ginásio, bem como alguns homens.

O Nolan desmontou e limpou a bicicleta. Fez-me uma pequena continência, antes de seguir o Nash.

O Stef apareceu ao meu lado.

— Ainda alinhadas em café e hidratos de carbono? — Tinha um sorriso pateta na cara.

— Céus, sim. Porquê tanta felicidade? Estás a delirar?

— Acho que sim. O Jeremiah deu-me uma toalha.

— O Nash deu-me a água dele. Seremos assim tão patéticos como pensamos que somos?

— Oh, muito mais — insistiu o Stef.

O Vernon deu-me uma palmada no ombro, a caminho das passadeiras.

— Parabéns, não estiveste lá muito mal.

— Obrigada — disse eu.

— Saíste-te bem — disse a Aditi.

— Se te apetecer, amanhã é dia de peito e costas — declarou a senhora Tweedy.

— Não te atrevas a dizer que sim, senão terei de vir também. E preciso de três dias para recuperar — sussurrou o Stef.

A minha gargalhada foi uma pieira quase inaudível.

ONZE

O PÂNICO NUNCA AJUDA

Nash

As minhas mãos fecharam-se em punhos quando ouvi a batida de música *country* à porta do Honky Tonk. Tinha dado uma volta ao quarteirão só para me animar a entrar. Havia risos e vida do outro lado daquela porta. Esperava-se que eu participasse nisso, quando tudo o que queria era ficar em casa, na escuridão. No silêncio.

O dia começara melhor do que era hábito. Tinha ido ao ginásio expressamente para ver a Lina. Entre vê-la mexer aquele corpo lindo e eu mexer de facto o meu, tivera um impulso energético. Mas, algures a meio da lista quilométrica de tarefas da Liza J, aquela onda fria e escura voltara a submergir-me sem aviso. Arrastara-me para o fundo, e nem o antidepressivo que me lembrara de tomar de manhã me ajudou a abrir caminho até à superfície.

Comecei a escrever meia dúzia de mensagens para o Knox, a inventar desculpas para não poder ir naquela noite, mas sabia que ele cumpriria a sua palavra. Iria aparecer à minha porta e tentar arrastar-me para fora.

Era mais fácil comparecer, cumprir os rituais.

Lá em cima, conseguira articular umas dez palavras, antes de enfiar a *Piper* nos braços da Lina. Usaria a cadela como desculpa para voltar ao fim de uma hora.

Conseguia fingir durante sessenta minutos. Já seriam apenas cinquenta e seis, visto que estava quatro minutos atrasado.

Respirei fundo, abri a porta e entrei no mundo dos vivos.

Era noite de segunda-feira, o que significava menos gente e clássicos *country* na *jukebox*, em vez de uma banda ao vivo.

Por força do hábito, o meu olhar percorreu os presentes. A Tallulah e o Justice St. John ocupavam uma mesa com o Gael, dono da loja de animais, e o marido deste, Isaac, para o seu encontro a quatro mensal. A Sherry Fiasco, irmã do Jeremiah e braço-direito do Knox, vestia um casaco atrás do balcão, junto da Silver, a empregada de bar loura e radical.

O meu irmão topou-me antes de eu dar dois passos no interior. Ostentava a sua farda habitual: calças de ganga, botas de *motard* batidas, barba e um ar de «mete-te comigo e estás lixado».

O Knox parecia estar sempre à procura de uma briga.

Ao seu lado estava o Lucian Rollins, com um fato que provavelmente custara mais do que o meu primeiro carro. Era alto, moreno e também perigoso, mas de um modo diferente.

Enquanto o Knox era mais de esmurrar quem o irritasse, o Lucian era do tipo de arruinar uma vida de maneira metódica e criativa.

Felizmente para mim, ambos continham quase sempre os seus poderes.

Entre os dois havia um banco vazio, o que me indicava que estava a prestes a ser o centro involuntário das atenções.

A porta abriu-se atrás de mim, e o meu *marshal*-sombra entrou.

— Sabe, isto seria muito mais fácil se me dissesse aonde ia e quanto tempo planeava demorar-se — queixou-se ele.

— Sim? Pois a minha vida seria muito mais fácil se não o tivesse sempre a cheirar-me o cu.

— Desde que estejamos os dois infelizes — disse ele, antes de se afastar para apanhar uma mesa para dois de frente para a porta.

O Knox endireitou-se e afastou-se do bar.

Raios.

Cinquenta e seis minutos. Beber uma cerveja. Fazer conversa. Impedir o meu irmão de agredir um *fed*. Depois podia ir para casa e esconder-me do mundo.

Abri caminho por entre as mesas, acenando com a cabeça às pessoas que me saudavam.

— Boa noite, rapazes — disse, quando os alcancei.

O Lucian estendeu-me a mão e puxou-me para um abraço de um só braço.

— É bom ver-te.

— Igualmente, Lucy.

Por cima do meu ombro, o Knox lançava olhares hostis ao Nolan Graham.

— Acho que vou dar cabo da tua sombra — disse, por cima do rebordo do copo.

— Agradeço a intenção, mas não me apetece ajudar a enterrar um corpo esta noite — disse-lhe eu.

A atenção do Knox desviou-se do *marshal* e passou para mim.

— Estás com um aspeto de merda. Fazes a barba com uma faca de manteiga?

— Prazer em ver-te também, seu cretino — disse eu, deslizando para o banco entre eles. Não tinha energia para ficar de pé.

— Tens evitado as minhas chamadas — disse o Lucian, que se sentou e me lançou um daqueles olhares perfurantes que há já duas décadas faziam com que as cuecas das mulheres lhe caíssem aos pés.

— Estive ocupado — disse eu, fazendo um sinal à Silver para que me servisse. Ela piscou-me um olho esfumado.

— Vai já, chefe.

Um dos benefícios de ainda viver na pequena cidade onde nascera era nunca ter de dizer a ninguém o que queria beber. As pessoas lembravam-se.

— É bom que não andes ocupado com a tua nova vizinha — disse o Knox, que se montou no banco e se virou para mim.

— Se é esse o motivo disto, poupo-te uma hora e digo-te já que o que a Lina e eu fazemos ou deixamos de fazer não é da tua conta.

— Tu és meu irmão. Ela é minha amiga. Passa a ser da minha conta.

— Poupa a saliva. Não aconteceu nada... ainda — acrescentei, com um sorriso escarninho.

— Ah, sim? Pois é bom que continue assim. Vocês dois não resultam. Ela é toda viagens e adrenalina, e tu ficas com urticária se te aventuras para fora do condado. Não têm nada em comum.

— Disse o perito que está noivo há... quê? Meia dúzia de semanas? De uma mulher que é demasiado boa para ti, devo acrescentar. Obrigado, Silver — disse, quando ela me passou uma imperial.

— Meus senhores, sugiro que adiemos esta discussão — disse o Lucian. — Temos outros assuntos para discutir.

Quanto mais depressa falassem, mais cedo eu poderia ir para casa.

O Lucian pousou o seu *scotch* no balcão e assentiu para o meu irmão.

— Em que pé está a investigação? O Lucian acha que os *feds* estão a ignorar o Duncan Hugo porque lhes interessa mais apanharem o cabrão do pai dele — disse o Knox.

OK, eu preferia continuar a trocar galhardetes sobre a Lina se a alternativa era falar do Duncan Hugo.

— É uma investigação em curso. Não faço comentários — disse.

O Knox fungou de riso.

— Não podes dizer-me que não estás a investigar por tua conta. Se os *feds* estão concentrados no papá, então nós vamos atrás do filho. O único problema é que o filho está tão bem escondido que ninguém sabe onde ele para.

— A nossa teoria mais provável é que o Anthony ajudou o filho a sair do país — disse o Lucian.

Se o Hugo filho fugira do país, isso queria dizer que a probabilidade de voltar para terminar o trabalho era fraca.

O alívio que senti foi imediatamente substituído por uma vaga de vergonha. Como agente da autoridade, eu fora programado para lutar pela justiça. Como Morgan, o meu destino era lutar. E, contudo, ali estava eu, demasiado deprimido para me estimular a agir.

— Eu era capaz de apostar tudo em como aquele idiota não tem mais de dois neurónios. Mas a Naomi e a Way insistem em que ele é mais inteligente do que julgamos. Dizem que quando ele as tinha... — O Knox calou-se, com os nós dos dedos muito brancos sobre o balcão. Apercebi-me de que o Hugo não me roubara algo apenas a mim, mas também à minha família. E mesmo isso não era suficiente para me trazer à superfície da escuridão. O meu irmão aclarou a garganta, enquanto eu e o Lucian, muito educados e viris, o ignorávamos. — A Way disse que ele era manhoso como uma raposa raivosa — disse por fim o Knox.

O canto da minha boca curvou-se. A Waylay daria uma bela polícia um dia, mas eu duvidava de que o Knox quisesse ouvir isso sobre a sua menina.

— Para bem dele, é bom que esteja na América do Sul, a ser comido vivo por mosquitos — disse o Knox.

— Não vejo um cenário onde fizesse sentido para ele ficar por cá. O mais provável é que esteja a viver algures longe daqui.

— Mas, para o caso de não estar — disse o Lucian —, tu tens de ficar alerta.

Onde quer que ele esteja, és uma ponta solta. Tu és a única pessoa que o pode identificar como atirador.

— E como sabes tu isso? — exige saber.

O Lucian ergueu as mãos, o retrato da inocência.

— Não tenho culpa se as informações me caem no colo.

— Que tipo de informações?

— Do tipo que sumariza as imagens da tua câmara de tabliê.

O meu maxilar contraiu-se. Era mais um reflexo do que qualquer emoção.

— É bom que essa fuga não tenha saído dos meus lados.

— Não saiu — garantiu-me ele.

— Já te lembraste de alguma coisa? — perguntou o Knox.

Eu fixei o olhar nas garrafas atrás do balcão. As pessoas afogavam-se diariamente naquelas garrafas para adormecerem a dor, o medo, o desconforto que a vida lhes dava. Algumas adormeciam-se de maneiras ainda mais perigosas. Algumas nunca voltavam à superfície.

Mas dormente já eu estava. Precisava de sentir. E nenhuma quantidade de álcool me iria ajudar a desenterrar-me daquele vazio avassalador. Só havia uma coisa que o poderia fazer. Uma mulher que o poderia fazer.

— Não — disse por fim.

Senti o Knox e o Lucian a comunicarem em silêncio.

— Já pensaste em falar com um daqueles, uh... psicólogos? — O Knox engasgou-se. O Lucian e eu virámos as cabeças na direção dele e fixámo-lo. — Oh, vão os dois para o raio que os parta. Foi uma sugestão da Naomi. Sou homem para admitir que não é uma ideia horrível... se tu não te importares de despejar o saco para cima de um estranho. Afinal, o pai não nos deu quaisquer mecanismos de gestão emocional.

— Eu fui a uma psiquiatra. Ordens da chefia — lembrei-lhe.

«O trauma pode afetar seriamente a memória», dissera ela. «Em alguns casos, as vítimas nunca recuperam essas memórias.»

Trauma. Vítimas. Eram rótulos que eu passara toda uma carreira a aplicar a outros. O meu próprio rótulo, «herói», fora arrancado e substituído por «vítima». E eu não via como conseguiria aceitar isso.

— Eu vou a um psicólogo — anunciou o Lucian.

O Knox endireitou-se.

— Vais? Tipo, presente do indicativo?

— De vez em quando. Era muito mais jovem e menos... interessado na lei quando comecei a ir lá para ganhar acesso aos registos dos doentes dele.

Olhei por cima do ombro. O Nolan ergueu a garrafa dele num brinde silencioso.

— Podemos não falar disto nem de quaisquer crimes hipotéticos com um *marshal* a sete metros de nós? Vocês não podem andar a brincar ao *Scooby-Doo* no meio de uma investigação federal.

— Fico ofendido — anunciou o Lucian.

— Fica tu ofendido. Eu fico mas é lixado — decidiu o Knox.

Peguei na minha cerveja, embora não a quisesse.

— E o que é que achas tão ofensivo?

— Tu duvidares das minhas competências.

Em boa justiça, o Lucian era praticamente um 007 dos negócios. Exceto no facto de ser americano, preferir *bourbon* a *martinis* e trabalhar no mundo impiedoso da consultoria política, que provavelmente tinha algumas semelhanças com a espionagem internacional.

Não dizia uma palavra sobre os serviços específicos que a sua empresa prestava aos clientes, mas não era preciso ser-se um génio para deduzir que nem tudo era legal.

— Não sei nada sobre as tuas competências. Mas sei que, de nós os três, foste o único a cumprir uma pena de prisão efetiva.

Era um golpe baixo pra caras, e todos o sabíamos. Raios, só me apetecia esmurrar a minha própria cara.

— Desculpa, meu — disse, espetando o polegar no espaço entre as minhas sobrancelhas. — Ultimamente ando com o pavio curto.

A minha paciência tinha-se decerto esvaído juntamente com aquela poça de O negativo na berma da estrada. Era por isso que eu não queria estar com pessoas.

Ele ergueu uma mão, complacente.

— Está tudo bem.

— Não. Não está. Tu sempre estiveste aí para mim, Lucy, e eu estou a ser um sacana mesquinho por te atacar. Desculpa.

— Se vocês os dois começarem aos abraços, eu bazo — ameaçou o Knox.

Para o irritar, envolvi o Lucian num abraço de urso. O meu ombro cantou, mas de uma maneira quase boa.

O Lucian deu-me duas palmadas nas costas. Eu sabia que estávamos só a meter-nos com o meu irmão. Mas havia algo de reconfortante no perdão instantâneo do meu amigo mais antigo. Não tinha comparação com o calor estabilizante que o toque da Lina provocava em mim; mas, ainda assim, significava alguma coisa.

Virámo-nos para o Knox, sorridentes.

— A tua cerveja é para levar? — perguntei-lhe.

— Parvalhões — resmoneou o Knox.

— Peço desculpa, Lucy — repeti.

— Estás perdoado. Passaste por muita coisa.

— É por isso que andas por aqui numa segunda-feira à noite, em vez de estares a gerir o teu império empresarial maléfico? — Os lábios do meu amigo estremeceram. — A sério, meu, se estás na cidade só para ficares de olho em mim, eu já tenho um bigode armado a cheirar-me o cu — disse eu, indicando o Nolan com a cabeça. — Não precisas de acampar aqui e perder todo o teu dinheiro.

— A gestão de um império empresarial maléfico implica ter uma equipa preparada para me substituir quando tenho outros afazeres.

— Não estás a ir e a vir todos os dias, pois não? — O trânsito no norte da Virgínia era um círculo especial do inferno.

O Knox fungou de riso.

— Não te comovas todo com o gesto. O império tem um helicóptero. O Luce está só a usar-te como desculpa para gozar o seu brinquedo.

— Mas não aterres em cima da escola primária. Não preciso dos *feds*, dos *marshals* dos Estados Unidos *nem* da Agência Federal de Aviação a azucrinarem-me.

— Como vão os planos para o casamento? — perguntou o Lucian, mudando de assunto.

— Acreditam que a Flor queria toalhas brancas nas mesas? C'um caneco, é uma festa em Knockemout, vamos passar a noite a entornar merdas. Não quero que no nosso copo d'água pareça que as mesas estão cobertas com lençóis de mijões assassinados.

O meu irmão sabia mesmo como evocar imagens.
— Então, o que é que decidiram? — perguntou o Lucian.
— Azul-marinho — disse o Knox, orgulhoso.
— Boa — disse o Lucy, com um aceno de aprovação.
— Já agora, vocês são da comitiva do noivo. — O meu irmão olhou para mim. — Acho que tu podes ser o meu padrinho.

Fiquei uma hora e quinze minutos, e senti-me orgulhoso de mim. Deixara morrer a segunda cerveja, dera quase todas as respostas certas e despedira-me quando a Naomi ligara ao Knox para lhe dizer que o *Waylon* tinha perseguido a doninha por quem se apaixonara e levara com líquido malcheiroso. Outra vez.

Despedimo-nos, e eu tentei não mostrar que ia disparado para a porta.

Parei mesmo na mesa do Nolan, que estava a vestir o casaco.

— Vou percorrer os dez metros até à minha porta. Acho que consigo sobreviver sozinho — disse-lhe.

— O chefe é que sabe. Tente não acabar na valeta todo perfurado.

— Farei os possíveis — menti.

Saí para a noite fria, e a porta fechou-se atrás de mim, afastando a luz e a música.

Alguma coisa não estava bem. Ali, de pé sob o candeeiro público, a poucos metros da minha casa, sentia-me exposto, vulnerável, assustado. Algo ou alguém se encontrava ali.

Seria ele? Teria o Duncan Hugo voltado para acabar o trabalho? Ou era tudo na minha imaginação?

Lancei um olhar para um lado e para o outro da estrada, em busca da origem da condenação que se instalara sobre mim.

Senti um formigueiro nas mãos. Começava nas palmas e estendia-se até aos dedos.

— Caraças. Agora não — sussurrei em surdina. — Aqui não.

Não havia atirador algum oculto na escuridão. O único vilão ali era a disfunção do meu cérebro. O formigueiro transformou-se em ardor. Cerrei as mãos em punhos apertados, tentando afugentar a sensação. Já a detivera antes. Mas sabia que agora estava demasiado afetado.

Um suor ligeiro aflorou no meu corpo, enquanto, por dentro, eu me sentia gelado até aos ossos.

— Vá lá, homem. Vê se atinas — disse, entre dentes.

Mas o elástico em redor do meu peito apertava-se, apertava-se. A respiração que eu continha começou a sair dos meus pulmões. O som desapareceu-me dos ouvidos, substituído pelo bater abafado do coração.

A minha respiração era uma débil pieira.

Não havia maneira de parar. Não valia a pena tentar acalmar-me. Um suor frio percorria-me as costas.

— Foda-se.

As minhas mãos cerraram-se em punhos, e o elástico em redor do meu peito apertava-se cada vez mais. O coração acelerava sob as costelas, à medida que a dor se espalhava. Consegui chegar à porta e à base das escadas, antes de as minhas pernas cederem. Choquei com a parede e escorreguei pelos azulejos frios.

— Não é real. Não é real, caracas — repeti, por entre inspirações trémulas.

O pânico nunca era a solução. Nunca era útil em momentos de crise. Como polícia, isso tinha-me sido metido na cabeça. Fora treinado para manter a calma, para seguir os procedimentos, para operar por instinto. No entanto, não houvera procedimento nem formação que me preparassem para aquele tipo de ataque.

Estava a arder e a enregelar ao mesmo tempo. A dor irradiava-me do peito, e a minha visão começava a perder os contornos. Pontos de luz dançavam-me à frente dos olhos.

Odiei-me. Odiei a fraqueza. A falta de controlo. Odiava a ideia de que aquilo estava tudo na minha cabeça. De poder acontecer em qualquer sítio. Não podia fazer o meu trabalho se estivesse enrolado numa bola no chão. Não podia proteger aquela cidade se nem me conseguia proteger dos monstros na merda da minha cabeça.

DOZE

BEM-VINDA À ZONA DE PERIGO

Lina

— Muito bem, fizeste cocó na erva e não no passeio — disse eu à *Piper*, enquanto nos apressávamos até à entrada dos apartamentos. Ela trotou, confiante, para a porta, como se fosse a sua casa havia mais de três dias. Era uma noite fria e silenciosa em Knockemout. O ar estava cortante e quieto. Eu meti a minha chave na fechadura, abri a pesada porta e imobilizei-me.

— Nash? — Empurrei a *Piper* para dentro, deixei a porta bater atrás de nós e corri para junto dele. Encontrava-se sentado no chão ao fundo das escadas, de costas contra a parede, os joelhos dobrados junto do peito, os punhos cerrados. — Estás bem? Estás ferido?

Com as mãos, percorri-lhe os ombros e os braços. Ele apanhou a minha mão na sua e apertou-a com força.

— Estou só... a recuperar... o fôlego — murmurou.

Eu segurei-lhe a mão com força e usei a minha mão livre para lhe afastar o cabelo da testa. Ele suave e tremia ao mesmo tempo. Ou fora atacado pela gripe ou estava na fase final de um ataque de pânico.

— Tu estás bem? — perguntou-me.

— Estou. E tu também — insisti. — Tens ar suficiente.

Soturno, ele contraiu o maxilar e assentiu.

Com um latido, a *Piper* enfiou o focinho sob o braço do Nash e trepou para o seu colo.

— Fomos dar um passeio. Lembrei-me de a levar lá fora uma última vez, para tu não teres de ir. Fez o que tinha a fazer e demos uma volta ao quarteirão. Acho que o coxear dela está um pouco melhor. O veterinário disse alguma coisa sobre fisioterapia? Li um artigo sobre acupuntura para cães. — Estava a

disparatar. O homem tinha-me pregado um cagaço, outra vez.

— Tem calma, Angel — rouquejou ele, afrouxando um pouco a força na minha mão. — Está tudo bem. — A sua outra mão ergueu-se e acariciou o dorso da *Piper*.

Ainda a segurar-lhe na mão, sentei-me ao seu lado no chão. O meu ombro e o meu braço pressionaram-se contra os dele. Os tremores enfraquecidos do seu corpo passaram para o meu e absorvi-os.

— Vou ter calma quando tu parares de me pregar sustos. — Bati com o ombro no dele. — Começou a passar?

Ele assentiu lentamente.

— Sim.

— Então vamos levar-te para cima, antes que venha a quebra — disse eu. Pus-me de pé, tirei-lhe a *Piper* do colo e pousei-a no chão. Depois estendi uma mão. Ele olhou para ela, de cabeça inclinada para o lado, com o polegar a pressionar o ponto entre as sobrancelhas. — Vá lá. Sabes tão bem como eu que a quebra é quase tão má como o ataque. Podes apoiar-te em mim, ou eu posso ligar ao teu irmão.

— Que má — disse ele, antes de aceitar a minha mão.

Foi preciso um esforço conjunto, mas consegui pô-lo de pé na base das escadas.

— Na escola primária, os miúdos chamavam-me Malina por ser tão mandona — confessei.

Passei a cabeça por baixo do seu braço e pus o meu em redor da sua cintura.

— Os miúdos são parvos — rouquejou ele.

Vencemos o primeiro degrau juntos. A *Piper* correu à nossa frente, a abanar a cauda. O Nash retraía-se, tentando não pôr demasiado peso em mim. Mas havia um grande lanço de escadas entre nós e o apartamento dele.

— Começou com umas gémeas na escola primária, a Darla e a Marla. Bonitas, populares e que usavam roupas de marca a condizer — disse-lhe eu.

— Parecem horríveis — brincou o Nash. — Queres que as investigue? Que veja quantas vezes foram presas? — Eu ri-me e senti que ele me passava só mais um bocadinho do seu peso. As minhas pernas estavam a tremer devido ao treino daquela manhã. Nem queria pensar em sentar-me para fazer chichi no dia seguinte. — Qual é a probabilidade de tu amanhã esqueceres por magia

que isto aconteceu? — perguntou o Nash, quando fizemos uma pausa a meio das escadas.

A *Piper* voltou para nós, farejou ansiosamente, primeiro os sapatos do Nash, depois os meus, e voltou a correr para cima.

— Sou subornável.

— Diz o teu preço — pediu ele, subindo o degrau seguinte.

— Palitos de queijo — decidi eu.

— Dos frios com casca ou dos que entopem as artérias?

Continuava ofegante à medida que avançávamos, mas já não como se estivesse a lutar por cada molécula de oxigénio.

— Nem se pergunta — brinquei eu. — Passa para cá todas as delícias fritas.

— Sustento-te com *mozzarella* frito para o resto dos teus dias se nunca contares isto a ninguém.

— Ao contrário de certas pessoas, eu respeito a privacidade dos outros — disse eu, mordaz.

Chegámos finalmente ao último degrau. A *Piper* dançava à nossa frente, como se estivesse orgulhosa do nosso sucesso.

Ele suspirou.

— Lá estás tu outra vez, Malina. A bater num homem caído.

Eu orientei-nos para a sua porta.

— Chaves, valentão.

Ele não conseguiu esconder totalmente o esgar de dor quando usou a mão esquerda para mergulhar no bolso.

Ferimentos de bala e ataques de pânico. O Nash Morgan estava uma desgraça. Ênfase na «graça».

Tirei-lhe as chaves e destranquei a porta. A *Piper* entrou disparada no apartamento às escuras.

O Nash levou-me de arrasto quando estendeu o braço para o interruptor e o ligou.

— Uau. Alguém pôs a vida em ordem — disse eu, notando a transformação no interior. Até cheirava a limpo.

— Sim. Pois — disse ele entre dentes.

— Vamos lá, grandalhão — disse-lhe, fechando a porta com o pé e guiando-o para o sofá.

O Nash deixou-se cair nele de olhos fechados. Tinha o rosto pálido e o sobrolho pontilhado pelo suor. A *Piper* saltou para junto dele e pôs uma patinha minúscula na sua coxa.

— Está na hora do Especial da Lina — decidi eu, pousando a trela da cadela na mesa de centro.

— Por favor, diz-me que isso é um código para algum tipo de sexo — disse ele, sem abrir os olhos.

— Que gracinha. Volto dentro de um minuto.

— Não vás. — O humor ligeiro desapareceu, e aqueles olhos azuis imploraram-me que ficasse. — É melhor quando estás perto.

Agora era a minha vez de ter dificuldade em respirar. Nunca estivera com um homem que precisasse de mim. Que me quisesse? Sim. Que me desfrutasse? Com certeza. Mas que precisasse de mim? Era um território inexplorado e aterrador.

— Vou ali ao lado e volto daqui a menos de um minuto — prometi.

A subtil contração do seu maxilar quase me impediu de ir. Mas, por fim, ele assentiu.

Voltei ao patamar, deixando a sua porta aberta, e fiz a viagem de dois segundos até ao meu apartamento. Lá dentro, encontrei rapidamente aquilo de que precisava. Quando voltei, o Nash estava na mesma posição, de olhos na porta.

— Cinquenta e sete segundos — disse ele.

Equilibrando a minha carga, fechei de novo a porta.

— Prepara-te para relaxares até caíres — disse eu, desligando as luzes do teto. Liguei o candeeiro junto do Nash; depois levei o resto para a cozinha e pousei-o na bancada. — Presumo que o teu telemóvel se liga a esta coluna toda viril.

— Presumes corretamente — disse ele, ainda a observar-me. — Bolso do casaco.

Ainda tinha o casaco vestido, um blusão direito e justo, verde-tropa.

— Dois coelhos — decidi. — Inclina-te para a frente.

Com a minha ajuda, o Nash libertou os braços. Tinha vestida uma daquelas camisolas interiores térmicas que torneavam os músculos. Era uma observação desnecessária, dadas as circunstâncias. Desnecessária e, no entanto, estranhamente inevitável. Mesmo no meu leito de morte, eu ter-me-ia detido

para admirar a forma daquele homem. Encontrei o telemóvel e usei o seu rosto para o desbloquear.

— Oh, vá lá! Tens uma *playlist* chamada *Slows Country* — reclamei, carregando no *play*.

— Tens algum problema com isso? — perguntou ele, enquanto a voz de George Strait cantava baixo.

— Como é que não és casado e com um rebanho de filhos?

Ele acenou com a mão para o corpo.

— Querida, para o caso de não teres notado, eu sou uma sombra alquebrada de homem.

Eu sentei-me na mesa de centro, à frente dele.

— Isso da sombra é temporário. Tu és do tipo de casar com a namorada do secundário. Como é que nenhuma chefe de claque de Knockemout te apanhou?

— Tinha uns cartuchos para queimar primeiro. Diverti-me por algum tempo a queimá-los. Depois apaixonei-me pelo trabalho. Tinha muito que limpar antes de poder dar a merecida atenção a uma só pessoa.

— Pensaste que essa pessoa fosse a Naomi — adivinhei.

E porque não? Ela era bonita, bondosa, leal e amorosa. Não possuía nenhuma das arestas que eu tinha.

— Por cerca de cinco segundos. Era bastante claro que ela se destinava ao Knox.

Apontei-lhe para os pés.

— Botas — ordenei.

Ele baixou o olhar fatigado, como se a tarefa fosse demasiado monumental.

Puxei um dos seus pés para o meu colo e alarguei os atacadores da bota.

— Eu sei que isto devia ser humilhante e tal, mas é esquisito que me sinta também excitado? — perguntou ele, de cabeça para trás e olhos fechados.

— És um charmoso, valentão. Tenho de admitir. — Tirei-lhe a outra bota e levantei-me para substituir o meu rabo por uma almofada. — Pés para cima.

— Mandona.

— Pés para cima, *por favor*. — Sorri quando ele obedeceu. — Lindo menino.

Dei-lhe uma palmadinha na perna e voltei à cozinha, seguida pela *Piper*. Enquanto a máquina de café cuspiam água quente para dentro de uma caneca

com uma saqueta de chá, abri o congelador do Nash e encontrei uma embalagem de brócolos congelados. Levei a caneca e os brócolos para o sofá. — O chá é daquelas misturas *hippie* para relaxar. Parece que estás a mastigar um ramo de noiva, mas resulta. Os brócolos são para o teu peito.

— Porque estou a usar florinhas congeladas? — perguntou ele, enquanto eu posicionava o saco. A *Piper* não era fã do saco de vegetais e saltou para o chão, a fim de inspecionar o seu cesto de brinquedos.

— É graças à ciência que aprendi nas redes sociais. Pressionar algo frio contra o esterno estimula o nervo vago.

— E nós queremos o nervo vago estimulado?

Sentei-me na extremidade oposta do sofá.

— Ele diz ao cérebro para acalmar o teu corpo.

Ele inclinou a cabeça de lado na almofada para poder olhar-me.

— Podes sentar-te um pouco mais perto? — pediu.

Não consegui alegar uma boa razão para não o fazer, além do facto de ter um medo de morte de o deixar arrebatá-lo com a sua vulnerabilidade *sexy*. Assim, desloquei-me para ele até entrar na zona de perigo e os nossos ombros se tocarem de novo.

O seu suspiro foi de alívio.

— Prova o chá — disse eu.

Ele pegou na caneca, cheirou e empalideceu.

— Isto cheira aos canteiros da Liza J a seguir ao fertilizante.

— Bebe. *Por favor*.

— As coisas que eu faço por ti — grunhiu ele, sorvendo um gole. — Oh, céus. O sabor é como se alguém esmagasse rosas com os pés. Porque não posso beber uma cerveja?

— Porque, como já deves ter desconfiado, o álcool não é muito bom para ataques de pânico.

Ouvimos guinchar, e a *Piper* subiu para o sofá com um brinquedo na boca. Eu tirei-lho e atirei-o para o outro lado da sala. Ela mostrou-se perplexa, e a seguir voltou a dirigir-se para o cesto dos brinquedos.

— Ela ainda não compreende o conceito de ir apanhar. Como é que sabes tanto sobre o assunto? Dos ataques de pânico, não de ir apanhar — esclareceu o Nash, arriscando mais um sorvo no chá e fazendo uma nova careta.

— Costumava tê-los — limitei-me a dizer.

Ficámos sentados em silêncio, a olhar em frente, para o ecrã apagado da televisão. Eu sabia que ele esperava que eu falasse, para encher o vazio com respostas. Mas eu sentia-me confortável com os silêncios desconfortáveis.

— Já te disseram que falas de mais? — brincou ele.

Eu sorri.

— De onde é que veio o «Nash»?

— Silêncio e mudança de assunto — observou ele.

Eu estendi o braço e virei o saco de brócolos.

— Conta lá.

— A minha mãe era fã de *country*. De tudo, desde a Patsy Cline até ao Garth Brooks. Ela e o meu pai passaram a lua de mel no Tennessee.

— E depois chegaram o Knoxville e o Nashville — previ.

— Acertaste. Agora é a minha vez de pedir respostas.

— Sabes, já é bastante tarde. Eu devia ir-me embora — disse eu.

Mas, antes que os meus músculos doridos se pudessem contrair para me erguer, o Nash agarrou-me a coxa com a mão.

— Não. Não podes deixar-me sozinho com brócolos a descongelar e este chá horrendo. Vais ficar demasiado preocupada comigo para dormires.

— Estás muito confiante, para alguém que se afirma uma sombra de homem.

— Diz-me porque sabes sempre qual é a coisa certa a fazer.

Apetecia-me dar-lhe uma resposta espirituosa, para guardar os meus segredos. Mas, por alguma razão estranha, não queria que ele sentisse que era o único exposto. Expirei longamente.

— Isso parece ser o início de uma longa história — disse ele.

— Uma história longa e aborrecida. Ainda estás a tempo de me mandar para casa — lembrei-lhe, esperançosa. Ele pousou o chá e depois, cuidadosamente, rodeou-me com o braço. — Esse é o teu ombro mau — assinaliei, enquanto ele usava o outro braço para pressionar a minha cabeça de encontro ao seu peito, junto aos brócolos.

— Eu sei, querida. Estás a dar-me um lugar onde o pousar.

Eu não sabia como lidar com o facto de não detestar a sensação do seu braço a envolver-me. Quente e sólido. Protetor. Em regra, não me enroscava nem abraçava nem executava qualquer verbo aplicado à intimidade platónica. Esse

tipo de toque era desnecessário. Pior, dava aos homens ideias sobre o futuro.

E, no entanto, ali estava eu, aconchegada na zona de perigo, com a cabeça no peito de um homem que queria mulher e filhos. Era claro que não aprendera nada.

Vá lá, Lina «Eu Faço Más Escolhas» Solavita. Endireita-te e põe-te daqui para fora, adverti-me.

Mas não mexi um músculo.

— Assim está melhor — disse ele, parecendo sincero. — Agora, fala.

— A versão abreviada é que entrei em paragem cardíaca aos quinze anos no campo de futebol e tive de ser reanimada.

Ele ficou silencioso por um momento, e depois disse:

— Pois, Angel. Vou precisar da versão prolongada do diretor, incluindo comentários.

— És ridículo.

— Angelina — disse ele, com uma pequena nota de polícia chateado na voz.

— Uf!, está bem. Foi nas meias-finais distritais, numa noite fria de outono, no meu décimo ano. O estádio enchera por completo. Era a primeira vez que a equipa chegava tão longe no torneio. Estávamos a dois minutos do fim do jogo, empatadas 2-2. Eu tinha acabado de intercetar um passe e corria com toda a confiança e energia da adolescência na direção da baliza.

Quase podia estender o braço e alcançar o momento. Sentir a lâmina cortante do ar frio a chegar-me aos pulmões, a flexibilidade quente dos meus músculos. Ouvir o rugido distante da multidão. O polegar do Nash roçava-me o braço, para a frente e para trás, e, por uma vez, o toque era reconfortante.

— E depois veio... o nada. Foi como se tivesse pestanejado, e, no momento seguinte, estava estendida de costas num quarto de hospital, rodeada de estranhos. Perguntei se tinha conseguido marcar, porque isso era a coisa mais importante para mim. Não sabia que os meus pais estavam na sala de espera sem saberem se eu alguma vez acordaria. Não sabia que um estádio cheio de gente, incluindo as minhas colegas de equipa, me tinha visto entrar em paragem cardíaca.

— Céus, querida — murmurou o Nash, com o queixo a roçar-me o alto da cabeça.

— Sim. O meu treinador iniciou a reanimação até os paramédicos entrarem

no campo. Os meus pais estavam nas bancadas. O meu pai saltou a vedação. As outras mães fizeram um círculo em redor da minha e abraçaram-na. — As lágrimas picaram-me os olhos ao recordar-me, e aclarei a garganta para desalojar o irritante nó de emoção. — Reanimaram-me na ambulância, a caminho do hospital. Mas as informações não viajavam tão depressa como hoje em dia... — disse, aligeirando o tom.

— Portanto, todos os que ficaram para trás pensaram que não tinhas sobrevivido — disse o Nash, preenchendo o espaço em branco que eu deixara.

— Sim. Era um jogo importante. Havia câmaras, imprensa. Eu vi as imagens... depois. Por muitos anos que viva, nunca esquecerei o ruído que a minha mãe fez quando o treinador se ajoelhou e iniciou a reanimação. Foi... primitivo.

Eu levava comigo o eco daquele grito para onde quer que fosse. Juntamente com ele, estava a imagem do meu pai ajoelhado junto do meu corpo sem vida, enquanto os paramédicos tentavam fazer-me regressar.

O Nash roçou a boca sobre o meu cabelo e murmurou:

— É oficial: ganhaste o nosso concurso de quase-morte.

— Agradeço a tua rendição.

— Qual foi a causa? — perguntou ele.

Expirei com alguma inquietação.

— Isso é outra longa história.

— Querida, tu levantaste do chão o meu rabo suado e patético. Não estamos quites, nem perto disso.

O rabo dele era tudo menos patético, mas aquele não era o momento de discutir isso. O seu polegar estava de novo a deslizar-me pelo braço. O calor do seu corpo aquecia-me a face, e o batimento estável do seu coração tranquilizava-me. A *Piper*, farta do brinquedo de roer, saltou para o meu lado no sofá e enroscou-se contra os meus pés.

— Está bem. Mas, tal como das tuas avarias desta noite, não voltaremos a falar disto. Combinado?

— Combinado.

— Doença mixomatosa da válvula mitral com prolapso e regurgitação.

— Podes traduzir-me isso, ou vou ter de procurar o meu dicionário?

Eu sorri contra o seu peito.

— Tinha um defeito nas válvulas do coração. Eles não sabem bem o que o provocou, mas pode ter resultado de infeções de garganta que tive em miúda. Basicamente, a válvula não fechava bem, permitindo ao sangue que corresse para trás. Houve uma espécie de curto-circuito, o sangue foi para o lado errado, e eu essencialmente morri à frente de umas centenas de pessoas.

— Continua a ser um problema? É por isso que monitorizas o ritmo cardíaco?

— Já não é um problema. Fui operada aos dezasseis anos, fiz uma substituição da válvula. Continuo a ir ao cardiologista, a monitorizar as coisas. Mas é sobretudo para me lembrar de ter cuidado na gestão do *stress*. Ainda tenho palpitações. Contrações ventriculares prematuras. CVP. — Levei a mão ao peito e passei-a distraidamente sobre as pequenas cicatrizes. — Parece que o coração tropeça, ou coxeia. Como se estivesse dessincronizado e não conseguisse retomar o ritmo. Na verdade, é apenas irritante. Mas...

— Mas lembra-te do que aconteceu.

— Sim. Eu andava stressada por causa da escola, dos rapazes, das coisas hormonais normais que se dão naquela idade. Esforçava-me de mais, não dormia o suficiente, vivia de refrigerante e folhados de piza. Não tinha falado aos meus pais das palpitações nem da fadiga. Se tivesse feito isso, talvez não tivesse tombado à frente da escola inteira.

— Quanto tempo estiveste no hospital? — perguntou o Nash.

Aquele homem tinha um talento notável para desenterrar o que eu queria manter bem enterrado.

— Dezoito meses, de modo intermitente. — Suprimi um arrepio. Fora quando o toque deixara de equivaler a consolo. O meu corpo já não era meu. Tinha-se transformado numa experiência científica. — Muitos exames. Muitas agulhas. Muitas máquinas. — Dei uma palmadinha alegre ao Nash. — E foi assim que me tornei perita em ataques de pânico. Comecei a tê-los. A vantagem de os ter perto do pessoal médico é receber conselhos bastante bons.

O Nash não reagiu à minha tentativa de humor. Em vez disso, continuou a acariciar-me o braço.

— Os teus pais ligam-te todos os dias — observou.

— Não há muito que te escape, pois não? — queixei-me.

— Quando importa, não.

O meu coração palpitou um pouco, e não devido às CVP. Não. Eram as palpitações, muito mais perigosas, provocadas por homens belos e soturnos com olhos tristes.

— Eu devia ir. Tu devias dormir umas horas — disse.

— São muitos «devias». Fala-me dos teus pais.

— Não há muito para contar. São ótimos. Boa gente. Gentis, generosos, inteligentes, solidários. — *Sufocantes*, acrescente mentalmente.

— O tipo de pais que ligam à filha todos os dias — observou ele.

— Eu avancei, mas os meus pais, não. Imagino que ver a única filha quase morrer à frente deles os tenha mudado. Portanto, preocupam-se. Ainda. Mais um item na coluna das Coisas Que Nunca Superámos.

Eles nunca tinham superado o facto de me terem visto morrer à sua frente. E eu nunca tinha superado a prisão sufocante que fora o resto da minha adolescência.

É que, depois de o problema ter sido descoberto, reparado, e de eu ter recuperado, os meus pais não estavam dispostos a permitir que me arriscasse.

Nunca mais tinham estado. Era por isso que pensavam que eu fazia trabalho de secretária para uma companhia de seguros e que fazia muitas formações. As mentiras inocentes mantinham a paz e deixavam-me viver a minha vida.

— O Knox sabe alguma coisa sobre isto? — perguntou o Nash. A sua voz era um trovão em surdina contra o meu ouvido.

Eu franzi o sobrolho.

— Não. Porque haveria de saber?

— Dado que vocês são amigos há quase duas décadas, é plausível que tenham trocado algumas histórias.

— Uh, conheces o teu irmão? O Knox não é do tipo de falar seja do que for. E, a avaliar pelo modo como tu finges estar perfeitamente bem neste momento, calculo que também não sejas propriamente um livro aberto.

— Os Morgans são assim. Para quê iluminar as coisas quando podemos fingir que elas não existem?

— Sou a favor disso. Mantém a simplicidade. Mas, só para saberes, há uma coisa em que talvez devas trabalhar antes de caçares uma mulher.

— É bom saber.

Eu endireitei-me e libertei-me do braço dele.

— Está na hora do aconselhamento não solicitado.

— Quem é que convidou a senhora Tweedy? — brincou ele.

— Ah! A vida é tua e não me diz respeito, mas faz uma coisa por ti: em vez de gastares a tua energia a tentar esconder o problema de toda a gente, talvez seja melhor tentares resolvê-lo. As duas coisas exigem uma barbaridade de energia, mas só uma delas faz com que chegues ao outro lado. — Ele assentiu, mas não disse nada. Dei-lhe mais uma palmadinha amigável na coxa. — Eu vou para casa, e tu vais para a cama. E, quando digo «cama», quero dizer que vais dormir na tua cama, *debaixo* das cobertas. Não aqui no sofá, com a televisão ligada.

Senti o peso do seu olhar, a carícia quente do seu querer como se fossem sensações físicas.

— Faço tudo isso, com uma condição — disse ele.

— Qual é?

— Tu passas cá a noite.

TREZE

COMPANHEIROS DE CAMA

Lina

OK, até o meu eu «radical e de mandar os cuidados às urtigas» sabia que aquilo era uma péssima ideia. Sabia-o tal como sabia que os palitos de *mozzarella* me faziam mal. Mas, tal como com os palitos de *mozzarella*, a tentação era real.

— Nash, não é boa ideia.

— Ouve-me até ao fim — disse ele, apertando-me a mão com mais força. — Estou demasiado cansado para me atirar a ti.

— Já ouvi essa antes — disse eu, secamente.

— É justo. Que tal isto: sempre que estás perto, tudo fica melhor. Quanto mais próxima estás, melhor eu respiro, menos sinto que a vida é apenas uma ferida aberta, infindavelmente regada com sumo de limão. Tu afugentas a escuridão, o frio. E lembras-me de como é querer estar aqui.

— Raios, Nash! Como é que posso ser responsável e dizer que não a isso?

Aquele meio-sorriso cansado era a minha perdição. Acreditei nele. Porque era o tipo de homem que dizia a verdade. E, naquele momento, estava a dizê-la a mim.

— Caraças, estou tão cansado, Angel. Só quero fechar os olhos junto de ti. Podemos preocupar-nos com as consequências depois?

O homem sabia a melhor maneira possível de me alcançar.

— Está bem. Mas ninguém dorme nu. *Não* haverá sexo nem apalpadelas de qualquer espécie. Nada de enroscanços, abraços ou carícias. E não te faço o pequeno-almoço. Não por ser uma regra, mas porque não sei fazer nada na cozinha e acabaria por te envenenar.

— Se ficares, o pequeno-almoço é por minha conta.

Mordi o lábio inferior, refletindo.

— Mais uma coisa.

— Diz o teu preço.

— Isto fica entre nós os dois. — A cabeça da *Piper* levantou-se, aos meus pés. O Nash baixou-se e fez-lhe uma festa distraída nas orelhas, e eu juro que vi coraçõezinhos a aparecerem nos olhos dela. — As minhas desculpas. Entre nós os três — emendei.

— Concordo com as condições. Mas, se quiseses isto notariado, vamos ter de chamar a Nancy Fetterheim, e ela não sabe guardar segredos.

— Mais cinco? — Ergui a mão.

Aquela sombra de sorriso tornou-se um pouco mais pronunciada.

— Tu fechas acordos com «mais cinco»?

Os «mais cinco» eram menos íntimos. Não havia um toque prolongado das palmas, os dedos não se entrelaçavam. Era fácil, informal e totalmente não *sexy*.

— Não me deixes pendurada, valentão. — Ele bateu na minha palma. — Agora que está assente, tu vais tomar duche, e eu vou mudar de roupa.

— Não vás. Por favor. Eu empresto-te qualquer coisa para dormires. Mas não te vás embora. — Por um segundo, a fachada charmosa de confiança desapareceu, e eu tive mais um vislumbre do homem que subjazia no fundo. Suspirei. Já lavara os dentes e tinha procedido aos cinco passos dos meus cuidados de pele, portanto, tecnicamente, não precisava de nada da minha casa.

— Desculpa por te pôr nesta posição, Angelina. Sei que não é justo. E quero que saibas que em circunstâncias normais eu estaria com toda a certeza a tentar levar-te para a minha cama. Mas fá-lo-ia com flores, um jantar e um outro objetivo.

— És sempre assim tão honesto?

— É inútil tentar ser de outra maneira — disse ele, pousando as mãos na almofada e pondo-se lentamente de pé.

A exaustão era evidente nos seus ombros curvados.

Levantei-me também e passei-lhe um braço em redor da cintura. Ele estava demasiado cansado para esconder o facto de precisar mesmo de se apoiar em mim.

— Ah, falaste com o teu irmão e com a Liza J sobre o que se passa? — inquiri, enquanto nos encaminhávamos para a Cidade da Péssima Ideia, ou

seja, o quarto dele.

— Há uma diferença entre ser honesto e defender a privacidade.

Gostei de o ouvir dizer aquilo. Por mim, claro. Não por ele, porque, obviamente, *ele* devia ser sincero com as pessoas que gostavam dele. A minha situação era inteiramente diferente.

— Não estou aqui para te dizer o que fazeres. Já és crescido. Sabes o que é melhor para ti.

Ele deteve-se junto à cómoda e abriu uma gaveta. Estava cheia de camisolas bem dobradas.

— Manga curta ou comprida?

— Curta. — Verdade fosse dita, eu preferia dormir nua. Mas a situação não era propícia para divulgar essa informação.

O Nash passou-me uma *T-shirt* cinzenta e macia em que se lia «KNOCKEMOUT LEITURA OU DOÇURA 2015».

— Obrigada — disse eu.

Tinha vestido a roupa daquele homem duas vezes nos últimos três dias. Tinha flirtado com ele, discutido com ele. Tinha-lhe feito um favor e apoiara-o quando ele precisara de mim. Agora estava prestes a meter-me na cama com ele. As coisas pareciam estar a acelerar muito depressa, até para mim.

— Podes ser a primeira a ir à casa de banho — disse ele, solícito.

— Obrigada, companheiro de cama.

«Companheiro de cama?», disse em silêncio para o espelho, depois de fechar a porta entre nós. Qual era o meu problema?

Fiz o meu último chichi, e a seguir despi a minha roupa. A *T-shirt* dele chegava-me a meio das coxas, mas o facto de não estar a usar cuecas fazia com que o conjunto parecesse menos modesto e mais picante. Teria de não me mexer na cama como habitualmente, para manter a bainha no sítio. Aliás, o mais certo era não dormir. Ser ferozmente independente era uma das razões pelas quais eu normalmente não deixava os homens passarem a noite comigo. Tinha o sono leve, o que significava que qualquer barulho ou movimento que ocorresse num raio de trinta metros me acordava.

Juntei as minhas roupas e voltei ao quarto, onde fiquei temporariamente sem fala. O Nash estava em tronco nu, descalço, e tinha as calças de ganga desapertadas.

— Despacho-me em cinco minutos — disse ele.

Eu assenti, ainda incapaz de formar palavras.

Verifiquei que o quarto não escapara ao frenesim de limpeza. A fina camada de pó desaparecera, bem como os frascos de medicamentos. As cortinas das janelas estavam corridas, e ele tinha aberto a cama. A *Piper* estava enroscada numa bola, exatamente no meio das almofadas.

A água soou na casa de banho, e eu acalentei muito brevemente a ideia de ir em bicos de pés até à mesa e espiolar de novo os ficheiros. Mas descartei-a de imediato. Seria uma traição usar a oportunidade para ganho pessoal.

Em vez disso, instalei-me no lado direito da cama e li alguns *emails* de trabalho, até a porta da casa de banho se voltar a abrir.

Com mil diabinhos. Ele tinha o cabelo húmido, o que o fazia parecer mais escuro do que era hábito. As suas cicatrizes, uma no ombro e outra no tronco, eram um lembrete rosa e enrugado daquilo por que passara. Vestia apenas um par de *boxers*. Azul-escuros.

As coxas e os gémeos eram musculados. Uma fina camada de pelos no peito estreitava-se em «V» e desaparecia sob o cós dos *boxers*.

A cauda da *Piper* tamborilou uma batida alegre na colcha. Se eu tivesse cauda, teria feito o mesmo.

— Esse lado é o meu — disse o Nash.

Tive de desviar o olhar, antes de conseguir formar palavras.

— Tu tens um lado da cama?

— Tu não?

— Durmo sozinha. — Ele ergueu interrogativamente uma sobrancelha e contornou os pés da cama para se aproximar de mim. Encolhi os ombros. — O que é?

O Nash deu-me um piparote na coxa e fez-me sinal para me desviar.

— Tu não partilhas a cama? Nunca? — perguntou.

— Não sou virgem — zombei, passando pela *Piper* e ficando do outro lado do colchão. — Mas não costumo receber a noite toda. Gosto de dormir sozinha. E, como *não* tenho de partilhar, durmo no meio e uso todas as almofadas. Tu dormes sempre à direita?

Ele abanou a cabeça.

— Durmo no lado que estiver mais próximo da porta.

Voltei a recostar-me nas almofadas dele.

— Uf! Tu és o herói bom da fita até ao tutano, não és?

— Porque dizes isso? — Aqueles frios olhos azuis examinaram os meus enquanto ele puxava as mantas e se metia na cama.

— Dormes mais perto da porta para que, se alguém entrar, tenha de passar por ti para chegar à Senhora Valentão.

— Não há Senhora Valentão.

— Ainda. Mas parece que já pensaste muito nela.

O afundar do colchão sob o peso dele teve um efeito esquisito no meu coração. Tal como a expressão cansada do seu belo rosto, quando ele virou a cabeça para me olhar.

A *Piper* aconchegou-se mais a ele e pousou a cabeça no seu ombro ferido. Eu não era do tipo de desfalecer. Mas, se fosse, ter-me-ia liquefeito até ser uma poça naquele colchão.

— Talvez pensasse — disse ele, por fim. — Mas, neste momento, só consigo pensar em adormecer e acordar ao teu lado.

— Não sejas querido. Isto é um arranjo platónico — lembrei-lhe.

— Então não te digo o quanto gosto de te ver com a minha camisola na minha cama.

— Cala-te e dorme, Nash.

— Boa noite, Angel.

— Boa noite, valentão.

A *Piper* soltou um latidozinho queixoso.

Eu sorri e dei-lhe uma palmadinha.

— Boa noite também para ti, *Piper*.

O Nash estendeu o braço e desligou o candeeiro da mesa de cabeceira, mergulhando o quarto na escuridão.

De algum modo, aquilo parecia pior. Agora, em vez de o ver quase nu e adoravelmente aconchegado a um cão, os meus sentidos tinham acordado para captar cada respiração, cada deslocação do seu corpo.

Ele procurou-me no escuro, e a sua mão pegou na minha por cima das mantas.

Pois. Não haveria sono para mim naquela noite.

Fui acordada de repente, de um sonho erótico absolutamente delicioso, por algo. Uma coisa quente e dura.

As minhas pálpebras abriram-se tão depressa que receei tê-las lesionado. Encontrei um braço masculino e forte que serpenteava em redor da minha cintura e subia pelo tronco, sob a *T-shirt*, onde a mão a ele acoplada, forte e viril, agarrava o meu peito nu.

O Nash.

La exigir-lhe que me largasse, quando o seu corpo se tornou rígido contra o meu. A mão apertou mais o meu peito, e eu apercebi-me de que não estava furiosa. Estava excitada.

A tensão esvaiu-se dele tão repentinamente como aparecera e, quando as suas ancas tiveram um pequeno espasmo involuntário, percebi porque me sentia a Rainha das Tesudas.

Cada centímetro das minhas costas estava colado ao tronco do Nash. Os meus calcanhares encontravam-se encostados aos seus tornozelos. As minhas coxas tinham a parte de trás pressionada contra os seus quadríceps. A barreira inútil da *T-shirt* enrodilhara-se à volta da minha cintura, deixando exposta toda a parte de baixo. Também tinha quase a certeza de que ele enterrara o rosto no meu cabelo.

Por fim, e sobretudo, havia mais um apêndice masculino morno e rígido a marcar presença contra o meu traseiro nu. Espera. Uma rápida verificação Kegel, e percebi que a minha situação era muito mais perigosa. O dito apêndice tinha aberto um túnel na junção das minhas coxas.

As minhas partes latejavam. O extraordinário tesão do Nash estava completamente afocinhado contra mim. A haste tinha apartado os lábios do meu sexo, e a ponta repousava logo abaixo do meu muito faminto clitóris. Um de nós estava muito, muito molhado.

Que diabo acontecera às cuecas dele? Teria o seu sexo rompido caminho até à liberdade?

Eu precisava de me mexer, mas não conseguia decidir entre desembaraçar-me ou virar-me, montá-lo e pôr fim ao meu sofrimento.

Nada de sexo. Nada de enroscanços, recordei-me. Ele tinha passado por muito,

e, raios, eu começara a virar uma nova página. Além disso, fora o Nash quem violara o nosso acordo. Tinha cruzado a linha média do colchão e... Oh, merda.

Era *eu* quem estava no lado dele. Tinha os meus braços cerrados em torno do braço que ele levava ao meu peito. Ele não podia ter-me arrastado na cama, a força ter-me-ia acordado, e eu ter-lhe-ia dado, no mínimo, uma cotovelada na cara.

Oh, céus.

Ter-me-ia eu deslocado até ele? Teria posto o meu próprio *rabo* nas virilhas do Nash enquanto *dormia*?

Aquilo era muito, muito, muito mau.

OK. Precisava de um plano. Tinha sempre um plano e um plano de reserva, mais duas ou três contingências. Só precisava de bloquear aquele desejo louco de que o Nash subisse as ancas. Isso. Bloquear aquele latejar faminto e concentrar-me em como sair daquela situação sem me humilhar.

Santo Deus.

Aquilo lá por baixo estava um oceano. O que era pior, o meu vizinho bonzão pensar que eu tinha feito chichi ou o meu vizinho bonzão perceber que eu nos tinha colocado numa posição comprometedora, que ficara excitada e que vazara fluidos sexuais por todo o lado?

Talvez eu pudesse culpar a cadela?

Ruminava eu as minhas opções, juntamente com potenciais soluções para nos limpar sem o acordar, quando o Nash soltou um pequeno resmungo nas minhas costas.

Eu estava certa de que teria lidado com a sensualidade inerente àquele resmungo rouco se este não tivesse sido acompanhado por uma suavíssima deslocação das suas ancas. Aquela pequena investida desencadeou uma explosiva reação em cadeia.

A cabeça do seu sexo avançou e foi tocar naquele perigoso molho de nervos. Ao mesmo tempo, a mão em redor do meu seio fletiu-se, roçando a palma áspera no mamilo em pedra.

E foi quanto bastou.

Eu vim-me contra a cabeça quente da sua ereção, abafando um gemido com a mão. As minhas ancas arquearam-se involuntariamente, enquanto o orgasmo

me percorria com um tremor, fazendo-me dobrar os dedos dos pés e contrair cada músculo do corpo.

Parabéns a mim. Era descer mesmo baixo, vir-me no sexo de um homem adormecido. Era basicamente um abuso.

— Mmm. Estás bem, Angel? — perguntou o Nash, sonolento, de cara enterrada nos meus cabelos e lábios a roçarem-me o pescoço.

Caramba. Ele estava acordado. Agora seria impossível eu limpar-lhe casualmente as virilhas.

— Sim — chiei. — Perfeitamente. Foi só... uma cáibra. — *Na minha vagina*, acrescentei em silêncio.

Demorou um momento, mas o Nash voltou a ficar tenso atrás de mim. Isso levou aquela sua ereção talentosa a tocar-me de novo no clitóris.

Não consegui reprimir um gemido.

— Oh, merda. Desculpa — disse o Nash, afastando-se apressadamente de mim sob os lençóis. — Eu não queria...

— Sabes que mais? Deixo o pequeno-almoço para outro dia — disse eu, numa voz esganiçada que parecia o tom de «estou a fingir que não estou transtornada, embora esteja claramente transtornada» da minha mãe. Rolei duas vezes para chegar ao rebordo da cama e tentei sentar-me.

Mas não cheguei a fazê-lo.

O Nash agarrou uma mão-cheia de *T-shirt* e puxou-me para trás.

— Querida, estás bem?

Envergonhada, enganchei os dedos no rebordo do colchão e segurei-me.

— Estou perfeitamente bem. Mas agora preciso mesmo de me ir embora.

— Angel, por favor, olha para mim — implorou o Nash. — Desculpa. Eu não tinha intenção de te tocar assim. — Fez-me rolar até eu ficar de costas e prendeu-me com uma mão. Vi o momento em que ele se apercebeu de que tinha o sexo de fora. O seu espetacular e grosso sexo, digno de nota dez. — Jesus, que porra?... — A sua outra mão deslizou por entre nós e puxou o elástico das cuecas para tapar a ereção.

As minhas faces estavam tão vermelhas que eu poderia estrelar ovos nelas, se soubesse fazê-lo.

— Oh, meu Deus. Porque estás a pedir desculpa? — perguntei, levando as mãos às minhas faces em fogo.

— Prometi que não faria... isto — disse ele.

Estava tão furioso, tão horrorizado, que não fui capaz de deixar que arcasse com as culpas.

A sua boca pedia-me — desnecessariamente — desculpa, mas eu prestava mais atenção ao seu sexo e ao facto de este parecer não muito interessado em amolecer.

Passei as mãos das minhas faces para as dele.

— Nash. Fui eu quem invadiu o teu lado. Tu foste um cavalheiro a dormir. Juro. Eu acordei há poucos minutos, e fui eu que não retirei de imediato o meu corpo de perto do teu.

Os seus músculos perderam alguma rigidez.

— Tu vieste até mim? A dormir?

Também me tinha vindo *nele* a dormir.

— Onde está a *Piper*? — perguntei, desesperada por mudar de assunto.

— Na cama dela, com uma das minhas meias — disse ele, sem olhar. — Voltemos ao facto de te teres aconchegado na minha cama.

— Eu não me aconcheguei! Provavelmente estava a tentar ocupar o meu espaço habitual no meio, e talvez tenha ficado presa ou coisa assim. Não sei. Não vale a pena pensarmos de mais. Nem voltar a falar disto. Deixa-me afastar-me com a minha vergonha, e esqueçamos que tudo isto aconteceu.

Ele deslocou o seu peso sobre mim, tendo o cuidado de evitar que a sua ereção matinal me tocasse. Se ele soubesse o que acontecera dois minutos antes, teria percebido que isso era irrelevante.

Roçou ligeiramente os nós dos dedos pela minha face, obrigando-me a pôr em causa a minha capacidade de não fraquejar.

— De certeza que estás bem?

Céus, o Nash matinal era amoroso. Estava todo despenteado, e a barba do dia anterior dava-lhe apenas um toque de encanto libertino, para contrabalançar com o ar de bom tipo. Tinha um vinco de almofada sob o olho esquerdo. Para não falar daquela expressão sonolenta e honesta do seu belo rosto.

— Além de envergonhada por te ter maculado enquanto dormias, estou bem — garanti.

— Dormiste? — insistiu.

— Dormi. E tu?

Ele assentiu.

— Também.

— Como te sentes? — perguntei.

A curva dos seus lábios era inegavelmente *sexy*.

— Bem pra caraças.

— A sério?

— Sim. A sério. Graças a ti. — Com a rapidez de um relâmpago, pousou-me um beijo na testa e saltou para fora da cama. — Omeletas daqui a dez minutos — disse, dirigindo-se para a casa de banho. — Ah, Angel?

Eu apoiei-me no cotovelo.

— Sim?

— Se tentares ir-te embora, forneço-tas pessoalmente. E sonoramente.

CATORZE

ROUBOS DE BISCOITOS E MAÇÃS PODRES

Nash

Os ladrões tinham um ar ainda mais patético do que o seu saque esmagado de bolos e batatas fritas.

Três rapazes de idades inferiores a catorze anos, em diferentes fases dolorosas da puberdade, estavam sentados em frias cadeiras de metal à porta do gabinete do gerente da loja, com ar de quem ia vomitar. Mais longe, o Nolan Graham circulava pelo corredor das bolachas.

Depois do choque em cadeia de três veículos na autoestrada, do conjunto de aparadores de relva «roubado» da loja de ferragens que aparecera no armazém e de o senhor e a senhora Wheeler terem sido quase burlados pelo telefone por alguém que se dizia neto deles, eu já levava um dia bastante ocupado.

Felizmente, tivera a primeira noite inteira de sono em semanas.

Graças à Lina.

Normalmente, acordava sobressaltado com o som que perseguia o meu cérebro. E, embora o tivesse recordado em sonhos, naquela manhã acordara com a Lina nos braços. Ela procurara-me enquanto dormia. Esse facto — e a minha reação a ele — fazia-me pensar que talvez ainda estivesse vivo, ainda fosse digno de confiança.

Estava em dívida para com ela, a mulher que se ia apoderando de todos os meus neurónios disponíveis que não estivessem ocupados a trabalhar e a respirar. Graças à conversa e ao sono, estava a sentir-me mais esperançoso do que me tinha sentido há muito tempo. Ela abrira apenas uma fenda, e o que eu vira para lá daquele exterior *sexy* fazia-me querer ver mais e de forma mais profunda.

— Detesto chamá-lo aqui por causa de uns biscoitos, chefe, mas tenho de

estabelecer um exemplo — disse o Big Nicky.

O homem era gerente da Grover's Groceries quase desde que eu me lembrava, e levava a sério o seu trabalho.

— Compreendo a inconveniência, Big Nicky. Só acho que existe uma solução que não envolve apresentar queixa. Todos fazemos coisas estúpidas. Especialmente nesta idade.

Ele bufou e lançou um olhar aos miúdos por cima do meu ombro.

— Diacho, com aquela idade eu roubava cigarros ao meu pai e baldava-me à escola para ir pescar.

— E conseguiste sair da infância sem cadastro — assinalei.

Ele assentiu, pensativo.

— A minha mãe endireitou-me. Parece que nem todos têm a sorte de terem pais que gostem deles a ponto de os endireitarem a mal ou a bem.

Eu sabia o que era isso. Ainda sentia a oscilação do meu eixo depois de a minha mãe — a cola, a alegria, o amor da nossa família — ter deixado o mundo, nos ter deixado a nós para trás.

— Os pais do Toby e do Kyle vão pô-los de castigo até terem idade para tirar a carta — preconizei.

— Mas o Lonnie... — O Big Nicky ficou-se por ali.

Mas o Lonnie.

Knockemout não era boa a guardar segredos. Eu sabia que o Lonnie Potter era um miúdo alto e rijo que fora, juntamente com as irmãs, abandonado pela mãe dois anos antes. O pai trabalhava no turno da noite, o que lhe deixava pouco tempo para criar os filhos. Eu sabia também que o Lonnie tinha discretamente entrado para o Clube de Teatro da escola. De início, provavelmente para ter um sítio para onde ir quando não estava ninguém em casa, e depois porque se tinha afeiçoado a experimentar as vidas de outras pessoas. Era bom nisso, segundo a Waylay. Mas nunca tinha membros da família na plateia nas noites de estreia.

— Reparei que tens a tinta a descascar lá fora — brinquei.

— É o que ganho por contratar aqueles labregos de Lawlerville. Fizeram um trabalho de merda com tinta de merda, porque se estão a cagar. Desculpa a linguagem. Nenhum deles vive aqui nem passa pela vergonha de ver o seu mau trabalho a cair aos bocados.

— Aposto que um jovem motivado podia fazer-te o trabalho a preço de custo. — E fez um aceno com a cabeça na direção do corredor.

O Big Nicky sorriu lentamente.

— Hum. É capaz de ter razão, chefe. Nada como um pouco de trabalho manual para nos afastar de sarilhos.

Eu enfiei os polegares no cinto.

— Se essa opção te parecer bem, vou falar com os pais deles. Tenho o pressentimento de que serão recetivos.

— Eu sinto-me bastante recetivo — disse ele.

— Então vou levá-los e coordenar-me com os pais.

— Agradeço, chefe.

Encontrei o Grave de pé, a guardar os rapazes, de sobrolho franzido como um espectro aterrador.

— Muito bem, malta. Tenho uma oferta generosa que vos vai poupar uma eternidade de castigo e poupar-me a mim um hectare de papelada...



O Grave e eu pastoreámos os rapazes pelas traseiras, até ao meu carro, para não darmos azo a mais mexericos. A *Piper* saudou os desordeiros com espreitadelas nervosas por entre os assentos.

Discutimos a situação com os pais do Toby e do Kyle. Os castigos ficaram decididos: trabalho comunitário e pedidos oficiais de desculpas.

— O meu pai não está em casa — disse o Lonnie, o membro restante do trio criminoso, no banco de trás. — Está a fazer um turno duplo.

A *Piper* abanou a cauda, empoleirada no colo do Grave.

— Eu vou falar com o teu pai ao trabalho — disse-lhe eu.

O Lonnie olhou pela janela de trás com uma expressão enlutada.

— Ele mata-me.

Aquela crosta de durão não era tão grossa como ele pensava que era.

— Vai ficar zangado. Mas isso significa que se importa — disse-lhe eu.

— Lixei tudo. — O miúdo encolheu-se. — Desculpe. Quero dizer, estraguei tudo.

O Grave e eu entreolhámo-nos.

— Alguma vez incendiaste o barracão do teu pai com foguetes roubados ao

teu vizinho bêbedo? — perguntou-lhe o Grave.

— Não! Porquê? Alguém disse que eu fiz isso?

— Alguma vez foste dentro por lutas com quatro tipos no recreio só porque eles disseram que o teu irmão era uma besta, quando na verdade não se enganavam, e o teu irmão era uma besta? — perguntei eu.

— Não. Só tenho irmãs.

— A questão, miúdo, é que todos fazemos merda.

Encontrei o olhar do Lonnie no espelho retrovisor.

— O importante é como gerimos as coisas depois de fazermos merda.

— Espere. *Vocês* fizeram tudo isso?

O Grave sorriu, escarninho.

— E não só.

— Mas aprendemos que fazer asneiras acaba por cansar, e que as consequências das más decisões duram muito tempo. — O Lucian veio-me à mente. Ao longo dos anos, eu perguntara-me que caminho teria ele seguido se a vida lhe tivesse sido mais fácil no início. Uma coisa era certa: nunca teria ido parar à cadeia aos dezassete anos se alguém lhe tivesse dado uma oportunidade. — Isto aplica-se à vida, às mulheres e a tudo pelo meio.

— Devias estar a tirar apontamentos, puto. Esta merda é ouro — disse o Grave ao nosso passageiro.



Depois de deixar o Lonnie em casa e de ligar ao pai dele no trabalho, fui comprar refrigerantes no Pop 'N Stop. Estacionei na zona da escola para assustar os aceleras... e para irritar o Nolan, que ia pegado a mim como cola, no seu *Tahoe* preto.

O Grave tirou o boné de polícia e coçou o crânio calvo.

— Tem um minuto?

Aquilo nunca era bom sinal.

— Há algum problema?

Por alguma razão, ele não quisera ter aquela conversa na esquadra, pensei.

— O Dilton.

E ali estava a razão. O Tate Dilton era um polícia novato quando eu tomara posse depois do eterno chefe Wylie Ogden, cujas décadas de «liderança» à

antiga tinham deixado uma mancha na esquadra.

O Dilton era o tipo de pessoa a quem eu chamava um «rufia» na profissão. Queria a adrenalina, as perseguições, os confrontos. Gostava de exhibir a sua autoridade. As suas detenções eram mais agressivas do que o necessário. Os relatórios eram parciais, pois ele era mais duro com as pessoas com quem embirrava pessoalmente. Também passava mais tempo no ginásio e no bar do que em casa com a mulher e os filhos.

Eu, pura e simplesmente, não gostava dele.

Fora impossível esvaziar a esquadra inteira quando tinha tomado posse, portanto mantivera-o, investindo tempo a tentar moldá-lo no tipo de polícia de que precisávamos por trás do crachá. Dera-lhe como parceiro um agente sólido e experiente, mas a formação, a supervisão e a disciplina tinham as suas limitações.

— O que tem ele? — perguntei, pegando na bebida, para dar algo que fazer às mãos.

— Tive umas questões com ele durante o seu internamento.

— Tais como...?

— Durante a licença do chefe, ele foi um cão sem trela. Há duas semanas, maltratou o Jeremy Trent por embriaguez na via pública, no parque de estacionamento, a seguir ao jogo de futebol americano da secundária. Sem provocação. À frente do filho dele, que é um defesa e que fez frente ao Dilton com mais metade da equipa. E com razão. As coisas teriam descambado a sério sem a intervenção do Harvey e de uns amigos *motards*.

Merda.

— O Jeremy está bem? Apresentou queixa?

— Riu-se do assunto. Pagou a multa. Ficou com dois joelhos magoados e umas esfoladelas como recordação. Não se lembrava de nada depois de ter dormido. Mas teria havido muito mais que contar se ele tivesse levado a coisa mais longe.

O Jeremy Trent fora capitão da equipa de basebol e vencera o Dilton no concurso de rei do baile no último ano do secundário. Nos anos seguintes, tinham tido uma mão-cheia de recontros.

O Jeremy era um tipo afável. Trabalhava nos serviços de saneamento e bebia de mais nos fins de semana. Pensava que ele e o Dilton eram amigos. Mas o

Dilton parecia achar que ainda estavam numa competição qualquer.

O Grave tinha a boca contraída e olhava pelo para-brisas.

— Que mais?

— Tentou levar uma operação *stop* longe de mais. Uma bela carrinha *Mercedes*, a passar muito ligeiramente o limite de velocidade, foi ultrapassada por uma *pick-up* toda lixada que ia mais de trinta acima do limite. O Dilton ignorou a *pick-up*, conduzida pelo amigo Titus, compincha dos copos, e mandou encostar a *Mercedes*. Condutor negro.

— Porra.

— A esquadra alertou-me assim que entrou a participação do Dilton. Eu tive um mau pressentimento, portanto saí logo com a Bannerjee. E ainda bem. Ele tinha mandado sair o condutor, algemara-o, e estava a gritar com a mulher, que o gravava com o telemóvel.

— Porque é que só agora estou a saber disto?

— Como eu disse, o chefe estava internado. E está a saber agora porque, ontem à noite, ouviram-no no Hellhound, aquele bar piolhoso, a dizer que se ia candidatar ao cargo porque o chefe está incapaz de o desempenhar.

O Grave não dourava as pílulas.

— Eu vou resolver isso — disse eu, ligando o carro e pregando um susto à Tausha Wood, de dezassete anos, quando surgiu atrás da sua *pick-up*.

— Agora? — perguntou o Grave.

— Agora — confirmei, soturno.



Um dia antes, eu não teria tido energia para aquela merda; mas acordara com uma Lina quase nua, colada a mim quase nu. Era mais forte do que qualquer medicamento que tivesse tomado.

Eu dirigia uma esquadra pequena e sólida, que servia uma comunidade pequena e sólida. Uns milhares de pessoas que partilhavam mais história do que muitas famílias. Sim, éramos uma comunidade agitada, talvez um pouco mais propensa a resolver discussões com punhos e álcool. Mas éramos unidos. Leais.

Isso não queria dizer que não tivéssemos problemas. A proximidade a Baltimore e a DC significava que, de vez em quando, levávamos com eles. Mas

ter problemas com um agente na minha esquadra? Isso era inadmissível.

Éramos bons homens e mulheres dedicados a proteger e a servir. E melhorávamos a cada operação, a cada formação.

Havia mil maneiras de uma operação correr mal sem que o pudéssemos controlar. Mil maneiras de podermos cometer um erro perigoso. Não havia espaço nem razão para acrescentar má atitude e preconceito à lista. Por isso, estudávamos, treinávamos, interrogávamos e analisávamos.

Mas o valor de uma esquadra media-se pelo seu agente mais fraco. E o Dillon era o nosso.

— Aí vem ele — disse o Grave, à laia de alerta.

O Tate Dillon não se deu ao incômodo de bater à porta. Entrou no meu gabinete como se fosse dele. Era um tipo razoavelmente bem-parecido, apesar das entradas capilares e da barriga de cerveja. O bigode dele irritou-me, provavelmente porque me lembrava o do *marshal* Graham, que tinha ocupado uma secretária vazia e começara a fazer o raio de um *sudoku*.

— Em que posso ajudá-lo, chefe? — disse o Dillon ao sentar-se, ignorando os restantes presentes na sala.

Fechei a pasta dos ficheiros que estava a ler e juntei-a à pilha na minha secretária.

— Feche a porta.

— O Dillon pestanejou; depois levantou-se e fechou a porta.

— Sente-se — disse eu, indicando a cadeira que ele acabara de deixar vaga. Ele voltou a deixar-se cair, recostando-se e entrelaçando os dedos sobre o estômago, como se estivesse na sala de um compincha a ver o jogo. — Agente Dillon, esta é a Laurie Farver — disse eu, apresentando a mulher junto da janela, cuja presença ele ignorara.

— Minha senhora — disse ele, com um aceno de cabeça desdenhoso.

— Sabe, Tate, quando eu era miúdo, o meu vizinho tinha um cão que andava sempre de trela. À distância, o cão parecia simpático. Macio, de pelo amarelo, uma grande cauda farfalhuda. Preso pela trela, era impecável. Mas, assim que a trela se soltava, acabava o jogo. Não se podia confiar nele. Começava a fazer asneiras. Perseguia miúdos. Mordia pessoas. O meu vizinho não tapou o buraco na vedação. Não encurtou a trela. Por fim, um dia, o cão atacou dois miúdos que passavam de bicicleta. Teve de ser abatido. E o dono foi

processado.

O Dilton sorriu, escarninho, sem parar de mascar a pastilha.

— Não se ofenda, chefe, mas eu estou-me a cagar para o vizinho e para o cão do vizinho.

Debaixo da secretária, a *Piper* soltou um rosnido na sua cama.

— É o seguinte, agente Dilton: esse cão é *você*. Eu não vou estar sempre aqui para manter a trela bem curta. Em resumo, se não posso confiar em si sozinho no terreno, não posso confiar em si, ponto. As suas ações recentes tornaram claro que não está preparado para servir, e muito menos para proteger. E, se não posso confiar em si para fazer o seu trabalho o melhor que pode, então temos um problema grave.

Os olhos do Dilton estreitaram-se, e eu vi neles uma centelha de maldade.

— Talvez você não perceba, porque nos últimos dias está basicamente sentado à secretária, mas eu tenho merdas para fazer lá fora. Alguém tem de manter a ordem.

Refleti durante um segundo. Eu tinha-me deixado resvalar. E isso tinha consequências. O Dilton aproveitara-se da rédea solta, o que significava que, além de eu ser responsável pelas suas ações, também era responsável pela sua correção.

— Ainda bem que fala nisso. Falemos sobre a merda que tem andado a fazer. Como rasteirar o Jeremy Trent à saída de um jogo, ajoelhar-se nas costas dele e algemá-lo à frente do filho e de meio estádio, quando ele se limitou a lembrá-lo de que lhe devia vinte dólares do jogo dos Ravens. Ou merdas como deixar o seu amigalhaço Titus conduzir trinta quilómetros por hora acima do limite de velocidade, enquanto mandava parar um engenheiro aeroespacial negro e a mulher dele, advogada de direito civil, sob a causa provável de... Deixe-me ler o seu relatório para me certificar de que não erro... — Lancei um olhar aos documentos à minha frente e li. — Do cartaz de um foragido da prisão que está há três anos no nosso quadro de avisos.

O rosto do Dilton contorceu-se numa máscara feia.

— Tinha a situação controlada, até os seus câezinhos de regaço aparecerem.

— Tinha o condutor, que vestia um *smoking*, algemado, ferido e deitado de barriga para baixo na estrada, enquanto a mulher dele gravava as suas ações no telemóvel, quando o sargento Hopper e a agente Bannerjee chegaram à cena.

Segundo o relatório deles, o seu hálito cheirava a álcool.

— Isso é treta. O Hop e a outra gaja querem lixar-me. Observei o suspeito a conduzir de modo errático acima do limite de velocidade e...

Parecia que alguém ligara uma luz dentro de mim. Adeus, aturdimento gelado, escuridão vazia. No seu lugar, uma raiva fervente borbulhou, aquecendo-me desde o interior.

— Fez merda. Pôs o seu ego e o seu preconceito à frente do seu trabalho e, ao fazê-lo, pôs o seu trabalho em risco. Pôs esta esquadra em risco. Pior, pôs *vidas* em risco.

— Isso é treta — resmoneou o Dilton. — A cabra da mulher dele anda aí a agitar o diploma e a fazer ameaças?

— Agente Dilton, fica suspenso com pagamento, mas só por questões regulamentares, mediante um inquérito completo à sua conduta no cargo. Eu não me habituaria ao ordenado.

— Foda-se, não pode fazer isso!

— Vamos abrir um inquérito oficial. Falaremos com testemunhas, vítimas, suspeitos. E, se eu encontrar *alguma coisa* que se pareça com um padrão de abuso, retiro-lhe permanentemente o crachá.

— Se o Wylie ainda cá estivesse, isto não acontecia. Você tirou este cargo a um homem bom e...

— Eu *conquistei* este cargo, e trabalhei muito para garantir que homens como você não abusem dele.

— Não pode fazer isto. Não está aqui nenhum delegado sindical. Não pode espetar-me a merda de uma suspensão sem o meu delegado.

— A senhora Farver é a delegada sindical. Mas calculo que não esteja entusiasmada por o representar, depois de ouvir os seus disparates. Senhor Peters? Senhora presidente Swanson, continuam connosco? — perguntei.

— Estamos aqui, chefe Morgan.

— Sim. Ouvimos tudo — chegaram as respostas, em alta-voz.

— Agente Dilton, o senhor Peters é o procurador de Knockemout. Ou seja, é o advogado que representa a cidade, caso precise da definição. Senhor Peters, Knockemout precisa de que eu trate de mais algum assunto com o agente suspenso Tate Dilton? — perguntei.

— Não, chefe, creio que está tudo tratado. Entraremos em contacto consigo,

agente Dillon — disse o advogado, em tom ameaçador.

— Obrigado, Eddie. E a presidente da câmara, senhora Swanson? Quer dizer alguma coisa?

— Gostava de dizer muitas coisas, mas são todas palavrões — disse ela. — A vossa sorte é eu ter os meus netos comigo no carro. Limito-me a dizer que estou ansiosa por um inquérito rigoroso. Se, como diz o chefe Morgan, descobrirmos um padrão de a-b-u-s-o, não hesitarei em dar-lhe um pontapé no c-u.

— Obrigado, senhora presidente. Mensagem recebida. — Olhei para o Dillon, que estava a ficar cor de lagosta. — Agora quero o seu crachá e a sua arma de serviço.

Ele saiu da cadeira como se tivesse uma mola. As suas mãos fecharam-se em punhos dos lados do corpo, e a fúria cintilava-lhe nos olhos.

— Se me quer atacar, faça-o. Mas entenda que isso também tem consequências e que já está enterrado nelas até às orelhas — adverti. — Pense bem.

— Isto não fica assim — rosnou ele, atirando o crachá e a arma para a minha secretária e derrubando a placa com o meu nome ao fazê-lo. — Isto devia ser uma irmandade. Você devia defender-me, não aceitar a palavra de dois forasteiros imbecis ou a de um bêbedo patético que teve os seus dias de glória no secundário.

— Pode disparatar à vontade sobre irmandade, mas ambos sabemos que está nesta profissão por si. Pelo poder e adrenalina que retira dela. Isso não é uma irmandade. É um miúdo patético a tentar sentir-se um grande homem. E, tem razão, não vou admiti-lo. Nem eu nem nenhum dos outros. — Apontei para a janela, onde estavam os restantes agentes de Knockemout, até os que estavam de folga. De braços cruzados, pernas afastadas. Atrás do Dillon, o Grave grunhiu de satisfação. — Agora, saia da minha esquadra.

O Dillon abriu a porta com tanta força que a fez bater na parede. Saiu para o espaço comum e lançou um olhar hostil ao resto do pessoal.

Fixou-se na Tashi e agigantou-se para ela.

— Tens algum problema, menina?

Eu já estava a levantar-me da cadeira, e o Grave já ia na porta, quando a Tashi ergueu para ele um sorriso.

— Já não, imbecil.

O Bertle e o Winslow colocaram-se atrás dela, com sorrisos desdenhosos.

O Dilton ergueu um dedo e espetou-lho na cara.

— Vai-te foder. — Olhou para os demais agentes e apontou-lhes o dedo. —
Vão-se todos foder!

E, com isso, saiu à bruta da esquadra.

— «Já não, imbecil»? Bannerjee, essa merda é de nível *G.I. Jane* — disse o Winslow, dando-lhe uma palmada no ombro.

Ela sorriu como se a professora lhe tivesse acabado de dar uma estrela dourada. Nem eu consegui evitar sorrir.

— Acho que vou andando — disse a delegada sindical, com evidente falta de entusiasmo.

— Boa sorte — disse eu.

Ela revirou os olhos.

— Obrigada.

— É bom tê-lo de volta, chefe — disse-me o Grave, saindo do gabinete atrás dela.

A *Piper* arranhou-me as pernas. Baixei-me e pousei-a no meu colo.

— Isto correu bem — disse-lhe.

Ela deu-me uma lambidela entusiástica e voltou a saltar para o chão.

Peguei na placa com o meu nome e percorri-a com os dedos. Nash Morgan, Chefe da Polícia.

Não estava de volta. Não totalmente, ainda. Mas parecia que tinha por fim dado um passo na direção certa.

Talvez estivesse na hora de dar outro.

QUINZE

SATANÁS DE FATO

Lina

Naomi: Não se esqueçam! Na quarta-feira vamos comprar os vestidos das damas de honor. Estou a pensar em «LL»: laranja, lisonjeiros e leves!

Sloane: Lina, acho que isto quer dizer que ela nos vai vestir de abóboras.

Eu: Abóbora não é a minha cor... nem forma.



Não me agradava perder uma manhã inteira a riscar as potenciais propriedades da minha lista. Muito menos quando sentia um tiquetaque de relógio sobre a cabeça. Precisava de progressos. Precisava de um avanço. Precisava de parar de pensar no Nash Morgan.

Isso significava afastar todos os pensamentos da sua oferta, das suas confissões e do seu sexo quente e duro. *OK*, este último tinha passado a residir em permanência na minha cabeça. Mas o resto tinha de me sair imediatamente do cérebro.

Estava a mastigar mecanicamente uma salada Cobb num restaurante a quarenta minutos de Knockemout quando um metro e oitenta de pecado de fato se sentou à minha frente na cabina.

O Lucian Rollins vestia o perigo como se fosse um fato feito à sua medida.

— Lucian.

— Lina.

O timbre grave, os olhos perfurantes. Tudo naquele homem era vagamente ameaçador... e, portanto, uma distração razoável da minha obsessão por tudo o que fosse o Nash.

— O que te traz à minha cabina?

Ele estendeu um braço sobre o encosto de napa, ocupando ainda mais espaço.
— Tu.

A empregada jovem e pespineta que me trouxera a comida, e que não se tinha calado durante cinco minutos por causa do meu blusão de *motard*, aproximou-se da mesa, segurando uma cafeteira num ângulo precário. Tinha os olhos arregalados e a boca aberta.

— C-café?

— Sim. Obrigado — disse ele, enfiando um dedo na asa da caneca à sua frente e virando-a para cima.

Os olhos dela arregalaram-se ainda mais, e eu perguntei-me se lhe iriam saltar da cabeça. Pelo seguro, desloquei a minha salada para fora da zona de perigo.

— Pode trazer-me mais molho, por favor? — perguntei, quando ela conseguiu finalmente servir o café.

— Com natas extras. Certo — sussurrou ela, sonhadora, e afastou-se.

— Bestial. Agora é que nunca mais vejo o molho.

O sorriso do Lucian tinha um brilho gelado.

— Tinha esperado que esta conversa não viesse a ser necessária.

— Adoro quando um homem me segue e abre com essa frase.

— O Nash Morgan — disse ele. Eu arqueei uma sobrancelha, mas não disse nada. — Ele está a atravessar um momento difícil. Eu detestaria ver fosse quem fosse a aproveitar-se disso.

Apontei para mim própria.

— Eu?

— Fosse quem fosse — repetiu o Lucian.

— É bom saber.

Nada disposta a facilitar-lhe a vida, espetei mais uma porção de salada com o garfo. Mastiguei com vagar, sem quebrar o contacto visual com o Lucian, que não mexeu um músculo. Fixámo-nos mutuamente, ordenando em silêncio ao outro que cedesse. Aquele era o tipo de situação social em que eu era excelente. Fazer conversa de chacha sobre coisas normais de miúdas? Não. Mas enfrentar um homem manhoso quando estavam em causa informações importantes? Isso era a minha modalidade olímpica, e eu levava a medalha de ouro.

Bebi teatralmente um gole de chá gelado.

— Ahhhh. — Os lábios dele estremeceram. — Desejas fazer mais alguma

declaração vaga ou andas só de mesa em mesa a deixar avisos? — perguntei.

— Ambos sabemos que tens segundas intenções para estares aqui. Conheço bem as pessoas para quem trabalhas, tal como também me apercebi do interessante sentido de oportunidade da tua chegada à cidade.

Fingi-me chocada.

— Há algum decreto municipal que proíba o trabalho em seguros?

— Temos de fazer joguinhos?

— Ouve, rapaz. Foste tu quem decidiu jogar ao gato e ao rato, seguindo-me para fora da cidade para provares que podes fazê-lo. Portanto, deixa-te de rodeios ou ainda me chateias — disse eu, com um sorriso maldoso.

O Lucian inclinou-se para a frente e entrelaçou os dedos sobre a mesa.

— Está bem. Sei quem tu és, para quem trabalhas e o que aconteceu na tua última operação. — Mantive uma expressão de tédio ostensivo, embora aquela última parte me impressionasse e enervasse. — Apesar do teu perfil discreto — prosseguiu ele —, construístes uma reputação notável por descobrires coisas que os outros não detetavam. És conhecida por seres destemida até ao ponto da imprudência, característica recompensada por quem te emprega. Não estás na cidade para uma visita de semanas ao teu velho amigo Knox. Estás aqui em busca de algo... ou de alguém.

Ele deixou a acusação suspensa entre nós. Eu comi casualmente mais uma porção de salada seca.

— Porque estamos a ter esta conversa agora? Porque não quando eu cheguei à cidade?

— Porque uma coisa é o estrago feito por uma bala, outra é a ferida deixada por um coração partido.

Apontei-lhe o garfo.

— Falas por experiência?

Ele ignorou a minha pergunta.

— Além de teres chegado à cidade imediatamente antes do rapto da Naomi e da Waylay, agora, por acaso, foste morar para o apartamento ao lado do Nash.

— Não me pareces o tipo de homem que tenha passado muito tempo em motéis cheios de baratas, portanto, não vou perder tempo a tentar explicar a mudança. Aliás, dado o facto de tu teres mais dinheiro do que alguns orçamentos estaduais, devias mesmo pensar em comprar o motel e remodelá-

lo... ou talvez simplesmente deitar-lhe fogo.

— Tomo nota da sugestão — disse ele secamente. — Agora, garante-me que o Nash não vai sofrer mais dissabores por tua causa.

Sentindo-me estranhamente protetora em relação ao homem em questão, pousei o garfo.

— Para que conste, eu não tive nada que ver com o ataque ao Nash nem com o sequestro da Naomi e da Waylay. Se estou na cidade em busca de alguma coisa, não é da tua conta, nem da conta de mais ninguém. E, por fim, o Nash já é crescido. Sabe tomar conta de si.

— Foi isso que disseste ao Lewis Levy?

Eu estava oficialmente irritada. Sorri.

— És como um miúdo a exhibir a péssima pintura com os dedos que fez na escola, à espera de me impressionar. Se eu a puser na porta do frigorífico, vais-te embora?

— Mais tarde ou mais cedo, mais alguém no teu círculo se vai magoar, e é melhor que não seja o Nash.

— O que é que tu vais fazer? Dar-lhe um guarda-costas a condizer com o *marshal*? — sugeri, descarada.

— Se for preciso. Sei que passaste a noite em casa dele.

— Não te preocupes, «pai». Somos os dois maiores e vacinados. Eu deixo-o em casa antes da hora de recolher.

O Lucian deu uma palmada na mesa, fazendo saltar a colher do seu pires e derramando café.

— Não sejas leviana em relação a isto — disse friamente.

— Até que enfim. Bolas, a que profundidade de gelo escondes o ser humano que há em ti? Pensava que teria de ameaçar uma gravidez «acidental» para te fazer ceder.

Ele pegou no meu guardanapo e limpou o café entornado, antes de mo devolver.

— Parabéns. Se a minha equipa aqui estivesse, farias uma pessoa ganhar muito dinheiro.

— Uma aposta de «quanto tempo até ele ceder»? Não me digas que o Lucian Rollins tem sentido de humor.

— Não tenho.

Eu recostei-me no assento.

— Eis o que eu acho: ou estavas à espera de que eu fosse um alvo mais manipulável, ou receias ter uma conversa aberta e honesta com o teu amigo. De qualquer modo, o teu fraco discernimento está a revelar-se, Lucian. — Ele soltou o que me pareceu um rosnido em surdina. Mas sabia que eu tinha razão. — Ouve, tens razão para estares preocupado com o teu amigo. Ele não te conta, nem a ninguém, aquilo por que está a passar. Isso inclui-me a mim, porque mal nos conhecemos. E o que me contou fica entre mim e ele, porque, ao contrário de outras pessoas nesta mesa, eu sei respeitar a privacidade alheia. Sim, dormi em casa dele esta noite. Não, não fizemos sexo. Mas não estou a dizer-to por pensar que te diz respeito. Porque não diz.

— Porque me estás a contar?

— Porque sei o que é termos pessoas tão preocupadas connosco que fazem coisas estúpidas nas nossas costas. — Os músculos do seu maxilar contraíram-se, e eu perguntei-me se tinha tocado num ponto sensível. — O Nash é um bom tipo, o que automaticamente faz com que não seja o meu tipo. Mas isso não quer dizer que eu não abra uma exceção.

— Não estás a ajudar o teu caso.

— Não estou a elaborar um caso — respondi. — Estou-me nas tintas para o que pensas sobre mim. Tu achas que eu sou o problema nesta situação, mas não sou eu. És tu.

— Não sou eu que me estou a posicionar para me aproveitar...

— Para já aí, antes que me faças zangar. Se pensas que eu estou a aproveitar-me do teu amigo ou que ele está a esconder-te coisas, tens duas opções.

— E quais são?

— Ou confias na capacidade do teu amigo para se orientar, ou tens esta conversa com ele. No mínimo, tem a decência de o defenderes pela frente.

O franzir de sobrolho do Lucian era de enregelar, mas eu tinha o meu temperamento quente para me proteger.

— Nunca poderias compreender a nossa história — disse ele com frieza.

— Oh, mas poderia. Tu és bom a recolher informações? Pois eu sou boa a ler pessoas. Vocês os três cresceram juntos sem, na verdade, terem crescido completamente. O Knox tentou esconder-se do amor para nunca mais voltar a sofrer. O Nash não confia em nenhum de vocês para o defenderem, portanto

não vai falar-vos do que se passa na cabeça dele. E tu... Bom, deixemos isso para outro dia.

— Não deixemos.

Eu encolhi os ombros.

— Está bem. Foste tu quem pediu. Tu és um consultor político manhoso, que foi associado à desgraça de vários homens e mulheres preeminentes na capital do país, para não falar na força por trás da ascensão de vários outros. «Maquiavélico» é a palavra sussurrada com mais frequência na tua direção. E isso agrada-te. Agrada-te que as pessoas te temam. Imagino que seja porque já sentiste o sabor do medo, e ele fez-te sentir impotente. Portanto, agora tens o poder de puxar todos os cordelinhos. Mas, ainda assim, não és feliz. — Os olhos dele estreitaram-se. — Permites-te um cigarro por dia, provavelmente só para provares que nada consegue dominar-te. És leal aos teus amigos, e eu tenho a sensação de que farias qualquer coisa por eles. E esse «qualquer coisa» definitivamente não se confina aos limites da lei. Mas quererias que o Nash ou o Knox «tratassem» das coisas nas tuas costas?

— Isto é diferente — insistiu ele.

— Gostarias de pensar que é, mas não é — disse eu. — Deixa-me pôr isto em termos que creio que vais compreender: o tempo e a energia que desperdiçaste a andar pelas costas do teu amigo a tentar «resolver» as coisas por ele podiam ter sido poupados com uma conversa de dez minutos. Imagina quantos políticos podias arruinar, quantos quarteirões podias comprar, se não tivesses de perseguir mulheres inocentes para as ameaças vagamente.

A sua expressão pétrea não mudou minimamente, mas eu apanhei-a: uma centelha de algo parecido com divertimento nos seus olhos gélidos.

— Eu nunca te aplicaria o termo «inocente», e as minhas ameaças foram mais declaradas do que vagas.

— Semântica — disse eu, com desdém.

Ele observou-me enquanto eu terminava a minha salada.

— Sugiro que esta conversa fique entre nós.

Guardar segredos. Era o que eu fazia. Só que eu já tinha estado no lugar do Nash. Os meus pais não confiavam em mim para lidar com nada de mau. Eu detestava a sensação de ter pessoas a discutirem o meu bem-estar nas minhas costas, como se eu não fosse suficientemente forte para participar na minha

própria vida. Imaginei que o Nash sentisse o mesmo.

— Qual de nós estás a tentar proteger, Luce? Posso chamar-te Luce?

— Espero que não estejas a pensar em magoar o meu amigo, Lina. É que eu detestaria ter de destruir a tua vida.

— Estou mortinha por te ver a tentar. Agora vai chatear outra.

DEZASSEIS

UM PAR DE AGRADECIMENTOS

Nash

Enrolei a trela da *Piper* numa mão e peguei num dos dois ramos que estavam no suporte para copos do meu veículo.

— Anda, *Piper*. Uma paragem rápida.

Sáímos para a rua precisamente quando o Nolan encostava no passeio, atrás de mim. Atirei-lhe uma continência sarcástica, que ele retribuiu com um pirete pouco convicto.

Estava quase a começar a gostar do tipo.

A *Piper* foi à frente até ao *duplex*. Era um edifício de dois andares, de tijolo e vidro. Ambas as unidades tinham um pequeno alpendre e vasos com flores.

Subi os três degraus até à porta da esquerda. Na janela da frente, encontrava-se um gato cinzento e branco espalmado contra o vidro. Chegou-me aos ouvidos música clássica. Acenei ao gato cético e a seguir toquei à campainha.

A *Piper* estava sentada aos meus pés, a abanar a cauda de entusiasmo. Tê-la no trabalho comigo não era tão irritante como eu tinha esperado que fosse. Os seus rotineiros pedidos de atenção impediam-me de me abstrair no meio dos papéis. E, embora ela ainda não estivesse suficientemente à vontade para permitir festas a nenhum dos agentes, tinha começado a fazer excursões de hora a hora pelo espaço comum, depois de ter percebido que eles tinham gulodices nos bolsos para lhe dar.

Ouvi passos do outro lado da porta, juntamente com um irritado:

— Já vou. Já vou. Aguentem lá os cavalos.

A porta abriu-se, e ali estava ela. O meu anjo da guarda.

A Xandra Rempalski tinha o cabelo espesso e encaracolado. Era preto, com madeixas violeta. Ela usava-o meio preso num carrapito torto, enquanto o

restante lhe caía abaixo dos ombros. Tinha a pele bronzeada e uns olhos castanhos que passaram da irritação ao reconhecimento.

Em vez de bata, usava um avental de ganga com ferramentas e rolos de fio enfiados nos bolsos. Longos brincos de prata, compostos por dezenas de argolas interligadas, pendiam-lhe das orelhas. O seu colar de cadeias minúsculas formava um «V» entre as clavículas. Fazia-me lembrar uma cota de armas.

— Olá — disse eu, sentindo-me subitamente estúpido por ter passado tanto tempo sem ter feito aquilo.

— Olá para si — respondeu ela, encostando-se à moldura da porta.

O gato abriu preguiçosamente caminho por entre os seus pés descalços. A *Piper* encolheu-se atrás das minhas botas e fingiu ser invisível.

— Não sei se se lembra de mim...

— Chefe Nash Morgan, quarenta e um anos, dois ferimentos de bala, no ombro e no tronco, O negativo — recitou ela.

— Parece que se lembra de mim.

— Não é todas as noites que uma mulher encontra um polícia a sangrar na beira da estrada — disse ela, lançando-me um sorriso rápido.

A *Piper* arriscou uma espreitadela por trás das minhas botas. A gorda gata malhada bufou, sentando-se em seguida e começando a lamber o ânus.

— Não ligue à *Gertrude, a Rude* — disse a Xandra. — Ela é muito empertigada e não tem um pinga de pudor.

— Isto é para si — disse eu, estendendo-lhe o ramo de flores. — Já devia ter vindo cá agradecer-lhe. Mas as coisas têm...

Ela ergueu o olhar das flores, e o sorriso transformou-se numa careta compassiva.

— É duro. Ver isso no hospital não é fácil. Estou certa de que vivê-lo não é pera doce.

— Sinto que devia ser mais ou menos imune — confessei, baixando o olhar para a *Piper*, que voltara a colar-se à parte de trás das minhas pernas.

A Xandra abanou a cabeça.

— Quando começar a sentir-se imune, será hora de sair. É a dor, o cuidado que nos tornam bons nos nossos trabalhos.

— Há quanto tempo está no Serviço de Urgência?

— Desde que me formei como enfermeira. Oito anos. Não há um momento

de tédio.

— Alguma vez se perguntou por quanto tempo conseguirá importar-se?

O sorriso dela regressou.

— Não me preocupo com essas coisas. É um dia de cada vez. Enquanto o bom ultrapassar o mau, estou pronta para o dia seguinte. Nunca vai ser fácil. Mas não fazemos estas coisas pela facilidade. O que queremos é fazer a diferença. Coisas como esta? O agradecimento de um dos que sobreviveram? Significam muito.

Devia ter-lhe comprado um postal.

Ou alguma coisa que durasse mais do que um ramo de girassóis.

Mas só tinha palavras. Portanto dei-lhas:

— Obrigado por me ter salvado a vida, Xandra. Nunca conseguirei pagar-lhe isso.

Ela prendeu o ramo na anca. Os seus brincos cintilaram à luz.

— É por isso que está sempre a pagar adiantado, chefe. Um dia de cada vez. Continue a fazer o bem. Continue a equilibrar a balança.

Eu esperava desesperadamente que retirar o Dilton do serviço fosse um passo nessa direção. É que, naquele momento, como todas as outras coisas que fazia, não parecia estar nem perto de ser o suficiente.

— Farei os possíveis.

— Sabe, ter alguma coisa além do trabalho ajuda. Uma coisa boa. Eu? Namoro com os homens errados e faço joalheria — disse ela, passando com uma mão sobre o seu avental cheio de ferramentas.

Naquele momento, eu sentia que não tinha nada de nada, além de uma cadela de acolhimento carente e um buraco ou dois que nunca fechariam.

Houve um sonoro estrondo na porta ao lado, seguido de um uivo alto e prolongado. Eu sobressaltei-me, e a minha mão desceu automaticamente até à arma de serviço.

— Não — advertiu a Xandra com brusquidão.

Meteu as flores e o gato para dentro e fez tenção de me empurrar para passar.

— Vá para dentro — insisti eu, quase a tropeçar na *Piper* ao descer apressadamente os degraus. O Nolan estava a subir o passeio, de coldre desapertado.

— Esperem! É o meu sobrinho. Ele é não verbal — explicou a Xandra,

seguindo-me até à casa do lado. Os detalhes do seu depoimento vieram-me à memória. Atrasara-se para o trabalho porque tinha ficado a ajudar a irmã a acalmar o sobrinho. Detive-me e troquei um olhar com o Nolan. Deixei-a ultrapassar-me nos degraus. — Ele tem autismo — disse ela, abrindo a porta da casa da irmã.

— Fique com a cadela — disse eu, atirando a trela da *Piper* ao Nolan e entrando também.

O meu sangue continuava a latejar, e o meu foco estava alerta. No meio da alcatifa da sala, encontrava-se um homem — não, um rapaz — enrolado de lado, de mãos sobre as orelhas, balançando-se e uivando com uma dor que só ele sentia. Ao seu lado estavam os destroços espalhados de um castelo de blocos.

— A bófia? A sério, Xan? — Uma mulher extremamente parecida com a Xandra estava ajoelhada fora do alcance dos violentos pontapés das pernas compridas e descoordenadas do rapaz.

— Que gracinha — disse secamente a Xandra. — Eu fecho as cortinas.

— Posso fazer alguma coisa? — perguntei-lhe com cautela, enquanto ela fechava em silêncio as cortinas das janelas da frente.

— Ainda não — disse a irmã da Xandra, por cima dos gritos implorantes do filho. — Temos consulta no médico daqui a uma hora. Os auscultadores dele ainda estão a carregar.

Mantive-me junto da porta, sentindo-me inútil, enquanto as duas mulheres trabalhavam em conjunto para que a sala ficasse mais escura e sossegada. Era um protocolo, percebi.

Os uivos não tardaram a acalmar-se, e a mãe do rapaz colocou-lhe uma espécie de capa pesada sobre os ombros.

Após um momento, ele sentou-se. Era alto para a idade, com a pele escura e os membros magricelas do início da puberdade.

Lançou um olhar ao castelo em ruínas e soltou um gemido baixo.

— Eu sei, querido — disse a mãe, passando-lhe cuidadosamente um braço em redor dos ombros. — Não faz mal. Nós arranjamolo.

— Amy, este é o chefe Morgan — disse a Xandra. — Chefe, estes são a minha irmã Amy e o meu sobrinho Alex.

— Chefe — disse a Amy, embalando o Alex nos braços.

— Olá. Só passei por aqui para agradecer à Xandra por...

— Lhe ter salvado a vida? — sugeriu ela, com um pequeno sorriso.

— Sim. Isso.

— Desculpe a perturbação — disse ela, aceitando o livro que a Xandra lhe estendia.

— Não é preciso pedir desculpa.

— E estavas tu preocupada com a forma como correria a tua primeira interação com os polícias — brincou a Xandra. Os lábios da Amy voltaram a sorrir, antes de ela pousar um beijo no alto da cabeça do filho e começar a ler.

— É outra estratégia: rir mesmo quando as coisas não têm graça — disse a Xandra, passando-me um saco de pano.

Com o Alex a lançar olhares preocupados na minha direção, fiz o meu trabalho e ajudei a restabelecer a ordem, bloco a bloco.

Quando a sala ficou arrumada e a história acabou, fiz um aceno com a cabeça para a Amy e segui a Xandra até à porta. O Alex pôs-se de pé e dirigiu-se lentamente para nós. Era alto e de ombros largos, e a mão que fechou no meu braço era forte. Mas, quando olhou para o meu peito, surgiu-lhe no rosto um sorriso doce de menino pequeno.

— Ele não acredita em espaço pessoal — avisou a Xandra, divertida.

O Alex estendeu a mão e percorreu com o dedo o meu crachá, ponta a ponta. Depois de ter traçado a estrela duas vezes, fez um aceno e soltou-me.

— Também gostei de te conhecer, Alex — disse-lhe eu com meiguice.



Com os braços carregados, dei dois ligeiros pontapés na porta e esperei.

Esta abriu-se segundos depois, e tudo em mim aqueceu ao vê-la. A Lina vestia *leggings* roxo-escuras. A camisola era um polar cor de marfim, que acabava dois centímetros acima do cós das calças. Uma larga fita *tie-dye* segurava-lhe o cabelo. Estava descalça.

— Boa noite — disse eu, cruzando o limiar da porta e depositando-lhe um beijo na face. A *Piper* seguiu-me e foi direita ao sofá.

— Ora, olá. Hum, o que é isso tudo? — perguntou, fechando a porta atrás de mim.

Eu entrei na cozinha e larguei os sacos na bancada.

— O jantar — disse.

Ela apareceu à porta.

— Isso não parece ser o tailandês que eu ia pedir.

— Além de bela, inteligente. — Retirei as flores silvestres de um dos sacos. — Jarra?

Ela apontou para as bancadas vazias.

— Achas-me com ar de ter por aí uma jarra?

— Nós arranjamo-nos. — Comecei a abrir armários, até encontrar um feio jarro de plástico. — Flores silvestres, porque me lembram de ti — expliquei.

E porque os lírios-do-vale me lembravam da minha mãe.

A Lina lançou-me um daqueles complicados olhares femininos, antes de ceder e enterrar o rosto nas flores.

— Isto é muito querido da tua parte. Querido, mas desnecessário.

Notei que ela estava a tentar distanciar-se no espaço minúsculo. Era fofo ela pensar que conseguiria reconstruir as paredes que tinham ruído na noite anterior.

— Podes arranjar uma tigela de água para a *Pipe*, enquanto eu começo os preparativos?

Ela hesitou por um segundo; depois abriu um armário e encontrou uma taça de *takeaway* vazia.

— Não precisas mesmo de me fazer o jantar. Eu ia agora pedir comida — disse, abrindo a torneira do lava-louça.

— Tive um dia longo — disse eu descontraidamente, retirando de um dos sacos uma garrafa de vinho, um saca-rolhas e dois copos. — E, graças a ti, pela primeira vez em muito tempo, tive energia para o enfrentar.

Abri o vinho com um «pop» e pus a garrafa de lado.

— Ouvi que se tinha passado alguma coisa num dos vossos gabinetes — admitiu ela, pousando a água no chão. — A senhora Tweedy disse-me que apanhaste um dos teus homens a roubar notas falsas das provas, depois de elas terem sido gastas num clube de *strip*.

— Quem me dera — disse eu.

A *Piper* apareceu à porta, com um sutiã de desporto na boca. Cuspiu o sutiã na tigela e a seguir bebeu água, contornando-o.

— Vá lá, *Pipe*. Para de comer roupa. — Resgatei o sutiã. — Creio que isto é

teu.

A Lina pegou no sutiã e atirou-o para a bancada, para junto dos brócolos.

— Depois, a Neecey quase me derrubou no passeio, em frente ao Dino's — disse ela, dando um salto para se sentar na bancada. — Disse-me que deste uma cabeçada naquele inútil do Tate Dilton no corredor dos chocolates do supermercado.

— Por vezes preocupa-me o domínio da linguagem nesta cidade.

Ela sorriu.

— A Neecey também me disse que ouviu dizer que vocês os dois lutaram e derrubaram uma pirâmide de latas de sopa, e que o gerente da loja foi encontrar duas latas de *minestrone* na secção dos congelados.

— Se servires o vinho, eu conto-te a história verdadeira, muito menos aventureira.

— Combinado.

Informei-a sobre o meu dia. Todo. Sabia bem. Partilhar uma cozinha. Partilhar o meu dia. A Lina parecia genuinamente interessada. Ficou sentada na bancada, e conversámos, enquanto eu salteava frango, pimentos e cebola. A *Piper* juntou-se a nós, com um desfile infindável de brinquedos e peças de roupa.

Tive de me conter mais de dez vezes para não me meter entre as pernas da Lina, subir as mãos pelas suas coxas e atacar aqueles belos lábios vermelhos.

A ligação que sentia era real, tangível e profunda, mas não sabia até que ponto era profunda para ela. E não queria afugentá-la com o nível da minha carência.

— Porque estão umas calças de pijama neste saco? É alguma sobremesa moderna que eu desconheço? — perguntou, remexendo no último saco.

— Sim, quanto a isso... — comecei eu.

— Nash. — O meu nome era uma advertência doce naqueles lábios.

— Sei que a noite passada devia ser uma vez sem exemplo. Sei que tiveste pena de mim porque eu estava um farrapo. — Apaguei o lume sob o frango e tapei o tacho, antes de me virar para ela. — Também sei que não dormia tão bem há... talvez há uma eternidade.

— Não podemos continuar a fazer isto — disse ela, docemente.

Eu limpei a mão no pano da louça que tinha levado, e depois fiz o que estava

morto por fazer. Coloquei-me entre os seus joelhos e fiz deslizar as mãos pelas suas coxas, até repousarem nas ancas.

As mãos dela pousaram nos meus ombros e ali ficaram. Sem empurrar. Sem puxar.

Era uma posição íntima. E eu queria *mais*, porque o meu coração passara de morno a escaldante numa fração de segundo.

— Ouve, eu sei que não é justo pedir-te. Responsabilizar-te por este pedaço do meu bem-estar. Mas estou desesperado. Preciso de ti, Angelina.

— Porque me chamas Angelina?

Apertei-lhe gentilmente as ancas.

— É o teu nome.

— Eu sei. Mas ninguém me chama Angelina.

— É um belo nome para uma mulher bela e complicada.

— És muito charmoso, tenho de admitir. Flores. Jantar. Doçura. Mas por quanto tempo vamos jogar este jogo?

— Querida, para mim não é um jogo. É a minha vida. Tu és a única coisa em toda a minha existência que me faz sentir que tenho hipótese de encontrar o caminho de regresso. Não sei porquê. E, francamente, não preciso de saber. Só sei que me sinto melhor quando te toco. Quando acordei esta manhã, não me senti um fantasma nem uma sombra. Senti-me *bem*.

— Eu também... uh... me senti bem — confessou ela, sem me olhar bem nos olhos. — Mas estamos a brincar com o fogo. Quero dizer, mais tarde ou mais cedo vais ficar excessivamente ligado a mim, e eu terei de destruir o teu frágil coração de homem. Para não falar no facto de que basicamente acordámos a comer-nos.

Eu sorri.

— Foi por isso que trouxe calças. Com cordão.

— Não foi para este tipo de pressão que os filmes da televisão me prepararam. «Ei, Lina. Dorme enroscada comigo para eu me poder sentir vivo de novo» — disse ela, imitando um barítono grave.

Apertei-lhe novamente as ancas e puxei-a uns centímetros mais para mim.

— Não há nada que eu deseje mais do que ir para a cama contigo e não fazer sexo, Nash — disse eu, numa imitação sussurrante da Marilyn Monroe.

Ela soprou um suspiro ofendido.

— És tão fofo que até irrita.

— Irrita o suficiente para me deixares dormir contigo esta noite?

Ela apertou-me os ombros e juntou a testa à minha.

— Estou mesmo a tentar tomar decisões melhores, mas tu não facilitas isso.

Cedi à tentação e beijei-lhe o nariz.

— Irra!, és impossível — queixou-se ela.

— Qual era o problema das tuas decisões anteriores? — Ela mordeu o lábio.

— Preciso de te lembrar que tenho estado a ser repugnantemente vulnerável contigo há, quê? Quarenta e oito horas? Acabei de passar vinte minutos a contar-te tudo sobre o meu dia. É a tua vez. Dar e receber. Fala, Angel.

Ela franziu o nariz.

— Não gosto de partilhar. Especialmente quando não fico com boa imagem.

— Repito: posição fetal na base das escadas.

— Estava a liderar uma equipa durante uma operação. Tivemos de fazer uma saída rápida e inesperada por um telhado, quando o nosso ladrão chegou mais cedo a casa. Eu não sabia que o tipo que me acompanhava tinha medo de alturas. Saltei e aterrei no canal. Quando olhei para trás, ele ainda lá estava, paralisado. Gritei, ele entrou em pânico e caiu de cu no capô de um carro.

— Au! — disse eu, decidindo que não precisava de saber exatamente que perigo exigia uma fuga pelo telhado.

— Ele partiu o cóccix, portanto teve sorte. Mas eu devia ter sido mais providente. No mínimo, não devia tê-lo obrigado a correr o risco. — Os seus dedos traçaram círculos minúsculos no meu peito. — Acontece que compensa sempre fazer bem o meu trabalho. Bónus, estatuto, a excitação da perseguição. Ser a heroína e levar a taça para casa. Na minha empresa, as táticas agressivas são louvadas. Eu ganhei um bónus, e o Lewis ganhou um cu partido. Percebi que, por muito boa que seja, por vezes é simplesmente uma questão de sorte. E não quero contar com isso para sempre.

— Percebo isso, menos a parte do dinheiro.

Chateava-me estar ali naquela cozinha devido à sorte.

— É mais heroico ser-se um herói por algo que não seja um cheque chorudo — disse ela.

— De quão chorudo estamos a falar? — provoqueei.

O seu sorriso foi felino.

— Porquê? Tens problema em ganhar muito menos do que a tua companheira de cama de apoio emocional?

— Não, senhora. Não tenho. Só estou curioso por saber quanto é «muito menos».

— Tenho um gestor financeiro e um quarto de vestir cheio de belas peças de marca. Aquele *Charger sexy* lá fora, no parque de estacionamento? Paguei-o em dinheiro com o bónus do ano passado.

Soltei um assobio baixo.

— Mal posso esperar para ver o que me darás no meu aniversário.

— Se a memória não me falha, tu e o teu irmão mal se falaram durante anos por ele te ter dado dinheiro.

— Isso é uma mentira miserável — disse eu, pegando no meu copo. — Mal nos falámos durante anos porque ele me deu dinheiro à força, disse-me o que fazer com ele, e depois não gostou do que eu optei por fazer.

— Bom, nesse caso, Equipa Nash — disse ela.

— Imaginei que sim.

— O que queria o Knox que fizesses exatamente?

— Que me reformasse.

As suas sobrancelhas arquearam-se.

— Que te reformasses? Porquê?

— Detesta o facto de eu ter decidido ser polícia. Tivemos a nossa conta de fricções com a lei, em miúdos. O Knox nunca superou a desconfiança na autoridade. Amoleceu um pouco. Mas ainda gosta de se aventurar na zona cinzenta. Como aqueles jogos ilegais de póquer que eu supostamente desconheço.

— E tu? Porque não te aventuraste na zona cinzenta?

— Se perguntares ao meu irmão, foi um «vão-se lixar» para ele e para a nossa infância. Nós contra eles.

— Mas isso não é verdade.

Abanei a cabeça.

— Pensei: «Em vez de operar contra o sistema, porque não fazer mudanças dentro dele?» Os nossos sarilhos com a lei foram bastante ligeiros. Mas o Lucian? Não estava lá ninguém para o proteger ou servir. Foi metido na cadeia aos dezassete anos e ficou lá uma semana, o que nunca devia ter acontecido.

Foi isso que me fez mudar. Não haveria rebeldia nem violação da lei que o safasse daquele imbróglio. E teria bastado apenas um bom polícia a agir corretamente.

— Então andas por aí a fazer o teu trabalho por todos os futuros Lucians — disse ela.

Encolhi os ombros, um pouco envergonhado.

— E pela farda gratuita. Consta que as calças me assentam bem no rabo.

A Lina sorriu, e eu senti aquela luz quente de fogueira no meu peito.

— Oh, Garanhão Certinho, esse rumor confirma-se. É um facto oficial.

— Garanhão Certinho?

— Há alguma coisa na cidade que não saibas ainda? — zombou ela.

Fechei os olhos.

— Diz-me que isso não é a minha alcunha.

Ela agitou as longas pestanas na minha direção.

— Mas, Nash, eu sei como a honestidade é importante para ti.

— Céus.

DEZASSETTE

CONVERSA DE ALMOFADA

Lina

— Então tiveste uma missão de alto risco, com uma equipa a saltar de telhados, e agora estás aqui? — perguntou o Nash.

Estávamos na minha cama, a olhar para o teto. O Nash deitara-se do lado esquerdo, o mais próximo da porta do quarto. A *Piper* ressonava, enroscada na axila dele. Eu tinha posto uma almofada entre nós, para prevenir a repetição dos números da noite anterior.

Hesitei, surpreendida pelo desejo que tinha de lhe contar toda a verdade, de lhe dizer que estávamos ambos em busca do mesmo homem. Mas contive-me. Já me tinha comprometido com o plano. Não precisava de gastar energia com dúvidas sobre ele.

— Precisava de ter espaço para repensar tudo. Vai abrir vaga para um novo cargo. Mais viagens. Missões mais longas. É o meu trabalho de sonho. Mas... — Fiquei-me por ali.

— A tua família sabe o que fazes?

— Pensam que eu percorro o país a fazer formações empresariais. Prefiro viver a minha vida sem arcar com a responsabilidade pelas opiniões das outras pessoas. Especialmente opiniões sobre como devia arranjar um modo mais seguro e fácil de me sustentar.

— É justo. O que está no arquivador?

— Nash, esta coisa de dormirmos juntos só resulta se tu te calares e dormires.

— Só estou a juntar as peças na minha cabeça.

Não me agradava o rumo da conversa. Parecia que ele me estava a obrigar a pequenas mentiras sucessivas. E eu sentia-me cada vez mais desconfortável. Portanto, saquei do meu arsenal e usei a minha arma preferida: desviar a

atenção.

— Hoje encontrei o Lucian — anunciei, deitando-me de lado para o encarar na escuridão.

— Aqui?

Interessante. Com que então, aquele chatarrão superprotetor na verdade não queria que o Nash soubesse da nossa conversa.

— Não. Num *diner* em Lawlerville.

— O Lucian estava a comer num *diner*? Tens a certeza de que era ele e não um sócia?

— Na verdade, não comeu. Bebeu café enquanto eu comia — disse eu.

— De que é que vocês falaram?

— Não me digas que o Garanhão Certinho está com ciúmes — zombei, estendendo o braço por cima da almofada para lhe fazer cócegas.

O Nash apanhou a minha mão e levou-a à boca.

— Podes crer que estou. — Mordeu-me a polpa do indicador.

— Falámos sobre ti. Acho que ele está preocupado contigo.

Ele ficou calado por um momento; senti a sua preocupação a acumular-se no escuro.

— Não lhe contaste nada, pois não?

— Claro que não. Tu pediste-me para não contar. Presumi que havia uma razão para contares à estranha da casa ao lado sobre os teus ataques de pânico, e não ao teu amigo mais antigo ou ao teu irmão.

— Nós não somos estranhos — insistiu ele, colocando a minha mão sobre o seu peito e mantendo-a lá.

— Então somos... amigos?

Ele ficou calado durante um longo momento.

— Parece ser mais do que isso — admitiu.

— Mas que *tipo* de «mais»?

Vejam se gostas de perguntas irritantes e desconfortáveis, chefe.

— O tipo de «mais» em que, se eu estivesse em melhor forma, tu estarias nua e podes ter a certeza de que não haveria uma almofada entre nós.

— Ah.

— «Ah»? É tudo o que tens a dizer?

— Por agora.

Um alarme tocou, estridente, arrancando-me de um sonho delicioso sobre mim, o Nash e alguma nudez de bom gosto que parecia definitivamente ir parar a algo escaldante.

Debaixo de mim soou um rosnido grave e, por um segundo, preocupei-me com a possibilidade de ter rebolado para cima da cadela enquanto dormia.

Mas a *Piper* era muito mais peluda e pequena do que o que quer que fosse o apoio da minha cabeça. O alarme calou-se, e o rosnido transformou-se num bocejo. Uma mão morna subiu da minha coxa até à anca.

Entretanto, a parte interior da minha coxa embalava uma ereção tremenda.

— Só pode ser brincadeira — gemi.

— Saltaste a vedação, Angel — disse o Nash, ufano e sonolento.

Eu deitara-me em cima da almofada que pusera entre nós. Tinha a cabeça e a mão sobre o amplo peito do Nash. A minha perna estava atravessada por cima da sua... ahhh... área genital.

— Isto está a tornar-se pura e simplesmente constrangedor — resmoneei.

Tentei afastar-me, rebolar de vergonha até ao meu lado da cama. Mas os braços dele fecharam-se em meu redor. Com um puxão rápido, fiquei esparramada em cima dele, peito com peito, virilhas com virilhas.

Uma situação escaldante.

— Pelo menos, eu não despi as calças — disse ele, alegremente.

— Não tem graça — queixei-me.

Eu não era de enroscanços, e homem algum, muito menos um que dependesse de mim para não-sei-quê emocional, ia alterar isso.

— Oh, querida, também acho. Não há nada de engraçado no sítio onde estás apoiada.

A ereção dele estremeceu contra mim, levando as minhas partes sensíveis a fazerem uma birra por estarem presas nos calções que eu insistira em levar para a cama. Fiz uma tentativa respeitável para sair de cima dele, mas o desequilíbrio e a fricção consequentes só me excitaram mais. As mãos do Nash subiram para as minhas ancas.

— Tem calma, Angel. — Tinha a voz áspera, e parecia muito menos sonolento e muito mais excitado enquanto as suas mãos me imobilizavam.

Entretanto, eu pus as mãos e os braços entre nós, para me distanciar o mais possível. O meu orgasmo estava por um fio e, se eu fizesse a mínima investida naquela direção, seria impossível escondê-lo.

— Céus, és linda de manhã — disse ele, desviando-me uma madeixa de cabelo da testa. — A melhor maneira de despertar que alguma vez tive.

Era a segunda melhor para mim, sendo que a melhor fora no dia anterior. Mas de modo algum eu partilharia essa pepita com ele.

— Para de ser querido — disse-lhe.

Mas aqueles olhos azuis, suaves e sonhadores, atraíram-me. Já não lutava pela minha liberdade. Pairava sobre ele, de olhos nos olhos, bocas demasiado próximas para tomarem boas decisões.

Ele ergueu a sua outra mão. Os seus dedos dançaram ao longo do meu maxilar e mergulharam nos meus cabelos.

— Agora vou beijar-te, Angelina.

«Raios, não.» Era isso que eu devia ter dito. Ou «Acho que isto é má ideia e que devíamos parar para ponderar as consequências». No mínimo dos mínimos, poderia ter dito que precisava de lavar os dentes, fechando-me depois na casa de banho até as minhas partes pudendas ganharem juízo.

Em vez disso, assenti estupidamente e disse:

— Sim. Está bem.

Mas, no preciso instante em que ele se erguia, no preciso momento em que tudo o que eu via eram aqueles olhos azuis a aproximarem-se, escaldantes, precisamente quando os meus lábios se afastavam, começaram as pancadas na porta.

Aos pés da cama, a *Piper* sobressaltou-se, soltando vários latidos.

O Nash franziu o sobrolho.

— Esperas alguém às seis da manhã?

— Não. Não achas que é a senhora Tweedy a tentar convencer-me a ir ao ginásio, pois não?

Não hesitaria em esconder-me debaixo da cama.

As pancadas recomeçaram.

— Ela é baixa. Bate mais abaixo na porta.

Não vou mentir, senti uma pontada de alívio por provavelmente não ser a minha vizinha idosa preparada para voltar a dar cabo de mim no ginásio.

— Fica aqui — ordenou o Nash, fazendo-me deslizar de cima dele para a cama.

— Uma ova. A casa é minha. Quem quer que esteja a bater à porta anda à minha procura.

— E não será uma surpresa divertida darem comigo em vez de ti? — disse ele, parecendo já menos um amante ensonado e mais um polícia calejado.

Eu peguei no meu roupão e apressei-me a segui-lo.

— Nash! — silvei. — Talvez eu não queira que quem está à porta saiba que voltámos a passar a noite juntos.

— Tarde de mais — disse a irritada voz de barítono do outro lado da porta.

O Nash abriu a porta de rompante, e o Lucian, com aspeto de quem já estava acordado há horas, entrou, vestindo mais um daqueles fatos feitos por medida.

— Deves estar a gozar comigo — resmoneei.

— Tu dormes de fato? — perguntou-lhe o Nash.

— Eu não durmo — brincou ele.

A minha vagina odiou o Lucian Rollins.

— Que estás a fazer aqui? — exigi saber.

— A seguir o teu conselho — disse ele, num tom ligeiramente sibilado. — Anda, Nash. Vamos tomar o pequeno-almoço.

— Não te ofendas, Lucy, mas eu estava a meio de uma coisa que prefiro de longe a comer ovos contigo.

O Lucian lançou-me um olhar que teria incinerado uma mulher mais fraca.

— Podes voltar ao assunto depois de me ouvires.

— Preciso de café — resmoneei eu, e dirigi-me à cozinha.

— Eu avisei-te! — exclamou o Lucian nas minhas costas.

— Sim? E eu também te avisei. — Mostrei-lhe um dedo do meio por cima do ombro.

— Avisaste-a? Que diabo é isto, Lucy? — exigiu saber o Nash.

— Precisamos de falar — disse o Lucian. — Veste-te.

— Eu trato da cadela — disse eu. — Vai tratar do camelo do teu amigo.

DEZOITO

OVOS BENEDICT PARA IMBECIS

Nash

Eu não estava com disposição para comida de pequeno-almoço nem para a alegre música *pop* que saía pelas colunas do *diner*. Pelo segundo dia seguido, não acordara com aquele horrível som esmagador a ecoar na cabeça.

Em vez disso, tinha acordado com a Lina. E o imbecil do meu amigo estragara tudo.

— Onde está o teu *marshal*-sombra? — perguntou o imbecil do meu amigo.

— Provavelmente ainda na cama. Onde *eu* devia estar. Interrompeste uma coisa.

— Devias era agradecer-me.

— Perdeste a merda do juízo?! — perguntei, enquanto o empregado se aproximava.

— Posso dar-vos mais um minutos — disse ele, hesitante.

— Café. Simples. Por favor — acrescentei, fazendo deslizar a ementa para a ponta da mesa e olhando para o Lucian, hostil.

— Queremos ambos os ovos Benedict com salmão, iogurte e frutos vermelhos — disse o empata do meu amigo.

— Com certeza — disse o miúdo, afastando-se rapidamente.

O Lucian tinha o dom de intimidar e impressionar as pessoas. Muitas vezes, as duas coisas ao mesmo tempo. Naquele dia, porém, estava só a irritar-me.

Passei uma mão pela cara.

— Que raio se passa contigo?

— Estou aqui para te fazer a mesmíssima pergunta — disse ele, franzindo o sobrolho para o telemóvel antes de o meter no bolso do casaco.

— Pareces um vampiro que fica acordado a maquinar sobre como empatar as

fodas dos seus melhores amigos.

— Passaste duas noites na cama com ela, e...

— Como sabes que passei duas noites na cama com ela? — interrompi.

— Duas noites na cama com quem? — O meu irmão deslizou para o meu lado no assento com uma expressão irritada, como se tivesse acabado de sair da cama.

— Que estás aqui a fazer? — exigi saber.

Ele bocejou e fez sinal de que queria café.

— O Lucy ligou-me. Disse que era importante. Duas noites na cama com quem?

— Não vou falar disso. E como raio é que tu sabes como eu durmo ou deixo de dormir? — perguntei, virando-me de novo para o Lucian.

— As informações têm o dom de chegar até mim.

— Juro por Deus, se a senhora Tweedy anda à escuta à minha porta com um copo de vidro...

— Que diabo se passa com vocês os dois? — interpôs-se o meu irmão.

O empregado regressou com café para todos.

— Deseja pequeno-almoço? — perguntou ao Knox.

— Talvez depois de saber quem é que o meu irmão anda a levar para a cama.

— Jesus. Quem eu levo para a cama não é da conta de ninguém. O que eu quero saber é por que diabo o Lucian apareceu à porta da Lina às seis da manhã e me arrastou para fora da cama para tomar a merda do pequeno-almoço.

— Tu estavas em casa da Lina às seis da manhã? — O Knox não parecia nada contente com isso.

— Francamente, eu não teria tido de lá ir se o meu almoço com a tua companheira de cama tivesse corrido melhor ontem — disse o Lucian, com uma expressão irritada.

Eu estava a ponderar atirar-me para o outro lado da mesa e agarrá-lo pelas lapelas do seu fato finório quando o empregado teve o bom senso de desaparecer.

— Porque é que estás aqui? Para que foste almoçar com a Lina? E que porra tem isso que ver com a tua apetência súbita por ovos Benedict?

— Por que raio estavas em casa da Lina às seis da manhã? E é bom que a

resposta não seja que andas a comê-la — rosnou o Knox.

O Lucian arqueou uma sobrancelha na minha direção e pegou na caneca.

— Ela disse-te que almoçámos juntos, mas não te disse porquê? Interessante.

— Nada disto é interessante para mim. Ou vais direito ao assunto ou desamparas-me a loja — disse eu.

— Se alguém não começar a responder às perguntas, eu desato ao murro — advertiu o Knox.

— As coisas não lhe têm corrido bem — disse o Lucian, apontando para mim. — Não correm bem desde o tiroteio.

— Não me digas, Sherlock. Um parvalhão fez-me aqui dois buracos. Demora o seu tempo, recuperar disso.

— Dizes isso como se estivesses a tentar.

Uma raiva branca e ardente ganhou vida sob a minha pele. Ao meu lado, o meu irmão ficou tenso.

— Vai-te foder, Lucy — disse eu. — Estou a tentar. Faço fisioterapia. Vou ao ginásio. Vou trabalhar.

Ele abanou a cabeça.

— Fisicamente, estás a sarar. Mas mentalmente? Não és o mesmo. Tu escondes isso. Mas as fendas começam a aparecer.

— Vou precisar de alguma coisa mais forte do que café, se é para termos esta conversa — resmoneou o Knox.

Eu peguei no meu café e ponderei atirar-lho.

— Vai direito ao assunto, Lucy.

— Tu não precisas de distrações. Precisas de uma conclusão. Precisas de te lembrar. Precisas de encontrar o Hugo. E precisas de tirá-lo das ruas.

— Tirar o Hugo das ruas não altera em nada o que já aconteceu. E como raio lembrar-me do que aconteceu me vai fazer voltar a ser o mesmo?

Aquele espaço em branco na minha memória conteria a chave? Se eu por fim me lembrasse de como era encarar a morte, ficaria pronto para voltar a viver? Eu podia pôr criminosos atrás das grades, mas isso não desfazia o que eles já tinham feito. Podia impedi-los de voltarem a fazê-lo, mas não impedir o primeiro crime.

Devia ter levantado a voz, porque o casal da mesa ao lado virou-se para me olhar.

— Não acredito que me arrancaste à cama e à Naomi para isto — queixou-se o Knox.

— Digo o mesmo.

— O teu irmão estava na cama com a Lina — chibou-se o Lucian.

— O caraças é que estava. O caraças é que estavas — disse o Knox, virando-se para mim.

— Não comeces, porra — adverti.

— Eu disse-te que não te aproximasses dela.

— Eu disse-lhe o mesmo a ela — comentou o Lucian.

— O quê? Porquê? — perguntei eu, em uníssono com o Knox.

— Mesma equipa, Knox — lembrou-lhe o Lucian.

— Tu ameaçaste-a? — perguntei, numa voz baixa e perigosa.

— Podes ter a certeza que sim.

— Porra, o que se passa contigo?! Convosco! — exigiu saber o meu irmão.

— Ela está a aproveitar-se de ti — insistiu o Lucian.

— Começas mesmo a irritar-me, Lucy — adverti.

— Ainda bem. É um começo.

— Não voltas a aproximar-te da Lina — disse-lhe. — Não podes ameaçar ninguém em meu nome. Muito menos a ela.

— Não posso acreditar que andes a dormir com a Lina depois de eu te ter dito para não o fazeres — rosnou o Knox.

— E não podes enterrar a cabeça na areia, à espera de que as coisas melhorem. O teu pai passou as últimas décadas a anestesiar-se da vida. O que tu estás a fazer não é muito diferente — disse o Lucian.

Um silêncio pesado caiu sobre a nossa mesa, e trocámos olhares hostis.

— Eu estou deprimido. Está bem, seus cabrões? A minha vida tem sido um grande buraco negro desde que acordei naquele hospital. Estão satisfeitos? — Era a primeira vez que o admitia em voz alta. Não era coisa que me agradasse.

— Pareço-te satisfeito?

Para ser justo, o Lucian parecia tristíssimo.

— Digam-me o que tem isto que ver com a Lina — pediu o meu irmão, de cara enterrada nas mãos.

— Não acredito que ela esteja a ser sincera. Receio que ela possa aproveitar-se de ti, estando tu... assim. Apareceu na cidade um dia antes de o Hugo atacar a

Naomi e a Waylay. Não te disse qual era o seu verdadeiro trabalho. Mudou-se para a casa ao lado da tua. E «por acaso» tem um passado com o *marshal* que te foi atribuído.

— Também me levantou o cu do chão, levou-me escadas acima e ajudou-me a ultrapassar a merda de um ataque de pânico há duas noites. Não sei que porra é que tem, mas, quanto mais próximo estou dela, melhor me sinto. Mais fácil me é sair da cama e obrigar-me a cumprir os meus deveres. Portanto, embora agradeça a tua preocupação, devo dizer que ela esteve comigo como mais ninguém esteve. Nem tu. Nem o Knox. Ninguém.

O maxilar do Lucian contraiu-se, sob a barba cuidadosamente aparada.

— Dois ovos Benedict com salmão. — Era o empregado, com os nossos pequenos-almoços.

— Obrigado — disse eu, quando se tornou claro que o Lucian não ia agradecer-lhe.

— Posso trazer-vos mais alguma coisa? Mais café? Guardanapos para limpar um derramamento de sangue? Não? Está bem.

— Ela está a mentir-te — insistiu o Lucian. — É por tua causa que está aqui.

— Vocês têm de calar essas bocas, e é já — ordenou o Knox. — A Lina pertence aos bons.

— Tu também não lhe confias o teu irmão — observou o Lucian.

— Porque o estúpido vai ficar de coração partido, mais nada — disse o meu irmão, exasperado. — Não é por ela se estar a aproveitar, nem por outra merda qualquer que essa tua cabeça desconfiada tenha inventado. Ela não vai assentar, casar com um polícia e andar atrás de um bando de filhos. Se tu te apaixonares de caixão à cova e ela te der um chuto no estômago à despedida, depois eu é que vou ter de aturar as tuas queixas e lamúrias.

Senti-me estranhamente comovido, mas ainda, e sobretudo, irritado.

Olhei para os dois. O meu irmão e o meu melhor amigo pensavam que eu era demasiado fraco para sobreviver àquilo.

— Voltem a aproximar-se dela e vão arrepender-se.

— O mesmo te digo eu — disse-me o Knox.

— A decisão não é tua — lembrei-lhe.

— Não confio nela — disse o Lucian, obstinado.

— Ah, não? E eu não confiava naquela higienista oral com quem andaste um

mês, há três anos.

— E tinhas razão. Ela roubou-me o relógio e o roupão de banho — admitiu o meu amigo.

— A Lina não quer o meu relógio, e eu não tenho roupão de banho.

— Pois não. Mas alguma coisa ela quer. Um mentiroso consegue detetar mentiras.

— Para de a investigar.

— Se tu endireitares as ideias, eu paro de andar em cima — disse o Lucian.

Quando o Lucian Rollins «andava em cima», isso significava que ele sabia o que estava no nosso lixo antes de o pormos na rua. Significava que sabia o que íamos jantar antes de nós. O homem tinha o dom de recolher informações, e eu não devia ter-me admirado por ele o ter usado contra mim. Especialmente se pensava que era para o meu bem.

— Não preciso de ficar aqui a ouvir isto.

— Precisas, sim — insistiu ele. — Tenho ouvido mais rumores de que o Duncan Hugo não fugiu com o rabo entre as pernas.

— E então? — disparei eu.

— Tu és uma ponta solta. Uma ameaça direta para ele. Não te podes esconder para sempre nas brancas da tua memória. Preciso de que estejas cem por cento operacional. Porque, se ele voltar a chegar a ti, se ele conseguir acabar contigo... isso deixa-me apenas o Knox como amigo.

— Hilariante.

— Vai à merda — resmoneou o Knox.

— És demasiado bom para deixares que isto acabe contigo. Tens de te desenterrar dessa escuridão, dê por onde der, e vencer o Hugo. E não vais conseguir isso se te distraíres com uma mulher em quem não podes confiar.

— Isto tem uma solução simples. Vocês os dois ficam bem longe da Lina — disse o Knox.

— Vão-se lixar.

DEZANOVE

O CAQUI NÃO É A SUA COR

Lina

— O habitual, linda Lina? — perguntou o Justice, por trás do balcão do Café Rev, quando eu entrei.

— Sim, por favor. Importas-te que a minha amiga peluda entre também? — perguntei, erguendo a *Piper* com a sua camisola de abóboras.

A cadela farejou o aroma a café do ar e fremiu de excitação pela aceleração da manhã.

O Justice sorriu.

— Não há problema. Vou preparar uma coisa extraespecial para a menina *Piper*. — Claro que o adorável *barista* já sabia o nome da cadela. E claro que sabia o que era o meu habitual. Na cidade, eu frequentava há dois anos o mesmo café, no meu quarteirão, e ainda se enganavam no meu pedido e no meu nome. — Está tudo bem? — perguntou-me, por cima do zumbido do estabelecimento movimentado, quando lhe paguei o café.

Pestanejei. Isto definitivamente nunca acontecia no meu café habitual.

— Sim. Claro. Perfeitamente.

Era uma mentira das grandes.

Mas não ia agora explicar ao Justice que estava em pânico, porque o Nash Morgan tinha algo tão irresistível que eu fazia coisas totalmente incaracterísticas junto dele. Enroscar-me. Fazer confidências. Dar apoio moral. E muito menos ia dar voz ao meu receio de que o Lucian estivesse prestes a estragar tudo, embora não soubesse bem o que era esse «tudo».

Eles eram amigos havia anos, e, se o Lucy dissesse que eu era nociva, o Nash dar-lhe-ia ouvidos.

Eu devia estar contente. A interferência do Lucian iria extrair-me de uma

situação que eu não sabia como gerir e deixar-me concentrar no que fora ali fazer. Devia estar contentíssima. Em vez disso, sentia-me como daquela vez, na faculdade, em que insistira em andar na montanha-russa depois de quatro *shots* de tequila.

— De certeza? É que a tua cara não diz «perfeitamente» — pressionou o Justice.

— A minha cara e eu estamos bem — garanti. — Estou só... a tentar resolver mentalmente algumas coisas.

Ele pegou numa caneca e girou-a pela asa em redor do dedo.

— Por vezes, o melhor que podemos fazer é abstrairmo-nos e deixarmos que a resposta venha até nós.

Coloquei uma nota de vinte no frasco das gorjetas.

— Obrigada, Justice.

Ele piscou o olho.

— Vai sentar-te. Eu grito quando estiver pronto.

Aproveitei a primeira mesa livre que vi e deixei-me cair na cadeira.

O Justice tinha razão. O Nash não era uma operação, para se planear e executar. Era um homem adulto e podia tomar as suas decisões. Mas, provavelmente, devia fazê-lo com todas as informações. Se lhe dissesse a verdade e ele quisesse continuar a acreditar que eu era nociva, então quem perdia era ele. Não eu.

Então porque parecia que era eu?, perguntava a vozinha irritante na minha cabeça. Não estava mesmo a apaixonar-me pelo tipo. Pois não? Antes daquele fim de semana, eu tinha bebido com ele num bar e fizera-lhe um penso após um tiroteio. Mal nos conhecíamos. Aquilo era só um fraquinho. Nada mais.

— Parece que estás a milhões de quilómetros daqui — disse a Naomi, aparecendo com várias bebidas.

— Quantos cafés bebes de manhã? — perguntei, enquanto ela se sentava ao meu lado.

— Dois destes são teus — disse ela. Fez deslizar na minha direção um *latte* e um copo de papel com *chantilly* com o nome da *Piper* escrito. — Mas não ouviste o Justice a chamar.

A *Piper* esqueceu-se de ser medrosa e enfiou o focinho no *chantilly*.

— Como percebeste que o Knox era «o tal»? — A pergunta saiu-me sem ter

pensado nela de forma consciente.

Mas, se a Naomi foi apanhada de surpresa, não o deu a entender.

— Foi uma sensação. Uma espécie de magia. Algo que parecia certo, calculo. Não era nada que fizesse sentido racionalmente. No papel, não podíamos ser mais errados um para o outro. Mas havia algo tão *certo* no modo como me sentia quando estava com ele.

Merda. Aquilo parecia-me... familiar.

Dediquei-me a um gole de cafeína.

— Mas não é possível apaixonarmo-nos por alguém em poucos dias, pois não?

— Claro que é! — zombou ela. Desejei ter ido a um bar e não a um café. — Mas há camadas. Podemos apaixonar-nos perdidamente por uma pessoa à superfície. Podemos achá-la atraente, excitante ou, no caso do Knox, exasperante. E pode ficar por aí. Mas, quanto mais escavamos, quanto mais partes da pessoa descobrimos, mais fundo caímos. Isso também pode ser rápido.

Pensei nas nossas confissões noturnas, na estranha e frágil intimidade que tínhamos construído entre nós por confiarmos um ao outro coisas que mais ninguém sabia. Perguntei-me se essa intimidade poderia desfazer-se se eu lhe contasse toda a verdade. Ou havia uma força invisível nesse tipo de honestidade?

— Ou, se fores como eu e o Knox, pode ser preciso um cinzel e um martelo para passar da camada «És uma brasa. Vamos para a cama» — acrescentou a Naomi.

— Eu gosto dessa camada — admiti.

— O que há para não gostar nessa camada? — brincou ela.

— As camadas mais profundas podem comparar-se a essa? — Eu estava só meio a brincar.

Ela lançou-me um sorriso de orelha a orelha.

— Oh, querida. Não para de melhorar. Quanto mais conhecemos e amamos o nosso parceiro, quanto mais vulneráveis formos juntos, melhor se torna tudo. E quero mesmo dizer *tudo*.

— Isso parece... aterrador — decidi.

— Não te enganas — concordou ela. — Esperei o tempo apropriado antes de

exigir saber quem te anda a fazer sentir essas coisas?

— Isto é tudo hipotético.

— Claro. Porque não estás aqui sentada com a cadela do Nash. E tu e o Nash não estiveram quase a deitar fogo à minha mesa de jantar com as faíscas que voaram entre vocês. E o Knox não teve um ataque a seguir, pelo facto de o Nash te ter encurralado.

— Não há problemas na vossa comunicação como casal — disse eu.

Ela olhou-me fixamente, esperando vergar-me, mas eu aguentei-me.

— Irra! Está bem — disse ela. — Mas não te esqueças de que se precisares de falar, hipoteticamente ou não, eu estou aqui. E estou a torcer por vocês.

— Obrigada — disse eu, acariciando o pelo crespo da *Piper*. — Agradeço-te.

— Os amigos são para isso — disse ela, e olhou para o relógio. — Se me dás licença, está na hora de eu ir deixar a Sloane convencer-me a usar o dinheiro da venda da minha casa para o bem da comunidade, já que o meu futuro marido recusa em absoluto deixar-me pagar o casamento, a lua de mel ou a universidade da Waylay.

— Porque não o poupas?

— Vou pôr algum de lado. Mas usei uma herança da minha avó para a entrada daquela casa, e parece-me correto investir isso no futuro de algo que me seja caro. A Sloane diz que tem a causa perfeita. — Pegou no seu enorme café e levantou-se. — Não te esqueças da compra dos vestidos!

Despedimo-nos, e eu fiquei a ver a Naomi deslizar porta fora para a gelada manhã de outono.

Baixei o olhar para a *Piper*, que tinha *chantilly* nos bigodes.

— Acho que tenho de dizer a verdade ao teu pai — disse-lhe. A cadela inclinou a cabeça de lado e fixou-me durante um momento desconfortavelmente longo. — Tens algum conselho? — perguntei.

A sua língua cor-de-rosa saiu disparada e limpou-lhe o *chantilly* do focinho. Se, durante o pequeno-almoço, o Lucian não tivesse conseguido convencer o Nash de que eu era uma *femme fatale* calculista e manipuladora, talvez eu, ao almoço, conseguisse dizer-lhe porque estava ali e que, tipo, mais ou menos, gostava dele.

— Sabes, mesmo que inicialmente ele se zangue comigo, tenho-te a ti — disse à cadela. — Talvez possa fazer-te refém e pedir o perdão como resgate.

A *Piper* espirrou *chantilly* na mesa. Interpretei isso como um sinal afirmativo e, depois de ter limpado a sujidade, enviei uma mensagem ao Nash.

Eu: Tens tempo para almoçarmos hoje? Há uma coisa que quero dizer-te.

Pousei o telemóvel e olhei para o ecrã, desejando ver aparecer três pontos. Mas não surgiu nenhum.

Ele devia estar ocupado. Ou já tinha decidido que eu era nociva e que nenhuma honestidade atrasada alteraria isso. O que andava eu sequer a fazer? Estava ali para fazer o meu trabalho e arranjar maneira de parar de tomar decisões arriscadas.

— Raios — resmoneei em surdina.

Voltei a pegar no telemóvel.

Eu: Lembrei-me agora de que não tenho tempo para almoçar, portanto esquece que falei disso. Tenho uns assuntos para tratar, por isso vou deixar a Piper com a senhora Tweedy.

Pronto. Ótimo.

A jogada mais inteligente era acabar já tudo. Não importava o que o Nash pensasse de mim. Eu não estaria ali tempo suficiente para enfrentar as consequências.

— Olá, linda. — A Tallulah, a mulher do Justice, apareceu com um grande jarro de café e um saco de bolos. — Só queria dizer-te que, se aquele teu carro *sexy* precisar de uma mudança de óleo, deves levar-mo. Eu adoro a potência americana.

— Não confiaria em mais ninguém — garanti-lhe.

Ela piscou-me o olho e saiu.

Fiquei paralisada, com a caneca a meio caminho da boca.

A Tallulah sabia que carro eu conduzia. Eu fazia parte de um grupo de mensagens com mulheres divertidas e amigáveis que pareciam determinadas em puxar-me para o seu círculo de amizade. O dono do café local sabia o meu nome e as minhas preferências de café. Tinha amigos de ginásio — certo, eram todos da terceira idade, mas isso não os condicionava nos levantamentos de pesos.

Olhei em redor e reconheci uma meia dúzia de caras.

Sabia onde encontrar as minhas comidas preferidas no supermercado, e não me esquecia de evitar a Fourth Street entre as três e as quatro da tarde, hora da

saída da escola. Ia ao casamento de uma pessoa. Estava a cuidar do cão de outra pessoa. Tinha acordado duas manhãs seguidas na cama com o Nash.

Sem que eu desse por isso, Knockemout tinha-me sugado para o seu campo gravitacional. E competia-me a mim decidir se queria libertar-me. Se tinha coragem suficiente para ver como eram as tais outras camadas.

— Que raio — resmoneei, e voltei a pegar no telemóvel.

Eu: Sou eu de novo. O almoço está outra vez na mesa — literal e metaforicamente. Isto é, se estiveres disponível. Espero que falemos em breve.

— Oh, meu Deus. «Espero que falemos em breve»? — Deixei cair o telemóvel e passei ambas as mãos pelo rosto. — O que se passa comigo? O que está este tipo a fazer-me?

A Piper soltou um pequeno ganido.

— Obrigada pelo teu *feedback*. Vou deixar-te na senhora Tweedy para poder ir falar com uma pessoa horrível.



— Ora, vejam quem voltou.

A Tina Witt parecia extremamente ufana, para quem vestia um macacão caqui da prisão. Da primeira vez que a vira, a semelhança dela com a irmã, a Naomi, era impressionante. Parecia que me encontrava perante uma gémea maléfica, literalmente. Só que, em vez de uma barbicha diabólica, a Tina ostentava a atitude arrogante de uma supercriminosa não muito genial.

— Tina — disse eu, sentando-me à sua frente na cadeira dobrável de metal.

Já ali fora duas vezes e, de ambas, saíra com coisa nenhuma. Ou a Tina estava a agarrar-se a uma estranha lealdade para com o Duncan Hugo, ou não sabia mesmo nada sobre, bom... nada. A avaliar pelo modo como ela entregara o seu ex aos *feds*, palpitava-me que era a segunda hipótese.

— Já te disse a ti e aos teus amigos *feds* cinquenta milhões de vezes: não sei onde está o Dunc.

Chegara o momento de tentar uma nova tática.

— Eu não trabalho para os *feds* — disse-lhe.

Os seus olhos estreitaram-se.

— Tu disseste...

— Disse que era inspetora.

— Que diabo andas tu a inspecionar, se não é o paradeiro daquele acéfalo falhado?

— Trabalho para uma companhia de seguros — expliquei.

— Estás a tentar vender-me alguma apólice para o carro? Estou atrás das grades, cabra. Vês-me a conduzir?

Era claro quem ficara com todos os miolos ainda no útero.

— Eu não vendo seguros, Tina. Encontro coisas com seguro que desapareceram.

— Há?

— Sou como uma caçadora de recompensas, mas, em vez de encontrar pessoas, encontro as coisas que elas roubaram. Acho que o Duncan roubou uma coisa que é valiosa para um cliente meu, e acho que a roubou enquanto maquinava o domínio do mundo contigo.

— Valiosa como?

Era mesmo típico da Tina não querer saber dos pormenores, só do essencial.

— Para o meu cliente? É inestimável. Preço de mercado? Meio milhão.

A Tina fungou de riso.

— Inestimável como a porra de um embrulho de dentes de leite? Nunca percebi essa merda. A fada dos dentes. O Pai Natal.

Senti uma pontada de tristeza pela Waylay e pelo modo como ela fora criada. Pelo menos, os meus pais tinham-me sufocado com amor. Um desinteresse ativo teria provocado muito mais danos. Graças a Deus pela Naomi, pelo Nash e pelas suas famílias alargadas. Agora a Waylay tinha um exército de entes queridos em seu redor.

— Inestimável como um *Porsche 356* descapotável de 1948 que está na família há três gerações.

— Então estás a dizer que, além de me ter deixado pendurada a arcar com as culpas todas, aquele fuinha também se abotoou sozinho com uma pipa de massa?

— Basicamente.

— O filho da puta!

— Não grites, Tina! — exclamou o guarda, do outro lado da porta.

— Se eu quiser gritar, grito, Irving!

— Já te lembraste se o Duncan estava contigo neste fim de semana em

agosto? — perguntei, mostrando-lhe o calendário no meu telemóvel.

Da última vez que eu tinha ido ali perguntar-lho, ela sugerira que perguntasse à sua «secretária social» e a seguir mandara-me para o caralho.

— Foi quando esse carro todo fino foi roubado?

Eu assenti.

— Lembrei-me de algumas coisas desde a última vez. O Dunc e os tipos dele fizeram uma razia nesse fim de semana. Voltaram com seis carros. Nenhum era um *Porsche* velho. Mas o Duncan voltou mais tarde do que todos os outros. Lembro-me de que lhe disse das boas, porque aqueles palhaços apareceram sem ele e beberam-me a cerveja toda. Depois apareceu o Dunc, a exhibir-se como um daqueles pássaros de cauda às cores.

— Um peru?

A Tina revirou os olhos.

— Céus. Não. Aqueles com penas azuis e que gritam. — Inclinou a cabeça para trás e soltou um grito trinado.

O guarda Irving abriu a porta.

— Mais um aviso, e vais recambiada para a cela, Tina.

— Um pavão! — interpus.

A Tina apontou para mim.

— Sim! Esse! De que é que estávamos a falar?

O Irving fechou a porta, com um suspiro sofredor.

— Do Duncan a voltar para casa depois de roubar seis carros — lembrei.
— Quanto tempo demorou?

Ela encolheu os ombros.

— O suficiente para aqueles parvalhões deitarem abaixo uma grade de *Natty Light*. Uma hora ou duas?

Contive um sentimento de triunfo. Eu sabia. Eu tinha razão. Ele tinha escondido o *Porsche* algures a uma hora da oficina original. Podia já não estar lá, mas, se eu conseguisse encontrar aquela primeira migalha, encontraria a segunda.

— E tu nunca viste um *Porsche vintage* na oficina? — perguntei.

Ela abanou a cabeça.

— Ná. Ele limitava-se às merdas tipo *Velocidade Furiosa*.

— O Duncan alguma vez te levou a conhecer o pai dele? — perguntei.

— O Anthony? — Ela fez uma careta desdenhosa. — Eu e o Dunc estávamos mais numa fase de «foder num beco» do que de «conhecer os pais», antes de ele me ter lixado.

— Mas ele falava do pai — espicacei.

— Porra, sim, falava dele. O tipo estava fixado em ganhar a aprovação do papá. Pelo menos até falhar aquela execução.

O modo tão casual como ela se referiu ao ataque ao Nash fez com que todo o meu corpo se contraísse. Fiz os possíveis por manter uma expressão neutra, mas, por dentro, o meu coração trovejava contra o esterno.

Algumas pessoas não compreendiam que os seus atos tinham consequências. Outras simplesmente não se importavam.

— Sabes, eu nem sabia que ele ia tentar abater o tal Morgan. Tê-lo-ia dissuadido — disse a Tina, acendendo um cigarro.

— Porquê?

— Bom, para começar, as calças de polícia assentavam muito bem naquele belo rabo. — A Tina Witt podia ser um ser humano horrível, mas naquele ponto específico não se enganava. — E, depois, o tipo era decente. E não só para lavar a vista. Nunca me tratou como o bandalho do irmão dele nem como todos os outros. Mesmo daquela vez em que me prendeu, enfiou-me a cabeça no carro com muita delicadeza. — O seu rosto duro tornara-se sonhador.

— É um homem bom. E bem-parecido — sugeri.

— Agora disseste a verdade. Tendo em conta o quanto eu evito polícias em geral, o tipo tem de ser uma brasa se eu não fugir dele no supermercado mesmo quando tenho uma embalagem de peru roubado metida no sutiã. E aposto que tem uma pila enorme — disse ela, melancolicamente.

Bestial. Agora eu estava a pensar no Nash e nas suas incríveis ereções matinais e em como podia nunca mais as ver.

— Voltando ao Duncan... — disse eu, desesperada.

A Tina agitou a mão, desdenhosa.

— Oh, a dele era de tamanho médio. Nem sabia muito bem como a usar. Era mais de martelar do que de investir, se é que me entendes.

Eu não entendia. A minha cara devia transmitir isso, porque a Tina se pôs de pé e fez uma obscena demonstração de investida com o cigarro pendurado na boca.

— Achas que o Anthony Hugo ajudaria a esconder o filho? — perguntei, interrompendo o espetáculo.

A Tina fungou de riso e voltou a sentar-se.

— Estás a gozar? Depois da barraca monumental que o Duncan deu?

— Os pais perdoam todo o tipo de erros — observei.

Por exemplo, os pais da própria Tina.

Ela abanou a cabeça.

— O Anthony Hugo, não. O Dunc voltou para casa lixado e passado. Disse-me que tinha tentado abater um polícia e que não tinha corrido como planeado. Eu estava a dizer-lhe das boas quando dois gorilas do Anthony apareceram, querendo levar o Duncan para uma «conversa». E depois ele voltou para casa feito num oito e coberto de sangue.

— O que aconteceu durante essa conversa?

— Oh, o habitual. Gritos. Humilhações. Ameaças. O Anthony estava danado, porque o Duncan tinha chamado «atenções indesejadas» para o seu negócio. O Dunc contou-me que o pai lhe tinha chamado nomes, dado uns abanões. O que foi uma verdadeira bofetada, passe o trocadilho. Consta que há muito tempo que o Anthony não sujava as mãos a dar abanões a ninguém. Tem tipos para fazerem isso. Mas abriu uma exceção para o Dunc.

— Como é que o Dunc se sentiu com isso?

Ela olhou-me como se eu fosse estúpida.

— Sentiu que a relação deles tinha passado para um patamar mais saudável. Como diabos achas que ele se sentiu?

— Então achas que não há possibilidade de o pai do Duncan o ter ajudado a esconder-se? — pressionei.

— Até me admirava se soubesse que o pai não anda atrás dele para o abater, antes que os polícias o encontrem.

Aquilo era novidade. Anotei de imediato.

— A sério?

— Quero dizer, o Dunc era um idiota. Demasiado impulsivo. Mas o pai dele é simplesmente assustador. Depois de o Anthony lhe ter caído em cima, dizendo que ele lhe tinha estragado os planos e posto em perigo o negócio da família, percebi o que ia acontecer a seguir. O velho ia mandar alguém para pôr tudo em ordem. E com «pôr tudo em ordem» quero dizer enfiar duas balas na

cabeça do Dunc. E provavelmente na minha também.

— E o que aconteceu?

— Bom, deixa-me que te diga: não há nada de *sexy* num homem que fica triste porque o papá não o amou o suficiente. Eu disse-lhe que estava na hora de avançar. De estabelecer o seu próprio nome. Assim, convenci-o de que precisávamos de nos esconder. Ele fez uns telefonemas, fomos para aquele armazém em Lawlerville e começámos a traçar um plano. Muita gente, daqui até DC, estaria interessada numa lista de polícias irredutíveis e dos seus informadores.

— Foi então que raptaste a tua filha e a tua irmã.

As más decisões da Tina Witt faziam com que as minhas parecessem pequenos lapsos de discernimento. Eu estivera presente e vira as consequências imediatas. Um rasto de criminosos a sangrarem. O Knox no chão, com a Naomi e a Way. O Nash heroicamente encostado a uma parede, de arma na mão e ombro a sangrar, com uma expressão exausta e furiosa. O meu coração acelerou pateticamente.

— Essa foi outra alhada em que aquele merdoso me meteu. Não era nada para ser uma cena de sequestro, percebes? A ideia era ele pregar-lhes um pequeno susto. Levá-las a entregarem a lista. Depois deixávamo-las irem-se embora. Mas naaaaão, ele tinha de fazer as coisas à *sua* maneira. O Dunc era um idiota, mas não era estúpido. Podia ser matreiro e esperto quando queria, mas era impulsivo. Num momento, estava a planear um assalto, e, no seguinte, estava anestesiado, a jogar videojogos até às quatro da manhã.

— Portanto, quando vocês arrancaram por conta própria, quem trabalhava com ele? Havia homens no armazém na noite em que foste presa. Eram do Anthony? Outros membros da família? Amigos?

«Os amigos são para isso.» As palavras da Naomi nessa manhã reemergiram na minha mente. Ninguém estava verdadeiramente sozinho neste mundo. Havia sempre alguém para quem uma pessoa se podia virar quando precisava de ajuda.

— Ah. Tipo os seus associados conhecidos, não é? Estou a aprender todo o calão dos polícias. Vejo o *NCIS* e essas merdas, para o caso de o chefe Morgan me vir fazer uma visita — disse ela, orgulhosa.

Perguntei-me como o Nash se sentiria se soubesse que a Tina Witt tinha uma

paixão por ele. Também me perguntei se isso significava que ele nunca a tinha ido ver à cadeia.

— Sim. Associados conhecidos — confirmei.

— Ouvi dizer que foram quase todos apanhados pela bófia — disse a Tina.

— Quase, mas nem todos. Alguém teve de o ajudar a fugir.

— Ele tinha uns quantos palhaços lá a trabalharem na oficina de desmantelamento. Depois havia o Tipo da Cara Tatuada e o Tipo Gordinho de Barbicha. Esse tipo comia um bife dos grossos em menos de dez minutos. Eram amigos do secundário do Dunc, até ele ter abandonado a escola. Todos começaram a trabalhar para o velho por volta da mesma altura, mas primeiro eram amigos do Dunc.

Diligente, eu tomei notas, esperando que a descrição fosse suficiente para me guiar na direção certa.

— Lembras-te de mais alguém?

Ela cerrou os lábios e apagou o cigarro.

— Ele tinha um tipo que não cheguei a conhecer. O Tipo do Telemóvel Descartável. Não me parece que fossem amigos. Pelo menos não falavam como se fossem. Mas foi para ele que o Dunc ligou quando precisou de se pôr na alheta depois da barraca que deu com o chefe Morgan.

— Como é que o Tipo do Telemóvel Descartável ajudou?

A Tina encolheu os ombros.

— Não sei. Estava demasiado ocupada a gritar com o Dunc por ser um parvalhão para prestar atenção.

Eu fechei o meu bloco de notas e guardei-o no bolso do casaco.

— Mais uma pergunta: o que levou o Duncan a embirrar com o chefe Morgan?

A Tina encolheu os ombros.

— Se calhar foi porque eu disse que o rabo do chefe estava de apetite naquele dia, ou talvez por eu lhe ter dito que o chefe não me tinha tratado mal, como todos os moradores de merda de Knockemout. Nunca olhou para mim como se eu não existisse. — Ela enrolou nos dedos uma madeixa que tinha textura de palha. Tinha cortado e pintado o cabelo para se parecer mais com a irmã para o sequestro. Agora, as raízes grisalhas eram visíveis no risco, e ela precisava desesperadamente de uma hidratação. — Claro que podiam ter sido os dois

asteriscos a seguir ao nome dele que captaram a atenção do Dunc.

Contive o impulso de tamborilar os dedos no tampo da mesa.

— Ele disse para que eram os asteriscos?

A Tina encolheu os ombros.

— Não sei. Terias de perguntar ao Dunc.

— Bom, obrigada pelo teu tempo, Tina — disse eu, pondo-me de pé.

— Tempo é o que eu mais tenho, graças àquele bandalho. Se o encontrares, diz-lhe que te mandei.



Saí para o luminoso sol de outono a sentir-me como me sentia sempre depois de sair da prisão. Como se precisasse de um duche.

Mas, pelo menos daquela vez, tinha finalmente algumas pontas por que puxar.

Suspendi a respiração ao olhar para o meu telemóvel. Não havia mensagens nem chamadas perdidas do Nash. Soltei um suspiro e liguei para a sede, enquanto atravessava o parque de estacionamento, deixando para trás o arame farpado e as vedações altas.

A minha investigadora preferida, a Zelda, atendeu ao segundo toque:

— Está?

— Olá, sou eu. Preciso que desenterres tudo o que puderes sobre os associados conhecidos do Duncan Hugo. Concentra-te nos que ele conhece há mais tempo. Especialmente um com uma tatuagem na cara e outro a dar para o corpulento.

Ouvi o estalar de um saco de batatas fritas.

— Certo — disse a Zelda, mastigando sonoramente no meu ouvido. — Como vai a vida em Knockemup? Estás pronta para fugires aos gritos até à área metropolitana mais próxima?

— Knockemout — corrigi, dirigindo-me para o meu veículo.

— Ou isso. Ei, já sabes do Lew?

Parei no meio do parque de estacionamento.

— O que tem ele?

— Volta para o trabalho de secretária a partir de amanhã.

— Ele está bem?

— Está ótimo. Disse que era preciso mais do que um cu partido para o vergar. Além disso, a Daley disse-lhe que, se quiser continuar a ganhar, tem de voltar ao terreno.

Esperiei que chegasse o alívio, mas apenas a culpa permanecia.

VINTE

CONFISSÕES NO CARRO

Nash

Ainda me sentia danado pela emboscada do pequeno-almoço quando entrei na esquadra. Não sabia com quem estava mais zangado: se com o Lucian, por abusar; com o Knox, por ser um imbecil; ou com a Lina, por ainda me esconder coisas quando eu fora completamente sincero com ela.

Ela tinha-me enviado três mensagens a dizer que queria falar.

O meu palpite era que ficara preocupada com o que o Lucian me tinha dito. Naquele momento, eu estava na disposição de a deixar preocupar-se.

Ou talvez aquela turva raiva interior se dirigisse a mim mesmo.

Por aquela altura, isso não era importante. Toda a gente me irritava.

— Você devia informar-me do seu paradeiro, Morgan.

Virei-me e deparei-me com um *marshal* igualmente irado, a percorrer o passeio na direção da porta lateral da esquadra.

Não tinha pachorra para aquilo.

— Já estou lixado com dois parvalhões que me arrancaram da cama esta manhã. No seu lugar, não me apressaria a juntar o seu nome a essa lista.

— Ouça lá, imbecil. A mim também não me agrada esta missão. Pensa que eu gosto de acampar em território de campónios, a proteger esse couro ingrato de uma ameaça que provavelmente nem sequer existe? — disparou o Nolan em resposta.

— Bolas, lamento muito que esteja aborrecido, Graham. Quer um livro de colorir e uns lápis de cera? Trago-lhos quando for comprar um postal de agradecimento e uns balões.

O Nolan abanou a cabeça.

— Caramba, você é mesmo parvo. Se eu não o tivesse visto a lidar com

aqueles miúdos ontem e a fazer aquele agente imprestável mijar-se nas calças, pensaria que era uma condição permanente.

— Sim? Se calhar é.

Para ilustrar a minha afirmação, não lhe segurei a porta.

Reconheci com um breve aceno de cabeça a série de «Bom dia, chefe» e fui direito ao meu gabinete, onde podia fechar o raio da porta na cara do raio do mundo.

Ninguém disse nada ao Nolan quando ele entrou atrás de mim.

— Onde está a *Piper*? — perguntou o Grave, erguendo um pacote de biscoitos *gourmet* para cão da loja de animais.

Merda.

A Lina era quem tinha a cadela. Eu podia não querer o raio do bicho, mas de modo algum iria deixar que a Lina ficasse com ele.

— Está com uma vizinha — disse eu.

O agente Will Bertle deteve-me perto da porta. Fora o primeiro agente negro que eu contratara para a categoria de chefe. De voz macia e inabalável, era querido na comunidade e respeitado na esquadra.

— Tem uma visita, chefe. Está à sua espera no gabinete — disse ele.

— Obrigado, Will — disse eu, tentando conter a exasperação. O mundo não parecia inclinado a deixar-me em paz nesse dia. Entrei no gabinete e estaquei ao ver o visitante. — Pai?

— Nash. É bom ver-te.

Em tempos, o Duke Morgan fora o homem mais forte e divertido que eu alguma vez conhecera. Mas os anos tinham praticamente apagado esse homem.

Não era preciso ver muito para lá das roupas limpas e largas, do cabelo e da barba bem aparados, para chegar à verdade sobre o homem ali sentado.

Parecia mais velho do que os seus sessenta e cinco anos. Tinha a pele curtida e enrugada por anos de descuido e exposição aos elementos. Era demasiado magro, uma sombra do homem que em tempos me transportava aos ombros e que me lançava ao riacho sem esforço. Os seus olhos azuis, do tom dos meus, tinham olheiras, sombras de um roxo tão escuro que quase pareciam hematomas.

Os seus dedos seguiam nervosamente a costura das calças, uma e outra vez. Era um sinal que eu aprendera a reconhecer em miúdo.

Apesar de todos os meus esforços para o salvar, o meu pai era um toxicodependente sem-abrigo. Esse fracasso nunca me custava menos a engolir.

Estive tentado a dar meia-volta e sair porta fora. Mas, tal como reconhecia o sinal, reconhecia também a necessidade de confrontar o mal. Fazia parte do meu trabalho, parte de quem eu era.

Retirei o cinto e pendurei-o, juntamente com o casaco, no cabide atrás da secretária, antes de me sentar. Nós, os Morgans, não éramos de abraços, e por uma boa razão. Anos de desapontamento e de traumas tinham transformado a afeição física entre nós numa língua estrangeira. Eu sempre me prometera que seria diferente quando tivesse a minha própria família.

— Como tens passado? — perguntei.

O Duke, abstraído, esfregou o ponto entre as sobrancelhas.

— Bem. É mais ou menos por isso que estou aqui.

Preparei-me para o pedido. Para o «não» que teria de dizer. Deixara de lhe dar dinheiro havia muito tempo. Roupa lavada, comida, quartos de hotel, tratamentos, sim. Mas tinha aprendido cedo para onde ia exatamente o dinheiro assim que lhe caía nas mãos.

Isso já não me enraivecia. Havia muito tempo. O meu pai era como era. Eu não podia fazer nada para mudar isso. Não resultara tirar melhores notas. Nem ter um bom desempenho no futebol americano. Nem diplomar-me no quadro de honra. Nem, definitivamente, não lhe dar dinheiro.

— Vou ausentar-me durante algum tempo — disse ele por fim, passando com uma mão pela barba.

Eu franzi o sobrolho.

— Meteste-te em sarilhos? — perguntei, já a movimentar o rato do computador. Tinha um alerta programado para se e quando o nome dele surgisse no sistema.

Ele abanou a cabeça.

— Não. Não é nada disso, filho. Vou, hum, iniciar um programa de reabilitação mais a sul.

— A sério?

— Sim. — As palmas das suas mãos desceram aos joelhos e depois voltaram a subir até às coxas. — Já andava aqui a pensar nisso. Não consumo há um tempo, e sinto-me bastante bem.

— Quanto tempo é «há um tempo»? — perguntei.

— Três semanas, cinco dias e nove horas.

Pestanejei.

— Sozinho?

Ele assentiu.

— Sim. Achei que estava na hora de uma mudança.

— Ainda bem.

Sabia que não devia alimentar esperanças. Mas também sabia o esforço necessário a um toxicodependente para chegar àquele espaço mental.

— Obrigado. Enfim, é um sítio diferente daqueles a que recorri antes. Inclui psicoterapia, planos de tratamento médico. Até vou ter uma assistente social para me ajudar depois. Têm programas de apoio ambulatorio, colocações de emprego.

— Isso parece ter potencial — disse eu.

Não estava otimista. Nem em relação a ele nem ao programa. Demasiados desapontamentos ao longo dos anos. Aprendera que ter expectativas no que lhe dizia respeito só me garantia desilusões. Assim, fazia questão de ir ter com ele onde ele estivesse, não onde eu queria que estivesse. Não onde estivera em tempos.

Aquilo também me ajudava no meu trabalho. Tratar vítimas e suspeitos com respeito, não com juízos. Apesar de se ter tornado uma figura paternal tóxica, o Duke Morgan fizera de mim um polícia melhor. E eu estava-lhe grato por isso.

— Precisas de alguma coisa antes de ires?

Ele abanou lentamente a cabeça.

— Não, tenho tudo pronto. Tenho aqui o bilhete de autocarro — disse, dando uma palmadinha no bolso da frente. — Parto esta tarde.

— Espero que seja uma boa experiência para ti — disse eu, com toda a sinceridade.

— Vai ser. — Ele levou a mão ao mesmo bolso e retirou um cartão de visita.

— Estão aqui o número e a morada do sítio. Durante as primeiras semanas, só permitem telefonemas em caso de emergência, mas podes enviar cartas... se quiseres.

Pousou o cartão, virado para cima, na minha secretária, e empurrou-o na minha direção.

— Obrigado, pai.

— Bom, é melhor ir andando — disse ele, pondo-se de pé. — Tenho de ir falar com o teu irmão antes de me fazer à estrada.

Levantei-me.

— Eu acompanho-te à porta.

— Não é preciso. Não quero envergonhar-te à frente dos teus subalternos.

— Não me envergonhas, pai.

— Talvez daqui a uns meses já não o faça.

Eu não soube o que responder àquilo. Assim, dei-lhe uma palmada no ombro e apertei-o.

— Estás a sarar bem? — perguntou ele.

— Estou. Vai ser preciso mais do que duas balas para me deitar abaixo — disse eu, com uma confiança fingida.

— Há coisas mais difíceis de superar do que outras— insistiu ele, com aqueles olhos azuis fixos nos meus.

— É verdade — concordei.

Orifícios de bala e corações partidos.

— Não me portei bem para contigo nem para com o teu irmão.

— Pai, não é preciso falarmos nisso. Eu compreendo porque é que as coisas aconteceram daquele modo.

— Só gostava de ter continuado a olhar para a luz, em vez de me ter afundado na escuridão — disse ele. — Um homem pode aprender a viver na escuridão, mas isso não é vida.



Passei a hora seguinte a examinar relatórios de casos, pedidos de folgas e orçamentos, com as palavras do meu pai a ecoarem-me na cabeça.

Talvez a escuridão fosse uma existência vazia e sem sentido, mas era a luz que nos podia queimar. Eu precisava de algo da Lina que ela não parecia disposta a dar-me. Algo que era tão essencial para mim como oxigénio. *Honestidade*.

Sim, ela tinha partilhado uma coisa ou outra. Mas o que ela partilhara estava sombreado e manipulado para contar o tipo de história que ela queria. Tinha feito parecer que encontrara o Lucian e tivera uma conversa inocente com ele. Não me dissera que o meu amigo mais antigo a localizara e ameaçara devido ao

tempo que ela passava comigo.

Sentia-me quase tão danado com o facto de ela ter decidido gerir isso sozinha como com as ações superprotetoras e asininas do Lucian.

Mas, apesar de ter a certeza de que a Lina não me contara a verdade toda, sentia algo que não conseguia identificar, algo muito parecido com necessidade. E a balança só ficaria equilibrada se ela também tivesse necessidade de mim.

Algo que a Lina Solavita não estava programada para fazer.

Algo que eu não estava preparado para suprir. Quem precisaria de mim naquele estado? Sentia-me um farrapo total.

Raios, acabara de escrever mal o meu nome ao assinar uma requisição de férias.

— Merda — resmoneei, e afastei-me da secretária.

Estava demasiado inquieto para me esconder do mundo. Precisava de fazer alguma coisa que me parecesse produtiva.

Retirei o casaco e o cinto do cabide e saí para o espaço comum.

— Vou sair — disse, para a sala em geral. — Trago almoço do Dino's se vocês me enviarem os vossos pedidos. Eu ofereço.

Houve um rumor de excitação que todos os polícias sentiram ao pensarem em comida de borla.

Detive-me junto da secretária do Nolan.

— Apetece-lhe ir dar um passeio?

— Depende. Vai abater-me na mata e deixar-me para os labregos?

— Provavelmente, não hoje. Estou a pensar em fazer uma visita prisional.

— Vou buscar o casaco.



— Porquê a mudança de atitude? — perguntou o Nolan, quando entrámos na autoestrada.

— Se calhar, quero apenas partilhar o carro para poupar o ambiente.

— Ou, se calhar, apetece-lhe ter uma conversa com a Tina Witt e não quer arranjar a nenhum dos seus agentes problemas com os *feds*.

— Você não é tão burro como esse bigode o faz parecer — disse eu.

— A minha mulher — ex-mulher — era uma grande fã do *Top Gun* — disse

ele, passando o indicador e o polegar pelo bigode.

— As coisas que fazemos pelas mulheres.

— Por falar...

— Se disser o nome da Lina, deixo-o aqui para os labregos — adverti.

— Certo. E a amiga dela? A bibliotecária louca?

— A Sloane? — perguntei.

— É solteira?

Pensei no Lucian, nessa manhã, ao pequeno-almoço. Veio-me aos lábios um sorriso lento e vingativo.

— Devia convidá-la para sair.

Seguimos em silêncio, até eu virar na saída para a prisão.

— Aqueles miúdos, ontem... — disse o Nolan. — Você convenceu o gerente a não apresentar queixa.

— É verdade.

— Depois deu cabo do Agente Merdoso.

— Está a querer chegar a algum lado, Graham?

Ele encolheu os ombros.

— Só estou a dizer que não é mau a fazer o seu trabalho. Há polícias locais que teriam lançado os miúdos às feras e teriam deixado escapar aquele agente.

— A minha cidade já teve a sua dose de autoridade à antiga. Merece melhor.

— Parece que é mais esperto do que esses buracos de bala o fazem parecer.



O Estabelecimento Correcional Feminino de Bannion era uma típica prisão de média segurança. Situava-se no meio do nada, e o seu perímetro estava protegido por vedações altas, quilómetros de arame farpado e torres de vigia.

— Vai a correr fazer queixinhas disto aos *feds*? — perguntei, guinando para um lugar de estacionamento perto da entrada.

— Acho que isso depende de como correr. — O Nolan desapertou o cinto de segurança. — Eu vou entrar.

— É menos problemático para si se não souber o que vou fazer ali dentro.

— Não tenho nada para fazer, a não ser calcular quantos cabrões fazem fila para se atirarem à minha ex desde que ela se mudou para DC e esperar que algum criminoso de meia-tigela volte a meter-se consigo. Vou entrar.

— Como queira.

— Já lhe conseguiu arrancar alguma coisa útil? — perguntou ele.

— Não sei. Esta é a minha primeira visita.

Ele lançou-me um olhar.

— Aparentemente, o Garanhão Certinho leva as ordens a sério.

— Tinha uma grande esperança de que essa alcunha morresse.

— É improvável. Mas, a sério, a Idler diz que você deixa tudo para os meninos grandes e está sentado sem fazer nada. No seu lugar, pode crer que estaria a investigar por minha conta. Que diabo, isto é gente cá da terra. Seria mais provável falarem consigo do que com um bando de *feds*.

— Por falar nisso... — disse eu, com um olhar penetrante para o seu fato distribuído pelo departamento. — Tire o casaco e a gravata.

O Nolan tinha atirado o casaco para o meio dos assentos e estava a arregaçar as mangas quando uma morena de pernas compridas saiu da prisão para o parque de estacionamento.

— Só podem estar a gozar comigo.

— Ora, ora, ora. Parece que a inspetora Solavita afinal anda a tramar alguma — observou o meu passageiro, divertido. — Quais seriam as probabilidades...

— Zero num milhão — disse eu, observando hostilmente o reflexo dela no meu espelho retrovisor.

Vi-a desligar o telemóvel e entrar no seu carro.

Procurei a última mensagem da Lina no meu telemóvel.

— Não a vai prender? — perguntou o Nolan.

— Não — respondi, enquanto os meus polegares se deslocavam no ecrã.

Eu: Almoçar parece-me bem. Encontramo-nos daqui a dez minutos no Dino's?

O meu telemóvel tocou uns segundos depois. A Lina.

— Olá — disse eu, mantendo a custo um tom neutro.

— Olá — disse a Lina.

— Pode ser no Dino's daqui a dez minutos? — perguntei, sabendo perfeitamente que não podia.

O Nolan soltou um risinho no banco do passageiro.

— Por acaso, ando a tratar de umas coisas. Podemos encontrar-nos dentro de uma hora?

Ela estava a mentir-me na cara... bom, no ouvido. A minha pressão arterial

subiu em flecha.

— Acho que não vou estar livre — menti. — De que coisas andas a tratar?

— Oh, já sabes, o habitual. Supermercado. Farmácia.

Uma visita a um estabelecimento correcional feminino.

— Como correu o pequeno-almoço esta manhã? — perguntou ela, mudando de assunto.

— O pequeno-almoço correu bem — menti. — A *Piper* está com a senhora Tweedy?

— Sim. Está a digerir o *cãoppuccino* no sofá da senhora Tweedy.

A mulher tinha levado a minha cadela a comer gulodices e agora estava a mentir-me. A Lina Solavita era exasperante.

— Ei, ouve. Se ainda não tiveres ido à farmácia, podes comprar-me um frasco de ibuprofeno?

Iríamos ambos precisar dele mais tarde.

— Claro. Posso fazê-lo. Sem problemas. Está tudo bem?

Parecia nervosa. *Ótimo.*

— Está. Ótimo. Tenho de ir fazer cenas de polícia. Até logo. — E desliguei.

Trinta segundos depois, o *Charger* vermelho-cereja passou por nós na mecha e voou para fora do parque de estacionamento com um guinchar de pneus.

Eu saí e fechei a porta com mais força do que era necessário.

O Nolan saiu e apressou-se a apanhar-me.

— Isso foi frio, meu amigo — disse ele, com uma pontinha de deleite.

Eu grunhi e carreguei no botão do intercomunicador da entrada principal.

Quando a pesada porta se abriu com um zumbido, entrámos num átrio limpíssimo. Os guardas fizeram-nos passar pelo detetor de metais e indicaram-nos o balcão da receção, por trás de um vidro protetor. Eu já ali estivera para audiências e interrogatórios, mas daquela vez era pessoal.

— Ora, olá, meus senhores. O que vos traz hoje a este belo estabelecimento?

A Minnie trabalhava na receção da prisão desde que eu me lembrava. Havia cinco anos que ameaçava reformar-se, mas afirmava que o seu casamento não sobreviveria à reforma.

A verdade era que a prisão provavelmente desabaria sem ela. Era como uma avó para reclusas, visitas e agentes da autoridade.

Exibi o meu crachá.

— É bom voltar a ver-te, Minnie. Preciso de ver uma lista de todas as visitas que a Tina Witt teve.

— A menina Witt está muito popular hoje — disse a Minnie, fazendo-nos olhinhos. — Deixa-me falar com a diretora, e verei o que consigo arranjar.

VINTE E UM

COCÓ NA VENTONHA

Nash

Dei uma pancada de tipo oficial na porta da Lina e esperei.

Uma brecha abriu-se por fim. Ela espreitou, viu-me, sorriu e abriu-a mais.

— Olá. Estava só a tomar banho.

Passei por ela e entrei no apartamento.

— Hem?, entra — disse ela, com uma expressão perplexa.

Usava apenas uma toalha e um par de chinelos peludos. A sua pele reluzia com as gotículas de água. Tive de desviar o olhar, porque não confiava em mim próprio. Sentia-me como um vulcão prestes a entrar em erupção. Traição e carência. Duas forças opostas que se misturavam no meu sangue, a atijarem a necessidade de explodir. Não devia ter ido, estando tão suscetível.

— O teu ibuprofeno está na bancada — disse a Lina, agora com uma voz mais hesitante.

O arquivador chamou-me a atenção. Encontrava-se aberto, e havia papéis alinhados em pilhas ordenadas em redor dele.

Fui direito a ele.

— Nash. Espera!

Apanhou-me precisamente quando eu pegava na primeira pasta. O seu tronco chocou nas minhas costas. Ela contornou-me com o braço, mas eu sacudi-a e abri a pasta. O meu estômago virou-se do avesso. Absorvi o efeito como se fosse um murro.

— Eu posso explicar — disse ela em voz baixa.

Pousei estrondosamente na mesa a pasta com o Duncan Hugo a olhar para mim.

— Fala. Já.

— Nash.

— Podes começar por dizer porque foste visitar a Tina Witt à prisão hoje. Ou talvez possas começar pela razão de teres o tipo que me baleou nos teus arquivos. A escolha é tua.

Eu queria o frio, a escuridão. Mas ela tinha desencadeado algo em mim, e, em vez do nada a que me habituara, eu estava vivo e a arder de raiva.

Ela cruzou os braços à sua frente, desafiadora.

— Isto não tem nada que ver contigo.

Má jogada.

— Porra, não me mintas, Angelina. Isto tem tudo que ver comigo. E não saio daqui enquanto não me disseres porquê.

— Isto é um interrogatório, chefe? Preciso de um advogado?

O meu olhar era duro, inamovível.

— Diz-me tu — disse-lhe.

Estava morto por uma briga. Precisava mais disso do que de oxigénio. Ela devolveu-me o olhar com a sua própria raiva. Cedi à necessidade e envolvi-lhe o cotovelo com os meus dedos. Detestando o modo como reagia à sensação dela contra a minha palma, puxei de uma cadeira e empurrei-a para o assento.

— Senta-te. Fala. — Ela ergueu o queixo, desafiadora. — Se as próximas palavras não forem uma explicação de por que raio tens feito visitas à Tina Witt e andas à procura do Duncan Hugo, então juro por Deus que te arrasto imediatamente para a esquadra e te deixo numa cela só com essa toalha o resto da noite.

— Estás a fazer uma tempestade...

— Eu *confiei* em ti, Angelina. Abri-me contigo, e tu aldrabaste-me.

Vi o seu estremecimento, antes de ela o disfarçar com uma raiva indignada.

— Não te aldrabei. Lamento se os teus sentimentos ficaram feridos. Não era minha intenção.

— Céus, és pior a pedir desculpa do que o Knox.

— Estou só a fazer o meu trabalho! Não é nenhum crime.

Eu dei uma palmada na mesa.

— Raios! Porque andas à procura do Hugo? — Ela devia ter ficado amedrontada, mas não ficou. Parecia pronta para me saltar para cima. — O que é que te fez vires cá? Fazeres-te minha amiga, perguntares pelo tiroteio?

Meteres-te na minha cama, a ouvires-me contar-te sobre a merda dos ataques de pânico e da perda de memória?

— Vais querer retirar isso — disse ela, com uma calma gélida.

— Não tentes dizer-me o que posso e o que não posso fazer agora, Lina. Tive um dia comprido pra caraças, e tu estás a torná-lo mais comprido.

— Eu ia dizer-te.

Varri-a da cabeça aos pés e obriguei-me a não me deixar afetar pelo modo como o seu peito se alteava a cada respiração.

— Então o jogo vai ser assim?

— Não estou a jogar. Foi por isso que te mandei as mensagens hoje, idiota.

— Ah, então não receavas que o Lucian me envenenasse contra ti com a verdade?

— Ele não sabia a verdade. E eu, estupidamente, achei que devia dizer-ta pessoalmente.

Empurrei para ela a folha com a cara do Duncan Hugo.

— Fala. Já. — Ela ficou em silêncio, e eu quase conseguia ouvi-la a calcular as opções. — Como queiras.

Fui rápido, para que ela não tivesse tempo de reagir. Baixei-me, rodeei-lhe a cintura com o meu braço bom e icei-a para cima do ombro. Os chinelos felpudos voaram em direções opostas.

— Nash!

— Eu dei-te hipótese de fazeres isto aqui — disse eu, dirigindo-me para a porta.

— Não te atrevas! — guinchou ela.

Debateu-se contra mim, e eu assentei-lhe uma mão no rabo para a manter quieta. A minha outra mão rodeava-lhe a coxa nua. Fiquei instantaneamente duro, e isso lixou-me ainda mais. Mas o meu sexo não parecia importar-se com coisas como uma traição. Cheguei à porta antes de ouvir o que queria:

— *OK! Céus.* Ganhaste, seu grande sacana.

— Como está esse ritmo cardíaco? — perguntei.

Escapei por pouco ao pontapé que ela apontou à minha virilha.

— Juro por Deus que ainda te ponho a cantar fininho — disse ela, por entre o que parecia serem dentes cerrados.

Voltei a dirigir-me para a porta.

— Vais ter de ir no banco de trás, e eu definitivamente terei de te algemar — disse eu, em tom informal. — Espero que essa toalha se aguentar. A notícia deverá espalhar-se rápido. Não posso prometer-te que a tua foto de identificação não vá parar aos jornais.

— *OK!* Oh, meu Deus! — Ela ficou flácida contra mim. — Põe-me no chão, e eu conto-te tudo.

— Era tudo o que eu queria, Angel.

Dobrei-me pela cintura e deixei-a deslizar-me do ombro até os seus pés chegarem ao chão. Nesta altura, a toalha já mal se segurava. Um bom sopro ou um ligeiríssimo puxão meus, e cair-lhe-ia aos tornozelos. Os olhos dela, chamejantes, não faziam nada para aliviar a pressão que se acumulava nos meus tomates.

— Merda. Vai vestir um roupão. — Ela girou nos calcanhares e dirigiu-se para o quarto, em fúria. — Se demorares mais do que trinta segundos, vou atrás de ti! — gritei-lhe.

Virei-me a tempo de ver o dedo do meio que ela me mostrava por cima do ombro.

Durante os vinte e oito segundos que ela demorou até regressar, fantasiei que lhe entrava pelo quarto adentro, a prendia à cama e atirava aquela toalha para o chão.

O roupão não era muito melhor do que a toalha. Tapava mais pele, mas o tecido sedoso não fazia nada para esconder aqueles mamilos insolentes que imploravam a minha atenção.

De olhos faiscantes, ela voltou para a mesa e sentou-se.

Eu ocupei a cadeira ao lado e peguei no ficheiro sobre o Hugo.

— Fala.

— Estás a perguntar a título oficial?

— Como amigo é que não é de certeza. Quantas vezes visitaste a Tina Witt? Lembra-te de que eu tenho a lista das visitas, portanto não vale a pena mentires.

Ela soprou por entre os dentes.

— Três.

— De que falaram as duas?

— Eu estava a tentar obter informações sobre o paradeiro do Duncan Hugo

— disse ela para a parede de tijolo do outro lado da mesa. Eu retirei outro ficheiro da pilha e abri-o. Ela tentou apanhá-lo, mas eu não permiti. — Não podes ver isso sem um mandado — insistiu.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Queres que vá buscar um? É que eu vou. Talvez o teu velho amigo *marshal* Graham até me ajude. Não ficou mais feliz do que eu ao ver o teu nome na lista das visitas. Aliás, porque não nos juntamos os três na esquadra e esclarecemos isto tudo enquanto o juiz aprova um mandado?

— Raios, Nash!

— Porque andas à procura do Hugo?

— Não ando à procura dele. Procuro uma coisa que ele roubou — disse ela.

Eu recostei-me na cadeira.

— Estou a ouvir.

O olhar que ela me lançou teria incinerado alguém com uma pele mais fina.

— Nunca te vou perdoar isto.

— Igualmente, querida. Agora fala.

Eu quase conseguia ver o vapor a sair-lhe pelas orelhas.

— Já sabes que a minha companhia faz seguros para clientes abastados. Quando os bens segurados são roubados, nós levamos a cabo investigações paralelas às das autoridades. Um dos nossos clientes vive num subúrbio de DC. O carro dele foi roubado uns dias antes de tu teres sido alvejado. O caso foi-me atribuído, e eu comecei a escavar.

— Um carro. Andas atrás de um homicida por causa da merda de um carro.

— Tu estarias a fazer o mesmo como polícia.

— Estaria a fazê-lo para proteger e servir. Tu estás a fazê-lo para poupares à tua companhia uma indemnização e ganhares um bónus.

— Parece que não podemos todos ser heróis, pois não?

Havia fogo sob todo o gelo que ela estava a atirar-me.

— O que te leva a pensar que o Hugo levou o carro?

— Exclusão de partes. Houve um pico de casos de roubo de automóveis num raio de quinze quilómetros do armazém do Hugo. Seis outros carros foram roubados no mesmo dia, dois do mesmo bairro que o meu cliente. Todos esses carros, ou pelo menos peças deles, foram encontrados no armazém do Hugo depois de ele ter escapado.

— Então apareceste desarmada numa situação com reféns, acompanhada por uma civil, para encontrar a merda de um carro?

Ela tinha chegado à cena acompanhada pela Sloane. Eu ainda a via a cruzar a porta em câmara lenta. Fora direita a mim. E, no segundo em que ela me tinha posto as mãos em cima, eu *soubera* que queria mantê-las ali. Era um autêntico pontapé nos dentes.

Era oficial. Os meus instintos tinham desaparecido. Eu não conseguia decifrar uma tentadora de pernas longas e segredos nos olhos.

— Em primeiro lugar, eu não sabia que o parvalhão do Hugo se metia em raptos, além de gerir oficinas de desmantelamento. Mas já estive em situações de alto risco com e sem agentes da autoridade. E, se eu não tivesse entrado no carro da Sloane, ela provavelmente teria ido sozinha, colocando-se em perigo.

— Não foi por coincidência que chegaste aqui e acabaste no meio da sucessão de crimes do Hugo.

— Os roubos tiveram lugar a menos de uma hora daqui. O plano era passar pela cidade e, de caminho, ver o meu velho amigo. Ia ficar na cidade o tempo suficiente para me pôr a par das notícias, e depois foi tudo para o galheiro no dia seguinte, quando levaram a Naomi e a Way.

— Porque haveria eu de acreditar nisso?

— No que acreditas não me interessa! — exclamou.

— Sim, também percebi isso, fofa. Consegues que todas as tuas fontes te contem coisas da mesma maneira que conseguiste comigo? — perguntei.

— A subtilidade não lhe fica bem, chefe.

Eu inclinei-me para a frente.

— Eu confiei em ti, Lina.

Ela cruzou os braços, desafiadora.

— Estás a falar como um amante rejeitado, quando somos apenas...

— O quê? O que é que somos, Angelina? Queres dizer «vizinhos»? «Conhecidos»? — Bati com o ficheiro na mesa, numa demonstração de mau humor. — Conheces o meu segredo mais negro, porra. Deixaste que eu te contasse.

Ela lançou os braços para o ar.

— Pensas que alguém, além da minha família, conhece a minha história? Tu não foste o único a abrir-se, Nash.

— Então, ou tu és uma cabra gélida ou, no mínimo, isso fez-nos amigos.

— Fez?

— Eu disse-te que não tolerava mentirosos. O que quer que fosse que tivéssemos ou pudéssemos ter tido desapareceu.

Ela contraiu o maxilar.

— Tu mentiste-me deliberadamente — disse eu.

— Não menti. Omiti uma parte da verdade.

— Usaste a minha vulnerabilidade contra mim.

— Oh, por favor! — exclamou ela. — Eu tinha ido passear a *tua* cadela quando te encontrei caído. Não te provoquei um ataque de pânico.

— Não, mas soubeste aproveitar-te dele.

— Como? — disparou ela. — Extraí-te segredos da polícia? Faço chantagem contigo usando os teus segredos?

— Talvez não. Mas garantiste o acesso a mim, à minha casa. Começaste a provocar-me sobre o que aconteceu naquela noite — assinalei, juntando as peças.

— Para teu bem, burro. Se queres bloquear isso para sempre, não é da minha conta. Mas vais sempre acabar no chão, se não conseguires resolver isso.

Eu abanei a cabeça.

— O meu palpite é outro. Acho que a única razão pela qual fingiste interessar-te foi pensares que podias arrancar-me alguma coisa. Algo que te levasse ao Hugo e ao maldito carro. — Peguei noutro ficheiro e abri-o, mas o meu olhar estava nela. — Aposto que não resististe a ver aqueles ficheiros que eu tenho na minha mesa, pois não?

O seu rosto tornou-se pétreo, mas não antes de eu ver a centelha de culpa.

— Pois. Foi por isso que aceitaste que dormíssemos juntos. Quanto mais acesso tivesses a mim, mais tempo poderias passar na minha casa.

A Lina fixou-me com fogo nos olhos. Soltou um riso amargo.

— E eu a pensar que o Knox era o irmão cretino.

— Pelos vistos, é de família. Agora, é melhor manteres-te afastada de todos — adverti-a.

— Isso vai ser complicado, porque o Knox convidou-me para integrar a comitiva dele — disparou ela.

— Eu não confio em ti e não te quero nem perto da minha família. És

imprudente e usas as pessoas para obteres o que queres. Vais fazer com que alguém se magoe.

Ela empalideceu, mas disfarçou de imediato.

— O meu irmão pode ser um cretino — prossegui, perante o seu silêncio. — E podemos não nos dar sempre bem. Mas queres mesmo competir comigo num teste à lealdade dele? É que eu não hesitarei em certificar-me de que perdes o teu amigo mais antigo.

— Sai — disse ela, num sussurro.

— Ainda não acabámos — avisei.

Ela bateu com a mão na mesa.

— Sai. Daqui. Já.

Fiquei mais um pouco sentado e estudei-a.

— Se me chegar aos ouvidos que andas atrás da minha família para teres informações ou a interferir com uma investigação oficial, não hesitarei em lançar-te para trás das grades. — Ela não disse nada, mas fixou-me com uma expressão de pedra até eu me levantar. — Falo a sério, Lina.

— Vai para casa, Nash. Deixa-me em paz.

Eu fui, mas só porque olhar para ela me fazia doer o peito. Como se ela conseguisse provocar mais danos do que as duas balas que me tinham atingido.

Quando abri a porta, a *Piper* não estava à minha espera. Estava debaixo da mesa, e olhava-me como se a culpa fosse toda minha.

VINTE E DOIS

DUELO NO FUTEBOL

Lina

Naomi: Reunião de emergência do conselho nupcial. Podem todos ir ao jogo de futebol da Waylay amanhã de manhã?

Stef: Porque não pode ela praticar um desporto noturno? Estes sábados matutinos estão a interferir na minha vida social das sextas-feiras à noite.

*Naomi: Qual vida social? Ainda não convidaste o Jer para sair. *emoji de galinha**

Stef: Ninguém gosta de uma bridezilla, Sabichona.

Sloane: Eu posso ir, desde que escondamos Bloody Marys nos nossos copos.

Eu: Desculpem, malta. Não posso ir.

*Naomi: *cara franzida* Lina, estavas demasiado ocupada para almoçar e baldaste-te à compra dos vestidos das damas de honor esta semana. Receio ter de exercer o meu poder de noiva e insistir que te juntes a nós, a menos que estejas mesmo a fazer alguma coisa mais importante do que discutir roupa para a comitiva e bolo de noiva tradicional versus pastelaria variada. Aí, compreendo perfeitamente, e deves esquecer que te fiz quaisquer exigências.*

Stef: Desculpa a Sabichona. Ganhou um prémio de carreira na categoria «Agradar aos Outros».

Sloane: Posso confirmar que a Lina não tinha planos para sábado de manhã até ontem à noite, quando levantámos ao mesmo tempo os nossos pedidos no Dino's.

Naomi: É oficial. A Lina anda a evitar-nos.

Stef: Vamos raptá-la e descobrir porquê. Espera. É muito cedo para piadas com raptos?

Eu: Ah, NESTE sábado. Pensei que estivesse a falar de outro sábado. Quem mais vai?

Sloane: Também quero saber. Estou farta de ir a sítios e encontrar o Moreno Alto Irritante.

Stef: Ela quer dizer o Pecado de Fato.

Naomi: Os meus pais, a Liza J e o Knox vão. Não há mais parentes nem amigos na agenda.

Eu: Acho que consigo ir. Desde que aquilo dos Bloody Marys seja a sério.



— Estas folhas. — A voz do meu pai trovejava nas colunas do carro. — Nunca vi tantas cores antes. Devias vir cá passar o fim de semana e vê-las.

Virei para o parque de estacionamento de cascalho dos campos de futebol e abri caminho entre grupos de jogadores e famílias.

— O outono também está lançado aqui — disse-lhe. — Nem adivinhas o que vou fazer agora.

— Aceitar um prémio no trabalho? Não, espera. Ter aulas de danças de salão? Ah! Já sei, comer *sushi* enquanto compras um bilhete de avião para casa para me fazeres uma surpresa de aniversário?

Estremeci.

— Bons palpites, mas não. Vou a um jogo de futebol de miúdos.

— A sério?

— Aposto que não tens saudades daquelas manhãs de sábado ao frio — disse eu, com ligeireza.

Vi uma família de quatro elementos, enrolados em camadas de roupa, a correr para os campos.

O meu pai sempre tinha adorado futebol. Tinha convencido um bar de desportos do nosso bairro a transmitir desafios ingleses muito antes de o David Beckham pousar uma bota de ouro na América. Fora devido ao seu amor pelo jogo que eu tinha começado a jogar em miúda. Treinávamos durante horas no quintal. Ele conhecia todas as minhas colegas de equipa pelo nome e era o pai coletivo que se certificava de que toda a gente voltava a salvo dos jogos e dos treinos.

Depois do «incidente», todos tínhamos ficado afetados de maneiras diferentes.

A minha mãe não me largava, convencida de que eu estava sempre à beira da

morte.

O meu regresso ao «normal» levava o seu tempo, e eu deixara de ter um lugar onde me sentisse em casa. Assim, tinha concentrado toda a minha energia em pôr os estudos em dia, a fim de começar de novo noutro sítio.

Quanto ao meu pai, nunca mais o vira a assistir a um jogo de futebol.

— Parece que aqui as ocasiões sociais estão muitas vezes associadas aos desportos infantis. O meu amigo Knox convidou-me para fazer parte da sua comitiva nupcial, e eu vou encontrar-me com a noiva para falarmos de bolos na linhas laterais.

— Um casamento? Quanto tempo pensas ficar aí?

— Não sei bem. Este projeto que me deram tem vindo a arrastar-se.

— Bom, se tu não podes vir até nós, nós podemos sempre ir até ti.

— Neste momento, está tudo no ar, mas é possível que eu vá a casa em breve. Depois digo-vos.

— Estás bem? Pareces um bocado em baixo.

— Estou ótima — disse-lhe, sem querer entrar em explicações sobre porque passara os últimos dias a oscilar entre a raiva e a tristeza. — Tenho de ir andando. Parece que o jogo está a começar.

— Está bem, querida. Ah, mais uma coisa. A tua mãe matava-me se eu não perguntasse. Tudo em ordem com o tiquetaque?

— Está tudo ótimo — disse eu, juntando exasperação à caixa da raiva e da tristeza. Eram só alguns golpes emocionais causados por um agente da lei ferido e furioso. — Amo-te, pai.

— Também te amo, Leens.

Desliguei a chamada e voltei a recostar-me no meu assento aquecido. Tinha-lhe ligado antecipadamente para ficar com o assunto despachado. Era um número de equilíbrio constante, assegurar aos meus pais que estava viva e capaz de tomar conta de mim e conseguir ter liberdade para ser de facto uma adulta independente.

Ter pais que me amavam de mais não era nada que eu desvalorizasse, mas também não era algo que me entusiasmasse.

Relutante, saí do carro e encaminhei-me para o campo, procurando na multidão o homem que esperava nunca mais ver.

Tinha conseguido evitar o Nash desde que ele ameaçara prender-me. A minha

equipa de investigação estava a pesquisar os parceiros conhecidos do Hugo, sempre de olho nos leilões de carros antigos. Eu continuava a riscar propriedades da minha lista. Nos tempos livres, conseguira sobreviver a mais um treino da senhora Tweedy e fizera consultoria em duas outras investigações da companhia.

Alguma coisa tinha de ceder, e tinha de ceder rapidamente, senão eu teria de fazer algo que nunca tinha feito: desistir.

Encontrei a Naomi e a Sloane, sentadas em cadeiras desdobráveis e tapadas com mantas, na linha lateral.

— Cá está ela — disse a Naomi, quando eu me aproximei. Tinha um café enorme numa mão e um frasco térmico de ar inocente na outra. — Trouxemos-te uma cadeira.

— E álcool — disse a Sloane, estendendo-me um pequeno frasco vermelho.

— Obrigada. — Aceitei a bebida e a cadeira oferecidas. — Onde está o Stef?

— Está a beber, cito, «todo o café do mundo». Teve uma teleconferência com investidores de Hong Kong sobre sei lá o quê — disse a Naomi.

— O que é que o Stef faz? — perguntei, estudando a multidão.

O pai da Naomi e o Knox estavam junto do Wraith, o *motard* de aspeto assustador e que era uma escolha duvidosa para treinador de uma equipa feminina de futebol. Naquele dia, as únicas tatuagens visíveis no velho grisalho espreitavam pelo colarinho do seu blusão de couro. Estava na linha lateral, de pernas afastadas, como que pronto para andar à pancada com um clube *motard* rival.

Reparei que o Knox nem sequer me cumprimentou. Limitou-se a lançar-me um olhar hostil, desviando-o em seguida.

O estúpido do Nash e a sua estúpida língua de trapos.

— Ninguém sabe ao certo. É como o Chandler de *Friends* — disse a Naomi.

A Sloane estudou-me sob o seu gorro com pompom. Este era preto, a condizer com as mitenes.

— Pareces sempre a heroína durona de um videojogo, pronta para derrubar uma porta ou agarrar num tipo *sexy* e armado e comê-lo até não sobrar nada.

A Naomi soprou uma fina névoa de café para o ar enquanto eu me ria.

— Hum, obrigada? Acho.

— Conta-lhe do vestido — insistiu a Sloane.

— Pusemos-te de escarlate — disse-me a Naomi. — É muito provocante.

— Com aquele vestido, vais de certeza ser comida no casamento — insistiu a Sloane.

— Está tudo bem contigo? — perguntei-lhe.

A bibliotecária gemeu dramaticamente e lançou a cabeça para trás. Isso proporcionou-me uma vista desimpedida do Lucian Rollins a aproximar-se por trás dela. O seu casaco de caxemira ondeava ao vento como uma espécie de capa de vampiro. O olhar dele não era amistoso. Especialmente quando pousou em mim.

— Irra! Preciso de sexo — anunciou a Sloane, sem saber que o seu arqui-inimigo estava a pouca distância de a ouvir. — Para onde quer que olhe, vejo sexo em potencial. A Naomi tem esta irritante aura orgásmica permanente, e tu tens ar de quem poderia entrar em qualquer sítio e sair com um tipo em menos de cinco minutos.

— Então porque não lhe dás uma queca de ódio? — Apontei, e todas nos virámos para olhar o Lucian, que parecia um modelo, de calças de ganga, camisola e boné de basebol.

— Raios! Naomi, disseste que ele não vinha! — silvou a Sloane.

— Não me disse que vinha. Não sei porque está aqui — insistiu a Naomi.

— Este homem passa demasiado tempo na porta ao lado e pela cidade. Começo a duvidar de que tenha um emprego a sério — queixou-se a Sloane.

— Na porta ao lado? — perguntei.

— Parece que a Sloane e o Lucian cresceram em casas contíguas. A Sloane comprou a casa aos pais quando eles saíram de lá, e o Lucian ficou com a casa da mãe dele — explicou a Naomi.

— Sabe Deus porquê — resmoneou a Sloane.

— Talvez esteja aqui para fazer sexo contigo. Tipo uma fada *sexy* e soturna que concede desejos porcos — zombei.

Notei que o Knox não cumprimentou o Lucian quando este se juntou a ele. Parecia que a animosidade era contagiosa.

— Preferia ir ao ginecologista e ao dentista no mesmo dia — disse a Sloane.

— Além disso, tenho um encontro.

— Tens um encontro?! — A Naomi gritou a pergunta tão alto que todos os homens se viraram e olharam para nós.

O Lucian parecia prestes a incendiar o mundo com a sua lava quente.

— Obrigada, megaboca — resmoneou a Sloane. — Sim, tenho um encontro.

— Um encontro ou uma queca? — perguntei eu, num volume normal.

O Lucian cerrou o punho, esmagando o copo descartável e fazendo espirrar café para todos os lados.

Eu sorri quando o seu olhar negro e perigoso pousou em mim.

— Ups — disse eu em silêncio, movendo apenas os lábios, ufana.

— Não há nada para ver aqui — disse a Naomi, fazendo gestos afugentadores com as mãos. Pelo menos, foi o que me pareceu. Era difícil saber, estando ela a segurar duas bebidas. — Vão à vossa vida, meus senhores.

O Knox deu à noiva uma piscadela de olho marota. Depois lançou-me um olhar gélido e voltou a atenção para o campo, onde a equipa estava a aquecer.

— Hum, porquê o banho de silêncio e os olhares de aço? — perguntou a Sloane.

— Estás só a ver se mudas de assunto. Com quem é que vais para a cama?

A Sloane olhou por cima dos dois ombros e fez-nos sinal para nos aproximarmos. Depois de formarmos uma roda com hálito a vodka, abriu-se num sorriso.

— Vou dar uma pista. Tem bigode e tem crachá.

— Vais sair com o Nolan? O Nolan Graham? O *marshal* Nolan Graham? — exigi saber.

— Ele é bem giro — disse a Naomi.

— É um tipo bestial — acrescentei eu.

— Vocês andaram, não foi? Há alguns sinais de alarme que eu deva conhecer antes de o deixar concorrer ao ouro depois do terceiro encontro? — perguntou-me a Sloane.

— Tivemos um caso muito breve há uns anos. Ele é um tipo genuinamente bom e dança bem.

— Talvez seja o meu acompanhante no casamento — fantasiou a Sloane.

Os homens estavam de novo a olhar para nós. A olhar de modo hostil. O Lucian parecia ser incapaz de decidir a quem tinha mais ódio, se a mim ou à Sloane. A expressão do Knox só podia ser descrita como irritada por defeito.

— OK, já sei que a Sloane e o Lucian têm esta cena de se detestarem, mas o que se passa entre ti e o Knox? — perguntou a Naomi, franzindo a cara para o

marido. — Ele não te disse nada mesquinho ou ofensivo, pois não? Está alegadamente a tentar comportar-se melhor.

Eu baixei o olhar para a minha bebida.

— Tanto quanto sei, está tudo bem.

— Oh, olha. Vem aí o Nash. Pensava que ele tinha de trabalhar.

Quase caí da cadeira e entornei o *Bloody Mary* ao virar bruscamente a cabeça.

— Raios — resmoneei, e afundei-me mais na cadeira quando o vi.

Estava de farda, trazia a *Piper* por uma trela cor-de-rosa e parecia ainda mais furioso do que o Knox e o Lucian juntos. O Nolan seguia-o a alguns metros, de telemóvel no ouvido.

— Minhas senhoras — rosnou o Nash.

O seu olhar pousou em mim, e eu não fiz qualquer esforço para esconder a fúria que ele me inspirava.

— Bom dia, Nash — chilreou a Naomi.

— Olá, chefe — disse a Sloane.

— Pensava que te tinha dito para não te aproximares da minha família — disse-me o Nash.

Oh, que bom. Íamos por aí. Em público. Com testemunhas.

— Eu pensaria bem antes de iniciar essa conversa agora. A menos, claro, que queiras lavar toda a roupa suja — disse eu, com os olhos a lançarem-lhe punhais envenenados.

Todos olhavam para nós como se o Nash e eu nos tivéssemos transformado numa telenovela ao vivo à frente deles.

— Eu disse-te para a deixares em paz, não para seres uma besta para ela — disparou o Knox.

— Não preciso de que me defendas. Especialmente quando nem sequer me falas — lembrei-lhe.

— Pois eu preciso de uma explicação imediatamente — disse a Sloane.

— Ainda bem que cáste em ti — disse o Lucian ao Nash.

— Vai-te foder, Lucy — rugiu o Nash. — E tu vai com ele, Knox.

A Amanda aproximou-se.

— Cheira-me a drama. O que é que se passa?

— Estão todos zangados uns com os outros — disse a Sloane. — Alguém pode, *por favor*, explicar que bicho vos mordeu, para eu escolher um lado?

Atenção ao *spoiler*: Equipa Não-Lucian.

O Lucian voltou para ela o seu olhar de aço.

— Hoje não tenho energia para ti, Sloane.

A Naomi estendeu a mão para impedir que a Sloane saísse disparada da cadeira.

— Ouçam, eu só consigo lidar com um par de amigos zangados de cada vez.

— Virou-se para mim. — O que se passa entre ti e o Nash? E entre ti e o Knox? E entre o Lucian e, bom, toda a gente?

Todos se viraram e olharam para mim. As mulheres observavam-me, expectantes. Os homens olhavam-me com vários graus de expressões desagradáveis. Uma das mães da equipa apontou o telemóvel na nossa direção, provavelmente a gravar tudo.

O Stef escolheu esse momento para aparecer com um copo de café do tamanho de um balde. Deteve-se quando sentiu o confronto.

— O que é que eu perdi?

— A Lina tem andado a mentir a toda a gente — anunciou o Nash.

Era a hora H. Eu era muito boa na hora H. Não era daquelas pessoas que encontravam as melhores respostas no duche, dias depois do confronto. Eu ripostava com dureza.

O único problema era que não me sentia bem com a perspetiva de revelar o segredo dele. O Nash podia estar a portar-se como um grande sacana, mas eu vira uma dor real sob a superfície, e não podia, em boa consciência, violar aquela confiança. A menos, claro, que ele me provocasse demasiado, e nesse caso só poderia culpar-se a si próprio.

A Naomi pousou uma das bebidas e estendeu a mão para me apertar o pulso.

— Se a Lina não tiver sido totalmente verdadeira, estou certa de que teve uma boa razão para isso.

Era mesmo típico da Naomi dizer aquilo. E estava a ser sincera. Pelo menos por enquanto, antes de ouvir a verdade. Mas, se alguém ia partilhar a minha verdade, seria eu.

— Estou aqui à procura do Duncan Hugo — disse.

A Amanda, mãe da Naomi, soltou uma exclamação teatral. As narinas do Knox dilataram-se, e ele praguejou em surdina. O Lucian, claro, não mostrou qualquer reação.

A Sloane foi a primeira a recuperar.

— Porquê? Em que é que andas metida, Lina?

— É trabalho. Eu não vendo seguros. Recupero bens roubados. O Hugo roubou uma coisa a um cliente, e eu localizei-o nesta área, sem saber que ele também estava metido noutras situações. Vim à cidade só para passar um dia com o Knox. Mas então aconteceu tudo.

— O que é que ele roubou? — perguntou a Amanda. — Aposto que foram joias. Foram joias?

— Foi um carro — admiti.

— Que tipo de carro? — quis saber o Knox.

— Um *Porsche 356* descapotável de 1948.

Ele soltou um assobio baixo.

— Bela máquina.

— Ela mentiu-nos a todos — disse o Nash, e as palavras atingiram-me como um martelo. — Convinceu-te a instalá-la ao meu lado, para poder ter acesso a mim e aos meus ficheiros.

— Que porra? — disse o Knox. Preparei-me para o fim da minha amizade mais longa. Mas ele estava a olhar para o irmão. — Ela não me fez instalá-la naquele apartamento. Eu passei pelo hotel, para a levar a tomar o pequeno-almoço, e encontrei-a a atacar com laca uma barata do tamanho de um castor — prosseguiu ele. — Disse-lhe para pegar nas merdas dela, e ela recusou. Gritámos um com o outro durante meia hora e pisámos múltiplas gerações de baratas, até ela aceitar mudar-se.

— Tempo! — disse a Naomi para o seu quase-marido. — Viquingue, se não é por isso que estás danado com o Nash e com a Lina, o que foi que te irritou tanto?

O Knox passou uma mão pelo cabelo, um gesto suave que não condizia com a sua expressão tempestuosa.

— Estou danado porque estes dois idiotas não deram ouvidos aos meus conselhos.

Eu bebi três bons goles do meu *Bloody Mary* e comecei a planear a minha fuga.

— Que conselhos? — perguntou o Stef, puxando uma cadeira e instalando-a o mais perto possível da ação.

— A sério? Vá lá! — O Knox gesticulou para cá e para lá entre mim e o Nash.
— Vais ter de ser mais comunicativo do que isso, querido — disse-lhe a Amanda.

— Raios me partam. Eles não podem juntar-se. — Apontou para o Nash. — Este idiota praticamente tem «em busca de esposa» tatuado no rabo. — Depois esticou o queixo na minha direção. — E aquela chata tem «comer e andar» tatuado no dela.

A Naomi inclinou-se e sussurrou:

— Ele está a ser literal ou metafórico?

— Metafórico. Mas tenho um sol tatuado na clavícula.

Os olhos do Nash estreitaram-se para mim.

— Eles juntam-se, e, quando for hora de ela ir, o estúpido vai ficar de coração partido, e ela vai sentir-se mal por isso. E depois acabam os dois por descarregar em mim. Portanto, eu disse ao Nash que a deixasse em paz, e vim a descobrir que ele se meteu na cama com ela.

— Toda a gente faz sexo menos eu — resmoneou a Sloane em surdina.

— Agora é que isto está a ficar bom — disse a Amanda.

Estendeu a mão para o Stef.

— Também digo — disse ele, passando-lhe o seu *Bloody Mary*.

— Nós não fizemos sexo e, definitivamente, nunca faremos. Podias ter falado comigo sobre o assunto — disse eu ao Knox.

Ele fez uma careta, como se eu tivesse sugerido arrancar-lhe as unhas e atirá-las como papelinhos de Carnaval.

— Então não, Leen? — troçou. — Depois podíamos ter uma conversa franca sobre os nossos sentimentos e tal.

Ele tinha razão.

— Incomodo? — O Nolan aproximou-se, de casaco desportivo, segurando um café de tamanho normal.

— Sim — dissemos o Nash e eu em uníssono, o que resultou em mais uma troca de olhares hostis.

Ele piscou o olho à Sloane.

— Olá, *cupcake*. Estou ansioso pelo jantar.

A bibliotecária dirigiu-lhe um sorriso sedutor. O Lucian rugiu.

— Então, se a Lina e o Nash não andam... — A Naomi deteve-se, enquanto

a equipa da Waylay corria junto à linha lateral — ... a brincar às cócegas de adultos, algo de que voltaremos a falar, já agora, porque é que continuas danado com eles?

— Porque *ele* está a agir como se não fosse da minha conta, e *ela* não foi honesta comigo. Podias ter-me dito porque estavas aqui — disse-me o Knox.

Assenti.

— Podia. Provavelmente devia. Abrir-me não é fácil — admiti.

— Mas, quando é ao contrário, já não te importas — disse o Nash.

— Continua a provocar-me, chefe. Eles ainda não te escarpelizaram o suficiente — adverti.

O olhar dele ter-me-ia incinerado se eu tivesse posto mais laca naquela manhã.

— Que diabo quer isto dizer? — perguntou a Sloane, num sussurro teatral.

— Esperem. Ainda não acabámos. Não sabemos porque é que o Fato Sexy, isto é, o Lucian, está envolvido em tropelias tão imaturas e emotivas — observou o Stef.

— Entra lá, Lucian. A água está quentinha — disse-lhe eu.

— Bom, agora tens de entrar — disse a Naomi, encorajadora.

— Eu sabia que a história da Lina era suspeita. E, quando o Knox manifestou preocupação, investiguei um pouco. Depois segui-a e ameacei-a.

Falou como quem descrevia um encontro amigável na Target.

— Inacreditável — resmoneou a Sloane em surdina.

— Lucian, não é assim que se resolvem as coisas — admoestou a Amanda, como se ele fosse um miúdo de seis anos a fazer uma birra.

— Então, tecnicamente, o Lucian estava certo e, mesmo assim, estás zangado com ele? — perguntou a Naomi. A resposta do Nash foi um encolher de ombros irritado. Ela virou-se para o Knox. — E tu tinhas razão sobre o Nash ficar magoado, e agora estão os dois zangados um com o outro por isso?

— Bom, o pequeno-almoço não ajudou.

A Naomi fechou os olhos.

— Foi por isso que te armaste em *bridezilla* com a florista ontem?

— A gipsófila é estúpida. Toma e embrulha — disse ele.

— O que aconteceu ao pequeno-almoço? — perguntou o Stef.

— Convidei o Knox e o Nash para tomarmos o pequeno-almoço, a fim de

falarmos das coisas como adultos — explicou o Lucian.

— Tu apareceste sem aviso e arrancaste-me da cama às seis da manhã — corrigiu o Nash.

— Não tens de quê — ripostou ele.

— Esperem — interrompeu a Sloane. — Tu, Lucian Rollins, tentaste de livre vontade resolver um assunto a conversar?

O olhar dele era gélido quando se fixou nela.

— Faço-o quando é uma coisa importante.

Ela pôs-se de pé, a vibrar tanto que até o pompom do gorro tremia.

— Tu és a *pior* pessoa que alguma vez conheci — silvou.

A Sloane era normalmente mais cortante nos insultos.

Pressentindo a possibilidade de violência, eu saltei da cadeira e coloquei-me entre eles, antes que a Sloane pudesse atacar.

— Ele tem muitos advogados — lembrei-lhe. — E, por muito bem que soubesse desfazer aquele sorriso a murro, eu detestaria ver a sua equipa legal a levar-te à ruína. — A Sloane rosnou. O Lucian mostrou os dentes no que definitivamente não era um sorriso. — Uma ajudinha, *marshal*?

O Nolan colocou um braço em redor da cintura da Sloane e puxou-a para trás.

— O que te parece ires mais para ali? — perguntou-lhe, descontraidamente.

O Lucian soltou o que parecia ser um rugido selvagem e embateu com o peito na minha mão estendida. Mesmo depois de eu ter fincado os calcanhares, ele ainda conseguiu fazer-me recuar quase trinta centímetros, antes de o Nash se pôr entre nós.

— Afasta-te — disparou o Nash, cara a cara com o Lucian.

— Estamos prestes a ser expulsos de um jogo de futebol de miúdos — disse eu, para ninguém em especial.

— Então, como foi o sexo? — perguntou-me o Stef com um sorriso perverso.

— Por amor de Deus! Nós não fizemos sexo! Nunca sequer nos beijámos! — disparei.

— Então estavam só a dormir juntos? — perguntou a Amanda. — É uma moda nova entre os jovens? Amigos semicoloridos? Netflix e conchinha?

— Amigos, definitivamente, não — disse eu, com um olhar hostil para o Nash. — E, ao contrário de certas pessoas, eu respeito a privacidade dos

outros, sobretudo no que toca a coisas partilhadas em confiança.

Raios, a superioridade moral sabia bem. Ainda mais sabendo que a família do Nash estava prestes a arrancar-lhe a verdade com um pé de cabra. Isso tornava tudo mais satisfatório.

Uma barragem de perguntas foi de imediato lançada contra o homem:

— A sério que só dormiram? Que jeito tem isso?

— Isto tem alguma coisa que ver com estares deprimido?

— Estás deprimido? Porque não disseste nada?

— Dormiram nus ou vestiram pijamas?

— Com licença! — Todos nos virámos e vimos a Waylay, na linha lateral, de mãos nas ancas. A equipa estava alinhada atrás dela, a tentar, quase sem sucesso, reprimir os risinhos. — Estamos aqui a tentar jogar uma partida, mas vocês estão a distrair toda a gente! — disse ela.

Todos murmurámos, a custo, um coro de pedidos de desculpa.

— Se eu tiver de voltar aqui, teremos problemas! — disse a Waylay, a olhar diretamente para cada um de nós.

— Bolas, quando foi que ela se tornou assustadora? — sussurrou a Sloane quando a Waylay e o resto da equipa voltaram para o campo.

— A culpa é tua — disseram o Knox e a Naomi ao mesmo tempo.

Sorriram um para o outro.

O meu coração voltou a tropeçar, e eu respirei fundo, expirando lentamente até a palpitação no peito se dissipar.

— Estás bem? — perguntou o Nash, com voz de quem não se importava muito. — Ou isso também era mentira?

— Não. Comeces — avisei-o.

— O que se passa agora? — sussurrou a Naomi.

Eu precisava de sair dali. Precisava de ir para um sítio onde pudesse respirar e pensar, e não querer esmurrar homens estúpidos e *sexy* nas suas caras estúpidas e *sexy*. Precisava de ligar à minha chefe e desistir daquela investigação. Além de estar basicamente comprometida, a ideia de me demorar em Knockemout, agora só mais um sítio ao qual não pertencia, doía-me muito.

— Senta-te, Angelina — ordenou o Nash.

Continuava furioso, mas o seu tom estava um grau ou dois mais suave.

— O que se passa? — exigiu saber o Knox.

— Estou certa de que o Nash terá gosto em informar-te — disse eu, voltando-me em seguida para a Naomi e para a Sloane. — Vocês duas foram maravilhosas desde que eu cheguei, e estar-vos-ei sempre muito grata. Mereciam melhor da minha parte, e peço desculpa por isso. Obrigada pela amizade, e boa sorte com o casamento.

Entreguei à Sloane o meu *Bloody Mary*.

O meu coração tropeçou mais uma vez, e mais uma. A minha visão encheu-se de manchas, durante o momento que demorou a retomar um batimento normal.

Acabou-se a cafeína. E a carne vermelha. E o *stress* induzido por homens, prometi-me. Abriria a minha *app* de meditação e faria ioga depois de cada corrida. Faria exercícios respiratórios de hora a hora e caminhadas na natureza. Sairia de Knockemout sem nunca olhar para trás.

Não me sentia capaz de fazer uma despedida mais oficial, portanto comecei apenas a caminhar para o parque de estacionamento.

— Lina — chamou o Nash, atrás de mim. Não, Angelina. Não, Angel. Agora era apenas Lina. Ignorei-o. Quanto mais depressa esquecesse a existência do Nash Morgan, melhor. Aumentei a velocidade e cortei caminho por um campo de futebol vago. Não consegui chegar a meio do campo antes de uma mão se fechar no meu cotovelo. — Lina, para — ordenou o Nash.

Eu soltei-me com um abanão.

— Já não temos mais nada a dizer um ao outro, e já não temos razões para nos preocuparmos um com o outro.

— O teu coração...

— *Não é* da tua conta — silvei.

Uma série de palpitações escureceu-me os contornos da visão, e eu obriguei-me a não deixar que isso transparecesse.

— OK. Vou interferir aqui com grande relutância — disse o Nolan, aproximando-se a correr.

— Não se meta, Graham — disparou o Nash.

O Nolan tirou os óculos escuros.

— O meu trabalho é protegê-lo, imbecil. E você está a segundo e meio de ser esmurrado por uma mulher muito zangada.

— Não te vou deixar conduzir se não estiveres bem — disse-me o Nash,

ignorando o *marshal* entre nós.

— Nunca estive melhor — menti.

Ele tentou dar mais um passo na minha direção, mas o Nolan pousou-lhe uma mão no peito.

Eu virei-me e dirigi-me para o parque de estacionamento. Ia a meio caminho do carro, quando me senti observada. Vislumbrei um tipo com bigode e um boné de basebol do KPD encostado às bancadas, de braços cruzados e maldade no olhar.

VINTE E TRÊS

EQUIPA LINA

Lina

Estava a tentar enfiar a última camisola na minha mala a abarrotar quando ouvi uma pancada na porta. Tê-la-ia ignorado, como ignorara todas as pancadas na minha porta desde as bombas da verdade do dia anterior no campo de futebol, se não viesse acompanhada por uma carrada de mensagens de texto.

Sloane: Deixa-nos entrar.

Naomi: Vimos em paz.

Sloane: Despacha-te, antes que a nossa barulheira alerte o teu vizinho rabugento.

Não me sentia com disposição para companhia, nem para chantagem emocional, nem para mais uma ronda de pedidos de desculpa.

Naomi: Devo acrescentar que o Knox me deu a chave-mestra, portanto, vamos entrar de qualquer maneira. Mais vale que a escolha seja tua.

Raios.

Atirei a camisola para cima da cama e dirigi-me para a porta.

— Olá — disseram elas alegremente, quando a abri.

— Olá.

— Sim, entramos, obrigada — anunciou a Sloane, empurrando a porta.

— Se vieram para uma batalha, eu estou sem energia — avisei.

Tinha passado metade da noite a descongelar sacos de vegetais sobre o peito enquanto ouvia meditações guiadas e tentava convencer o *stress* a sair do meu corpo.

— Estamos aqui para te dizer que escolhemos um lado — disse a Naomi.

Vestia calças de ganga justas e um camiseiro cor de esmeralda. O cabelo, encaracolado em ondas soltas, emoldurava o seu belo rosto.

— Um lado de quê?

— Pensámos longamente e somos da Equipa Lina — disse a Sloane. Também ela estava bem vestida para uma tarde informal de domingo: calças de ganga deslavadas, saltos altos e olhos bem esfumados. — Eu queria fazer *T-shirts*, mas a Naomi achou que seria melhor aparecermos aqui e tratarmos de ti.

— Tratarem de mim? — repeti. — Tipo matarem-me?

— Nada de homicídios, prometo — disse a Naomi, encaminhando-se para o meu quarto. — Porque está aqui uma mala feita?

— Porque não consigo transportar todas as minhas roupas nas mãos.

— Tinhas razão em não esperar pelas *T-shirts* — disse a Sloane, seguindo a Naomi até ao meu quarto.

A Naomi começou a remexer a minha mala.

— Isto é giro. Oh, e estas calças de ganga, definitivamente.

— Estás a roubar-me? — Eu sabia que Knockemout era um bocado abrutalhada, mas aquilo parecia-me excessivo.

— Tu vais vestir-te, e vamos sair para uma tarde de raparigas, mais o Stef. Possivelmente, noite, dependendo do consumo de álcool e de comida frita — disse a Sloane, passando-me um par de calças de ganga e uma camisola vermelha muito decotada.

— Ainda estamos a trabalhar no nome — acrescentou a Naomi.

— Mas eu não fui honesta convosco. Escondi-vos coisas — fiz notar, perguntando-me se porventura se teriam esquecido da minha traição.

— Os amigos dão aos amigos o benefício da dúvida. Talvez tivesses uma boa razão para não seres honesta. Ou talvez nunca tivesses tido amigas fantásticas como a Sloane e eu — disse a Naomi, atirando-me o meu *nécessaire* gigante. — De qualquer modo, que género de amigas seríamos se te largássemos quando mais precisavas de nós?

— Então não estão zangadas comigo? — perguntei lentamente.

— Estamos preocupadas — corrigiu a Naomi.

— E queremos mesmo mais pormenores sobre isso de dormires com o Nash — acrescentou a Sloane, com um jeito brincalhão das sobranceiras.

— Ele está péssimo, já agora — disse a Naomi, apontando na direção da casa de banho.

— Se está péssimo ou não, não é nada que me diga respeito — insisti.

Ele batera à minha porta duas vezes no dia anterior, depois da catástrofe no jogo de futebol. À terceira, tinha ameaçado arrombá-la se eu pelo menos não confirmasse que estava bem.

Para poupar a despesa de ter de substituir a porta, eu enviara-lhe uma mensagem sucinta: *Estou bem. Vai-te foder.*

— Arranja-te depressa. Não podemos beber todo o dia se não começarmos já — disse a Sloane, examinando mais uma camisola. — Ei, empresta-me isto para o meu encontro com o Nolan?



E foi assim que fui parar com a Equipa Lina ao Hellhound, um bar encardido de *motards*, num domingo à tarde.

A música estava alta. O chão, pegajoso. As mesas de bilhar encontravam-se todas ocupadas. E havia mais carteiras presas a correntes do que soltas.

— Este sítio dá-me sempre vontade de usar um balde de detergente e uma palete de desinfetante antes de me sentar — queixou-se a Naomi enquanto avançávamos para o balcão.

O Stef fez uma careta e arregaçou as mangas da sua camisola *Alexander McQueen* antes de pousar cautelosamente os antebraços na madeira.

— Ora, olá, *bartender* giraço — disse, em surdina.

Joel, o *bartender* cavaleiresco, era alto, musculado, com pelo facial, e vestia de preto da cabeça aos pés. O seu cabelo era uma crina prateada, penteada para trás sobre o rosto bronzeado.

— Bem-vindas de novo, minhas senhoras — disse, com um sorrisinho de reconhecimento. — Vejo que trouxeram um novo amigo.

A Naomi apresentou o Stef.

— O que é que vai ser? *Shots*? Bebidas brancas? Vinho?

— *Shots* — disse a Sloane.

— Vinho? — perguntou a Naomi.

— Vinho, definitivamente — concordou o Stef.

Os olhos cinzentos do Joel viraram-se para mim.

— Eu bebo água.

— Buuuuuuu! — exclamaram a Naomi e a Sloane em uníssono.

O Stef franziu as sobancelhas.

— Tens alguma lesão na cabeça?

— Vou começar a tratar das bebidas. Tentem não esmurrar ninguém entretanto — advertiu o Joel, principalmente para mim.

— Não vais beber — disse a Sloane.

— A água é uma bebida.

— O que a Sloane quer dizer é: porque é que te vais hidratar em vez de seres irresponsável e pedires bebidas para adultos? — disse a Naomi.

— Um de nós tem de conduzir.

— Uma de nós tem um noivo muitíssimo *sexy* a postos para vir recolher as nossas pessoas encantadoramente inebriadas — disse a Naomi.

— O Knox não te chateou por voltares aqui? — perguntei.

A última e, bom, única vez em que tínhamos estado ali fora no dia em que eu chegara à cidade. O Knox e a Naomi estavam no meio de uma rutura que nenhum deles queria. Eu tinha raptado a Naomi do seu trabalho no Honky Tonk e levava-a ali, para o mais manhoso dos bares manhosos.

A Sloane tinha-se juntado a nós, e o dia quase acabara numa rixa de bar, quando os clientes mais burros e bêbedos pensaram que tinham alguma hipótese connosco.

— É por isso que o Stef está aqui.

— Ele fez-me prometer que enviaria uma atualização de trinta em trinta minutos — disse o Stef, erguendo o telemóvel.

— Continua zangado comigo? — perguntei, tentando soar como se não me importasse.

— Vai ficar, se descobrir que estavas a planear sair da cidade sem dizer a nenhum de nós — disse a Naomi.

Era por aquilo que eu não tinha amigos. As relações de todos os tipos eram demasiado pegajosas. Toda a gente se sentia no direito de nos dizer que o que fazíamos estava errado e de nos dar instruções sobre como repará-lo a seu contento.

— Eu não ia sair da cidade. Ia hospedar-me de novo no motel e depois sair da cidade.

— Como tua amiga, não posso, em boa consciência, deixar-te contraíres uma doença transmitida por baratas, quando há um apartamento perfeitamente limpo e agradável disponível para ti — insistiu a Naomi.

— Prefiro viver com baratas do que na porta ao lado do Nash.

O Joel voltou com as nossas bebidas: dois *shots* de sabe-Deus-o-quê para a Sloane, dois copos de vinho cheios até ao rebordo e uma água com uma rodela de limão.

A Sloane agarrou avidamente os *shots*.

— Obrigada, Joel — disse eu, quando ele pousou a água à minha frente.

— Sentes-te bem? — perguntou-me.

— Estou ótima.

— Errrrr! — A Sloane, tendo deitado abaixo um *shot*, emitiu um som alto de botão de resposta errada. — É contra a lei mentir durante a tarde de miúdas mais o Stef.

A Naomi assentiu.

— Confirmo. Regra número um: não mentir. Não estamos aqui para fingirmos que está tudo bem. Estamos aqui para estar aqui uns para os outros. Disse «aqui» demasiadas vezes. Agora já nem parece uma palavra. Aqui. Aqui?

— Aqui — experimentou a Sloane, franzindo a cara.

— Elas já tinham estado a beber? — perguntou-me o Joel, arqueando sensualmente as sobancelhas prateadas.

Eu abanei a cabeça.

— Não.

Sabiamente, ele encheu mais dois copos com água e pousou-os em frente das minhas amigas, antes de ir para o fundo do bar.

— Aquiiiiiii — enunciou a Naomi.

— Oh, meu Deus. Está bem! Não estou bem — admiti.

— Já não era sem tempo. Estava a ver que nos ias obrigar a continuar com isto — disse a Sloane, pegando no seu segundo *shot* e emborcando-o.

— O primeiro passo é admitires que estás um desastre — disse o Stef, sábio.

— Não estou bem. Estou um desastre. Nem a minha família sabe o que faço na vida. Não suportam a ideia de eu estar perto da mínima possibilidade de perigo. Se fizessem ideia do perigo do meu trabalho, voariam para aqui, formariam um escudo protetor à minha volta e obrigar-me-iam a voltar a viver com eles.

A minha minúscula plateia pessoal observava-me sobre os rebordos dos copos.

— E estou a beber água porque sofri uma condição cardíaca que quase me

matou quando tinha quinze anos. Falhei todas as etapas normais da adolescência graças às operações e a ser a miúda esquisita que morreu à frente de um estádio inteiro de pessoas. Já está resolvido, mas ainda sofro de CVP quando entro em *stress*. E, neste momento, estou stressada como tudo. Cada contração estúpida me lembra de como foi quase ter morrido e a seguir ter vivido uma meia vida sufocante de aulas em casa, consultas médicas e pais superprotetores, que não podia culpar por serem superprotetores, porque basicamente me tinham visto morrer num campo de futebol.

— Eh, lá — disse a Sloane.

— Mais álcool, Joel — implorou a Naomi, estendendo o copo, agora vazio.

— Portanto, desculpem se não conto a todas as pessoas que conheço os pormenores da minha vida. Passei boa parte dela a ser microgerida e recordada de que não era, nem nunca seria, normal. Até chegar aqui e conhecer o Nash-Asno.

— Boa — disse a Sloane, com um aceno de aprovação.

— O que aconteceu quando chegaste aqui e conheceste o Nash? Desculpa. Quero dizer, o Nash-Asno? — perguntou a Naomi, suspensa de todas as minhas palavras.

— Olhei para ele e para aquela sua cena ferida e taciturna...

— Por «cena» queres dizer sexo? — perguntou o Stef.

— Não, não quero.

— Para de a interromper — silvou a Naomi. — Olhaste para aquele seu não-sexo ferido e taciturno, e quê?

— Gostei dele — confessei. — Gostei mesmo dele. Ele fazia-me sentir especial, e não daquele modo esquisito de «paragem cardíaca à frente de toda a gente». Fazia-me sentir que precisava de mim. Nunca ninguém precisou de mim. Sempre me protegeram, ou mimaram, ou evitaram. Céus, os meus pais estão a tentar comprar bilhetes de avião só para se meterem na minha próxima consulta de cardiologia e poderem ouvir o meu médico dizer que estou bem.

Apareceram mais bebidas à frente da Naomi e da Sloane. O Joel fez deslizar uma taça de amendoins na minha direção.

— Acabados de sair do saco. Ainda ninguém lhes pôs os dedos — garantiu-me.

— Obrigada pelos amendoins não remexidos — disse eu.

— O Nash abriu-se, depois de alguma insistência, sobre os ataques de pânico que tem tido e sobre como tu o tens ajudado — disse a Naomi.

— Não me aproveitei dele — insisti.

— Querida, nós sabemos. Ninguém pensa isso. Nem mesmo o Nash. Ele é um Morgan. Eles dizem coisas estúpidas quando se zangam. Mas devo dizer-te que é bom vê-lo zangado — confessou a Naomi.

— Porquê?

— Antes de ti, ele não ficava zangado nem alegre nem nada. Era como uma fotocópia de si mesmo. Plano, sem vida. Depois apareceste tu e deste-lhe algo de que gostar o bastante para se zangar.

— Eu menti-lhe. Menti a todos vocês.

— E agora vais portar-te melhor — disse a Naomi, como se fosse assim tão simples.

— Vou?

— Se queres que fiquemos amigos, sim — disse a Sloane. Três *shots* no goto, e já estava inclinada para um lado, como se estivesse no convés de um navio.

— Os amigos tornam tudo melhor. Nós aceitamos as partes más, celebramos as partes boas e não te torturamos pelos teus erros — disse a Naomi.

— Desculpem por não ter sido honesta convosco — disse eu, em voz baixa.

— Agora, pelo menos, faz algum sentido — observou a Sloane. — Se eu tivesse de mentir aos meus pais sobre tudo só para ter uma vida mais ou menos normal, é compreensível que isso se tornasse facilmente um hábito.

— Eu percebo — disse a Naomi, compassiva. — Quando cheguei aqui, menti aos meus pais sobre tudo, porque estava a tentar protegê-los dos meus sarilhos e dos sarilhos da Tina.

— Sei como é. — Mexi a minha água com a palhinha. — Eu comecei mesmo a permitir-me perguntar «e se...»?

— E se o quê? — perguntou o Stef.

— E se com ele resultasse? E se eu ficasse aqui? E se este fosse o sinal que eu esperava para largar o meu trabalho e experimentar uma coisa nova? E se eu tivesse de facto direito ao normal?

A Naomi e a Sloane olhavam-me com os olhos muito abertos e húmidos.

— Não — avisei.

— Oh, Lina... — sussurrou a Naomi.

— Eu sei que não gostas que te toquem, e respeito isso — disse a Sloane. — Mas acho que deves saber que estou a abraçar-te mentalmente.

— OK. Não vão mais *shots* para ti — decidi.

Elas continuaram a fixar-me, como personagens de animação com grandes e carentes olhos de corça.

— Manda-as parar — implorei ao Stef.

Ele abanou a cabeça.

— Só há uma maneira de as fazer parar.

Revirei os olhos.

— Irra!, está bem. Podem abraçar-me. Mas não me entornem nada em cima.

— Boa! — exclamou a Sloane.

Abraçaram-me de ambos os lados. Ali, ensanduichada entre uma bibliotecária bêbeda e uma diretora de relações comunitárias tocada, senti-me um pouco melhor. O Stef deu-me uma palmadinha desajeitada na cabeça.

— Tu mereces ser feliz e ter o normal — disse a Naomi, afastando-se.

— Não sei o que mereço. O Nash atingiu-me em todas as vergonhas e culpas que tenho.

— Ele lançou-me uma bomba de verdade em cima, num dos jogos da Waylay, no início da temporada — disse a Naomi, solidária.

— Graças a Deus que a temporada está quase a acabar — brincou o Stef.

— Tu sabes porque é que a honestidade é tão importante para ele, não sabes? — perguntou-me a Naomi.

Encolhi os ombros.

— Acho que é importante para toda a gente.

— O pai do Knox e do Nash é toxicodependente. O Duke começou a consumir drogas, sobretudo opioides, depois de a mãe deles ter morrido. O Knox dizia que cada dia com o pai parecia uma mentira. Ele jurava que estava sóbrio, ou jurava que nunca mais ia consumir. Comprometia-se a ir buscá-los à escola ou dizia-lhes que assistiria aos seus jogos de futebol americano. Mas desiludia-os constantemente. Uma e outra vez. Uma mentira atrás da outra.

— Isso é mau — admiti. O meu crescimento tivera os seus desafios... como morrer à frente de todos os meus amigos e das suas famílias. Mas isso não se comparava com o modo como o Knox e o Nash tinham crescido. — No entanto, tenho uma opinião pouco popular. Nós não somos responsáveis pelo

modo como fomos criados, mas somos responsáveis pelas nossas ações e reações depois de adultos.

— Isso é verdade — admitiu a Naomi, antes de emborcar mais vinho.

— A bela mulher de pernas compridas tem razão — disse a Sloane. — Quanto é que medes, já agora? Bora ver!

Eu aproximei dela o seu copo de água.

— Se calhar é melhor fazeres um intervalo nos *shots*.

— Vamos prosseguir nesta linha de pensamento — anunciou o Stef. — Tu tiveste uma merda de adolescência, que, graças à puberdade, já é horrível.

— Certo.

— Acompanha-me — prosseguiu ele. — Portanto, cresceste, foste morar para longe, tornaste-te ferozmente independente e optaste por um trabalho perigoso. Porquê?

— Porquê? — repeti. — Acho que para provar que sou forte. Que não sou a miúda triste e indefesa que era.

— És uma durona — concordou o Stef.

— Aos durões — disse a Naomi, erguendo o seu copo de vinho quase vazio.

— Poupa o brinde, Sabichona. Estou prestes a fazer-vos uma revelação bombástica — insistiu o Stef.

— Faz aí — disse a Sloane, pousando o queixo nas mãos.

— A quem é que estás a tentar provar isso? — perguntou-me o Stef.

Eu encolhi os ombros.

— Toda a gente?

O Stef apontou para a Sloane.

— Faz outra vez o som do botão.

— Errrrrrrr!

Metade do bar virou-se para olhar para nós.

— Deduzo que não concordes — disse eu ao Stef.

— Aí vem o meu brilho. Se a tua família não sabe o que fazes para viver, não tem consciência da tua dureza profissional. E, se os teus colegas não conhecem a tua história, não fazem ideia de quão impressionante realmente és, porque não sabem o que tiveste de ultrapassar para chegares aqui.

— Onde queres chegar?

— A única pessoa a quem resta provar seja o que for és tu. E, se não te

apercebes da durona forte e capaz que és, não tens estado com atenção.

— Isso soou um bocadinho anticlimático. Mas ele não deixa de ter razão — disse a Naomi.

— Ainda não acabei — disse o Stef. — Acho que não estás, na verdade, a tentar provar que és uma durona. Acho que gastas toda a tua energia a tentar abafar qualquer vestígio de vulnerabilidade.

— Ooooooh! E o Nash faz-te sentir vulnerável — adivinhou a Sloane com deleite.

— Portanto, sabotas qualquer hipótese de verdadeira intimidade, porque não queres voltar a ser vulnerável — acrescentou a Naomi. — *OK*. Isto, sim, foi um clímax.

O Stef fez uma vénia fingida.

— Obrigado por apreciarem o meu génio.

Eu já tinha sido vulnerável. Estendida de costas naquele campo de futebol. Em todas aquelas camas de hospital. Naquela sala de operações. Não podia proteger-me nem salvar-me. Estava à mercê de outras pessoas, tinha a minha vida nas suas mãos.

Abanei a cabeça.

— Espera lá. Vulnerabilidade é fraqueza. Porque quereria eu alguma vez voltar a ser fraco? Apoia-me aqui, Joel.

O olhar do *bartender* cintilou para mim enquanto ele mandava dois copos de *shot* a deslizar pelo balcão fora até um cliente com uma crista cor-de-rosa.

— Ser-se vulnerável não quer dizer que se seja fraco. Quer dizer que nos consideramos suficientemente fortes para aguentar a dor. É, na verdade, a forma mais pura de força.

A Sloane levou as mãos às têmporas e fez um som de explosão.

— Cérebro oficialmente explodido — disse, numa voz arrastada.

— Porra, isso foi lindo, Joel — disse o *motard* da crista. E limpou os olhos com um guardanapo.

Eu tinha passado toda a minha vida adulta a provar que era invencível, capaz, independente. Vivia sozinha, trabalhava sozinha, ia de férias sozinha. O único modo de ser ainda mais independente era entrar numa relação monogâmica com o meu vibrador. Ouvir que estava a optar por uma saída cobarde não me caiu bem.

— Ouçam, eu agradeço este jogo superdivertido de «vamos analisar qual é o problema da Lina». Mas a verdade é que, sempre que eu funciono no âmbito de uma relação, seja pessoal ou profissional, há pessoas que se magoam.

— Isso não quer dizer que não possas ter uma relação. Só quer dizer que não tens jeito para isso — disse a Naomi, gesticulando com o vinho.

— Uau, obrigada — disse eu secamente.

A Naomi espetou um dedo no ar e esvaziou o copo.

— *Ninguém* tem jeito ao princípio. Ninguém tem um talento natural para estar numa relação. Toda a gente tem de aprender a ser boa nisso. É preciso muita prática, perdão e vulnerabilidade.

— Merda — resmoneou o Stef. Levantou-se e endireitou os ombros. — Se as senhoras me derem licença, tenho de ir fazer um telefonema. Importas-te de ficar de olho nelas, Joel?

O *bartender* lançou-lhe uma continência.

— Não é só não ter jeito para relações — disse eu, voltando ao ponto original. — Não quero ficar presa. Quero ser livre para fazer o que quiser. Para procurar uma vida que combine comigo.

— Acho que essas coisas não têm de ser mutuamente exclusivas.

— *Boom!* — exclamou a Sloane, batendo com uma mão no balcão.

Quanto mais a bibliotecária bebia, mais altos eram os seus efeitos sonoros.

— Não vou encontrar um homem que se contente em andar atrás de mim, a trabalhar à distância em hotéis merdosos enquanto eu localizo bens roubados. E, se encontrasse, provavelmente não o quereria.

A Naomi soltou um soluço.

— A sério? Tu também? Vocês enfrascaram-se antes de me irem buscar? — perguntei.

Ela encolheu os ombros e sorriu.

— Fiz um *wrap* para o almoço, e o *Waylon* roubou-mo do prato quando eu não estava a ver. Estou aqui de estômago vazio.

Fiz deslizar a taça de amendoins na direção dela.

— Ensopa esse álcool.

Um *motard* alto, com uma pala no olho e uma bandana, aproximou-se.

— Não — disse eu, quando ele abriu a boca.

— Nem sequer sabias o que eu ia dizer — queixou-se ele.

— Não, não queremos sair, nem dar uma volta, nem saber a alcunha do teu sexo — disse eu.

A Sloane pôs a mão no ar.

— Por acaso, eu gostava de saber a alcunha do sexo.

O *motard* inchou o peito e puxou as calças para cima.

— É Long John Silver... porque tem um *piercing*. E, agora, quem quer uma apresentação pessoal?

— Estás satisfeita? — perguntei à Sloane.

— Estou satisfeita e enojada.

Virei-me para o *motard*.

— Vai-te embora, a menos que queiras participar numa sessão de terapia.

— Põe-te a andar, Spider — disse o Joel detrás do balcão.

— Uma pessoa tenta ter alguma ação, e toda a gente se zanga — resmoneou o Spider, afastando-se a grandes passadas.

— Espera, eu acho que ia dizer uma coisa superinteligente — disse a Naomi. Franziu o nariz e, mergulhada em pensamentos, despejou o resto do vinho. — *Ah-ha!*

— *Ah-ha!* — ecoou a Sloane.

A Naomi remexeu-se no banco e aclarou a garganta.

— Como eu dizia, tu estás a comparar o que fazes agora com o que poderias estar a fazer no futuro.

— Hum, não é isso que toda a gente faz?

— Há uma diferença subtil — insistiu ela, arrastando um pouco a palavra «subtil». — Mas não me lembro de qual é.

A Sloane encostou-se ao meu outro lado. Bom, foi mais deixar-se cair.

— O que a minha estimada colega está a tentar dizer é que, só por queres liberdade para fazeres as tuas escolhas, isso não quer dizer que tenhas de ficar sozinha.

A Naomi estalou os dedos na cara da Sloane.

— Sim! É isso! Foi disso que eu me esqueci. O que fazes ou tens e como te sentes são duas construções separadas. Por exemplo, as pessoas dizem «Quero um milhão de dólares», mas o que querem mesmo é ter segurança financeira.

— *Okaaaaaaay*. — Arrastei a palavra.

— Tu queres sentir que tens o poder de tomar as tuas próprias decisões. Isso

não quer dizer que tenhas de ser uma caçadora de recompensas independente para sempre. Ou que tenhas de encontrar um tipo bestial com quem fazer ótimo sexo e comer refeições na cama. Quer apenas dizer que tens de encontrar uma relação em que possas ser tu própria e certificares-te de que as tuas necessidades são satisfeitas.

— Ainda bem que te lembraste, porque é um argumento muito inteligente, e tu és muito bela — disse a Sloane à Naomi.

— Obrigada! Eu também te acho muito intelibela!

— Ohhh! Abraço de grupo!

— Vocês estão a abusar dos abraços — queixei-me, enquanto elas voltavam a cair-me em cima.

— Não podemos resistir. Estamos muito orgulhosas de ti — disse a Naomi.

— Queres que lhes dê um duche? — ofereceu o Joel, erguendo a mangueira da água com gás.

Eu suspirei.

— Deixa-as terem este momento.

VINTE E QUATRO

TARTE DE NOZ-PECÃ E COTOVELOS PONTIAGUDOS

Lina

— Não quero ir para casa — lamuriou-se a Sloane, enquanto eu a orientava na direção do meu carro no parque de estacionamento.

— Tenho fome — cantou a Naomi.

— Aonde é que pensas que vais? — perguntei ao Stef, que começava a afastar-se de nós.

Ele parecia culpado e nervoso.

— Eu, hum, liguei ao Jeremiah e perguntei-lhe se ele queria ir jantar. E ele disse que sim. Portanto... vou jantar com um barbeiro bonzão.

A Naomi precipitou-se sobre ele.

— Estou. Tão. Orgulhosa. De. Ti — disse ela, batendo-lhe no peito a cada palavra.

Ele esfregou os peitorais.

— Au.

— Manda-nos mensagem a cada trinta segundos. Melhor ainda, faz *livestream* do encontro! — disse a Sloane, equilibrando-se nas pontas dos pés.

— Oooh! Sim! Nós comentamos e vamos-te informando se está a correr bem — acrescentou a Naomi.

— Tens a certeza de que dás conta das manas bezanas? — perguntou-me o Stef.

— Não. Mas...

— Vou fingir que disseste que sim — disse ele, recuando com um sorriso maroto.

— Diverte-te e tenta não o afugentar! — exclamei nas costas dele.

O Stef podia estar pronto para ser esmagado como uma traça, mas eu ainda

não estava convencida de que a vulnerabilidade fosse a força suprema. Parecia mais o modo supremo de se ficar com o coração espezinhado.

A Sloane pegou no braço da Naomi e quase caíram as duas.

— Oh, meu Deus. Esquecemo-nos de lhe dizer a outra coisa.

— Dizer o quê a quem? A mim? — perguntei, estabilizando-as de pé.

A Naomi soltou uma exclamação, exalando uma nuvem de hálito a *chardonnay*.

— Esqueci-me completamente! Tivemos uma ideia sobre com quem podias falar acerca de um sítio onde o Duncan Hugo poderia esconder um carro.

— A sério? Quem?

— O Grim — disse a Naomi.

— Grim?

— É o presidente... chefe? De um motoclube. Talvez primeiro-ministro? Enfim, sabe tudo o que acontece — disse a Naomi.

— Ele sabia onde estava a Naomi quando foi raptada, porque andava a vigiar o Duncan Hugo — esclareceu a Sloane.

— Além disso, é supersimpático e ensinou-me a jogar póquer — acrescentou a Naomi.

— Como posso contactar esse Grim, primeiro-ministro de um motoclube? — perguntei.

— Eu tenho o número dele. Ou um número. Nunca o usei, mas ele deu-mo — explicou a Naomi.

Os olhos da Sloane iluminaram-se, como se atingidos por uma inspiração súbita.

— Meninas! Conheço um sítio que tem a melhor tarte de noz-pecã do universo!

A Naomi guinchou.

— Adoro tarte!

— Fica num raio de duzentos quilómetros? — perguntei.



Voltei para a mesa quando a empregada servia três fatias do que realmente parecia ser uma tarte de noz-pecã boa pra caraças.

— Falaste com o *motard sexy* e perigoso? — perguntou a Sloane.

— Não falei.

Tinha ligado para o número que a Naomi me dera, mas, ao fim de três toques, houvera um sinal sonoro. Deixara uma mensagem vaga a pedir que ele me ligasse, sem saber sequer se o que eu dizia estava a ser gravado.

— Oh-meu-Deus — disse a Naomi, com o garfo ainda na boca. — Esta é a *melhor* tarte do mundo.

Eu sentei-me, e estava mesmo a pegar no garfo quando o meu telemóvel tocou. Olhei para o ecrã.

— É ele? — perguntaram as minhas amigas, com guinchos estridentes.

— Não é — garanti-lhes, e voltei a levantar-me da cadeira. — Olá, Lewis — disse ao atender, passando da sala de refeições para o vestíbulo. — Como vai isso?

— Ótimo. Bom. Bem. Bom, um bocado merdoso, na verdade — disse o meu colega.

A culpa manifestou-se na forma de uma dor de cabeça imediata.

— Soube que tinhas voltado ao trabalho.

— Secretária — esclareceu ele. — E isso é parte do problema. Tenho aqui uma situação e preciso da tua ajuda.

Mais uma razão para eu não ter relações.

— De que é que precisas, Lew?

— Bom, lembras-te daquela vez em que saltei de um telhado e parti o cu?

Estremeci.

— Lembro. Nitidamente.

— E lembras-te de me dizeres que, se pudesses fazer alguma coisa para me ajudar, o farias?

— Vagamente — disse eu entre dentes.

Atrás de mim, a Naomi e a Sloane tinham metido conversa com um casal de idosos vestindo camisolas iguais.

— Hoje é o teu dia de sorte — anunciou o Lewis.

Suspirei.

— De que é que precisas?

— Tenho um API que acaba de dar sinal aí para os teus lados.

API era jargão de caçador de recompensas para «ausente em parte incerta», um rótulo aplicado a pessoas que faltavam a audiências de tribunal, colocando

em risco as cauções em dinheiro que as companhias tinham gastado para as soltar.

— Sabes que mudei para os valores por uma razão — lembrei-lhe.

Tinha cumprido pena durante um longo ano como agente de implementação de cauções, antes de ter mudado para as investigações de recuperação de valores.

— Sim, mas tens tanto jeito. E, mais importante, já aí estás. Não consigo mandar ninguém para aí antes de amanhã.

— Neste momento, tenho a cargo duas mulheres embriagadas. Não posso deixá-las por sua conta. Vão acabar as duas com sombra de olhos tatuada a condizer.

— Leva-as contigo. Este tipo não é perigoso. É só estúpido. Bom, tecnicamente é um louco inteligente, o que faz dele estúpido. — Eu estava familiarizada com o género. — Mostra às tuas amigas como a Pernas Solavita manda abaixo um vilão.

— O que é que ele deitou a perder?

— Uma caução de dois milhões de dólares.

— Dois milhões? Que diabo fez ele?

— Hackeou a DGV do estado, criou uma série de identificações falsas e depois vendeu-as *online*.

Os *nerds* informáticos eram geralmente menos perigosos de capturar do que, digamos, assassinos ou outros delinquentes violentos. Ainda assim, eu não ia correr riscos com as minhas amigas tão recentes e tão bêbedas.

— Não me parece boa ideia, Lew.

— Ouve. Detesto jogar esta cartada, mas deves-me uma. Eu divido o pagamento contigo.

— Raios te partam mais ao teu rabo partido — gemi. — Trato disso amanhã.

— Na verdade, tem de ser na próxima hora. Ele vai-se embora, e não sabemos onde aterrá a seguir. Preciso dele preso.

— Raios, Lew. — Espreitei a Naomi e a Sloane pelo vidro. — Juras que ele não é perigoso?

— Mandava a minha avó capturá-lo se ela vivesse mais perto.

Suspirei.

— Está bem. Mas isto quer dizer que ficamos quites.

— Totalmente — prometeu ele.

— E acabam-se as piadas sobre eu te partir o rabo — acrescentei.

— Eu envio-te a morada e uma foto. Obrigada. És a melhor. Agora vou desligar antes que mudes de ideia. Adeus! — disse ele apressadamente, antes de pôr fim à chamada.

A praguejar em surdina, voltei para dentro. A minha dor de cabeça desabrochava como uma rosa.

— Ei, Lina Bobina! Queres batatas fritas? — perguntou a Sloane.

Olhei para a mesa. A Naomi e a Sloane tinham comido as suas tartes e a minha tarte, avançando depois para as batatas fritas que o casal idoso deixara para trás.

Fiz sinal à empregada.

— Posso dar-lhe uma gorjeta de cem dólares para tomar conta destas duas enquanto eu vou tratar de um assunto?

Ela soprou a franja ruiva, descobrindo a cara.

— Desculpe, querida. Não volto a cair nessa.

Apontou para um letreiro na parede. Dizia: «OS BÊBEDOS SEM SUPERVISÃO SERÃO DETIDOS».

Merda.

— O que foi, Lina Weena? — perguntou a Naomi. — Pareces triste.

— Ou obstipada — acrescentou a Sloane. — Precisas de mais fibras na tua dieta?

— Preciso de ir trabalhar por uma hora e não sei o que fazer com vocês as duas. Que tal registarem-se num hotel e fiquem sossegadas num quarto até eu voltar?

A Sloane mostrou-me os polegares para cima, depois virou-os para baixo e fez uma careta, soprando com a língua entre os lábios.

— Deduzo que isso seja um «não».

— Encontrei o Duncan Hugo? — perguntou ela. Tinha os óculos tortos.

— Não. Tenho de encontrar outra pessoa para um colega.

— Deixa-nos ajudar! Eu sou tão boa a encontrar cenas. Ontem o Knox procurou o *ketchup* durante dez minutos no frigorífico, e eu encontrei-o em meio segundo! — anunciou a Naomi.

— Obrigada, mas não quero a vossa ajuda. Quero que vocês fiquem

sossegadas, enquanto vou apanhar um fugitivo. Acham que podem fingir que estão sóbrias durante o tempo que o Knox demorar a vir até aqui recolher-vos?

Elas entreolharam-se; depois abanaram as cabeças e desfizeram-se em risinhos.

— Deduzo que isso seja um «não».

— Nós vamos contigo — disse a Naomi com firmeza.

— Não, não vão — disse eu, com a mesma firmeza e sem arrastar as palavras.



— Eu disse-vos para ficarem no carro — disse eu, arrastando o meu API pelo passeio.

Tinha dores na cara, nas ancas, transpirava com abundância e a minha camisola preferida estava estragada.

— Desculpa — disse a Naomi, tentando mostrar-se contrita.

— Nós ajudámos-te a apanhá-lo — disse a Sloane, desafiadora. A Naomi deu-lhe uma cotovelada. — Oh, isto é, desculpa.

— Eu devia ter saído da cidade enquanto podia — resmoneei, virando a esquina a coxear.

— Au! Estas abraçadeiras doem!

O Melvin Murtaugh, também conhecido como ShadowReaper, não era um criminoso violento. Assim que me vira puxar das abraçadeiras, tinha escapado do churrasco dado pelo primo. Eu seguira-o pelas traseiras, saindo do alpendre pouco seguro e depois correndo pelo beco.

Ele tinha também cometido o erro monumental de se ter detido à entrada do beco, distraído por qualquer coisa.

Essa «qualquer coisa» revelou-se como a Naomi e a Sloane a brincarem às ajudantes bêbedas.

Isso dera-me tempo para o atirar ao chão. Eu estava a ficar perra. Costumava saber exatamente como executar uma placagem usando o placado como amortecedor na aterragem. Daquela vez, a minha anca e o meu ombro tinham feito um doloroso contacto direto com o asfalto, enquanto a minha cara embatera no cotovelo pontiagudo do Melvin.

Era por aquilo que eu tinha passado das cauções para a recuperação de valores. As pessoas eram demasiado brutas... e doíam.

— Onde estão os meus óculos? Eu não vejo nada sem os meus óculos!

— Devias ter pensado nisso antes de fugires, quando eu te mandei parar quieto — disse-lhe, num tom de mãe irritada com um filho adolescente que nunca se desse ao trabalho de apanhar as cuecas do chão.

Enganchei a mão na parte de trás da camisola dele e encaminhei-nos para o carro. Felizmente, não era um bairro povoado por ladrões de automóveis, porque as minhas duas trouxas bêbedas tinham deixado as portas do *Charger* completamente abertas.

— Ups — disse a Naomi, quando viu o carro. — Parece que nos esquecemos de fechar as portas do carro.

— Foi o frémito da perseguição — disse a Sloane.

— Vocês não deviam ter feito parte da perseguição. Deviam ter esperado no carro. E tu — disse, aumentando a pressão no meu *hacker*, que se retorcia — devias ter comparecido à audiência do tribunal.

— Se eu for a tribunal, eles mandam-me para a cadeia — lamuriou-se ele.

— Uh, sim. É o que supostamente acontece quando se comete um crime.

Ele gemeu.

— A minha mãe vai matar-me.

— Foi do caraças, a maneira como o placaste — disse a Sloane, entrando na conversa. — Podes ensinar-me a fazer isso?

— Não — disse eu com brusquidão, e enfiei o Melvin no assento de trás, empurrando-lhe a cabeça. — Quietos. — Fechei a porta e virei-me de novo para as minhas amigas, que não pareciam, nem de longe nem de perto, suficientemente contritas. — Este trabalho é perigoso. Vocês não estão treinadas para lidarem com este tipo de situação. Por isso, quando lhes digo que fiquem no carro, vocês ficam no carro.

— As amigas não deixam as amigas correrem perigos sozinhas — disse a Naomi com firmeza. — Quando a Waylay e eu fomos raptadas, tu e a Sloane estiveram lá para nós. A Sloane e eu só estivemos aqui para ti.

— A diferença é que eu não fui raptada, Naomi. Estava a fazer o meu trabalho. Bom, estava a fazer o trabalho do Lewis. Mas fui treinada para isto. Tenho experiência nestas situações. Nenhuma de vocês tem.

A Sloane fez beicinho.

— Nem sequer queres saber como o distraímos?

— Eu atirei-lhe um saco com cocó de cão que encontrei no passeio —

vangloriou-se a Naomi.

Isso explicava o cheiro. Definitivamente, teria de mandar o meu carro à limpeza.

— E eu gritei e mostrei-lhe as mamas — anunciou orgulhosamente a Sloane.

Se fossem quaisquer outras civis, eu teria ficado impressionada. Mas só conseguia pensar no facto de a Naomi e a Sloane se terem colocado voluntariamente em risco por mim. E que agora tinha de fazer um telefonema que não queria nada fazer.

Suspirei.

— Tenho de fazer uma chamada. Não saiam daqui e fiquem de olho no Melvin. Não entrem no carro. Não se afastem. Não façam amizade com maníacos homicidas que andem pelas ruas.

— Ela só está danada porque não comeu tarte — sussurrou a Sloane para a Naomi enquanto eu marcava o número.

O Knox atendeu ao primeiro toque.

— O que se passa? Porque é que o Stef deixou de mandar atualizações, e porque é que a minha noiva não responde às minhas mensagens?

— Não se passa nada. O Stef teve de sair mais cedo, e quanto à Naomi... — Olhei por cima do ombro para a Naomi e a Sloane, que posavam para *selfies*. — Não responde às tuas mensagens porque ela e a Sloane estão ocupadas a experimentar todos os filtros do Snapchat.

— Porque estás a ligar? Não estamos danados um com o outro?

— Não sei bem. As coisas escapam-me.

— Ótimo. Então, se estávamos zangados, deixamos de estar.

Era por aquilo que eu gostava de ser amiga de homens. Era mais fácil.

— De acordo. Preciso de um favor. De dois, na verdade. Preciso que não fiques justificadamente furioso e preciso de transporte para duas mulheres embriagadas que não me dão ouvidos.

— Qual é o problema com o teu carro?

— Está neste momento ocupado por um génio criminoso amarrado.

— Merda.



— Se me soltar, eu hackeio as Finanças e você nunca mais terá de pagar

impostos — propôs o Melvin, do banco de trás.

— Não fales — rosnei.

Com as janelas abertas, o vento atacava-nos de todos os lados na autoestrada. Sempre ajudava no cheiro a merda de cão.

— Aquele barbudo tatuado parecia que ia arrancar-me os braços e bater-me até à morte com eles. Pensei que ele ia partir o vidro só para me apanhar.

Como era de esperar, o Knox não tinha ficado feliz. Primeiro, comigo, por ter deixado que a Naomi e a Sloane me convencessem a deixá-las acompanharem-me; depois, com a Naomi e a Sloane, por se terem colocado deliberadamente em perigo; e, por fim, com o Melvin, por me ter lixado a cara.

Eu ainda não me vira bem ao espelho, mas, a avaliar pela reação do Knox e pela sensação de calor e inchaço sob o olho, palpitava-me que não devia ter nada bom aspeto.

— Ele é sempre assim — garanti-lhe.

— Culpou-me pela sua cara. Acredita nisto? Eu não lhe bati — zombou o Melvin.

— Foi o teu cotovelo irrequieto.

— A sua cara é que bateu no meu cotovelo irrequieto. Provavelmente também vou ficar com uma marca.

Carreguei a fundo no acelerador, esperando que o rugido das rotações abafasse o meu passageiro. Quanto mais depressa entregasse aquele tipo, mais depressa podia ir pôr gelo no corpo todo.

— Vou lembrar-me de mandar um médico à tua cela — disse secamente.

— Para onde está a levar-me?

— Para a esquadra de Knockemout.

Não era o ideal, mas os API tinham de ser entregues à guarda da polícia, e Knockemout era a esquadra equipada mais próxima. Além disso, era possível que eu já lhes tivesse ligado a avisar... e a certificar-me de que o Nash estava de folga nessa noite.

A última coisa de que precisava era um recontro com ele.

— Podemos ao menos ouvir um bocadinho de música? — resmungou o Melvin.

— Podemos, sim.

Aumentei o volume da aparelhagem e virei na saída para Knockemout.

Estávamos a três quilómetros da cidade quando as luzes vermelhas e azuis surgiram no meu espelho retrovisor.

Baixei o olhar para o velocímetro e estremeci.

— Ah! Lixou-se! — escarneceu o meu passageiro.

— Cala-te, Melvin.

Encostei na berma da estrada, liguei as luzes de perigo e saquei da carta e do livrete; o agente aproximou-se da janela.

Quando o Nash Morgan me apontou a lanterna para os olhos, percebi que não era a minha noite.

VINTE E CINCO

EXCESSO DE VELOCIDADE

Nash

— Sai do carro.

— Não devias estar de serviço esta noite — resmoneou ela, agarrada ao volante.

— Sai. Do. Carro. Angelina — ordenei, entre dentes.

— Socorro! Esta mulher raptou-me! — gritou o idiota no banco de trás.

— Está calado, Melvin — disparou a Lina.

Eu abri a porta dela com um sacão.

— Não brinques comigo, Angel.

Ela desapertou o cinto de segurança e saiu do carro, na direção do meu corpo. Eu já devia saber. Não podia confiar em mim mesmo tão perto dela. Mas essa conclusão não tivera lugar logo que o Grave me informara da situação?

De algum modo, eu sabia que acabaria assim.

— Vais recuar ou ficar aí toda a noite a encurralar-me? — silvou ela, fazendo os possíveis para manter uma pose desafiadora à minha frente e, mesmo assim, esquivar-se a qualquer contacto físico. Aquilo matou-me.

As suas calças de ganga tinham um rasgão num dos joelhos. O blusão e a camisola estavam cobertos de terra. E pareceu-me captar um vislumbre de coxeio. Mas foi a sua cara que fez a minha pressão arterial subir a pique.

— Ele fez isto? — exigi saber, agarrando-lhe no queixo e inclinando-lhe a cabeça para conseguir ver o hematoma.

A raiva era uma coisa viva sob a minha pele. Devorava-me e roubava-me qualquer grama de controlo para não me passar.

Ela ergueu o braço e agarrou o pulso da mão que lhe segurava o rosto, mas eu não a larguei.

— A única coisa de que ele é culpado, além de hackear bases de dados estaduais, é de ter cotovelos pontiagudos.

— Porque vais entregar um API?

Ela revirou os olhos, insolente.

— Podemos saltar a parte em que finges importar-te, para eu poder seguir caminho? Tive um dia comprido.

— Não a ouça! Eu não fugi à caução! Estava inocentemente a voltar para casa, depois de ter lido para cães abandonados, quando ela me placou num beco e me ameaçou — lamuriou-se o passageiro.

— Está calado, Melvin — dissemos, em coro, a Lina e eu.

Puxei-a para junto do porta-bagagem e inspecionei-a à luz dos faróis.

— Estás ferida em mais algum sítio?

A equimose sob a bochecha estava feia e inchada. Odiei-a com todas as fibras do meu ser.

Ela sacudi as minhas mãos.

— Isto agora faz parte de todas as operações *stop*?

Tê-la tão perto não estava só a fritar-me os circuitos. Estava a destruí-los.

A raiva que fervia dentro de mim queria saltar-me pela garganta e espalhar-se pelo mundo. Agora não sentia frio. Agora não me sentia vazio. Era um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Foi um acidente.

O tom da Lina era calmo, quase entediado. A voz dela era um belíssimo veneno nas minhas veias.

— Disseste que recuperavas valores, não que caçavas fugitivos — lembrei-lhe.

— E é verdade. Antes que voltes a chamar-me mentirosa, alguém me cobrou um favor. Não é que te diga respeito.

Ela estava sempre a dizer coisas assim. Coisas que eram tecnicamente verdade.

Mas, apesar de me sentir furioso com ela, de ter insistido que não queria nada com ela, precisava de saber que a Lina estava bem. Precisava de saber o que acontecera. Raios, precisava de tratar do assunto.

Ela dizia-me respeito, e eu não tinha acabado com ela. Estava só a começar. Aceitei a verdade, fingindo que tinha escolha.

— Quem te cobrou o favor? Quem te pediu para fazeres isto?

— Credo, Nash. Tem calma. Não se violou qualquer lei, e a tua cunhada e a

tua amiga, apesar de serem umas chatarronas bêbedas que se recusaram a seguir ordens, estão a salvo. O Knox foi buscá-las e levou-as para casa.

— Já percebi isso.

O facto de o meu irmão ter achado sensato deixar a Lina sozinha a lidar com um criminoso era outra questão que teria de ser tratada. Muito provavelmente a murro.

Merda.

As emoções que ela despertava em mim eram perigosas. O representante da lei equilibrado e com crachá desaparecera. A sombra vazia de um homem desaparecera. No seu lugar, estava um dragão cuspidor de fogo que queria arrasarr tudo.

Seria assim que o Knox se sentia quase sempre?

Estendi a mão e voltei a pegar-lhe no queixo, virando o seu rosto lindo para poder examinar o hematoma. Tocar-lhe, mesmo só assim, acendia algo dentro de mim.

— Precisas de gelo.

— Chegaria a ele mais depressa se tu não estivesses a reter-me.

Soltei um sopro mal-humorado.

— Tira-o do carro.

— O quê?

— Tira-o do carro — disse eu, articulando lentamente.

— Ah, não. Não vou cair nessa. Vou levar o coiro deste animal para a esquadra e pedir o recibo. Depois é todo teu.

— Não quero que tu o transportes — disse eu.

Uma vaga de possessividade varreu todos os pensamentos racionais. Não me importei. Só precisava dela a salvo e perto de mim.

— Eu não quero saber do que tu queres — rugiu ela.

— Eu quero saber por nós os dois. Tira-me o rabo dele do teu carro.

Ela cruzou os braços.

— Não.

— Está bem. — Recuei um passo e comecei a contornar o carro. — Tira-o eu.

Ela agarrou-me no braço, e eu deleitei-me com o toque.

— Se deres mais um passo para o meu API, eu...

— Tu o quê? — desafiei-a eu, quando ela se calou.

Queria que ela resistisse. Queria que nos encontrássemos a meio, num enleio de raiva e luxúria.

— Porque estás a fazer isto? — silvou ela, enfiando os dedos no cabelo.

— Quem me dera saber, querida.

Mas sabia. Ela podia mentir-me. Podia colocar-se em perigo. Podia odiar-me ou evitar-me. Mas, ainda assim, eu não conseguiria deixá-la em paz. Porque não tinha acabado com ela.

Odiei-me pelo facto de a querer tanto.

— Eu não te pertenço. Não violei a lei. O único perigo que corri foi o de ferir o meu ego ao derrubar este tipo. Portanto, a menos que queiras cometer um abuso de autoridade e deter-me, sugiro que me deixes fazer o meu trabalho.

— Eu não quero importar-me, sabes?

— Pobre Nash. Estás a ser obrigado a fazer de herói para a vilã?

Prendi-a contra o carro com as minhas ancas. Os seus olhos arregalaram-se. As suas narinas delicadas dilataram-se, como uma corça a sentir o perigo. Mas as mãos tinham vontade própria. Agarraram-me pela camisa e seguraram-se bem.

— Estás a fazer um jogo perigoso, Angel.

— Do meu ponto de vista, parece que és tu quem se vai magoar — ripostou.

Eu estava na berma da estrada, a prender uma mulher zangada contra um carro rápido. A pulsação martelava-me na cabeça, uma vibração ritmada que acompanhava o latejar no meu sexo. Ela não era a escolha segura, a escolha inteligente. Mas, por alguma razão eletrificante e estúpida, o meu corpo pensava que aquela mulher, que vivia a sua vida na zona cinzenta, era a escolha certa.

Agarrei-lhe no maxilar e percorri-lhe o lábio inferior com o polegar. A luz nos seus olhos mudou de fúria para algo igualmente perigoso. Eu vibrava de necessidade. Não podia confiar em mim para estar tão próximo dela.

Mas, precisamente quando eu quase me tinha convencido a recuar, ela mordeu-me a polpa do polegar.

A minúscula pontada de dor percorreu-me, descendo a espinha e aterrando nos meus tomates.

Sentia o seu coração acelerado contra o meu peito.

Movemo-nos os dois ao mesmo tempo. Eu caí de joelhos, enquanto ela afastava as pernas, abrindo espaço para mim.

Isto. Já. Ela.

O meu sangue exigia mais. Quaisquer receios sobre desempenho tinham-se evaporado na noite, queimados pelo ardor da luxúria. Precisava de a tornar minha. De lhe provar que ela me pertencia só a mim. Passando-lhe as mãos por trás dos joelhos, ergui-me e ergui-a, abrindo-lhe as pernas até a minha ereção se anichar na junção das suas coxas. Mesmo totalmente vestidos, a sensação do corpo dela a receber o meu era quase insuportável.

— Preciso...

— Eu não quero precisar de ti, mas preciso — disse eu, enfiando o rosto na pele sedosa do seu pescoço.

— Raios, Nash — ofegou ela. — Preciso de que te afastes e me deixes respirar.

Imobilizei-me contra ela, mas não me afastei. Não podia. A pulsação na sua garganta palpitava sob os meus lábios.

— Nash. Por favor? Afasta-te e deixa-me respirar.

A minha perdição foi o «por favor». Dar-lhe-ia tudo, desde que ela me desse tudo. Contive uma praga e recuei, deixando-a deslizar para o chão.

— Se não vou ser a tua queca de apoio emocional, muito menos serei a tua queca de ódio.

— Angel.

Ela ergueu uma mão.

— Já provámos que não podemos confiar um no outro. E estou bastante certa de que acabámos de provar que não podemos confiar em nós mesmos na proximidade um do outro.

— Não sei por quanto tempo consigo combater isto — confessei.

Ela arrasou-me com um olhar.

— Tenta com mais força.

— Estou a tentar. Estou furioso contigo. Traíste a minha confiança.

— Oh, por favor! — troçou ela. — Fui mais honesta contigo do que com qualquer outra pessoa na vida. Tu é que te recusas a reconhecer que há todo um mundo para lá do preto e do branco.

— Como estava a dizer, não consigo parar de pensar em como estou furioso

contigo. Mas tudo o que quero é ajoelhar-me e enterrar a cara entre as tuas...

Ela bateu-me na boca com a mão.

— Não termines essa frase. Nós somos perigosos um para o outro. Não consigo pensar bem quando tu me tocas. Somos a pior decisão que poderíamos tomar. E, se sou *eu* que o digo, isso quer dizer alguma coisa.

Mas, por uma vez na vida, eu não estava preocupado com as consequências. Não estava a pensar seis passos mais à frente. A única certeza que tinha era de que a queria. Embora ela tivesse mentido. Embora me tivesse magoado. Embora quisesse contrariar-me em tudo.

Eu queria a Angelina Solavita.

— Dão licença? Eu sei que estão no meio de uma discussão, mas preciso mesmo de fazer chichi.

— Está calado, Melvin!



Fui colado ao *Charger* vermelho durante todo o caminho para a esquadra, sem lhe dar uma pausa para respirar. Quando chegámos, saí do meu veículo e abri-lhe a porta do carro antes mesmo de ela ter desligado o motor.

— Larga-me, valentão — advertiu a Lina.

Mas eu já estava a arrastar o lingrinhas delinquente para fora do banco de trás.

— Vamos lá, cretino — disse.

— Acho que os insultos são desnecessários — queixou-se ele.

— O que é desnecessário são as equimoses na cara dela — disse eu, fazendo-o girar e olhar para a Lina.

Vê-la magoada desencadeava algo feio dentro de mim. Algo que queria varrer todas as suas infrações para debaixo do tapete. Algo que queria mantê-la perto, para que mais ninguém se aproximasse dela.

— Já lhe disse, ela é que me placou, depois de a morena me ter atirado cocó de cão e de a loura me ter mostrado as mamas. Não tenho culpa se ficou toda amolgada.

Lancei um olhar à Lina. Ela encolheu os ombros.

— A Naomi e a Sloane — disse, à laia de explicação.

— Ouçam, eu estou cheio de fome — lamuriou-se o Melvin. — Fugi da casa

do meu primo antes do jantar. Acham que me arranjam uns *nuggets* estaladiços ou aquelas coisas de puré de batata em forma de cara sorridente? Vocês sabem, comida de consolo. Sinto-me bastante stressado.

Céus. A mãe ainda lhe cortaria a côdea do pão?

— Se pedires desculpa à senhora por a teres atacado, dou-te de comer.

— Lamento que a sua cara tenha ido contra o meu cotovelo, Lina. Palavra! A minha mãe daria cabo de mim se eu pensasse sequer em magoar uma senhora.

— Desculpas aceites — disse a Lina. Virou-se para mim. — Agora dá-me o recibo.

— Vamos — resmoneei, empurrando o Melvin à nossa frente.

— Raios, beldade. Que diabo te aconteceu? — perguntou o Grave à Lina, quando chegámos lá dentro.

— Cotovelos pontiagudos — explicou ela.

— Herdei-os do meu pai. A maior parte do corpo dele era angulosa e pontiaguda — anunciou o Melvin. — Em relação aos *nuggets*...

Empurrei o Melvin para o Grave, antes de ceder à tentação de lhe enfiar um dos meus cotovelos na cara.

— Faz-me um favor e trata disto. Eu despacho a papelada.

A Lina parecia prestes a cortar-me ao meio com o *laser* do seu olhar.

— Tenho de fazer um telefonema — disse, e saiu para o átrio.

— Ficou com um belo coxear — observou o Grave, como se eu não tivesse já catalogado cada um dos movimentos dela.

Quando a Lina regressou, escondendo o melhor que podia o seu manquejar, eu já tinha os seus documentos prontos.

— Isto é para o Murtaugh — disse, entregando-lhe o primeiro impresso. — E isto é para ti.

Ela pegou no segundo impresso e lançou-me um irado olhar mortífero.

— Uma multa por excesso de velocidade? Estás a gozar.

— Quando te mandei parar, ias vinte e dois quilómetros por hora acima do limite — lembrei-lhe.

Ela estava tão furiosa que gaguejou:

— Tu... Seu...

— Tens duas semanas para pagar ou contestar. Mas, se estás a pensar em contestar, pensa bem, porque fui eu que te mandei parar, e não teria problemas

em tirar um dia de folga para ir a tribunal.

Ela respirou profundamente e, quando isso não pareceu acalmá-la, respirou de novo. Irradiando fúria, apontou para mim e abanou a cabeça, antes de recuar porta fora.

— De certeza que sabe o que está a fazer, chefe? — perguntou o Grave.

— Não faço ideia, Hopper.



Em vez de ir para casa, onde não podia garantir que deixaria a Lina em paz, levei a minha má disposição para fora da cidade. Os meus pneus levantaram uma nuvem de poeira quando acelerei pela alameda de terra. As luzes estavam acesas na casa grande, portanto travei a fundo e saí do meu veículo.

Subi ao alpendre e bati na porta da frente até esta ser aberta.

— Céus. Que diabo é...?

Não dei hipótese ao meu irmão de terminar a frase. O meu punho foi de encontro ao seu maxilar e projetou-lhe a cabeça para trás.

— Cabrão maldito! — rugiu ele.

Um murro não me pareceu suficiente. Fiquei mais contente do que um porco na merda quando ele arremeteu contra o meu estômago com o ombro. Saímos em voo, partindo o parapeito do alpendre e aterrando num arbusto.

Dei-lhe uma joelhada na zona da virilha e virei-me para ficar por cima dele.

Ele permitiu-me dar-lhe mais um murro na cara, antes de me esmurrar à traição. Senti o sabor de sangue, fúria e frustração num *cocktail* delirante.

— Foda-se, qual é o teu problema? — perguntou ele, enquanto eu lhe enfiava a cara no arbusto.

— Deixaste-a ir sozinha enfrentar um criminoso.

— Valha-me Deus, meu idiota. Tu viste-o? A Lina come tipos daqueles ao pequeno-almoço.

— Ele fez-lhe mal, porra!

Apontei-lhe um golpe às costelas. O meu irmão grunhiu, e a seguir tirou-me de cima dele com um movimento das pernas.

Agarrou-me pelos cabelos e esfregou-me a cara contra as folhas.

— Ele magoou-a. O cretino que lhe fez mal foste tu.

Atirei um cotovelo acima do ombro e senti-o embater no maxilar dele.

O Knox grunhiu e depois cuspiu.

— Se alguém devia estar a dar cabo de alguém, seria eu a dar cabo de ti, por lhe lixares a cabeça. Ela é minha amiga.

— E eu sou o teu irmão, porra! — lembrei-lhe.

— Então porque estamos a lutar?

— Como raios queres que saiba?

A fúria continuava dentro de mim. O desamparo. A necessidade de a tocar, quando sabia que já não tinha esse direito.

— Knoxy? — cantarolou a Naomi, ébria, algures dentro da casa.

— Está lá fora a lutar com o tio Nash no pátio. Partiram o alpendre — relatou a Waylay.

— Bestial. Agora estás a arranjar-me problemas — queixou-se ele.

Ambos rolámos e ficámos de costas em cima dos arbustos esmagados. As estrelas eram pontos cintilantes no céu preto como breu.

— Deixaste-a sozinha — repeti.

— Ela sabe tomar conta de si.

— Não quer dizer que tenha de o fazer.

— Ouve, meu, o que queres que eu diga? Ela precisava que eu trouxesse a Flor e a Sloane, que estavam as duas podres de bêbedas. Se ouvir mais uma versão de *karaoke* das Spice Girls, não respondo por mim.

A Lina precisara do Knox. Deixei que aquele facto me martelasse na cabeça.

Quando se vira em apuros, tinha ligado ao Knox e não a mim. E com razão. Eu não era estúpido ao ponto de não ver isso. E, no entanto, ali estava, tombado por terra, danado por ter criado um mundo onde a Lina recorria a outra pessoa quando precisava de ajuda.

— Como é que lixaste isto? — perguntou o Knox.

— O que te leva a pensar que lixei alguma coisa?

— Estás aqui a rebolar nas ervas comigo em vez de estares a chateá-la. O que é que fizeste?

— O que é que pensas que fiz? Mande-i-a encostar e passei-lhe uma multa por excesso de velocidade e um ralhete.

Ele ficou em silêncio durante um longo momento, e depois disse:

— Normalmente és melhor do que isto com as mulheres.

— Vai-te lixar.

— Se queres o meu conselho...

— Por que raio haveria de querer? Tu não foste capaz de dizer à Naomi que a amavas até ela ter sido raptada com algemas eróticas pela irmã e por aquele cretino.

— Estava a resolver umas merdas, *OK*?

— Sim? Pois eu também estou.

— O meu conselho é que as resolvas mais depressa, se queres ter hipótese com ela. Hoje estava a fazer a mala. A Naomi disse que ela e a Sloane tiveram praticamente de a obrigar a aceitar ficar o tempo suficiente para saírem juntas.

— A fazer a mala?

— Disse que ia voltar para o motel até alguém poder substituí-la no caso. Depois ia para casa.

Vai-se embora?

É que nem pensar nisso.

A Lina não ia a lado nenhum. Não até termos aquilo resolvido. Não até eu perceber porque é que ela me penetrara a pele e o sangue. Não até eu encontrar uma maneira de a expulsar ou de a manter por perto.

Mas isso não eram coisas que os homens Morgan dissessem em voz alta.

Em vez disso, mantive-me na nossa zona de conforto.

— Então agora já não te importas que eu coma a tua amiga? Céus, meu, és um inconstante de merda.

— Vai-te lixar, cretino. Segundo a Naomi, a Lina sente alguma coisa a sério por ti. Algo que tu ainda não lixaste por completo. A menos que aquela multa por excesso de velocidade tenha sido o último prego no caixão. E, como estás aqui a fazer uma triste figura por causa dela, acho que talvez valha a pena explorares o que se passa.

Limpei uma folha da cara.

— A Lina sente alguma coisa? O que é que ela disse?

— Não sei, porra! — disse o Knox, irritado. — A Flor e a Sloane estavam a cantá-lo com pronúncia britânica entre os versos de «Wannabe». Pergunta-lhes quando ficarem sóbrias, e não me metas no assunto.

Ficámos em silêncio por algum tempo. Dois homens adultos deitados num canteiro de flores arruinado a olharem para o céu noturno.

— Soube que a Naomi atirou merda de cão ao tipo que a Lina perseguiu, e

que a seguir a Sloane lhe mostrou as mamas — disse eu.

O Knox fungou de riso ao meu lado.

— Céus. Acabaram-se as saídas de miúdas. Daqui em diante, se saírem as três juntas, levam o raio de um acompanhante.

— Concorde.

Ouvimos a porta de rede ranger, mas não esperávamos o balde de água fria. Levámos com ela na cara.

A cuspir e a praguejar, pusemo-nos de pé para encararmos o inimigo e demos com a Naomi, a Waylay e o *Waylon* no alpendre, a olharem para nós.

— Acabou-se a luta — disse a Naomi em tom régio. A seguir, soltou um soluço.

A Waylay riu-se baixinho, enquanto virava a mangueira para nós.

VINTE E SEIS

NASH? QUE NASH?

Lina

O Nash Morgan já não existia para mim.

Era o mantra que eu recitava enquanto fazia a última sequência de levantamento de pesos. Podia concentrar-me por inteiro no meu treino, e não no chefe da polícia transpirado que, a avaliar pelo formigueiro na base da minha espinha, não tirara os olhos de mim desde que chegara.

— Baixa mais esse rabo! — ladrou o Vernon, fazendo-me voltar ao meu sofrimento presente.

— Baixa... tu... esse... rabo — rouquejei, enquanto me baixava, preparando-me para exaurir as últimas moléculas de energia nas minhas pernas.

— Força nisso, Solavita — gritou o Nolan, do banco de pesos atrás de mim.

Pelos vistos, ele e o Nash tinham chegado a uma espécie de acordo de paz e agora treinavam juntos.

Consegui levantar da barra os meus dois dedos do meio e a seguir erguer-me até ficar de pé.

As exclamações de aprovação dos meus colegas de treino anciãos ecoaram-me nos ouvidos, quando pousei a barra de novo no suporte e me dobrei pela cintura para recuperar o fôlego.

Infelizmente, esqueci-me de fechar os olhos e divisei o Homem Que Não Existia, de olhar faminto pousado no meu rabo.

O Knox, suado e rabugento devido ao treino matinal, dirigiu-se para o irmão, notou a direção do olhar do Nash e espetou-lhe um cotovelo no estômago.

Ambos tinham marcas esmaecidas na cara, mas eu superara de tal modo o Nash que tinha zero interesse em saber o que acontecera.

Está bem, talvez tivesse para aí dez por cento de interesse. *OK.* Quarenta por

cento, no máximo.

Mas não perguntaria a nenhum deles. O Knox e eu mantínhamos a nossa débil trégua desde que nenhum de nós mencionasse o Nash. E o Nash parecia ter finalmente percebido a mensagem de que não existia. Após três dias, em que me recusara a abrir a porta e a atender o telemóvel, ele parara de bater e de ligar.

Era melhor assim. Tínhamos provado em várias ocasiões que não éramos de confiança na proximidade um do outro.

Não era fraqueza minha medir as minhas entradas e saídas de modo a não nos encontrarmos nas escadas. Eu não era uma grande cobarde por passar à sua porta em bicos de pés. Por uma vez, estava a tomar a decisão segura e inteligente.

Endireitei-me e dei um longo gole na minha garrafa de água, fingindo que não sentia fisicamente a atenção do Nash em mim.

Tal como optava por ignorar o zumbido surdo de alerta que me invadia as veias quando sabia que ele se encontrava na porta ao lado, apenas a uma parede de distância.

Bom, ainda dava por mim a apurar o ouvido para escutar o barulho do chuveiro dele.

Mas eu era um ser humano, *OK?*

Andava empenhada em ser a nova Lina, melhorada, mais saudável, um pouco mais chata, mas definitivamente num espaço mental melhor. Tinha cortado na cafeína e no álcool, aumentado os vegetais e estava numa rotina de meditação havia quatro dias. As minhas CVP tinham basicamente cessado. E agora já não havia nada que me distraísse da investigação.

Deixara mais três mensagens no estranho gravador de chamadas do Grim, mas ainda não tinha recebido resposta.

Felizmente, a minha equipa de investigação tinha trabalhado bem. A Morgan conseguira fazer a sua magia de *nerd* e identificar os dois capangas a partir das vagas descrições da Tina. O Tipo da Cara Tatuada era Stewie Crabb, um criminoso condenado duas vezes, com um punhal tatuado sob o olho esquerdo. O Tipo Gordinho de Barbicha era Wendell Baker, um tipo branco e musculado de cabeça rapada e bigode à Fu Manchu que se ligava a uma barbicha. Só tinha cumprido pena uma vez, por agressão.

Ambos trabalhavam para o Anthony Hugo desde a adolescência, graças à sua amizade com o Duncan. A Morgan ainda não conseguira identificar o misterioso Tipo do Telemóvel Descartável, mas pelo menos eu tinha informações sobre o Crabb e o Baker.

Tinha posto de lado a minha investigação às propriedades, em favor da vigilância. Infelizmente para mim, vigiar capangas de segunda categoria que sabiam que os *feds* estavam provavelmente de olho neles consistia sobretudo em passar muito tempo em parques de estacionamento de clubes de *strip*.

— Belo treino — rouquejou o Stef.

Tinha a *T-shirt* encharcada da gola até à bainha, e o seu cabelo preto estava espetado ao meio, como uma crista transpirada.

— Obrigada — disse eu, engolindo mais água. — Estou sempre à espera de que se torne mais fácil, mas de todas as vezes penso que vou morrer. — O Stef grunhiu. — Vais contar-me como correu o teu encontro no domingo, depois de me teres abandonado com as manas bezanas?

Ele fechou os olhos e regou-se com água, mas, mesmo assim, eu vislumbrei-lhe a curva dos lábios.

— Foi... bom.

— Bom? — repeti eu.

— Agradável. — A curva da boca estava a tornar-se mais pronunciada, apesar dos seus esforços. — Não foi uma seca horrível.

Dei-lhe uma cotovelada.

— Gostas deeeeeee! Queres enrolar-te com eeeeeeele!

— Não sejas infantil.

— Acabaram a dar b-e-i-j-o-s? — provoquei.

— Ele fez a cena da mão no fundo das costas, quando entrámos no restaurante.

— Que *sexy*.

— Tão *sexy* — disse ele, bebendo um gole de água.

A sombra de um sorriso ainda lhe brincava na boca.

— Vais voltar a vê-lo?

— Talvez — disse ele, presunçoso.

— Portanto, aquela sessão de terapia no bar destinava-se a ti, não a mim.

O Stef lançou um olhar ao carrancudo chefe da polícia.

— Achei que um de nós tinha de ter tomates e arriscar.

— Desculpa, *idiota*. O homem mandou-me encostar, gritou comigo e passou-me uma multa por excesso de velocidade, quando eu estava a fazer o meu *trabalho*.

— Estou certo de que estavas a conduzir dentro do limite.

— A questão não é essa.

O Stef voltou a olhar para o Nash, e depois para mim. Sorriu.

— Quer gostes quer não, há algo vulcânico entre vocês os dois. E eu mal posso esperar para ver qual de vocês explode primeiro.

— Tu tiveste um encontro. Não tens o direito de me vir com a cena da relação séria.

— Dois encontros. Fomos almoçar ontem. Adoraria ficar aqui enquanto tu finges que não estás morta por saltar para a cueca do Nash Morgan, mas vou tomar café com o Jer. Não resistas por demasiado tempo. Podes perder uma oportunidade fantástica.

— Vai-te lixar, pinga-amor.

Ele afastou-se para o balneário e deixou-me entregue aos meus pensamentos.

— Iô, MAPC! — A senhora Tweedy trotou até mim, com uma toalha turca em volta do pescoço. — A tua cara está melhor.

— Obrigada — disse eu, secamente.

O meu olho negro evoluía lentamente para amarelo-esverdeado. Mais uns dias, e não teria de tapá-lo com maquilhagem.

— Hoje vais levar-me ao supermercado — anunciou a senhora Tweedy.

— Ah, vou?

— Sim. Daqui a dez minutos. — Tirou a toalha do pescoço e bateu-me com ela no rabo.

Esfregando a nádega maltratada, juntei as minhas coisas. Acabava por ser bom que os maus não se dessem ao trabalho de sair da cama antes do meio-dia.

— Lina. — O Nolan fez-me um aceno de cabeça, indicando-me que me aproximasse.

Passei bem ao largo do Nash e juntei-me ao Nolan em frente do espelho.

— O que se passa?

O Nash passou por mim para arrumar os halteres, e eu senti-me perturbada pela sua proximidade.

Os nossos olhos encontraram-se no espelho, e eu desviei deliberadamente os meus, pois não queria ver o que continha o seu atormentado olhar azul.

— Queres ir beber um copo logo à noite, depois de eu deitar a criança? — O Nolan apontou o polegar na direção do Nash.

— Depende.

— De quê?

— De ser apenas uma bebida, dado que ainda agora levaste a minha amiga a sair.

Ele revirou os olhos.

— Não estou a tentar saltar-te para cima, Solavita.

Uma bebida com um amigo homem parecia ser a única interação social para a qual eu tinha disposição. Significava não falar de sentimentos. Não lidar com tensão sexual. E não tomar conta de amigas bêbedas.

— Então vemo-nos logo à noite.

— Ao nosso encontro — disse ele, e a seguir fez um sorriso trocista.

— És tão parvo — disse eu, com afeição.

Subitamente, a temperatura no ginásio diminuiu uns cinco graus. Percebi que não era um problema com o ar condicionado. Era o Nash, que estava ao meu lado. Não olhámos um para o outro, não nos tocámos, mas o meu cérebro estava a enviar alertas de perigo como se eu tivesse entrado na cerca dos gorilas no jardim zoológico.

— Vais treinar alguma coisa além da boca, hoje? — perguntou ele ao Nolan.

— Ouve lá. Não precisas de ficar todo zangado só porque dei cabo de ti nos levantamentos de ombros — disse o Nolan.

Eu tinha coisas melhores para fazer do que assistir ao nascimento de um *bromance*. Como levar uma *bodybuilder* idosa ao supermercado.

— A gente vê-se por aí — disse ao Nolan, ignorando ostensivamente o Nash.

Conseguí chegar ao bebedouro antes de voltar a sentir a presença negra do chefe Nash-Asno.

— Não podes ignorar-me para sempre — disse ele, pondo-se à minha frente.

Contive-me para não chocar com o seu peito suado. Não me podia entregar a fantasias.

— Não tenho de te ignorar para sempre — disse, docemente. — Assim que acabar esta investigação, nunca mais teremos de nos ver.

— E o casamento?

Merda. O casamento.

— Não posso falar por ti, mas eu sou adulta. Só porque a visão da tua pessoa me dá vontade de te acertar com uma cadeira na cabeça, não quer dizer que eu não possa fingir tolerar-te por um dia.

Ele arreganhou os dentes, e eu não sei se imaginei um rugido baixo e perigoso.

— Tu não paras de me provocar.

— E tu não paras de me irritar. — O duelo de olhares durou uns bons trinta segundos, até eu finalmente perguntar: — O que te aconteceu à cara?

— Chocou com os meus punhos. Repetidamente — disse o Knox, passando por nós a caminho do bebedouro.

— A sério? Quando é que vocês os dois vão crescer?

— Nunca — disseram em uníssono.

Não sei qual de nós se aproximara, mas agora os meus dedos dos pés tocavam os do Nash. Eu estava suficientemente perto para estender a mão e passar os dedos pelo seu tronco transpirado, um pensamento que devia ser repugnante. Mas não era, claro. Começava a pensar que havia algo muito, muito errado comigo.

— Precisamos de falar — disse o Nash.

O seu olhar estava a provocar-me um escaldão.

— Desculpe, chefe. Não tenho mais conversa. Vai ter de encontrar outra pessoa para irritar.

— Raios partam, Angelina.

Dessa vez, definitivamente, não imaginei o rugido. Nem a mão quente e dura que pousou no meu estômago e me empurrou para o estúdio escuro e vazio. Cheirava a suor e a desinfetante industrial.

— O que estás a fazer? — silvei, quando ele fechou a porta atrás de si e se colocou à frente dela.

Havia armas ali, pesos de dez quilos e grandes bolas de exercício. Ambos podiam ser arremessados contra cabeças duras.

— Para de ser fria comigo — ordenou ele.

Eu não sabia bem o que esperava, mas de certeza que não era *aquilo*. Ia definitivamente para os pesos.

A fúria queimava como fogo sob a minha pele.

— Tens duas opções. Frieza ou o fogo do inferno. E deixa-me que te diga, chefe, ficaria *tão feliz* se escolhesses o fogo do inferno.

— Que raio esperas que faça? — perguntou ele. — Tu abusas da minha confiança, trais-me, e eu devo simplesmente aceitar?

Desta vez, fui eu quem encurtou a distância entre nós.

— Mas tu ouves o que dizes? Eu aproveitei-me de ti? Eu traí-te? Mal nos conhecemos, muito menos o suficiente para eu fazer qualquer uma dessas coisas. E, por muito que me custe admitir, não és estúpido ao ponto de deixares que alguém que acabaste de conhecer se aproveite de ti. Já tinhas essa bagagem pronta, e estavas mortinho por descarregá-la em cima de mim. Pois adivinha, cretino. Eu fui mais honesta contigo do que alguma vez tinha sido, e tu fizeste-me imediatamente arrepender disso.

Pousei uma mão no seu peito transpirado e dei-lhe um empurrão. Ele nem se mexeu. Nem um centímetro. Mas a sua mão fechou-se no meu pulso, e ele puxou-me para si.

Era um muro de calor, músculo e raiva. A minha própria fúria fundiu-se com a dele, e tudo se liquefez dentro de mim.

— *Detesto* o quanto ainda quero estar perto de ti. — A sua voz era um rouquejar baixo e irado, como o som de gravilha sob uns pés descalços.

Era o que qualquer mulher sonhava ouvir.

— E *eu* detesto alguma vez me ter aberto contigo — silvei.

Era a verdade. Eu odiava ter partilhado qualquer parte de mim com ele. Ele possuía agora um pedaço da minha história. Algo que eu não tinha confiado a ninguém em muito tempo. Detestava que, zangada como estava, magoada como estava, ainda quisesse que ele me tocasse. Era como a minha colega de quarto na universidade, intolerante à lactose e numa relação tóxica com *cheesecake*.

Estávamos ambos ofegantes, a respirar o mesmo ar, a inalar a mesma raiva, a alimentar a mesma chama.

A música e a cacofonia do barulho do ginásio pareciam longínquos.

Apetecia-me esmurrá-lo. Beijá-lo. Morder-lhe o lábio até ele perder o controlo.

Ele baixou a cabeça, e a seguir deteve-se a pouca distância da minha boca; o

seu nariz roçava-me a face.

As suas mãos contornaram-me os bíceps e deslizaram até aos meus pulsos.

— Então porque parece tão certo tocar-te? — rouquejou.

Quase me derreti de encontro a ele. Quase atirei todos os princípios pela janela e saltei para os seus braços rancorosos. Não o compreendia mais do que ele. Havia uma falha no meu ADN que fazia com que o seu toque me soubesse a casa.

O meu coração batia contra as costelas. Lutar ou fugir. Queria escolher a luta. Queria entregar-me à raiva e deixá-la derramar-se. Queria ver o que aconteceria se entrássemos em erupção juntos.

Mas já não era assim que eu queria ser.

Por muito que o meu corpo quisesse o homem fervoroso e irado à minha frente, a minha cabeça sabia que era um erro.

— Afasta-te de mim, Nash — disse, reunindo o gelo da Antártida no meu tom.

— Eu tentei. — A admissão era como uma carícia ilícita.

— Tenta com mais força. — Soltei as mãos com um sacão.

Num momento de despeito mesquinho que me soube mesmo bem, empurrei-o com o ombro a caminho da porta.



— Não pude deixar de notar que tu e o Nash não têm dormido juntos ultimamente — anunciou a senhora Tweedy, atirando uma caixa de vinho para o carrinho, juntamente com o *pack* económico de atum em conserva e uma dúzia de frade de *donuts* no fim do prazo.

Podia-se saber muito sobre uma pessoa pelo conteúdo do seu carrinho de compras. O carrinho da senhora Tweedy gritava «caos».

— A senhora vê muito por aquela vigia — disse eu.

Ainda me sentia encalorada, incomodada e irritadiça devido ao meu recontro com o Nash no ginásio. Não sabia se cinco minutos na arca dos gelados seriam suficientes para me refrescar.

— Não te esquives. O meu nariz já está inteiramente metido na tua vida. Vocês ficam lado a lado numa sala, e de repente parece que algo está prestes a explodir. Num sentido *sexy*.

Acrescentou um *pack* de seis cervejas *light* à sua carga de víveres.

— Pois, enfim. Não somos o tipo de pessoas que deviam sequer experimentar estar juntas — disse eu.

Não podíamos sequer estar perto um do outro sem entrarmos numa espiral de descontrolo.

A atração física que eu sentia pelo Nash era como um campo de gravidade. Inevitável. Tinha o poder de ultrapassar todas as excelentes razões pelas quais eu devia manter-me longe dele, sendo a primeira delas o facto de ele ser um imbecil mandão e emocionalmente danificado.

— O que há para não gostar? Ele tem uma boa cabeça, atira como um *cowboy*, resgata cães e tem um rabo que não descai naquelas calças da farda. A minha amiga Gladys deixa cair a mala sempre que o vê, só para ele se dobrar e apanhá-la.

— Também vê tudo a preto-e-branco, age como se tivesse o direito de me dizer o que fazer e maltrata-me.

— Eu sei que isto não é politicamente correto, mas adoro uns bons maus-tratos consensuais — disse a senhora Tweedy, com um sugestivo arqueio de sobrancelhas.

OK, eu também não desgostava. Se alguém que não o Nash me tivesse arrastado para aquela sala do ginásio, essa pessoa estaria agora a respirar por uma palhinha na sala de espera de um cirurgião plástico. Mas não me apetecia pensar nisso. Em vez disso, peguei num frasco de manteiga de amendoim e pu-lo no carrinho.

— Ele também anda naquela onda taciturna agora. Como se tivesse nuvens de trovoadas na cabeça e andasse só em busca de um pouco de sol.

— Pois bem, pode ir procurar a vitamina D noutro sítio.

E eu também. A vitamina D e a S, de sexo. Ah, que bela piada.

A minha companheira de compras fez um ruído desaprovador.

— Duas pessoas que estão sempre a ser atraídas uma para a outra como ímanes não podem estar enganadas. É uma lei da Natureza.

— Desta vez, a Natureza fez asneira — garanti-lhe, e juntei ao carrinho um *pack* de água com gás.

A senhora Tweedy abanou a cabeça.

— Estás a ver mal as coisas. Por vezes, o corpo reconhece o que a cabeça e o

coração são demasiado estúpidos para verem. Isto é uma verdade. O corpo não mente. Hum. Se calhar devia pôr isto num autocolante — brincou.

— Prefiro de longe confiar na minha cabeça a confiar no meu corpo. — Especialmente porque o meu corpo parecia ter entrado em modo autodestrutivo.

Nunca me sentira tão atraída por um homem tão embirrente.

Era confuso, frustrante e raiava o sadomasoquismo. Mais um sinal de que tinha de me empenhar para mudar as minhas atitudes. Era essa a mensagem que o universo estava a enviar-me, e não «Ei, toma um tipo giro. Despe-te com ele, e tudo correrá bem».

A senhora Tweedy fungou de riso com pouca delicadeza.

— Se eu tivesse o teu corpo, ouviria cada coisinha que ele dissesse.

— Estou a lembrar-me do seu corpo a dar cabo do meu no ginásio, há meia hora — recordei-lhe.

Ela ajeitou o cabelo enquanto entrávamos no corredor dos cereais.

— Estou bastante bem para a minha idade. — Do outro lado do corredor, um homem empurrava um carro na nossa direção. — Se estás terminantemente contra o Nash, que tal eu pescar este para ti? — sugeriu a senhora Tweedy.

Era um tipo avantajado na casa dos trinta, com óculos e cabelo escuro e curto.

— Não se atreva — sussurrei pelo canto da boca.

Mas era tarde de mais. A senhora Tweedy parou em frente da secção dos cereais com *marshmallows* e bonecos dos desenhos animados e esticou-se ostensivamente para a prateleira de cima. Uma prateleira que eu teria alcançado com facilidade.

— Desculpe, jovem. Importa-se de me tirar uma caixa de *Marshmallow Munchies*? — perguntou a senhora Tweedy, pestanejando para ele.

Eu fingi ficar fascinada pela falta de valor nutricional numa embalagem de *Sparkle Pinkie O's*.

— Sem problema, minha senhora — disse ele.

— É muito amoroso da sua parte — disse ela. — Não é amoroso, Lina?

— Muito — disse eu, entre dentes.

O homem pegou na caixa e lançou-me um sorriso entendido. Tinha cerca de

cinquenta centímetros a mais do que a senhora Tweedy. De perto, parecia um contabilista que frequentava muito o ginásio. Segundo o seu carrinho, o Grandalhão parecia levar a sua nutrição a sério. Tinha um frango assado, todos os ingredientes para umas quantas saladas, um *pack* de seis batidos de proteína e... um saco grande de gomas. Bom, ninguém era perfeito.

— É casado? — quis saber a senhora Tweedy.

— Não, minha senhora — disse ele.

— Que coincidência. A minha vizinha Lina também não — disse ela, dando-me um empurrão para a frente.

— *OK*, senhora Tweedy. Vamos deixar em paz o senhor simpático de braços compridos.

— Desmancha-prazeres — resmoneou ela.

— Desculpe — disse eu silenciosamente ao homem, enquanto arrastava a minha vizinha metediza e o nosso carrinho pelo corredor.

— Está sempre a acontecer — disse ele, piscando o olho.

— Há algum problema com a tua libido? — perguntou a senhora Tweedy, quando ainda estávamos provavelmente no campo de audição dele.

Eu lembrei-me de acordar com a ereção do Nash entre as minhas pernas.

— Definitivamente. Agora, vamos. Preciso de ir enfiar a cabeça na arca dos gelados.

VINTE E SETE

COBRAS E TREMORES

Nash

— Vou mas é pegar fogo a esta casa — queixou-se a presidente da câmara, Hilly Swanson, enquanto eu lhe esvaziava o armário da entrada, retirando botas e tamancos de jardinagem.

— Provavelmente não devia estar a dizer isso à frente da lei — disse eu, sacudindo uma bota de neve e atirando-a para o lado.

Ela estava à minha frente, de pé num banquinho no *hall* de entrada, a torcer as mãos.

O agente Troy Winslow encontrava-se encostado à porta, agarrado à caçadeira de calibre doze que tínhamos retirado à presidente à nossa chegada. Parecia morto por se ir embora.

— Eu devia processar aquela maldita agente imobiliária. Se ela tivesse falado em «migração de cobras» em qualquer momento do processo, eu teria dito logo que não — disse a Hilly.

Ela vivia naquela casa havia vinte anos, e a esquadra de Knockemout cumpria aquele ritual bianualmente. Na primavera, as cobras migravam das rochas de calcário para uma zona pantanosa no parque natural próximo, onde passavam o verão. No outono, migravam de volta para as rochas, para suportarem o longo inverno.

A casa da Hilly Swanson estava precisamente no meio da rota migratória. Ao longo dos anos, ela tinha gastado uma pequena fortuna para tornar os alicerces à prova de cobras, mas havia sempre uma ou duas que arranjavam maneira de entrar.

Pus de lado a estante dos sapatos, agora vazia, e verifiquei o espaço por trás.

— Isto é como esperar que aqueles biscoitos de lata refrigerados estourem —

disse o Winslow. — Sabemos que ela vem aí, mas isso não quer dizer que estejamos preparados.

O Winslow não era pessoa de cobras. O tipo não tinha problemas em afugentar ursos de parques de campismo, mas, se a coisa rastejasse, nem se aproximava.

Eu, pelo contrário, tinha crescido junto do riacho e dentro dele, o que me dera uma experiência dos diabos com cobras.

— Eu disse ao Mickey para não deixar a porta aberta enquanto trazia as compras para dentro. Mas ele disse que eu era doida. E a seguir pôs-se a andar para o campo de golfe, e eu é que tenho de arcar com as consequências. Se eu fosse uma alma mais corajosa e não estivesse quase a urinar-me, punha o raio da cobra no lado dele da cama, para lhe dar uma lição.

Estendi a mão para o cinto de gabardina ao canto e apercebi-me de que ele se mexia.

— Apanhei-te.

— Oh, meu Deus. Vou matar o Mickey.

Apontei a luz da lanterna para o réptil e, rápido como um raio, lancei o braço para o agarrar logo atrás da cabeça. Era frio, arrepiante e escorregadio sob a minha mão, como se, por muito que eu apertasse, os músculos sob toda aquela lisura continuassem a escapar-me.

— É praticamente um bebé — disse eu, enfiando o metro e meio de cobra-rato na fronha que trazia sempre na viatura para ocasiões daquelas.

Recuei para fora do armário e pus-me de pé.

A Hilly encolheu-se.

— Valha-me Deus.

O Winslow parecia estar a esforçar-se muito para recuar pela porta da rua sem a abrir.

— Acho que estamos despachados — disse eu, segurando com uma mão a fronha a retorcer-se.

— Obrigada, obrigada, obrigada — entoou a Hilly. Seguiu-nos até ao alpendre da frente, ainda a torcer as mãos. — Tens um segundo para falar de outro assunto relacionado com cobras?

— Claro. Podes instalar a nossa nova amiga no carro, Winslow? — Passei-lhe para a mão a cobra ensacada, sobretudo para me meter com ele. — Vê lá onde

pões os pés. O chão está escorregadio nesta altura do ano — avisei.

Ele engoliu em seco, segurou cautelosamente a fronha à distância de um braço e dirigiu-se em bicos de pés para o carro-patrolha.

— Como está o caso do Dilton? — perguntou a Hilly, regressando ao seu papel normal de mulher rija, agora que a cobra já não estava perto dela.

— A investigação está a decorrer — disse eu.

— Isso é a frase habitual — queixou-se ela.

— É a versão oficial.

— Então dá-me a versão não oficial, para eu começar a preparar-me para que diabo vou dizer na assembleia municipal.

— Não oficialmente, até agora só recuámos uns meses nos casos dele, interrogando vítimas e suspeitos.

— Mas...?

— Mas há um padrão nas operações que ele fez sozinho desde que eu fui alvejado. Ter menos um homem abriu uma janela de oportunidade, e ele aproveitou-se dela. Não vai recuperar disto.

— Qual é a responsabilidade da cidade em tudo isto? Como corrigimos a situação?

Eu esperava a primeira pergunta e respeitei-a muito pela segunda.

Soltei um sopro.

— Estamos a seguir à letra o regulamento. Ele não se vai safar por um pormenor técnico. Mas há uma parte da qual não vais gostar.

— Já estava à espera.

— Contactei os Kennedys, o casal que o Dilton assediou durante a operação *stop*. Falei com os dois sem a presença de um advogado.

Ela arqueou as sobrancelhas ruivas.

— E como é que correu?

— Foi uma iniciativa particular. Vou dizer-te o que lhes disse a eles. O Dilton foi responsabilidade minha. Aconteceu sob a minha vigência. O marido foi mais compreensivo do que devia ser. A mulher foi compreensivelmente menos. Mas conversámos. Eu apresentei profundas desculpas e assumi total responsabilidade.

— O advogado vai adorar isso — disse a Hilly.

— Paciência. Por vezes, pedir desculpa é mais importante do que proteger a

pele. De qualquer modo, era a atitude correta. A senhora Kennedy ligou-me ontem e deu-me os contactos de uma organização de formação que trabalha com as esquadras em treinos de diversidade e controlo de violência. É caro, mas necessário, na minha opinião. E mais barato do que a indemnização que teríamos de pagar.

— De quanto estamos a falar?

Eu fiz um aceno na direção do carro, onde a cabeça da *Piper* estava de fora da janela do condutor.

— Digamos que, durante algum tempo, aquele vai ser o único agente canino que poderemos pagar.

Ela abanou a cabeça.

— Cabrão do Dilton. Basta um mau polícia.

— Eu sei. A culpa é cem por cento minha, por tê-lo mantido. Por pensar que podia mudá-lo.

Ela pôs as mãos nas ancas e contemplou a floresta.

— Pois. Bem, agora já sabes como se sente uma mulher apaixonada por um imbecil com potencial. Noventa e nove por cento das vezes, esse potencial nunca se realiza.

— O Mickey tinha potencial? — brinquei.

O sorriso dela foi rápido.

— Caramba, se tinha! E eu não lhe dei escolha quanto à parte de o realizar.

— Estive a pensar... — comecei eu.

— Sempre que um agente diz isso, as coisas tornam-se logo caras.

— Não necessariamente. Já que vamos implementar formação, o que achas de chamarmos assistentes sociais para nos darem treino?

— Que tipo de treino?

— Questões de saúde mental. Conheces a Xandra Rempalski?

Ela lançou-me um olhar que me disse que eu estava a entrar em território imbecil.

— A enfermeira que salvou a vida do meu chefe da polícia? Não. Nunca ouvi falar. Nem tenho quatro colares e três pares de brincos dela.

— Está bem, pronto. O sobrinho dela tem autismo.

— Sim, claro. Eu conheço o Alex.

— Ele é não verbal, tem um metro e oitenta de altura e é negro — disse eu,

balançando nos calcanhares.

A Hilly soltou um suspiro.

— Estou a perceber aonde queres chegar. As mães dos bebés negros têm muitas conversas com esses bebés sobre como devem interagir com polícias.

— E eu quero certificar-me de que nós, os polícias, tenhamos conversas sobre como interagir de modo seguro e respeitoso com esses bebés. Todos eles. Especialmente com os que não podem responder. Não me parece bem que algumas das nossas pessoas não se sintam em segurança aqui. Foi exatamente por isso que aceitei este cargo, e ainda tenho muito que aprender e muito trabalho para fazer.

— Não temos todos, chefe? E então, como fazemos isso?

— Gostaria de discutir isto com a Yolanda Suarez. Ela é assistente social há muito tempo e há de ter ideias. Para já, estou a pensar numa combinação de formação contínua dos agentes e de cooperação com assistentes sociais nos casos de saúde mental. Outras esquadras, em cidades maiores, já desenvolveram programas assim e estão a ver resultados. Talvez pudéssemos incluir a Naomi Witt, já que ela é a coordenadora de ligação à comunidade.

— É uma ideia do caraças.

— Também me parece.

— Porque não combinas primeiro uma reunião entre nós os dois e a Yolanda? Pode ser o ponto de partida.

— Agradeço. Acho que é melhor ir levar a sua colega de casa rastejante para o novo lar.

A Hilly estremeceu.

— Chefe, depois de eu deitar fogo a esta casa e assassinar o meu marido, vou propor um aumento para ti.

Detive-me. Se havia coisa que a Hilly guardava com a vida, eram os cordões da bolsa de Knockemout.

— Não me sentiria bem com isso. Não com o que se passou nos últimos meses.

Ela estendeu o braço e deu-me uma palmadinha na face.

— É exatamente por isso que vais recebê-lo, filho. Tu preocupas-te. Assumes as responsabilidades. E crias soluções. Esta cidade é afortunada por te ter. Estou muito orgulhosa do homem que te tornaste.

Eu não costumava emocionar-me com elogios, mas crescer sem uma mãe que os tinha distribuído tão liberalmente durante a minha infância deixara um vazio. Um vazio profundo que eu só agora começava a reconhecer.

Passara muito tempo desde que uma pessoa que eu amava se orgulhara de mim.

Foi uma surpresa para ambos quando me inclinei e lhe dei um leve beijo na face.

— Obrigada, senhora presidente.

Ela ficou escarlate.

— Vai-te lá embora. Leva o raio da cobra para fora da minha propriedade e volta ao trabalho. Temos pessoas para servir.

Fiz-lhe uma breve continência e dirigi-me para o carro.

— Certifique-se de que arranja um álibi antes de se meter nas suas atividades de fogo posto e homicídio.

— Certo, chefe.

VINTE E OITO

UMA NOITE NA SEMANA ASSASSINA

Lina

Eu chegara adiantada para o meu não-encontro de copos com o Nolan. Era mais num esforço para evitar o Nash, quando ele e a *Piper* chegassem a casa do trabalho, do que por entusiasmo real. Mas, depois de um longo dia sentada num carro a ver um capanga de segunda categoria ir ao ginásio, ao *buffet* chinês e ao clube de *strip*, estava verdadeiramente com vontade de falar de trabalho com o *marshal*.

A clientela era sobretudo feminina no Honky Tonk, e as mesas ostentavam pequenos letreiros que diziam: «AVISO: SEMANA ASSASSINA». Sorri. O Nolan tinha logo de escolher uma noite em que os ciclos menstruais do pessoal feminino do bar se sincronizavam.

Conhecendo a rotina, ocupei uma mesa para dois e não tentei fazer sinal à Max, a empregada, que estava ocupada a ajustar o emplastro quente no abdómen com uma mão, enquanto com a outra atafulhava a boca com um *cupcake* de chocolate.

A Max iria receber o meu pedido quando estivesse preparada, e eu receberia a minha bebida quando a Silver, a *bartender*, acabasse de dar choques a um *motard* barrigudo com a minimáquina de eletroterapia.

Era um novo elemento na Semana Assassina. Os impulsos dos elétrodos simulavam as dores do período. Os moradores de Knockemout não recuavam perante um desafio, e eu tinha de admitir que era bastante divertido ver *motards* tatuados e agricultores corpulentos a fazerem fila para poderem movimentar-se com cáibras menstruais de intensidade dez.

Demorou um bom minuto, ou cinco, mas a Max acabou por se aproximar e deixar-se cair na cadeira à minha frente. Tinha creme no queixo.

— Lina.

— Max.

— O teu olho parece melhor.

— Obrigada.

— Ouvi dizer que ficaste assim a combater dois assassinos que tentaram atacar a Sloane e a Naomi enquanto filmavas o piloto de um programa sobre caçadores de recompensas.

Lá se ia o meu anonimato profissional... e coisas insignificantes como a verdade.

— Não foi nada tão excitante — garanti-lhe.

— O que é que vai ser? Apetece-te provar um dos Especiais Sangrentos? Temos *Bloody Marys* a metade do preço e um *cocktail* que a Silver inventou, chamado Morte Vermelha. Sabe a merda e vai dar cabo de ti.

— Acho que me fico pelo *bourbon*. — Seria um e apenas um, até eu ter a certeza de que mantinha o meu nível de *stress* sob controlo.

— Como queiras. — A Max suspirou e pôs-se lentamente de pé. — Volto depois de o *Midol* fazer efeito.

Arrastou-se de volta para o bar, e eu aproveitei a oportunidade para ler alguns *emails* de trabalho no telemóvel, até que umas estrondosas gargalhadas masculinas irromperam no canto.

Eu tinha passado muito tempo em muitos bares, a observar interações pessoais. Sabia quando a atmosfera não era a certa. E não tive qualquer dúvida de que alguma coisa feia começara a gerar-se entre os quatro homens. A mesa deles encontrava-se juncada de garrafas de cerveja vazias e copos de *shot*. A linguagem corporal era desordeira e a roçar o agressivo, como se fossem tubarões a decidirem um ataque.

A Max chegou à mesa deles e começou a recolher vasilhame para o tabuleiro. Um dos homens, um tipo mais velho com pança de cerveja e um bigode branco e farto em nada comparável com o do Vernon, disse alguma coisa de que a Max não gostou. Isso levou a que a mesa voltasse a explodir em gargalhadas.

A Max virou o tabuleiro, entornando de novo tudo para cima da mesa e — com um pirete de despedida — voltou para junto do balcão.

Reconheci um dos arruaceiros mais jovens como o homem que olhara

fixamente para mim à saída do jogo de futebol da Waylay.

— Vá lá, Penso Higiénico Maxi, não seas tão sensível. Estamos só a brincar — gritou ele à Max.

Os quatro juntaram as cabeças, para o que provavelmente seria uma piada de mau gosto, e desataram de novo a rir-se.

— Mais baixo, Tate — advertiu a Tallulah da mesa ao lado.

Estava sentada com mais três clientes habituais e não parecia mais agradada do que eu com o mau comportamento dos tipos.

Então aquele era o Tate Dilton, o mau polícia caído em desgraça e bom velho compincha.

— É muito *duro* mantê-lo em *baixo* ao pé de ti, beleza — disse um dos amigos do Dilton, fazendo o gesto obsceno para a própria virilha.

Os homens em redor da mesa voltaram a irromper em gargalhadas, e a tensão na sala aumentou.

Olhei fixamente para o Dilton do outro lado da sala e esperei. Não demorou muito. Desde que estivessem sóbrias o suficiente, as pessoas normalmente conseguiam pressentir uma ameaça.

Ele devolveu longamente o olhar e, depois, disse algo aos restantes companheiros. Todos se viraram para olharem para mim. Eu estendi as pernas e cruzei-as nos tornozelos.

Ele levantou-se e começou a andar na minha direção, usando o seu melhor olhar de intimidação. Caminhava com a confiança de um homem que atingira o seu auge no secundário e não se apercebia de que os dias de glória tinham passado.

Quando chegou à minha mesa, parou e olhou-me um pouco mais.

— Tens algum problema, querida? Talvez uma comichão que eu possa coçar-te?

Tinha um bigode curto à Hitler, que estremecia sempre que o maxilar se abria e fechava, a morder uma pastilha elástica.

— Duvido que haja alguma coisa que possas fazer por mim.

— És a gaja do Morgan, não és?

Usava uma *T-shirt* da esquadra de Knockemout, e isso ainda me irritou mais do que o insulto.

— Não. Tu és? — perguntei docemente.

Os seus olhos estreitaram-se, quase desaparecendo por trás das faces avermelhadas, e ele puxou a cadeira à minha frente. Virou-a de costas, num movimento que nunca impressionaria uma mulher de qualquer idade, e sentou-se sem ter sido convidado.

— Eu vi-vos a discutirem nos campos de futebol. Diz ao teu namorado chui que há por aqui muita gente que não gosta da merda que ele nos quer fazer engolir. Até podes informá-lo de que, se não tiver cuidado, podemos ser obrigados a amansá-lo um bocado.

— Já consideraste participar à cadeia hierárquica essa tua aversão ao hábito de tomar banho regularmente?

— Hã? — Ele pestanejou, e a seguir mascou furiosamente durante uns segundos.

— Ah. Talvez a tua causa esteja mais relacionada com os interesses públicos. Deixa-me adivinhar. Achas que não devias ser obrigado a usar calças no supermercado quando compras o teu *pack* de cerveja barata.

Ele inclinou-se, fazendo-me chegar o seu hálito a álcool.

— Tens uma boca muito solta.

— Estas palavras multissilábicas estão a ser difíceis de acompanhar?

— Se continuares assim, esse teu couro vai sair daqui muito amolgado. — O olhar dele deslocou-se para o meu olho. — Pelos vistos, já alguém te ensinou umas maneiras.

— Tentaram. Porque é que tu e os teus amigos não se vão embora, antes que um de vocês faça alguma coisa mais estúpida do que o habitual?

— Queres que eu te leve à esquadra, para usares esse palavreado com a bófia?

— Prolongou o «f» em «bófia», e eu quase revirei os olhos.

— O chefe Morgan sabe que andas por aí a fazer-te passar por agente da polícia? É que eu tenho quase a certeza de que, para se ser polícia, é preciso um crachá. E ouvi dizer que o teu crachá está trancado numa gaveta na secretária do Nash.

Ele pôs-se de pé com um salto e bateu com as duas palmas na mesa, à minha frente. Eu não mexi um músculo enquanto ele se inclinava e invadia o meu espaço, enchendo-me as narinas com o cheiro a álcool barato.

A Fi, a Max e a Silver avançaram na nossa direção como se estivessem prontas para entrarem numa guerra. Mas não havia necessidade de se transformarem

em alvos. Era eu quem estava na cidade por um tempo limitado.

Ergui uma mão.

— Eu trato disto — garanti-lhes, e levantei-me lentamente para enfrentar aquele rufia inchado.

— Vai para casa, Tate — disse a Fi, tirando o chupa-chupa da boca para usar o seu tom de mãe ameaçadora.

O maxilar da Silver contraiu-se; tinha uma mão espalmada sobre o útero e a outra fechada em punho.

A Max tinha o tabuleiro ao ombro, como se fosse um bastão de baseball.

— Queres agredir-me, Dillon? — sussurrei baixinho. Ele mostrou os dentes... e a pastilha elástica. Dirigi-lhe um sorrisinho maldoso. — Desafio-te. É que, se o fizeres, não saís daqui inteiro. Além de eu estar mortinha por acrescentar «nariz partido» ao teu catálogo físico de «pança de cerveja» e «cabelo ralo», toda a população feminina está a surfar a vaga vermelha neste momento, e aposto que ao longo dos anos ofendeste várias senhoras tuas conterrâneas.

Ele arreganhou os dentes, e o rosto ficou ainda mais duro e feio com o esforço.

— Portanto, avança, cretino. Lança o primeiro murro, porque é o único que vais dar. Depois de eu acabar contigo, nem vai haver onde pregar um crachá — disse eu.

Ele endireitou-se, e as suas mãos formaram punhos dos lados do corpo. Era visível que ponderava as opções no seu cérebro minúsculo e ébrio. Mas, antes de ele me poder fazer ganhar o dia com um movimento em falso, uma mão grande pousou-lhe no ombro.

— Acho que estás na hora de ires para casa, rapaz.

Eu ergui o olhar, e depois ergui-o um pouco mais, para o homem que intervieria. O Tipo do Corredor dos Cereais em ação.

O Dillon virou-se para o encarar.

— Porque é que não metes o nariz...

O resto da frase desapareceu quando o Dillon se apercebeu de que estava a falar para a maçã de Adão do homem, não para a sua cara.

Eu sorri, e um murmúrio de risos nervosos espalhou-se à nossa volta.

— Queres acabar o que ias dizer? — perguntou o Tipo do Corredor dos

Cereais.

O Dilton lançou-lhe um olhar hostil.

— Vai-te lixar — cuspiu.

— No teu lugar, eu não queria fazer figuras. Atrai atenções desnecessárias — disse o Tipo do Corredor dos Cereais.

O Dilton parecia querer dizer mais alguma coisa, mas foi interrompido pela sua comitiva de cretinos.

— Bora a outro bar. Um com menos cabras — disse um dos seus amigos idiotas.

Palavra de honra: as mulheres das mesas mais próximas começaram a silvar.

Alguém atirou os restos de um cesto de fritos, atingindo o Dilton em cheio no peito.

— Agora não é o momento certo, Tate — disse o homem mais velho de bigode. — Não sejas parvo.

Havia algo de agourento no modo como ele falou.

— Se tu não o lebares daqui, Wylie, eu chamo os polícias. Os verdadeiros — rugiu a Fi.

— Já cá estou. — O bar inteiro virou-se para ver o *marshal* Nolan Graham por trás de mim, exibindo claramente o crachá e a arma. — Temos aqui problemas?

— Acho que é a tua deixa para bazares, *querido* — disse eu ao Dilton, que estava coberto de *ketchup*.

— Que tal irmos até lá fora? — sugeriu o Nolan.

O seu tom era quase amistoso, mas os olhos eram de aço frio.

— A gente volta a encontrar-se — prometeu-me o Dilton, enquanto os amigos lhe pegavam nos braços e seguiam o Nolan, que saía.

O homem mais velho de bigode parou à minha frente, mirou-me da cabeça aos pés, fungou e a seguir saiu com um sorriso escarninho.

As mulheres que não estavam demasiado ocupadas a pressionar os abdómenes com ambas as mãos irromperam em aplausos quando a porta se fechou atrás deles.

Eu retirei o meu cartão de crédito e ergui-o no ar.

— Fi, esta rodada é por minha conta.

O pandemónio atingiu níveis de histeria, e alguém pôs a tocar «Man! I Feel

Like a Woman!», da Shania Twain, na *jukebox*.

Virei-me para o homem que me defendera pela segunda vez como um cavaleiro branco.

— Tipo do Corredor dos Cereais — disse.

Os seus lábios curvaram-se num quase sorriso.

— Amiga Solteira da Idosa.

— A tua alcunha é melhor.

— Podia chamar-te Sarilho.

— Não serias o primeiro.

Ele acenou com a cabeça para a porta.

— Não devias andar por aí a antagonizar homens dessa maneira.

Até o Tipo do Corredor dos Cereais tinha opinião sobre as minhas escolhas de vida.

— Ele é que começou.

— Parecia ter um problema com a polícia local. O chefe da polícia daqui não foi baleado há umas semanas? — perguntou ele.

— Foi.

O tipo abanou a cabeça, pesaroso.

— E eu que pensava que a vida numa cidade pequena seria sossegada.

— Se queres sossego, provavelmente Knockemout não é o lugar certo para o encontrares.

— Parece que não. Descobriram o tipo que alvejou o polícia? É que aquele que levaram agora daqui parece que não se importaria nada de meter uma ou duas balas em alguém — disse ele.

— O FBI está a investigar, mas ainda não prenderam ninguém. Estou certa de que quem o fez já foi para bem longe. Pelo menos, se tiver meio cérebro.

— Ouvi dizer que o chefe nem se lembra do que aconteceu. Deve ser esquisito.

Eu não tinha muita vontade de falar sobre o Nash fosse com quem fosse. Muito menos com um estranho, pelo que me limitei a arquear uma sobranceira. Ele lançou-me um sorriso envergonhado.

— Desculpa. Os mexericos aqui são muitos e correm rápido. Onde eu morava, não sabia sequer os nomes dos vizinhos. Aqui parece que já toda a gente sabe o meu número da Segurança Social e o nome de solteira da minha

bisavó.

— Bem-vindo a Knockemout. Posso oferecer-te uma bebida pelo teu heroísmo? — ofereci.

Ele abanou a cabeça.

— Tenho de ir andando.

— Bom, obrigada por intervires. Ainda que eu tivesse a situação controlada.

— Sem problema. Mas talvez devas ter cuidado da próxima vez. Não convém transformares-te num alvo.

— Estou certa de que aquele bandalho tem problemas maiores do que preocupar-se comigo. Por exemplo, é provável que tenha pesadelos contigo esta noite.

O sorriso estava de volta.

— Vou cobrar-te aquela bebida.

— Combinado — disse eu, e fiquei a vê-lo sair.

— Por conta da casa — disse a Max, surgindo ao meu lado com o *bourbon* que eu tinha pedido.

— Obrigada. E obrigada por não me dizeres que eu não me devia ter metido.

A Max fungou de riso.

— Por favor. És a heroína do Honky Tonk. O Tate nem imagina a sorte que tem. Tínhamos-lhe dado cabo do canastro esta noite. Depois o Knox ia zangar-se com os prejuízos materiais. E o Garanhão Certinho ia ficar danado, por causa do sangue e da burocracia.

— Os irmãos Morgan devem-nos uma — concordei.

O Nolan voltou para dentro, passando o indicador e o polegar pelo bigode, de cara franzida.

— O que se passa? — perguntei.

— Acho que talvez tenha de me barbear.

Os meus lábios estremeceram.

— Acho que deves mantê-lo. Assume o bigode.

Ele sentou-se na cadeira que o Dilton deixara vaga e fez sinal à Fi.

— No teu lugar, eu não faria isso — adverti, apontando para o letreiro da Semana Assassina.

— A Semana Assassina é alguma cena de desporto?

— Não, é mais assustadora.

A Fi apareceu com um novo chupa-chupa. Atirou o meu cartão de crédito para a minha frente na mesa e depois fincou as mãos na sua zona lombar.

— Céus. Parece que os meus rins estão a querer abrir caminho pela minha carne. Porque é que a natureza é tão cabra?

— Ah, *esse* tipo de Semana Assassina — disse o Nolan, compreendendo.

— Sim. Portanto, o que quer que tenha para dizer, é bom que valha o tempo que perdi e o sofrimento por que passei para vir aqui — disse a Fi.

— Só queria, com toda a educação e respeito, sugerir que retirem a gravação de segurança desta noite e a guardem algures.

— Por alguma razão em especial?

— Não sei o que é do conhecimento público e o que não é — disse vagamente o Nolan.

— Está a falar de o Nash ter despedido o Tate por ser mau polícia e uma merda de ser humano? — instou a Fi.

— As notícias aqui correm depressa. Por vezes até são verdadeiras — disse eu.

— Para o caso de as coisas escalarem, não seria mau poder provar um padrão — disse o Nolan.

— Não me admirava se ele escalasse tudo pra caraças — disse a Fi, num gemido. — Tem muita autoestima artificial ligada àquele crachá. Sem ele, quem sabe o que fará para se sentir o maior?

— Fiquem atentas — aconselhou o Nolan.

— *OK*. Agora, se me dão licença, vou deitar-me no banco de trás da minha carrinha por dez minutos. Já peço à Max para lhe trazer a bebida, *marshál*.

Vimo-la afastar-se a coxear.

— Não consigo imaginar passar por uma coisa assim todos os meses — disse o Nolan, abanando a cabeça.

— Não achas que somos assim com os nossos trabalhos, pois não? — perguntei.

— Assim como?

— Que retiramos a nossa autoestima e o nosso propósito das nossas carreiras.

— Ah, queres que te minta. *OK*. Não, não somos nada assim, Solavita.

— Vá lá.

— Miúda, o meu casamento acabou por causa deste trabalho, e nem sequer gosto do que faço.

— Então porque não te despedes?

— E faço o quê?

— Não sei. Reconquistas a miúda?

— Pois. Porque a única coisa mais atraente do que um homem casado com o trabalho é um ex-marido desempregado a implorar uma segunda oportunidade — disse ele, seco. — Não. Alguns de nós estamos simplesmente destinados a viver para o trabalho.

— Não achas que pode existir alguma coisa melhor do que isto? — perguntei.

— Porra, claro que existem coisas melhores. Mas talvez não para ti nem para mim. Pelo menos para mim. Se pensas por um segundo que eu não largaria este trabalho e passaria o resto da vida a massajar os pés da minha ex e a preparar-lhe os almoços se ela dissesse que me aceitava de volta, enganas-te redondamente. Mas há um limite para o número de vezes que nos podemos fechar para uma pessoa antes de ela parar de tentar entrar.

— Mas valerá a pena? Deixar alguém entrar sabendo que facilitámos o caminho para que a pessoa nos despedace? Quero dizer, a sério, o que poderia ser tão bom que fizesse valer a pena correr esse risco?

— Estás a perguntar ao tipo errado. Eu não sei o que está do outro lado, mas podes crer que estaria disposto a arriscar-me para descobrir, se tivesse uma segunda oportunidade.

As palavras do Nolan fizeram-me sentir um bocadinho cobarde. Eu não tinha problemas em confrontar um rufia bêbedo, mas a ideia de me abrir perante alguém fazia-me tremer os joelhos.

— Então, como correu o jantar com a Sloane?

— Bem. Ela é uma miúda bestial. Inteligente. Adorável. Um pouco selvagem.

— Mas...? — instei, lendo-lhe o rosto.

— Mas vou parecer uma menina tonta se disser que posso não ter superado a minha ex?

— Sim — zombei. — Se te fizer sentir melhor, acho que a nossa pequena bibliotecária quer apenas divertir-se. Nada de marchas nupciais.

— Não gosto de contar segredos de alcova, mas, depois de eu lhe ter falado da minha ex, ela disse-me que só lhe interessa o sexo do terceiro encontro.

Engasguei-me com o meu *bourbon*.

— Bom, desde que estejam ambos em sintonia.

— Aqui tem, *marshal*. É um Morte Vermelha — disse a Max, pousando um copo com gelo cheio de um espesso líquido vermelho.

— Na verdade, preferia...

Dei-lhe um pontapé por baixo da mesa e abanei a cabeça, enquanto a Max estreitava os olhos de um modo ameaçador.

— Desculpe? — perguntou, gélida.

— Quero dizer, isto parece ótimo. Muito obrigado. Aqui estão vinte dólares pela maçada — disse o Nolan, sacando rapidamente de uma nota.

A Max assentiu imperialmente e pegou no dinheiro.

— Bem me parecia que era isso.

O Nolan deu um gole e estremeceu de imediato.

— Jesus, meu Deus. Isto sabe a ressaca.

— Apetece-te experimentar dores do período, para aprenderes? — perguntei.



Umás horas mais tarde, estava enroscada no sofá com mais um policial da biblioteca, tentando não pensar no que o Nolan dissera, quando ouvi um baque contra a minha porta. Era tarde, passava das onze, normalmente a hora a que aconteciam as coisas más.

Deslizei do sofá e dirigi-me silenciosamente para a porta.

Era preciso chave para entrar no prédio, mas, devido ao meu trabalho, eu sabia que nem uma porta exterior robusta nem morar ao lado do chefe da polícia deteriam um idiota bêbedo e determinado com o ego ferido.

Sustive a respiração e espreitei pela vigia. Não vi ninguém. Do outro lado do patamar, a porta da senhora Tweedy encontrava-se fechada. Estava a ponderar se devia pegar no meu fiel taco de basebol e ir investigar, quando ouvi um leve arranhar na base da porta. Veio acompanhado de um tinido familiar.

Ao abrir a porta, vi a *Piper* a trotar sem sair do lugar, com um ar ansioso. Ao lado dela, caído contra a parede, estava o Nash. Sem camisola, transpirava e tremia.

Aquele tipo sabia mesmo como fazer uma miúda embarcar numa montanha-russa de emoções.

— Olá — ofegou, inclinando a cabeça para me olhar. — Podes ficar... com a

Piper... por um bocado?

Eu não disse nada e ajudei-o a pôr-se de pé. Não havia nada a dizer. Tínhamo-nos magoado mutuamente, mas ele viera ter comigo ao precisar de ajuda. E eu não era suficientemente maldosa para o rejeitar.

Sem palavras, ele lançou um braço em redor dos meus ombros, enquanto eu lhe passava o meu pela cintura.

Era uma sensação familiar. Mas não era de esperar que eu tivesse uma rotina com ninguém, muito menos com *ele*.

Os tremores percorriam-lhe o corpo enquanto nos arrastávamos para dentro, com a *Piper* a dançar nervosamente aos nossos pés.

— Cama ou sofá? — perguntei.

A sua pele estava quente e pegajosa contra a minha.

— Cama.

Guiei-nos para o meu quarto e, conhecendo a sua preferência, deposei-o no lado da cama mais próximo da porta. Heroicamente, a *Piper* saltou para o colchão e marchou de um lado para o outro, inspecionando o Nash desde a cabeça até aos pés descalços.

— Vou arranjar gelo — disse eu.

Não tinha vegetais congelados no frigorífico, e não me pareceu que comida refrigerada fizesse efeito.

A mão do Nash fechou-se no meu pulso.

— Não. Fica. — Aqueles olhos azuis puxavam-me. Não havia neles paredes nem feridas antigas. Havia apenas um apelo honesto, e eu nada podia contra ele. — Por favor.

— Está bem. Mas isto não quer dizer que eu já não esteja furiosa contigo.

— Igualmente.

— Não sejas estúpido. — Tentei contornar os pés da cama, mas ele deteve-me e puxou-me para trás. Ergueu-se até ficar sentado, agarrou-me por baixo dos braços e puxou-me para cima dele. — Nash.

— Só preciso de te ter perto — sussurrou ele.

Quando voltou a tombar contra as almofadas, instalou-me ao seu lado, a minha coxa a cobrir-lhe as ancas, a minha cabeça a repousar no seu peito, logo abaixo da cicatriz no ombro.

Eu ouvia o trovejar do seu coração e espalmei a mão no seu peito. Ele

estremeceu uma vez, e depois os seus músculos pareceram perder alguma da tensão que continham com tanta rigidez.

Soltou um suspiro trémulo, e a seguir envolveu-me com ambos os braços; pressionou o rosto contra o meu cabelo e apertou-me bem.

A *Piper* reclamou o seu espaço aos pés do Nash, pousando-lhe a cabeça no tornozelo e lançando-nos olhares cheios de tristeza.

Sem poder fazer mais nada, eu respirei com ele.

Quatro. Sete. Oito.

Quatro. Sete. Oito.

Uma e outra vez, até a tensão deixar o seu corpo.

— Melhor agora — sussurrou o Nash para o meu cabelo.

Ficámos ali deitados, respirando juntos, estando juntos até o sono nos invadir a ambos.

VINTE E NOVE

VITÓRIA NO DIA DAS PROFISSÕES

Nash

Fui acordado pela luz soturna do alvorecer e pelo som que me perseguia, o crepitar persistente que me levava à loucura enquanto dormia. Naquela manhã, foi acompanhado pelo clique suave da porta da Lina a fechar-se.

Os lençóis ao meu lado ainda estavam mornos, um fantasma da mulher que estivera ali toda a noite, enroscada ao meu lado, servindo-me de âncora com a subida e descida do seu peito.

Estivera ali para mim quando eu mais precisara dela. E depois fizera questão de abandonar a sua própria cama para eu acordar sozinho.

Arrastei as mãos pelo rosto. Alguma coisa tinha de ceder entre nós, e eu tinha o mau pressentimento de que essa «coisa» seria eu.

Um peso atingiu o colchão e, um segundo depois, a *Piper* saltou-me para o peito. Eu grunhi. Ela tinha o focinho sujo de migalhas de comida seca, o que significava que a Lina lhe tinha dado o pequeno-almoço.

— Bom dia, miúda — rouquejei, esfregando os olhos para afugentar o sono. Ela tocou-me com o focinho até eu lhe fazer uma festa pouco convicta. — Não olhes para mim assim. Eu estou bem — disse eu.

A *Piper* não tinha ar de acreditar em mim.

Mas eu sentia que era verdade. Sim, tinha uma moinha persistente na base do pescoço, e os músculos pareciam ter passado por uns bons assaltos no ringue. Mas tinha dormido profundamente e acordara com a cabeça desanuviada.

Peguei nela e segurei-a acima da minha cabeça.

— Vês? Está tudo bem. — A sua pequena cauda desfocou-se com o entusiasmo, e ela deu patadas brincalhonas no ar. — Muito bem. Vamos lá começar o raio do dia.

A cadela trotou atrás de mim até à casa de banho, onde encontrei um bilhete colado no espelho:

«N,

Dei de comer à *Piper* e levei-a à rua. Vai-te embora antes que eu volte.

L»

A nota sucinta da Lina divertiu-me, até eu voltar ao quarto e ver a sua mala de viagem aberta no chão. Estava vazia, felizmente. Mas tive a sensação de que o facto de ela a ter deixado à vista significava que ainda ponderava partir. Se a Lina Solavita pensava que ia a algum lado, ia ter uma dura surpresa. Tínhamos assuntos a resolver. Questões a equilibrar. Acordos a fazer.

Qualquer dúvida que eu tivesse sobre o que sentia por ela fora eliminada na noite anterior. Ela não tinha de abrir a porta. Não tinha de me deixar entrar. E muito menos tinha de adormecer nos meus braços. Mas fizera-o, porque, apesar de eu a irritar, se importava comigo.

E eu ia usar isso em meu proveito.

— Anda, *Pipes*. Vamos para casa. Precisamos de pensar — disse eu, com um bocejo.

Ainda estava a bocejar, quando saímos da casa da Lina e demos com o Nolan a erguer um punho para bater à minha porta.

— Trouxe-te um café — disse ele, observando o meu aspeto. Eu vestia apenas umas calças de fato de treino e precisava desesperadamente de um duche. — Devia ter trazido um maior.

Eu aceitei o café e abri a minha porta.

— A noite foi comprida? — perguntou, entrando atrás de mim, enquanto eu emborcava a cafeína.

Grunhi.

— Porque é que estás aqui? Além de fazeres de fada do café.

— Encontrei no café a tua futura cunhada, que pediu um gigante. Disse que o Knox está a preparar-se bem para o Dia da Profissão.

— C'um caras. É hoje?

— Hoje, daqui a... — deteve-se para olhar para o relógio. — Duas horas e vinte e sete minutos. Achei que, como tenho sempre de ir também, podíamos combinar uma estratégia. As forças de segurança não podem ficar atrás de um barbeiro-taberneiro que ganhou a lotaria. Sem ofensa.

— É o meu irmão — disse eu, secamente. — Não me ofendeste. Como é que ele vai tornar a contabilidade interessante?

— A Naomi não percebe até que ponto a competitividade masculina é profunda. Contou-me o plano todo. Ele vai preparar *cocktails* sem álcool para os miúdos e rapar a cabeça do vice-diretor.

— Raios. Isso é bom.

— Nós conseguimos ser melhores — disse o Nolan, confiante.



— Toca a sirene, Way — instruí, segurando bem no volante.

Com um sorrisinho maroto, a Waylay carregou no botão. A sirene ganhou vida.

— Alguém aí atrás enjoa a andar de carro? — perguntei aos passageiros do banco traseiro.

— Não! — respondeu-me um coro excitado.

— Então segurem-se bem.

Girei por completo o volante, e a parte de trás do carro-patrolha deslizou suavemente em redor do último cone de trânsito. A seguir, carreguei no acelerador.

— Vai! Vai! Vai! — guinchou a Waylay.

Cruzei a meta improvisada uns centímetros à frente do Nolan e do seu carro-patrolha cheio de miúdos.

O banco traseiro irrompeu em ovações.

Imobilizei o carro; aquela coisa que me magoava o rosto, que distendia músculos que não tinham sido usados nos últimos tempos, era um sorriso sincero.

Podia-se dizer que tínhamos eclipsado a estúpida apresentação do Knox.

— Oh, meu Deus! Isto foi o máximo! — disse a Chloe, a amiga da Waylay, quando eu lhe abri a porta de trás. Ela e mais dois miúdos do sexto ano precipitaram-se para fora do carro, todos a falarem ao mesmo tempo.

— Eu tinha-te ultrapassado no último cone se o Enjoquinho não me tivesse pedido para abrir as janelas — disse o Nolan, aproximando-se e apontando com o polegar para um ruivinho sardento.

— Culpar o Kaden é ter mau perder. O miúdo conduz *karts* aos fins de

semana.

— Achas que ganhámos? — perguntou ele.

Observámos o parque de estacionamento da escola.

Os miúdos estavam em alvoroço, implorando a viagem seguinte aos meus agentes. Os professores sorriam de orelha a orelha. E o Knox fazia-me um pirete.

— Ganhámos, pois. Devo dizer que a corrida de carros com obstáculos não foi uma ideia horrível.

— O teu jogo de homicídio misterioso também não foi nada mau.

— Não esperava que a Way fosse tão dramática na sua cena de morte.

— Por falar na recém-falecida... — disse o Nolan, acenando com a cabeça para a minha sobrinha, que saltitava na nossa direção.

A Waylay parou à minha frente e ergueu o olhar.

— Tio Nash?

— Sim, Way?

— Obrigada. — Não disse mais nada; abraçou-me em redor da cintura, e a seguir afastou-se com as amigas risonhas.

Aclarei a garganta, surpreendido pela emoção que sentia. Um abraço da Waylay Witt era como um abraço da Lina: inesperado, duramente conquistado e tremendamente significativo.

— Tu ainda adoras o que fazes — observou o Nolan.

— Sim. Acho que sim — admiti.

— Agarra-te a isso — aconselhou ele.

— O que é? Tu não adoras passar os teus dias a servir-me de ama-seca?

— Nem um bocadinho.

— Se calhar devias fazer alguma coisa em relação a isso.

— Foi sobre isso que a Lina e eu falámos ontem à noite.

— Estiveste com a Lina ontem à noite? — Mas não consegui ir mais adiante nas perguntas antes de sermos interrompidos pelo professor da Waylay.

— Parabéns, meus senhores. Sei de fonte segura que este é de longe o nosso Dia das Profissões mais memorável, chefe — disse o senhor Michaels, entregando-me a trela da *Piper*.

Ficámos a saber que a *Piper*, embora fosse tímida junto dos adultos, adorava crianças: quanto mais barulhentas e loucas, melhor. Nunca tinha visto o raio da

cadela tão feliz.

— Foi um prazer ajudar — disse eu.

— Tenho o pressentimento de que acabou de inspirar a próxima geração de polícias de Knockemout — disse ele, esticando um braço para mostrar o frenesim dos alunos do sexto ano.

O senhor Michaels afastou-se para falar com alguns dos outros derrotados do Dia das Profissões, e o Knox tomou o lugar dele.

— Tinhas de me envergonhar à frente da minha miúda, imbecil.

Eu sorri de modo escarninho.

— Não tenho culpa de o meu trabalho ter mais estilo do que o teu.

— O teu trabalho é noventa por cento papelada.

— Olha quem fala. O Senhor Inventário e Folha de Pagamentos.

O meu irmão fungou e virou-se para o Nolan.

— Agradeço a ajuda com o Dillon e a pandilha dele ontem à noite. Talvez não sejas totalmente imprestável.

— A Lina é que fez quase todo o trabalho sujo. Eu apareci mesmo a tempo de ajudar na limpeza.

— De que raio estão vocês a falar? — exigi saber.

O Nolan olhou para mim.

— Tu saíste hoje de manhã da casa dela, meio nu e com cabelo de quem tinha estado na cama, e não sabes?

— Fala. Já — disparei.

— Já deslixaste as coisas com ela? — perguntou o Knox.

— O que aconteceu com o Dillon? — repeti, ignorando o meu irmão.

— Ele e os amigos estavam a armar-se em desordeiros no Honky Tonk. Irritaram a empregada, a Max, o que, dada a altura do mês, foi bastante estúpido. Depois a Lina chamou-lhe a atenção — explicou o Nolan.

Claro que chamou. Chamaria a atenção de qualquer homem.

— O que aconteceu?

Levei a mão ao telemóvel. Ia localizar o Dillon e dar cabo dele. Depois ia localizar a Lina e gritar com ela durante cerca de uma hora, por não me ter dito que se envolvera com o meu problema.

— Tem lá calma, Romeu. A Fi disse que a Lina esventrou aquele bandalho com palavras. Agora voltemos à razão para estares a sair da casa dela. Ela não

disse nada sobre ti esta manhã, quando me pediu o carro emprestado — disse o Knox.

— Raios me partam. Para que precisou ela do teu carro?

— A Lina estava a aguentar-se — prosseguiu o Nolan. — Mas outro cliente, um tipo alto, interveio quando pareceu que o Dilton podia estar bêbedo de mais para fazer boas escolhas. A tua gerente ameaçou chamar a polícia, e então entrei eu. Portanto, pude acompanhar o cretino até à rua.

— O que é que ele lhe disse?

— Não sei. Ela só referiu que estava armado em parvalhão — disse o Nolan.

— Depois da minha conversa com ele, presumi que fosse bebedeira e misoginia. Eh, vocês acham que eu devia cortar o bigode?

— Sim — disse o Knox. — Dá-me vontade de te pregar um murro.

— Raios. Devia ser o meu símbolo capilar de liberdade. Vocês sabem, divorciar-me, deixar crescer pelos, transformar-me por magia noutra pessoa.

— Eu tenho uma barbearia e uma navalha afiada. É só dizeres.

Deixei os dois entregues aos pelos faciais e afastei-me, já de dedos no telemóvel.

TRINTA

VIGILÂNCIA E DRAMA

Lina

O cheiro a piza entrava pelas janelas abertas do carro do Knox. Eu instalara-me num parque de estacionamento em Arlington. Do outro lado da rua, havia um quarteirão de casas iguais que já tinham visto melhores dias.

Estava à espera do Wendell Baker, ou Tipo Gordinho de Barbicha. Ele era musculoso, branco, de cabelo ralo e trabalhava para a família Hugo; usava demasiadas correntes de ouro e tinha sempre um palito na boca. Segundo as informações questionáveis da Tina, o Baker recebia do Anthony Hugo, mas a sua amizade com o Duncan deixava-o num dilema de lealdades.

As autoridades não tinham conseguido ligar o Baker ao sequestro e ao tiroteio, o que significava que ele era livre para fazer a sua vida. E eu era livre para o seguir... de preferência até um *Porsche 356* descapotável de 1948 em estado impecável.

Até agora, porém, o Baker saíra da cama às onze da manhã, comprara um «grande» no Burritos to Go, e a seguir tinha feito à namorada do irmão uma visita que implicava abrir a braguilha no alpendre antes mesmo de ela abrir a porta.

Um tipo com classe.

O meu telemóvel voltou a tocar.

— A sério, pessoal? Quando foi que eu me tornei tão popular?

Já tinha recebido chamadas da minha mãe, sobre o presente de aniversário do meu pai; do Stef, a perguntar se eu tencionava ir suar com os velhotes no ginásio nessa semana; e da Sloane, que me obrigara a voluntariar-me para uma coisa chamada «Leitura ou Doçura» na noite seguinte, na biblioteca. Para não falar na mensagem de texto da Naomi, dizendo-me que dera o meu número à

Fi e que esperava que não houvesse problema. A isso seguiu-se uma mensagem de grupo da Fi, da Max e da Silver, do Honky Tonk, a recapitularem as melhores versões ficcionais do meu recontro com o Tate Dillon.

Pelos vistos, eu tinha-lhe partido uma garrafa na cabeça e a seguir empurrara-o para uma vasilha de óleo de fritar. Ninguém sabia bem de onde aparecera a vasilha de óleo, mas todos concordavam que tinha sido hilariante vê-lo a arrastar-se para fora do bar como um caracol humano.

Foi aí que vi a identificação da chamada.

Quase a deixei ir para o *voicemail*, mas decidi que isso seria uma cobardia.

— Presumo que conseguiste sair do meu apartamento — disse, à laia de saudação.

— Por que diabo fiquei a saber de ti e do Dillon por um *marshal* e pelo cretino do meu irmão, e não por ti? — exigiu saber o Nash.

— Em primeiro lugar, gostaria de uma prova de que saíste da minha casa. Em segundo, quando foi que tivemos tempo para conversar ontem à noite? Em terceiro, e isto é o mais importante, portanto, presta atenção, o que tens tu que ver com isso?

— Passámos a noite juntos, Angelina. — A sua voz acentuou gravemente o meu nome, e eu fiz questão de ignorar o arrepio delicioso que me subiu pela espinha. — Houve muito tempo para dizeres: «Eh, Nash. Fui assediada em público pelo bandalho que tu suspendeste.»

A sua imitação de mim era péssima.

— E depois? Tu terias dito «Não te preocupes, pequenina. Eu vou certificar-me de que nunca fiques sozinha e à mercê do grande lobo mau e bêbedo»? Além disso, não me lembro de o facto de teres aparecido à minha porta em pleno ataque de pânico ter promovido um ambiente propício à conversa.

— O Dillon é um problema meu, não teu. Se ele tentar tornar-se teu, eu preciso de saber.

Aquilo, pelo menos, fazia sentido.

— Está bem.

A minha anuência calou-o temporariamente.

— Bom, está bem. Ouvi dizer que ele te abordou e que tu o atiraste por uma vidraça — disse ele, parecendo divertido.

Aquela fez-me fungar de riso.

— A sério? É que eu ouvi que o tinha mergulhado numa vasilha de óleo de fritar.

— Mas o que me interessa mais é o facto de ele te ter abordado e ter começado a disparatar. Porquê e sobre quê?

— Fiz contacto visual com ele. Estava bêbedo, barulhento e agressivo, portanto eu olhei para ele até ele ter olhado para mim.

— Preciso de te lembrar que um grande poder feminino implica uma grande responsabilidade feminina?

Revirei os olhos.

— Eu não estava a tentar transformar-me num alvo nem arranjar merda, chefe. Apenas tentava desviá-lo de provocar as empregadas. Não tenho dúvidas de que a Max o fritaria como uma batata ontem à noite.

— Continua a não me agradar, mas aceito.

— Que generoso da tua parte.

— Conta-me o que ele te disse.

— Perguntou se eu era a tua gaja e a seguir deu-me um recado para ti. Disse que estava na hora de te amansarem. Eu, claro, insultei a inteligência dele.

— Claro — disse o Nash, secamente.

— Depois tentou fingir que era polícia e que me levaria para a esquadra até eu aprender bons modos. Posso ter referido que sabia que ele já não tinha crachá, e perguntei-me como é tu reagirias se soubesses que ele andava a fazer-se passar por polícia. Depois ele insultou-me a mim e às mulheres de Knockemout e, logo quando as coisas começavam a ficar interessantes, um assistente e o Nolan intervieram. — Houve um silêncio pétreo do lado do Nash. — Ainda estás aí, valentão?

— Estou — disse ele, por fim.

Eu não sabia que era possível carregar duas meras sílabas com tanta raiva.

Recostei a cabeça no assento.

— Não houve crise, Nash. Ele nunca ia passar à ação física. Não ali, nem comigo. Estava bêbedo e estúpido, mas não suficientemente bêbedo e estúpido para se esquecer de que uma alteração física com uma mulher num local público seria o seu fim. — Seguiu-se mais silêncio. — Nash? Estás neste momento a esfregar aquele ponto entre as sobrancelhas?

— Não — mentiu ele, parecendo algo envergonhado.

— É a tua denúncia. Devias tratar disso.

— Angelina?

— Sim.

— O que eu disse foi a sério. O Dilton é um problema meu. Se tentar voltar a contactar-te, preciso de saber.

— Certo — disse eu, mansamente.

— Ótimo.

— Como te sentes? Não é que me interesse.

— Melhor. Em forma. Deixei o Knox a um canto no Dia das Profissões — gabou-se ele.

— Literal ou metaforicamente? É que, com vocês os dois, nunca se sabe.

— Um pouco de ambas as coisas. Tu dormiste bem?

Eu dormira ferrada. Tal como acontecia sempre que estava na cama com o Nash.

— Sim — disse, sem querer dizer-lhe mais.

— O que é que aquele curso de psicologia diz sobre uma miúda que não gosta de ser tocada, exceto pelo tipo que está constantemente a irritá-la?

— Diz que ela tem graves questões emocionais que precisam de ser tratadas.

O seu riso foi suave.

— Almoça comigo, Angel.

Suspirei.

— Não posso.

— Não podes ou não queres?

— Sobretudo, não posso. Não estou na cidade.

— Onde é que estás?

— Em Arlington.

— Porquê?

Eu não ia naquele tom de «vá lá, podes contar-me tudo». Mas também não tinha nada a esconder.

— Estou à espera do Wendell Baker — disse-lhe.

— Estás a fazer o quê?! — Ele voltara a usar a sua voz de polícia.

— Não sejas dramático. Sabes o que quero dizer e quem ele é.

— Estás a vigiar um gorila de uma família do crime organizado? — perguntou ele.

E ali estava ele, o chatarrão da porta ao lado, zangado e superprotetor sem qualquer razão.

— Não vou pedir-te autorização, Nash.

— Ótimo. É que eu não ia dar-ta de certeza.

— És exasperante, e eu quero sair deste carrossel.

— Convince-me de que isso é boa ideia.

— Não tenho de o fazer. É o meu trabalho. A minha vida — insisti.

— Está bem. Vou aparecer aí com luzes e sirenes.

— Céus, Nash! Eu dou formação em estratégias de vigilância. Sou excelente nisto. Não preciso de justificar o que faço perante ti.

— É perigoso — contrapôs ele.

— Devo lembrar-te que foste tu o alvejado em serviço? — Houve um ruído do outro lado da chamada. — Acabaste de me rosnar?

— Merda — resmoneou ele. — Não sei. Porra, cada dia contigo é uma surpresa.

Senti um bocadinho de nada de pena dele.

— Ouve, com a atenção que os *feds* puseram nas atividades do Anthony Hugo, ninguém está a fazer nada. Estou há dias a vigiar estes dois tipos. Não fazem nada senão comer, fazer sexo com mulheres que deviam ter juízo e ir ao ginásio. Talvez ir a um clube de *strip*. Não espero apanhá-los a cometerem um crime. Só preciso que um deles me leve a um armazém. Mesmo que o Duncan já esteja longe, o carro pode ainda estar aqui.

— Continuo a não conseguir acreditar que estejas a fazer tudo isto por um raio de um carro.

— Não é um raio de um carro qualquer. É um *Porsche 356* descapotável de 1948.

— Está bem. Tudo isto por um carro pequeno e velho.

— Este carro pequeno e velho vale mais de meio milhão de dólares. E, tal como em tudo o resto que nós seguramos, o valor em dinheiro é só um fator. O valor sentimental é outro assunto totalmente diferente. Este carro faz parte da história de uma família. As últimas três gerações casaram-se e partiram neste carro. Há um frasco com as cinzas do avô deles no porta-bagagem.

— Merda. Está bem. Raios. Quero que me dês notícias de meia em meia hora. Se te atrasares nem que seja por um minuto, vou aparecer e dar-te cabo

do disfarce tão depressa que vais ficar com a cabeça às voltas.

— Eu não tenho de aceitar nada disso — observei. — Continuas a agir como se estivéssemos numa relação, quando claramente não estamos.

— Querida, ambos sabemos que há aqui alguma coisa, mesmo que tenhas medo de reconhecer isso.

— Medo? Pensas que eu tenho medo?

— Penso que te ponho a tremer nessas tuas botas *sexy* de salto alto.

Não se enganava, o que me irritou ainda mais.

— Pões. A tremer de raiva. Obrigada por me fazeres arrepender de ter atendido o telemóvel.

— Quero uma mensagem a cada trinta minutos.

— O que é que eu ganho com este acordo?

— Vou rever todos os ficheiros da cena do crime no armazém. Verei se há alguma coisa nos ficheiros que possa levar ao raio do carro.

— A sério?

— Sim, a sério. Logo à noite, ao jantar, dou-te o que tiver encontrado.

Era como estarmos presos num número de dança. Dois passos para a frente, dois passos para trás. Juntarmo-nos. Irritarmo-nos. Enxaguar. Repetir. Mais tarde ou mais cedo, um de nós teria de pôr fim à dança.

— Não me agrada que penses que não sei fazer o meu trabalho.

— Angel, eu sei que és muito boa no teu trabalho. Sei que te aguentas melhor do que a maioria. Mas alguém acabará por se esgueirar por entre essas defesas. E, no teu tipo de trabalho, as consequências são muito mais sérias.

— Tenho de desligar.

— A cada trinta minutos. Jantar logo à noite — disse ele.

— Está bem. Mas é bom que me leves informações úteis, e espero que a comida seja boa.

— Não te envolvas. Não faças nada que chame as atenções para ti — advertiu.

— Não sou uma amadora, Nash. Agora deixa-me em paz.



— «Não faças nada que chame as atenções para ti» — disse eu, a imitar o Nash.

Estava no mesmo sítio, só uma hora mais chateada e desconfortável. Tinha enviado duas vezes ao homem a estúpida prova de vida que ele me exigira: *selfies* com o dedo do meio. Ele respondera com fotografias da *Piper*.

O Baker não voltara a mostrar a cara. E eu tinha o rabo dormente.

Pensei na posição que ia abrir no departamento de Valores Financeiros da companhia. Maiores riscos, maiores recompensas, maior excitação. Mas queria *mesmo* dedicar o resto da minha vida ativa à busca da excitação? Por outro lado, a ideia de trabalho de supervisão dava-me arrepios. Aquelas pessoas todas para gerir? Uf!

Mas que mais poderia eu fazer? Em que mais seria eu boa?

Eram perguntas que teriam de esperar por outro dia, porque um homem vestido de couro e ganga, com um ramo de flores comprado no supermercado, dirigiu-se ao alpendre da casa como se fosse dono dela.

Pelos vistos, era, porque puxou de uma chave e abriu a porta da frente.

Eu endireitei-me no assento e agarrei no binóculo enquanto o irmão do Wendell Baker se dirigia para o interior.

— Oh, merda. Isto não é bom.

A gritaria começou pouco depois.

O irmão saiu da casa... pela janela da frente... que estava fechada.

— Merda — gemi, e peguei no telemóvel, enquanto os vidros se despedaçavam.

Completamente nu, o Wendell Baker saiu pela porta da frente. Uma mulher, vestindo apenas uma *T-shirt* de uma banda de *rock*, apareceu atrás dele e começou aos gritos. O irmão de couro e ganga pôs-se de pé a tempo de levar um gancho de direita no queixo.

— 112. Qual é a urgência?

— Fala Lina Solavita. Sou inspetora da Pritzger Insurance. Está um homem nu a agredir uma pessoa no passeio. — Dei a morada à operadora e, enquanto ela a repetia, a mulher saltou o parapeito para as costas do Baker e rodeou-lhe a garganta com um braço. Ele inclinou-se para a frente, tentando desalojar a sua atacante, o que, infelizmente, me proporcionou um lugar de primeira fila para o espetáculo dos rabos de ambos.

— Agora está uma mulher a agredir o homem nu.

— Tenho duas unidades na área a responderem — disse a operadora. — A

mulher também está nua?

— Tem uma *T-shirt* dos Whitesnake e nada mais.

— Ah. Boa banda.

O irmão voltou a levantar-se e investiu com o ombro contra o estômago do Baker, fazendo-o recuar para os degraus de cimento. Pensei no maxilar marcado do Nash, e no olho negro do Knox, e perguntei-me se todos os irmãos lutavam assim.

— Alguém tem armas? — perguntou a operadora.

— Que eu veja, não. O tipo nu não veio armado de certeza.

Os irmãos separaram-se, e a mulher dos Whitesnake deslizou das costas do Baker. O irmão levou a mão atrás das costas e retirou uma grande navalha.

— Merda — resmoneei. — Agora entrou uma navalha em cena. — Naquele momento, dois miúdos saíram da casa ao lado e imobilizaram-se, fascinados pela cena. — E agora estão dois miúdos a assistir.

— Os agentes vão a caminho. Estão a dois minutos.

Alguém podia fazer muitos buracos em dois minutos.

O irmão avançou de um salto e fez um movimento amador de rasgar o ar.

As palavras do Nash voltaram a ecoar-me na cabeça. Mas era não fazer nada ou deixar dois idiotas matarem-se à frente de crianças.

Atirei o meu telemóvel para o assento, abri a porta e carreguei na buzina.

Quando consegui a atenção deles, pus-me de pé no estribo e gritei:

— A bófia já aí vem!

Os dois irmãos começaram a correr para mim.

— A sério? — resmoneei. — Porque é que os criminosos são tão estúpidos?

Voltei a tocar a buzina; eles estavam a atravessar a rua, quando finalmente ouvi o som distante das sirenes.

Eles pararam no meio da rua, a discutirem se tinham tempo suficiente para me apanhar.

Ouvi o guinchar de pneus atrás de mim. Uma carrinha branca fechada parou atrás do carro do Knox, e a porta abriu-se, deslizante.

Um homem com uma máscara de esqui saltou para fora, agarrou-me pelo pulso e arrastou-me para a carrinha.

Os irmãos corriam agora na nossa direção.

— Entra — disse o Máscara de Esqui, retirando uma arma do cóis das calças.

Mas não a apontou para mim. Apontou-a na direção dos irmãos, que avançavam.

— Hum. Está bem.

TRINTA E UM DESEJA AROS DE CEBOLA?

Lina

— Vocês não me agarraram só para me matarem, pois não? — perguntei aos ocupantes da carrinha. — É que podiam ter deixado o trabalho sujo para aqueles tipos.

A condutora e o passageiro que me agarrara trocaram um olhar através dos buracos das máscaras de esqui.

— Ninguém vai ser morto — garantiu-me a condutora.

As sirenes tornavam-se cada vez mais altas atrás de nós.

— É melhor segurares-te — sugeriu o passageiro.

Nesse momento, a condutora guinou fortemente para a esquerda, e eu fui parar ao chão.

— Au.

— Peço desculpa. — Para sequestradores, eram bastante bem-educados. — Soubemos que andas a tentar encontrar-te com o Grim — disse a condutora.

— Há problema, ou vocês são o carro de boas-vindas? — perguntei, rebolando até ficar sentada e encaixando-me contra a parede.

A carrinha guinou fortemente para a direita quando a condutora atravessou duas faixas de rodagem para chegar a uma entrada de autoestrada.

— Despistámo-los — disse o passageiro.

Tiraram ambos as máscaras de esqui.

— Esperem. Não querem continuar com isso, para eu não poder identificá-los? Ou estavam a mentir há bocado, quando disseram que não me iam matar?

A condutora era uma mulher com cabelo espesso e natural que se lhe avolumava em redor da cabeça.

— Tem calma — disse ela para o espelho retrovisor. — As máscaras eram

pelas câmaras de segurança, não por ti.

O passageiro, um tipo esguio e tatuado, de cabeça rapada e barba loura, puxou do telemóvel e marcou um número.

— Iô. Quinze minutos.

Desligou, pôs os pés no tabliê e ligou o rádio.

Os Coldplay invadiram o veículo.

Não me levaram para um armazém frio e abandonado nem para uma sede de motoclub encardida. Não. Os meus simpáticos sequestradores levaram-me a um Burger King.

A condutora estacionou num dos lugares, e saíram ambos. Um segundo depois, a porta deslizou, e o tipo fez-me sinal para sair com um arremedo de vénia.

Eu segui-os e fui de imediato acometida por um apetite por aros de cebola.

Passámos pelas caixas, em direção às casas de banho.

A caminho, no último cubículo, encontrava-se o famoso Grim. Estava tatuado dos dedos até ao pescoço. A *T-shirt* cinzenta que vestia parecia ter sido soldada ao tronco. O cabelo grisalho fora penteado para trás, e ele usava óculos escuros, apesar de o dia estar nublado e de estarmos no interior. Picava uma salada com um garfo de plástico.

Apontou com o garfo para o assento em frente dele, e eu sentei-me. Com um aceno de cabeça, os meus simpáticos sequestradores foram dispensados.

— Em que posso ajudá-la, inspetora Solavita? — Tinha uma voz de barítono com folha de lixa.

— Em primeiro lugar, pode dizer-me como me encontrou.

Os seus lábios encurvaram-se, divertidos.

— O meu pessoal limitou-se a trazer a cauda do desfile.

— Qual desfile?

— Estávamos a vigiá-la a si e aos *feds*, enquanto vigiavam os homens do Hugo. Tenho de estar a par do que se passa no meu território.

— Onde estavam os *feds*?

— Instalados numa loja vazia, um quarteirão abaixo.

— E iam simplesmente deixar os irmãos Baker esfaquearem-se na rua?

Ele encolheu os ombros maciços.

— Eu não perco tempo a tentar compreender porque é que a lei faz o que a

lei faz. Estou mais interessado no *seu* interesse no assunto.

— Procuro uma coisa que o Duncan Hugo roubou e que provavelmente guardou aqui perto antes de se pôr ao fresco.

— O *Porsche*. Bela máquina.

— Está bem informado.

— Compensa saber o que se passa no meu quintal.

— Imagino que não saiba dizer-me onde encontrar o carro — supus.

O Grim espetou um tomate com o garfo e comeu-o.

— Não chegou à oficina de desmantelamento dele antes da rusga, e também não apareceu no armazém antes daquela pequena série de sequestros. Não sei onde ele o meteu.

Soltei um suspiro irritado.

— Bom, obrigada pelo seu tempo. Para memória futura, fique sabendo que este rapto podia ter sido uma mensagem ou um *email*.

Ele empurrou o resto da salada até à extremidade da mesa. No espaço de segundos, apareceu um *motard* e levou-a.

— Onde está o divertimento nisso? — perguntou o Grim. — Além disso, tenho uma coisa mais importante do que informações sobre um carro.

— O que é?

— Boatos. Rumores.

— Eu não mergulhei aquele tipo em óleo de fritar. Não sei o que se passa com a fábrica de mexericos daquela cidade, mas as coisas alteram-se muito de uma versão para outra — insisti.

Os lábios dele voltaram a encurvar-se.

— Não estou a falar disso. Estou a falar de o Duncan Hugo ainda andar por aí, a planear uma coisa em grande.

Pestanejei.

— O Hugo ainda cá está? Mas isso seria...

— Estúpido? — completou o Grim. — Não necessariamente. Não, se toda a gente, incluindo o pai dele, pensar que ele fugiu do país. Não, se estiver tão escondido que ninguém o tenha visto desde que escapou daquele armazém.

— Mas porque ficaria? Toda a gente, desde o pai até ao FBI, anda à procura dele.

— Se fosse ele, porque ficaria por aqui?

Eu mordi o lábio e revi os cenários possíveis.

— Ou seria uma idiota e pensaria que tudo ia passar, ou...

— Ou... — repetiu o Grim.

— Oh, merda. Ou veria nisto uma oportunidade de me apoderar do negócio da família. Se conseguisse livrar-me do papá, ocuparia o seu lugar no trono.

O Grim assentiu, aprovador.

— Menina esperta. Ele nem sequer tem de declarar uma guerra para isso. Pode só ficar sossegado e esperar que os *feds* avancem. Tudo o que tem de fazer é atar uma ponta solta aqui e ali.

Senti um buraco na boca do estômago.

— Que tipo de pontas soltas?

— O Nash Morgan.

Merda, merdinha. Baixei o olhar para o meu relógio e estremeci.

— Empresta-me o seu telemóvel?

TRINTA E DOIS

UM AVISO DE CORTESIA

Nash

Apetecia-me esmurrar alguma coisa. Qualquer coisa.

Olhei para a minha direita. O Knox ainda ostentava os vestígios do olho negro que eu lhe fizera. À minha esquerda estava o Lucian, de pernas afastadas e braços cruzados. Em todos os nossos anos de amizade, eu nunca lhe dera um murro. Também nunca o vira fazer uso da violência física. Sabia que ele era capaz disso. Já vira os efeitos. Mas nunca o vira em ação.

Hoje em dia, ele preferia soltar a sua fúria juvenil acumulada de outros modos.

Mas, para mim, eu sabia que só havia um modo de encerrar aquele assunto.

— Lá vêm eles — disse o Knox.

O semicírculo de *motards* grisalhos à nossa frente afastou-se, e uma moto trovejou pelo parque adentro. Reconheci imediatamente o Grim, mas foi a sua passageira que me fez fechar as mãos em punhos.

A moto imobilizou-se mesmo à minha frente. A Lina retirou os braços da cintura do *motard* e balançou uma das pernas num desmonte gracioso.

Ela mal tinha tirado o capacete, e eu já estava a puxá-la para o meu lado, empurrando-a depois para trás de mim.

— Nash...

— Não comeces — ordenei.

O Knox, o Lucian e o Nolan cerraram fileiras e, juntos, formámos um muro entre ela e o Grim. Olhei-o durante longos segundos.

— Dá-me uma razão para não te prender imediatamente — rosnei.

— Para já, salvei a tua miúda de levar uma tareia — disse o Grim, ufano.

À primeira verificação que ela falhara, o Nolan e eu tínhamos ido para o meu

veículo. Ainda nem tínhamos saído do parque de estacionamento, quando o Grave me alertara para a chamada 112 em Arlington. Estava na estrada quando a Lina me ligara... do telemóvel do Grim.

O Knox e o Lucian apareceram na sede do motoclube uns cinco minutos depois de nós.

— Meus senhores, detesto interromper este excitante concurso de olhares — disse a Lina —, mas tenho *mesmo* de fazer chichi, e o Grim tem informações que está generosamente disposto a partilhar.

— Vamos fazer isto lá dentro — disse o Grim. — Menos ele. — Todos os olhares se voltaram para o Nolan. — Já basta um bófia. Não preciso de dois a empestarem-me a casa.

O Nolan não pareceu agradado com a ideia.

— Está tudo bem — garanti-lhe.

— Não faças nenhuma estupidez lá dentro — resmoneou ele. Eu assenti. — Então, meninos e meninas, o que fazemos enquanto esperamos? Afundamos uns cestos? Jogamos ao *Scrabble*? — perguntou o Nolan aos restantes *motards*, enquanto nós seguíamos o Grim para o interior.

O Knox agarrou-me no braço.

— Vê se não te armas em cumpridor da lei ali dentro, está bem? Não queres fazer do Grim um inimigo.

Eu libertei o braço com um sacão.

— Vê se não te armas em parvo ali dentro.

— Portem-se bem, os dois — silvou a Lina.

Peguei-lhe na mão e puxei-a para mim. Ninguém se ia aproximar dela.

Tinha de admitir que aquilo não era o que eu esperava da sede de um motoclube. Em vez de estuque com manchas de fumo e de chão encharcado em cerveja, o interior do edifício térreo e isolado parecia-se mais com um clube e galeria. O chão era de cimento polido. As paredes alternavam entre branco austero e cinzento-escuro, com grandes telas caóticas a fornecerem explosões de cor.

O Grim apontou à Lina a direção da casa de banho, e eu fiquei de guarda à porta enquanto os outros entravam para o que parecia ser uma espécie de sala de reuniões.

Quando a porta da casa de banho se abriu e a Lina apareceu, desencostei-me

da parede.

— Estás bem?

— Estou ótima. Juro. O Grim e os seus lacaios *motards* são bastante simpáticos. E, antes que fales, nada disto foi por minha culpa. — Sempre que olhava para ela, a sua beleza atingia-me como um martelo. Sempre que os meus olhos a encontravam, algo dentro de mim se iluminava. Queria tocar-lhe, fazê-la recuar contra a parede, encurralá-la e passar as mãos por cada centímetro do seu corpo. Mas, se o fizesse, não sabia se teria força para parar. Portanto, mantive-me de mãos caídas. — Nash? — instou ela.

— Eu sei — disse eu.

Ela deteve-se e depois abanou a cabeça, incrédula.

— Tu sabes? Sabes o quê?

Rangi os dentes.

— Que a culpa não foi tua.

— Vou ser sincera: não esperava isso.

— Porra, não quer dizer que eu esteja muito feliz por tu te encontrares naquela situação. Embora isso me dê o direito de dizer «eu bem te avisei». Porque bem te avisei, caraças. E muito menos quer dizer que gostei de não saber o que te tinha acontecido depois de tu teres chamado o 112. E podes apostar todos os teus pares de sapatos caros em como eu fiquei o contrário de contente quando descobri que foste arrancada daquela situação por homens mascarados.

— Por acaso, a condutora era uma mulher — observou ela.

Mas eu ainda não tinha acabado.

— E podes crer que tenho problemas por ver-te apareceres num raio de um motoclube, à pendura na moto de um criminoso declarado.

— Vê o lado bom, valentão. Lembras-te de como detestavas a dormência? Olha para a gama colorida de emoções por que estás a passar agora.

Comecei a esfregar o polegar entre as sobrancelhas, e depois parei.

— Acho que quero voltar à dormência.

— Não, não queres. — O seu sorriso suave desapareceu, e ela ficou séria. — Tens de ouvir bem o Grim. Se eu te liguei, foi por uma razão.

Daquela vez, ela tinha-me ligado. E isso contava para alguma coisa.

— Eu ouço-o, mas não posso garantir que não lhe vá à cara ou que não o

algeme.

— Quer parecer-me que o presidente de um motoclube convidar de livre vontade um agente da autoridade para o seu covil é um acontecimento importante. Talvez seja melhor esqueceres as algemas — sugeriu ela.

Encontrámos os outros naquilo que era de facto uma sala de reuniões, sentados em redor de uma mesa de madeira comprida, de arestas toscas e pernas de metal preto.

O Grim estava sentado à cabeceira, com dois dos seus atrás de si: um tipo branco, baixo e tatuado, de peito encovado, e uma mulher negra, alta e esguia, com unhas vermelho-sangue.

A Lina acenou à mulher, e ela assentiu em resposta.

O Knox e o Lucian estavam sentados a um lado da mesa, à esquerda do Grim. Eu ocupei o lugar à sua direita, e puxei a cadeira do lado para a Lina.

— Vamos lá despachar isto. Não gosto muito de bófias na minha casa — anunciou o Grim.

— Para mim também não é propriamente um piquenique — disse eu.

O Knox revirou os olhos, e a Lina deu-me um pontapé por baixo da mesa.

Eu dei-lhe um apertão de advertência na coxa.

— O que o Nash quer dizer é que agradece o facto de partilhares esta informação — apressou-se ela a dizer.

O Grim grunhiu.

— Que informação tens? — perguntei, num tom um tudo-nada mais cortês.

— O meu clube interessa-se pelas operações do Duncan Hugo desde que ele se separou do negócio da família. Estamos sempre atentos e de olho em tipos imprevisíveis, como aquele patifório — começou o Grim.

— Especialmente depois de ele ter decidido abrir uma oficina de desmantelamento no teu território — observou o Knox.

A oficina original do Hugo fora alvo de uma rusga. Ele montara outra no armazém onde a Naomi e a Waylay tinham sido presas e aterrorizadas. Fora o Grim quem alertara o Knox para o sítio onde elas se encontravam.

Isso, e o facto de a Lina estar ilesa, tinham sido as únicas razões pelas quais o meu punho não se encontrara com a cara daquele homem.

— Foi um fator — admitiu o Grim. — O nosso interesse manteve-se mesmo depois de ele ter desaparecido. E, quando uma certa inspetora de seguros

persistente tornou claro que queria falar sobre o Hugo, o nosso interesse aumentou e começámos a ouvir os rumores.

Eu não tinha paciência para aquele sapateado.

— Quais rumores?

O Grim pousou os cotovelos na mesa e juntou os dedos das mãos.

— O que corre por aí oficialmente é que o Duncan Hugo se pôs ao fresco logo a seguir à merda que aconteceu e comprou um bilhete de ida para o México.

— E o que é que corre não oficialmente? — O Lucian falou pela primeira vez.

— Nunca se foi embora. Escondeu-se e começou a pensar.

— Seria uma jogada muito estúpida da parte dele — disse o Knox.

— Os *feds* continuam à procura dele. Eu tenho um *marshal* a cheirar-me o cu, e o Hugo decide ficar por cá? — instei. — Isso não faz qualquer sentido.

— Faz, se estiver a planear apoderar-se do negócio da família — disse o Grim.

O Lucian e o Knox trocaram olhares.

A mão da Lina encontrou a minha na sua perna e apertou-a.

— Estás a falar de uma guerra no crime organizado. Não se pode levantar um exército sem que ninguém dê à língua. Ninguém faz jogadas tão silenciosas — disse eu.

— Não necessariamente — interpôs a Lina. Todos os olhares se viraram para ela. — O Duncan só precisa de ficar quieto até os *feds* avançarem para o pai dele. Para isso, não precisa de um exército. Só de uns quantos soldados leais para olear a organização durante a transição de poder.

Merda.

— Os *feds* sabem disto? — perguntei.

— Segundo as minhas fontes, têm recebido informações anónimas que os ajudam a solidificar a acusação contra o Anthony Hugo — disse o Lucian.

Eu nem queria pensar em como o Lucian tinha fontes no FBI.

— Essas informações podem estar a surgir diretamente do Duncan — sugeriu a Lina.

— Merda. — O meu irmão passou a mão pela barba. — Então o Duncan dá aos *feds* informações sobre a operação do papá e, quando eles o prenderem,

ocupa o lugar dele?

— É o que parece.

— Porque é que os *feds* não atacam logo os dois bandidos? — perguntou o Knox.

— O Anthony Hugo gere um império criminoso há décadas. Comparado com ele, o filho é peixe miúdo — observou o Grim.

— Ele tentou matar o meu irmão — ladrou o Knox.

— Os *feds* estão sempre a fazer acordos para conseguirem o que querem. Há anos que andam com tesão pelo Hugo pai. Não vão desperdiçar recursos num ladrãozeco de automóveis, especialmente se não for uma boa moeda de troca para eles — disse o Grim.

— Então que diabo devo eu fazer com estas informações? — perguntei.

— Deves proteger a merda do couro — disse o Grim. — Se o Duncan Hugo decidir que quer passar a ser o chefe da família, só tem de atar umas pontas soltas.

A perna da Lina contraiu-se sob a minha mão.

— Que seriam...? — perguntei.

O Grim olhou para mim.

— Tu. — Depois o seu olhar passou para o meu irmão. — E as tuas miúdas. — O Knox rosnou. — É muito difícil elaborar uma acusação se nenhuma das testemunhas puder falar — disse o Grim, sombrio.

TRINTA E TRÊS

LEITURA OU DOÇURA

Lina

Eu: Como está a minha inspetora preferida no mundo?

Zelda: Deixa-me em paz, a menos que tenhas mais alguma coisa sobre o Tipo do Telemóvel Descartável.

Eu: Presumo que ainda não o tenhas encontrado.

Zelda: Até os meus superpoderes têm limites. Sem os registos do telemóvel descartável do Hugo, ou um nome, ou pelo menos uma descrição, o que tenho é uma mão-cheia de nada.

Eu: Define «nadas».

Zelda: Tenho uma lista de 1217 pessoas (856 das quais são homens) associadas a este tipo, seja por via familiar, escolar, desportiva ou sortidas. Isto inclui vizinhos de todas as moradas que descobri dele, empregados de lojas de bebidas de bairro, os empregados do pai (tanto presos como soltos), carteiros etc. A menos que tenhamos maneira de a encurtar, não temos sorte nenhuma.

Zelda: Conseguiste deitar a mão ao relatório da cena do crime? Talvez contenha algo que nos ajude.

Eu: Não. O Nash anda desaparecido desde a visita de ontem ao Mundo das Motos. E agora eu tenho de me ir mascarar de Nancy Drew.

Zelda: Tenho tantas perguntas.



O evento anual da biblioteca, «Leitura ou Doçura», revelou-se um pretexto para Knockemout se reunir para *snacks* de Halloween e bebidas, sem o caos do «doçura ou travessura», que não tardaria a chegar.

Em outubro, a rua em frente à biblioteca era fechada ao trânsito por uma

noite, abrindo espaço para banda, pista de dança, rulotes de comida e, claro, um bar móvel. Os utentes da biblioteca compravam bilhetes para a festa, os comerciantes, atenazados pela Sloane, doavam a comida e as bebidas, e a biblioteca ficava com os lucros.

Infelizmente para mim, os aromas das pipocas com abóbora e canela e da cidra não ajudavam a esquecer a irritação que sentia. Além de ter faltado ao jantar na noite anterior, o Nash não me entregara nada do relatório da cena do crime.

Também não tinha ligado, enviado mensagens, nem sequer batido à minha porta para exigir mais uma noite juntos. Algo que eu recusaria terminantemente.

Segundo os mexericos de Knockemout, ele, o Knox, o Nolan e o Lucian estavam enfiados no covil secreto do Knox.

Isso era extraordinário, porque, até agora, a única pessoa que o Knox deixara entrar em tão sagrado local fora a Naomi.

Claro que a rede de mexericos também tinha teorias sobre a razão de os quatro amigos improváveis se terem isolado. Estas incluíam o descarte secreto de um corpo, um jogo de póquer de vinte e quatro horas com paradas altas ou — a minha preferida — o Knox ter finalmente enfurecido a Naomi por causa dos arranjos florais e estar agora à espera de que a fúria lhe passasse.

Mas eu tinha quase a certeza de que sabia a verdade. Os homens estavam a elaborar estratégias, e tinham-me deixado de fora.

Está bem, sim. Eu preferia fazer as coisas sozinha. E, sim, não adorava integrar uma equipa. Mas já me encontrava envolvida. Era a única que estava a levar a cabo uma investigação ativa. E, ainda assim, aqueles quatro machões merdosos não se tinham lembrado de me incluir.

Percebi que acabara de amarrotar o papel que tinha na mão.

— Ups, aqui tens o teu recibo. Desculpa se o amarrotei. Obrigada pelo donativo — disse, entregando a bola de papel à Stasia. A cabeleireira da Whiskey Clipper acabara de oferecer um saco gigante de livros de capa dura para a recolha de livros da biblioteca.

— Estás bem, Lina? — perguntou ela, enfiando o recibo na mala.

Raios. Precisava mesmo de trabalhar na minha expressão facial.

— Estou ótima — insisti.

— Se estás preocupada com o Knox e companhia, não estejas — disse ela. — Ouvei dizer que eles estão a ter aulas secretas de danças de salão para surpreenderem a Naomi no casamento.

Sorri.

— Sabes o que é que eu ouvi? — Detive-me e olhei para ambos os lados antes de me inclinar sobre a mesa.

A Stasia também se inclinou.

— O quê? — sussurrou.

— Ouvei dizer que estão a coreografar uma dança para uma *flash mob*. Uma coisa que envolve calças com botões laterais.

— Oh. Meu. Deus. Mal posso esperar por este casamento!

Alguns minutos depois, fui substituída nos meus deveres na banca dos donativos pela Doris Bacon, dos *Bacon Stables*, que tinha ido vestida de Encantadora de Cavalos.

Decidi que o meu serviço à comunidade me fizera merecedora de um copo de vinho quente. E, depois de o beber, iria ao escritório do Knox e bateria à porta até os Quatro Asnos do Apocalipse me deixarem entrar.

Tinha acabado de comprar o meu vinho quando uma loura bonita e vagamente familiar se deteve à minha frente.

— Lina? Lina Solavita? Sou a Angie, da secundária.

Angie Levy, a segunda melhor marcadora na minha equipa de futebol e a razão pela qual eu passara a ser tratada por Lina na escola: ter duas Angies na equipa era confuso. Era um génio de Biologia, que conduzia o *Excursion* que tinha sido do pai, no qual levava toda a equipa a comprar gelados. Alimentava-se de *Coca-Cola Light* e de bolachas de manteiga de amendoim.

Estava mais velha, e também mais bonita. O seu cabelo louro, que em tempos fora comprido, tinha agora um corte balouçante pelo pescoço. Usava calças de ganga, uma camisola de caxemira e um gordo diamante na mão esquerda.

— Angie? O que é que fazes aqui? — perguntei, perplexa.

— O meu marido e eu trabalhamos em DC. O que é que tu fazes aqui?

— Estou só... de passagem — disse eu, vagamente.

— Estás com um ar fantástico! — disse ela, abrindo os braços como se estivesse prestes a abraçar-me.

— Obrigada — disse eu, gesticulando com o copo de vinho para evitar o

abraço. — Tu também.

— Não. A sério. Estás maravilhosa. Estonteante, mesmo.

Aquilo vindo de uma rapariga que cancelara o convite permanente para eu ir dormir a sua casa.

— Obrigada — repeti.

Ela abanou a cabeça e sorriu, mostrando aquela covinha há muito esquecida.

— Não me calo. Desculpa. É que pensei tantas vezes em ti, ao longo dos anos.

Não me ocorria uma única razão para isso. Ela e o resto da equipa, o resto dos meus amigos, tinham-me basicamente abandonado.

As válvulas cardíacas com defeito não eram contagiosas, mas, pelos vistos, estar associado a mim era fatal para as reputações adolescentes.

— Mãe! — Um rapaz com um cabelo ruivo de fogo e o casaco manchado de batido lançou-se no meio da nossa conversa. — Mãe!

A Angie revirou os olhos, mas fê-lo com afeição.

— Ei. Lembras-te daquela conversa sobre boas maneiras que tivemos ontem, e anteontem e no dia anterior? — perguntou.

O revirar de olhos do rapaz era uma cópia exata do da mãe. Soltou um suspiro profundo, antes de se virar para mim.

— Olá. Sou o Austin. Peço desculpa por interromper.

— Prazer em conhecer-te, Austin — disse eu, sem conseguir ocultar por completo um sorriso.

— Fixe. — Virou-se de novo para a mãe. — Já posso fazer-te a minha pergunta muito importante e digna de te interromper?

— Dispara — disse a Angie.

Ele respirou fundo.

— OK, o Davy disse que era impossível eu vencê-lo no jogo de setas com balões. É completamente estúpido, porque eu sou muito melhor a atirar coisas do que ele. Só não me saí lá muito bem na primeira ronda, porque ele fez batota e me atingiu na zona das cócegas. Não é justo. Preciso de uma desforra.

— Portanto, precisas de mais do que os dez dólares que te dei no carro com a advertência explícita de não pedires mais, porque eu não te daria nem mais um dólar — resumiu a Angie, lançando-me um olhar divertido.

Ele assentiu, entusiasmado.

— Isso!

— Porque não pediste ao teu pai?

— Ele está a jogar às toupeiras com o Brayden.

A Angie fechou os olhos e a seguir ergueu-os para o céu noturno.

— Foi de mais ter pedido um pouco de estrogénio na minha casa? — perguntou ao universo.

— Mãe — disse o Austin, num lamento desesperado.

— Levaste o lixo para fora ontem à noite?

— Sim.

— Fizeste todos os trabalhos de casa para segunda-feira?

— Hum-hum.

— Estás disposto a tirar as ervas daninhas do canteiro da frente, sem te queixares nem pedires mais dinheiro?

Ele assentiu com mais vigor ainda.

— Até dobro as minhas roupas para a semana.

— Cinco dólares — disse a Angie, retirando a carteira da mala.

— Sim! — O Austin cerrou os punhos, vitorioso.

Ela estendeu a nota, mas recuou quando o filho tentou apanhá-la.

— Calma, campeão. Quando o Davy for atirar a seta, acena e diz «Olá, Erika».

O Austin franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Porque o teu irmão tem um fraquinho por ela e vai ficar distraído. — Voltou a estender a nota de cinco dólares.

Ele arrancou-lhe a nota da mão, de rosto sardento iluminado.

— Obrigado, mãe! És a maior!

Vi-o a correr disparado para a multidão, segurando o dinheiro acima da cabeça, triunfante.

— Desculpa lá isto. Na última década, a minha vida não foi senão interrupções — disse a Angie. — Três rapazes que vão para a cama todas as noites e acordam com as maneiras apagadas da cabeça; portanto, recomeço com bebés selvagens todas as manhãs. Enfim. O que é que eu estava a dizer?

— Eu devia ir andando — disse eu, procurando uma escapatória.

— Ah! Já sei. Estava a dizer que tenho pensado muito em ti.

E voltávamos ao desconforto.

— Ah. Sim. Isso — disse eu.

— Sempre lamentei não ter tentado mais abrir caminho sobre aquelas paredes depois de... tu sabes.

— Da minha paragem cardíaca à frente de metade da cidade? — instei, rápida.

A covinha voltou a aparecer.

— Sim, isso. Enfim, mesmo em pleno narcisismo adolescente, eu sabia que devia ter-me esforçado mais. Devia ter-te obrigado a deixares-me estar lá para ti.

— Obrigares-me? — Os meus ombros contraíram-se. — Ouve, foi há muito tempo, e está superado. Não vou culpar um bando de miúdas adolescentes por não quererem dar-se com a «morta».

— Uh. Se eu fosse a mãe do Wayne Schlocker, aquele miúdo teria ficado de castigo até à faculdade.

O Wayne era um cretino atlético, o deus das raparigas e do futebol americano. Não me surpreendia que a alcunha tivesse sido inventada por ele.

— Sabes que a Cindy o esmurrou no refeitório por isso, não sabes? E a seguir a Regina espremeu-lhe para cima uma garrafa inteira de *ketchup*. Depois disso, toda a equipa passou a chamar-lhe Cacifo de Merda.

— A sério?

— Claro que sim. Tu eras nossa amiga e estavas no hospital. O que aconteceu nunca foi uma piada para nós.

Eu tinha de perguntar. Precisava da resposta para o meu primeiro mistério não resolvido.

— Então porque foi que desapareceram?

A Angie inclinou a cabeça de lado e lançou-me um olhar maternal.

— Não desaparecemos. Pelo menos, não ao princípio. Não te lembras? Íamos todos os dias ao hospital durante a tua recuperação. Ao hospital e depois à tua casa.

Recordava-me vagamente de enxames de adolescentes a chorarem, e depois a rirem, no meu quarto de hospital, e mais tarde na minha casa. Mas os enxames tinham-se tornado cada vez mais pequenos, até ter deixado de haver visitas.

— Sabes que mais? Não é importante. Aconteceu há muito tempo.

— A culpa foi minha. A adolescente que eu era esperava que a adolescente que tu eras recuperasse. Que voltasses ao normal — admitiu a Angie.

Mas o «normal» não estava no meu destino. Pelo menos durante anos.

— Eu também esperava isso — admiti.

— Em vez do «normal» que eu esperava, tu foste para um sítio escuro. Algo que agora, depois do Austin, eu compreendo. Na altura, não. Nem as outras miúdas. E, como não compreendíamos, deixámos-te afastar-nos.

Outra memória emergiu. A Angie e a nossa amiga Cindy, deitadas na minha cama, a folhearem revistas e a discutirem que decote era apropriado para um baile na escola. Eu sentada na janela, com ligaduras no peito, sabendo que, além de não usar decote, não iria ao baile.

Em vez disso, iria viajar para consultar um especialista.

Pior, ninguém sequer me tinha convidado para ir ao baile.

«Céus, é só nisso que pensam, idiotas?», tinha-lhes dito. «Encontros e fita adesiva nas mamas? Fazem ideia de como parecem fúteis?»

Estremeci com a memória há muito enterrada.

Sentira-me abandonada, mas não tinha aceiteado responsabilidades pelo papel que desempenhara. Tinha praticamente expulsado as minhas amigas da minha vida.

— O que aconteceu com o Austin? — perguntei.

— Leucemia — disse ela. — Tinha quatro anos. Agora tem sete, e ainda faz quimioterapia de manutenção. Mas é um miúdo fantástico, menos quando se arma em parvo com os gémeos. Tive um momento de revelação durante um encontro infantil ao qual obrigámos o Austin a ir. O meu marido e eu estávamos a tentar mostrar toda a «normalidade» possível.

— Os meus pais foram pelo caminho oposto — disse eu, amargamente.

— Eu lembro-me. A tua mãe, coitada, enfiava a cabeça no teu quarto de quinze em quinze minutos quando lá estávamos. Na altura, pareceu-me um exagero sufocante. Mas agora? — Expirou. — Não sei como ela conseguia conter-se. Pensei que íamos perdê-lo. E, por alguns minutos, a tua mãe perdeu-te mesmo.

— Bom, ainda bem que o teu filho está melhor — disse eu, muito constrangida.

— Com a ajuda dos seus amigos. Ele e os dois melhores amigos estavam lá

fora a atirar pedras para o riacho. Alguma coisa irritou o Austin, e ele teve uma birra épica. Chamou-lhes nomes. Disse-lhes que já não queria brincar com eles. E sabes o que eles fizeram?

— Começaram a atirar pedras uns aos outros?

A Angie sorriu e abanou a cabeça. Os seus olhos brilharam.

— Aqueles tolinhos abraçaram-no. — Uma lágrima libertou-se e deslizou-lhe pela face. Ela apressou-se a limpá-la. — Disseram que não fazia mal ele não se estar a sentir bem e que continuariam a ser amigos dele, por muito mal que ele se sentisse.

Eu senti picadas nos olhos.

— Porra...

— Uh. Eu sei, não é? Não seria de esperar que miúdos pequenos tivessem mais maturidade emocional do que miúdas adolescentes, mas tiveram. — A Angie limpou mais uma lágrima. — Enfim, foi um ponto de viragem para o Austin. Parou de resistir tanto aos tratamentos. As birras foram rareando cada vez mais. E ele começou de novo a gostar do «normal». Foi aí que percebi como tínhamos falhado naquele ponto de viragem para ti. Não insistimos. Não aceitámos o mau e não tivemos paciência suficiente para esperar o regresso do bom. E, por isso, peço muita desculpa. Não foi justo o que te aconteceu nem o modo como lidámos com isso. Mas, graças a ti, pude ser uma mãe melhor para o meu filho, quando ele mais precisou de mim.

Eu não podia pestanejar porque, se o fizesse, as lágrimas quentes escapariam e dariam cabo do meu *eyeliner* fabuloso.

— Uau — consegui dizer.

A Angie desenterrou um molho de lenços da sua mala de mãe.

— Toma — disse, oferecendo-me metade.

— Obrigada. — Aceitei-os e limpei os olhos.

— Bom, não esperava estar a fazer isto esta noite — disse ela, com um risinho fungado.

— Nem eu. — Assoei o nariz e bebi um gole de vinho.

Um ruivo bem-parecido, com um boné de basebol, aproximou-se.

— Eh, querida, os rapazes convenceram-me a... Oh, merda. — Olhou para a Angie, depois para mim, depois de novo para a Angie. — Isto é um momento de «preciso de um abraço e de álcool imediatamente» ou um momento de «isto

resolve-se com um bolo»?

A Angie soltou um riso húmido.

— Bolo, definitivamente.

— É para já — disse ele, apontando para ela com ambas as mãos. — Amo-te. És linda. E eu e os rapazes somos tão afortunados por te termos.

— Com muito açúcar em pó! — exclamou a Angie, enquanto ele se afastava. Voltou-se de novo para mim. — Era o meu marido. É bestial.

— Calculei.

— Agora posso dar-te um abraço? Ou, sendo mais rigorosa, podes dar-me um abraço? — perguntou ela.

Hesitei por um brevíssimo segundo, e depois decidi:

— Sim.

Abri os braços, e ela pôs-se entre eles. Era estranha a não-estranheza que sentia ao abraçar uma velha amiga que julgara ter perdido. Dezenas de memórias de tempos melhores vieram à superfície, e eu apercebi-me de quão profundamente as enterrara.

— Eh, Lina! Mexe-te e vem para aqui. Precisamos de ti na cabina fotográfica — gritou a Sloane do passeio. Estava vestida de Robin dos Bosques, e a longa pena no seu chapéu de feltro verde já se tinha partido.

— Despacha-te, antes que os meus dedos congelem — chamou a Naomi, agitando um batido alcoólico. Vestira-se de Elizabeth Bennet, de *Orgulho e Preconceito*, com um vestido estilo império com um decote impressionante.

— Ou antes que os rapazes cheguem aqui todos — acrescentou a Sloane.

No momento certo, o Harvey, o *motard*, correu para elas e começou a dançar.

Eu ri-me e soltei a Angie.

— Tenho de ir.

— Sim, eu também. Quem sabe o que os gémeos convenceram o meu marido a fazer.

— Gémeos? Coitadinha — zombei.

— É do pior. Nunca faças isso — brincou ela. — Enfim, vivemos a quarenta e cinco minutos daqui. Achas que podia dar-te o meu número e que podíamos juntar-nos nalgum sítio que não permita crianças?

— Eu gostava.

— É ótimo ver-te. Fico feliz por teres encontrado amigas verdadeiras — disse

a Angie, com um sorriso de mãe orgulhosa.

Trocámos os números e seguimos os nossos caminhos.

Submeti-me a duas séries de poses na cabina fotográfica e provei o batido da Naomi. A Sloane entregou-me uma cópia da revelação, e rimo-nos das figuras captadas.

Amigas verdadeiras. Fora o que a Angie lhes chamara. A Naomi e a Sloane tinham-me aceitado por completo, incluindo as minhas partes menos perfeitas.

Estaria eu ainda a manter as pessoas à distância de um braço? E seria tempo de mudar?

— Devíamos dançar — anunciou a Sloane.

— Não sei se consigo dançar. Esta entretela dificulta a respiração — disse a Naomi, mexendo na estrutura sob as mamas.

Eu senti uma sensação de formigueiro entre as omoplatas. Só havia duas coisas que criavam aquele tipo de reação: sarilhos e o Nash Morgan.

Virei-me e vi o Nash, flanqueado pelo Knox, o Nolan e o Lucian, que se aproximavam como uma equipa de sentinelas estoicas imunes à alegria que os rodeava. Quanto mais eles se aproximavam, mais rápido batia o meu coração.

A Naomi atirou-se para os braços do Knox. Os olhos dele fecharam-se, e ele pressionou o nariz e a boca contra o cabelo dela e inspirou-o. A Sloane olhou para o Lucian como se ele fosse o xerife de Nottingham; depois sorriu e acenou ao Nolan.

Entretanto, eu fingia não notar o olhar do Nash, que me perfurava.

— Tive saudades tuas — disse a Naomi, quando o Knox a soltou. — Está tudo bem?

— Estive só a tratar de negócios. Não queria preocupar-te, Flor — disse o Knox, quase com ternura.

— Não estiveram mesmo a esconder um corpo, pois não? — zombou ela.

— Angelina — disse o Nash, em voz baixa. O seu olhar percorreu-me o corpo. — Estás vestida de quê?

— De Nancy Drew, e tu estás atrasado. — Pus as mãos nas ancas, e estava a tentar decidir se ia gritar com ele ou ignorá-lo, quando o universo me deu uma resposta. A banda lançou-se nas primeiras notas de «That's My Kind of Night», de Luke Bryan, e de repente tudo o que eu queria era afastar-me o mais possível daquele sítio.

— Vamos dançar. — Agarrei a Sloane, que agarrou a Naomi, e lá fomos nós, deixando os homens a olhar-nos.

— Não sei os passos — disse a Naomi.

— É fácil — prometi, arrastando as minhas amigas para o centro da multidão, que dançava e que começava a alinhar-se. — Além disso, com essas mamas, ninguém vai reparar se falhares um passo. É só ires atrás.

Metemo-nos entre o Justice e a Tallulah St. John, à esquerda, e a Fi e o marido, à direita.

Ensanduichando a Naomi entre nós, a Sloane e eu entrámos no ritmo com o resto dos dançarinos.

Eu tinha-me apaixonado pela dança em linha pouco depois dos vinte anos, graças a um bar manhoso perto do *campus*. A música *country* continuava a lembrar-me daqueles anos de liberdade, quando podia ser apenas uma miúda na pista de dança e não um milagre da medicina.

Estávamos rodeadas de ganga, couro e uma variedade de disfarces de Halloween. O bater decidido das botas ecoava no alcatrão. As cores desfocavam-se quando girávamos. Esqueci o Duncan Hugo. O Nash Morgan. O trabalho e o que viria a seguir. Concentrei-me no riso da Naomi e no brilho platinado do rabo de cavalo da Sloane enquanto dançávamos.

Mas havia um limite para quanto tempo conseguia bloquear o mundo real. Especialmente com aqueles olhos azuis fixados em mim.

Sempre que eu girava, o meu olhar era atraído para o Nash e companhia, especados à margem da multidão, de pernas afastadas e braços cruzados. Juntos, formavam uma muralha de masculinidade sensual. Devia ser contra as leis da Natureza permitir que tantos espécimes perfeitos de machos alfa ocupassem o mesmo território.

Estavam todos de caras franzidas.

— Porque estão eles a olhar assim para nós? — queixei-me, por entre o bater das botas.

— Oh, aquela é a cara feliz do Knox — garantiu a Naomi, dando um passo errado antes de corrigir a rota.

A Sloane bateu as palmas em uníssonos com o resto da multidão.

— Aquela é a cara de asno do Lucian.

Os dançarinos aplaudiram quando a canção chegou ao fim. Mas, quando

estávamos a desfazer as fileiras, a canção seguinte começou, e o Justice arrebatou-me, fazendo-me girar para fora e puxando-me para si. Rindo-me, juntei-me a ele num *two-step* até a Tallulah aparecer. O Justice voltou a girar-me para fora e agarrou na mulher. Eu ria à gargalhada, quando um outro par de braços me encontrou. Era a Blaze, um dos elementos do meu casal lésbico *motard* preferido.

Juntas, iniciámos uma dança entusiástica, a cantar em coro com toda a multidão. Quase não ouvi um guincho indignado por cima do refrão. Mas foi impossível ignorar o estridente «Tira daqui as mãos, imbecil». A Blaze e eu detivemo-nos na pista de dança, e eu vislumbrei a Sloane, arreganhando os dentes e debatendo-se contra o abraço de um dos amigos do Tate Dilton.

TRINTA E QUATRO

INEVITÁVEL

Lina

Era um tipo gordo e transpirado, que tinha claramente bebido mais cerveja do que a conta. Também não parecia do género de abrir um livro, e eu era capaz de apostar que tinha invadido a festa.

Abri caminho por entre a multidão.

— Já te disse que me largues! — rosnava a Sloane, quando cheguei junto dela.

— Para onde queres fugir, fofinha? — perguntou o gordo, ostentando um sorriso com um canino de ouro.

Tentou fazer uma espécie de passo de dança, mas só conseguiu torcer o braço à Sloane e derrubar-lhe os óculos da cara.

— Chega. Vai-te embora, micropila — disparei, pondo-me entre eles e soltando o braço da Sloane.

A atenção dele virou-se toda para mim.

— Porque é que não vens aqui senti-lo, querida? — disse, arrastadamente.

Agarrou-me no pulso com força e puxou-o estupidamente para a sua virilha.

— Eu não faria isso, a menos que tenhas dinheiro guardado para uma operação de recuperação de testículos — disse eu, tentando contrariar a trajetória descendente.

— Eh, lá! Gosto delas bravas — disse o Má Escolha Bêbedo, torcendo-me dolorosamente o pulso e descobrindo-se por completo. — Quem é que pensas que és?

Fechei a minha mão livre num punho.

— Já vais ver — disse, tomando balanço. Mas, em vez do encontro satisfatório de punho com cara que esperava, dei por mim liberta das garras

dele e transportada pelo ar, graças ao braço forte que me rodeava a cintura. — Ei! — exclamei.

— Segura-a — foi a ordem concisa do chefe Nash, que me passou ao seu irmão.

— Larga-me! — exigi, debatendo-me contra os braços do Knox.

Na minha raiva, notei que o Lucian agarrava a Sloane da mesma maneira. Os olhos dele disparavam punhais para o Motard Grande Barraca.

— Tratas disto? — perguntou o Knox ao Nash, enquanto me prendia os braços ao longo do corpo antes que eu saltasse de novo para a refrega.

Os Morgans eram teimosos *e* fortes.

— Trato.

O aço na voz do Nash e o gelo ártico nos seus olhos azuis imobilizaram-me. Nunca o tinha visto tão furioso.

Magoado? Sim.

Divertido? Claro.

Encantador? Absolutamente.

Estupidamente teimoso? Mil vezes sim.

Mas aquela máscara gélida de raiva era nova.

Havia com certeza algo errado comigo, porque, só de olhar para a sua cara, fiquei excitada.

Excitada do tipo «deem à moça outro par de cuecas».

Debati-me uma última vez, mas a força do Knox era inquebrantável.

— Eu queria dar-lhe um murro — gemi.

— Tira uma senha, Leens — disse o Knox.

Apercebi-me de que havia uma fila. O Nash era o primeiro. Depois o Nolan, seguido pelo Lucian — ainda a segurar a Sloane. O Knox e eu estávamos na cauda.

— Estás preso. — A voz do Nash emanava autoridade.

— Preso? Teria sido muito mais satisfatório eu ir-lhe às fuças — queixei-me.

— Tem paciência — disse o Knox.

A Sloane debatia-se contra a força do Lucian.

— Se não me tiras as mãos de cima, eu...

— Tu o quê? — interrompeu-a o Lucian. — Dás-me uma canelada e chamas-me nomes?

Ela rosnou em resposta.

— Talvez possas passar a Sloane ao Graham? — sugeriu o Knox, atrasado.

— Não — respondeu o Lucian, com a voz mais fria do que um icebergue.

— Não pode prender-me! Eu não fiz nada! — ganiu o Bafo d'Álcool.

A Naomi surgiu junto de nós, com um saco de pipocas na mão.

— Acho que já podes largá-la, Viqingue — disse ela.

— Flor, eu sei que achas isso. Mas já passei por umas brigas de bar com a Lina Durona. Se eu a largar, ela vai começar a partir caras.

— Oh, vá lá! Uma vez! — exclamei, retomando os meus esforços.

— Duas vezes — argumentou ele, fechando mais os braços à minha volta. — Estás a esquecer-te do nariz daquele cretino em Pittsburgh.

Eu tinha espaço suficiente para lhe dar uma cotovelada no estômago. Infelizmente, os seus abdominais de pedra danificaram mais o meu cotovelo do que o contrário. O que tinham os músculos dos homens daquela cidade?

— Au! Raios! Tu é que o atiraste por uma montra!

— Porra, vê se te acalmas, Lina — rosnou ele.

— Querido, tu sabes que isso não funciona com as mulheres, não sabes? — disse a Naomi, retirando uma mão-cheia de pipocas.

— Knox, se não me largares, vou começar pela tua cara — adverti.

— Puseste as mãos em duas mulheres que deixaram bem claro que não as queriam nelas — dizia o Nash na cara ilesa do *motard*. — Estás preso.

— Que problema é que temos aqui?

— Merda — resmoneou o Knox, quando o Dilton interveio na situação.

— Pois, acho melhor que me soltes — silvei.

— Eu trato disto — disse o Nolan por cima do ombro.

— Isto não tem nada que ver contigo, Dilton — disse o Nash, cuja voz ressoava com autoridade.

O Dilton arreganhou os dentes.

— Quer-me parecer que isto é um abuso de autoridade. Alguém tem de defender o que está certo.

— Tens a certeza de que sabes o que é isso? — perguntou o Nash.

— Cá vamos nós — resmoneou o Knox. Ergueu-me no ar e passou-me ao Harvey, o *motard* gigante com braços do tamanho da minha cabeça. — Segura nisto.

— Com certeza, Knox. Que tal vai isso, Lina? — perguntou o Harvey, enrolando os seus pitões tatuados à minha volta.

Consegui dar um pontapé no cu ao Knox enquanto ele se afastava, mas foi uma coisa ao de leve e pouco fez para me amansar.

O Lucian depositou a Sloane ao lado da Naomi.

— Se saíres daqui, temos problemas — avisou, agigantando-se para ela e espetando-lhe um dedo na cara.

— Vai-te lixar, Lúcifer!

O Knox e o Lucian assumiram as suas posições ao lado do Nash e do Nolan.

— Quer-me parecer que o único a ser investigado por abuso de autoridade és tu, monte de estrume — disse alguém da multidão ao Dillon.

— Cala-me essa boca mentirosa, ou quem a vai calar serei eu — rugiu ele.

Estava bêbedo, o que o tornava muito mais perigoso. Vi que o sargento Hopper e outro agente se aproximavam de nós, na segunda linha de defesa, prontos para intervirem se fosse necessário. Percebi que não teria hipótese de me vingar nem a mim nem à Sloane, e amoleci contra o corpo do Harvey.

Ele soltou-me e depois deu-me uma palmadinha na cabeça, antes de se juntar ao Hopper.

Irritada, eu juntei-me à Naomi e à Sloane. Tínhamos a vista impedida pelo anel de cidadãos de Knockemout que apoiavam o Nash.

— Venham — disse eu, divisando uma mesa de piquenique vazia.

— Mas o Lucian disse à Sloane que não saísse daqui — disse a Naomi, erguendo a bainha do vestido.

— Eu quero que o Lucian se foda — disse a Sloane, e seguiu-me.

Subimos as três para a mesa.

— Acho que ele gostaria mais de te foder a ti — presumi.

Ela ignorou o meu comentário e estreitou os olhos para a multidão.

— Só consigo ver manchas irritadas.

— Vamos recuperar os teus óculos assim que o Nash matar estes tipos com conversa — prometi.

A Naomi abanou a cabeça.

— Oh, ele não vai matá-los com conversa. Vai embalá-los com uma falsa sensação de complacência. Observem.

— Tate? — Uma loura bonita, na orla da multidão, torcia as mãos.

— Volta para o carro, Melissa — disparou o Dilton.

— A minha mãe ligou. O Ricky está com febre...

— Vai para o carro, porra!

A mulher afastou-se, apressada, desaparecendo na multidão.

— Estás preso, Williams — disse o Nash ao tipo que tinha agarrado a Sloane.

— Tens direito a um advogado.

Mas o Nash não estava a sacar das algemas e também não estava a tomar uma posição defensiva. Do meu lugar, vi o Williams a preparar-se para fazer uma coisa muito estúpida. Esperou até o Nash quase acabar de lhe recitar os direitos, antes de avançar.

Vi, em câmara lenta, o punho do homem atingir o rosto do Nash. Uma exclamação muito feminina escapou-me, quando a cabeça dele foi atirada para trás com a força do golpe. Mas não cambaleou nem ergueu as mãos para se defender.

Fiz tenção de saltar da mesa, mas a Naomi impediu-me.

— Que diabo está ele a fazer? — silvei. — O Nash deixou aquele tipo bater-lhe.

— É deliberado — disse a Naomi. — Se ele for agredido primeiro, é legítima defesa e, segundo o Lucian, os custos do processo são mais baixos.

— Além disso, isto conta como resistência à detenção — acrescentou a Sloane.

— Ora, quer-me parecer que o Bronte Williams atacou um agente da autoridade e resistiu à detenção! — gritou o Harvey, com as mãos em concha.

— Foi o que eu vi — confirmou uma mulher vestida de flanela.

— Eu também.

— Sinto-me inseguro com esta atividade criminosa a desenrolar-se à minha frente. É possível que tenha de me defender.

Um coro de aprovação espalhou-se pela assistência.

— Tiveste o teu momento. Agora, ou te viras e pões as mãos atrás das costas ou repetes a graça — disse o Nash ao Williams.

O Williams e o Dilton trocaram um olhar, e a seguir atacaram em simultâneo. O Williams tentou voltar a agredir o Nash e deu por si a levar em cheio na cara com o punho irado do chefe da polícia. Tombou como uma bigorna. Não balançou. Não tropeçou. Um murro, e tombou para trás,

inconsciente antes de chegar ao chão. Foi lindo.

— Sim! — gritei eu, erguendo um braço vitorioso.

O punho do Dilton chocou com o maxilar do Nolan. Este cuspiu e a seguir sorriu, erguendo os punhos.

— O que se passa? O gordalhufo esmurrou o Nash? Onde estão os outros dois? — quis saber a Sloane.

A Naomi fez o relato à Sloane, enquanto o Nolan aplicava uma combinação de socos à cara do Dilton que o pôs a cambalear para trás, tropeçando nos próprios pés. Aterrou de cu e com força, o que suscitou gargalhadas da assistência.

Tudo acabou muito rapidamente.

— Boa malha, Nolan! — gritou a Sloane.

— A violência dá-te vontade de quebrares a tua regra dos três encontros? — brincou a Naomi.

Em menos de nada, o Hopper e o outro agente estavam a enfiar os dois imbecis ensanguentados e algemados no banco de trás de um carro-patrulha. O Williams estava um pouco grogue, devido à viagem recente à terra dos sonhos, e eu senti uma pontada de vingança quando o Dilton uivou de dor ao pousar o rabo no banco.

Notei que o Lucian tinha parado no meio da rua para apanhar algo do chão. Estudou-o, e a seguir meteu-o no bolso. Os seus olhos percorreram a multidão, e estreitaram-se quando ele nos detetou em cima da mesa de piquenique.

— Uh-oh — sussurrou a Naomi.

— Uh-oh, o quê? — quis saber a Sloane. — Não vejo um pentelho!

— O Lucian está a vir para aqui — disse eu.

— E parece *danado* — acrescentou a Naomi.

A Sloane fungou.

— Por favor. Ele está sempre assim. É um caso permanente de SPM.

— Oh, não. Tenho de concordar com a Naomi. Ele parece querer matar alguém, e esse alguém pode ser...

— Eu disse-te que ficasses quieta — disparou o Lucian para a Sloane.

— E eu disse que te fosses foder. Pelos vistos, nenhum de nós faz o que lhe dizem — disse ela, gozando a posição elevada em relação a ele.

— Ui, ui — sussurrou a Naomi, inclinando o saco das pipocas na minha

direção.

Tirei uma mão-cheia.

O Lucian levantou os braços, pôs as mãos sob os da Sloane e tirou-a da mesa. Ela guinchou e depois debateu-se enquanto ele a segurava ao nível dos olhos, um segundo antes de a pousar no chão.

— Adoro quando um tipo consegue fazer isto — disse eu.

— Tem mais cuidado — rosnou o Lucian.

O homem era trinta centímetros mais alto do que ela, e usou essa diferença para se agigantar sobre a Sloane.

A Sloane, porém, não fazia tenções de se deixar intimidar.

O fogo ardia-lhe nos olhos, e ela fez-lhe frente.

— Pois. Porque eu dançar é uma provocação. Estava basicamente a *pedir* que um bêbedo idiota me pusesse as mãos em cima.

A Naomi mastigou sonoramente ao meu lado.

— Se queres que eu não me envolva, para de impossibilitar isso — rosnou ele.

— Lê os meus lábios, Lucian: não preciso de ti nem perto da minha vida. Portanto, podes parar de fingir que te importa. Ambos sabemos a verdade.

— Caramba — segredei, servindo-me de mais pipocas da Naomi. — Os olhos dele mudaram de cor e tornaram-se mais perigosos?

— Oh, definitivamente — confirmou a Naomi.

— Ele parece querer arrancar-lhe um naco à dentada — observei.

O facto de nenhum deles estar a retorcer-se no chão, eletrocutado pelas faíscas que ambos disparavam na direção um do outro, era um milagre.

— Eu sei! Não posso acreditar que ainda não tenham arrancado as roupas um ao outro e dado uma queca de ódio.

— Quando isso acontecer, aposto que vai fazer deslocar o eixo da Terra e mandar-nos a todos para o espaço — preconizei.

O Nash desviou a nossa atenção do duelo na mesa de piquenique, batendo as palmas no centro do que fora a pista de dança.

— Muito bem, pessoal. A festa continua. Porque é que estão todos parados?

Fez um sinal impaciente à banda, e esta lançou-se de imediato a «Die a Happy Man», de Thomas Rhett.

O Knox apareceu à nossa frente. Com um puxão à mão da Naomi, fez com

que ela lhe caísse sobre o ombro.

— Vamos, Flor.

Pousou-lhe uma mão no rabo e transportou-a, rindo-se, para a pista de dança.

Outros casais juntaram-se a eles. Estava sozinha na mesa de piquenique, pensando que me apetecia outra bebida, quando alguém me puxou o pulso. O Nash Morgan ergueu o olhar para mim.

— Desce daí — ordenou.

Tinha o olho inchado graças ao punho do Williams e uma gota de sangue seco ao canto da boca. Dois dos seus nós dos dedos estavam abertos e a sangrar. Tinha um aspeto tão heroico que eu ter-me-ia derretido... se o resto dele não fosse tão irritante.

— Estou bem onde...

Ele mexeu-se depressa, para um tipo ainda a recuperar de ter sido baleado. Antes que eu me defendesse, levantou-me da mesa e pousou-me no chão à sua frente.

— Não vou dançar contigo — disse eu, quando as suas mãos pousaram na minha cintura.

— É o mínimo que podes fazer, depois de tantos problemas — disse ele, dando-me outro puxão que levou as minhas ancas a encontrarem-se com as dele.

Os olhos azuis estavam em chamas, e eu receei que as minha cuecas corressem o risco de se incendiarem.

— Tu não pareces querer dançar comigo — disse eu, enquanto os meus braços lhe rodeavam o pescoço.

— O que é que pareço?

— Pareces querer esganar-me.

— Oh, não, Angel. Estava a pensar numa coisa muito pior.

Por uma vez na vida, eu não fazia tenções de espicaçar o urso. Vira demasiado dele, sentira demasiado por ele. Estava à beira de um precipício do qual não queria cair.

Balançámos de um lado para o outro, ao ritmo de tiquetaque da canção, sem nunca quebrarmos o contacto visual. Ele puxava-me mais para si, enquanto eu usava os cotovelos para o afastar, cada um de nós aplicando cada vez mais força.

— Como está a tua cara? — perguntei, enquanto os meus braços começavam a tremer.

— Dói.

— Eu estava a aguentar-me, sabes? Podia ter sido eu a bater-lhe — disse eu, enquanto os meus cotovelos perdiam a batalha e ele me puxava para o seu peito. Mais uma vez, o Nash Morgan aproximara-se mais do que eu queria.

Ele percorreu o contorno da minha orelha com a ponta do nariz.

— Eu sei que podias, querida. Mas eu estava em melhor posição para fazer mais estragos.

— Claramente nunca foste esmurrado por mim.

Balançávamos colados um ao outro. Os meus cotovelos estavam nos seus ombros, as mãos entrelaçadas atrás do seu pescoço.

— O Williams tem um queixo de vidro. Toda a gente sabe isso. Basta um golpe no sítio certo, e ele desmorona-se como um monte de tijolos. Um murro ali depois de ele agredir um agente quando já tinha duas acusações semelhantes, e a situação resolve-se rapidamente.

Afastei-me e ergui o olhar para o seu rosto.

— *OK*. Talvez me sinta um pouco impressionada.

— Com o quê?

— Contigo. Eu estava danada. Só queria fazê-lo sangrar. Mas tu, mesmo alimentado pela fúria, ainda tiveste capacidade para fazer esses cálculos.

— Tinha uma boa razão para proceder do modo certo.

— Qual era?

— Ele tocou-te.

Disse aquilo com tanta simplicidade, como se não estivesse a dizer a verdade com a pancada de um martelo. Como se eu não a sentisse dentro de mim como mil minúsculos choques elétricos. Como se o meu estúpido coração não tivesse caído do meu estúpido peito, indo pousar ao raio dos seus pés.

«Ele tocou-te.»

E, sem mais nem menos, despenhei-me do precipício em queda livre.

Um Robin dos Bosques baixo e louro apareceu ao pé de nós.

— Ei, Lina? Estamos a ficar sem rifas, e eu não vejo nada. Sabes onde...?

— Eu vou buscá-las — ofereci-me, quase saltando dos braços do Nash... para fora do seu campo de gravidade.

Sem esperar uma resposta, precipitei-me para a biblioteca. Lá dentro, pousei a mão no peito e dirigi-me para as escadas. Eu gostava das minhas paredes. Gostava de estar segura atrás delas. Mas o Nash estava a atravessá-las, e isso assustava-me de morte.

Subi as escadas a correr e encontrei o primeiro andar às escuras, mas não quis luz. Não queria ver a verdade do que acontecia. Não era possível que estivesse a ficar caída pelo Nash. Mal o conhecia. Tínhamos tido mais discussões do que conversas civilizadas. Dois passos para a frente. Dois passos para trás.

Nem sequer tínhamos feito sexo.

Dirigia-me para o gabinete do fundo, quando ouvi passos nas escadas atrás de mim, e *soube*.

Era inevitável.

Nós éramos inevitáveis.

Mas isso não significava que eu estivesse pronta para encarar esse facto.

O mais silenciosamente possível, corri para o escritório. Por trás dele, havia uma grande arrecadação onde as rifas estavam guardadas. Onde eu ficaria encurralada.

Ele avançava depressa, e eu tinha de decidir, mas o pânico tornava-me tola. Desviei-me para a pequena sala de descanso do pessoal.

Não tinha dado dois passos dentro da sala quando o Nash me apanhou. Aquelas mãos grandes e ásperas pousaram-me nas ancas, como a reclamar um território.

As minhas costas estavam coladas ao seu tronco, a cada glorioso centímetro dele. E o facto de isso parecer tão certo fez-me perguntar-me porque me tinha dado ao trabalho de fugir.

— Eu vou virar-te, Angel. E, quando o fizer, tu vais parar de fugir, e eu vou parar de combater isto. — O rouquejar da sua voz contra o meu ouvido arrepiava-me a alma. — Compreendes-me? — instou.

Um arrepio subiu-me pela espinha. Compreendia-o tão bem. Tão deleitosamente bem.

Assenti, e, sem hesitação, ele virou-me, e o meu tronco encontrou-se com o seu. Os meus seios estavam esmagados contra o seu peito. A sua ereção pressionava-se contra a minha barriga. As suas coxas eram duras contra as minhas. A única separação era a distância infinitesimal entre as nossas bocas.

O meu mundo estava cheio do Nash. Do seu cheiro limpo, do calor e da dureza do seu corpo. Do campo magnético da sua atenção.

— Vais abrir a tua boca para mim.

— Desculpa? — Queria ser ativa, mas a voz saiu-me ofegante.

Ele baixou a cabeça, puxando-me ainda mais.

— E eu vou beijar-te.

— Não podes estar à espera...

Mas o homem estava à espera. E diabos se não abri a boca no segundo em que os seus lábios tocaram nos meus.

Inevitável.

TRINTA E CINCO

LEVADO AO LIMITE

Nash

Eu não sentia frio por dentro. Agora não. Talvez nunca mais. Era um inferno de raiva, frustração, carência. Ela tinha a chave para tudo o que eu queria, e eu esperara toda a vida para lhe aceder.

Esmaguei a minha boca contra a dela. Quente. Molhada. Não era um beijo, era um ato de desespero. Aqueles lábios suaves que me torturavam havia semanas já estavam abertos, e eu inspirei a pequena exclamação *sexy* que ela soltou quando a fiz recuar contra a parede.

Saqueei e tomei. Castiguei-a com a minha língua. E, quando ela se rendeu a mim, senti o poder percorrer-me as veias.

Consegui arrancar a boca da sua por uma fração de segundo.

— Estou a magoar-te?

— Não me trates como se fosse frágil — rouquejou ela, um segundo antes de os seus dentes se enterrarem no meu lábio inferior.

O meu sangue ferveu. O meu corpo rugiu de vida com uma necessidade inigualável. Não sabia se conseguiria sobreviver àquilo, nem me importava.

Pelo menos desta vez, a sobrevivência era uma opção.

Devorámo-nos mutuamente, inspirámo-nos, depois mergulhámos uma e outra vez.

As minhas mãos percorreram-lhe as ancas, a cintura, antes de abrirem caminho até à terra prometida.

O latejar do meu sexo tornou-se doloroso quando enchi as minhas mãos com os seus seios. Carne macia e convidativa. Sob o *top*, os mamilos estavam duros como pedras contra as minhas mãos ásperas.

O seu gemido tornou-se débil com o toque. O ruído, o estremecimento que a

percorria, a sensação daqueles bicos que apelavam por mais puseram-me fora de mim. Eram as minhas mãos que ela queria no seu corpo. Não as de mais ninguém. Havia poder ali. E gratidão.

A Lina puxou-me com força a fivela do cinto. O assobio do couro contra o metal fez-me desesperar por mais e lembrou-me do que o «mais» significava.

— Espera. — Agarrei-lhe os dedos na minha braguilha.

— O que é? — sussurrou ela, com o seio ofegante contra a minha outra mão.

— Preciso que isto seja bom. Preciso que te sintas bem.

— Acho que não tens nada com que te preocupar.

Abanei a cabeça e tentei articular as palavras.

— Eu não... desde. Não sei se consigo... e preciso mesmo de que isto seja bom para ti.

Aquele rosto adorável suavizou-se nas sombras. Não com pena, mas com doçura. Envolveu-me o queixo com uma mão.

— Acredita, valentão. Já fizeste com que fosse bom para mim.

— Angelina, estou a falar a sério.

— Também eu. — Olhou-me intensamente. Depois estremeceu. — Raios. Vais obrigar-me a contar, não vais?

— Contar o quê? — Era-me difícil concentrar-me, com os dedos dela a centímetros do meu sexo em sofrimento.

— Oh, meu Deus. Tu já me fizeste vir. *OK?* — Fechou os olhos com força, enquanto as palavras saíam em catadupa.

Quando eu não disse nada, abriu um deles.

— Querida, tenho a certeza de que me lembraria.

— Não se estivesse ferrado a dormir. Da primeira vez que dormimos juntos? Quando acordámos praticamente a comer-nos?

Segurei-me ao seu olhar. Aquelas palavras eram como tábuas de salvação.

Ela revirou os olhos.

— Por amor de Deus. Eu vim-me. *OK?* Por acidente. A minha *T-shirt* estava toda arregaçada, e tu estavas duro e no sítio certo. Bastou mexeres as ancas, e...

— E o quê?

— Eu... desfiz-me toda.

C'um caraças.

Não precisei de ouvir mais nada. Pus-lhe as mãos debaixo dos braços e ergui-

a. Ela soltou um risinho nervoso quando a pousei na bancada; depois rodeou-me a cintura com aquelas pernas longas e esguias e cruzou os tornozelos nas minhas costas.

Puxei os botões da sua camisa até os abrir, enquanto ela finalmente me abria a braguilha.

O mundo parou quando aqueles dedos firmes e finos encontraram o meu sexo.

— Céus. Estava há tanto tempo à espera disto — disse ela, num gemido.

Também eu. Toda a minha vida.

O meu maxilar contraiu-se, e a respiração prendeu-se-me no peito. A subida e descida daqueles seios altivos e cheios era hipnotizante. Queria provar, chupar. Queria esquecer tudo aquilo que era e tomar o que ela me oferecia.

Ela apertou-me mais o sexo, e uma névoa começou a invadir os rebordos da minha visão. Desejo. Apetite. Necessidade. Pulsavam-me no sexo sob a sua mão a um ritmo frenético. Algo se cravava no meu peito, implorando liberdade, e eu apercebi-me de que era a respiração que eu tinha estado a conter.

Ela transformou-me em algo primitivo, um animal guiado pela necessidade de acasalar. Depois de tanto aturdimento, aquela vaga de emoção assustava-me de morte. Ao mesmo tempo, só queria mergulhar nela de cabeça. Mas tinha de ter cuidado com a Lina.

Ela segurou-me a cara com a mão livre.

— Nash, olha para mim. — Os seus olhos estavam vidrados de desejo. Os lábios estavam inchados e abertos, e ela ofegava em respirações curtas e fortes.

— Eu agora não quero o tipo bom e delicado. Quero o que tu tens dentro de ti.

Valha-me Deus. Eu queria dar-lho. Queria cortar-me e abrir-me, e deixar a dor e o frio saírem, para que ela pudesse encher-me com fogo e tornar-me de novo inteiro.

— Não é bonito — adverti, mordiscando-lhe a base da garganta.

Ela apertou as coxas em redor das minhas ancas.

— Eu não tenho medo de te partir, valentão. Faz-me o mesmo favor.

Depois disso, avancei, metendo um mamilo escuro na boca e fazendo subir a mão por baixo da sua saia de xadrez curta.

Céus. Não eram *collants*. Eram meias altas. Não havia nada entre os meus dedos e o seu âmago derretido exceto um par de cuecas sedosas. Compensei-nos a ambos chupando longa e duramente, e o seu mamilo inchou na minha boca.

Ela soltou um gemido que fez com que a humidade transbordasse do meu sexo, molhando-lhe os dedos. Ia perder o controlo. A minha primeira vez de regresso à ação, e ia vir-me ainda antes de começarmos.

Soltei-lhe o seio e afastei-me para poder olhar para ela, absorvê-la.

Ela usava uma tanga branca e lisa. Aquela inocência enlouqueceu-me. Fascinado, passei os dedos sobre a mancha molhada e transparente.

— Sim — silvou a Lina, usando os calcanhares para me fazer aproximar até a ponta do meu sexo estar alinhada com a mancha molhada das suas cuecas.

Estremecemos ambos. Uma camada de seda branca era a única barreira entre nós. Levado pela necessidade, puxei o tecido da tanga para cima, de modo que aqueles lábios macios e molhados ficassem de ambos os lados. Depois passei o nó do dedo entre eles.

As pernas dela tiveram um espasmo em meu redor, e a cabeça caiu-lhe para trás, batendo no armário.

Fi-lo uma e outra vez, enquanto baixava a cabeça para lambar o seu outro mamilo arrebitado.

Não me fartava da curva suave e convidativa do seu seio contra o meu maxilar.

Mas estávamos em público.

Qualquer pessoa podia entrar e encontrar-nos assim.

Tínhamos contas para acertar.

No entanto, nada disso importava naquele momento. A única coisa que importava era eu fodê-la até enlouquecermos os dois. De algum modo, eu sabia que, depois de o fazermos, as coisas fariam sentido.

Arrastei a cabeça do meu sexo por entre os lábios do seu. Para cima e para baixo na seda da tanga.

— Oh, meu Deus — entooou ela. — Oh, meu Deus.

As minhas ancas fizeram uma pequena investida, e ambos olhámos para baixo, fascinados pela visão da minha ponta a desaparecer nas pregas dela. A única coisa que me impedia de ir mais fundo era aquela tira de seda branca.

— Nash, preciso de ti — sussurrou a Lina, e agarrou-me pelos ombros, enterrando as unhas.

Eu investi uma e outra vez, esfregando a ponta do meu sexo no dela. Os seios dela balançavam entre cada investida das minhas ancas e extraíram-me mais um jorro de líquido seminal.

— Não te atrevas a vir-te até eu estar dentro de ti — ordenei.

— Então é bom que te despaches — disse ela entre dentes.

Não tinha de me dizer duas vezes. Eu estava mais duro do que alguma vez estivera na vida, quando puxei para o lado a seda molhada da tanga. Nunca tinha querido tanto uma coisa. A minha mão tremeu quando guiei o meu sexo dorido por entre as suas pregas sedosas e encharcadas.

Queria ir devagar, entrar nela com calma, dar a ambos a oportunidade de nos habituarmos ao encaixe. Mas, no momento em que senti o seu calor a sugar-me, todas as boas intenções se desfizeram.

Segurando-a pela nuca e pela anca, carreguei em força.

O seu grito e o meu foram triunfantes. E altos ao ponto de ela me tapar a boca com uma mão.

Os nossos olhares encontraram-se e sustentaram-se. E, no dela, eu vi o meu futuro.

Apertado. Tão apertado que eu mal conseguia ver, respirar. As suas paredes interiores envolviam-me num abraço de morte que parecia um emaranhado de agonia e êxtase. E eu não queria sair nunca.

— Merda! O preservativo! — grunhi contra a palma da sua mão.

Nunca na vida me esquecera da proteção. Os rapazes da Liza J tinham sido bem criados. Podíamos ter desafiado muitas regras, mas sempre fôramos cuidadosos com o que mais importava.

Os músculos da Lina cerraram-se à minha volta, como se ela receasse que eu estivesse prestes a sair, embora não fosse capaz de o fazer nem que a minha vida dependesse disso.

— Achas que te deixava ir tão longe sem preservativo se não estivesse a tomar a pílula? — ofegou.

— De certeza? Estás bem? Estou a magoar-te?

O pulsar do meu sexo tornava-se mais insistente a cada segundo. Os meus testículos estavam tão repuxados que doíam. Mas havia outra coisa ali.

Caramba, algo mágico.

Sentia-me rodeado de calor. Um fogo escorregadio e molhado que me aprisionava. Estava finalmente quente. De uma ponta à outra. Era daquilo que eu precisava. De ser trazido à vida, reanimado. Ela era o relâmpago que cortava o frio e a escuridão. Que limpava o nevoeiro gelado que se agarrara a mim.

A Lina pulsava em meu redor, um lembrete inegável de que me encontrava vivo. De que era um homem.

— Nash, por favor. Dá-me mais. — O sussurro trémulo daqueles lábios inchados era música para os meus ouvidos.

Todos os meus sentidos acordaram e se incendiaram de imediato. A mortalha da dormência desapareceu como se nunca tivesse existido.

Era por causa dela. Próximo. Eu estava mais próximo da Lina do que alguma vez estivera de outro ser humano. Não só por estar embainhado nela até à base, mas porque ela me puxava, me desfazia e conseguia, de algum modo, juntar de novo as peças danificadas.

— Segura-te a mim. — Era uma ordem e um pedido.

Quando o seu aperto aumentou, deleitei-me nele. Ela era uma âncora que me impedia de vagar para o abismo. O verdadeiro norte. O caminho para casa. E eu amava-a por isso. Não tinha escolha.

Testando-nos a ambos, retirei-me lentamente uns centímetros, para voltar a enterrar-me.

O céu e o inferno entrelaçaram-se, transformando o prazer numa tortura requintada. Eu não sobreviveria àquilo. Mas já sabia que não sobreviveria sem ela.

Os seus olhos castanhos estavam vidrados de luxúria, mas havia outra coisa neles. Nervos.

— Angel.

Ela abanou a cabeça, lendo-me o pensamento.

— Não te atrevas a parar.

— Estou a magoar-te? — perguntei de novo.

— Estás mais a assustar-me de morte — admitiu ela, de dedos enterrados nos meus ombros. — Isto não... Nunca senti isto.

— Querida, se te fizer sentir melhor, eu estou morto de medo de não conseguir respirar se não te tiver enrolada em mim.

Eu precisava de alguém que não precisava de mim. De alguém que não fazia tensões de ficar. De alguém que ia garantidamente perder. E, mesmo assim, não conseguia deter-me.

Ela fixou os joelhos mais alto nas minhas ancas, e eu rosnei.

— Continua a assustar-me, Nash — sussurrou.

O seu corpo tremia contra o meu, e a seguir eu mexi-me.

Queria lentidão. Queria controlo. Mas nada disso era uma opção com o meu sexo enterrado na Lina Solavita pela primeira vez. Imaginei que seriam precisas cinquenta ou sessenta tentativas antes de eu conseguir ir devagar.

Os seus olhos estavam presos nos meus, e aquelas malditas pernas compridas, bem apertadas. Os seus dedos enterravam-se-me na carne. E eu cavaleguei-a. Com força e rapidez. Fora de mim, enquanto me deleitava no calor escorregadio que ela me oferecia.

Era de mais. Os meus músculos gritavam com o bombear impiedoso das minhas ancas. O suor perlava-me a pele.

Precisava de a deslocar. Precisava de ir mais fundo. Levantei-a da bancada e, sempre enterrado dentro dela, levei-a para a mesa. Dobrei-me sobre ela, obrigando-a a recuar apenas o suficiente para mudar de ângulo.

Foi então que senti. O fim dela. Prendendo-a à mesa, soltei-me e investi como um animal selvagem. A mesa bateu na parede.

Mas o olhar dela nunca se desviou do meu.

Um prazer tão intenso que eu sabia que não lhe sobreviveria inundou-me, e não me importei. A única coisa que importava era que a Lina me deixara entrar. Rendera-se a mim. Ofertara-se. Ela confiava-me o seu corpo.

A mesa batia na parede a cada investida minha.

As paredes dela apertaram-se em meu redor, os músculos a puxarem-me sempre que eu tirava e a combaterem-me a cada investida. Eu sentia-me poderoso.

— Angelina. — O nome dela era um rugido que me arranhava a garganta.

— Agora, Nash. Agora!

Instintivamente, tapei-lhe a boca com a mão enquanto continuava.

— Foda-se. Foda-se. Foda-se. Angel!

Não conseguia parar. O latejar dos meus testículos tinha vencido. O calor desceu-me pela coluna, depois subiu-me pelo sexo e irrompeu.

Quando ejaculei, ela fechou-se em meu redor como um torno. As nossas libertações — graças a Deus — detonaram juntas.

O grito dela foi abafado pela minha mão, mas eu senti-o nas profundezas da alma.

A Lina não se veio delicadamente. Todo o seu corpo se fechou, arrancando-me mais sémen.

Uma e outra vez. Ela exigiu-o todo, mesmo quando os seus braços e pernas ficaram flácidos.

Eu continuei a vir-me, continuei a bombear dentro dela, que se fechava em meu redor, prendendo-me a ela, dentro dela. Infinito. Quente. Glorioso. Lindo, caraças.

Nunca tinha sentido aquilo. Numa me tinha perdido assim dentro de uma mulher.

A Angelina era o meu milagre. E eu cruzaria sem hesitar a linha entre o preto e o branco e entraria no cinzento para a proteger.

TRINTA E SEIS

«MAIS CINCOS» E ORGASMOS

Lina

— Bom dia. — A voz do Nash era rouca atrás de mim.

Os meus olhos abriram-se de repente, e a noite anterior, toda a noite, voltou-me à memória em alta-definição e em *surround*.

Cinco orgasmos.

«Tu vais parar de fugir, e eu vou parar de combater isto.»

O Nash de joelhos entre as minhas pernas. A língua dele a fazer milagres.

«Preciso de ti.»

Inevitável.

E volto de novo aos cinco orgasmos.

Não tinham sido orgasmos corriqueiros, orgasmos do género «podia ter feito melhor com um vibrador.» Não. O Nash Morgan tinha arrumado a um canto as minhas experiências sexuais anteriores. Nem a um canto; para a lixeira.

Era como se, no momento em que o sexo dele saísse, o meu corpo estivesse programado para explodir.

Que diabo podia eu fazer contra isso?

Ah, e depois havia a cena de eu estar a apai...

Pois, o meu cérebro não estava disposto nem a pensar na palavra. Aquilo não podia ser real. Tinha de ser alguma espécie de alucinação. Talvez a cidade tivesse um problema de rádon? Ou haveria algum alucinogénio na água?

Uma gargalhada ecoou-lhe no peito, que se encontrava pressionado contra as minhas costas nuas. O estúpido do meu corpo vibrou com a sensação.

— Estou a sentir-te a entrares em pânico.

— Não estou a entrar em pânico — menti.

— Angel, o teu corpo está tão tenso que, da próxima vez, talvez encontre nele

um diamante com a pila — disse ele, percorrendo com o dedo o contorno da minha tatuagem.

— Não vai haver próxima vez — decidi, tentando deslocar-me para o rebordo da cama dele.

Os lençóis estavam amarrotados graças à nossa maratona de sexo, antes de termos perdido a consciência devido à desidratação e à supersaturação de orgasmos.

O seu braço apertou-se em redor da minha barriga, e ele arrastou-me de novo para junto de si, numa deliciosa demonstração de força. Eu estava a planear manobras defensivas, quando ele enfiou o rosto no meu cabelo e suspirou.

— Eu tinha razão.

Parei de planear.

— Sobre o quê?

— É, de longe, a melhor maneira de acordar de manhã.

Amoleci.

Bestial. Depois de uma noite de Nash, *o Deus do Sexo*, agora tinha de lidar com Nash, *o Querido*. Eu não tinha armamento para me defender de qualquer um deles, muito menos dos dois.

— Não podes manter-me aqui — avisei-o, esticando as pernas até o meu pé tocar no rebordo do colchão. — Alguém há de acabar por vir à procura de um de nós, e eu serei obrigada a dizer que me fizeste prisioneira.

Uma perna pesada e peluda deslizou por cima da minha. Ele enganchou o meu tornozelo com o seu calcanhar e puxou-o para trás. No segundo seguinte, eu estava de costas, e um divertido Nash Morgan alongava-se sobre mim. As suas ancas prendiam as minhas ao colchão, com a ajuda do que identifiquei como sendo a sua habitual e impressionante ereção matinal.

— Angel, nenhum homem me culparia se entrasse aqui e te visse tal como estás.

O meu plano de fuga desvaneceu-se-me da cabeça.

Aqueles olhos azuis estavam sonolentos e satisfeitos. O cabelo estava despenteado. Os hematomas recentes na cara maculavam a sua perfeita beleza americana, dando-lhe um poder de atração ainda mais lúbrico e *sexy*. Um sorrisinho orgulhoso brincava-lhe nos lábios que me tinham transformado numa poça contorcida de necessidade.

Sem pensar, contornei com os dedos os seus peitorais, sentindo as leves cócegas dos pelos. Céus, eu adorava pelos no peito.

Os dois vergões rosa-vivo destacavam-se contra a restante pele macia, lembrando-me de que o homem em cima de mim era um verdadeiro herói. Tinha um corpo tão belo.

— O que se passa nessa tua cabeça, beldade? — perguntou ele.

— Como está o teu ombro? — perguntei. — Eu não tive cuidado ontem à noite.

— O ombro está bem — disse ele. — Eu também não tive cuidado contigo.

Sorri contra a minha vontade. Não, ele não me tinha manipulado como se eu fosse uma flor delicada em perigo de ser pisada. Eu não me sentira uma estatueta de vidro. Ele tinha-me usado. Com força. E eu adorara.

— Pelos vistos, não me importou.

O Nash deslizou pelo meu corpo abaixo e depositou um leve beijo em cada uma das três cicatrizes cirúrgicas em redor do meu seio. Era dolorosamente doce. Os meus dedos dos pés enrolaram-se contra os pelos das suas pernas.

— Diz-me de que precisas — disse ele, imediatamente antes de usar a boca para me provocar o mamilo.

— Café. Um enorme pequeno-almoço. Ibuprofeno.

Ele ergueu a cabeça; aqueles olhos azuis estavam agora sérios.

— Diz-me de que precisas para te sentires segura com isto. Connosco.

Se eu não o ama... se não gostasse já dele, teria ficado caída só por aquilo. Nunca ninguém me fizera aquela pergunta. Eu nem sabia bem se tinha resposta.

— Hum... não sei.

— Eu digo-te de que preciso — ofereceu-se ele.

— De quê?

O Nash deslizou de cima de mim, ficando de lado, e pousou a cabeça na mão. Os dedos da outra mão percorreram-me os seios e o estômago. O seu sexo inchado repousava contra a minha anca, baralhando-me o cérebro.

— Preciso de saber que estás bem com o que aconteceu ontem à noite e que queres que volte a acontecer.

— Sim e sim. Uau. Foi fácil. Agora, quanto ao café...

— Preciso de saber que estás nisto pelo tempo que isto durar — prosseguiu

ele. — Que estás disposta a admitir que há algo entre nós que é muito mais do que apenas química.

— Estou certa de que tivemos uma reação muito química ontem à noite — lembrei-lhe.

Ele encaminhou aqueles dedos talentosos pelo meu pescoço, por dentro do meu cabelo e desviou-mo da cara.

— Preciso de mais pedaços de ti. Tantos quantos os que quiseses dar-me. E preciso que fales comigo, honestamente. Mesmo que penses que não vou gostar do que tiveres para dizer.

Eu mexi-me, desconfortável.

— Nash, não sabemos para onde isto vai nem o que o futuro reserva.

— Angel, eu já estou feliz por ter voltado aos vivos. Estou mais interessado em gozar o agora do que em preocupar-me com o amanhã. Mas preciso de que estejamos em sintonia.

Não era pedir muito.

Passei a ponta de um dedo sobre a cicatriz no seu ombro.

— Parece que estás a transformar isto numa relação.

O seu sorriso foi como o primeiro vislumbre do sol nascente.

— Querida, já estamos numa relação, quer tu gostes quer não.

— Nunca experimentei isso da relação. Pelo menos, não em adulta.

— E eu nunca tinha feito sexo numa biblioteca pública. Há uma primeira vez para tudo.

Ponderei as minhas opções e, por uma vez, dizer a verdade parecia o caminho mais direto para o que eu queria.

Precisava de que o Nash compreendesse no que se estava a meter. Que reconhecesse as armadilhas que tinha por diante.

— Eu vivo sozinha e gosto disso. Detesto partilhar o comando da televisão. Gosto de não ter de consultar ninguém antes de pedir o jantar. Não quero ter de deslocar o assento do carro sempre que conduzo. A ideia de passar as minhas decisões por um filtro de «nós» deixa-me vagamente enjoada. Adoro os meus pais, mas a constante necessidade deles de saberem de mim dá comigo em doida, e esse problema pode tornar-se teu se isto for a algum lado. Gosto de gastar à larga em roupas, malas e sapatos, e não me apetece justificar isso. Levanto-me cedo e trabalho muito. Não quero ter de mudar isso para

acomodar outra pessoa.

O Nash esperou um momento.

— Então está bem. A única televisão que vejo é um ou outro jogo de futebol americano. O comando pode ser teu durante o resto do tempo. Não me importo de cozinhar, mas, se me disseres que queres pedir hambúrgueres, eu peço hambúrgueres. Prometo repor sempre o teu assento na posição original depois de conduzir. Não me importaria de ter uns pais abelhudos preocupados comigo, para variar. Gosto do modo como te vestes, portanto não tenho problemas com os teus hábitos de consumo. Desde que me deixes mimar-te de vez em quando. Quanto aos horários, acho que estás a exagerar, porque eu sou polícia, Angel. Está tudo dito. E, no que toca a tomarmos decisões juntos, preciso de ter uma palavra a dizer quanto à tua segurança pessoal. Espero que tu a tenhas quanto à minha. Quaisquer decisões que afetem os dois serão tomadas pelos dois.

Ele estava a dizer todas as coisas certas, o que me assustava de morte.

— Eu viajo muito em trabalho — lembrei-lhe.

— E eu posso passar a manhã de Natal na cena de um acidente. Querida, dá-nos uma oportunidade de lidarmos com isso. Pelo menos, aceita por enquanto. Podemos rever o caso depois de eu pôr o Hugo atrás das grades.

Ele queria mesmo aquilo. E eu estava chocadíssima por perceber que também queria. Definitivamente, ia mandar analisar a água daquela cidade.

— Há mais uma coisa — disse eu.

— Diz.

— Preciso de saber o que tu, o Knox, o Nolan e o Lucian andaram a tramar desde a nossa conversa com o Grim.

Ele não hesitou.

— Estivemos a elaborar um plano para atrair o Hugo.

Endireitei-me.

— Que tipo de plano?

— O tipo de plano em que o isco sou eu.

— O quê?!

Levantei-me de joelhos, pronta para a batalha, e o Nash atacou, derrubando-me de novo no colchão. As suas mãos seguraram-me os ombros. As ancas prenderam as minhas à cama. E a sua ereção meteu-se precisamente no sítio

certo. Como uma chave a enfiar-se na fechadura.

Ficámos ambos imóveis.

A minha mente podia estar em modo de luta, mas o meu corpo estava pronto para o orgasmo número seis.

Ele baixou o olhar para mim, sorrindo.

— Sei que isto me faz parecer um imbecil, mas não me importo que te preocupes comigo.

Tentei empurrá-lo de cima de mim, mas os meus movimentos só resultaram na inserção dos primeiros centímetros do seu sexo no meu interior. Parei de lutar e tentei concentrar-me no problema presente, e não em quanto queria os restantes centímetros.

— Nash! Estavas preocupado por eu fazer vigilância, mas esperas que eu aceite que faças de isco para um homem que tentou matar-te?!

— Ficaria desapontado se aceitasses. E gostaria de lembrar que foste sequestrada enquanto fazias vigilância.

Arreganhei-lhe os dentes.

— Se pensas que não vou lutar contigo com o teu sexo dentro de mim, estás muito enganado.

— Vamos experimentar uma coisa nova — sugeriu ele. — Em vez de discutirmos, de bateres com a porta e de fingires que eu não existo, vamos resolver isto já.

As minhas coxas começavam a tremer, devido à força com que lhe agarravam as ancas. Naquele momento, eu não sabia se estava a impedi-lo de entrar mais ou de se retirar.

— Está bem. Fala.

— Se o Hugo está a dar informações ao FBI para ajudar a solidificar o caso contra o pai, há uma grande probabilidade de eles ficarem amigos dele. Amigos talvez a ponto de lhe oferecerem imunidade. Mas eu serei sempre uma ponta solta. Bem como a Naomi e a Waylay. Neste momento, ele só está à espera do avanço dos *feds*. Mas, mais tarde ou mais cedo, terá de cortar as pontas soltas.

— E queres que ele tente fazê-lo mais cedo?

— Nem mais. E quero que ele se foque em mim.

— Pensas que, se ele fizer mais uma tentativa contigo, o acordo, se o tiver, fica sem efeito.

— A ideia é essa.

Juro que estava a ouvir, mas o meu corpo encontrava-se em *multitasking*. Sentia-me cada vez mais molhada, e as minhas paredes interiores agitavam-se em torno da cabeça do seu sexo.

Os olhos do Nash fecharam-se, e ele gemeu baixo.

— Angel, se queres continuar a falar, terás de parar de pedir mais.

Para ser mazinha, contraí os músculos do sexo o mais que pude.

— Como vão forçá-lo a agir?

Ele rangeu os dentes.

— Merda, querida, eu dizia-te qualquer coisa só para te sentir a apertar assim o meu sexo.

— Então diz-me — exige.

— Vou recuperar a memória.

Imobilizei-me debaixo dele, inundada de compreensão e admiração.

— Vais fingir.

— O plano é esse — disse ele, esfregando o rosto no meu seio. — Já acabámos de falar?

As minhas unhas deslizaram-lhe pelas costas abaixo e enterraram-se naquele rabo perfeito.

— Ainda não. Conta-me os pormenores.

Ele tinha os olhos meio fechados e o maxilar contraído.

— Vamos fazer correr o rumor de que a minha memória voltou e de que temos uma pista sobre o paradeiro do suspeito.

A minha pulsação acelerou-se. Ele estava a forçar-se contra as minhas coxas. Eu não conseguiria aguentá-lo muito mais tempo. Especialmente porque não queria.

— Que precauções vais tomar?

— Angelina, vim-me dentro de ti três vezes ontem à noite. Portanto, zero.

Belisquei-lhe o rabo.

— Quero dizer o que vais fazer para te certificares de que o Hugo não volta a atacar-te?

Ele começava a suar. E aqueles olhos azul-ganga pareciam brasas.

— Ainda estamos a trabalhar nisso.

— Quero participar.

— O quê? — perguntou ele, entre dentes.

As minhas coxas estremeçeram, e ele enterrou-se mais uns centímetros em mim.

Eu estava em brasa. A minha visão começava a ficar desfocada. Queria-o todo. Precisava dele todo. Mas primeiro precisava daquilo.

— Quero estar por dentro.

— Queres estar por dentro por queres encontrar o raio do carro ou por estares preocupada comigo?

— As duas coisas — admiti.

— Por mim, tudo bem. Mantenho-te por dentro. Combinado? — perguntou.

— Combinado — repeti, e deixei que os meus joelhos se abrissem.

Ele enterrou-se todo em mim, enchendo-me, com um gemido prolongado e baixo.

Eu estava deliciosamente dorida da noite anterior. Mas isso não impedia que aquilo me soubesse maravilhosamente.

— Quando me vais deixar ficar por cima? — perguntei, enquanto ele saía quase todo e depois voltava a invadir-me.

— Quando tiver a certeza de que ver as tuas mamas perfeitas balouçarem à frente da minha cara não me fará vir antes de eu te fazer vir. Estou destreinado.

Não havia nada destreinado no modo como ele enfiava aquele sexo em mim.

— A prática leva à perfeição — disse eu, empurrando-o até ele ficar de lado.

Ele rebolou, levando-me consigo até eu estar a cavalgá-lo, empalada nele, de joelhos nos lençóis e mãos nos seus ombros.

O olhar dele fixou-se nos meus seios. A sua ereção pulsou de novo dentro de mim, e ele enterrou os dedos nas minhas ancas.

— Pois. Assim não vou durar. A menos que vás bem devagar.

Inclinei-me para baixo, roçando os mamilos nos seus gloriosos pelos do peito.

— Isso não vai acontecer.

Mordi-lhe o lábio inferior e comecei a cavalgar.

— Céus. Foda-se. Raios partam — praguejou ele, aos arranques debaixo de mim.

Mas, mesmo comigo por cima, conseguiu reconquistar o controlo. As suas mãos agarraram-me as ancas, e ele marcou um novo ritmo. Projetava as ancas

para cima e puxava-me para baixo, para me levar ao encontro das suas investidas. Duro. Rápido.

Eu tinha o coração na garganta, com todos os músculos prontos para o orgasmo que se preparava.

Segurei-me à cabeceira da cama com toda a força, enquanto o Nash me penetrava, atingindo aquele ponto secreto com um rigor brutal uma e outra vez. Os tremores começaram, os meus músculos internos enrolaram-se sobre si mesmos, arrastando-se sobre aquele sexo espesso e quente.

— Tão apertada, caraças — resmoneou ele contra o meu peito. — Tenho de entrar à força de todas as vezes.

— Nash. — Era um gemido débil, enquanto as minhas paredes se fechavam sobre ele na reta final.

— Solta-te, querida. Dá-me tudo. — Os tendões no seu pescoço salientavam-se. Tinha o maxilar contraído, as narinas dilatadas, e abria caminho pelo meu orgasmo. Eu não conseguia respirar, não conseguia ver. Não conseguia fazer nada senão sentir. Precisava de ganhar. Precisava de o levar para lá do limite. Com os ecos da minha própria libertação ainda a estremecerem-me no âmag, lancei-me a ele. — Raios, Angelina.

O suor cobria a minha pele e a dele. Os seus olhos estavam enlouquecidos, e as minhas coxas prenderam-no com mais força, com os dedos dele enterrados nas minhas ancas. Ele sabia o que eu estava a fazer e deixou-me prosseguir. Cavaleguei-o com força, de músculos a arder. Então, de repente, o Nash fletiu-se até ficar sentado e, com uma expressão de êxtase agonizante, ficou rígido debaixo de mim.

Senti-o a vir-se, senti o primeiro jorro quente do seu orgasmo bem dentro de mim. Era infinito. Inevitável. Perfeito.

Ambos tombámos, a minha cabeça repousando no seu ombro, os dedos dele, agora delicados, acariciando-me o cabelo.

Não era daquilo que eu andava à procura. Não era daquilo que eu pensara que precisava. Mas o corpo não mentia. Eu não seria capaz de sentir aquele tipo de ligação com um homem se não houvesse uma base essencial, elementar.

— Vamos ter todas as nossas discussões assim — ofegou o Nash.

— Não vamos conseguir andar ao fim de uma semana — preconizei.

— Obrigado — disse ele, após um longo momento de silêncio.

— Pelo quê? — perguntei, virando-me para olhar para ele.

— Por te arriscares comigo. Por estares comigo agora. Mais tarde podemos preocupar-nos com o depois.

— Depois? — repeti, passando a minha mão sobre o seu peito.

— Temos acordo? — insistiu ele. O homem ainda estava dentro de mim. — «Mais cinco»? — sugeriu, com um sorriso.

TRINTA E SETE

UM BURACO NA PAREDE

Nash

Entrei na esquadra com um andar vivaz e uma dúzia de *éclairs* de chocolate. A *Piper* trotava ao meu lado, com o seu novo brinquedo preferido — uma meia da Lina — entalado nos dentes.

Eu tinha as minhas recordações. Marcas de arranhões alinhadas nas costas como listras de tigre. E havia o pequeno chupão roxo que a gola da camisa quase ocultava.

— Bom dia... chefe? — A saudação do Bertle parecia mais uma pergunta.

— Bom dia — respondi.

Pousei a caixa dos bolos na bancada, ao lado da cafeteira.

A *Piper* iniciou a sua habitual ronda, a farejar o espaço comum.

— Fez alguma coisa à... cara? — perguntou a Tashi, com um ar preocupado.

Passei a mão pelo meu queixo liso.

— Barbeei-me. Porquê?

— Parece diferente.

— Diferente bom ou diferente «credo, volte a deixar crescer a barba para tapar a fealdade»? — Ela olhou-me como se eu tivesse chegado de unicórnio, precedido por uma banda de gnomos. — Não me está a fazer sentir bem quanto ao meu aspeto, Bannerjee.

— Diferente bom — disse ela rapidamente.

— Como foi a noite com os nossos hóspedes?

— Não se calaram até a mulher do Dilton ter aparecido e pagado a caução — relatou o Grave. — Vai apresentar queixa?

— Se o Dilton levantar problemas, vou.

O Grave assentiu.

— Temo-lo entalado em três casos, e ainda só recuámos oito semanas. Os testemunhos estão na sua secretária. Se ele levantar problemas, é ainda mais idiota do que pensávamos.

Eu estava contente por ter as provas de que precisávamos para defender o nosso caso, e danado por lhe ter dado oportunidade de abusar do seu poder. Era impossível saber os estragos que ele já causara a coberto do crachá. Mas acabava ali.

O Grave olhou-me mais de perto.

— Porque é que tem cara de quem andou no bem-bom? Isso no pescoço é um chupão?

— Cala-te e come o teu *éclair*.



Passei uma hora debruçado sobre documentos, incluindo o relatório do incidente da noite anterior e os três testemunhos das vítimas do Dilton. Naquele momento, a sua presença na corporação era apenas uma formalidade. Ele nunca mais usaria um crachá. Eu certificar-me-ia disso.

Servi-me de mais café, dei uma volta pelo espaço comum e a seguir escrevi uma breve carta ao meu pai.

Quando voltei ao gabinete, encontrei a *Piper* ferrada na sua cama sob a minha secretária. Peguei no telemóvel e tirei-lhe uma fotografia, abrindo depois as minhas mensagens.

Não havia nada da Lina, como eu esperava.

Eu tinha-me aproveitado do seu estado saciado e indefeso para conseguir o que queria. Um compromisso. Pelo menos temporário. Agora que a possuía, não a ia largar. Tinha de me segurar bem e esperar que ela chegasse até mim.

Enviei a fotografia da *Piper* e a seguir uma mensagem:

Eu: Ainda em pânico? Ou continuas na cama, demasiado exausta de orgasmos para te mexeres?

Sustive a respiração, e a seguir soltei-a quando os três pontinhos móveis surgiram sob a minha mensagem.

Lina: O que é que tu me fizeste? Tentei ir correr, e as minhas pernas não funcionaram.

Sorri, com o meu ego ansioso imediatamente tranquilizado.

Eu: O Hopper acaba de me dizer que tenho cara de quem andou no bem-bom.

Lina: O Justice disse que eu estava radiosa, e o Stef perguntou-me se tinha feito daquelas máscaras de placenta.

Eu: Espero que não tencionasses manter isto em segredo.

Lina: Isso é sequer possível nesta cidade?

Eu: Não. E é por isso que te vou levar a jantar logo à noite.

Se eu perguntasse, dar-lhe-ia demasiado tempo para pensar. Quanto mais ela sentisse e menos pensasse, melhor.

Lina: «Levar a jantar» do tipo sem nudez nem orgasmos?

Eu: Sim. A menos que tenciones que sejamos presos no primeiro encontro.

*Lina: *suspiro* Como acaba depressa a excitação. O que se segue? Noite de jogo?*

O meu sexo exausto arrebitou-se atrás do fecho. Doze horas antes, a minha maior preocupação fora se estaria capaz de desempenhar a tarefa. Agora tinha de me preocupar com o possível abuso.

Eu: Ocorrem-me alguns jogos que gostaria de fazer contigo.

Lina: Dado que vais levar-me a jantar em vez de me foderes até eu cair, só posso presumir que estejas a falar de charadas ou de damas.

Eu: Espera-me às sete. Veste alguma coisa que torne difícil eu parar de pensar no que tens por baixo.

Com aquele assunto tratado, passei ao item seguinte da minha lista.



— Eu sabia!

Apanhado. A Sloane estava à entrada da sala do pessoal da biblioteca, de braços cruzados e um sorriso triunfante na cara bonita. Naquele dia, usava uns óculos diferentes. Aqueles tinham uma armação de massa de um azul-vivo.

A Piper recuou para trás de mim, sem saber bem o que fazer com a mulher exuberante que bloqueava a saída.

— Sabias o quê? — perguntei, mexendo a tinta verde-seca.

A moça na parede ia precisar de mais do que uma demão de tinta, mas, até eu remendar o estuque, a pintura torná-la-ia menos chamativa.

— Tu, chefe Morgan, riscaste-me as paredes com sexo na mesa!

Lancei-lhe um olhar irritado.

— Céus, Sloane. Fala mais baixo. Isto é uma biblioteca.

Ela fechou a porta e a seguir retomou a pose vitoriosa.

— Eu sabia que se passava alguma coisa com vocês os dois ontem à noite. O meu radar de sexo nunca falha!

— A Lina não... disse nada? — perguntei descontraidamente.

A Sloane teve piedade de mim.

— Não teve de dizer. Saiu daqui com um andar estranho e um aspeto aparvalhado e febril. Mesmo sem óculos, deu para ver.

Voltei a minha atenção de novo para a moça na parede, para ela não ver o meu orgulho viril em ação.

— Se calhar estava com problemas de estômago.

— Achas que não sei a diferença entre uma mulher arrasada por um orgasmo e uma a tentar não vomitar o jantar? Eu sei o que vi. E tu saíste daqui disparado menos de trinta segundos depois, todo transpirado e faminto... e não de comida, atenção. Parecia que estavas prestes a devorar alguma coisa... ou alguém.

— Se calhar também tinha um problema de estômago.

— Eu digo isto com amor: tretas.

— Tinha assuntos oficiais da polícia.

A Sloane bateu com um dedo no queixo.

— Hum. Desde quando ficar-se nu é considerado um assunto oficial da polícia?

Mergulhei o pincel na tinta e a seguir apliquei-o à parede. Se a ignorasse, talvez ela se fosse embora.

— Tu perturba-la — disse a Sloane, atrás de mim.

Parei de pintar e virei-me para olhar para ela.

— O quê?

— A Lina. Tu perturba-la. É preciso muito para fazer isso.

— Sim? Pois, é recíproco.

O sorriso dela era radioso e ufano.

— Isso vejo eu.

Esperando que a conversa tivesse chegado ao fim, voltei de novo a minha atenção para a parede.

— É bom ter-te de volta, Nash — disse a Sloane de mansinho.

Com um suspiro, larguei o pincel.

— Que conversa é essa agora?

— Sabes bem o que é. É bom ver-te regressares à terra dos vivos. Estava preocupada. Acho que estávamos todos.

— Pois. Bom, acho que há pessoas que demoram mais a recuperar. O que há entre ti e o Lucian? — perguntei, mudando de assunto e espetando o pincel na parte mais funda da mocha.

— Com o Nolan, queres tu dizer? Que, já agora, está sentado no meu gabinete a comer-me os chocolates todos.

— Não, quero dizer o Lucian. Tu e o Nolan podem andar a divertir-se, mas ele não é o Lucian.

A Sloane ficou demasiado calada. Ergui o olhar e vi que ela tinha cuidadosamente mudado a expressão para uma máscara.

— Não sei de que estás a falar — disse ela.

— Não se deve mentir à polícia — lembrei-lhe.

— Isto é um interrogatório oficial? Devo arranjar um advogado?

— Tu sabes o meu segredo — disse eu, indicando a parede com a cabeça.

A tensão abandonou-lhe os ombros, e ela revirou os olhos.

— Aconteceu há muito tempo. Águas passadas — insistiu.

A *Piper* contornou-me cautelosamente e foi farejar a medo as sapatilhas da Sloane. A bibliotecária agachou-se e estendeu a mão à cadela.

Eu voltei à parede.

— Sabes o que recordo dos velhos tempos?

— O quê?

— Lembro-me de ti e do Lucy a trocarem olhares muito longos e profundos nos corredores, durante os intervalos. Lembro-me de ele ter arrancado o capacete ao Jonah Bluth e de o ter derrubado durante o treino de futebol americano, por o Jonah ter dito uma coisa sobre o teu corpo que eu, como adulto com um grande respeito pelas mulheres, não vou repetir.

— Era sobre as minhas mamas, não era? — gracejou a Sloane. — É o preço a pagar por quem se desenvolve cedo.

Lancei-lhe um olhar longo e firme até ela vacilar.

— O Lucian fez mesmo isso? — perguntou por fim.

Assenti.

— Fez. Também me lembro de ter ido para casa tarde depois de um intenso

marmelão com a Millie Washington e de ter visto alguém muito parecido com o Lucian a subir à árvore que dava para a janela do teu quarto.

A Sloane andava no segundo ciclo e morava ao lado do Lucian, que estava no secundário. Tinham sido tão opostos como eram atualmente. O rebelde taciturno e a *nerd* bonita e vivaça. E, tanto quanto eu sabia, nenhum deles alguma vez reconhecera oficialmente o outro, além de um «olá» nos corredores da Escola Secundária de Knockemout.

Mas fora daqueles corredores era outra história. Que nenhum deles alguma vez partilhara.

A Sloane concentrou-se em atrair a *Piper* para mais perto da sua mão.

— Nunca disseste nada.

— Nenhum de vocês parecia querer falar nisso, portanto não toquei no assunto. Achei que era um assunto vosso — disse, incisivamente.

Ela aclarou a garganta. O barulho fez com que a cadela corresse de novo para a segurança da minha proximidade.

— Pois. Bom, como eu disse, foi há muito tempo — disse ela, levantando-se.

— Não sabe bem que os outros metam o nariz nos nossos assuntos, pois não?

Ela lançou-me um gélido olhar de bibliotecária e cruzou os braços.

— Se eu meto o meu nariz em alguma coisa, é porque alguém não está a fazer o que devia.

— Sim? Do meu ponto de vista, esta animosidade entre ti e o Luce não é saudável. Portanto, talvez seja melhor eu começar a inserir-me nessa situação. Ajudar ambos a chegarem a uma resolução.

Ela soprou pelo nariz como um touro perante uma bandeira vermelha. O *piercing* no nariz cintilou. O nosso frente a frente durou trinta segundos.

— Irra!, está bem. Eu não me meto nos teus assuntos se tu não te meteres nos meus — disse ela.

— Que tal isto? — contrapropus. — Eu respeito a tua privacidade, e tu respeitas a minha.

— Parece-me uma questão de semântica.

— Pode parecer, Sloaney Baloney. Mas nós somos amigos. Há anos. Tanto quanto posso prever, as nossas vidas vão manter-se ligadas. Portanto, em vez de nos metermos e sermos abelhudos, é melhor concentrarmo-nos em estarmos aqui um para o outro quando for preciso.

— Eu não preciso de que ninguém esteja aqui — disse ela, teimosa.

— Está bem. Mas eu posso precisar de uma amiga, se não conseguir convencer a Lina a dar uma oportunidade ao que temos. — Ela abriu a boca, mas eu ergui uma mão. — É provável que não queira falar muito sobre isso se perder, mas vou com certeza precisar de uma amiga que me ajude a evitar desaparecer de novo.

O rosto da Sloane suavizou-se.

— Eu estarei aqui.

— E eu estarei aqui para ti, se e quando precisares de mim.

— Obrigada por me arranjares a parede, Nash.

— Obrigada por seres quem és, Sloaney.

Estava mesmo a fechar a lata da tinta quando fui contactado via rádio.

— Está pela rua, chefe?

— Estou.

— Os Bacon Stables têm outra vez um cavalo à solta. Há relatos de um grande garanhão preto a galopar na estrada 317.

— Estou a caminho — disse eu, suspirando.



— Nem acredito que você o conquistou com uma cenoura — disse eu, quando a Tashi Bannerjee entregou as rédeas do enorme *Heathcliff* à Doris Bacon, que segurava um saco de gelo contra o rabo.

Estávamos com ervas pela cintura no pasto leste da Red Dog Farm, uma coudelaria penhorada de vinte hectares, que estava vazia ia para dois anos, desde que o esquema em pirâmide de produtos de beleza da dona se desmoronara.

O garanhão *Heathcliff* tinha decidido que naquele dia não lhe apetecia correr no picadeiro e sacudira a Doris da sela antes de se dirigir para sul.

O sacana de setecentos e cinquenta quilos tinha dado um coice na porta do passageiro do meu veículo e tentara morder-me o ombro, antes de a Tashi o ter distraído com uma cenoura e lhe ter agarrado as rédeas.

— O chefe trata das cobras, eu trato dos cavalos.

— Acho que me lembro de ti em cima de um parente do *Heathcliff* no *drive-thru*, quando eras finalista — zombei.

Ela sorriu.

— E, como vê, compensou.

Mantive-me à distância enquanto a Tashi e a Doris encaminhavam o colosso para a rampa do atrelado.

Alguma coisa me fez impressão entre as omoplatas, e eu virei-me. Dois veados sobressaltaram-se e depois desapareceram no bosque. Não havia mais nada ali. Só ervas, árvores e vedações caídas, mas, mesmo assim, não consegui afastar o pensamento de que algo ou alguém nos observava.

A Doris fechou a porta do atrelado. O som de ferraduras contra o metal fez-se ouvir.

— Para com os disparates, meu tolinho.

— Talvez esteja na hora de vender o *Heathcliff* a uma quinta com vedações mais altas — sugeri.

Ela abanou a cabeça e coxeou até à porta do condutor.

— Vou pensar nisso. Obrigada pela ajuda, chefe, agente Bannerjee.

Ficámos a acenar-lhe enquanto ela manobrava o carro e o atrelado para o carreiro da propriedade e saía para a estrada.

O garanhão soltou um relincho estridente.

— Acho que ele acabou de lhe rogar uma praga — brincou a Tashi, enquanto nos dirigíamos para o veículo amolgado.

— Ele que tente.

O telemóvel vibrou no meu bolso, e eu retirei-o.

Lina: Não vais acreditar no que dizem os mexericos. Segundo uma fonte não muito fiável, passaste a tarde a tentar domar um cavalo com o teu carro.

Eu: Não foi qualquer cavalo. Foi Heathcliff, o Horrendo.

Juntei uma fotografia do cavalo em questão e outra da minha porta amolgada.

Lina: É bom que não cheires a cavalo quando vieres buscar-me para jantar.

Eu: Vou ver se consigo tomar um duche entretanto. Já escolheste o vestido com que me vais torturar?

TRINTA E OITO

PRIMEIRO ENCONTRO

Nash

— Isto é tão *cliché* — disse a Lina, ao abrir a porta.

— Um primeiro encontro não é um *cliché*. — Ainda bem que consegui dizer aquelas palavras, porque, no momento em que vi o que ela tinha vestido, perdi a capacidade da fala.

Os seus lábios vermelhos apertaram-se num beicinho sedutor.

— Se já se tiver feito sexo, é.

Precisei de um minuto para recuperar o fôlego que ela me tinha tirado.

A Lina envergava um vestido preto e curto. As mangas eram compridas, mas a saia mostrava tanta perna que eu só queria empurrá-la e dobrá-la sobre a primeira superfície plana que encontrasse, para ver de que cor eram as cuecas que ela usava. Os saltos agulha do género «fode-me» tinham um padrão de crocodilo que dizia orgulhosamente «devoradora de homens». Ela tinha carregado mais na maquilhagem, acrescentando um bronze esfumado nas pálpebras, que fazia com que os seus olhos parecessem ainda maiores e mais pecadores.

Estava linda. Confiante. E vagamente irritada por eu a levar a jantar e não para a cama.

Eu era o sacana mais afortunado do mundo.

— Fizeste a barba — disse ela, perante o meu silêncio.

Passei a mão pelo maxilar e sorri.

— Achei que podia suavizar as cavalgadas.

Os olhos dela brilharam com uma centelha marota, e um rubor aqueceu-lhe as faces.

— Não me importa a aspereza — lembrou-me.

— E eu tenho os arranhões que o provam, Angel — zombei.

— Porque não saltamos isto do encontro e vamos já testar a lisura de bebé dessa tua cara? — sugeriu ela.

O meu sexo reagiu como uma marioneta manejada pela dona.

— Boa tentativa, querida. Mas vais ter a experiência completa do primeiro encontro.

— Uf, está bem, mas devo sublinhar que, segundo a sociedade, não devo dormir contigo no primeiro encontro — lembrou-me ela.

— Desde quando segues as regras? — zombei.

— É só quando me convém.

Era exatamente por isso que eu não podia jogar limpo.

Mostrei a pequena caixa de presente que tinha estado a esconder atrás das costas.

— Trouxe-te uma coisa. — Ela olhou para a caixa do mesmo modo que olharia para uma bomba. — Vá lá. Não tenhas medo.

— Medo? — A Lina fungou de riso e arrancou-me a caixa da mão. Quando abriu a tampa, o seu rosto suavizou-se por um segundo. Depois a sua máscara cuidadosa voltou ao sítio. Começava a deixar-me entrar, mas muito aos poucos, e eu não estava na disposição de perder terreno. — Não devo dormir contigo no primeiro encontro, e tu não deves definitivamente dar-me joias.

Eu tinha voltado a casa da Xandra para lhe falar da iniciativa que ia implementar e deixar um crachá de brinquedo para o Alex.

Olhei para os brincos aninhados na caixa. Delicadas correntes de ouro terminavam em raios de sol brilhantes.

— Vi-os e pensei em ti. Feitos pela mulher que me salvou a vida, usados pela mulher que me recordou de que vale a pena vivê-la.

A máscara voltou a deslizar, e eu não vi nada senão pura alegria feminina.

— Bom, como posso eu recusar isto?

— São só brincos, Angel. Não é uma aliança de casamento. Além disso, uma parte das vendas vai para uma fundação local de autismo.

Ela inspirou e passou a caixa para as minhas mãos.

— Porque é que tenho a sensação de que estás a manipular-me? — perguntou, enquanto retirava a argola da orelha direita e a seguir soltava um brinco da caixa. Encontrou rapidamente o orifício e colocou o brinco, fazendo

o mesmo com a orelha esquerda. — Como me ficam?

— Maravilhosamente, caraças.



Escolhi um restaurante italiano fino em Lawlerville. Não por ter o melhor pão caseiro das redondezas nem por esperar manter secreta a «nossa» cena. Só queria um jantar calmo sem quaisquer distrações. Se tivesse levado a Lina a jantar em Knockemout, estaríamos a desencadear mexericos na cidade inteira e, se tivesse cozinhado para ela em minha casa, não teríamos passado das entradas antes de eu a despir toda.

Infelizmente, isso implicava ter de subornar o Nolan com um jantar no bar, já que o *marshal* não estava disposto a tirar a noite de folga.

Mas, felizmente, ele ficara tão longe da nossa mesa que eu podia fingir que nem estava ali. Tinham-nos dado uma cabina circular num canto sossegado da sala de jantar, o que significava que, em vez de estarmos frente a frente, estávamos sentados lado a lado. Sob a imaculada toalha de mesa, a minha coxa pressionava-se intimamente contra a dela. O seu pé encontrava-se familiarmente enganchado atrás do meu tornozelo.

— Serás imune ao facto de que todos os homens neste restaurante te viram a entrares e a sentares-te? — perguntei-lhe, enquanto ela molhava um pedaço de pão no prato de azeite.

Ela ergueu o olhar, com uma centelha a brilhar naqueles olhos lindos.

— Se queres saber se eu noto as atenções, noto. Se estás a perguntar se gosto disso, depende da situação. Esta noite não detestei.

Eu gostava do facto de ela não fingir. Começava a compreender o seu tipo de honestidade. Ela não mentia nem dizia a verdade. Ou se abria ou se fechava. E eu começava a perceber a diferença.

— Caraças, és tão bonita que por vezes não consigo olhar-te diretamente — confessei.

O pedaço de pão caiu no seu prato, aterrando com o azeite para baixo.

— Raios, Nash. Para de me apanhar de surpresa.

Eu sorri e estendi o braço para o pão, surpreendido por não sentir a familiar pontada no ombro. Na noite anterior também não a notara de todo. Parecia que os milagres da Lina não se limitavam à saúde mental.

— Pensei noutra coisa de que preciso de ti — anunciou ela.

— Diz.

— Não quero ficar sentada a assistir enquanto tu e os rapazes se divertem. Quero integrar a equipa. Quero ajudar a encontrar o Hugo.

— Angel, há-de recuperar o teu carro — garanti.

Os seus olhos estreitaram-se; ela pegou no copo e bebeu.

— Eu sei que recupero o carro. Quero é certificar-me de que tu apanhas o teu homem. De que não terás de viver com o medo de, a qualquer momento, o Duncan Hugo acordar uma manhã e decidir que é nesse dia que vai eliminar testemunhas.

Eu não disse nada. Sobretudo porque tinha medo de a assustar. Talvez ela não se apercebesse do que estava a dizer. Mas eu percebia. Ela queria-me a salvo. E queria-o a ponto de trabalhar numa equipa para garantir isso.

Independentemente de se aperceber ou não, ela importava-se comigo, e eu não resistiria a explorar isso até conseguir o que queria.

— Já prometi que te mantinha informada — recordei-lhe.

— E agora quero que me prometas mais. Eu já planeei mais de vinte operações de recuperação de valores — prosseguiu. — Estive presente para executar metade dessas operações em pessoa. Sou uma *pro* a trabalhar em coordenação com agências e forças da autoridade. E nunca desisto.

— Fizeste uma mala — lembrei-lhe. Ela imobilizou-me com um olhar. — O que é? — perguntei.

— Estou hesitante.

— Sobre o quê?

— Sobre se devo dizer-te a verdade.

— Não gastes energias a hesitar, Angel. Diz-me sempre a verdade.

— Está bem — disse ela, com um delicado encolher de ombros. — Fiz a mala porque me doía demasiado estar tão perto de ti quando me odiavas. Ia voltar para o motel, esperar até a sede enviar uma substituição, e a seguir partiria da cidade.

Foi como uma faca no estômago, saber que estivera tão perto de a perder para sempre. Se a Naomi e a Sloane não a tivessem detido, a noite anterior não teria acontecido. E aquela conversa não seria possível. Devia-lhes flores, ou possivelmente um *voucher* para um *spa*.

— Desculpa, Angel — disse. — Estava a ficar caído e agarrava-me a qualquer desculpa possível para evitar a queda. Desculpa por te ter feito sentires que não podias confiar em mim. Não cometerei o mesmo erro duas vezes.

A orla das suas pestanas era espessa e escura contra a pele, e, quando aquelas pálpebras pesadas se ergueram e ela me olhou, eu fiquei simplesmente sem fôlego.

— Quando dizes «caído»... — disse ela em voz baixa.

— Completamente, Angel. Lamento a sério ter-te trazido a jantar em vez de voltar a levar-te para a cama.

O seu riso era rouco e, quando ela se encostou, o seu seio era macio e tentador contra o meu braço.

— Missão cumprida. Agora diz-me que me vais usar, Nash.

Os meus dedos apertaram-se no pé do copo de vinho. Sabia o que ela queria dizer, mas o meu sexo não conseguia ignorar o duplo sentido. Estava na hora de retomar o controlo.

— Primeiro as prioridades. Quero ouvir essas palavras a saírem da tua boca outra vez quando eu estiver dentro de ti. E quero que sejam sinceras.

Os lábios dela abriram-se, e a respiração acelerou.

— Combinado.

— Segundo, se queres entrar, preciso que tomes todas as precauções que eu achar necessárias para a tua segurança — disse eu.

— Combinado — repetiu ela.

Lancei-lhe um olhar lupino.

— Sabes, da última vez que fizemos um acordo, eu estava dentro de ti.

— E, em vez de estarmos nus na cama, estamos a jantar no nosso primeiro encontro. Parece que vais ter de te contentar com um «mais cinco» — disse ela, presunçosa.



Era um primeiro encontro para pôr fim a todos os primeiros encontros. Eu sabia-o dentro de mim. Havia algo na Lina Solavita que me atraía, que me cativava. Eu queria todos os seus segredos, toda a sua confiança. E queria que ela nos entregasse de livre vontade. Para sempre.

Aquilo não era apenas uma atração. Era algo mais.

Falámos, rimo-nos, flirtámos, provámos pedaços dos pratos um do outro. Quando mais se prolongava a refeição, mais nós nos aproximávamos. Quando chegou a hora de o empregado descrever as sobremesas, a minha mão direita estava na coxa dela, logo abaixo da bainha do vestido curto. Os meus dedos desenhavam círculos minúsculos na sua pele morna.

A Lina parecia colada à descrição do pudim de pão com *bourbon*, mas, sob a mesa, a minha atrevida separou um pouco mais os joelhos para mim.

Convidava-me, testava-me, provocava-me.

Apetecia-me olhar para baixo. Sabia que, se o fizesse, saberia por fim a cor das suas cuecas e passaria para todo um outro nível de tortura. No entanto, estava na hora de eu também a torturar um pouco.

Ela não imaginava que eu o faria. Mas havia muitas coisas para as quais a Angelina podia tentar-me.

Enquanto o empregado se alongava sobre o *cheesecake* de avelã, eu levei as pontas dos dedos mesmo até ao sítio exato. A Lina saltou e tentou fechar as pernas, mas era tarde de mais. Eu tinha encontrado aquilo que procurava. Aquela mancha húmida na seda que ainda não vira. Mas podia *sentí-la*.

As suas coxas tremeram em redor da minha mão.

— O que é que te apetece, Angel? — perguntei.

O olhar que ela me lançou era uma bela combinação de choque e desejo puro.

— Uh... o quê?

— A sobremesa — disse eu, pressionando dois dedos naquele local deleitosamente molhado. — Diz-me o que queres.

Ela pestanejou duas vezes, e depois abanou a cabeça. O sorriso que lançou ao empregado não era o da habitual devoradora de homens.

— Uh, quero uma fatia de *cheesecake* de avelã. Para levar.

— E para o senhor? — perguntou ele.

Eu usei o indicador e o médio para unir os lábios do seu sexo por cima da tanga.

— Só a conta. Ele assentiu e desapareceu, e a Lina pousou os punhos na toalha.

— Abre as pernas. — A minha ordem foi um sussurro áspero.

Ela não hesitou antes de separar as coxas.

— Mais — ordenei. — Quero ver.

Ela obedeceu, fazendo deslizar o rabo para o rebordo do assento, dando-me autorização e liberdade para brincar. O meu sexo estava duro como pedra e implorava para sair.

Vermelha. A tanga dela era de um vermelho maroto. Deslizei os dedos sob a tira que lhe cobria o sexo.

— Nash — sussurrou ela, com a voz trémula.

Eu adorava o modo como ela dizia o meu nome quando precisava de mim.

— Pensavas que podias fazer os teus jogos marotos num restaurante fino e que eu não te responderia?

— Bom... pensava — admitiu ela, com um risinho débil.

Sob a mesa, avançou com as ancas, implorando mais pressão.

Apetecia-me dobrá-la sobre aquela mesa e subir-lhe o vestido até à cintura.

Contornei o seu pequeno botão escorregadio com as polpas dos dedos.

— Se eu te acalmar o fogo agora, promete-me...

— Tudo — gemeu ela, contorcendo-se contra a minha mão.

Céus, eu amava o som da sua rendição. Fazia-me doer o sexo.

Aproximei-me ainda mais, e o seu seio ficou esmagado contra o meu braço, enquanto os meus lábios lhe roçavam a orelha.

— Promete-me que me deixas entrar bem fundo quando chegarmos a casa.

— Sim — silvou ela instantaneamente. Depois sorriu, perversa. — Se conseguires fazer-me vir antes de a minha sobremesa chegar, podes crer que te pago o favor.

Desafio aceite.

— Abre o mais que puderes, Angel.

Ela passou com o joelho por cima da minha coxa para conseguir fazê-lo, mas, depois de estar bem aberta, eu meti dois dedos no seu canal escorregadio e molhado.

O seu gemido baixo provocou uma dolorosa contração no meu sexo. Portanto, acrescentei um terceiro dedo.

— Oh, meu Deus — gemeu ela.

— Não montes — adverti, roçando-lhe o ombro com o que parecia um beijo inocente. — Não te mexas, senão toda a gente neste restaurante vai saber o que está a acontecer debaixo desta mesa.

Ela mordeu o lábio e parou de se mexer.

— Linda menina — sussurrei, e a seguir rocei-lhe o clitóris com o polegar.

— Oh, céus — ganiu ela.

Os estremecimentos característicos que me rodeavam os dedos disseram-me tudo o que eu precisava de saber.

— Já estás pronta para te vires. Não estás, Angelina?

— A culpa é tua — silvou ela. — Tua, com esse fato de bom rapaz. Com o teu raio de primeiro encontro e os malditos brincos de «vi isto e pensei em ti».

Ela balouçava subtilmente contra as investidas da minha mão, e as suas coxas esforçavam-se por se manterem abertas. Os meus dedos estavam encharcados no seu fluido. Acrescentei só um pouco mais de pressão com o polegar, e foi como puxar um gatilho.

Ela fechou os olhos, e eu tive o privilégio de sentir tudo no seu interior a fechar-se com força antes de se soltar. A Lina veio-se como fogo de artifício nos meus dedos, fazendo-me sentir como o raio de um herói. Continuei a bombear dentro dela, continuei a passar o polegar sobre aquele botão sensível. As suas pernas tremiam, e ela encostou-se pesadamente a mim enquanto se vinha, e vinha e vinha.

Espalmei a minha outra mão contra a minha ereção, esperando que esta não estivesse tão perto de explodir como eu sentia que estava.

— Oh, foda-se — disse a Lina, ainda a prender os meus dedos dentro dela.

— O seu *cheesecake* e a conta — disse o empregado.



— Estou a perceber mal ou tu estás danado? — perguntou-me a Lina, quando me sentei ao volante do carro dela.

Tivera de a levar meio arrastada meio ao colo até ao parque de estacionamento, porque as pernas ainda lhe tremiam por a ter fodido com os dedos. Felizmente, o Nolan estava na casa de banho e não vira a nossa fuga.

— Não estou danado — disse eu, brusco.

Ainda tinha a humidade dela na minha mão, um facto que não ajudava nada a merda da minha situação.

— Estava só a picar-te. Não tencionava que a coisa fosse tão longe. Mas, raios, valentão. Continuas a surpreender-me.

— Querida, a única coisa danada é o meu sexo, por estarmos tão longe de casa.

Sentia a pulsação do meu sexo a martelar-me na cabeça. Como diabo ia eu conseguir fazer a viagem de trinta minutos para casa?

— Ohhhhhh. — Ela prolongou a exclamação, enquanto eu ligava o carro e carregava no acelerador.

A traseira do carro guinou, quando eu saí do parque de estacionamento e me meti à estrada.

— Não devíamos esperar pelo Nolan? — perguntou ela.

A minha resposta foi um rosnido. Se não tivesse algum alívio rapidamente, receava perder a merda do juízo. Ela tinha-se aberto tanto para mim. Viera-se tanto. Num restaurante cheio de pessoas. E agora eu tinha um fecho tatuado no sexo.

— Acho que posso ajudar-te com isso — disse ela, soltando o cinto de segurança.

— O que estás a fazer? — perguntei, com aspereza. — Volta a pôr o cinto.

— Mas, se o puser, não posso fazer isto.

Estendeu o braço e, quando os seus dedos se fecharam em redor do meu cinto, eu percebi que estava em apuros.

Inspirei, enquanto a porra do meu sexo ficava de granito.

— Angelina — avisei.

Aqueles dedos ágeis abriram-me a fivela e o fecho em segundos.

— Não vais respeitar todas as leis esta noite, pois não? — zombou.

— Tira o sutiã — disparei, enquanto acalmava no acelerador.

— Não tenho sutiã. — Ela deu esta informação enquanto enrolava os dedos em redor da minha ereção latejante.

— Raios partam!

— Não tires os olhos da estrada, valentão.

Isso seria impossível. Especialmente depois de eu ter enfiado uma mão no decote do seu vestido, puxando-o para baixo para poder ver aqueles seios perfeitos.

Com um sorriso perverso, ela baixou a cabeça para o meu colo. No momento em que aqueles lábios quentes se abriram sobre a coroa da minha glândula, fiquei perdido. Aquela língua quente, aquela boca escorregadia, o modo como ela me

agarrava no seu punho apertado.

A Angelina Solavita ia proporcionar-me uma experiência religiosa.

Soltei um grunhido longo e dorido, enquanto ela usava em mim a boca e a mão. Limitado pelas calças, pelo cinto de segurança, pelo volante, só me restava deixá-la trabalhar em mim. A solitária autoestrada iluminada pela lua estendia-se à nossa frente, mas eu quase não a via.

A minha atenção fora roubada pela boca quente no meu sexo.

Pus uma mão por baixo dela para poder agarrar-lhe num seio nu. Os meus joelhos pressionavam-se para fora, contra a porta de um lado e contra a consola do outro.

Ela atingira o ritmo perfeito, e eu sabia que estava prestes a perder o juízo e ejacular. O esperma fervia-me perigosamente nos testículos, fazendo-os contraírem-se.

— Merda.

Queria investir. Queria mexer-me. Mas não podia.

Inesperadamente, a boca da Lina largou a minha ereção. Ela ergueu o olhar para mim, com uma sobrancelha arqueada e os lábios vermelhos e molhados.

— A sério, valentão? A cinquenta numa estrada de noventa?

Agarrei-a com não muita delicadeza pelo cabelo e empurrei-a de novo para o meu colo.

— Cala-te e chupa, querida.

No momento em que a boca dela me atingiu o sexo, guinei com o volante para a direita e encostei na berma da estrada. Foram precisas algumas manobras, mas consegui imobilizar-nos por completo. Pus o carro em ponto-morto e puxei o travão de mão. A poeira ainda se erguia à nossa volta quando pressionei a alavanca de reclinar o assento.

As minhas duas mãos pousaram-lhe na cabeça, e eu estabeleci o ritmo. Ela recuou um pouco, com os seios a abanarem sob as luzes do tabliê, de boca firmemente no meu sexo.

Comecei a acelerar.

Quis avisá-la, mas as palavras não me saíram. Não conseguia sequer inspirar ar suficiente para as formar. De certo modo, aquilo era semelhante ao pânico. Mas estava a um mundo de distância. Era uma coisa pela qual eu desistiria de tudo. A Lina era alguém por quem eu desistiria de tudo.

Com aquele pensamento aterrador, ejaculei fortemente. O esperma subiu-me pelo sexo como fogo e irrompeu na sua boca expectante. Devo ter gritado. Devo ter carregado no acelerador, porque o motor fez-se ouvir. Estava a agarrar-lhe no cabelo com força de mais, mas, aparentemente, não conseguia parar. Pelo menos enquanto me estivesse a vir.

Era infundável. A boca dela chupava-me, captando cada jato da minha ejaculação como se não conseguisse viver sem ele.

— Querida — ofeguei, tombando para trás no assento.

A sua boca manteve-se fechada sobre a cabeça sensível até eu a puxar para cima. O cabelo dela estava uma confusão. Os olhos estavam grandes e vidrados. Os seus seios cheios balouçavam hipnoticamente a cada inspiração. A boca, aquela boca do caraças, estava inchada, rosada e molhada.

Nunca na minha vida vira algo tão belo.

Agarrando-a por baixo dos braços, arrastei-a para o meu colo e aconcheguei-lhe a cabeça no meu peito. Ela enroscou-se contra mim, e os dois respirámos como depois de um *sprint*.

— Céus, querida. Devias ter de registar essa tua boca como arma — disse eu.

Ela soltou uma gargalhada baixa e abafada.

— Considera isto o pagamento por me teres feito vir no meio de um restaurante.

Passei-lhe uma mão pelo cabelo.

— Quanto a ti, não sei, mas eu diria que este primeiro encontro foi bastante bem-sucedido.

— Eu não diria que não a um segundo.

Agarrei-lhe num seio e apertei-o.

— Mandamos vir comida — decidi. Foi mais ou menos aí que notei as luzes no espelho retrovisor. — Merda.

TRINTA E NOVE

TODOS REUNIDOS

Lina

— És uma má influência — queixou-se o Nash, às voltas com as chaves.

— Pelo menos, era só o Nolan — lembrei-lhe, enquanto esperava que ele abrisse a porta do seu apartamento.

O *marshal* e ama do Nash não ficara nada contente ao sair da casa de banho e ver que tínhamos ido embora. Só tinha achado um pouco mais de graça à situação quando se aproximara da janela do condutor. Não era preciso ser-se neurocirurgião para perceber o que tínhamos estado a fazer.

O Nash abriu a porta e fez-me sinal para entrar primeiro. A *Piper* recebeu-me à entrada, transportando orgulhosamente na boca um pequeno cão-polícia de peluche.

— Este é novo — observei, baixando-me para lhe acariciar o pelo crespo.

— Vi-o na Amazon — disse o Nash, fechando a porta e pendurando as chaves no gancho.

— Há alguma altura em que não estejas teso? — perguntei, notando a situação óbvia nas calças dele.

O seu sorriso era malévolo quando ele me estendeu a mão.

— Podes escolher.

— Explica.

— Ou te faço um minete aqui, contra a porta, ou no quarto. — As suas mãos já estavam a dirigir-se para a bainha do meu vestido.

— Espera. Espera. Espera.

Em seu louvor, ele parou de imediato.

— O que se passa?

— Por muito, mesmo *muito* que eu queira fazer um *test drive* a essa nova cara

lisinha... — Abanei a cabeça. — Não acredito que vou dizer isto. Mas acho que precisamos de falar.

Os lábios do Nash estremeceram.

— Que diabo puseram naquele vinho?

Eu lancei as mãos ao ar.

— É óbvio que fui raptada por extraterrestres e substituída por um clone não muito convincente. Mas temos estado demasiado ocupados com orgasmos para falar.

— Sobre o quê?

— Sobre o plano para acabar com o Hugo. Falei a sério quando disse que queria participar. E, por muito que te queira saltar para cima uma e outra vez, isto é importante. Suficientemente importante para não deixar que me distraias com o teu sexo mágico.

Os seus olhos passaram de uma intensidade ardente para o divertimento.

— Tu és única, Angel.

— Hum-hum, Garanhão Certinho. Não me distraias com elogios. Reúne as tropas enquanto eu levo a *Piper* à rua.

— Agora?

Tirei do gancho a trela da *Piper*.

— Sim, agora — disse com firmeza.



Regressei da minha volta ao quarteirão com a *Piper* sentindo a consciência pesada.

— Nash? Antes que os outros cheguem, preciso de te dizer uma coisa.

O Nash estava a fixar a fotografia do Duncan Hugo no quadro branco que tinha montado junto à mesa.

— O que se passa?

Eu tinha quase a certeza de que fizera bem, mas tinha a sensação de que ele podia não estar de acordo.

— OK. Na escola, depois daquela cena da paragem cardíaca, deixei de me encaixar. E, além do trabalho, nunca me adaptei socialmente. — Agora ele olhava-me intensamente. — Acho que o que estou a tentar dizer é que sou nova nisto. Sou nova no que quer que se esteja a passar entre nós. Sou nova em

ter amigas como a Naomi e a Sloane.

Os olhos do Nash fecharam-se devagar e depois reabriram-se. Ele esfregou o ponto entre as sobrancelhas.

— O que é que fizeste, Angelina?

— Ouve até ao fim — comecei. Mas uma pancada na porta interrompeu-me.

A *Piper* correu para o Nash.

— São nove, e amanhã é dia de escola — queixou-se o Knox, quando lhe abriu a porta.

— Da série «Palavras do Knox Domesticado» — gracejei. Estava mesmo a fechar a porta quando o Lucian apareceu. — Como raio chegaste aqui tão depressa? — perguntei-lhe.

— Hoje trabalhei a distância, a partir daqui.

— Trabalhaste a distância?, de fato?

— Belos brincos — disse ele.

Estreitei os olhos, desconfiada.

— Porque estás a ser simpático para mim?

— Por causa daquilo. — Acenou com a cabeça por cima do meu ombro, na direção do Nash, que oferecia uma cerveja ao irmão e sorria ao fazê-lo. — Não lixes tudo.

Dirigiu-se para os amigos, e eu fechei a porta, sentindo-me culpada.

— Bom, malta. Antes de começarmos, talvez seja melhor dizer-vos... — Fui interrompida por uma nova pancada.

O Lucian parou de tentar convencer a *Piper* a largar as pernas do Nash e franziu o sobrolho.

— É o Graham?

— Sabemos que estão aí dentro — disse a voz da Sloane, do outro lado da porta.

O Nash dirigiu-se a mim e à porta.

— Era isto que eu te queria dizer — disse eu, agarrando-lhe no braço. Ele olhou pela vigia e a seguir lançou-me um olhar de «não foste capaz». — Fui — confessei.

— O que se passa? — perguntou o Knox, cruzando os braços.

— Isto — disse o Nash, abrindo a porta à Naomi, à Sloane e à senhora Tweedy.

— OK. Devo esclarecer que não mandei mensagem à senhora Tweedy.

O Knox parecia preocupado. O Lucian parecia pronto para cometer um homicídio. E o Nash, bom, o Nash olhou para mim e revirou os olhos.

— Flor, bebê, que porra estás aqui a fazer? — perguntou o Knox, encurtando a distância entre eles.

Ela cruzou os braços sobre a bonita camisola violeta.

— A Lina mandou-nos mensagem.

A Sloane, com calças de pijama em xadrez e *top* a condizer, pôs as mãos nas ancas.

— Vocês, os pénis, não vão excluir-nos do que diabo seja isto.

— Eu só estou aqui porque, da minha vigia, parecia uma festa. Trouxe bebida — anunciou a senhora Tweedy, erguendo uma garrafa de *bourbon*.

Eu estremeci quando três olhares masculinos e maldispostos pousaram em mim.

— Angelina — começou o Nash.

Ergui as mãos.

— Ouçam-me até ao fim. De uma forma ou de outra, isto envolve-nos a todos, menos à senhora Tweedy. E a Naomi e a Sloane merecem saber o que se passa. Quanto mais cabeças conseguirmos reunir para isto, quanto mais olhos e ouvidos tivermos pela cidade, mais bem preparados estaremos. — Os homens continuaram a olhar-me com reprovação. — Ninguém conhece esta cidade e o que nela se passa melhor do que a Sloane. E a Naomi ganhou o seu lugar aqui ao ser um alvo. Não devia ficar na ignorância. Quanto mais ela souber, mais segura pode estar e melhor pode proteger a Waylay — insisti.

— Não me vais deixar de fora disto, o que quer que seja. Se tem alguma coisa que ver com a minha irmã ou com o merdoso do ex dela, eu mereço saber o que se passa — insistiu a Naomi para o Knox.

— Não precisas de te preocupar com nada, Flor — garantiu ele, agarrando-a delicadamente pelos bíceps. — Eu trato disto. Trato de ti e da Way. Tens de confiar em mim para tratar disto.

O rosto da Naomi suavizou-se momentaneamente antes de voltar a ficar zangado.

— E tu tens de confiar em mim. Eu não sou uma criança. Preciso da verdade total e de linhas abertas de comunicação.

A Sloane apontou o polegar na direção da Naomi.

— Pois. Isto que ela disse.

— Isto não tem nada que ver contigo. Quando é que aprendes a meter-te na tua vida? — perguntou o Lucian, dirigindo-se à Sloane num tom tão gelado que eu quase estremeci.

Bom, pelo menos o grandalhão estava furioso com alguém que não eu, para variar.

A Sloane, porém, parecia ser imune ao gelo do Rollins.

— Calou, Satanás. Se envolve a minha cidade e as pessoas de quem gosto, envolve-me a mim. Não espero que compreendas isto.

O duelo de olhares começou, e eu perguntei-me qual dos pescoços se cansaria primeiro, dada a diferença de alturas entre eles.

O Nash aproximou-se e agarrou-me pelo pulso.

— Deem-nos licença — anunciou, e arrastou-me para o quarto. Fechou a porta, empurrou-me contra ela e depois encurralou-me com as mãos a ladear-me a cabeça. — Explica.

— Pareces zangado. Talvez seja melhor falarmos mais tarde.

— Vamos falar agora, Angel.

— Elas tinham o direito de saber.

— Explica-me porque falaste com elas antes de falares comigo.

— Honestamente?

— Experimentemos isso, para variar — disse ele, com secura.

— Não sei bem qual é a hierarquia de lealdade nesta situação. A Naomi e a Sloane são as primeiras amigas verdadeiras que tenho em muito tempo, e estou destreinada. Mas sei o quanto te magoou quando eu te mantive na ignorância. Experimentei a mesma sensação quando andaste a conspirar sem mim. E...

Sonoramente, ele prendeu as minhas ancas contra a porta com as suas.

— Eles estão a foder ali dentro? — ouvi o Knox perguntar na sala.

— E o quê? — perguntou-me o Nash.

— E elas devem saber. E eu percebo que estejas danado e lamento não ter abordado isto contigo primeiro.

— Eu agradeço isso, e não estás enganada — disse ele, desviando-me o cabelo da testa num gesto tão delicado que os meus joelhos fraquejaram.

— Não?

Um sorriso repuxou-lhe o canto da boca.

— Não. Mas, da próxima vez, vamos conversar primeiro.

Ele era lindo pra caraças e... *bom* pra caraças. Não admirava que eu tivesse *caidinha* pelo homem.

Consegui assentir.

— Certo. Vamos.

Ele segurou-me o rosto com a mão em concha.

— Tu e eu estamos nisto juntos. Quando as nossas decisões afetam o outro, tomamo-las juntos. Entendido?

Assenti vigorosamente.

— Ótimo — disse ele, afastando-me da porta. Deu-me uma palmada dolorosa no rabo. — Considera isto um «menos cinco».

— Au!

— Ou ela o esbofeteou ou ele lhe bateu — disse a Sloane na sala.

— Agora vamos voltar lá para fora e resolver esta merda. *Juntos* — disse o Nash com firmeza.

— Está bem.

Ele deteve-se.

— Há mais alguma coisa que precisas de me dizer antes de voltarmos lá para fora?

Eu abri a boca, e nesse momento ouviu-se mais uma pancada na porta da rua.

— Juro que esta não é culpa minha — garanti.

Ele sorriu e abriu a porta do quarto.

O Nolan entrou, e o Knox fechou a porta atrás dele. O *marshal* deteve-se e contemplou a reunião, o quadro branco e a senhora Tweedy a preparar um jarro de *Old Fashioneds*.

— Vou odiar isto, não vou?

— Não tanto quanto eu já odeio — disse-lhe o Knox.

— Olá, Nolan — disse a Sloane, com um belo sorriso.

— Olá, *cupcake*.

O Lucian manteve-se em silêncio, mas as *vibes* de «estou prestes a explodir» eram uma presença tangível na sala.

— Vou buscar mais cervejas — disse eu, passando deliberadamente entre o Lucian e o Nolan, que parecia ignorar que tinha a vida em jogo.

— Já sabes como é: esta é a tua última oportunidade de bazares, antes de a coisa dar para o torto — disse o Nash ao Nolan, enquanto eu me dirigia para a cozinha. — Ou entras ou saís.

— Entro — disse ele sem hesitações.

— Nolan, isto pode meter-te em grandes sarilhos — adverti, retirando um *pack* de cervejas do frigorífico. — Os teus chefes não vão gostar de que te envolvas nisto.

— Não sei se repararam — disse o Nolan abrindo os braços —, mas o meu trabalho é uma seca. Custou-me o meu casamento. Estragou qualquer esperança que eu tivesse no mundo em geral. E dormir em motéis de uma estrela cheios de baratas deu-me cabo das costas. Já tenho a carta de demissão escrita. Estou só à espera de ficar suficientemente bêbedo ou suficientemente farto para a enviar à chefia. Além disso, estou farto de fazer de ama-seca.

O Nash e eu trocámos um olhar, e ele assentiu. Entreguei uma cerveja ao Nolan.

— Bem-vindo à equipa.

— Não sei de que raio estão vocês a falar, mas eu também estou na equipa — anunciou a senhora Tweedy.

Encolhi os ombros para o Nash, e ele revirou os olhos. Ambos sabíamos que não havia nenhuma maneira fácil de nos livrarmos dela.

— Está bem — disse-lhe o Nash. — Mas não pode repetir nada do que ouvir esta noite. Nem aos seus colegas de ginásio. Nem aos seus parceiros de póquer. Nem a ninguém.

— Caramba. Já percebi. Vamos lá ao que interessa.

— Vamos lá despachar isto — resmoneou o Knox, e puxou uma cadeira para a Naomi.

Sentámo-nos em redor da mesa com *bourbon* e cervejas, e ouvimos enquanto o Nash recapitulava os acontecimentos dos últimos dias e depois expunha o plano que eles tinham engendrado.

— Detesto — anunciou a Sloane quando ele terminou.

A Naomi, de olhos arregalados, estava agarrada à mão do Knox.

— Não podes estar a falar a sério, Nash. Não podes expor-te assim como isco. Ele já quase te matou uma vez.

— E, desta vez, eu estarei preparado para ele — disse delicadamente o Nash.

— Estaremos todos — prometi.

A Naomi virou um olhar implorante para o Knox.

— Mas, se o Nash é um alvo, uma ponta solta, a Way também é.

— E tu também — disse o Lucian.

O Knox puxou-a para junto de si.

— Olha para mim, Flor. Ninguém se vai aproximar de nenhuma de vocês. Prometo-te isso. Teriam de passar por mim primeiro, e por mim ninguém passa, porra.

— Ele baleou o Nash — disse ela, com os olhos a encherem-se de lágrimas.

— Também não vai ter uma segunda oportunidade para isso — prometeu o Knox.

Virou os olhos para o irmão, e partilharam ambos um longo olhar.

A Naomi fechou os olhos e encostou-se ao peito do Knox.

— Não posso acreditar que tudo isto está a acontecer por causa da minha irmã. Sinto que fui eu quem provocou isto tudo.

— Ninguém pode responsabilizar-se pelas más decisões de outro adulto — disse-lhe o Nash. O seu olhar passou para mim. — Só podemos tentar tomar boas decisões para nós próprios.

— Quero deixar uma coisa bem clara — disse o Knox. — Nada disto avança antes do casamento, no sábado. Nada vai lixar o dia da Flor.

— Também é o teu dia, Knox — disse a Naomi, encostando-se a ele.

— Podes crer que é. E nada nem ninguém vai dar cabo dele. De acordo? — Olhou em redor da mesa, certificando-se de que cada um de nós assentia em concordância.

— Arrancamos na segunda-feira — disse o Nash.

— Está bem. Então devemos falar de preparativos — sugeri.

O Nash assentiu.

— Somos todos parte da equipa. Todos temos um trabalho para fazer. Senão, porque estamos aqui?

— Porque a Lina abriu a bocarra e as arrastou para isto — disse o Knox.

— A Lina poupou-te a uma semana a dormir no sofá, que é exatamente o que merecias se tivesses conseguido esconder-me isto. Portanto, devias agradecer-lhe — observou a Naomi.

O Knox olhou para mim e usou o dedo do meio para esfregar o canto do

olho.

— Obrigado, Leens — disse ele.

— Ora, não tens de quê — disse eu docemente, erguendo o copo com o dedo do meio esticado.

— Voltemos às tarefas — sugeriu o Nolan.

— Diz lá — instou o Nash.

Pestanejei.

— Eu não sei... Não me sinto à vontade...

— Mas tu sabes o que tem de ser feito — insistiu ele.

— Certo — disse eu. — Muito bem. Nash, vais conseguir aceder ao ficheiro do caso que a polícia de Lawlerville abriu antes da interferência dos *feds*. Talvez haja lá algo que nos diga para onde foi o Hugo.

Ele assentiu em concordância, e eu expirei.

— Continua — instou ele.

Virei-me para o Nolan.

— Nolan, tu usas o teu charme e as tuas ligações para veres que informações consegues sobre o caso que os *feds* estão a elaborar contra o Anthony Hugo. Quem lhes anda a dar informações, e como estão eles a obtê-las?

— Certo — disse ele, acariciando o bigode.

— Sloane?

— É só dizeres — declarou ela, de caneta a postos sobre um bloco de notas que tinha retirado da mala.

— Precisamos de pessoas na cidade atentas ao Duncan e aos seus capangas. Quanto mais cedo formos avisados, mais tempo temos para nos prepararmos. O Grim já aceitou ficar de olho nos homens do Hugo. Se algum deles avançar para nós, saberemos. Mas precisamos de pessoas aqui que fiquem de olhos e ouvidos abertos e bocas fechadas.

— Ooooh! Escolhe-me! Escolhe-me! — disse a senhora Tweedy quase a saltar da cadeira, de mão no ar como uma aluna empenhada.

— Está bem. A senhora Tweedy é a nossa primeira espia oficial — concordou a Sloane.

— Isso quer dizer que não pode dar à língua sobre isto com ninguém — disse o Knox à sua inquilina idosa.

— Eu sei quando dar à língua e quando fechar a matraca — ripostou ela.

— Escolhe pessoas que saibas que não vão abrir a boca sobre isto. A última coisa de que precisamos é de uma cidade inteira a postos para uma briga — foi a advertência do Nash à Sloane.

— Se calhar podíamos contar umas tretas a uns mexeriqueiros desbocados, para que eles pudessem estar atentos sem saberem ao certo porquê — sugeriu a senhora Tweedy.

— Como funcionaria isso? — perguntei.

— Por exemplo, o Tipo da Cara Tatuada. Posso dizer casualmente à Neecey, do Dino's, que ouvi dizer que um tipo com tatuagens na cara quer comprar terras de cultivo para construir uns condomínios para *hipsters* e lojas de *vaping*.

— Não é má ideia — disseram o Lucian e a Sloane ao mesmo tempo. Trocaram um olhar longo e fervente.

— Knox — prossegui.

Ele continuava com a Naomi colada ao seu flanco, e rodeava-lhe os ombros com um braço tatuado.

— Chuta aí, chefe.

— Segurança local. Reforça o sistema na tua casa e aqui na do Nash. Lucian, podes arranjar um modo de rastrear o Nash, a Naomi e a Waylay, no caso de eles ficarem sem os telemóveis?

Os olhos do Nash voltaram-se para mim.

— Aguenta aí. Eu já tenho uma sombra federal...

— Não vale a pena discutires — disse-lhe a Naomi. — Se a Waylay e eu temos de tomar essa precaução, tu tens de fazer o mesmo.

— Tenho acesso a alguma tecnologia interessante que pode ajudar — concedeu o Lucian.

— Ótimo. Knox, trabalha nisso com o Lucian — disse eu.

— O que queres que eu faça? — perguntou-me a Naomi. — E nem penses em deixar-me de fora disto.

Olhei para o Nash, em busca de ajuda.

— Autodefesa — disse ele. — Tu e a Way vão inscrever-se em aulas privadas com o instrutor de *jiu-jitsu* da Fi. — O Knox abriu a boca para argumentar, mas o Nash abanou a cabeça. — O Hugo não se vai aproximar de nenhuma de vocês. Mas vamos correr zero riscos.

— Estou ansiosa por aumentar o meu repertório joelho-tomates-nariz —

disse a Naomi.

A Sloane bocejou e olhou para o relógio.

— OK. Já temos as nossas tarefas. Vamos apanhar este cretino.

Em redor da mesa ergueu-se um murmúrio de concordância.

A senhora Tweedy sorveu sonoramente o resto do seu *bourbon*.

— Anda, Flor. Vamos levar-te para a cama — disse o Knox.

O modo como ele o disse e o modo como ela o olhou fizeram-me pensar que o sono era a última coisa que qualquer um deles tinha em mente.

A Sloane voltou a enfiar o bloco de notas na mala.

— Vou começar um grupo de WhatsApp para que estejamos todos atualizados.

— Bem pensado — disse o Nash. — Graham — disse ele ao Nolan, indicando a cozinha com a cabeça.

— Uma palavra — disse o Lucian, surgindo junto do meu cotovelo.

— O que é?

— Qual é realmente a minha tarefa?

O meu sorriso foi lento e entendido.

— Não quis falar à frente de um *marshal*, mesmo estando ele na nossa equipa.

— Eu percebi.

— Podes dedicar a tua rede duvidosa de recolha de informações a localizar um homem sem nome nem fotografia? — Expliquei o amigo do Duncan sem rosto e com telemóvel descartável. — Ele é o único que não consegui localizar, e isso leva-me a pensar que é quem temos de encontrar.

— Manda-me tudo o que tiveres, e eu ponho a minha equipa a trabalhar de imediato.

— Ótimo. Ah, e que te parece de ficares de olho na Sloane? Os restantes ou estão treinados para lidar com isto ou vivem com alguém que está. A Sloane está sozinha e, como ficas ao lado da porta dela quando estás na cidade, és o candidato mais conveniente.

Um fogo de gelo dançou nos olhos do Lucian.

— Ninguém se aproximará dela — prometeu.

— É provável que ela fique lixada com a atenção.

Algo que quase parecia um sorriso desenhou-se no seu belo rosto. Mas logo

desapareceu.

— Desta vez, não serei corrido com tanta facilidade.

Pessoalmente, estava mortinha por saber em que outra vez pensava ele, e em como fora que uma mulher de um metro e cinquenta e sete correria com o Lucian «Lucifer» Rollins. Mas o momento não parecia propício a perguntas. Despedimo-nos, e todos, menos o Nolan, se dirigiram para a porta, num burburinho de determinação e antecipação.

A Sloane deteve-se na ombreira.

— Ainda estás disponível para ser o meu acompanhante no casamento no sábado? — perguntou ao Nolan, que estava encostado à ilha da cozinha.

— Não faltava nem por nada, *cupcake*.

— Vai buscar-me às...

O Lucian bateu com a porta, interrompendo a Sloane a meio da frase.

— Aqueles dois um dia destes implodem. Não é, *Pipe*? — perguntei à cadela, que fazia um sapateado brincalhão aos meus pés.

— Angel, preciso da tua chave — disse o Nash.

— A porta está destrancada — disse eu, indo ter com ele e com o Nolan à cozinha.

— Ótimo. Pega nas tuas coisas e traz a chave — disse ele.

— As minhas coisas?

— O Graham vai ocupar a tua casa até isto acabar. É útil tê-lo mais perto do que no motel.

— Não vou mentir: estou morto por uma cama a sério e por não ter de pisar meia dúzia de baratas antes do duche — disse alegremente o Nolan.

— Uh, ficas no sofá, meu amigo — disse-lhe eu.

— Não. Fica com a tua casa — contrapôs o Nash. — Tu ficas comigo.

— Tu esperas que eu venha morar contigo?! — A minha voz subiu uma oitava.

Comecei imediatamente a suar.

— Sendo assim, vou buscar as minhas merdas. Volto assim que conseguir afugentar as ratazanas da minha mala — anunciou o Nolan, e correu para a porta.

— Tenta lá contrariar-me — desafiou o Nash.

— Não posso vir morar assim contigo, Nash. É de loucos. Mal conseguimos

passar um dia sem discutir, e tu queres partilhar uma casa de banho comigo? Não me sorrias como se a doida fosse eu! — Ouvia o tom histérico das minhas palavras, mas não conseguia contê-lo. Ele continuava a sorrir, mas agora estava a avançar para mim. Ergui as mãos e comecei a recuar. — Uma coisa é adormecer acidentalmente depois do sexo, mas trazer para aqui as minhas roupas e... Tens sequer espaço de arrumação? Não posso deixar as minhas coisas numa mala. Elas precisam de respirar.

Eu precisava de respirar.

O Nash apanhou-me; as suas mãos pousaram nas minhas ancas e puxaram-me mais para ele. Detestei o facto de me sentir instantaneamente mais calma.

— Respira — insistiu ele.

Inspirei uma vez, uma quantidade de ar minúscula e inútil.

— És adorável quando te passas.

— Não me estou a passar, estou... a processar a tua sugestão ridícula.

— Se te fizer sentir melhor, é apenas temporário — disse ele, com uma voz irritantemente calma.

Temporário. Temporário. Temporário. Tal como a nossa relação. Um dia de cada vez até... depois. O Nash levou as minhas mãos à parte de trás do seu pescoço e depois começou a balançar.

— Porque estás a dançar um *slow* comigo?

— Porque gosto de estar próximo de ti, mesmo quando estamos totalmente vestidos.

— Isto não pode ser a melhor solução — insisti. — Porque não vamos todos para o motel?

— Ele não estava a brincar quanto às ratazanas — observou o Nash.

— Está bem, pronto. Vamos todos para a casa da Naomi e do Knox. Eles têm espaço.

— Não achas que isso vai pôr toda a cidade a falar? A nossa ideia é fazer com que as coisas pareçam o mais normais possível de fora.

— O que há de normal nisto? — exige saber. — Aliás, as pessoas não vão começar a falar por o Nolan estar na minha casa? Quero dizer, vão pensar que eu durmo com os dois. Ou que somos algum trio esquisito.

— Ou vão pensar que a minha proteção atribuída a nível federal vai ficar aqui a proteger-me. Ou vão pensar que tu e eu somos a sério e que o Nolan quis sair

do motel das baratas.

Raios. Ele tinha pensado em tudo. Aquele sacana matreiro e calculista.

Senti-me impressionada.

E aterrorizada.

— Não me vou transformar em fada do lar e aprender a cozinhar de repente — adverti.

— Entendido.

— E é bom que não uses o chão da tua casa de banho como cesto da roupa.

Eu vi o Monte da Roupa Suja no dia em que trouxemos a *Piper* para casa.

— Preciso de ir buscar os brócolos ao congelador? — perguntou ele, roçando a face no alto da minha cabeça.

— Não. Talvez.

QUARENTA

SORRI PARA A CÂMARA

Lina

— Não acredito que estejas a obrigar-me a fazer isto — disse o Nash, enquanto uma maquilhadora lhe espalhava pó sobre a testa. Impaciente, ele esquivou-se à mão dela. — Podemos acabar? Por favor?

Eu estava empoleirada na bancada do gabinete dele, divertindo-me imenso com o seu desconforto sob o calor das lâmpadas do fotógrafo.

Nos últimos dias, fora eu quem se sentira desconfortável, ao ser obrigada a ir morar com ele... temporariamente, lembrei-me. Mas isso queria dizer que, entretanto, eu, as minhas roupas, as minhas maquilhagens, até o raio da minha planta, estávamos a viver no apartamento do Nash.

Nas últimas quarenta e oito horas, eu tinha dormido na cama do Nash, tinha lavado os dentes no seu lavatório, tinha-me vestido na sua casa de banho. Depois sentara-me à sua mesa e comera os pequenos-almoços e jantares que ele me tinha feito.

Cruzara a linha de fazer cocó com ele em casa. Pelo seguro, tinha cortado nas fibras.

Para ser sincera, com exceção do meu medo de partilhar a casa de banho, a situação de coabitação não era tão estranha como eu tinha esperado. Mas isso era, provavelmente, porque quase todo o nosso tempo de qualidade era passado sem roupa, e o restante a definir os detalhes do nosso plano «falsa recuperação de memória do Nash a fim de levar o Duncan Hugo a sair do esconderijo».

A maquilhadora arrumou o material e apressou-se a sair da sala. Eu deslizei da bancada e aproximei-me do Nash. Ele estava fardado e carrancudo, uma combinação que eu considerava muito atrativa.

— Queres que te lembre? Isto foi ideia tua — disse eu, passando as palmas

das mãos pelo seu peito largo.

Ele tinha voltado a ganhar peso, acrescentando gradualmente massa muscular à sua constituição. E eu notava que ele usava o ombro doente com menos caretas. O meu coração já quase se deixara de CVP, e eu perguntava-me se o sexo intenso era alguma espécie de panaceia milagrosa.

— A minha ideia era espalhar a notícia de que a minha memória tinha voltado. Não anunciá-la de forma gritante numa revista *online* nacional com direito a reportagem fotográfica — queixou-se ele.

— Coitadinho. Mas temos de nos certificar de que a notícia se espalha por todo o lado, para o caso de o Duncan estar escondido do outro lado do país.

— Como é que o Stef arranjou isto? — quis saber o Nash, puxando o colarinho, irritado.

— Ele tem um acordo com uma empresa de relações públicas. A Naomi ligou-lhe, ele ligou-lhes, e aqui estamos.

— Lembra-me de largar um peso em cima do pé dele da próxima vez que o vir no ginásio.

Eu sorri.

— O que é?

— Agrada-me quando estás amuado. É fofo — confessei.

— Não estou amuado, e não é fofo, caraças.

— Está bem. Estás taciturno, e é *sexy*.

O seu maxilar oscilou, e ele ponderou aquilo.

— Posso aceitar isso.

— Estás preocupado? — perguntei, enroscando-me nele.

O Nash enfiou os dedos nos bolsos traseiros das minhas calças.

— Ele é imprevisível. Eu posso expor-me como isco, e ele continuar a ignorar-me e ir atrás de outra pessoa.

— O Knox não vai tirar os olhos da Naomi nem da Waylay nos próximos tempos. Serás tu a atrair a atenção do Duncan. És a maior ameaça. Ele não conseguirá resistir a tentar acabar o trabalho.

Abanei a cabeça e fechei os olhos.

— O que é? — perguntou o Nash.

— Não posso acreditar que estou a consolar o meu amante doméstico com o facto de que o homem que o tentou matar uma vez fará uma segunda tentativa

— disse eu. — Nada nesta situação é normal.

— Amante doméstico? — repetiu ele.

— Brinquedo sexual? Amigo colorido? Queca de apoio emocional?

— Namorado — decidiu o Nash. Sorriu, e eu estremeci. — Para durona, assustas-te com facilidade.

— Não estou *assustada* — menti.

— Pensas que não percebo quando a minha namorada está em pânico?

— Agora estás só a ser um Nash-Asno — queixei-me, soltando-me dos seus braços. — Vamos deixar o rótulo do que quer que isto seja para depois.

Ele encostou-se à secretária, ainda a sorrir.

— Gosto de saber que consigo enervar-te.

— Sim? Pois eu gosto mais quando tu te passas por causa de maquilhagens e de uma reportagem fotográfica para uma revista nacional.

Ele estremeceu.

— Quem é que está a ser mau agora, Malina?

— Toma, chupa um rebuçado — disse eu, dando-lhe um dos rebuçados embrulhados que sacara do balcão do restaurante no nosso primeiro encontro.

— Não quero um rebuçado. Quero...

O barulho do invólucro nas suas mãos fê-lo calar-se. Baixou o olhar para ele, perdido em pensamentos.

— O que é? — perguntei.

Ele sacudiu-se.

— Nada. Pareceu-me que me estava a lembrar de alguma coisa.

— Sobre o tiroteio? — instei.

— Talvez. Já desapareceu.

— Se te portares bem, levo-te a comer um gelado — ofereci, mudando de assunto. Ele enganchou os dedos no cós das minhas calças e puxou-me para si.

— O teu *spray* de gás-pimenta está a espetar-se-me no estômago — avisei.

— E se, em vez de uma sessão fotográfica e gelados, eu te sentar na minha secretária e abrir bem essas tuas pernas longas e *sexy*? Ponho-me de joelhos e beijo-te até às coxas. — Um arrepio delicioso subiu-me a espinha, quando ele desceu a mão para agarrar o meu traseiro. A sua mão era quente e possessiva.

— Ias implorar até eu sacar da língua e...

— *OK!* Desculpem a demora. Estou preparado.

O fotógrafo não pareceu notar que os meus joelhos tinham deixado de funcionar nem que o Nash estava a fixá-lo com o calor de mil sóis.

— Fica para a próxima? — segredei.

— Que diabo hei de fazer com a ereção? — rosnou ele no meu ouvido.

Eu olhei para baixo e sorri.

— Esconde-a por trás do *spray* de gás-pimenta. E da lanterna. E do *taser*. Mas, fazas o que fizeres, não penses em mim a gritar o teu nome enquanto me fazes um minete.

— Merda.



O Nash sofreu doze infindáveis minutos de fotografias — quase todas com uma ereção mal disfarçada — antes de pôr fim à reportagem como um urso rabugento. Foram mais seis minutos do que eu esperava que ele aguentasse.

Mudei a *Piper* de braço e saquei do telemóvel.

Eu: Deves-me vinte dólares. O Nash acabou de pôr o fotógrafo na rua.

Stef: Raios! Pensava que ele chegaria aos quinze.

Eu: Otário. Faz transferência. E obrigada por teres providenciado isto enquanto estás ocupado a fazer o que quer que tu faças em Nova Iorque. Devo-te uma.

Stef: Podes pagar a tua dívida dando-me informações sobre o Jeremiah.

Eu: Não estás em contacto com ele?

Stef: Claro que estou. Só quero saber se ele anda a levantar pesos como um panda triste e sexy na minha ausência.

— Ei. Queres sair daqui? — perguntou o Nash, espreitando pela porta do seu gabinete. Tinha limpado do rosto o pó da maquilhadora. Parecia exatamente o típico herói americano. A *Piper* achava o mesmo, a avaliar pelo movimento da sua cauda.

— Onde vamos? — perguntei, metendo o telemóvel na mala e pousando a cadela no chão.

— Falar com uma rapariga — disse ele, críptico.

— Depois de ti — disse eu, indicando-lhe que fosse à minha frente.

Admirei o seu traseiro naquelas calças da farda, *sexy* pra caraças, enquanto avançávamos para o espaço comum.

— Ele tirou-te fotografias à cara ou foi só rabo? — perguntou o Nolan,

vestindo o casaco e saindo atrás de nós.

— Vai-te catar — disse o Nash.

Estava um belo dia de outono para um passeio de carro. O Nash pôs a tocar uma *playlist* de *country*, e lá fomos os três — mais a *Piper* — no seu veículo policial. Concentrei a minha atenção nas atualizações no grupo de WhatsApp. A Naomi e a Sloane estavam a levar a sério as suas tarefas.

A Sloane recrutara uma rede escalonada de espões para se manterem atentos ao Hugo e aos seus capangas.

A Naomi e a Waylay tinham a primeira aula de *jiu-jitsu* marcada para essa noite. O Knox e o Lucian tinham encomendado toneladas de equipamentos de segurança que iriam instalar nessa semana.

— Uma visita de estudo divertida, chefe — disse o Nolan do banco traseiro.

Ergui o olhar e vi o estabelecimento correcional feminino a surgir no nosso horizonte.

— Achei que estava na hora de ter uma conversa com ela — disse o Nash, olhando a prisão pelo para-brisas. — Preciso de saber alguma coisa antes de entrarmos?

— Ela não fala se o Nolan estiver presente e tem um fraquinho por ti.

— A Tina? Por mim?!

Parecia que eu tinha sacado de uma raqueta de *badminton* e lhe dera com ela na cara.

— É o rabo, não é? — perguntou o Nolan.

— O meu ou o dela?

— Vá lá, chefe — zombei. — Sabes que todas as mulheres em Knockemout adoram ver-te a saíres de uma sala.

As orelhas do Nash estavam a ficar de um adorável tom de rosa.

— Podemos não falar do meu rabo, por favor?

— Nós podemos parar, mas não me parece que consigas calar a cidade inteira, Garanhão Certinho — avisou o Nolan.

Resmoneando em surdina, o Nash saiu do carro e atirou as chaves ao Nolan.

— Fica aqui e entretém a *Piper*. Nós já voltamos.

— Tenta não levar uma facada — gritou o Nolan.

Fiquei rígida quando o Nash me rodeou os ombros com o braço ao atravessarmos o parque de estacionamento.

— O que foi? — perguntou ele.
— Estamos a trabalhar — observei.
— E?...
— E não é profissional estarmos agarrados um ao outro, na marmelada.
— Acho que vamos ter de visitar a tua definição de «marmelada».
— Tu sabes perfeitamente o que eu quero dizer — disse eu, detestando parecer tão queixinhas.

O Nash deteve-me mesmo antes da entrada.

— Tens-me chateado a cabeça todo o dia e, quando não estás a chatear-me a cabeça, estás a excitar-me. E, quando não estás a fazer nenhuma dessas coisas, estás trancada nessa tua cabeça, perdida em pensamentos profundos. Vou arriscar e dizer que ainda estás assarapantada pela cena da estada.

— *Não estou* assarapantada.

— Sabes que enfatizas as palavras quando te estás a passar?

— Não enfatizo *nada*.

Está bem. Ele tinha-me apanhado. Eu nunca tinha passado tempo suficiente com um homem para ele detetar as minhas expressões. Aquilo era *irritante*.

E agora estava a fazê-lo mentalmente. *Bestial*.

— Ouve-me, querida. Podes passar-te à vontade. Eu ainda estarei aqui quando acabares. É uma estada. Nada mais. Não estás fechada numa masmorra. Não estás a ser retida contra a tua vontade. Estás só a guardar as roupas num armário diferente. Vamos lidar com as grandes decisões depois. Está bem?

Agora eu assentia enfaticamente. Vamos com calma.

— Está bem. Sim. Está bem.

— Linda menina. Agora ajuda-me a abrir a Tina como uma noz.

Abanei a cabeça para clarear as ideias.

— Está bem. Deixa-me pensar. Ela gosta do facto de teres sido sempre simpático para ela. Disse que nunca a trataste mal, nem quando a prendeste.

— Então porque deixou o namorado enfiar-me duas balas?

— Diz que só soube depois de ter acontecido. E pergunto-me se o Hugo terá resolvido embirrar contigo porque a Tina fazia olhinhos com corações ao teu rabo.

O Nash olhou por cima do ombro.

— É assim tão bom?

— É. É, sim, senhor.



A Tina entrou na sala com a sua atitude habitual, mas deteve-se quando viu o Nash ao meu lado. Afastou apressadamente o cabelo da cara e aproximou-se da mesa com uma pose «ombros para trás, mamas para a frente».

O Nash não olhou para o contorno do busto sob a farda da prisão, mas sorriu.

— Olá, Tina.

— Chefe. — O sapato sem atacadores da Tina chocou com a perna da cadeira, e ela tropeçou e agarrou-se à mesa.

— Estás bem? — perguntou o Nash.

— Bem pra caraças. Quero dizer, sim, estou bem.

A miúda durona a tentar ser forte o suficiente para resistir a ficar caída pelo tipo giro. Não me importei com o nítido paralelo.

— O Nash tem umas perguntas para ti — disse eu.

Os olhos da Tina pousaram em mim, e ela sentou-se. Parecia sobressaltada, como se não tivesse notado que eu estava na sala.

— Ah, uh, olá, Lona.

— É Lina — disse eu, lançando ao Nash um olhar de «eu bem te disse».

Ele aclarou a garganta.

— Tina...

— Ouça, eu não sabia nada sobre ele disparar contra si — disse a Tina. — Pelo menos, não antes. E cá-lhe em cima a seguir. Ele disse que o alvejou para fazer com que o pai o comesse a levar a sério. Nunca hei de perceber porque é que as pessoas querem saber das opiniões dos pais para alguma coisa. Cá para mim, é uma perda de tempo.

Isso vindo de uma mulher com dois pais encantadores que só queriam que a Tina encontrasse a felicidade... e parasse de se portar como uma criminoso.

— Eu compreendo — disse o Nash.

Ela abanou a cabeça.

— Como disse, não tive nada que ver com aquilo.

— E porquê? — perguntei.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei.

O Nash inclinou-se para a frente, e a Tina imitou-o.

— Fazes alguma ideia do local para onde ele iria se precisasse de se esconder, mas mesmo assim quisesse ficar por perto?

— Já lhe disse a ela que nunca conheci o tipo, mas, sempre que ele precisava de um sítio novo, ligava ao Tipo do Telemóvel Descartável — disse a Tina, acenando com a cabeça na minha direção sem tirar os olhos do Nash. — Ele arranjava-nos um sítio onde ficar ou arranjava ao Dunc um lugar para ele guardar os carros que roubava.

— Como é que ele pagava ao Tipo do Telemóvel Descartável? — perguntou o Nash.

— Em dinheiro. Metia-o numa daquelas caixas dos correios e enviava-o.

— Foste muito útil, Tina — disse o Nash, tirando alguns apontamentos no seu bloco antes de pousar a caneta.

— Se tiver perguntas sobre aquela noite no armazém, pergunte à Waylay. A miúda tem uma memória que mete medo. Nunca lhe fale em ir comprar gelados, a menos que esteja a falar a sério, porque, se mudar de ideia, não vai ouvir falar de outra coisa durante dois anos.

E, sem mais, eu voltei a não gostar da Tina.

O Nash e eu levantámo-nos.

— Obrigado pelo teu tempo — disse o Nash.

A Tina pareceu em pânico por um segundo, e depois o seu rosto foi atravessado por uma expressão matreira. Sacudiu a caneta do Nash de cima da mesa como um gato.

— Ups. Deixei cair a sua caneta.

O Nash empalideceu e olhou para mim em busca de ajuda.

— Tu estás mais perto — disse eu.

Consegui a custo sufocar uma gargalhada quando ele se agachou, mantendo o traseiro longe da Tina.

— Desejo-te um bom dia — disse ele, enfiando a caneta no bolso.

— Adeus, Tina — disse eu, e segui o Nash, que se deslocava para a porta com o rabo virado para a parede.

Encontrámos o Nolan e a *Piper* sentados ao sol numa faixa de erva, a disputarem o cão-polícia de peluche dela.

— Eu conto-te, se tu me contares — ofereceu o Nolan.

O Nash baixou-se para acariciar o pelo da *Piper*.

— O capanga não-identificado do Hugo pode ser menos um capanga e mais um gestor de propriedades ou consultor imobiliário. Era pago com dinheiro sujo pelo correio.

— Fraude postal. Lindo.

— Vou pedir à minha investigadora que reduza a busca de associados conhecidos aos que tiverem uma ligação ao imobiliário — disse eu.

— É a tua vez — disse o Nash ao Nolan.

— Contactei um velho amigo no FBI. E não, não vou dizer o nome dele. Mas tinha informações internas que estava disposto a partilhar. Diz que as informações anónimas chegam pelo correio, endereçadas à agente especial Idler. São bilhetes manuscritos sobre as operações do Anthony Hugo. Nada de grande, por enquanto, mas até agora confirma-se tudo. O remetente não muito anónimo deu a entender que há mais de onde aquelas vieram, em troca de um acordo de imunidade.

— Isso confirma as informações do Grim. Parece que o Duncan Hugo quer trabalhar com os *feds*, se isso significar tirar o pai do caminho e apoderar-se do negócio da família — disse o Nash.

— Devo preocupar-me com a nossa segurança nacional, havendo tantas fugas no FBI? — perguntei eu.

— Ná. Não deve haver crise — disse o Nolan, piscando o olho.

Abri a conversa do WhatsApp, a fim de pôr toda a gente a par dos nossos progressos.

— Ah, que bom. O Knox e o Lucian instalaram mais câmaras no exterior do edifício e acrescentaram algumas no interior. Amanhã vão colocar sensores de portas e janelas, e o Lucian deixou um localizador parecido com um preservativo para ti na esquadra.

— Quanto a vocês, não sei, mas estes avanços todos estão a dar-me fome — anunciou o Nash.

— Eu não diria que não a uma sandes de peru picante — disse o Nolan.
— Eh, Nolan. A Tina deixou cair uma caneta só para ver o Nash apanhá-la
— chibei-me, ao entrar para o carro.

QUARENTA E UM PALAVRAS SÁBIAS

Lina

Noventa e seis horas. O Nash e eu tínhamos oficialmente sobrevivido a quatro dias inteiros a vivermos juntos *e* ao intenso escrutínio local da nossa relação em desenvolvimento. Eu nem sequer me tinha engasgado com o *latte* no dia anterior, quando o Justice me perguntara como estava o meu «namorado».

Faltavam quatro dias para o casamento — o meu vestido de dama de honor era deslumbrante —, e o artigo do Nash tinha publicação prevista para a segunda-feira seguinte.

Se tudo corresse de acordo com o plano, a notícia da memória recuperada do Nash atrairia o Hugo para fora do esconderijo, ele cairia na armadilha, e estaria tudo acabado.

Eu só não sabia bem quanto do «tudo» queria que acabasse.

O ambíguo «depois» estava, de repente, muito perto, o que significava que teriam de ser tomadas decisões. Se encontrássemos o carro ao encontrarmos o Duncan, o trabalho estaria terminado, e eu pôr-me-ia a caminho de Atlanta para aguardar a minha missão seguinte.

Ou...

Abrandei o ritmo das minhas pernas, antes de parar no parque de estacionamento do Honky Tonk.

Dobrei-me pela cintura e tentei recuperar o fôlego no ar gelado do início da manhã. A minha cara transpirada exalava vapor.

Estava tudo a avançar tão depressa. Havia um impulso, uma urgência sentida por todos à medida que os dias passavam. Fazia-me sentir nervosa e só um tudo-nada descontrolada.

— Nunca percebi porque é que as pessoas correm por gosto — disse uma voz

atrás de mim.

Endireitei-me e vi o Knox com um saco de ginásio ao ombro.

— Porque te levantaste tão cedo? — perguntei, com a respiração ainda ofegante.

— Fui deixar a Way na escola. Recolhi a receita de ontem à noite e pensei em ir ao ginásio depois de passar pelo banco.

— Não conseguias dormir? — adivinhei.

— Não preguei olho.

— O casamento ou o Hugo? — perguntei, ao tirar a fita da cabeça e usar a bainha da camisola para limpar a cara.

— O Hugo que se lixe. Aquele bandalho vai acabar atrás das grades ou debaixo da terra.

— Então é o casamento.

Ele passou uma mão pelo cabelo.

— Ela vai ser minha. Oficialmente. Estou sempre à espera de que ela caia em si.

— Tens medo — disse eu, surpreendida.

— Foda-se, podes crer que tenho medo. Tremo que nem varas verdes. Preciso de a prender antes que ela perceba que podia arranjar melhor.

— Não podia — disse eu. — Ninguém neste mundo poderia amá-la mais do que tu. E não estou a dizer isto por ela ser adorável. Estou a dizê-lo porque a amas muito.

— E amo — disse ele, com a voz rouca.

— E ela ama-te muito.

Os lábios dele curvaram-se.

— Ama, não ama?

Eu assenti.

Ele atirou o saco do ginásio para a bagageira da *pick-up*, e eu encostei-me ao para-choques.

— Diz-me que vale a pena — deixei escapar.

— O que é que vale a pena?

— Deixar alguém entrar. Deixar uma pessoa aproximar-se tanto que possa destruir-nos se quiser.

— Posso soar como o raio de um postal ilustrado, mas vale tudo —

rouquejou ele.

Eu estava a ficar com pele de galinha devido ao arrefecimento rápido.

— Não estou a brincar. O que tinha eu antes comparado com o que tenho agora? — Ele abanou a cabeça. — Nem há comparação possível.

— Como?

— Não sei como explicar. Só sei que não há qualquer destemor ou coragem em passar a vida inteira atrás de uma parede. As merdas mesmo boas só começam quando os tijolos caem e nós convidamos alguém a entrar. Se não estiveres borrada de medo, não estás a fazer bem a coisa.

— Mas e se eu gostar de paredes? — perguntei, dando um pontapé numa pedra com a ponta da sapatilha.

— Não gostas.

— Tenho a certeza de que gosto.

Ele abanou a cabeça.

— Se gostasses tanto de paredes, não estarias agora borrada de medo.

Eu revirei os olhos.

— Então como é que isto funciona? Devo largar os meus segredos mais profundos e negros, as partes mais feias de mim, em cima de toda a gente e depois esperar que não fique tudo lixado?

Ele dirigiu-me o seu sorriso perverso.

— Não sejas burra. Não deixas entrar toda a gente. Só as pessoas que importam. Aquelas em quem queres confiar. Aquelas que querem deixar-te entrar. Essa merda da vulnerabilidade é tal e qual o respeito. Conquista-se.

Perguntei-me se fora por isso que eu tinha falhado anteriormente como membro de uma equipa. Não confiava a minha segurança a ninguém, e não dava razões aos outros para me confiarem a sua.

— Acho que estares com a Naomi quadruplicou o teu número diário de palavras — brinquei.

— Estar com a Naomi fez-me perceber como era infeliz antes. Tudo o que pensava que queria era só eu a tentar proteger-me de viver a sério. Como afastar as pessoas — disse ele, incisivo.

Olhei para as pontas dos pés e deixei que as palavras dele me ecoassem no cérebro. Queria eu continuar a viver como sempre vivera? Ou estaria pronta para mais? Estaria pronta para parar de afastar os outros?

Soltei um suspiro.

— Estou muito orgulhosa de ti, Knox.

— Sim, sim — grunhiu ele. — Agora para de me perguntares merdas sobre relações, caraças.

Toquei no seu ombro com o meu.

— Vais ser um excelente marido e pai. Rabugento e com um vocabulário pavoroso, mas excelente.

Ele grunhiu, e eu dirigi-me para a porta das escadas.

— Lina?

Virei-me para trás.

— Sim?

— Eu nunca o vi assim com nenhuma mulher. Está caído de todo e espera que tu estejas também.

Eu queria sorrir e vomitar ao mesmo tempo. Para jogar pelo seguro, voltei a dobrar-me pela cintura.

O Knox fez um sorriso afetado.

— Vês? Borrada de medo. Pelo menos sabes que estás a fazer bem as coisas.

Fiz-lhe um pirete amigável.



Tive o dia inteiro para remoer as coisas na cabeça. A meio da tarde, estava tão farta dos meus pensamentos que fui ao supermercado e comprei ingredientes para sandes de peru.

Fazer sandes não contava como cozinhar, tranquilizei-me.

De novo em casa do Nash, reguei a minha planta, atualizei o trabalho e — após uma breve pesquisa na Internet — consegui cozinhar o *bacon* no forno sem o transformar em carvão.

Preparei duas sandes como se fossem obras de arte e depois fiquei ali sentada, a olhar para o relógio. O Nash só devia voltar para casa dali a uma hora. Eu tinha programado muito mal a preparação da comida.

Num impulso, saquei do telemóvel e liguei para a minha mãe.

— Ora, mas que bela surpresa — disse ela, quando apareceu no ecrã.

A alegria pura no seu rosto pelo facto de eu a ter contactado espontaneamente atingiu-me como mil milhões de setas de culpa enterrando-se na minha pele.

Apoiei o telemóvel no frasco de biscoitos para cão que o Nash tinha na bancada.

— Olá, mãe.

— O que se passa? Pareces... Espera. Pareces feliz.

— Pareço?

— Estás radiosa. Ou é algum filtro?

— Não é um filtro. Na verdade... ando com uma pessoa — disse eu. A minha mãe não mexeu um músculo no ecrã. — Mãe? Perdi-te? Acho que paralisaste.

Ela aproximou-se do ecrã.

— Não paralisei. Estou só a tentar não te sobressaltar com movimentos súbitos.

— Há um tipo — disse eu, decidindo deitar tudo para fora. — Ele é... — Como poderia explicar o Nash Morgan? — Especial. Acho eu. Quero dizer, é mesmo, e eu gosto dele. Tipo, muito. Muito mesmo. Mas acabámos de nos conhecer, e eu tenho a minha vida em Atlanta e um emprego que exige muitas viagens, e estarei a enlouquecer por completo por pensar que talvez valha a pena eu desistir de tudo isso por ele?

Esperei um momento, depois outro. A minha mãe estava de queixo caído no ecrã.

— Mãe? — incitei.

Ela começou a pestanejar rapidamente.

— Desculpa, minha querida. Estou só a processar o facto de me teres ligado de livre vontade para falares de amor.

— Eu não disse «amor». Tu é que disseste «amor» — disse eu, sentindo o pânico a subir-me pela garganta.

— Desculpa. De gostares — emendou a minha mãe.

— Eu gosto *mesmo* dele, mãe. Ele é tão... bom. E verdadeiro. E conhece-me, apesar de eu ter tentado impedir que ele me conhecesse. Mas, mesmo com tudo o que sabe sobre mim, continua a gostar de mim.

— Parece coisa séria.

— Pode ser. Mas eu não sei se sou capaz de coisas sérias. E se ele vier a conhecer tudo de mim e depois decidir que sou de mais, ou que não sou suficiente? E se eu não confiar o suficiente nele, e ele se cansar disso? Em que

trabalharia eu, se largasse o meu emprego e viesse viver para aqui por ele? Ele tem pouquíssimo espaço de arrumação.

— Corre o risco.

— O quê? — Pestanejei, certa de ter ouvido mal a minha mãe.

— Lina, o único modo de saberes se ele é o tal é tratando-o como sendo o tal. Ele pode ganhar o título ou perdê-lo. Isso é com ele, mas tu é que tens de lhe dar a oportunidade de te merecer.

— Estou confusa. Sempre me pareceste tão... avessa a riscos.

— Querida, eu fui uma desgraça durante anos, por causa do que te aconteceu.

— Ena, não me digas, mãe.

— Culpei-me. Culpei o teu pai. Culpei o pediatra. O futebol. O *stress* dos estudos. Portanto, dediquei-me a tentar proteger-te de tudo. E acho que ter-te metido nessa bolha fez mais prejuízos a longo prazo do que a tua condição cardíaca.

— Não me prejudicaste.

Eu não me tinha transformado numa cobarde avessa a riscos. O meu trabalho implicava um perigo real.

— Desde essa altura, tens encarado todas as relações como prisões em potencial.

Está bem, aquilo era um pouco verdade.

— Se gostas mesmo desse homem, então tens de lhe dar uma verdadeira oportunidade. E se isso significa ires viver para Knockemunder...

— Knockemout — corrigi.

— O que se passa? Fazemos pausa neste jogo ou quê? — berrou o meu pai em fundo.

— A Lina tem um namorado, Hector.

— Oh, bestial. Bora dizer a toda a gente — disse eu secamente.

O meu pai espremeu-se no ecrã.

— Olá, miúda. Que história é esta de teres namorado?

— Olá, pai — disse eu, debilmente.

— Onde é que estás? Essa cozinha não é a tua — disse o meu pai, inclinando-se para olhar para o ecrã e, essencialmente, bloqueando a imagem a todos.

— Oh, estou... hum... — Ouvi a chave na fechadura. — Bom, é melhor desligar — disse rapidamente.

Mas já era tarde. A porta da rua escancarou-se atrás de mim, e o Nash, de aspeto impecável na sua farda, e a *Piper*, com uma camisola nova cor de laranja, entraram.

Virei-me para olhar para eles.

— Olá, Angel — disse ele, carinhoso. — C'um caraças. Estiveste a cozinhar?

— Uh. — Virei-me de novo e olhei para os dois adultos de boca aberta no meu ecrã. — Raios.



— Acho que correu bem — disse o Nash, com a boca cheia de sandes de peru.

Eu pousei a cabeça na bancada e gemi.

— Tinhas de ser tão charmoso?

— Angel, está no meu ADN. É como pedir à Oprah que deixe de gostar de livros.

— Tinhas de lhes dar o teu número de telemóvel? Eles ligam-me todos os dias!

— Não consegui arranjar uma maneira educada de me escapar a essa — confessou o Nash. — Que mal pode fazer?

Eu endireitei-me e cobri a cara com as mãos.

— Não estás a perceber. Eles vão-se meter num avião e aparecer aqui.

— Estou ansioso por os conhecer.

— Não sabes o que estás a dizer. Estás a delirar. É óbvio que o *bacon* ficou mal passado e que as amebas do porco estão a devorar-te o cérebro neste momento.

— Se eles são importantes para ti, são importantes para mim. Se aparecerem, resolvemos isso juntos: tu, eu e as amebas.

— Não fazes ideia daquilo em que te estás a meter — adverti-o.

— Porque não nos preocupamos com isso depois? — sugeriu ele, com os olhos azuis a cintilarem de divertimento exasperante.

— Porque temos de nos preocupar com isso *agora*.

— Lá estás tu a enfatizar outra vez.

Os meus olhos estreitaram-se.

— Não me faças esbofetear-te com *bacon* mal passado.

O Nash tinha acabado a sua sandes e pegou em metade da minha.

— Sabes, senti uma coisa quando estavas a dizer aos teus pais que tinhas vindo apenas visitar-me a minha casa.

— Cãibras devido a amebas de porco?

— Que graça. Não. Estava a pensar em honestidade.

— Está bem. Andava para te dizer que tenho usado a tua escova para lavar os dentes da *Piper* — graciei.

— Isso explica os pelos de cão na pasta dentífrica. Agora é a minha vez. Tens de parar de mentir aos teus pais.

Fiquei rígida no banco.

— É mais fácil dizer do que fazer. E não tenho energia para te explicar porquê.

— Não. Isso não vai acontecer, querida. Não vou deixar-te resistires nesta questão. Tens de confiar suficientemente nos teus pais para seres honesta com eles.

Revirei os olhos.

— Oh, claro. Vai correr mais ou menos assim: «Olá, mãe. Ando a mentir-vos há anos. Na verdade, sou uma espécie de caçadora de cabeças, o que implica investigações perigosas e estadas em motéis ranhosos, com baratas e portas frágeis. Também sou muito boa nisso, e a adrenalina faz-me sentir viva depois de tantos anos a sentir-me sufocada. Além disso, não deixei de comer carne vermelha, como vos disse. O quê? Ah, estás tão desgostosa que tiveste um ataque cardíaco? E a úlcera do pai inflamou, e ele está com uma hemorragia interna? Fixe.»

Ele sorriu-me.

— Angel.

Dei um empurrão ao ladrão de sandes.

— Vai-te embora. Estou zangada contigo.

— Aqui estás tu a afastar-me, e eu a ficar — observou ele.

— Mudei de ideia — decidi. — Gosto de manter toda a gente à distância.

— Não, não mudaste. E não, não gostas. E percebo que o que estou a sugerir possa ser muito assustador. Mas, Angel, tens de acreditar que os teus pais podem gerir as suas merdas, que incluem mas não se limitam às suas reações a

ti e às tuas merdas.

— Há demasiada merda nessa metáfora. Cheira mal.

— Ah. Ouve, eu não estou a dizer que vai ser fácil. E não estou a dizer que eles vão ter a reação exatamente certa. Mas tens de fazer o melhor que puderes e acreditar que eles farão o mesmo.

— Queres que eu lhes confesse todas as coisas sobre as quais lhes menti?

— Raios, não. Nenhum pai precisa de saber de escapadas noturnas para roubar bebidas. Começa por agora. Conta-lhes do trabalho. Conta-lhes de nós.

— Eu contei-lhes de nós. Foi por isso que lhes liguei.

Ele ficou onde estava, com a sandes a meio caminho da boca, os olhos a perfurarem-me com o tipo de calor que fazia com que o meu estômago se sentisse amarrado a um par de havaianas.

— O que foi? — desafiei-o.

— Contaste à tua mãe sobre mim.

— E então?

Ele largou a sandes e atacou-me.

Eu guinchei, e a *Piper* ladrou, alegre.

— Então isso merece uma recompensa — disse ele, pegando-me ao colo.

QUARENTA E DOIS

CHOCOLATE COM PEPITAS

Lina

— Quando falaste em gelado, pensei que querias dizer um encontro —
gracejei com o Nash enquanto ele abria a porta traseira da *pick-up* no parque
de estacionamento da Knockemout Cold, a melhor geladaria da cidade.

Eu tinha passado o dia debruçada sobre os relatórios da cena do crime do
tiroteio ao Nash e do armazém. Também respondera a algumas perguntas
adicionais do inspetor de Arlington que estava a terminar o relatório sobre a
briga entre os irmãos Baker, com faca e sem roupa. Para terminar, vira a
gravação da câmara do tabliê do Nash, em busca de pistas.

Ficara devastada no primeiro visionamento e, quando chegara ao terceiro,
sentia-me tão mal que quase o tinha derrubado com um abraço mal ele passara
a porta.

— Vejam quem está a aprender a gostar de encontros — disse ele, ufano,
antes de pousar a *Piper*, de camisola, na traseira da *pick-up* com o seu copinho
de gelado de baunilha. — Pensa nisto como um encontro duplo mais um.

Devolvi-lhe o seu cone.

— É difícil chegar aos «finalmentes» quando se tem público.

Certifiquei-me de que ele estava a olhar para mim, antes de lambar
vagarosamente o meu gelado de caramelo salgado.

— Não te devia ter comprado um cone — lamentou ele.

Lancei-lhe um sorriso provocador e empoleirei-me na traseira da carrinha. Ele
colocou-se entre as minhas pernas e plantou-me na boca um beijo gelado a
saber a chocolate.

— Que nojo. Vocês são tão maus como o Knox e a tia Naomi — queixou-se
a Waylay.

Estava flanqueada pelo Nolan e pela Sloane — no seu segundo encontro — e segurava um cone gigantesco.

— Quantas bolas tem isso, Waylay? — perguntou o Nash.

— Três — disse ela.

— A Naomi vai matar-nos — sussurrei.

— Estás bem arranjada — cantarolou a Sloane, enquanto se dirigia com o Nolan para o carro dele.

A Waylay veio juntar-se a mim na traseira.

— *OK*. Vocês safaram-me do treino de futebol e deram-me gelado antes do jantar. Eu não sou estúpida. O que é que querem? O teu *laptop* tem um vírus? É que os meus preços subiram — disse a miúda, antes de lamber entusiasticamente o seu gelado de chocolate com pepitas.

— Queremos falar contigo sobre a noite em que a tua mãe e o Duncan Hugo te levaram — disse o Nash.

— É porque ele ainda anda à solta e vocês querem apanhá-lo? — perguntou.

— Basicamente, sim — disse ele.

Gostei do facto de ele não dourar a pílula. De confiar na Waylay para lidar com a verdade, mesmo esta sendo feia e assustadora. Os meus pais tinham tentado esconder-me tanta coisa, por terem medo de que eu não tivesse força suficiente para aguentar o que fosse mau. Mas, sempre que a verdade se revelara, fora como mais uma minúscula traição.

Eu detestara isso... e, c'um caraças, estava a fazer-lhes a mesmíssima coisa naquele momento. Não os considerava capazes de lidarem com a verdade, portanto, mentia para os proteger.

O que significava que o Nash tinha razão. De novo.

— Raios — resmoneei.

O Nash e a Waylay olharam-me por cima dos seus cones, preocupados.

— Não liguem. Gelou-se-me o cérebro — disse eu.

Cérebro gelado, epifania de mudar a vida — dava no mesmo, certo?

— Falámos com a tua tia e com o Knox, e eles disseram que podíamos fazer-te algumas perguntas sobre aquela noite — prosseguiu o Nash. — Tu não te importas?

A Waylay encolheu descuidadamente os ombros e perseguiu uma gota com a língua.

— Tudo bem. Porque não?

— De que é que te lembras? — perguntei.

Ela lançou-me um olhar de «dah».

— Chiça, de tudo! Não é todos os dias que se é raptada pela mãe e pelo maluco do namorado dela. Ficou-me gravado no cérebro.

— Vamos focar-nos no momento em que estavas no armazém sozinha com o Duncan — sugeriu o Nash. — O que foi que ele disse ou fez até a tua mãe ter voltado com a tua tia?

— Bom, deu-me uma piza nojenta. Estava, tipo, queimada e fria ao mesmo tempo. Depois, quando eu tentei sair por uma janela com o *Waylon*, ele amarrou-nos aos dois.

Os ombros do Nash, sempre o heroico, ficaram tensos quase impercetivelmente. Eu estendi o braço por trás da Waylay e esfreguei-lhe as costas com a mão que não segurava no gelado.

— O que é que ele fez enquanto vocês estavam amarrados? — perguntei.

— Basicamente, jogou jogos de vídeo. Comeu imenso. Sobretudo piza merdosa... quero dizer, má, e gomas. Acho que ele come por nervos. A tia Naomi ia passar-se se visse a dieta dele.

— Ele falou ao telemóvel enquanto tu lá estavas? — perguntou o Nash.

A Waylay franziu o nariz.

— Acho que não. Esteve quase sempre aos gritos e a jogar *Dragon Dungeon Quest*. — O seu olhar oscilou entre nós os dois, e ela acrescentou: — É um jogo de vídeo em que se matam pessoas com setas e se rebenta com me... cenas.

— Entrou mais alguém na sala enquanto lá estavas?

— Acho que uns dois... como se chamam os maus que trabalham para o mau que manda?

— Capangas? — sugeri.

— Isso. Entraram dois capangas. Sempre que o Duncan tinha de tirar os auscultadores, zangava-se e gritava com eles por o interromperem.

A Waylay recapitulou tudo o que recordava daquela noite, incluindo a Naomi a atirar-se em voo para a salvar e o Knox a esmagá-las «como panquecas» até o tio Nash ter salvado o dia.

— A minha mãe tem um péssimo gosto para homens. — A Waylay terminou

o seu relato abanando sardonicamente a cabeça. — Não é como tu e a tia Naomi — acrescentou, olhando para mim.

— Oh, nós só... — Olhei para o Nash. — Socorro?

— Sim, eu e o Knox somos bestiais. Bom, sobretudo eu. O Knox é porreiro. Para quem curte rabugentos que estão sempre de trombas — disse o Nash, dando uma cotovelada carinhosa à Waylay.

Era adorável vê-lo com a miúda reservada. Tinha jeito para crianças. E por que raio estava eu a pensar naquilo? «Ter jeito para crianças» nunca tinha sido um requisito para mim.

— Obrigada de novo pelo Dia das Profissões. Não digas ao Knox, porque ele fica mesmo de trombas, mas tu e o bigode ganharam de longe.

— Sim! Eu sabia! — O Nolan, que claramente estava a ouvir, afastou-se do para-choques fronteiro do seu carro e celebrou a sua vitória oficial com uma projeção de braço.

— Tens gelado no bigode — disse-lhe eu.



Sloane: Pergunta. Seguir o Nash e a Lina no seu interrogatório com gelados à Waylay conta como segundo encontro para mim e para o Nolan? É para uma amiga que só vai para a cama depois do terceiro encontro.

Naomi: Com certeza que conta. Estás a um encontro de distância da Sexolândia!

Eu: Quando vais voltar a vê-lo?

Sloane: Só depois de fazer a depilação a cera, aplicar uma camada de autobronzeador, recuperar da depilação, mudar os lençóis e comprar cuecas.

Naomi: Como assim, comprar cuecas? Não queres dizer comprar cuecas sexy?

Eu: Meu Deus, a nossa bibliotecária não usa cuecas?!

Sloane: Já revelei demasiado.



Quando voltámos para casa do Nash, mudei a água da *Piper* e dei-lhe o petisco *gourmet* de antes de dormir. Depois fui para o quarto e vesti um conjuntinho *sexy* que mostrava mais do que tapava.

Encontrei o Nash na sala, erguendo uma fotografia do interior do armazém.

— O que tens aí? — perguntei, chegando-me a ele.

— A Waylay disse uma coisa que me pôs a pensar... C'um caraças! — disse ele, notando o meu conjunto.

— A pensar em quê?

— Nas tuas mamas. — Ele abanou a cabeça. — Não. Não era nisso que eu estava a pensar. Quero dizer, estou mais ou menos sempre a pensar nelas. Mas não de um modo tarado. Talvez num modo de adoração.

Eu tirei-lhe a fotografia da mão e olhei para ela.

— É uma consola de jogos.

O Nash não disse nada, e eu percebi que ele ainda olhava fixamente para o meu peito.

— Concentra-te, valentão. Fala comigo.

— A consola de jogos do Hugo — disse o Nash, saindo lentamente da sua fuga nos meus seios.

— Parece que foi destruída a tiros. Achas que alguém podia retirar dela alguma coisa útil?

— Talvez não seja preciso.

Olhei para ele e compreendi.

— Porque ele não estava a gritar para a televisão. Estava a gritar com outros jogadores.

— Porque jogava *online* — disse o Nash, com um sorriso lento.

— Quem é agora a Nancy Drew? — brinquei. — Isto é bom. Muito bom. Podemos rastrear a localização dele, não podemos?

O Nash sacou do telemóvel e marcou.

— Olá. Preciso de um favor. — Ouviu por um momento e revirou os olhos. — Não deviam estar a guardar isso para a noite de núpcias? — Houve mais uma pausa breve, e o Nash piscou-me o olho. — Então veste outra vez as calças e vai perguntar à Way qual era o nome de utilizador do Hugo no *Dragon Dungeon Quest*. — O Nash esperou um momento. — Sim, as três bolas de gelado foram culpa minha.

O Nash estendeu o braço para mim e puxou-me para junto de si. Mas, em vez de me agarrar num dos seios, como eu esperava, pegou-me na mão e beijou cada um dos meus dedos, enquanto esperava pelo rabugento do irmão.

— Sim, estou aqui — disse o Nash para o telemóvel. — Ela lembrava-se? — O olhar dele sustentou o meu. Perguntei-me se alguma vez vira olhos tão azuis.

— Sim. Certo. Obrigado... Não. Podes voltar a despir as calças. Eu vou fazer o mesmo.

— Ela lembrou-se, não foi? — perguntei, quando ele desligou.

— Claro que sim. KingSchlong85.

— Que nojo.

O Nash abriu as mensagens.

— Se ele estiver a usar o mesmo nome de utilizador, a equipa sinistra do Lucian deve conseguir localizar um endereço de IP.

— Céus, és *sexy* quando ficas todo detetivesco.

— E tu és *sexy* pra caraças quando investigas em *lingerie*.

Largou o telemóvel na bancada e avançou para mim, com um brilho perigoso e determinado nos olhos.

Eu ergui as mãos e comecei a recuar.

— Espera. Acabámos de fazer um avanço. Não devíamos esperar para ver o que diz o Lucian?

— Ninguém diz que temos de esperar vestidos — disse ele, continuando a avançar.

Puxei de uma cadeira e pu-la entre nós.

— Mas há trabalho para fazer — lembrei-lhe.

— E continuará a haver trabalho quando eu te tirar esse conjunto — disse ele, demoníaco.

Com um guincho, virei-me para fugir, mas ele foi mais rápido do que eu. E não me importou nadinha quando ele me lançou sobre o ombro e marchou comigo para o quarto.



As pancadas acordaram-nos de um sono pesado. Em algum momento depois de ter entrado num coma pós-sexo, eu tinha rolado para cima do Nash, o que era, no mínimo, constrangedor. Mas não houve tempo para me demorar nisso, com um visitante insistente a meio da noite.

O Nash reagiu mais depressa do que eu. Enfiou umas calças de fato de treino e foi à porta, enquanto eu ainda esfregava os olhos ensonados e esperava não me ter babado no seu peito.

Consegui segui-lo aos tropeções, evitando por pouco pisar a ansiosa *Piper*,

que rosnava e tremia ao mesmo tempo.

— São três da manhã, caraças. É bom que esteja alguém a sangrar — disse o Nash, escancarando a porta.

O Nolan entrou de calças de pijama, sapatilhas de corrida e, bom, mais nada.

— Acho que isto se destinava a ti — disse o Nolan, estendendo-me um saco de plástico com uma pedra grande e um pedaço de papel.

— A mim?

O Nash conseguiu arrancar-lhe o saco da mão, mas não antes de eu ter lido o bilhete.

«Não te metas, cabra.»

— Onde raio encontraste isto?

— Misturado com um belo caco de salada de vidros no chão da sala dela — relatou o Nolan.

— O quê? — Olhei-o de olhos semicerrados, a processar.

Ele olhou para os céus, quando eu não apanhei suficientemente depressa o que ele estava a dizer.

— Atiraram-no pelo raio da janela há uns dois minutos.

O Nash entrou de imediato em ação e saiu disparado e descalço.

— Raios — resmoneei.

— Bela camisa de noite — disse o Nolan, lançando-me um sorriso e uma continência, antes de correr atrás dele. — Não está ninguém lá fora. Bazaram uns cinco segundos depois de terem partido a janela — disse ele para o Nash.

Eu corri para o quarto, calcei uns sapatos, vesti um sutiã de desporto e a *sweatshirt* do Nash por cima da camisa de noite, e saí disparada atrás deles.

O ar da noite estava húmido e frio. Os candeeiros públicos banhavam a rua sinistramente silenciosa numa luz dourada que desenhava círculos no nevoeiro cada vez mais espesso. Vi marcas de pneus em frente do edifício.

— Volta para dentro — rosnou-me o Nash, quando os apanhei no meio da rua.

— Destinava-se a mim...

— O que faz de ti o raio do alvo. Portanto, tira o rabo da rua, *já* — ladrrou ele.

— Quem é que está a enfatizar palavras agora? — resmoneei em surdina, enquanto voltava para dentro.

Irritada e cheia de frio, esperei na entrada, enquanto o Nash e o Nolan passavam revista a ambos os lados da rua.

— Então? — quis saber, quando por fim regressaram.

— Já se tinham ido embora há muito — disse o Nash com voz tensa, passando por mim e dirigindo-se para as escadas.

— Parece que o chefe não gosta de que lhe ameacem a namorada — disse o Nolan, enquanto subíamos atrás dele.

— Não sou namorada dele. Sou... Somos... Não importa.

— Vocês vivem juntos, e tu vais para a cama vestida com essas merdas. Tenho a certeza de que, em algumas zonas do país, seriam considerados casados.

Quando chegámos ao cimo das escadas, a porta da senhora Tweedy abriu-se de rompante.

— Isto parece um circo com os elefantes em fuga. Para que são estas patadas todas? Estão a interromper o meu sono de beleza — disse ela.

Vestia uma bata e segurava o que parecia ser um martíni.

— A senhora dorme com um martíni?

— Isto é o meu copo do meio da noite.

QUARENTA E TRÊS

MAU DIA, MAU CONSELHO

Nash

Depois da pedra na janela da Lina e da chegada do Grave para recolher os nossos depoimentos, eu tinha ficado deitado e acordado a olhar para o teto, ouvindo o ritmo regular da respiração dela ao meu lado. Mas, em vez do consolo que a sua proximidade costumava proporcionar-me, sentia uma ansiedade torturante.

Alguém a tinha ameaçado.

Se alguma coisa lhe acontecesse... Se eu não conseguisse protegê-la...

Tinha conseguido por fim dormir, mas apenas para sonhar com alcatrão escuro, o estalar ameaçador e o eco dos tiros.

Quando acordei, sobressaltado, com a pulsação acelerada e uma tremenda dor de cabeça, desisti da ideia de tentar dormir mais e deslizei para fora da cama.

Era uma manhã tristonha e cinzenta, com uma chuva lenta e gelada que arranjava maneira de chegar aos ossos.

Bebi a primeira chávena de café de pé na sala de jantar, em frente do quadro com a informação sobre o caso, e afastei a ansiedade que ameaçava sufocar-me.

Ou o Tate Dilton decidira levantar problemas, ou aquela confusão do Duncan Hugo tinha de algum modo atingido a Lina. Fosse como fosse, eu não ia esperar para ver o que aconteceria a seguir.

Saquei do telemóvel e abri as mensagens.

Eu: Encontro na esquadra. Urgente.

Knox: Céus, tu nunca dormes? O Lucian precisa de pelo menos uma hora para vestir o fato finório e meter-se num helicóptero para aqui.

Lucian: Estou vestido e já tive duas teleconferências na sala das traseiras do Café Rev até agora, esta manhã.

Knox: Caraças.

Lucian: Queixinhas mal vestido.



Cheguei antes deles à esquadra e acenei para o turno da noite numa saudação breve.

Tinha saído de casa sem dizer adeus, só para provar a mim mesmo que não precisava de começar o dia com ela.

Tinha a cabeça enevoada, e o estômago ardia-me do café e dos nervos. O desconforto percorria-me as veias como um milhar de aranhas.

Para me distrair enquanto esperava pelo Knox e pelo Lucian, abri o correio pousado na minha secretária. Só depois de ter aberto um dos envelopes me apercebi de que ele continha uma carta do meu pai.

Apenas ver a sua assinatura no final aumentou a minha ansiedade. Quantas vezes quisera algo dele, precisara de algo dele? Quantas vezes ele me tinha falhado, porque o seu vício era maior do que o seu amor por mim? O Duke Morgan precisava de comprimidos para chegar ao fim do dia. Para sobreviver. Para se aturdir, antes que o mundo e as suas realidades pudessem enterrá-lo.

Apesar do frio matinal, comecei a transpirar ligeiramente.

Era isso que eu estava a fazer?

Passei uma mão pela boca e olhei, sem ver, para a letra do meu pai.

Mesmo depois de todo aquele tempo, era-me tão reconhecível como a minha. Escrevíamos a letra «e» no mesmo ângulo agudo. Tínhamos os mesmos olhos, os mesmos «és». Que mais era igual?

O coração bateu mais sonoramente na minha cabeça. Mas agora não era o medo que ameaçava sufocar-me. Era a raiva.

Raiva para comigo próprio, por ter seguido os passos dele.

Eu devia saber. Sabia que apoiarmo-nos numa muleta só para conseguirmos chegar ao fim do dia era o início do fim.

E não era exatamente isso que eu estava a fazer com a Lina? Usá-la? Virar-me para ela para tentar afastar a dor e o medo? Não tinha de ser droga, nem álcool nem fosse o que fosse que as pessoas usavam para adormecer a dor da existência. Podia ser qualquer coisa, qualquer pessoa de que precisássemos só para sobreviver, para acordar e iniciar mais uma vez aquele ciclo horrível.

— Está tudo bem?

O Lucian entrou, e eu meti a carta do meu pai, ainda por ler, na gaveta de cima da secretária.

— Não, não está. Mas prefiro que o Knox chegue antes de falar do assunto.

— Já chegou, caraças — disse o Knox, com um bocejo que parecia um rugido.

— Alguém atirou isto pela janela da Lina esta noite. — Lancei o saco com a pedra e o bilhete para cima da secretária.

— C'um caraças — disse o meu irmão. — Adivinha quais as câmaras exteriores que são agora uma prioridade — disse o Knox ao Lucian, depois de eu acabar de os atualizar.

— Presumo que a Lina deve ser equipada com um localizador — sugeriu o nosso amigo.

O Knox sorriu.

— Ela vai adorar isso.

— Ótimo. Então podes ir entregar-lho — disse eu.

— Porra, porque é que não entregas tu? Tu é que andas a dormir com ela. Ou, segundo a Way, a «fazer-lhe olhos de coração».

— Eu hoje estou ocupado. Vai lá deixar-lhe um e grita com ela até ela aceitar andar com ele — disse eu.

Os olhos do Knox estreitaram-se.

— Alguém te mijou nos cereais esta manhã, alegria?

— Não tenho tempo para isto. Faz o que tens a fazer.

Felizmente, o Knox não era tão combativo ao romper da manhã, portanto saiu do meu gabinete a praguejar em surdina.

O Lucian, porém, permaneceu sentado.

— Não estás a ficar com urticária? — perguntei-lhe.

Ele não era fã de polícias nem de esquadras, e tinha razões para isso.

— Estás excecionalmente irritado esta manhã. O que se passa?

— Além de uma pedrada pela janela às três da manhã?

O Lucian ficou sentado, olhando-me sem expressão. Decidi esperar e voltei a minha atenção para os *emails*. O nosso desafio durou três mensagens e meia.

— Achas que estamos todos condenados a repetir os pecados dos nossos pais? — perguntei finalmente.

— Acho.

Pestanejei.

— Não queres pensar nisso por um minuto?

Ele cruzou os braços, irritado.

— Quase não pensei em mais nada nas últimas décadas. É impossível vencermos os nossos genes. Fomos feitos por homens com falhas. Essas falhas não se dissolvem no sangue até à inexistência.

A chuva atingia as janelas, garantindo que eu não podia esquecer a tristeza lá de fora.

— Porra, então qual é o propósito seja do que for? — perguntei.

— Como raio queres que eu saiba? — Distraidamente, apalpou o bolso do casaco onde guardava o seu único cigarro diário. — A minha única esperança é de que, se eu continuar a levantar-me todas as manhãs, um dia tudo faça sentido.

— Sabes, eu já estava a sentir-me uma merda antes de teres entrado aqui com a tua nuvem de pessimismo — disse-lhe.

O Lucian fez uma careta.

— Desculpa. Não dormi muito esta noite.

— Não tens de mudar a tua vida toda para aqui por causa disto, sabes?

A casa dos seus pais continha fantasmas para ele.

— Eu fico onde quiser ficar e trabalho onde quiser trabalhar.

— Alguém deve ter andado a mijar em cereais por toda a cidade — gracejei.

Foi mais ou menos naquela altura que a porta do meu gabinete se abriu de rompante.

— Por que diabo te venho encontrar aqui, em vez de na porcaria da tua porta? Juro por Deus, Morgan. És mais difícil de guardar do que aquela velhinha beata no Alabama! — anunciou um Nolan despenteado, entrando pelo gabinete adentro e dando um enfático pontapé no cesto dos papéis. — Contigo são dois passos para a frente, trinta e sete para trás, e não me pagam o suficiente para gramar esta merda!

— Então porque não te despedes? — disparei, tão cheio de autocompaixão que queria espalhá-la em meu redor.

— Eu despeço-me, e tu acabas todo esburacado. Depois tenho de viver com a culpa disso? Porra, que plano bestial.

— Talvez eu tenha um cargo para ti — anunciou o Lucian.

Tinha aquele olhar de sacana maquiavélico que devia fazer com que o seu alvo se sentisse muito, muito nervoso.

— Oh, a sério? — disse o Nolan, ainda danado.

— A sério.

— Qual é o senão?

— «Senão» é uma palavra tão feia. Chamemos-lhe adenda. — O Nolan não se mostrou impressionado. — Para de andar com a Sloane, e o trabalho é teu.

— Foda-se, deves estar a gozar comigo — disse o Nolan.

— OK, a sério? Tu nem a podes ver, mas não queres que ela ande com mais ninguém? Até tu deves perceber até que ponto isso é doentio — disse eu.

— Eu nunca disse que era saudável — disse o Lucian, com a sua voz assustadora.

— Então por que diabo estou a receber conselhos teus? — perguntei.

— Como é que queres que eu saiba?

— Cambada de imbecis selvagens — resmoneou o Nolan, saindo abruptamente do gabinete.



Lina: Olá. Está tudo bem? Acordei e não estavas aqui. Não é que tenhas de me dar conta de todos os teus movimentos. Ou algo assim.



A chuva deixava as estradas escorregadias, e as estradas escorregadias provocavam acidentes. A primeira chamada não foi má. Um toque de para-choques com uma recém-mamã ansiosa e o seu bebé a caminho do pediatra.

A Bannerjee acalmou a mãe e o bebé enquanto se chamava o reboque. Entretanto, eu tratava do trânsito e da limpeza, obrigando-me a não pensar na mulher que deixara quente na minha cama.

Ainda nem nos tínhamos secado da primeira chamada quando recebemos a segunda.

Há um modo operacional que os técnicos de urgência aprendem a ativar, para que o trauma que testemunham não os persiga. Funciona. Quase sempre.

Mas, dado o estado de espírito em que me encontrava, as circunstâncias, a

coincidência cruel... Percebi que já estava a entrar em espiral antes de as coisas terem piorado.

Estava escuro, e sentia-me completamente gelado quando me arrastei escada acima até ao meu apartamento. O ombro e a cabeça estavam em competição para ver qual podia doer mais.

Só queria um duche quente, para poder ficar debaixo da água até descongelar a alma. E a seguir queria ir para a cama e afundar-me na escuridão até poder esquecer a dor a que não conseguira poupar ninguém.

Havia um marido e dois miúdos pequenos de vigília na sala de espera dos Cuidados Intensivos, à espera de que a sua mulher e mãe acordasse.

Eu chegara depois da ocorrência. Era como funcionavam as coisas geralmente. Acontecia alguma coisa má, e a polícia chegava depois. Tinha ajudado a equipa de bombeiros e os paramédicos a desencarcerá-la da prisão de metal retorcido, cobrira com um poncho o seu corpo imóvel enquanto a amarravam à maca, e sentira-me completamente inútil.

Eu devia salvar pessoas, mas não tinha sequer conseguido salvar-me a mim. Se ainda ali estava, era por pura sorte. Uma coincidência feliz, a Xandra ter estado lá no momento exato.

Destranquei a porta com os dedos gelados, ansioso pela escuridão, pelo silêncio.

Em vez disso, fui recebido com luz e calor, e com o cheiro de algo a cozinhar no fogão.

Havia música, um clássico animado de *country*, que tocava alto. Assaltaram-me memórias dela a puxar-me, ou ao Knox ou ao meu pai, para dançarmos na cozinha, e o peito doeu-me.

A Jayla Morgan era a luz e o riso da nossa pequena família.

Quando ela não voltara para casa naquele dia, uma parte de mim morrera. Uma parte de todos nós morrera. Nunca mais tínhamos sido os mesmos.

A *Piper* trotou até mim, com um rosnido brincalhão e uma cobra de peluche na boca.

— Olá! — exclamou alegremente a Lina da cozinha. — Antes que entres em pânico, eu não cozinho. A senhora Tweedy fez uma tachada de chili, e eu encontrei na tua despensa uma caixa de pão de milho instantâneo e consegui não o queimar. Achei que este dia desgraçado era perfeito para isto.

Ela vestia *leggings* e um *top* branco de mangas compridas pela cintura e aberto atrás com tiras cruzadas. Tinha a pele húmida e o cabelo curto e escuro despenteado. Os brincos que eu lhe oferecera balouçavam-lhe nas orelhas.

Naquele momento, senti um anseio tão intenso que os meus joelhos fraquejaram.

Naquele momento, compreendi o meu pai.

Naquele momento, compreendi que era o meu pai.

— Gostas do novo brinquedo da *Piper*? A presidente da câmara veio trazê-lo. Disse que tu perceberias a piada — prosseguiu ela.

Eu queria tirar os sapatos, livrar o corpo das roupas molhadas e pôr-me debaixo do chuveiro até voltar a sentir-me humano. Mas fiquei imóvel no mesmo sítio. Porque não merecia sentir-me quente. Não até a largar.

— Nash? Estás bem? — A voz dela parecia vir de muito longe. Como se viesse a flutuar até mim através da música *country* e do cheiro do pão de milho fresco.

Algo se ergueu dentro de mim. Algo negro e determinado. Eu não podia fazer aquilo.

Se eu ficasse, se ficasse com ela, se continuasse a apoiar-me nela, não seria melhor do que o meu pai.

E, se eu a amasse demasiado, perdê-la-ia.

— Acho que deves ir-te embora. — A minha voz era débil e trémula, como a do meu pai quando precisava de uma dose.

A concha caiu-lhe das mãos e foi parar ao chão.

— Achas que devo o quê? — perguntou, enfrentando com fogo a minha dormência gélida.

Era por aquilo que discutíamos? Para eu poder provocá-la e roubar o seu calor? Seria tudo uma procura por novas maneiras de a usar?

— Isto não está a funcionar — insisti. — Acho que deves ir-te embora.

Aqueles olhos cor de *whiskey* miraram-me de cima a baixo, como se procurassem uma lesão. Mas ela nunca a veria. Estava muito abaixo da superfície. A ferida que nunca sarava.

Ela atirou a concha para o lava-louça e cruzou os braços.

— O que se passa? — perguntou de novo.

Abanei a cabeça.

— Nada. Só... Preciso que te vás embora.

— Tiveste mais um ataque de pânico?

Ela avançava na minha direção, e eu sabia que, se ela me tocasse, seria o fim. Render-me-ia. Enterrar-me-ia no seu corpo, tirando dela aquilo de que precisasse.

— Porra, não tive nenhum ataque de pânico. Está bem? — explodi.

Ela vacilou, mas continuou a avançar para mim.

— O que aconteceu? Tu estás bem?

— Só não te quero mais aqui. Não consigo ser mais claro do que isto. Acabou. Tu tinhas razão. Foi uma ideia muito estúpida. Nós mal nos conhecemos.

Ela deteve-se, e a expressão dos seus olhos quase me arrasou. O choque. A dor. Postos ali por mim. Mas era melhor assim. Melhor do que arrastá-la para o fundo comigo. Melhor do que ela deixar-me.

— Estás a falar a sério, não estás? — sussurrou ela.

A *Piper* ganiu, largando a cobra de peluche aos meus pés. Eu dei um pontapé no brinquedo.

— Agora não, *Pipe* — disse, em voz baixa. — Tu ias acabar por te ires embora. Mais vale que seja agora.

Ela ergueu o queixo e inspirou, trémula.

— Está bem.

— Só «está bem»?

Porque não a deixava eu em paz? Estava a conseguir o que queria. A Lina ia-se embora. Estaria a salvo das coisas das quais eu não podia protegê-la. E eu podia voltar para que raio fosse que tinha antes dela. E, contudo, estava a provocá-la, a tentar fazê-la sentir-se também responsável por aquele fiasco espetacular.

Ela não me disse uma palavra, não mordeu o isco. Limitou-se a afastar-se.

Segui-a até ao quarto e vi-a retirar a sua mala do meu armário.

— Lamento que isto tenha acabado assim. Deves estar aliviada.

Ela tinha o maxilar contraído, tornando ainda mais pronunciadas as covas sob as maçãs do rosto. Continuou sem dizer nada, enquanto abria com eficiência a mala e a dispunha aberta em cima da cama.

A *Piper* saltou para o banco e depois para o colchão, onde farejou a mala da Lina.

— Devias levá-la também. Eu agora não posso tomar conta dela — disse eu, indicando a cadela.

Fui atingido por dois pares de olhos femininos, que me fizeram sentir o Rei Cretino do Planeta Cretino.

A Lina pôs as mãos nas ancas.

— OK. Quase me enganaste. Eu estava a ir na conversa até aqui.

— Até o quê?

Ela apontou para a *Piper*.

— Tu ama-la, idiota.

— Não amo nada.

A Lina abriu a gaveta da mesa de cabeceira e retirou uma pequena pilha de papéis.

— Compraste-lhe um banco para a ajudar a subir para a cama. Tens um cesto cheio de brinquedos para a entreter. Vestes-lhe camisolas para a manter quente lá fora. Tu ama-la.

— Isso não é amor. Isso é cuidar, e eu estou esgotado. Não tenho capacidade para cuidar de mais nada nem de ninguém. — *Nem mesmo de mim*, acrescentei silenciosamente.

— Tretas.

— Não percebes? — A minha voz estalou como um chicote. — Eu não posso tomar conta dela. Não posso proteger-te. Raios, nem fui capaz de me proteger.

Ela atirou os papéis para cima da cama e deu um passo desafiante para mim.

— Para que conste, isto és tu a afastar-me, e isto sou eu a ficar.

— Eu não quero que fiques. — As palavras arderam-me na boca como ácido.

— Quem é que não protegeste, Nash? — perguntou ela, em voz baixa.

A *Piper* enroscou-se numa bolinha na mala e enrolou a cauda sobre o nariz.

— Estás a esquecer-te da pedra que alguém atirou pela tua janela ontem à noite?

— Ninguém se magoou.

— Não posso dizer o mesmo da mulher ligada a um ventilador na UCI. Tem um marido e dois filhos a pensarem no que irão fazer se ela não acordar.

A Lina avançou mais um passo. Estava demasiado próxima. Tive de cerrar os punhos para me impedir de a agarrar e abraçar.

— Isso lembra-te da tua mãe? — perguntou ela em voz baixa.

— Como raio poderia não lembrar? Aconteceu no mesmo trecho de estrada, a menos de duzentos metros.

— Querido — sussurrou ela, aproximando-se cautelosamente, como se eu fosse um cavalo espantadiço.

— Não — silvei.

— Não podes chegar a tempo de salvar toda a gente — disse ela.

— Não consigo salvar ninguém. Preciso mesmo de que te vás embora, Lina. Por favor.

Os seus olhos pareciam vidrados, e, quando ela assentiu, os brincos cintilaram, com os sóis dourados a captarem a luz.

— Está bem. Estás exausto. Tiveste um dia horrível. Vou dar-te algum espaço. Esta noite fico aqui ao lado, com o Nolan. Falamos amanhã, depois de teres dormido.

— Está bem — rouquejei.

Ter-lhe-ia prometido qualquer coisa, só para a fazer sair antes de me ir abaixo e tocar-lhe.

Fiquei onde estava, pregado ao chão, enquanto ela metia algumas coisas no saco e me contornava com ele. Ouvi-a entrar na cozinha e desligar o fogão. E a seguir ouvi a porta da rua abrir-se e fechar-se suavemente.

Ela partira.

E eu ficara sozinho.

Mas, em vez de alívio, uma vaga de pânico abateu-se sobre mim, empurrando-me para baixo, para o fundo.

Ela partira.

Eu fizera partir a mulher de quem precisava, a mulher que eu amava.

Saí do quarto — a visão da cama que tínhamos partilhado enjoava-me. Eu amava-a. Já sabia isso havia algum tempo. Talvez desde o momento em que a encontrara nas minhas escadas. Quisera-a. Precisava dela. E agora tinha-a deitado fora.

Mas era a atitude certa, não era? Ela merecia mais do que ser a muleta de alguém, a queca de apoio emocional de alguém. Merecia algo real e bom. E eu não podia oferecer isso. Não assim.

A *Piper* sentou-se junto à porta da rua e ganiu de um modo patético.

Eu pus as mãos na cabeça e dirigi-me para o quarto. O elástico em redor do

meu peito apertava-se ao ponto da dor. Notei os papéis que a Lina deixara e peguei neles. Eram do abrigo para cães. Uma candidatura de adoção. O bilhete colado no alto dizia, na letra ousada da Lina: «Ela é tua. Oficializa.»

Foi como um soco no estômago. Larguei os papéis e regressei à sala de estar. A planta na janela chamou-me a atenção. A planta da Lina. Era apenas um vaso com folhas lustrosas quando ela se mudara, mas agora estava coberta de delicados rebentos brancos em forma de sino.

Um lírio-do-vale, apercebi-me.

A flor preferida da minha mãe.

— Merda.

QUARENTA E QUATRO

OLHOS DE ÁGUA

Lina

Empurrei a porta exterior e saí para a noite chuvosa que a Main Street tinha para oferecer. As gotas de chuva atingiam-me na cabeça e encharcavam-me a camisola. Mas isso não me importou. Sentia-me zangada, magoada, triste e confusa. E também com fome. Era por isso que, nos filmes, as mulheres comiam sempre gelado diretamente da embalagem depois de lhes terem partido o coração?

Sentir a facada fria de cada gota era melhor do que sentir os pedaços do meu coração a desfazerem-se.

Aquilo. Era aquilo que eu ganhava por ser vulnerável. Expusera-me. Abrira-me. E levava um soco em pleno coração. O que era exatamente aquilo que eu previra. Culpei a Naomi. Não se podia confiar em mulheres felizes e à beira de se casarem. Nem em vizinhos soturnos e *sexy*, com belos rabos e cicatrizes heroicas.

Eu sabia isso. E, contudo, ali estava, a passear sob a chuva gelada depois de ter feito pão de milho.

O Nash sofria, e isso devastava-me de um modo que não estava preparada para gerir. Mas eu não podia consertá-lo. Não podia abrir aquelas suas feridas e obrigá-las a sarar.

Só podia ir dar um estúpido passeio sob a estúpida chuva, para que a estúpida água dos meus olhos se misturasse com a estúpida água do céu.

Um soluço trémulo rasgou-me a garganta.

Se ele não mudasse de ideia, se não conseguisse aventurar-se para fora da sua mentalidade a preto-e-branco e encontrar-se comigo no cinzento, eu perdê-lo-ia para sempre. Ponderar essa realidade era aterrador. E estúpido. Mal nos

conhecíamos, e eu estava à chuva a chorar por causa de um homem que me tinha posto fora da sua casa.

Ou conhecemo-nos melhor do que ninguém?, interpôs uma incômoda voz interior.

— *Odeio* ter sentimentos — resmoneei para a rua vazia e molhada.

Todas as outras pessoas estavam em casa ou no interior, a manterem-se quentes, a serem felizes, a comerem comida quente. E, mais uma vez, eu era deixada de fora.

Comecei a andar, cruzando os braços sobre o peito e curvando os ombros contra o frio.

Tinha acabado de passar pelo brilho quente da fachada da Whiskey Clipper quando ouvi a porta para os apartamentos abrir-se.

— Angelina.

Ah, não. Não, obrigada. Não ia deixar o homem que me levara literalmente às lágrimas ver-me derramar essas lágrimas. Naquele momento, estava demasiado vulnerável. Não sobreviveria.

Limpei o rosto com as mangas e desatei a correr.

Ele não me seguiria. O homem tinha acabado de me largar. Não ia com certeza perseguir...

Ouvi passos rápidos atrás de mim.

Aumentei a velocidade; os meus pés faziam espirrar a água no passeio, e eu agradeci às estrelas por estar uma noite escura e desgraçada, para que mais ninguém assistisse à minha lacrimosa humilhação.

Ele estava cansado, com frio e a passar-se. A qualquer momento, decidiria que não valia a pena ir atrás de mim.

O coração martelava-me no peito, e os meus braços redobram o ritmo. Era mais rápida do que ele. Podia durar mais do que ele, ir mais longe. Se conseguisse chegar à esquina, não teria de o ver desistir de mim. De nós.

Uma mão fechou-se no tecido da minha camisola, puxando-me para trás. Depois, uns braços fortes envolveram-me com força, colando-me a ele.

— Para — ofegou o Nash no meu ouvido, puxando-me para si. Enterrou o rosto na minha nuca. — Para.

Instalou-se um novo pânico.

— Larga-me!

— Eu tentei. Não consigo.

Imobilizei-me nos seus braços, enquanto mais lágrimas me desciam pelas faces.

— Estou... confusa.

— Sou um idiota. Um imbecil. Um idiota imbecil que não te merece, Angel.

Tentei arrancar as suas mãos de mim, mas o homem não cedia um centímetro. Estava a cortar-me a respiração.

— Se estás à procura de uma discussão, vais ficar desiludido.

— Todo o dia, só consegui pensar na possibilidade de te acontecer alguma coisa.

— Não me aconteceu nada. Não me vai acontecer nada — sussurrei, de respiração presa.

Quantas conversas tinha tido com os meus pais que começavam do mesmo modo e acabavam comigo a fazer promessas que todos sabíamos que não poderia cumprir?

— O Lucian disse que estamos condenados a repetir os erros que os nossos pais cometeram.

Lutei contra o seu aperto, e ele permitiu-me, por fim, virar-me nos seus braços. Quando ergui o olhar para o seu rosto, desejei não o ter feito. Tanta dor. Tanta tristeza. Sofri por ele.

— Foste pedir conselhos ao Lucian? O tipo está a uma máquina de escrever de distância do *Shining*! Quero dizer, é bestial que ele assuma a sua loucura, mas é o tipo com quem vais ter para dicas sobre ações ou para fazer alguém desaparecer. Não é o tipo a quem se vai pedir conselhos sobre mulheres.

Os lábios do Nash curvaram-se, enquanto a chuva nos caía sobre as cabeças.

— Repito: idiota imbecil. Creio que estava à procura de alguém que confirmasse os meus medos mais negros.

— Pois então foste ao sítio certo.

— A minha mãe pediu-me que fosse com ela às compras. Não me apeteceu. Andava demasiado ocupado a fazer as merdas que os miúdos fazem. Eu podia ter estado lá. Mas não estava. Por isso, ela morreu sozinha naquele carro. Podia tê-la ajudado, se estivesse lá. Talvez pudesse ter impedido aquilo. Mas não estava lá.

O meu coração confrangeu-se quando a voz lhe falhou.

— Depois disso, certifiquei-me de que estaria lá todos os dias, e mesmo assim não consegui salvar o meu pai.

As lágrimas abriam carreiros ardentes nas minhas faces. Ao vê-las, o Nash encaixou uma mão na minha nuca e pressionou o meu rosto contra o seu peito. Eu envolvi-o com os meus braços e apertei com força.

— Também o perdemos — prosseguiu ele. — Por muito boas que fossem as minhas notas, por muito que eu me esforçasse no futebol americano, nada foi suficiente para fazer com que ele nos escolhesse. Ele queria outra coisa, mais do que nos queria a nós.

Soltei um soluço trémulo, de coração desfeito pelo menino que queria salvar toda a gente. Os seus braços apertaram-se em meu redor até eu mal conseguir respirar.

— Não estava lá quando o Lucian foi preso. Só soubemos depois. Ele não merecia ser castigado por se ter defendido do bandalho do pai. Pensei que tornar-me polícia significaria que poderia finalmente consertar tudo. Que poderia proteger aqueles que precisavam de proteção.

— É o que tu fazes. Todos os dias, Nash — murmurei contra a sua camisa húmida da farda.

O crachá estava gelado contra a minha face.

Ele soltou uma gargalhada amarga.

— Quem é que eu protejo? Nem sequer consegui salvar-me. Se não fosse por pura sorte, nem sequer estaria aqui.

Libertei os braços para poder segurar-lhe o rosto.

— Mesmo nos teus dias mais negros, arrastas-te para fora da cama e optas por ir proteger a tua cidade, a tua gente. Isso é o que faz um herói, idiota. O que tu fazes é nada menos do que heroico.

De olhos fechados, ele curvou a cabeça para a minha. As lágrimas continuavam a correr-me livremente pelas faces, escaldantes, em contraste com as gotas geladas de chuva.

— Tenho tanto orgulho de ti, Nash. Tu enfrentas os teus demónios todos os dias, para poderes aparecer e estar presente para todos os outros. Tu, sozinho, tornaste a tua cidade mais segura. Raios, até a Tina te respeita.

— A minha família não.

O meu coração apertou-se por ele.

— Querido. O teu irmão e a tua avó são dois dos piores comunicadores do mundo. Talvez o Knox não compreenda porque é que fazes aquilo que fazes, mas, caraças, orgulha-se tanto de ti por o fazeres. Tal como tu te orgulhas dele, por usar o seu dinheiro para ajudar a apoiar as mesmas pessoas que tu proteges. Tu nunca lhe dirias isso. Mas és tu quem se interpõe entre a tua gente e o perigo. És tu quem aparece imediatamente a seguir para repor a ordem. És tu quem faz tudo o que pode para garantir que não volta a acontecer.

Ele esmagou-me contra si, e a chuva chicoteou-nos.

— Sinto a falta dela — sussurrou. — Acho que ela talvez se orgulhasse.

Agarrei-me a ele como se ele estivesse à beira de um precipício.

— Ela *está* orgulhosa de ti.

Ele inspirou, trémulo, e o seu peito ergueu-se contra o meu.

— Eles costumavam dançar na cozinha. Os meus pais. Costumavam ser felizes. Ele amava-a tanto. E, quando ela partiu, não nos amou o suficiente. Escolheu o álcool e os comprimidos, uma e outra vez. *Precisava* deles.

— E isso é horrível, mas nunca foi por tua causa. Nunca foi por nada que tivesses feito ou deixado de fazer.

— É dessa maneira que eu te quero. É dessa maneira que preciso de ti.

— Tu não és o teu pai, valentão. E eu não sou um hábito doentio que tenhas de abandonar. Somos todos pessoas muito diferentes das que nos fizeram. Tu não recorreste a mim para adormecer a dor. Recorreste a mim para te lembrares do que sabia bem. Para te dares uma razão para lutar através da dor.

— Jesus. Por que raio falei eu com o Lucian e não contigo?

O meu riso foi um meio soluço.

— Acho que tem alguma coisa que ver com a cena do idiota imbecil.

Ele começou a balançar comigo, de um lado para o outro, sob a chuva; o reflexo dos candeeiros dançava sobre remoinhos de água que corriam para as sarjetas.

— Sabes que isto é uma loucura, não sabes? Era com isto que nos devíamos estar a passar, e não com a estúpida bagagem que trazemos. Só te conheço há umas semanas — lembrei-lhe.

O Nash pousou o queixo no alto da minha cabeça.

— Não quer dizer que não seja real. Os meus pais conheceram-se, apaixonaram-se e ficaram noivos em três meses.

— Eram felizes? Antes? — perguntei.

As mãos dele deslocaram-se nas minhas costas, chegando-me mais para si.

— Sim. Éramos todos. Antes de se terem casado, o meu pai mandou tatuar «2205» no braço. Vinte e dois de maio. O dia do casamento deles. Ele disse que já sabia de antemão que seria o dia mais feliz da sua vida.

— Uau.

— Quando nós éramos miúdos, antes, todos comemorávamos aquele dia como se fosse um feriado nacional. Caraças, a data do casamento deles é o meu número PIN. Nunca o alterei. Parecia ser a única maneira de reter aqueles bons tempos.

— Talvez... — comecei, mas a emoção atrapalhou as palavras. Aclarei a garganta e tentei de novo: — Talvez os teus bons tempos ainda estejam para vir.

— Se eu ainda não tiver lixado as minhas hipóteses.

— Nash...

— Não. Ouve-me, Angel. Raios, estou tão arrependido. Deixei-te saíres por aquela porta, mas não estou disposto a deixar-te ires mais longe. Por favor, não dês mais um passo para longe de mim. Por favor, sê paciente comigo.

— Nash, eu não estava a tentar deixar-te. Estava a tentar dar algum espaço a ambos.

— Fugiste — observou ele.

— Estava a tentar dar muito espaço a ambos muito depressa — emendei.

— Estás com frio — disse ele, notando que eu tremia. — Vem para casa comigo.

Senti a mudança de velocidade de alma ferida para herói no comando.

— Está bem.

— Graças a Deus — murmurou ele. — Receava ter de me armar em Knox e levar-te às costas.



Ele levou-me diretamente para o duche. Depois de me ter despido cuidadosamente e de se ter despido a si próprio, o Nash guiou-me para debaixo da água quente. Seguiu-me, e ali ficámos, eu de costas para o seu tronco, a deixarmos que a água quente nos retirasse o gelo dos ossos.

As suas mãos eram muito gentis, penteando-me o cabelo molhado e deslizando pelo meu corpo. Relaxantes. Tranquilizadoras.

Eu sentia-me em carne viva, vulnerável. E, quando a sua ereção roçou contra mim, senti um novo tipo de calor a percorrer-me o corpo em espiral. Queria estender a mão e tocar-lhe, fazê-lo sentir-se tão bem como ele me fazia sentir. Mas compreendi que ele precisava de dar. Por isso, rendi-me ao seu toque. Ele acariciou-me e beijou-me o corpo para cima, e depois para baixo. E, quando me virou para que o encarasse, encontrei-o de joelhos à minha frente.

Aquelas mãos calejadas pressionaram-me contra a parede de azulejos.

Ele observou-me com um olhar solene, enquanto fazia deslizar uma mão da minha anca até à coxa. Os nossos olhares sustentaram-se de um modo tão íntimo que me fez tremer. Com uma mão por trás do meu joelho, ele colocou-me a perna por cima do seu ombro, deixando-me exposta.

A minha cabeça bateu na parede, quebrando o nosso contacto visual.

O vapor erguia-se à nossa volta, mas eu mal notei, porque o Nash usou dois dedos para separar os lábios do meu sexo.

— És tão linda, Angel — disse ele, numa voz que mal se ouvia acima da água.

Ah. Quem diria que o homem cumpridor das leis, com o crachá reluzente, teria uma língua tão atrevida?

Foi o último pensamento coerente que tive, antes de a sua língua percorrer tudo o que os seus dedos tinham acabado de expor. O meu joelho fraquejou e quase cedeu à primeira passagem da sua língua. Todos os músculos do meu corpo pareceram contrair-se ao mesmo tempo, e toda a minha consciência se deslocou para os nervos na junção das minhas coxas.

Ele lambeu para a frente e para trás, enlouquecendo-me com a sua boca, terna e amorosa, mas determinada a conquistar. Quando a minha perna de apoio tremeu, limitou-se a deslocar o ombro para trás do meu joelho, para que eu ficasse escarranchada de costas para os azulejos.

Soltei um gemido longo e baixo enquanto ele me devorava.

As minhas coxas tremiam, enquanto a sua língua alternava entre introduzir-se na minha abertura ou prestar ao meu clitóris uma adoração ardente. Ele era mágico. *Nós* éramos mágicos. E eu sabia, lá no fundo, que algo que soubesse tão bem não podia ser errado.

— Nash — sussurrei debilmente, quando as coisas dentro de mim

começaram a ceder.

Ele gemeu contra o meu sexo, como se ouvir o seu nome da minha boca fosse demasiado para suportar.

De cabeça perdida, impulsionei-me contra ele, e depois soltei uma exclamação quando ele voltou a inserir os dedos dentro de mim. A sua língua concentrou-se na necessidade desesperada que não parava de crescer.

Sem aviso, vim-me. As minhas paredes interiores fecharam-se nos seus dedos, enquanto ele lambia e chupava o meu botão intumescido durante o orgasmo.

Cavalguei a sua cara sem vergonha, deliciando-me com o modo como a sua língua obrigava o prazer a prolongar-se mais e mais. Ainda lhe sentia os ecos, quando ele se afastou de mim e me virou de frente para a parede. Encurralou-me com os braços, encostando as palmas das mãos aos azulejos. A sua ereção estava quente e dura contra as minhas costas.

A necessidade do Nash fazia-me sentir indefesa e poderosa ao mesmo tempo.

A sua cabeça inclinou-se, e eu senti os lábios dele a percorrerem a minha tatuagem.

— Preciso de ti — murmurou, antes de usar os seus dentes contra a minha pele.

Eu também precisava daquilo.

— Depressa — sussurrei. — Por favor.

Ele não me fez esperar. Aquelas suas mãos grandes e ásperas deslizaram pelas minhas ancas, colocando-as no ângulo certo. Guiou a cabeça curva do sexo pela fenda das minhas nádegas. Fiquei imóvel e tensa quando ele passou a glândula pelo meu ânus, lembrando-me de quão intimamente vulnerável era aquela posição. Solto um gemido gutural e a seguir arrastou a ponta mais para baixo, por entre as minhas coxas separadas, deslizando pelos lábios do meu sexo.

Sentia-o pulsar contra mim, e uma nova vaga de desejo inundou-me.

— Perco a cabeça quando te tenho assim — murmurou, deslizando uma mão pelo meu estômago acima para aprisionar um seio.

Deixei cair a cabeça sobre o seu ombro. Ele não era o único ali a perder a cabeça.

As minhas coxas tremeram. As palmas das minhas mãos achataram-se contra os azulejos. As minhas ancas tinham uma mente própria, pressionando-se

contra ele, implorando mais, como se eu não me tivesse vindo há meros instantes.

A sua mão massajou-me o seio, espremendo e moldando.

— Não te posso largar, Angel.

— Porque haverias de ter de me largar?

Agora os meus joelhos batiam. De excitação. De necessidade. Do peso do corpo dele a pressionar-me para baixo, para baixo.

— Só estou a informar-te de que isso deixou de ser possível. Ou te mudas para aqui ou eu mudo-me contigo. Talvez encontremos um lugar para começarmos de novo. Mas não posso. Largar. Te.

— Nash — sussurrei, e uma lágrima quente deslizou-me pelo nariz.

— Tu voltaste a encher-me de vida. Trouxeste-me de volta para a luz. Deixa-me ter-te. Deixa-me tomar-te. Diz que és minha — exigiu.

Investiu com a sua ereção nas minhas pregas escorregadias.

— S-sou — consegui dizer.

Preocupar-me-ia com as consequências do que lhe prometera mais tarde. Naquele momento precisava daquilo, precisava *dele*.

— Graças a Deus — disse ele, pousando um beijo de boca aberta no meu ombro.

A mudança do seu peso fez-me mover as ancas em busca de mais.

— Nash! — ofeguei.

O seu aperto na minha nuca redobrou, enquanto ele recuava com a sua ereção e depois voltava a avançar, com a cabeça do seu sexo a empurrar-me o clitóris.

Ele precisava daquilo. E eu precisava de lho dar.

— Nunca consigo decidir por onde te tomar — rouquejou, prosseguindo com aquelas investidas curtas e medidas. — Raios, adoro ver quando te vens. Ver as tuas mamas balouçarem enquanto me mexo dentro de ti. Mas também te adoro assim. Quando entregas tudo e te rendes.

«Adoro-te assim.»

«Não te posso largar.»

As suas palavras ecoaram-me na cabeça como um mantra. Um mantra que eu não tinha o direito de repetir. Não era isso que ele queria dizer, disse a mim própria. E depois deixei de me dizer fosse o que fosse, porque o Nash alinhou a

cabeça do seu sexo com a minha ansiosa abertura e investiu para dentro de mim.

Os nossos gritos ecoaram nos azulejos.

Cheia. Tão cheia. Ele envolveu-me o abdómen com um braço. A sua outra mão fechou-se no meu cabelo, segurando-me a si. E então começou a investir.

A água quente chicoteava-me de cima. Mas era o calor do Nash que me aquecia de dentro para fora. Penetrou-me com força, pondo-me em bicos dos pés com cada avanço das suas ancas, até que nos viemos ambos, tremendo e ofegando com o rolar de cada vaga. Cada jato do seu orgasmo me marcava, me acalmava a partir de dentro.

QUARENTA E CINCO

UM VOO PERFEITO

Nash

Acordei com uma carne feminina e quente a pressionar-se contra mim.

— Acorda, valentão. Está na hora de nos divertirmos — murmurou-me a Lina ao ouvido.

Eu e o meu sexo prestámos-lhe toda a nossa atenção. Ela beijou-me com força, mordendo-me ligeiramente o lábio inferior.

— Desculpa, lindo. Não temos tempo para esse tipo de divertimento esta manhã. Hora de levantar.

Guiei-lhe a mão sob as cobertas, até à minha ereção.

— Eu estou levantado.

O seu riso rouco era quente contra a minha garganta.

— Depois — prometeu. — Vá lá. Levanta-me esse belo rabo da cama.

Escapou-me antes de eu conseguir prendê-la e convencê-la a ficar. A minha ereção montou uma bela tenda sob o lençol.

— Nenhum divertimento vai ser melhor do que ficares na cama comigo — avisei, esfregando os olhos ensonados.

Um par de calças de atletismo atingiu-me na cara.

— Já vamos ver isso — disse ela, presunçosa. — Veste-te. Temos um compromisso.



— Porra, nem pensar, Lina.

Ela sorriu atrás do volante e não disse nada, enquanto o *Charger* virava para a alameda a seguir ao letreiro que dizia «Just Jump Aviação e Skydiving».

A alameda alcatroada avançava em paralelo com uma pequena pista de

aviação aninhada entre hectares de milheirais, logo a sul da fronteira entre a Virgínia e o Maryland. Ao contrário do desconsolo do dia anterior, o sol matinal brilhava no céu limpo, sobre os laranjas e os dourados das folhas de outono.

A Lina estacionou o carro num lugar encostado ao cavernoso hangar vermelho com um logo branco e azul.

Ainda a sorrir, baixou os óculos de sol e olhou para mim. Com aqueles lábios vermelhos, parecia uma tentadora, uma sereia a tentar atrair-me para a morte.

— Os aviões são feitos para aterrar — insisti.

— Ele vai aterrar. Nós é que não estaremos a bordo quando o fizer — disse ela, desligando o motor e soltando o cinto de segurança.

Recusei-me a mexer-me. Nada me ia tirar daquele carro nem fazer-me aproximar do raio de um paraquedas.

— É irresponsável saltar de um veículo em movimento. Especialmente de um que esteja vários milhares de pés acima da terra.

A Lina estendeu o braço entre as pernas e deslizou o assento para trás.

Antes de eu me ter apercebido da sua intenção, conseguiu saltar por cima do separador para o meu colo.

— Não vou obrigar-te a fazeres nada que não queiras fazer, Nash.

— Ótimo. Vamos comer o pequeno-almoço e depois podemos ir comprar betume para arranjar o azulejo solto no duche.

Ela abanou a cabeça, sempre com aquele sorriso de sereia.

— Eu vou subir. E adorava que tu fosses comigo.

Merda.

— Não vais atirar-te do raio de um avião.

Um suor frio irrompeu-me das axilas.

Ela fez deslizar os meus óculos escuros para o alto da minha cabeça e segurou-me a cara com as mãos.

— Nash, eu já fiz isto mais do que uma mão-cheia de vezes. É das minhas atividades preferidas, e quero partilhá-la contigo.

Merda e mais merda. Como diabo podia eu dizer que não àquilo?

— Anda lá, valentão. Vem divertir-te comigo — instou.

Tinha-a feito passar pelo inferno no dia anterior, e aquele era o meu castigo: morte por gravidade.

Menos de um minuto mais tarde, estava — relutantemente — a segui-la para a enorme porta de garagem na fachada lateral do edifício. A sua mão agarrava a minha de um modo que sugeria que ela não ia aceitar uma recusa.

— Isto não exige uma licença, algum tipo de documentação que leve semanas a ser aprovada? — perguntei, desesperado.

Ela olhou-me por cima do ombro com um sorriso.

— Não para um salto *tandem*.

— Que diabo é um salto *tandem*?

As minhas costas estavam a transformar-se num parque aquático de suor.

— Novatos acoplados a profissionais — disse a Lina, apontando para um póster gigante no interior da porta aberta do hangar.

Na fotografia, um tipo demasiado estúpido para ter medo sorria como um lunático. Parecia estar atrelado a outro homem por trás.

— Nem penses que vou morrer com outro homem atado às minhas costas.

— Claro que não. Vais saltar comigo.

Detive-me e finquei os calcanhares, pondo abruptamente fim ao impulso de avanço da Lina. Ela foi puxada contra o meu peito.

— Sou certificada — disse.

Claro que era.

— Nash. — O seu tom era risonho.

— Angel.

— Diz-me o que estás a sentir neste momento — insistiu ela.

Um pânico abjeto. Um pouco de delírio.

— Senta-te a ver o vídeo de instrução e decides depois. Está bem?

Um vídeo de instrução. Se fosse suficientemente longo, eu podia rezar para que surgisse uma trovoadas. Ou uma nuvem de gafanhotos. Ou algum tipo de falha mecânica que seria descoberta enquanto ainda estivéssemos em segurança no solo. *Oh, dois pneus vazios e um buraco na hélice? Que pena. Vamos comer o pequeno-almoço.*

— Por favor?

Raios. Me. Partam.

Eu tinha duas opções: podia fincar o pé e recusar-me, e nesse caso teria de ficar sozinho no solo a morrer de pânico até a Lina voltar para terra; ou podia assinar a minha própria pena de morte, desafiar a gravidade numa lata de

conserva e atirar-me de lá para fora com ela. *Por* ela.

Estava vagamente enjoado e extremamente transpirado. Mas aqueles olhos castanhos fixaram-se no meu rosto. As suas mãos frescas pressionaram-se contra o meu peito.

Ela queria aquilo de mim. E eu tinha o poder de lho dar.

— Está bem. Mas se nos despenharmos e criarmos uma cratera *tandem* num milheiral, nunca te perdoarei.

Ela soltou um pequeno guincho e lançou-se nos meus braços. Fez-me recuar um passo, mas ainda assim consegui apanhá-la e erguê-la até os seus pés se levantarem do chão.

A sua boca esmagou-se na minha face, e ela deu-me um beijo sonoro.

— Não te vais arrepender disto. Prometo.



Eu estava ocupado a arrepender-me de tudo naquele dia, a começar pela decisão de sair da cama, quando um tipo com calções de estilo militar abriu casualmente a porta frágil na fuselagem do avião.

— Está na hora — disse-me a Lina ao ouvido.

Ocupávamos um banco aparafusado ao chão. Eu estava amarrado a ela por uma série de correias de *nylon* que pareciam incapazes de sustentar a *Piper*, quanto mais um homem adulto.

Todas as células do meu corpo gritavam para que me agarrasse ao banco. Em vez disso, obriguei-me estupidamente a andar de lado até ao buraco aberto no flanco do avião. Aquilo era de longe a coisa mais idiota que alguma vez tinha feito por uma mulher.

— Tens a certeza disto? — gritei, pelo meio do ar ensurdecedor.

— Absoluta, valentão.

Consegui ouvir o sorriso na voz rouca da Lina. Equilibrámo-nos na abertura, cada um agarrado a uma pega no interior da porta, e eu cometi o erro de olhar para fora e para baixo. Os meus nós dos dedos empalideceram na pega.

— Podes largar, Nash — disse ela.

E eu larguei. Um dedo de cada vez. Esperei que o Knox não escrevesse uma coisa estúpida na minha lápide. E depois a Lina inclinou-nos para a direita, e estávamos a cair no vazio. Fechei os olhos com força e esperei pelo pânico, mas

era tarde de mais para arrependimentos. O vento que me esbofeteava a cara, o buraco no estômago como numa descida infinita de montanha-russa disseram-me isso.

— Abre os olhos, valentão.

Não sabia como é que ela sabia que os tinha fechados. Mais um pouco da sua magia.

— Não quero ver-me a morrer! — gritei em resposta.

Senti o seu riso contra mim, e o seu humor levou-me a abrir a custo um olho e depois o outro.

O coração deu uma volta lenta no meu peito.

Estávamos suspensos sobre a terra. O outono estendia um tapete de vermelhos, laranjas e dourados, que se prolongavam infinitamente abaixo de nós. Fitas de rios, grelhas de estradas, o suave subir e descer das montanhas, tudo formava uma manta de retalhos de natureza e civilização milhares de pés abaixo.

Não parecia que estivéssemos a adernar para a nossa morte. Parecia que estávamos suspensos no tempo. Como deuses a vistoriarem o mundo que tinham criado. Acima dele. Separados dele.

O ponto de vista de uma ave. A imagem geral. Não havia nada entre mim e o mundo inteiro e, caraças, era de cortar a respiração.

O mundo não era negro e aterrador. Era beleza que se desdobrava à nossa volta.

— Então? — perguntou-me a Lina ao ouvido, com as mãos a apertarem-me os braços.

Dei-lhe a única resposta de que fui capaz:

— C'um caraças! — O rugido do meu riso foi instantaneamente engolido pelo vento.

— Eu *sabia* que ias adorar!

Envolvi as suas mãos nas minhas, nas correias, e apertei.

— Foda-se, isto é fabuloso. Tu és fabulosa!

A Lina soltou uma exclamação triunfante ao vento.

Eu imitei-a, deleitando-me quando o som me foi arrancado da garganta.

— Pronto para a melhor parte?

— Qual é a melhor parte? — gritei.

Mal tinha dito as palavras, quando a queda livre parou abruptamente e fomos puxados para cima e para trás. Num segundo estávamos a voar de barriga para baixo, e no seguinte estávamos suspensos como marionetas, enquanto um paraquedas vermelho-vivo se materializava acima de nós.

A corrente de vento nos meus ouvidos parou instantaneamente, deixando apenas um silêncio sobrenatural.

Estávamos tão longe de tudo o que parecia importante na Terra. Ali em cima, estávamos afastados das minúcias da vida diária. Só havia silêncio, paz e beleza.

Emoções que eu julgava mortas há muito emergiram dentro de mim, entupiram-me a garganta, fizeram-me picadas nos olhos por trás dos óculos protetores.

— Queria que visses isto. Que o sentisses — disse a Lina.

Podia ter perdido aquilo. Podia ter morrido naquela noite. Podia ter optado por desistir dela, de nós. Podia ter dito não no solo. Mas, em vez disso, tudo me levava àquele momento. À Lina Solavita.

Estava deslumbrado.

— Isto é... Não acredito que vou dizer isto, mas ainda bem que não fizemos sexo esta manhã.

O seu riso era música no silêncio.

— Queres saber um segredo? — perguntou.

— Tens mais? — gracejei.

— Eu não salto pela adrenalina. É por isto que eu salto. Aqui em cima, tudo faz sentido. Tudo está sempre belo e calmo. E eu lembro-me disso, mesmo depois de os meus pés tocarem o chão.

Foi aí que percebi. Percebi mesmo.

Eu amava-a. Não a usava como muleta para evitar o mundo. Ela estava a reapresentar-mo, uma experiência de cada vez.

O meu coração pertencia àquela mulher, e, caraças, eu ia comprar-lhe o maior anel que encontrasse.

QUARENTA E SEIS

A CULPA É DOS PÊNIS DOCES

Lina

— Não lhe deste um pontapé nos tomates por isso? — perguntou a Sloane.

Encontrava-se sentada de pernas cruzadas no chão da sala de estar da Naomi, a meter bolsas de sementes de flores em pequenos saquinhos de serapilheira.

Numa tentativa de ser uma amiga melhor e mais vulnerável, eu estava a recapitular os dramas da minha relação para a Naomi, a Sloane, a Liza J e a Amanda, durante aquilo que parecia a despedida de solteira mais desenxabida da história.

O ensaio e respetivo jantar tinham terminado. Dali a menos de vinte e quatro horas, a Naomi seria a senhora Knox Morgan, e, com sorte, o Nash e eu estaríamos a fazer sexo bêbedo numa arrecadação durante o copo d'água.

Mas, por enquanto, estávamos a dar os últimos retoques nos brindes dos convidados e a ver a noiva entrar em pânico com as confirmações de última hora na sala de estar. A *Piper* e os outros cães estavam lá fora a correr na noite, malucos com a Waylay.

— Não fui capaz — confessei. — Ele já estava a sofrer, e isso fez-me sofrer. Foi basicamente horrível. Porque é que as pessoas têm relações é uma coisa que me ultrapassa. Sem ofensa — disse à Naomi.

Ela sorriu.

— Tudo bem. Foi assim com o Knox. Eu sabia que ele se debatia com alguma coisa que eu não podia consertar. Nem com um pontapé nos testículos.

— O que é que fizeste? — perguntei, fechando um saco de serapilheira com uma fita cor de ferrugem.

Eu tinha chegado à cidade depois do rompimento, em plena crise, e não sabia os pormenores.

— Ele acabou tão abruptamente que eu até fiquei tonta. Já sabia que o amava, mas ele tinha coisas a resolver sozinho. Eu não podia forçar isso. E também não podia ficar eternamente à espera de que ele caísse em si. — Baixou o olhar para o seu anel de noivado e sorriu suavemente. — Felizmente, ele caiu em si antes que fosse tarde de mais.

A Sloane soltou um sopro que lhe embaciou os óculos.

— Acho que não tenho esse gene.

— Qual gene? — perguntei.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei. A capacidade de levar um murro no estômago sem dar logo outro. Não posso simplesmente perdoar uma pessoa pela bagagem que ela arrasta consigo. Especialmente, não depois de ela me bater na cabeça com a bagagem.

— Um dia, com a pessoa certa, há de lá chegar — garantiu a Amanda à Sloane.

— Pois. Passo bem sem isso — disse a Sloane.

— Os meus rapazes são teimosos que nem mulas — disse a Liza J. — O Knox tentava sempre distanciar-se de qualquer problema, enquanto o Nash se atirava e tentava consertar tudo. Ele sempre quis corrigir as coisas, mesmo quando não podia fazer nada para que isso acontecesse. — Olhou para mim e depois para a Naomi. — Vocês as duas têm sido boas para os meus netos. Talvez até melhores do que eles merecem. E eu falo como mulher que adora aqueles rapazes.

— Estou a pensar em largar o meu emprego — deixei escapar.

Todos os olhos se viraram para mim.

— A sério? — perguntou a Naomi, esperançosa.

A Sloane franziu o sobrolho.

— Não ganhas rios de dinheiro?

— Sim. Ganho rios de dinheiro. Mas...

Calei-me. O Nash tinha aproveitado um momento de fraqueza pré-orgasmo para me levar a admitir que queria mais com ele. Mas estaria eu de facto a considerar largar o meu emprego e o meu estilo de vida «escolha a sua aventura» para assentar?

Pensei no Nash de pé, à chuva, a abraçar-me com força.

Na queda livre antes de o paraquedas se abrir.

No tamborilar das pequenas unhas da *Piper* no soalho, quando ela se passeava com um brinquedo novo.

Nos olhos mais azuis.

No enorme coração.

Soltei uma expiração. Sim. Estava mesmo a considerar isso.

— Isso implicaria mudares-te oficialmente para aqui? — instou a Naomi.

Fui poupada a ter de responder quando a Waylay irrompeu pela sala de galochas e com uma *Piper* trémula ao colo.

— Os cães entraram no riacho, e a *Piper* tentou ir atrás deles — anunciou ela. — Não pareceu ter grandes problemas, até a corrente a ter apanhado.

— Minha valente — murmurei, tirando-lhe a cadela dos braços. Apesar dos tremores encharcados, a pequena cauda da *Piper* agitou-se com energia. — Obrigada por a teres tirado da água.

A Waylay encolheu os ombros.

— Sem problema. O que é que vocês estão a fazer?

— Estamos a acabar o mapa das mesas e os brindes, e a escolher entre estas três decorações de mesa aprovadas pelo Knox — disse a Naomi, apontando para as fotos que tinha colado na parede, ao lado do seu mapa das mesas com notas autocolantes. — O que achas da que tem ganga e flores?

— É isto que são as despedidas de solteira? — perguntou a Waylay com desdém. — Eu sabia que a Jenny Cavalleri estava a mentir quando disse que a tia dela tinha sido presa em Nashville durante a sua despedida de solteira!

— Por acaso, isso é verdade — disse a Sloane. — Bebeu um pouco de mais, mostrou as mamas a um bar inteiro, montada num touro mecânico, e depois foi apanhada a fazer chichi na sarjeta.

— Acho que vocês estão a fazer mal esta coisa da despedida de solteira — observou a Waylay.

— Isto não é mesmo uma despedida de solteira — explicou a Naomi. — O Knox e eu não quisemos despedidas de solteira nem de solteiro.

— Mas os homens saíram — disse a Waylay.

— Estão só a beber uns copos e a comer uns petiscos — disse-lhe eu.

— A miúda tem toda a razão — anunciou a Liza J, batendo com a mão na coxa. — Isto é uma seca.

A Naomi fez um beicinho encantador.

— Então e o mapa das mesas?

A Amanda pegou nas últimas notas autocolantes que estavam na mesa de centro e pespegou-as na parede, em todos os lugares vazios.

— *Voilà!* Está toda a gente sentada.

A Naomi mordeu o lábio inferior.

— Mas nem sequer leste os nomes. E se alguém precisar de ficar mais perto da casa de banho? E se alguém não se der bem com os seus companheiros de mesa? Não podemos tomar grandes decisões como esta sem mais nem menos.

Eu estendi o braço e apertei-lhe a mão.

— Na verdade, podem.

— E as decorações das mesas? — perguntou ela.

— Naomi, foram sempre as flores — disse-lhe eu.

Ela mordeu o lábio e olhou para a fotografia durante um longo momento. Depois, os seus olhos começaram a cintilar.

— Pois é, não é?

Assenti.

— Por vezes não temos de pesar todos os prós e contras. Por vezes, a resposta é aquela que nos parece certa.

Não sabia bem se dizia aquilo para ela ou para mim.

Ela apertou os lábios e depois sorriu.

— Avançamos com as flores.

A mãe da Naomi bateu as palmas.

— *OK*, malta. Precisamos de vinho, *snacks*, máscaras faciais e uma ou duas comédias românticas.

— Eu trato dos *snacks* e do vinho — ofereci-me.

— Se vais comprar *snacks*, eu vou contigo — declarou a Waylay.

— Se vais comprar vinho, também vou — anunciou a Liza J.

— A equipa das compras apresenta-se ao serviço — disse eu.

— Perfeito — disse a mãe da Naomi. — Sloane, tu podes ajudar-me a transformar a sala de estar num acampamento. Precisamos de todas as almofadas e mantas que não sejam dos cães.

— O que é que eu devo fazer? — perguntou a Naomi.

— Tu deves beber um grande copo de vinho e verificar a tua lista para a lua

de mel. — Empurrei o bloco de notas cor-de-rosa intitulado «Lua de Mel» sobre a mesa de centro, na direção dela.



— Acho que o Grover's não vende pénis doces, Liza J — disse eu, pegando num carrinho de compras à entrada do supermercado pintado de fresco.

Era tarde, a poucos minutos do fecho, e o parque de estacionamento estava quase vazio.

— Blhéc! Pensava que vínhamos aqui comprar *snacks* — reclamou a Waylay.

— Os pénis de goma são *snacks* — disse a avó do Nash.

— Eh, pelo menos eu não disse floretes de brócolos — disse eu à miúda.

— A tia Naomi obrigou-me a comer beterraba ontem à noite, ao jantar — disse a Waylay com um estremecimento. — Beterraba!

— Bom, hoje não vai haver beterraba — prometi, encaminhando-me para o corredor das guloseimas. — Serve-te à vontade.

O rosto da Waylay iluminou-se, e ela começou a atirar embalagens de guloseimas para o carrinho.

— Levamos bolos de creme para a avó, e a Sloane gosta de gomas ácidas.

— Vou perguntar onde é que têm os pénis — disse a Liza J, e afastou-se.

— Oooh! Estes são bons. Já os provaste? — Passou-me um pacote de discos de cores vivas embrulhados individualmente.

— «Joias de Fruta *Sunkist*» — li em voz alta.

Nunca os tinha provado, mas pareciam-me vagamente familiares.

— Sim. Nem tudo foi mau no sequestro. Estes eram os doces com que aquele Hugo estava obcecado. Deve ter comido meio pacote, antes de a minha mãe ter voltado com a tia Naomi. Havia invólucros por todo o lado. Ele deu-me alguns. Os amarelos são os meus preferidos.

Tudo se encaixou na minha cabeça num instante. Eu sabia onde vira aqueles doces antes, e sabia quem os comprava.

Apalpei os bolsos e saquei do meu telemóvel.

— O que foi? Estás toda acelerada. Não vais ligar à tia Naomi e perguntar-lhe quantos pacotes podemos comprar, pois não?

Abanei a cabeça e liguei para o Nash.

— Não. Estou a ligar ao teu tio para lhe dizer que identificaste o nosso

capanga.

— Identifiquei?

O telemóvel do Nash começou a chamar.

— Vá lá. Vá lá. Merda — resmoneei, quando a chamada foi para o gravador.

— Nash. Sou eu. O Tipo do Telemóvel Descartável é o Tipo do Corredor dos Cereais. A senhora Tweedy estava comigo quando o encontrámos no supermercado. Estava a comprar os doces que, segundo a Waylay, são os preferidos do Duncan Hugo. Havia invólucros de guloseimas por todo o lado no chão do armazém, nas fotografias da cena do crime. Voltei a vê-lo no Honky Tonk, na noite em que o Tate Dilton fez uma cena. Sei que não é grande indício, mas o meu instinto diz-me que é ele. Liga-me!

— Eh, lá! — disse a Waylay, quando desliguei. — Isso foram muitas palavras, muito depressa. Pareces a minha amiga Chloe.

Bati-lhe com as mãos nos ombros.

— Miúda, vou comprar-te uma carrada de doces!

— Fixe. Quem é o Tipo do Corredor dos Cereais?

— Espero que não estejas a falar de mim. — O trovejar de uma voz grave atrás de mim provocou-me um aperto na boca do estômago.

Apertei os ombros da menina.

— Waylay, procura a Liza J e vão lá para fora — disse eu, o mais baixo que pude.

— Mas...

— Vai. Já — disse eu, antes de me virar e colar um sorriso sedutor na cara.

O Tipo do Corredor dos Cereais vestia umas calças de fato de treino e uma *T-shirt* de manga comprida. Mais uma vez, tinha o carrinho cheio de frescos saudáveis e proteínas magras. A única coisa que faltava eram as gomas.

— Voltamos a encontrar-nos — disse, dissimulada. — Estava mesmo a dizer à minha amiga baixinha que tinha conhecido um tipo giro no corredor dos cereais.

— Estavas? É que a mim pareceu-me que tinhas percebido uma coisa que não devias.

Que merda. Então ia ser assim? Está bem.

— Não sei de que estás a falar. Agora, se me dás licença, tenho de ir desapontar o dentista de uma miúda de doze anos.

Uma mão grande e carnuda fechou-se sobre o meu bíceps.

— O dentista terá de esperar, Lina Solavita.

O meu coração não estava só aos saltos, tentava também sair-me pela garganta.

— Não sou fã do contacto físico não consensual — avisei.

— E o meu amigo não é fã de tu seguires os homens dele e teres feito com que um deles fosse preso.

— Ei, não fui eu quem decidiu que era boa ideia comer a mulher do meu irmão. Talvez devesse ter esta conversa com ele.

— E teria, mas ele está na cadeia porque tu o chibaste à polícia.

— Em minha defesa, aquela cena toda nua repugnou-me.

— Vamos — rosnou ele.

O seu aperto estava a cortar-me a circulação.

— Vou dar-te uma oportunidade de me tirares de cima as tuas patas de urso e te ires embora. Uma oportunidade para teres um avanço, antes de dar cabo de ti e de o meu namorado, o chefe da polícia, aparecer para acabar o serviço. Tu estás limpo. Pelo menos em parte. Se me arrastares para fora deste supermercado, lá se vai essa vida. Serás um criminoso a tempo inteiro.

— Só se for apanhado. Tu causaste demasiados problemas, e agora está na hora de enfrentares as consequências. Não é nada pessoal. É trabalho.

— Deixa-a em paz, seu gigante merdoso! — A Waylay apareceu à entrada do corredor e atirou com selvajaria uma lata de feijão-encarnado ao meu captor.

Esta apanhou-o na testa com uma agradável pancada. Aproveitei o momento de surpresa causado pela lata de feijão e acertei-lhe com um joelho na virilha. Ele soltou o meu braço para segurar os testículos com uma mão e a testa com a outra.

— Foda-se! — arquejou.

— Foge, Way! — Não olhei para me certificar de que ela ouvira. Em vez disso, dei um golpe no maxilar do homem. Os nós dos meus dedos gritaram de agonia. — Raios! A tua cara é de cimento?

— Vais pagar por isto, querida.

Ele continuava desequilibrado, portanto, coloquei ambas as mãos no seu peito e empurrei com toda a força que pude. Ele tropeçou para trás e atingiu o expositor da *Coca-Cola Light*, fazendo voar latas de refrigerante para todo o

lado. Uma cliente com uma caixa de cereais em cada mão gritou, atirou as duas caixas para o carrinho e fugiu.

A Liza J apareceu vinda do nada, com uma das *scooters* da loja. Foi contra ele por trás, a toda a velocidade. Derrubou-o o suficiente para eu dar o meu golpe seguinte. Espetei-lhe o calcanhar na coxa com um pontapé, certificando-me de que avançava com o salto-agulha do sapato.

Ele uivou de dor.

— Toma lá, meu sacana! — grasnou a Liza J.

O Big Nicky, gerente do supermercado, apareceu em pessoa, empunhando uma esfregona como se fosse uma lança medieval.

— Queira deixar a senhora em paz.

— C'um caraças — resmoneou o patife.

Levou a mão à cintura das calças de fato de treino e retirou uma arma.

Eu pus as mãos no ar.

— Calma aí, grandalhão. Vamos lá conversar.

Pelos vistos, ele estava farto de conversas. Porque apontou para o teto e disparou dois tiros.

O supermercado ficou em completo silêncio por um segundo, e depois começou a gritaria. Seguiu-se o som de pés em fuga e o «bip» incessante da porta automática a abrir-se.

— Vamos — disse o Tipo do Corredor dos Cereais, friamente. Pegou no pacote de Joias de Fruta e agarrou-me pelo braço.

— Hum. — O gerente continuava ali, de esfregona em punho, mas parecia significativamente menos confiante, agora que havia armas de fogo envolvidas.

— Deixe estar. Eu fico bem. Vá certificar-se de que toda a gente saiu — tranquilizei-o.

O Tipo do Corredor dos Cereais arrastou-me para a entrada; íamos ambos coxos, ele da lesão que eu lhe infligira com a minha bota, e eu porque a sua coxa dura me tinha partido o salto.

Fiz um inventário mental da situação. Ser levada para um segundo local era quase sempre uma coisa muito má. Mas, naquele caso, eu ia finalmente ver o esconderijo do Duncan Hugo. Tinha o meu telemóvel nas calças de ganga e o ridículo preservativo-localizador do Lucian no bolso do casaco. Tinha deixado uma gravação ao Nash, e tinha perdido uma chamada da minha mãe durante o

jantar de ensaio.

Em breve haveria ajuda a caminho.

Sáímos para o parque de estacionamento escuro, e ele encostou-me a arma ao pescoço.

— É uma arma muito pequena — constatei.

— É muito difícil transportar armas escondidas. Os canhões maiores espetam-se-me no rego do cu. É incómodo.

— Problemas de vilão, não é? — graciei.

QUARENTA E SETE

SEM CALÇAS E DE CU PARA O AR

Nash

Querido Nash,

Isto é estranho. Escrever-te uma carta. Mas acho que tudo entre nós tem sido, em grande parte, estranho. Porquê parar agora?

As coisas aqui correm bastante bem. Três refeições por dia, o que significa que estou a aumentar de peso. Tenho um quarto só meu pela primeira vez em duas décadas.

O terapeuta de grupo parece ter doze anos, mas garantiu-nos que tem o curso de Medicina.

Enfim, foi ele que sugeriu que escrevêssemos cartas às nossas famílias ou às pessoas a quem falhámos mais. Parece que tu e o teu irmão estão nas duas categorias. Que sorte a vossa. Isto é um exercício de pedir desculpa e assumir as responsabilidades. Percebes, tirar as palavras cá de dentro e pô-las no papel. Não temos de o enviar. Eu, provavelmente, não o vou enviar.

E, já que não o vou enviar, mais vale ser honesto por uma vez.

Não sei se consigo livrar-me deste hábito, ou vício, ou doença. Não sei se consigo sobreviver no mundo sem alguma coisa que amortença a dor da existência. Mesmo depois de todos estes anos, ainda não sei «ser» neste mundo sem a vossa mãe.

Mas ainda aqui estou. E vocês também. E acho que devo aos dois dar-nos uma verdadeira oportunidade. Talvez haja alguma coisa do outro lado de toda esta dor. Talvez eu consiga encontrá-la. Quer encontre quer não, quero que saibam que nunca tiveram o dever de me consertar. Tal como não competia à vossa mãe manter-me inteiro enquanto cá estive.

Cada um é responsável pelas suas alhadas. E cada um é responsável por fazer o que for preciso para melhorar. Começo a compreender que a vida talvez não se

destine a ser atravessada com o mínimo de desconforto possível. Talvez se destine a experimentar tudo. O bom, o mau e tudo o que houver pelo meio.

Espero que estejas bem. Não é que isto deva significar seja o que for para ti, não é que tenha direito a dizê-lo. Estou muito orgulhoso do homem que te tornaste. Ao longo dos anos, preocupou-me a possibilidade de tu e o teu irmão seguirem o exemplo miserável que vos dei. De se esconderem da luz. Mas vocês não são assim. Defendem o que está certo todos os dias, e as pessoas respeitam-vos por isso.

Continuem a ser mais corajosos do que eu.

Pois. Definitivamente, não vou enviar isto. Pareço aquele Dr. Phil que a vossa mãe gostava tanto de ver.

Com amor,

Pai



— Isto é uma seca — anunciou o Stef do seu banco de bar.

— Preferia estar em casa com a Flor e a Way — resmungou o meu irmão.

— Não te vais casar sem uma despedida de solteiro — disse o Lucian. — Mesmo sem me teres deixado contratar *strippers* ou *flash mobs*.

— Ou *flash mobs* de *strippers*.

Estávamos encalhados no balcão do Honky Tonk, a beber cerveja e *bourbon* naquela que era a despedida de solteiro mais desenxabida da história de Knockemout. Em tempos, eu tivera de prender metade da congregação presbiteriana, quando o clube de luta na despedida de solteiro do Henry Veedle se entusiasmará e fora para as ruas.

O Lou, que seria em breve o sogro do Knox, resmungou:

— No meu tempo, não precisávamos de despedidas de solteiro, nem de esculturas de gelo, nem de *brunches* de noivado. Aparecíamos na igreja num sábado, dizíamos o «sim», alguém nos dava umas sandes de salada de fiambre e depois íamos para casa. Que diabo aconteceu a isso?

— As mulheres — disse o Lucian secamente.

Erguemos os nossos copos num brinde silencioso.

Eu tinha tido um dia longo, e ir para casa, para a Lina, parecia muito melhor do que qualquer outra coisa. Naquela manhã, tinha despedido formalmente o Dillon, depois de me ter certificado de que todos os procedimentos estavam

conformes. Fora feio, como era de prever, mas não tinha havido tempo para celebrar a vitória, graças a um atrelado de camião que perdera a sua carga de molho Alfredo na estrada 317.

Tinha passado a tarde a ajudar na limpeza da estrada e tivera tempo à justa para um duche, antes de aparecer no ensaio com poucos minutos de atraso. Mal houvera tempo para arrastar a Lina até à sala de jantar do meu irmão e beijá-la como um louco, antes de chegar a hora de sair para os copos.

Eu queria tempo com ela. Queria o normal com ela. Queria compensá-la pela quase-catástrofe que provocara. Mas o casamento era no dia seguinte. Ainda não sabia quem atirara aquela pedra pela janela da Lina. E o tempo estava a contar, com a saída do artigo do «herói da cidade» prevista para segunda-feira.

O «depois» aproximava-se. A única coisa que se interpunha entre nós e o «depois» era o merdas do Duncan Hugo. Eu ia acabar com aquilo. Ia pô-lo atrás das grades. E faria o que fosse preciso para convencer a Lina de que merecia um lugar no seu futuro.

Pensei na carta do meu pai, que lera a seguir ao despedimento oficial do Dillon.

— O pai mandou-te uma carta? — perguntei ao Knox.

— Mandou. E a ti?

— Sim.

— A comunicação familiar aberta é tão tocante — zombou o Stef, fingindo limpar lágrimas dos olhos.

— É possível que ele venha amanhã — disse o Knox.

Pestanejei.

— A sério?

— Sim.

— E isso não te importa?

Cada um de nós tivera a sua versão de relação tensa com o nosso pai, ao longo dos anos. O Knox cortava-lhe o cabelo com intervalos de meses e dava-lhe dinheiro. Eu ia saber dele e fornecia-lhe bens essenciais que ele não pudesse trocar por oxicodona.

Ele encolheu os ombros.

— Até parece que ele alguma vez apareceu para alguma coisa.

A Silver surgiu com mais uma rodada de bebidas. Fez uma careta e franziu o

nariz.

— É só a mim que cheira a alho e a queijo?

— Provavelmente sou eu — disse eu.

Todos se inclinaram para mim para me farejarem.

— De repente, apetece-me italiano — gracejou o Lucian.

— É molho Alfredo. Um atrelado cheio disto virou-se na autoestrada.

— Desculpem o atraso. — O Jeremiah aproximou-se, passando uma mão pelo cabelo escuro e encaracolado. — Porque estamos a cheirar o Nash?

— Ele cheira a molho Alfredo — explicou o Stef.

O Jeremiah pousou um beijo na bochecha do Stef, e ambos sorriram com timidez.

— Uau. Quando é que isso aconteceu? — quis saber o Knox, com o indicador a viajar entre cada um deles.

— Porquê? Também lhes vais moer a cabeça? — perguntei ao meu irmão.

O Knox encolheu os ombros.

— Talvez.

— Porque é que não queres que ninguém seja feliz? — brincou o Stef.

— Estou-me bem a lixar para se são felizes. Só não quero aturar-vos se estiverem na merda — esclareceu o Knox. — Vejam este imbecil. Olha para a Lina com alianças de casamento nos olhos, e ela vai arrancar-lhe o coração e pisá-lo acidentalmente com aqueles saltos-agulha ao sair porta fora.

— Sou capaz de sair porta fora com ela. Desde que ela não se vingue da minha imbecilidade.

O silêncio foi ensurdecador, com sete pares de olhos pousados em mim.

— O quê? — perguntou o Jeremiah, o primeiro a recuperar.

Peguei na minha cerveja.

— Fiz merda depois de um dia de merda.

— Fizeste merda como? — quis saber o Knox.

— Tentei romper com ela — admiti.

— És um idiota — disse o Nolan, prestimoso.

— Não. É um idiota de merda — disse o Knox.

O Lucian limitou-se a fechar os olhos, abanando a cabeça.

— É uma abordagem interessante — observou o Jeremiah.

— Eu pensava que ele é que era o imbecil da família — disse a Silver,

pousando uma bebida em frente ao Jeremiah e acenando com a cabeça na direção do Knox.

— É preciso lembrar-te de quem é que assina os teus cheques do ordenado?

— Pelos vistos, é o imbecil número um de dois — gracejou ela.

— Mas tu tinhas a língua enfiada na garganta da Lina depois do jantar de ensaio — assinalou o Stef.

— Ela não me deixou afastá-la. Ficou. E a seguir fez-me saltar de um avião.

— Jesus. Por que diabo haverias de saltar de um avião em perfeitas condições?

— perguntou o Knox, com um ar perplexo.

— Porque quando a mulher com quem te vais casar te pede para fazeres uma coisa, tu fazes, caraças.

O Lucian estava a massajar as têmporas.

— Mal a conheces.

— Eu conheço-a. É boa de mais para ti — disse o Nolan.

— Concordo com o bigode pornográfico — disse o meu irmão.

— A Lina é uma joia. Estás a tencionar ter mais dias de merda? — quis saber o Lou.

— Não, senhor — garanti-lhe.

Ele assentiu.

— Ainda bem. No meu tempo, tínhamos dias de merda e não tentávamos dar para trás às nossas senhoras. Bebíamos demasiado, apagávamos no sofá a ver o *Jeopardy* e acordávamos no dia seguinte tentando ser menos parvos.

— Deus abençoe a América — disse o Stef para dentro do copo.

— Ela é a tal — disse eu, para ninguém em especial.

— É impossível saberes isso — argumentou o Lucian. — Admito que a embalagem é bonita. Mas todos os dias há homens melhores do que nós a serem enganados por embalagens bonitas.

— Não fales da minha miúda, a menos que estejas preparado para encarar as consequências, Rollins — avisei-o. — Além disso, quem se vai casar é o Knox. Porque não lhe móis o juízo a ele?

O meu irmão franziu o sobrolho.

— Espera aí. Porquê?

— Além do facto de a Naomi ser perfeita em todos os sentidos e de tu seres o homem mais afortunado do mundo por a teres encontrado — sugeriu o Stef.

— Ouçam, ouçam — concordou o Lou.

O Lucian revirou os olhos.

— Não é a Lina. És tu.

— Qual é o problema dele, caraças? — exigiu saber o Knox, numa espécie de irada lealdade fraternal.

— Ele está num lugar escuro. Quando um homem está assim, não pode confiar em si mesmo, e muito menos em alguém que mal conhece. Puseste a tua confiança no sítio errado, e é quase impossível recuperar dessas traições.

— Sem ofensa, Lucy, mas parece que estás a aplicar o teu passado de merda ao presente feliz do teu amigo — disse o Jeremiah.

— Ouve o barbeiro giraço. Ele é praticamente um psicólogo.

— Tu não sabes nada sobre o meu passado — disse o Lucian, soturno.

— Talvez seja melhor mudarmos de assunto, antes que isto se transforme na despedida de solteiro do Henry Veedle — sugeriu.

— Ela ficou mesmo? — perguntou-me o Knox.

Assenti.

— Ficou. E, assim que eu começar a convencê-la da ideia de «para sempre», vou precisar do número de telefone do tal joalheiro.

— Cruzes — resmoneou o Lucian em surdina, fazendo sinal a pedir mais um *bourbon*.

— O que te está a impedir de a convenceres? — perguntou o Jeremiah.

— Além de mal se conhecerem e de um passado de danos emocionais? — perguntou o Lucian ao seu *bourbon* fresco.

— Eu fiz merda há menos de quarenta e oito horas. Preciso de pensar num grande gesto para a fazer acreditar em mim. Em nós.

«É tua. Oficializa.» As palavras da Lina ecoaram-me na cabeça.

— Estás suficientemente empenhado? — incitou o Stef.

— Suficientemente empenhado para ter pedido à Bannerjee que me ensinasse a usar o Pinterest para poder guardar umas dezenas de modelos de anéis.

O Lucian arrastou as mãos pela cara, horrorizado, mas não disse nada.

— Parece-me empenhado — decidiu o Lou.

— Então, o que é que conta como um grande gesto? — perguntou o Jeremiah.

— Flores? — sugeriu o Knox.

O Stef fungou.

— Isso é o oposto de grande. É um pequeno gesto. Tu teres entrado no armazém do Duncan Hugo para salvar as donzelas em perigo foi um grande gesto.

O meu irmão assentiu, presunçoso.

— Foi bastante épico.

— Eu ter surpreendido a Mandy com um cruzeiro de três semanas foi um grande gesto — disse o Lou.

— Esta é boa. Leva-a de férias — sugeriu o Nolan. — A minha mulher adorava quando íamos para fora só os dois.

— A tua mulher não se divorciou de ti? — perguntou o Lucian.

— «A», vai-te foder. E «B», talvez não o tivesse feito se eu a tivesse levado mais vezes de férias, em vez de estar sempre a trabalhar.

— Isso é bom, mas eu preciso de alguma coisa que possa fazer agora. Mesmo antes de resolvermos esta cena do Hugo.

— Mandar que lhe mudem o óleo do carro? — sugeriu o Jeremiah.

— Muito pequeno — disse eu.

— Mandar vir a família dela de surpresa?

— Intrusivo.

— Compra-lhe uma daquelas malas que custam uma fortuna — sugeriu o Knox.

— Nem toda a gente tem prémios de lotaria para esbanjar.

— Tu terias, se tivesses ficado com o que te dei, em vez de teres posto a merda do meu nome na merda de uma esquadra da polícia, imbecil.

— É verdade.

— Porque é que não mandas tatuar o nome dela no teu rabo? — disse secamente o Lucian.

O Knox e eu trocámos um olhar.

— Bom, é uma tradição de família — pensou alto o meu irmão.



E foi assim que acabei sem calças e de cu para o ar na cadeira da Spark Plug Tattoo. O Knox ocupava a cadeira ao lado da minha, sem camisa, recebendo sobre o coração a tatuagem da sua data de casamento.

— Espero que percebas que eu estava a ser sarcástico — resmoneou o Lucian, do canto de onde espreitava como um vampiro maldisposto.

— Isso não me passou despercebido. Mas, mesmo assim, foi uma ideia do caraças.

— Vais sentir-te um idiota quando ela te deixar e tiveres um lembrete permanente no rabo.

Mas nem o pessimismo do Lucian conseguia deitar-me abaixo.

O Nolan, ao balcão, folheava um álbum de desenhos com o Lou, enquanto o Stef e o Jeremiah abriam mais uma rodada de cervejas para todos.

— Há anos que esperava pôr as mãos neste rabo — disse a tatuadora, deliciada.

Estava tatuada do pescoço aos joelhos, e tinha sido uma campeã equestre de categoria nacional quando andava na casa dos vinte anos.

— Oh, querida, tu e todas as mulheres desta cidade — disse o Stef.

— Sê meiguinha comigo. É a minha primeira vez — disse eu.

Ela mal começara, quando eu ouvi o som de um obturador de máquina fotográfica, e virei-me para olhar severamente para o Nolan.

— O que é? Estou só a documentar a noite.

— Se calhar devias trocar o bigode por uma tatuagem — sugeriu o Knox.

— Achas? — perguntou o Nolan.

Eu podia praticamente ouvi-lo a acariciar o bigode, como se fosse um gato de estimação.

— Acho que te ficava bem uma coisa com estilo. Como um lobo, talvez. E que tal um machado? — sugeriu o Lou.

— Eu faço-vos um desconto de grupo, se decidirem que querem uma — disse a Sally, acima do zumbido da agulha da pistola de tatuagem.

Estava a ouvir o duelo das pistolas de tatuagem quando o Stef soltou um ganido.

— Merda! Oh, merda! — exclamou ele.

— O que foi? — perguntei.

— Não te contraias — instruiu a Sally.

Fiz os possíveis por relaxar as bochechas do rabo.

— Sabes o artigo que só devia sair na segunda-feira? — disse o Stef, ainda a olhar para o seu telemóvel.

— Que artigo? — perguntaram em uníssono o Jeremiah e o Lou.

O pânico subiu-me ao estômago.

— O que é que tem?

O Stef virou o telemóvel para eu poder ver o ecrã. Lá estava eu, ao lado da bandeira norte-americana no meu gabinete, com uma expressão carrancuda, sob a manchete «O Regresso do Herói de Uma Pequena Cidade».

— Foi publicado mais cedo — disse ele. — Pelos vistos, perderam a peça que devia sair hoje e publicaram isto em seu lugar há duas horas.

— Dá-me o meu telemóvel. Já — disparei. — Sal, vamos ter de acabar isto depois.

— Tudo bem, chefe. Não me vou queixar por poder voltar a ver esta obra-prima.

Esperei impacientemente, enquanto ela colocava um pedaço de gaze sobre a obra inacabada.

— C'um caraças. Já tem cinquenta mil gostos — comentou o Stef. Olhou para mim. — És o queridinho da América.

O meu telemóvel já estava a tocar, quando o Lucian o retirou do bolso das minhas calças.

Era a agente especial Idler.

— Não era disto que eu falava quando lhe pedi discrição — disparou, quando eu atendi.

— Não sei de que está a falar, agente especial — disse eu, enquanto saltava da cadeira e vestia as calças.

O Nolan fez o gesto universal de «não estou aqui», passando com os dedos pela garganta.

— «Chefe da polícia recupera de ferimentos de bala e perda de memória para livrar a sua esquadra de um agente corrupto» — leu ela em voz alta. — Lembro-me nitidamente de lhe ter dito que queria saber se e quando recuperasse a memória. E onde diabo anda a sua proteção atribuída?

Enfiei a perna dentro das calças de ganga.

— Sabe do que é que eu não me lembro? Não me lembro de me ter dito que ia fazer um acordo com o criminoso que tentou acabar comigo, com a minha sobrinha e com a minha cunhada.

— Quem é que falou em acordo? — perguntou ela, hesitante.

— O FBI tem mais fugas do que a porcaria do *Titanic*. Estão dispostos a fechar os olhos a acusações de tentativa de homicídio e sequestro para chegarem ao peixe graúdo. Novidades, agente especial: eu não vou colocar a minha família em perigo só porque vocês não conseguem elaborar um caso à antiga.

— Ouça bem, Morgan: se fizer alguma coisa para pôr em risco este caso, eu certifico-me de que acaba atrás das grades.

Fechei a braguilha.

— Boa sorte. Neste momento, eu sou a namoradinha da América.

Desliguei antes que ela pudesse dizer mais uma palavra e liguei para a Lina. Foi para o gravador.

O Knox estava ao telemóvel, presumivelmente a ligar para a Naomi.

— Não atende — disse ele, de voz tensa.

— Eu ligo à Mandy — ofereceu-se o Lou.

O Lucian olhava para o seu telemóvel.

— Segundo os localizadores, a Naomi está em casa. A Waylay e a Lina estão no parque de estacionamento do supermercado.

Eu tinha uma chamada perdida da Lina e uma nova mensagem de voz.

Carreguei no botão do *play* e dirigi-me para a porta, seguido pelo resto da comitiva nupcial.

A voz da Lina soou em alta-voz: «Nash. Sou eu. O Tipo do Telemóvel Descartável é o Tipo do Corredor dos Cereais. A senhora Tweedy estava comigo quando o encontrámos no supermercado. Estava a comprar os doces que, segundo a Waylay, são os preferidos do Duncan Hugo. Havia invólucros de guloseimas por todo o lado no chão do armazém, nas fotografias da cena do crime. Voltei a vê-lo no Honky Tonk, na noite em que o Tate Dilton fez uma cena. Sei que não é grande indício, mas o meu instinto diz-me que é ele. Liga-me!»

Invólucros de guloseimas.

E, como se alguém tivesse estalado os dedos, fui transportado para a berma da estrada, naquela noite quente de agosto.

Bang.

Bang.

Dois tiros ecoaram-me nos ouvidos, e uma estranha sensação de picadas

invadiu-me o ombro e o tronco. Eu estava a cair... ou o chão estava a subir.

Encontrava-me tombado no asfalto quando a porta do condutor se abriu. Uma coisa fina e transparente flutuou até ao chão, cintilando à luz dos faróis do meu carro-patrulha. E depois desapareceu. O barulho de um invólucro de plástico soou-me na cabeça quando uma bota preta o esmagou no chão.

«Estava à espera disto há muito tempo», disse o homem da camisola com capuz. Sorriu, e o seu bigode estremeceu.

A merda de um invólucro de guloseima. Era isso que me assombrava os sonhos há semanas. Não o Duncan Hugo. Um invólucro de guloseima, e o dedo do Tate Dilton no gatilho.

— Liga-lhe outra vez, caraças — rosnou o Knox, arrancando-me dos meus pensamentos.

— Que raio pensas que estou a fazer?

Voltei a ligar.

— Preciso de uma atualização, imediatamente — ladrou o Lucian para o seu telemóvel.

— Alguém me pode dizer que diabo se está a passar? — perguntou o Lou.

O telemóvel da Lina chamava.

— Vá lá. Atende, Angel — murmurei.

Alguma coisa estava muito errada, e eu precisava de ouvir a voz dela.

O toque de chamada parou, mas, em vez da mensagem para o gravador, alguém atendeu.

— Nash?

Mas não era a Lina. Era a Liza J.

— Ele apanhou-a, Nash. Ele levou-a.

QUARENTA E OITO

RAPTARAM A MIÚDA ERRADA

Lina

O meu trabalho colocara-me em situações bastante interessantes, mas aquilo era novidade. Além de me ter amarrado as mãos com uma abraçadeira atrás das costas, o Tipo do Corredor dos Cereais também largara o meu telemóvel, o relógio e o casaco — com o dispositivo de localização do Lucian — no parque de estacionamento do supermercado.

Depois tinha-me enfiado no porta-bagagem de um *sedan* de modelo recente.

Lá se ia a possibilidade de a equipa sinistra do Lucian seguir o meu sinal. Fechei os olhos com força e pensei no Nash. Ele moveria céus e terra para me encontrar. O mesmo fariam o Knox e o Nolan. Até o Lucian ajudaria. E, se eles não conseguissem, a minha mãe não descansaria enquanto não me encontrasse.

Eu só precisava de me manter alerta e arranjar maneira de fugir. Aquele imbecil tinha raptado a mulher errada.

Depois do discurso motivacional, passei os primeiros minutos de cativo no porta-bagagem a procurar o trinco de emergência, mas descobri que tinha sido desativado.

— Raios — resmoneei.

O carro virou abruptamente para a direita. Eu bati com a cabeça e rebolei desajeitadamente sobre as costas, magoada pela abraçadeira nos pulsos.

— Au! Aprende a conduzir, estúpido!

Dei um pontapé pouco convicto na porta da bagageira. Acima do barulho da estrada, ouvia-o a falar com alguém, mas não conseguia distinguir o que ele dizia.

— Plano B — decidi.

Podia partir um farol a pontapé e fazer sinal aos outros condutores de que o

imbecil ao volante tinha uma refém no porta-bagagem.

A estrada mudou. Em vez do deslizar macio no alcatrão, eu ouvia o estalar de gravilha sob os pneus, enquanto avançávamos aos tombos. Aquilo não era bom. Ou o Duncan Hugo estava mais próximo do que tínhamos pensado ou o Tipo do Corredor dos Cereais estava a levar-me para o bosque, para me fazer uma visita guiada ao interior de uma campa rasa acabada de abrir. Eu tentava orientar-me para a orla do tapete sem distender um músculo do pescoço, quando o carro parou abruptamente. Voltei a cair sobre a barriga. Definitivamente, aquilo não era bom. A porta da bagageira abriu e, antes de poder rebolar para uma posição de ataque, fui puxada para fora sem cerimónia.

— Jesus. Onde aprendeste a conduzir? Nos carrinhos de choque?

— Para com as lamúrias e começa a andar — disse ele, dando-me um empurrão.

Estávamos naquilo que em tempos fora um carreiro de gravilha, mas que agora tinha sido invadido pela natureza. À nossa frente estava um edifício enorme, semelhante a um celeiro, rodeado por ervas altas. Para lá dele, divisei a custo o contorno de uma cerca de madeira meio partida.

— Ainda estamos em Knockemout? — perguntei, combatendo um estremecimento. A falta do casaco, aliada a uma saudável dose de medo, tornava o ar da noite ainda mais frio. — Se me soltares agora, é possível que não tenhas de cumprir qualquer pena — disse eu, coxeando à sombra do celeiro.

— Agora estou comprometido, querida. Havia testemunhas. Não há volta a dar.

Na noite sombria, o meu raptor já não parecia um contabilista bem-parecido e atlético. Parecia um homem que gostava de fazer os bebés chorarem.

— Falas como se me culpasses por isto.

Ele abanou a cabeça.

— Eu avisei-te, no bar. Disse-te: «Não te transformes num alvo.»

— Lembro-me de alguma coisa desse género — disse eu, enquanto ele destrancava a porta exterior do celeiro. Era a única aberta que eu tinha, portanto aproveitei-a.

Virei-me e disparei pela escuridão, mas o salto partido e a gravilha desigual impossibilitavam-me de correr. Sentia-me como num daqueles pesadelos em

que tentamos correr, mas esquecemo-nos de como se faz.

Uma mão grande e carnuda fechou-se sobre o meu ombro, e puxou-me para trás.

— És uma chata do caraças, sabias? — disse-me ele, lançando-me sobre o ombro.

— Ouço isso muitas vezes. Tu estás no ramo imobiliário, não estás?

— Calou.

Carregou-me outra vez para a porta e, no interior, largou-me no chão.

Estava escuro como breu, e eu imobilizei-me, tentando orientar-me.

— Sabes, o ramo imobiliário não costuma mandar as pessoas para a prisão. Ao contrário de raptar mulheres em supermercados — disse eu, pondo-me de pé.

— Quanto maior é o risco, maior é a recompensa — disse ele, na escuridão.

Era o lema não oficial da Pritzger Insurance.

Ouvi um estalinho, e depois um candeeiro no alto iluminou o espaço. Era um vestíbulo luxuoso, para um celeiro. O chão era de cimento estampado, e as paredes forradas a madeira eram mais bonitas do que as da minha casa em Atlanta. Eletricidade. Isso era bom. Talvez significasse que também haveria um telemóvel algures ali dentro.

Na parede em frente a mim havia uma grande placa de metal que dizia «Red Dog Farm».

A compreensão atingiu-me. Aquela era a propriedade penhorada onde o Nash tinha encontrado o cavalo em fuga. O Hugo estivera sempre ali tão perto?

Ficava a poucos quilómetros da cidade. Eu percorreria facilmente essa distância a correr, mas precisaria de outro calçado e teria de me manter fora da estrada.

Não era ideal, mas era definitivamente uma possibilidade. Calculei as minhas outras opções.

Havia três portas que davam para direcções diferentes e uma escadaria utilitária que levava àquilo que parecia ser uma área aberta às escuras. Não era, definitivamente, uma opção de fuga viável, decidi.

O capanga fechou uma mão no meu ombro e empurrou-me para uma das pesadas portas de madeira.

— Vamos — disse, abrindo-a.

Era uma escada de madeira que descia para um andar abaixo.

— A sério? Um covil na cave? Que *cliché*.

Na verdade, era genial. Encontrar uma propriedade abandonada, suficientemente distante da cidade para que ninguém notasse qualquer atividade? Talvez o meu captor afinal não fosse um completo idiota.

— Mexe-te — disse-me ele.

Levei o meu tempo, descendo a coxear os quinze degraus.

Tinha de me manter calma. Tinha de empatar. Quanto mais tempo conseguisse distraí-los, mais tempo o Nash teria para me encontrar.

O Tipo do Corredor dos Cereais guiou-me para a esquerda na base das escadas, fazendo-me passar por uma porta aberta.

Ali, sentado, com as botas lamacentas pousadas descuidadamente sobre uma bela secretária de carvalho, estava o Tate Dillon.

Merda.

— Ora, ora, ora. Vejam quem temos aqui. Se não é a cabra pernilonga do bar.

Eu estava preparada para encarar um senhor menor do crime organizado, não um polícia corrupto e caído em desgraça. O Dillon atirou o telemóvel para a secretária e mascarou a sua pastilha com presunção.

— O que foi, querida? Não sou quem tu esperavas?

— Espera. Deixa-me ver se percebo. És *tu* o cérebro aqui? — disse ao Dillon, perguntando-me se seria muito difícil separá-lo do telemóvel.

— Podes crer que sou.

O meu raptor aclarou incisivamente a garganta atrás de mim.

O olhar do Dillon deslocou-se para ele.

— Tens alguma coisa a dizer, Nikos?

Nikos, o raptor do supermercado.

— Onde é que ele está? — perguntou o Nikos.

— Isso é para quem precisa de saber, e tu não precisas de saber, filho — disse o Dillon.

OK. Os maus estavam em conflito. Aquilo podia ser muito bom para mim ou nada, *nada* bom. Fosse como fosse, precisava de um plano.

Na bancada, por trás da secretária, havia um monitor de ar antiquado. Infelizmente, não havia um telemóvel, nem um *laptop*, nem uma pistola de alarme numa posição conveniente.

Na parede oposta, havia uma enorme televisão de ecrã plano, com um sofá em frente.

— Não sabem que ficam mais ameaçadores quando fingem estar tão sincronizados que podem ler as mentes uns dos outros? Nunca viram um filme do James Bond?

— Vai buscá-lo — disse o Nikos, ignorando-me.

— Vai-te lixar — ripostou o Dilton. — Quem manda aqui sou eu. Vai tu buscá-lo.

— Vocês não podem manter-me aqui — disse eu, chamando as atenções de novo para mim.

O Dilton mastigou alegremente a pastilha.

— Parece-me que posso fazer o que bem entender contigo e com a tua bocarra, cabra.

— Que encanto. Porque é que eu estou aqui? É isto que fazes a todas as mulheres que te mandam calares-te e seres um homem? Quero dizer, explicaria porque precisas de umas instalações tão grandes.

— Estás aqui porque tu e a merda dos teus amigos já me chatearam o suficiente.

A avaliar pelo revirar de olhos do Nikos, não era exatamente por isso que eu estava ali.

— Espera. Tu mandaste-me raptar porque foste despedido por seres racista e misógino? És daquelas vítimas perpétuas que culpam todos os outros pelo ser humano de merda em que se tornaram?

— Eu disse-te que uma pedra na janela não ia resultar — resmoneou o Nikos.

— Porra, estás aqui por teres dado à língua no lugar errado, à hora errada — rugiu o Dilton. — O plano era apanhar primeiro as outras duas cabras: a miúda da Tina e a gémea certinha dela. Mas tu tinhas de te tornar um alvo mais atraente, a fazeres compras sozinha e a perceberes coisas.

Lancei um olhar ao Nikos. Ele tinha visto a Waylay comigo. Podia facilmente ter-nos raptado às duas. Eu ainda tinha outro salto-agulha, e ele ainda tinha outra perna. Mas decidira não raptar uma criança. Talvez não fosse o pior mauzão presente.

O Nikos evitou o meu olhar, e eu decidi que era provavelmente melhor para

ambos se eu não falasse nisso.

— Portanto, vamos começar por ti e tratamos depois dos outros três problemas — prosseguiu o Dilton.

Apontou para mim como se a sua mão fosse uma arma e mimou premir o gatilho.

— Não é preciso discutirmos o plano com ela.

O Dilton fungou de riso.

— Porquê? Até parece que vai sair daqui viva.

Olhou para mim com uma excitação doentia nos olhos.

— Ó imbecil, como é que vais motivá-la para atrair até aqui o namorado chui, se acabaste de lhe dizer que vais matá-la de qualquer maneira? — quis saber o Nikos. — Céus, sabes sequer como funciona a motivação?

— Trabalhas mesmo para ele? — perguntei ao Nikos, acenando com a cabeça para o Dilton. — Eu ter-me-ia ficado pelo imobiliário.

— Não trabalho para ele — disparou o Nikos.

O Dilton sorriu, escarninho.

— É o que vamos ver. — Virou de novo a sua atenção para mim. — Quanto a ti, eu não sou homem de quem se faça porco. O teu namorado devia saber isso.

— Pouco — corrigiu o Nikos. — Porco é o raio de um animal, idiota de merda.

— Vai-te lixar, cretino.

O Dilton tirou as botas da secretária e contornou-a de modo ostensivo até à frente. Encostou-se a ela descontraidamente, com as pernas esticadas para mim.

— O que é que se segue? O que é que vais fazer comigo?

Ele inclinou-se para a frente, ameaçador, até eu conseguir cheirar a cerveja velha no seu hálito. Um dedo gordo enganchou-se no decote da minha camisola e puxou.

— Faço o que eu quiser, porra.

A raiva escalou-me a espinha, fazendo-me tremer.

Cabeçada, joelhada nos tomates, partir a abraçadeira, fugir.

— Ora, ora, ora...

Todos nos virámos, enquanto um Duncan Hugo acabado de sair do duche

entrava na sala. Usava uma *T-shirt* preta e calças de ganga, com uma arma enfiada no cós. O seu cabelo, originalmente de um vermelho-fogo, estava agora pintado de castanho-escuro. Mas as sardas, as tatuagens, tudo o resto que eu memorizara das fotografias era exatamente o mesmo.

— Aqui o teu rapaz já usou essa frase de vilão — informei-o.

Não me escapou o modo como os olhos do Hugo se estreitaram para o rabo do polícia corrupto plantado na secretária e para a lama seca espalhada sobre a superfície. Entrou calmamente na sala e apanhou a embalagem de guloseimas que o Nikos lhe atirou.

— Tira o rabo da secretária, Dillon.

O Dillon obedeceu sem pressas.

— Provocaste-me algumas dores de cabeça recentemente — disse-me o Hugo, sentando-se atrás da secretária.

— Eu? — perguntei inocentemente.

Os pulsos começavam a doer-me por estarem presos atrás das costas. Precisava de me soltar, mas seria impossível chegar à porta com eles os três na sala.

— Além de teres seguido os meus homens, fizeste com que um deles fosse preso. Não me convém esse tipo de atenção neste momento. Mas tu ignoraste o aviso.

— Como disse ao teu amigo no corredor das guloseimas, a detenção não foi por minha culpa. Foi o teu homem que quis matar o próprio irmão em pleno dia. Nu.

— É difícil arranjar bons funcionários — disse o Hugo, com um encolher de ombros descuidado.

— Pois. Não sei quanto estás a pagar a este aqui, mas devias exigir um reembolso — disse eu, indicando o Dillon com a cabeça.

Vi as costas da mão a aproximarem-se e preparei-me. Os nós dos dedos do Dillon encontraram a minha maçã do rosto, atirando-me a cabeça para trás. Senti a cara a arder, mas recusei-me a soltar um som.

Em vez disso, concentrei-me em acrescentar corretor à minha lista de compras mental e em imaginar o que o Nash faria em breve à cara do Dillon.

— Está na hora de aprenderes a ter maneiras — rosnou ele no meu rosto, de olhos enlouquecidos e o lábio arreganhado sob o bigode.

Um louco imprevisível com alguma coisa a provar era sempre pior do que um

vilão calculista.

— Isto faz-te sentir um grande homem? — silvei, entre dentes.

— Chega! — disparou o Hugo. Abriu uma guloseima e meteu-a na boca. — Temos trabalho para fazer. Nikos, certifica-te de que estamos prontos para a chegada do nosso caro chefe Morgan.

Assentindo sinistramente, o Nikos saiu da sala. Já só tinha dois vilões, mas, mesmo assim, não gostava das probabilidades.

— Tu ficas com a limpeza — disse o Hugo ao Dillon.

— Eu sei, porra.

— Vê lá se atinas. Quando estiveres em posição, liga-me. Depois esperas pelo meu sinal. Não vais voltar a fazer merda.

— Pelo menos tive tomates para puxar o gatilho — cuspiu o Dillon.

— Fizeste merda, isso sim. Tens sorte por consegues outra oportunidade.

— Um dia podes ter de puxar tu o gatilho — avisou o Dillon.

— E, quando puxar, vou certificar-me de que levo o trabalho até ao fim — disse o Hugo, agourento.

Fixaram-se um ao outro durante um longo momento, antes de o Dillon ceder. Lançou-me um último olhar lascivo antes de sair da sala.

— Uma Joia de Fruta? — ofereceu o Hugo, inclinando o saco aberto para mim.

— Foi o Dillon, não foi? — perguntei, em voz baixa.

— Foi o Dillon, o quê?

— Contrataste o Dillon para matar o Nash.

A gravação da câmara do tabliê era pouco nítida, e o atirador usava uma camisola com capuz e luvas. Mas o Tate Dillon e o Duncan Hugo tinham corpos semelhantes, alturas semelhantes.

O Hugo encolheu os ombros.

— Um chefe delega. E é isso que tenciono ser.

— É difícil arranjar bons funcionários — disse eu, repetindo as suas palavras.

— Eu roubei o carro, dei-lhe a arma e disse-lhe quando e onde o fazer. Ele devia ter atraído o teu namorado chui mais para fora da cidade, ter feito o trabalho num sítio sossegado.

— Em vez disso, baleou-o a sangue-frio na autoestrada — acrescentei eu.

— Agora não se pode fazer nada. Tem uma oportunidade para se redimir e, se

não fizer isto como deve ser, é o fim dele — disse o Hugo, desembrulhando mais uma guloseima.

Apetite nervoso.

— O teu plano é usar-me para atrair o Nash até aqui. E depois?

Ele olhou para mim e não disse nada. Não era preciso.

Abanei a cabeça, invadida por uma vaga de náusea.

— A Naomi casa-se amanhã, e a Waylay é uma criança. Tu não tens de fazer isto.

Ele encolheu os ombros.

— Ouve, não é nada pessoal. Bom, o tesão do Dilton pelo teu namorado é muito pessoal. Pelos vistos, ele não gostou do género de lei e ordem do teu rapaz. Acho que o teria matado de borla. Mas tudo o resto? Não é pessoal. Vocês são apenas garantias.

A Naomi, a Waylay, a Liza J, a Amanda... Mesmo que o Hugo conseguisse atrair o Nash para ali, todas as outras pessoas estariam naquela casa. Na linha de fogo.

O pânico subia-me à garganta.

— Tudo isto para poderes fazer o quê? Tirar o teu pai do caminho e apoderares-te do negócio da família? Porque não comesças um negócio teu? Constróis tu alguma coisa?

O seu punho esmurrou a secretária.

— Porque vou reclamar tudo o que o meu pai me deve e vê-lo apodrecer atrás das grades, enquanto eu gozo o prato! Quero que ele saiba que o seu «filho mariquinhas», o «desperdício de ADN» foi quem se ergueu e lhe roubou tudo.

O meu cérebro procurava maneiras de sair daquilo.

— Não podes confiar no Dilton. Ele tem a cabeça quente e pensa que devia mandar nisto. Tentou arranjar sarilhos com uma sala cheia de mulheres, e o Nikos teve de o impedir. Precisas de o retirar disto.

O Hugo levantou-se atrás da secretária.

— Do que eu preciso é que tu te sentes e te cales, até chegar a hora de seres útil.

Eu ia vomitar. E a seguir ia morrer.

— Porquê o Nash? Porque é que o nome dele estava naquela lista? Ele não tinha nada que ver com o negócio do teu pai.

O Hugo encolheu os ombros.

— Se calhar irritou a pessoa errada.

— Falas do teu pai ou da pessoa que fez a lista?

— Parece que nunca vais saber ao certo. — Atravessou a sala até ao sofá gasto em frente da televisão e pôs um *headset* de jogo em redor do pescoço. — Mais vale pores-te confortável.

O ecrã da televisão banhou a sala num verde-nuclear.

Encostei-me à secretária, com os joelhos a tremerem e o estômago às voltas.

Tinha de ser naquele momento. Eu tinha de arranjar maneira de avisar o Nash, antes de o Dilton sair. Antes de ele se aproximar da Naomi e da Waylay.

— Boa sexta-feira. Bora lá rebentar com uns *cowboys* — disse o Hugo.

Pestanejei e olhei atentamente para o ecrã. Ele estava a jogar *online*... o que significava que falava com outros jogadores.

O coração saltava-me contra as paredes do peito. Ele estava com o *headset*, mas, mesmo assim, eu não podia fazer barulho. Tinha apenas uma oportunidade para fazer aquilo com exatidão.

Soltei uma expiração lenta e olhei para o ecrã, à espera da minha aberta.

— À tua esquerda. Não! A tua esquerda, burra! Não aprendeste isso no jardim de infância? — perguntou o Hugo, esquivando-se e serpenteando na almofada com o comando.

No ecrã, as personagens combatiam um ogre que disparava ranho e um dragão que lançava fogo. Era a única oportunidade possível que eu teria. Não podia arruiná-la.

Afastei as mãos das costas, ergui-as o mais possível e dobrei-me para a frente.

A adrenalina atingiu o auge, e eu baixei os pulsos com toda a força e rapidez que pude. A abraçadeira de plástico partiu-se, libertando-me as mãos.

— Deixa-te de merdas, Brecklin, e apunhala-o no pé — disse o Hugo, enquanto eu o atacava por trás.

QUARENTA E NOVE

UMA CONTA PARA ACERTAR

Nash

Vinte e sete minutos.

Fora esse o tempo que passara desde que um homem tinha enfiado a Lina no porta-bagagem de um carro e arrancara.

O Grave estava a investigar a matrícula parcial que a Waylay decorara.

O Knox levava a Waylay e a Liza J a casa, para junto da Naomi.

E eu voava pela rua do Dilton, sob uma chuva ligeira e nevoenta. Girei o volante e travei a fundo na entrada do seu carreiro de cimento. Em frente da garagem, estava uma lancha de pesca vermelha e reluzente, estacionada num atrelado novo em folha.

Nem me dei ao trabalho de fechar a porta, indo direito à casa térrea branca, banhada pelo azul e vermelho das minhas luzes.

A porta abriu-se antes de eu ter passado pelos fardos de palha e pelas abóboras do alpendre.

Atrás de mim, ouvi um guincho de pneus na rua; outro veículo parou bruscamente.

A Melissa Dilton, a mulher bonita e loura do Tate, estava à entrada, com uma mão a agarrar o decote do seu roupão de banho azul.

Tinha as faces manchadas de lágrimas e um lábio inchado.

Merda.

— Onde é que ele está, Missy?

Ela abanou a cabeça, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não sei, mas juro que te dizia se soubesse.

Apetecia-me entrar à força, revistar a casa de cima a baixo, mas sabia que ela não estava a mentir.

O Nolan e o Lucian subiram os degraus do alpendre, soturnos.

— Há quanto tempo saiu ele? — perguntei à Missy, ignorando-os.

— Há umas duas horas. Preparou um saco, como se fosse ausentar-se por algum tempo. Eu... eu vi-o a tirar uma pilha de notas de baixo do soalho, no quarto da Sophia.

— O que estás a fazer, Morgan? — perguntou o Nolan em voz baixa.

— Onde é que ele estava na noite em que eu fui baleado?

A Melissa engoliu em seco, e duas lágrimas gémeas deslizaram-lhe pelas faces.

— E-ele disse que estava de serviço.

— Não estava. Faltou por doença nesse dia. — Eu tinha verificado pelo caminho.

— Ele disse que estava de serviço. Voltou para casa tarde, e eu... eu percebi que ele tinha estado a beber. Perguntei-lhe por ti. Tinha sabido do ataque pelos meus pais. Perguntei-lhe se tu ias ficar bem, e ele... — Olhou para os pés descalços, envergonhada. — Ele bateu-me — sussurrou.

Ouvi o Lucian a praguejar atrás de mim.

— Está tudo bem, Melissa. Não estás em apuros. Mas eu preciso de encontrar o Tate.

Ela olhou-me com os olhos marejados de lágrimas.

— Não sei onde ele está. Desculpa, Nash.

— A culpa não é tua — disse-lhe eu. — Nada disto é por tua culpa. Mas preciso que agarres nos miúdos e vás para casa dos teus pais esta noite. Preciso que fiques lá até eu dizer que é seguro voltares para casa. Compreendes?

Ela hesitou, e depois assentiu.

— Vai acordar os miúdos. Diz-lhes que vão dormir a casa dos avós. O Lucian leva-vos. Vou pôr agentes a guardar a casa dos teus pais.

— Acabou tudo, não foi? — sussurrou ela.

— Vai acabar esta noite — prometi.

Ela endireitou os ombros e assentiu. E, pela primeira vez, eu vi uma centelha de determinação nos seus belos olhos verdes.

— Boa sorte, Nash.

Virei-me e apontei um polegar por cima do ombro. O Lucian assentiu e seguiu a Melissa para dentro de casa.

— Podes dizer-me que raio se está a passar? — exigiu o Nolan, descendo do

alpendre atrás de mim.

— Não foi o Hugo quem premiu o gatilho, foi o Dilton — disse eu, sentando-me ao volante do meu carro. — Au! Raios!

Só agora me estava a lembrar da arte no meu rabo.

Praguejando, o Nolan contornou o carro a correr e entrou para o lugar do passageiro.

— O que quer isso dizer?

— Quer dizer que ou o Dilton fez isto sozinho ou anda metido com o Hugo. Seja como for, está feito.

Liguei o motor e fiz inversão de marcha; os faróis cortavam a fosca camada de nevoeiro.

— Para onde vamos agora? — perguntou o Nolan.

— Para a esquadra.



— Estamos coordenados com a polícia estadual e vamos montar operações *stop* aqui, aqui e aqui — disse a agente Bannerjee, apontando para o mapa, enquanto entrávamos na esquadra. Parecia que todos os serviços de emergência de Knockemout já lá estavam. — Todas as unidades foram instruídas para procurarem a Lina Solavita, o sujeito não identificado da investigação e um *Ford Fusion* de 2020, creme.

A Lina estava algures lá fora, no escuro, ao frio. E, caraças, eu não ia descansar até a encontrar.

Abri a pasta na secretária do Grave e retirei de lá a primeira folha de papel, dirigindo-me para o quadro. A Tashi desviou-se, enquanto eu afixava a foto do Tate Dilton ao lado da foto da Lina.

Um murmúrio espalhou-se pela assistência.

— Todos os agentes estarão em busca de Tate Dilton, ex-membro da polícia. É procurado por tentativa de homicídio de um agente da autoridade, violência doméstica e agressão. Qualquer pessoa com informações sobre o paradeiro do Dilton deve falar comigo.

Não fiquei à espera de perguntas. Fui direito à armaria. O Nolan continuava colado a mim.

— Qual é o plano? — perguntou-me, quando lhe entreguei uma caçadeira.

— Batemos à porta de cada um dos amigos do Dilton até encontrarmos alguém que saiba onde diabo ele está. Quando o encontrarmos, encontramos a Lina.

— E o Hugo?

Abanei a cabeça e meti dois carregadores e duas caixas de balas num saco de lona.

— Não sei se ele está metido nisto ou se foi só o Dilton desde o princípio. Mas o instinto diz-me que eles estão nesta merda juntos.

Calmamente, o Nolan carregou a caçadeira e meteu mais uma caixa de balas num saco.

— Achas que ela já os fez arrependerem-se? — perguntou.

Os meus lábios curvaram-se, enquanto eu armazenava mais duas caixas de munições.

— É garantido, caraças.

— As cirurgias de recuperação de tomates vão andar em alta no estado depois desta noite — preconizou ele.

Fechei o saco e olhei para ele.

— Não precisas de vir — disse-lhe.

— Vai à merda.

— Não estou a cumprir a lei. Não vou seguir a merda do protocolo. Faço o que for preciso para a ter de volta.

— E eu vou atrás.

Atravessámos o espaço comum e estávamos quase a chegar à porta, quando esta se abriu. O Wylie Ogden entrou, usando uma velha capa de chuva da esquadra.

— Nash. Isto é, chefe — disse ele. Parecia mais velho do que alguma vez o vira. O seu rosto estava descaído e pálido. — Falei agora com a Melissa, e ela disse-me o que se está a passar. — Abanou a cabeça. — Eu não sabia. Não fazia ideia. Nós éramos amigos, mas... Pelos vistos, nunca conhecemos as pessoas. Não está certo. O que ele te fez a ti, à mulher dele.

— Pois não, não está — disse eu, friamente.

— Estou aqui para ajudar como puder — disse ele. — Para corrigir as coisas.

— Pede à Bannerjee uma tarefa — disse eu.

Depois contornei-o e dirigi-me para o parque de estacionamento. Abri o

porta-bagagem do veículo e, enquanto o Nolan atirava para lá os sacos, carreguei uma segunda caçadeira; depois preendi dois carregadores cheios no meu cinto. O meu telemóvel tocou. *O Lucian.*

— Algum problema a levares a Melissa e os miúdos aos pais dela?

— Não. Estão a salvo, e já têm um carro-patrulha à porta. Mas achei que devias saber que o KingSchlong85 acabou de entrar no *Dragon Dungeon Quest* — disse o Lucian. — A minha equipa está a rastrear o endereço de IP. Conseguiram reduzir a localização a um raio de oito quilómetros daqui.

Merda. Se o Duncan Hugo estava próximo, isso não podia ser uma coincidência.

Carreguei a minha *Glock* com munições e enfiei-a no coldre.

— Diz-me quando o encontrarem.

— Se o encontrarmos assim, não será aceite em tribunal — advertiu o Lucian.

— Não me interessa. Não estou a elaborar um caso. Estou a acertar uma conta. Encontrem-no — ordenei.

CINQUENTA

A BRECKLIN É DO PIOR

Lina

A minha primeira tentativa de sufocar alguém não tinha corrido bem. Mas eu conseguira roubar o *headset*, infligir alguns danos na traqueia e sair da sala antes que ele pudesse apontar-me uma arma, portanto não fora um fracasso total.

Ouvi-o a gritar quando cheguei às escadas para o primeiro andar, e esperei que ele estivesse a chamar o Nikos e o Dilton. Se os três estivessem ocupados a procurar-me, não poderiam entrar numa onda de homicídios. Cheguei ao vestíbulo onde o Nikos e eu tínhamos entrado e olhei em volta. Podia tentar fugir lá para fora, mas, mais do que uma rota de fuga, precisava de um telemóvel ou de algum modo de contactar o Nash. Abri a porta exterior, para que eles pensassem que eu tinha saído, e depois escolhi uma porta ao acaso. Aquela dava para um corredor comprido e escuro.

Estava a usar as minhas mãos para me orientar no corredor o mais depressa possível, quando ouvi alguma coisa.

Uma voz longínqua vinda... da minha mão.

C'um.

Caraças.

O *headset* de jogo do Duncan ainda estava a captar o sinal de *wi-fi*.

Coloquei-o na cabeça e entreabri a porta mais próxima do escritório lá de baixo. Se conseguisse ficar escondida, podia pedir ajuda.

— Olá? Estão a ouvir-me? — sussurrei para o microfone.

— O que é essa respiração? Deixaram entrar um tarado no jogo? — perguntou no meu ouvido uma voz estranha e infantil.

Ouvi a porta por onde tinha entrado a abrir-se com estrondo.

— Merda — resmoneei.

As minhas mãos abriram outra porta de madeira precisamente quando as luzes do corredor se acenderam.

Divisei um Hugo furioso a correr para mim, antes de conseguir enfiar-me pela porta.

A porta — obrigada, estrelas da sorte — tinha um ferrolho por dentro. Não o deteria por muito tempo, mas iria pelo menos atrasá-lo. Corri-o precisamente quando a maçaneta se agitou.

— Quanto mais tempo me fizeres perseguir-te, mais deixo o Dilton fazer-te mal! — rugiu ele do outro lado da madeira.

— Olá? Está aí alguém? — perguntei, tão alto quanto me atrevia.

O chão ali era diferente. Parecia ser de tijolo, e havia janelas ao alto em ambas as paredes. Era um espaço escuro e cavernoso, com o que percebi serem umas doze baias de cavalos, divididas ao meio por um largo passadiço de tijolo.

— Vais parar de te armar em parvo, KingSchlong, e ajudar-nos a matar estes ogres, ou tenho de voltar a usar o meu feitiço de aturdir em ti?

Era uma voz de criança. A julgar pelo tom, uma criança irritante.

— O meu nome é Lina Solavita, e fui feita refém pelo Tate Dilton e o Duncan Hugo na Red Dog Farm, em Knockemout, Virgínia — segredei para o microfone, enquanto corria pelo passadiço entre as baias.

A maçaneta agitou-se atrás de mim, e depois houve uma pancada sonora. Corri para a extremidade da sala escura e choquei com uma parede de madeira pela altura do peito, tirando o fôlego a mim própria.

— Au. Merda — ofeguei.

— Isto é a sério? — perguntou uma empinada voz pré-adolescente.

— Deve ser só o KingSchlong a meter-se com a gente, Brecklin — disse outro miúdo.

— Ouve lá, *Brecklin*, os teus pais sabem que jogas videojogos *online* com um criminoso? — silvei, voltando a levantar-me.

Ouvi mais uma pancada sonora do outro lado da sala, acompanhada pelo lascar de madeira. Parecia mesmo muito um corpo a tentar arrombar uma porta.

Ele estava a vir, e eu não tinha tempo de encontrar uma saída. A minha única opção era esconder-me o máximo de tempo possível, antes de ter de me

defender ali.

— Drogada — resmoneou um miúdo ao meu ouvido.

— Oh, meu Deus! Juro-vos pelo Justin Bieber, ou pela Billie Eilish ou lá por quem vocês curtem que estou a dizer a verdade! Preciso que liguem para o 112 já!

Houve outra pancada, e mais madeira cedeu.

Um sonoro ruído «bing-bong» no *headset* sobressaltou-me.

— Jesus. Que diabo foi isso? — sussurrei.

— Tem calma, mulher. A WittyInPink acabou de entrar no jogo — disse a Brecklin.

— Tenho calma depois de vocês chamarem o 112!

— Lina?

A voz familiar quase fez com que me viessem lágrimas ao olhos.

— Waylay?

— Onde é que estás?

— Estou perto. Estás a salvo? A Naomi está a salvo? Que diabo estás a fazer aqui?

— Quando o tio Nash ligou e me perguntou qual era o nome de utilizador do Duncan Hugo, achei que talvez conseguisse ajudar a encontrá-lo através do jogo.

— Waylay, és linda e és um génio! Estou muito, muito orgulhosa de ti, e tu provavelmente estás metida num sarilho.

— Sim. Eu calculei — disse ela, parecendo entediada com o conceito.

— Ouve-me: tens de ligar ao teu tio Nash e dizer-lhe que o Duncan Hugo vai mandar o Tate Dilton à vossa casa para...

Como poderia dizer a uma menina de doze anos que alguém queria assassiná-la?

— Para me eliminar a mim e à tia Naomi? — adivinhou ela.

— Eh, lá! — exclamou um dos outros miúdos.

— Merda, sim. Ouve, eu estou a tentar distraí-los, mas o Nash não pode vir aqui, porque estão a montar-lhe uma armadilha. Precisa de ir para vossa casa e garantir que vocês estão a salvo.

— Onde é que estás? — exigiu saber a Waylay.

— Não importa. Diz-lhe só que o amo.

— Está na Red Dog Farm — anunciou a vozinha arrogante da Brecklin.

— Cala-te, Brecklin! — silvei.

Soaram dois tiros.

— Pronta ou não, aqui vou eu! — cantarolou o Hugo, quando a porta cedeu por completo.

Escolhi uma baia ao acaso e fechei metade da porta atrás de mim, o mais silenciosamente possível.

— Ouve, tenho de ir. O Duncan vem aí. O Tate Dilton está com ele — sussurrei, entrando mais na baia para me acorocar atrás de uma pilha de tinas de plástico. — Diz ao Nash que eu o amo.

— O qu...

— Des... ligar...

Bolas. O sinal de *wi-fi* estava a enfraquecer. Avancei de gatas para a porta da baia.

— Tens de dizer LDT — crepitou a voz embirante da Brecklin no meu ouvido. — Quer dizer «longe do teclado».

— Eu não tenho teclado, Brecklin! — silvei.

Mas o sinal voltou a cair, e havia apenas silêncio no meu ouvido.

Bestial. Desperdiçara as minhas últimas palavras a gritar com uma criança. Enfim. Ela tinha merecido.

— Não podes esconder-te aqui para sempre. — A voz do Hugo ecoava sinistramente pelo espaço.

Achatei-me contra a parede e apercebi-me de que era fresca e lisa. Como se fosse de azulejos.

Surgiram-me memórias da minha breve experiência num campo de férias equestre. Eu estava na baia de lavagem; essencialmente, um duche para cavalos.

As solas dos sapatos do Hugo roçavam no tijolo, e os meus dedos encontraram aquilo que procuravam. Os cavalos eram lavados com uma mangueira de bocal, mas alguns estábulos tinham agulhetas de pressão para lavar a própria baia.

Um estrondo pregou-me um susto de morte. Era o som de madeira e metal a embaterem em pedra. Tateei a mangueira e bati com o cotovelo na torneira. A dor irradiou pelo meu braço acima.

O feixe de uma lanterna cortou a escuridão.

— Não está nesta — cantarolou o Hugo para consigo.

Houve mais um estrondo, este um pouco mais próximo.

Ele ia escancarar as portas das baias uma a uma, até descobrir aquilo que procurava.

O meu coração estava a dar tudo para explodir do peito.

Agachei-me, tentando acalmar a respiração. Precisava de me manter viva, de me manter escondida. Por essa ordem.

Silenciosamente, arranquei o *headset* e atirei-o para a frente da baia, esperando que ele se voltasse a conectar ao sinal de *wi-fi*. Não queria nada traumatizar um bando de miúdos fazendo-os ouvir a minha morte. Exceto a Brecklin. Ela parecia terrível. Mas talvez um deles fosse suficientemente esperto para gravar o áudio, para que o Duncan não escapasse desta.

Fechei a mão no manípulo da torneira e sustive a respiração. A porta da baia ao lado da minha bateu com estrondo na parede exterior, e eu aproveitei o barulho para girar o manípulo.

Por favor, que haja água. Por favor, que haja água.

Ele estava tão perto que eu conseguia ouvir a sua respiração pesada.

Agora ou nunca. Eu tinha de calcular o tempo na perfeição, ou não teria hipótese de dizer na cara estupidamente bela do Nash que o amava.

A porta do meu esconderijo abriu-se com estrondo e lascou-se contra a parede exterior. Eu não hesitei. Quando o feixe da lanterna voou sobre mim, agarrei na agulheta e premi o gatilho.

Ouvi um tiro.

CINQUENTA E UM

QUANDO O ESPETASTE COM UMA FORQUILHA?

Nash

Uma *pick-up* que me era familiar entrou no parque de estacionamento da esquadra, fazendo espirrar água por todo o lado, com os faróis a encandearmos. O Knox saiu e bateu com a porta. Dirigiu-se a mim, com o maxilar contraído.

— O que é que fazes aqui? Tens de ficar com a Naomi e a Way — disse eu.

Ele abanou a cabeça.

— Estou contigo.

— Agradeço, mas tens de as manter em segurança. O Hugo pode decidir atacá-las esta noite.

O Knox cruzou os braços.

— O Lou tem duas caçadeiras. A Liza J sacudi o pó da espingarda do avô. O Stef está a preparar bebidas e a distribuir *spray* de gás-pimenta. O Jeremiah e a Waylay estão a marchar com os nossos velhos tacos da liga de basebol júnior.

— Vais casar-te amanhã.

— Não sem ti e não sem a Lina. Liga à Naomi, se não acreditas em mim. Este casamento só acontece com a presença de todos nós.

— Chefe? — O Grave apareceu à porta. — O *Ford Fusion* pertence a Mark Nikos. O tipo arrenda propriedades comerciais daqui até DC. Tem uma morada local. Já a tinha desde o verão. Dois carros-patrulha vão agora passar por casa dele.

Assenti.

— Obrigado, Grave.

Ele não estaria lá, nem a Lina, portanto eu não iria perder tempo com essa formalidade.

Virei-me de novo para o meu irmão.

— É a tua oportunidade para teres uma coisa boa. Não vais lixar tudo a fazer de irmão mais velho. Não esta noite.

Ele agarrou o meu ombro bom.

— Tu apoiaste-me da última vez. Não vais aventurar-te sem mim.

— Parece que vamos os três juntos para a cadeia — disse o Nolan.

— Oh, c'um caraças — resmoneei.

Saquei do meu telemóvel e marquei.

— O que é? — disparou o Lucian.

— Preciso que vás para casa do Knox e mantinhas toda a gente viva lá.

— Tenho uma equipa de segurança a caminho.

— Bestial. E agora preciso que estejas lá, porque o idiota do meu irmão está aqui comigo no parque de estacionamento.

O Lucian praguejou com um palavreado colorido, e eu ouvi o clique denunciador do seu isqueiro.

— Estarei lá dentro de cinco minutos.

Ouvi um «bip» e olhei para o meu ecrã. A Naomi.

— Vou desligar. Tenho outra chamada — disse ao Lucian, e desliguei. — Naomi, não tenho novidades, mas estamos a fazer tudo...

— Tio Nash? Eu sei onde está a Lina.



— Vejo uma *pick-up* de labrego com chaminés e um *Ford Fusion* dourado estacionados ao lado do celeiro — relatou o Nolan.

Estava deitado de barriga para baixo na orla da linha de árvores, a espreitar por um binóculo.

Graças ao alerta da Waylay, tínhamos acedido à propriedade pelo bosque, aproximando-nos por trás da casa e do celeiro. A chuva trouxera consigo um nevoeiro espesso que pairava como uma manta, dando à propriedade um aspeto fantasmagórico.

— O Dillon e o carro que levou a Lina — disse eu, tentando conter as emoções que ferviam dentro de mim.

O Knox e eu trocámos um olhar. Para o melhor e para o pior, os homens que procurávamos estavam ali. E nenhum deles ia ter mais uma hipótese de fazer

mal a alguém que amávamos.

— Vejo movimento — disse o Nolan em voz baixa. — Imobilizámo-nos e espreitámos por entre a chuva e as trevas. — Um tipo grande. Acaba de sair pela porta lateral aberta. De arma em punho. Está a olhar em redor.

— À nossa procura? — perguntou o Knox.

Estávamos a duzentos metros, mas, mesmo assim, os meus ouvidos captaram um som débil. Parecia alguém a gritar. Vimos o homem voltar para dentro a correr.

— A Lina — disse eu.

O Nolan sorriu. Até a boca do Knox conseguiu curvar-se.

— Aposto que está a dar com eles em doidos — preconizou.

— Diz ao Lucian que o Dilton ainda aqui está — disse eu ao meu irmão. — Eu vou pedir reforços.

Estava a ligar para o Grave quando o tiro soou.

O meu coração parou. O meu cérebro esvaziou-se. A única coisa que restou foi o instinto. Avancei, correndo através do mato que me dava pela cintura.

Ouvi o Knox e o Nolan atrás de mim, mas não ia esperar. Não com a Lina lá dentro.

Cobri facilmente a distância até ao celeiro, saltei a cerca e lembrei-me de avançar com o meu ombro bom quando arrombei a porta.

Esta cedeu facilmente, e eu detive-me o tempo suficiente para verificar o vestíbulo antes de continuar. Estavam duas portas abertas. Uma dava para um piso inferior, a outra para um corredor comprido.

A Lina não se deixaria encurralar numa cave sem uma saída fácil, portanto entrei no corredor sem hesitar. Sentia um formigueiro no estômago. Baixei-me no momento em que uma porta à minha direita se abria e um punho enorme avançava para mim.

Fui contra o Mark Nikos, o homem que arrastara a minha mulher para fora de um supermercado e a atirara para o porta-bagagem de um carro, com o meu ombro menos bom, apanhando-o nas costelas e atirando-o para a ombreira da porta.

— Eu trato dele. Vai — disse o meu irmão, atrás de mim.

Nem sequer olhei para trás. Se o Knox dizia que tratava dele, era porque tratava.

Continuei pelo corredor até chegar a uma porta aberta. A porta em si estava estalada e amolgada, e as suas ferragens jaziam, inúteis, no chão.

Tateei em busca de interruptores e encontrei uma fila deles. Acionei todos e corri para o estábulo iluminado.

Fiz uma revista rápida a cada baia, apressando-me cada vez mais. Ela estava ali. Estava perto. Tinha de estar. Eu sentia-o.

— O que é aquilo? — perguntou o Nolan, apanhando-me.

Ambos baixámos o olhar para o líquido que formava uma poça no chão de tijolos, à porta da penúltima baia. No centro vimos um único invólucro de bala.

Por uma fração de segundo, o meu coração parou. Depois ouvi um silvar débil e divisei a mangueira e a agulheta, ainda a espirrar uma fina névoa de água.

— Água — rouquejei.

— Dois conjuntos de pegadas — observou o Nolan. Seguimo-las até onde pareciam baralhar-se e combinar-se contra a parede de pedra. Descartada no meio das pegadas molhadas estava uma forquilha. Os dentes estavam manchados de sangue. Gotas ferrugentas, vermelhas, pontilhavam o chão. — Aposto cem dólares em que a Lina o espetou com a forquilha — palpitou o Nolan.

— Não aceito essa aposta.

Algo semelhante a orgulho empurrou a bolha de medo no meu peito. A Lina podia aguentar-se, e aguentar-se-ia, até eu a encontrar.

Seguimos o rasto de sangue e água até ao fim da sala. Uma cerca alta de madeira com um portão dava para outro espaço escurecido.

A luz dos estábulos derramava-se na escuridão como breu, e eu consegui ver que o chão fora coberto por uma espessa camada de serradura.

— Acho que é um picadeiro interior — disse o Nolan. — Tem de haver um interruptor algures por...

Houve um barulho na escuridão. Uma espécie de ganido estrangulado, seguido de um tombo e um grunhido. Não me importava que não conseguisse ver. Sabia que ela estava ali dentro e ia encontrá-la.

— Espetaste-me com uma forquilha, porra! — Uivou uma voz de homem sem corpo.

— Estavas a pedi-las, idiota de merda — ripostou ela, mordaz.

Ela estava bem. Pelo menos, suficientemente bem para falar mal.

— Angelina! — A minha voz cortou a escuridão como uma seta.

— Nash! Sai daqui! Au! Filho da puta...

Eu aproximava-me. Sabia pelos sons da luta a aumentarem. Esquivei-me a um objeto grande e sombrio. Um veículo ou uma máquina agrícola sob uma lona, percebi. Havia mais, alinhados entre mim e ela, criando uma corrida de obstáculos.

Estava quase junto deles. Podia senti-la perto de mim. E o meu estômago deu uma volta ao som de um punho a atingir carne. Mas o uivo que se seguiu não foi dela.

As luzes acenderam-se, iluminando a arena. Eu encontrava-me a menos de dois metros deles. O Hugo estava de joelhos à frente dela, a sangrar da perna, e ainda mais do nariz.

— Cabra de merda! — guinchou, e ergueu a mão que segurava a arma.

Eu não pensei. Não planeei. Não calculei. Agi.

— Nash!

O grito da Lina ecoou-me na cabeça em pleno voo. A cabeça do Hugo virou-se para mim em câmara lenta, seguida pelo seu braço. Mas era tarde de mais para ele. Atingi-o com a força de um comboio de carga, com a minha caçadeira à frente. A arma dele disparou, e rebolámos na serradura. Eu virei-o, prendi-o e esmaguei o meu punho na sua cara. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

— OK, valentão. — A voz da Lina era suave e calma ao meu lado. — Acho que já o apanhaste.

Mas não bastava. Nada menos do que acabar com ele bastaria. Levei outra vez o braço atrás, para dar asas ao meu punho, mas as mãos dela pousaram em mim.

— Morgan! — O grito de aviso do Nolan fez com que ambos erguêssemos o olhar a tempo de ver o Tate Dillon a apontar a sua arma para nós, a dez metros.

O Dillon virou-se para o Nolan, que corria, e os dois homens dispararam quase em simultâneo.

Apercebi-me de o Nolan ter tombado de joelhos, do grito horrorizado da Lina; peguei nela por debaixo dos braços e arrastei-a para trás de um grande

trator azul.

Empurrei-a para trás do pneu e disparei dois tiros para chamar a atenção do Dilton. A Lina agarrou-me e arrastou-me de novo para baixo. O toque dela trouxe-me de regresso ao meu corpo.

A minha respiração era ofegante e vingativa. O suor escorria-me pelas costas. O meu punho latejava. O meu coração trovejava no peito.

— Nash — disse ela, pressionando-se contra mim. — Consegues ver o Nolan?

Percorri a arena com o olhar e abanei a cabeça.

— Deve ter arranjado abrigo. — Olhei para baixo, para ver se ela estava ferida. — Estás a sangrar, querida.

Ela ergueu o braço esquerdo, onde faltava um pedaço de manga. O tecido em redor encontrava-se encharcado de vermelho.

— Atingi o Hugo com a agulheta na cara e fiz um Nash Morgan quando ele disparou.

Arranquei a manga da minha camisa e atei-a em redor do seu bíceps.

— O que é um Nash Morgan?

Ela sorriu-me, e nunca a tinha amado mais do que amava naquele momento.

— Fiz o que tu fizeste, quando te aproximaste daquele carro. Vi a arma e virei-me de lado. A bala mal raspou em mim. Nem sei se isto se qualifica como ferida, mas arde como tudo.

— Jesus, Angel.

— É um arranhão — garantiu ela.

— Quando foi que o espetaste com a forquilha?

— Depois de ele disparar para mim.

— Ele não disparou *para* ti. Ele alvejou-te. — Eu começava a ver tudo vermelho. — Acho que preciso de o alvejar — decidi.

— Se tu alvejares o Hugo, eu quero alvejar o Dilton. Foi ele quem te alvejou — disse ela.

— Eu sei.

Arrisquei uma espreitadela detrás da roda do trator e vi o Dilton a desaparecer por trás de uma montanha de sacos de plástico. O Nolan não estava à vista.

— Sabes? — silvou ela.

— A minha memória voltou quando recebi a tua mensagem de voz.

— Espera lá. Porque é que estás aqui? Devias estar a proteger a Naomi e a Waylay.

— O Lucian e uma equipa de segurança privada estão a guardá-las.

— Vocês os dois vão passar o dia a falar ou vão aparecer, para eu vos dar um tiro na cabeça? — gritou o Dilton.

Uma bala zuniu contra a estrutura de metal do trator.

Empurrei a Lina mais para baixo e aponte para o veículo coberto ao lado do trator. Era mais baixo e rente ao chão.

— Vai — ordenei.

Ela abanou vigorosamente a cabeça.

— Não.

— Tira-me esse rabo daqui, Angel.

— Não te deixo — silvou ela, fazendo-me desequilibrar.

Estremeci quando o meu rabo bateu no relevo do pneu.

— O que se passa? — silvou ela. — Foste atingido? Se aquele tipo baleou o teu rabo perfeito, eu mato-o.

— Não fui atingido. Explico mais tarde.

Uma bala zumbiu sobre as nossas cabeças, agitando a orla da tela.

Vislumbrei um brilho azul quando disparei às cegas de volta.

— Eu não te deixo — disse ela de novo.

— Angel.

— O que é?

Agarrei-lhe no queixo e virei-lhe a cabeça.

— Encontrei o teu *Porsche*. — O queixo caiu-lhe, e ela emitiu um guincho agudo. — Leva o carro daqui para fora. Eu trato dos assuntos por resolver.

Ela olhou para o carro, e depois de novo para mim.

— Raios. Não consigo. Não te vou deixar aqui.

— Tu amas-me.

A Lina pestanejou.

— Caraças, tu amas-me — disse-lhe eu.

— Ah, sim? E imagino que tu não me ames.

— Porra, eu também te amo. Tanto que não vamos esperar até depois.

— O quê?

— Vamos casar-nos.

— Há gente a disparar contra nós, e tu queres pedir-me em casamento?

Soou mais um tiro. Eu rebolei e ripostei com outro na direção do Dilton.

— Tens algum problema com isso? — perguntei, sacando de um carregador novo e enfiando-o na minha arma.

— Isto é tão típico de ti. Esperas até estarmos no meio de uma situação de perigo para me coagires a fazer o que tu queres. Há umas mil decisões que temos de discutir. Onde viveríamos? Qual dos nossos trabalhos é mais importante? Quem é que leva o lixo?

— E todas começam pela primeira. Vais casar-te comigo, Angel?

— Irra!, está bem. Sim. Mas, quando a adrenalina descer e perceberes que estás preso a mim daqui até ao fim, o problema é teu. Não quero ouvir lamúrias.

O meu coração saltou, e eu sorri para a minha miúda linda.

— Vou beijar-te com muita força depois.

— Podes crer que vais.

Ouvi um fungar e uma pancada. Empurrei a Lina para o chão, enquanto o Duncan Hugo aterrava de cara na serradura, aos nossos pés. O Knox apareceu vindo da frente do trator, com uma pá na mão. Tinha um corte na testa e sangue nos nós dos dedos.

— Agora estamos quites — disse.

— Dunc! Estás aí? — chamou o Dilton.

O Knox ajoelhou-se junto da Lina.

— O Nolan está a sangrar muito. Abriguei-o debaixo de uma carroça de palha, mas temos de o tirar daqui depressa.

Olhei para o meu irmão e para a minha miúda.

— Levem-no daqui. Eu trato do Dilton — disse, sombrio.

— Nash, não. — A Lina agarrou-me o braço.

— Querida, eu saio logo depois de vocês — prometi-lhe. — Tenho muito por que viver.

— E tens um anel para comprar — assinalou ela.

— A sério que a pediste em casamento no dia do meu casamento? — perguntou o Knox.

A Lina deu uma palmada no peito do Knox, e ele encolheu-se.

— Au!

— Jesus, o que se passa com vocês os dois? — quis ela saber.

O meu irmão sorriu.

— Não lhe contaste?

— Tenho estado um pouco ocupado — disse eu, secamente. — Leva-a e ao Nolan daqui para fora. Eu preciso de acabar isto.

O Knox assentiu e pegou na arma do Hugo inconsciente.

— Vemo-nos lá fora.

— Raios, Nash. Não consigo deixar-te aqui — disse a Lina, com a voz a falhar.

— Angel, esta luta é minha. Sou eu quem tem de a terminar, e conto contigo para ajudares o meu irmão e o meu amigo a saírem daqui inteiros. Confia-me o meu trabalho, tal como eu te confio o teu.

A Lina esfregou as mãos na cara e praguejou em voz baixa.

— Está bem. Mas não te atrevas a ser alvejado — disse por fim.

— Não serei — prometi.

O Knox agarrou-lhe no braço e começou a puxá-la.

Os seus olhos castanhos pousaram nos meus e ali se mantiveram.

— Amo-te.

— Também te amo. Agora, ponham-se a andar daqui, para eu poder ser um herói.

— Vou mudar-me para aqui — disse a Lina ao Knox, enquanto eles se baixavam.

— Bestial. O que é que te aconteceu ao braço? — perguntou o Knox.

— O tipo que atingiste na cara com a pá alvejou-me.

— Porra, estás a gozar? — ouvi o meu irmão rosnar.

Esperei até a Lina ter destapado o carro e o Knox ter instalado no assento do passageiro um Nolan muito pálido.

O meu irmão fez-me uma continência; depois virou-se e correu, curvado, para a porta do celeiro na extremidade da arena.

O Nolan fez-me um débil pirete, enquanto a Lina se sentava ao volante do *Porsche*. Eu devolvi-o, sombrio.

— Até depois — disse-me a Lina, silenciosamente.

Eu soprei-lhe um beijo e depois fiz pontaria, enquanto o *Porsche* rugia para a vida.

O Dilton apareceu por trás da sua cobertura, fazendo pontaria para a Lina. Eu disparei uma fração de segundo antes de ele puxar o gatilho. Desapareceu atrás dos sacos, agarrado ao braço.

Ele atirava decentemente. Mas eu atirava melhor e conhecia as suas fraquezas.

— Nikos? Onde raio estás tu? — berrou o Dilton, enquanto a Lina carregava no acelerador e o *Porsche* arrancava repentinamente. O «iuuu» triunfante da minha miúda envolveu-me numa nuvem de serradura levantada pelo carro. Eu sorri e usei-a como cobertura.

Mantendo-me junto ao chão, deixei a segurança do trator e desloquei-me na direção do Dilton.

Agachei-me atrás de um trator mais pequeno com uma perfuradora posterior e espreitei sob o chassis.

O Dilton suava e mascava a pastilha como se tivesse um pistão no maxilar. Estava de joelhos, encostado de barriga a uma pequena pilha de fardos de palha. Nas mãos, segurava a sua preciosa *Smith & Wesson* de seis balas.

Já o tinha.

Fiz pontaria e disparei, fazendo voar uma nuvem de palha apodrecida a centímetros dele.

Ele disparou um tiro de resposta na direção do trator.

— Dilton.

Ele girou de joelhos na serradura, enquanto eu me levantava.

Olhei nos olhos o homem que tentara tirar-me a vida uma vez e, ao olhar para eles, percebi que ele não teria uma segunda hipótese.

— Sabes que agora tenho de te matar — disse ele, mastigando nervosamente a pastilha.

— Sei que já tentaste uma vez.

— Pelos vistos, recuperaste mesmo a memória, não foi? — disse ele, pondo-se de pé.

— O que não percebo é porquê.

— Porquê? — Ele riu-se, desdenhoso. — Tu roubaste esse cargo a um homem como deve ser e amaricaste a merda da esquadra inteira. Eu é que devia ser o chefe. Fiz mais por esta maldita cidade do que tu alguma vez fizeste.

— Então porque esperaste estes anos todos antes de arriscares?

Aproximei-me mais um passo.

Ele suave como a minha tia-avó Marleen num churrasco do 4 de Julho.

— Não sei, porra. Fica aí onde estás — disse ele, segurando a arma com ambas as mãos.

O canhão longo e reluzente revelava o tremor que o possuía.

— Talvez não tenhas pensado em fazer nada até o Duncan Hugo ter aparecido e te ter posto a pulga atrás da orelha.

— O que te leva a pensar que não fui eu a pôr-lhe a pulga atrás da orelha?

— Tu nunca tiveste uma ideia original nesse teu cérebro de ervilha. Eu sei que nada disto veio de ti.

O lábio do Dilton arreganhou-se, erguendo-lhe o bigode.

— Tu realmente nem fazes ideia.

— Porque é que não me esclareces?

O peso da arma fazia baixar o canhão, e ele apontava para baixo.

— Merda. Esperas que eu confesse tudo precisamente antes de te mandar para a cova.

— Porque não? Diz-me como és esperto, antes de voltares a premir esse gatilho.

— Digo-te quando estiveres a esvair-te em sangue, porque desta vez não me posso demorar.

Eu estava pronto. Li o seu esgar e vi o seu dedo premir o gatilho em câmara lenta. Houve um clique e uma expressão atónita e estúpida, quando o Dilton se apercebeu de que já tinha disparado a última bala.

O sacana nunca soubera contar as descargas.

Uma fração de segundo depois, três manchas vermelhas floresciam no tronco do Dilton. O eco dos três tiros rápidos soou na sala cavernosa e dentro da minha cabeça.

A cara suada do Dilton descaiu, e ele olhou para mim e depois para os orifícios no seu peito. Os seus lábios moveram-se, mas não saiu qualquer som. O vermelho ainda estava a espalhar-se quando ele tombou de joelhos e depois para frente, de cara no chão.

Atrás dele vi um pálido Wylie Ogden. As mãos tremiam-lhe enquanto ele mantinha a arma apontada para o Dilton.

— E-ele ia matar-te — disse o Wylie, num sussurro ténue.

— Já não tinha balas — disse eu.

Não sei se ele me ouviu, porque estava de olhos fixos no Dilton, como se receasse que o homem se voltasse a levantar. Lembrei-me então de que, em duas décadas de carreira, o Wylie nunca tivera de descarregar a sua arma no cumprimento do dever.

— Pousa a arma, Wylie. Aqui somos todos amigos — disse, avançando lentamente para ele.

— Ele ia matar-te — repetiu o Wylie.

Ouvi as sirenes a seguir, um gemido longo e urgente que se aproximava cada vez mais.

— Já acabou — disse-lhe.

— Acabou — sussurrou ele.

Deixou-me tirar-lhe a arma das mãos e depois tombou de joelhos junto do corpo do Tate Dilton, na serradura empapada de sangue.



A aurora começava a romper sobre as árvores quando eu saí do celeiro. A longa e negra noite tinha chegado ao fim. Começara um novo dia.

Toda a propriedade fervilhava de polícias, *feds* e outro pessoal de emergência.

Fiquei surpreso ao ver o meu irmão afastar-se da fachada lateral do celeiro e dirigir-se para mim. Tinha uma ligadura sobre o corte na testa, e mais nas mãos.

Ficámos ombro a ombro na porta aberta, assimilando tudo.

— Portaste-te bem ali dentro — disse ele, por fim.

— O quê?

— Tu ouviste. Pareces bastante decente no teu trabalho. Quando não tens o regulamento enfiado no cu.

Era o elogio mais simpático que o meu irmão me tinha feito desde que fora assistir ao meu jogo de futebol americano de finalista e me dissera que eu não tinha jogado «horivelmente» no desafio.

— Obrigado — disse eu. — E obrigado por me apoiares.

Ele lançou-me um sorriso pretensioso de Knox Morgan.

— Quando é que estes cretinos vão aprender a não se meterem com os irmãos Morgan?

— Eh, feliz dia de casamento.

— Vai ser o melhor dia da minha vida.

Mesmo na hora certa, a razão disso apareceu.

— Knox!

A Naomi e a Waylay romperam uma fileira de agentes estaduais e começaram a correr.

— Não te atrases, caraças — disse-me o Knox, com uma palmada de despedida nas costas.

E a seguir estava a galopar pela gravilha até elas. Vi o meu irmão arrebatá-las nos braços as duas mulheres mais importantes da sua vida e baloiçá-las no ar.

— Pelos vistos, você não conhece o significado de «discrição» — disse secamente a agente especial Idler, aproximando-se.

As folhas caídas estalavam sob os seus pés, enquanto ela se afastava do Nolan.

Ele estava amarrado a uma maca, com uma ligadura empapada em vermelho atada ao peito, de telemóvel colado ao ouvido. Apanhou-me a olhar e apontou para o telemóvel.

— Mulher — disse em silêncio, com um ar delirantemente feliz.

Os meus lábios curvaram-se e lancei-lhe uma saudação. Ele sorriu e fez-me um pirete amistoso.

— Ele vai ficar bem? — perguntei.

— Vai ficar ótimo. Os órgãos vitais estão ilesos. Mas sabe o que é que aquele sacana acabou de fazer? Demitiu-se.

— Não me diga.

— Não sei porque é que ele mo disse, uma vez que não sou a entidade patronal. Mas parece que foi caçado pelo setor privado — disse ela, lançando um olhar incisivo para onde estava o Lucian, de braços cruzados, num grupo de vários agentes.

— Não parece muito desgostosa por ter de me despedir — observei.

— Talvez seja porque, por vezes, o bem maior tem um preço demasiado alto — disse ela, observando o meu irmão a beijar a sua noiva, pendurada nele. — Claro que também pode ser porque o Duncan Hugo sabia menos sobre as operações do pai do que um funcionário de nível médio — prosseguiu. — Ou talvez seja porque o seu amigo Lucian aceitou pôr os seus vastos recursos à nossa disposição para nos ajudar a acabar com o Anthony Hugo de uma vez por todas. Portanto, como vê, é possível que eu esteja demasiado ocupada para

me preocupar com a possibilidade de o chefe de uma pequena cidade manter o cargo.

— Afaste-se do meu chefe, agente especial — disse a presidente Swanson.

Seria mais ameaçadora se não estivesse vestida com calças pijama com abóboras de Halloween e a agarrar um frasco do *Snoopy* com café quente.

— Estamos só a ter uma conversa, senhora presidente — disse a Idler.

— Certifique-se de que é uma conversa amigável. Eu detestaria se as setenta e duas mil pessoas que gostaram deste artigo sobre o herói da nossa cidade descobrissem que o FBI o tinha posto na rua.

Ergueu uma pilha de artigos impressos e agitou-a em redor.

Eu arranquei-lhos da mão e arrependi-me imediatamente quando vi os primeiros comentários:

«Ele pode proteger e servir o meu rabo quando quiser.»

«Estou a pensar em cometer um pequeno delito no norte da Virgínia. Já volto.»

— Credo — resmoneei.

— Se pensa que o FBI tem tempo e dinheiro para gerir um desastre de relações públicas, por favor, avance. Mas eu farei questão pessoal de ir a todos os programas matinais entre DC e Nova Iorque...

— Senhora presidente Swanson, o cargo do chefe Morgan não corre qualquer perigo. Pelo menos da minha parte.

A ambulância do Nolan afastou-se, e eu fui recompensado com o tipo de visão que nenhum homem esqueceria.

A Angelina Solavita.

Estava encostada ao flanco daquele maldito *Porsche* azul-ultramarino, com as longas pernas estendidas à sua frente, de mãos enfiadas nos bolsos. Tinha hematomas no rosto, lama na roupa, e calçava umas botas de bombeiro emprestadas.

Estava linda e durona. A minha durona linda.

Passei entre a presidente Swanson e a agente Idler sem as ver.

— Já era tempo de ele ter juízo — ouvi a presidente dizer, enquanto me afastava delas.

A Lina descolou-se do carro e lançou-se para mim.

Apanhei-a e ergui-a no ar. Ela enrolou as pernas na minha cintura.

— Olá, val...

Não a deixei acabar. Puxei a boca dela para a minha e beijei-a como se fosse a primeira vez. Como se fosse a última vez. Como se fosse a única vez.

Ela amoleceu nos meus braços, e eu endureci. O sabor dela, a sensação dela, a realidade dela eram demasiado. Eu nunca me iria fartar.

Afastei-me do beijo.

— É o depois.

— Sim, mas vais comprar-me um anel na mesma.

— Não mudaste de ideia?

— Eu disse-te. Estás preso a mim. Escrevi o rascunho da minha carta de demissão enquanto esperava que tu desses cabo do Dilton.

— Como está o teu braço? — perguntei-lhe.

Ela revirou os olhos.

— Está ótimo. Nem sequer preciso de pontos.

— Eu disse-lhe que não lhe fazia mal levar uns pontos — gritou uma das paramédicas da janela aberta do seu veículo.

A Lina encolheu os ombros e sorriu-me.

— Eh. É o mesmo.

— Caraças, eu amo-te, Angel.

O seu rosto suavizou-se.

— Também te amo, valentão.

— Vais casar comigo?

Havia tanto amor no seu olhar que eu senti que quase não podia respirar.

— Vou — sussurrou ela.

— Linda menina.

Puxei-lhe a boca para mais um beijo, e depois vacilei quando ela enterrou o calcanhar na minha nádega.

— Tens a certeza de que não levaste um tiro nesse rabo perfeito?

— Tiro? Não.

— O que aconteceu?

— Mostro-te depois. Primeiro, porque não me dás boleia para casa?

Ela soltou um guinchinho e desenrolou as pernas da minha cintura.

— Pensava que nunca mais pedias.

O meu telemóvel vibrou no bolso, e eu retirei-o.

Sorri e virei o ecrã para a Lina.

— Porque é que a minha mãe está a ligar-te?

— Imagino que tenhas umas chamadas perdidas.

— Achei que podíamos contar-lhes da nossa noite juntos — disse ela, com uma expressão culpada.

— Minha grande e bela galinha — zombei.

Tirei-lhe as chaves da mão e atirei-lhe o meu telemóvel.

— Eu conduzo. Tu falas.

— Está bem, mas, como meu noivo, espero que estejas mentalmente preparado para uns pais sem noção de limites pessoais aparecerem em Knockemout para te conhecerem.

— Mal posso esperar, Angel.

EPÍLOGO

Nash

Era um milagre continuarmos ainda de pé... sobretudo de pé *ali*. O Tate Dilton estava morto.

O Duncan Hugo tinha sido preso. Eu não tinha perdido o emprego. E todos os que amava se encontravam a salvo e ali. Alguns de nós estávamos um pouco amolgados. Mas continuávamos ali, e era isso que contava.

O pátio traseiro do meu irmão fora enfeitado para a ocasião, com uma pequena ajuda da mãe Natureza. O sol brilhava. O céu estava azul. As folhas de outono choviam sobre os convidados em cores vivas, e o riacho cantava sobre as pedras e nas curvas, acrescentando uma música familiar à guitarra alegre.

As filas de bancos rústicos cheios de convidados entusiásticos estavam viradas para o arco de madeira que o Knox e o Lou tinham feito juntos.

O meu irmão olhava para a álea ladeada de abóboras com ar de estar prestes a vomitar-se todo para o fato e a gravata. Tinha um corte na testa, um hematoma sob um dos olhos e várias juntas dos dedos ligadas. Eu próprio exibia equimoses recentes e um ombro dorido como tudo.

Sob o arco, pronto para officiar, estava o Justice St. John, que se tinha arranjado para a ocasião, trocando a sua habitual jardineira por um fato cinzento-antracite.

O Lucian, com um sorriso, e o Jeremiah ocuparam os seus lugares ao meu lado. Juntos, apoiávamos o meu irmão.

A mãe da Naomi, linda em dourado, mostrou-me um entusiástico polegar para cima da primeira fila. Do outro lado, a Liza J retirou um frasco do seu casaco de malha castanho-merda e deu um golinho. Ao lado dela, fiquei surpreendido por ver o nosso pai. Parecia... bem. Saudável. Presente. Estava metido num fato e tinha uma gravata em que não parava de mexer. Ao lado dele, encontrava-se um homem que não reconheci.

Não tive tempo para tirar conclusões, porque a música mudou, e ali estava ela.

A Lina apareceu no fim da álea, com um vestido escarlate que a envolvia como a pincelada de um artista encantado. Tinha um olho negro que a maquilhagem não disfarçara por completo, lábios vermelho-rubi, uma ligadura no braço e uma fita de flores no cabelo.

Eu nunca vira nada mais belo em toda a minha vida.

A garganta fechou-se-me enquanto ela saltitava na minha direção. E eu tive a certeza de que mal podia esperar que ela percorresse uma outra álea. A nossa álea.

Queria ir para junto dela. Tocar-lhe. Arrastá-la até ao Justice e oficializar tudo. Mas haveria tempo para isso. *Depois*. Agora tínhamos todo o tempo do mundo.

Os olhos dela estavam em mim, e aquele sorriso insinuante e entendido aqueceu-me todos os cantos da alma.

Minha.

Ela arrancou o olhar de mim e parou em frente do Knox.

— Parabéns, Knox — sussurrou.

Ele estendeu o braço e puxou-a para um forte abraço. A sua garganta estava com problemas em engolir. Um «ohh» ergueu-se da assistência, e o meu irmão conseguiu articular, trémulo:

— Obrigado, Leens.

Ela recuou.

— São os dois tão belos — acrescentou. E a seguir encontrava-se à minha frente. — Estás giro, valentão — disse.

Eram lírios-do-vale, nos seus cabelos. Pela primeira vez em muito tempo, senti a presença de ambos os meus pais.

Para choque dela e de todos os outros, agarrei-a pela nuca, puxei-a e dei-lhe um beijo rápido e intenso. Houve suspiros e risos entre a assistência.

— Igualmente, Angel — disse eu, depois de a ter beijado.

Ela sorriu-me com mil promessas nos olhos, antes de prosseguir e trocar «mais cinco» com o Lucian e o Jeremiah. O Lucian abriu espaço para ela entre nós os dois, e eu senti a sua mão a acariciar-me as costas.

A Fi deslizou a seguir pela álea, num vestido dourado justo, como se estivesse numa *passerelle*. Tinha o cabelo espesso e escuro solto em caracóis selvagens, domado por uma fita de flores. Soprou um beijo ao Knox, antes de se deslocar

para o lado oposto do arco. A procissão seguiu com o Stef e a Sloane. O Stef, de fato, lançou ao Jeremiah um piscar de olho sedutor. Depois apontou dois dedos aos seus próprios olhos, apontando-os a seguir aos olhos do Knox.

A Sloane, num vestido cor de ferrugem de saia até aos pés, flutuou na nossa direção como uma fada da floresta. O seu cabelo louro estava esticado para cima e para trás. Uma fita de flores brancas empoleirava-se na sua cabeça. Manteve os olhos direcionados para a frente até chegar a nós.

Então dirigiu ao Knox um sorriso comovido, cheio de amor e esperança. Ouvi a inspiração incisiva do Lucian e perguntei-me se, de algum modo, aquele sorriso lhe perfurara a armadura.

E depois chegou a Waylay. A bela e corajosa menina estava mais feliz do que eu alguma vez a tinha visto e percorreu a álea quase a saltitar, vestida de tule amarelo. Tinha o cabelo encaracolado em canudos de princesa, entrelaçados com malmequeres. À minha frente, os ombros do Knox estremeceram, enquanto ele combatia uma onda de emoções. Aguentou-se o mais que pôde, mas saiu da pose quando a filha chegou à primeira fila. O Knox ergueu-a e deu-lhe um esmagador abraço de urso. Duas lágrimas escorreram pelas faces da Waylay, e ela enterrou o rosto no ombro do Knox.

Depois de tudo por que a miúda passara, era a primeira vez que eu a via a chorar.

A Amanda soltou um soluço chorado e começou a distribuir lenços de papel como se fossem rebuçados.

— Amo-te, miúda — disse o Knox, com a voz a falhar.

Pousou-a no chão, e ela limpou as lágrimas.

— Iá. Acho que também te amo, e essas cenas.

A Fi assoou-se sonoramente, enquanto a Sloane erguia os olhos para as árvores e tentava não pestanejar.

— Tu e a tua tia são as duas melhores coisas que alguma vez me aconteceram — disse o Knox, segurando-lhe no queixo para que a Waylay olhasse para ele.

Por um segundo, pensei que ela ia desfazer-se em lágrimas, mas a Waylay convocou uma força interior teimosa e sufocou a emoção. Ia ser uma bela Morgan.

— Não fiques lamechas. Se ficares lamechas, isto nunca mais acaba, e eu quero comer bolo — instruiu.

— Certo — rouquejou o Knox.

Ela começou a afastar-se dele e, então, cedeu a algum impulso e rodeou-lhe a cintura com os braços.

Não sei se a ouvi corretamente, mas pareceu-me que ela disse:

— Obrigada por me amares.

O Lucian, o Jeremiah e eu aclarámos as gargantas à vez, numa tentativa viril de sufocar quaisquer sentimentos.

— Merda — fungou a Lina, atrás de mim. Eu saquei do bolso um molho de lenços de papel e dei-lhos. Os seus olhos estavam vidrados de lágrimas não derramadas. — Obrigada — disse ela, em silêncio.

A minha miúda chorava em casamentos.

A Lina Solavita era uma caixinha de surpresas.

Quando a Waylay largou por fim o Knox e ocupou o seu lugar, o meu irmão olhou para o céu, tentando controlar-se. O nosso pai, timidamente, levantou-se. Hesitou — duas vezes —, e a seguir percorreu o curto espaço até ao arco e pôs algo na mão do Knox, antes de regressar ao seu lugar.

Era um lenço. Por uma vez na vida, o Duke Morgan tinha estado presente quando era preciso.

O Knox baixou o olhar para o lenço e assentiu em agradecimento.

A seguir chegou o momento cómico, na forma do *Waylon* com um *smoking* canino, a galopar pela álea como cão das alianças oficial.

Depois de o cão ter plantado o rabo aos meus pés, graças a um biscoito especial com que eu o subornara, a música voltou a mudar. Com o guitarrista a tocar os primeiros acordes de «Free Fallin'», de Tom Petty, a assistência pôs-se de pé.

Ouvi o suspiro que percorreu os convidados quando a Naomi, uma visão em renda branca, apareceu pelo braço do Lou.

O Knox olhou para ela e acorrou-se; as suas mãos tremiam, enquanto seguravam o lenço no seu rosto.

A partir daquele momento, não houve um olho seco em todo o pátio.

Até a Liza J teve de limpar o nariz à manga, entre goles do seu frasco. Quando o Knox quase arrancou a Naomi ao braço do pai, quando a abraçou como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo, eu tive de me virar para esmagar uma lágrima rebelde.

A Lina agitava as mãos à frente dos olhos, como se a brisa ajudasse a secar as lágrimas.

O Lucian tinha os olhos orlados de vermelho, como se o seu coração tivesse sido desfeito em mil pedaços. Mas não olhava para os noivos. Olhava para lá deles, para a Sloane, que chorava abertamente.

— Caraças, não te atrevas a chorar, Flor — ordenou o Knox à sua noiva.

A Naomi sorriu por entre as suas lágrimas de alegria.

— Tarde de mais, Viquingue. Amo-te tanto.

Os músculos do maxilar e da garganta do Knox funcionaram.

— Tu és tudo o que eu sempre quis e nunca pensei que merecia.

O soluço choroso da Naomi foi ecoado pela Lina e pela Sloane. Eu não aguentei mais. Desloquei-me e pus o braço em redor da Lina, puxando-a para junto de mim. As flores delicadas no seu cabelo roçavam-me o rosto como uma carícia.

A Naomi ergueu o olhar para o Justice, que estava a limpar também uma ou duas lágrimas, e sorriu.

— Eu sempre soube que te convenceria a subires comigo ao altar, Justice.



Ditos os «sim», secas as lágrimas e servidas as bebidas, restava-nos apenas gozar o dia.

A Waylay estabeleceu a sua corte junto do riacho, com uma enorme fatia de bolo, as amigas da equipa de futebol e os cães.

A Lina estava outra vez na cabina fotográfica com a Sloane e a Fi. A fotógrafa continuava frenética, à procura da Naomi e do Knox, que estavam suspeitosamente ausentes há perto de vinte minutos. Ninguém teve coragem para lhe dizer que os noivos estavam provavelmente a comer-se, algures dentro de casa.

— Queres empurrar uma velhota pela pista de dança? — perguntou a Liza J, aparecendo ao meu lado quando a banda mudou para «All My Ex's Live in Texas», do George Strait. Era uma das preferidas da minha mãe, o que a tornava numa das minhas preferidas.

— Seria uma honra — disse eu, oferecendo-lhe o meu braço.

Encontrámos um lugar na pista de dança, rodeados de amigos e familiares. Eu

conhecia cada um daqueles rostos e reconhecia o milagre que isso era. O privilégio que era não só ser parte daquela cidade, mas servi-la.

— Bom, eu vou desembuchar e pronto — anunciou a minha avó. — Estive a pensar durante a cerimónia, enquanto todos os outros choravam que nem uns bebés. Se as coisas tivessem acabado de outra maneira, hoje não teria havido um casamento, sem ti. Se aquele imbecil do Dilton tivesse melhor pontaria, não estaríamos aqui a ver o teu irmão a casar-se com uma mulher tão superior a ele que é bom que nunca pare de tentar conquistá-la. Tu ensinaste o Knox a ser corajoso. A esforçar-se. Estou mesmo muito orgulhosa de vocês os dois.

Fui apanhado tão desprevenido que até falhei um passo. Os Morgans não falavam de sentimentos, muito menos com outros Morgans.

— Oh, merda, Liza J.

— Cala-te. Ainda não acabei. Não te cabia salvars a tua mãe, Nash. Foi a hora dela. Nem tu nem ninguém podia fazer nada para o evitar. Ela viveu em grande, tão barulhenta e colorida quanto podia, no curto tempo em que a tivemos. Foi uma sorte dos diabos termos tido aqueles anos com ela. E eu tenho uma sorte dos diabos por ter os netos que ela fez. Não sei se sabes isto, mas, quando era pequena, a tua mãe queria ser polícia. A vida real acabou por se interpor. Mas tenho a certeza de que a Jayla está lá em cima contentíssima, a ver-te a servires e protegeres cá em baixo.

Pela segunda vez naquele dia, os meus olhos turvaram-se.

— Posso interromper?

O Wraith, com o seu blusão de *motard* formal, ofereceu a mão à Liza J.

— Sim, nós aqui já acabámos — anunciou a minha avó. Afastou-se a dançar com o *motard* corpulento, antes de eu ter hipótese de dizer uma palavra.

— Tens ar de quem precisa de uma bebida.

A Lina entrou na minha linha de visão.

— E que tal antes uma dança? — Estendi o braço e puxei-a para mim. — Pareces feliz — observei, levando-nos para um canto sossegado da pista de dança.

— Quero dizer, seria preciso ser-se um monstro sem coração para não se estar feliz hoje — disse ela, balançando comigo ao ritmo da música. — Acabei de falar ao telemóvel com a ex-mulher do Nolan.

— Ah, sim?

Fi-la girar para fora e depois puxei-a de novo para mim.

Ela riu-se.

— Ela está no hospital com ele. O Nolan vai ficar bem. E acho que há uma possibilidade de os dois ficarem bem. Especialmente porque ele lhe disse que vai passar para o setor privado.

— O Lucian ofereceu-lhe trabalho. Ainda não sei se ele o fez só para impedir o Nolan de namorar com a Sloane.

A Lina inspirou para ganhar forças, antes de confessar:

— Ele também me ofereceu trabalho.

— Ah, ofereceu?

— É na sua equipa de investigação. Significaria ganhar mais. Sem estar no terreno. As únicas viagens seriam entre onde eu morar e DC, uma ou duas vezes por semana.

— Parece uma boa oportunidade — disse eu.

Os olhos dela cintilaram.

— A Naomi e a Sloane também me perguntaram se estaria interessada em ajudar no seu novo projeto.

— A sério? O que é que elas vão fazer?

— Acho que primeiro sou capaz de tirar umas férias. Tenho um namorado que gostaria de conhecer melhor, antes de me comprometer com outro emprego.

— Um noivo — corrigi.

— Ainda não tens dúvidas?

Abanei a cabeça.

— Se estás a planear ficar por aqui, acho que é melhor começarmos a procurar uma casa — disse eu.

A Lina empalideceu e pisou-me o pé. Eu sorri-lhe e esperei nunca perder o poder de a perturbar.

— Queres que compremos uma casa juntos? — guinchou ela.

— É impossível todo o teu guarda-roupa caber no meu armário. Mais vale encontrar um sítio onde caibam todos aqueles lindos sapatos e malas.

Os seus olhos estreitaram-se, enquanto ela se punha à altura do desafio.

— Sabes, se vamos comprar uma casa juntos, acho que um casamento podia ser divertido — observou.

— Acho que sim — concordei amigavelmente.

— E depois de ver o Knox e a Waylay... talvez um rebento não fosse a pior coisa do mundo.

— Um rebento não seria definitivamente o pior.

Ela revirou os olhos e voltou-os para o céu.

— Como podes ser tão calmo em relação a isto? É de todo o teu futuro que estamos a falar. Propriedades, casamento e *bebés*.

— Angel, desde que estejas ao meu lado, nada disso me assusta.

Ela abanou a cabeça e olhou para o dossel de árvores e céu por cima de nós.

— Pois eu estou bastante aterrorizada. E se tu mudares de ideia?

Mergulhei-a num movimento dramático e deleitei-me com o modo como os seus braços se apertaram à minha volta.

— É tarde de mais para isso.

— Não, não é. Aliás, agora é o momento ideal para tu mudares de ideia, antes de fazermos alguma coisa permanente.

Eu endireitei-nos a ambos e segurei-lhe o rosto.

— Deixa-me mostrar-te exatamente até que ponto isto já é permanente.

— À vontade — disse ela.

Estava a rebocá-la para fora da festa quando alguém chamou o meu nome.

— Raios — resmoneei.

Virei-me e dei de caras com o meu pai. O homem que estivera ao seu lado durante a cerimónia estava atrás dele.

— Só queria despedir-me — disse o meu pai, passando o seu peso de um pé para o outro.

Tinha o casaco dobrado sobre o braço e as mangas da camisa arregaçadas até aos cotovelos. O «2205» ainda era visível, embora esmaecido num azul-acinzentado na sua pele.

— Já agora, este é o Clark. É o meu padrinho — disse o meu pai, fazendo as apresentações.

Surpreendido, estendi a mão.

— Prazer em conhecer-te, Clark.

— Igualmente. O teu pai tem feito alguns avanços positivos — disse ele.

— Folgo em saber.

O meu pai olhou para trás de mim e ofereceu à Lina um pequeno sorriso.

— Pai, esta é a Lina. A minha noiva.

Mal podia esperar por alterar a palavra para «mulher». *A minha mulher.*

— Percebi isso durante a cerimónia — brincou o meu pai. — Parabéns aos dois.

— Prazer em conhecê-lo, senhor Morgan. Os seus filhos saíram-se muito bem — disse a Lina, apertando-lhe a mão.

Baixou o olhar para o braço dele, para o número gravado na sua pele, e depois olhou para mim com um olhar suave.

— Trata-me por Duke. E não posso aceitar o mérito pelos meus filhos. Tudo o que é bom neles veio da Jayla.

Há anos que eu não ouvia o meu pai usar o nome da minha mãe. Talvez houvesse mesmo esperança.

— Nem *tudo* o que é bom — contrapôs a Lina.

Ele dirigiu-lhe um pequeno sorriso grato.

— Bom, acho que está na hora de me fazer à estrada. Parece-me que ainda não estou preparado para encarar um bar aberto.

— Foi bom ver-te, pai.

— Também foi bom ver-te, Nash. Prazer em conhecer-te, Lina. — Começou a andar, mas deteve-se. — Estou mesmo orgulhoso de ti, filho. Muito orgulhoso. Sei que isto provavelmente não significa muito. Mas também sei que a tua mãe estaria encantada.

Eu não encontrei palavras, portanto fiquei-me por um aceno de cabeça.

Ficámos a vê-los partirem.

— Estás bem? — perguntou a Lina, roçando as unhas nas minhas costas.

— Sim. Estou. Vem.

Levei-a para dentro de casa e pelas escadas acima. Um aplauso ouviu-se no pátio traseiro, e calculei que o Knox e a Naomi tinham acabado de fazer a sua entrada pós-sexo matrimonial.

— Onde é que vamos? — perguntou a Lina.

— Tenho de te mostrar uma coisa — disse eu, abrindo uma porta e empurrando-a para o interior.

— Oh, meu Deus. Este é o teu quarto? — perguntou ela, assimilando a pequena cama sob o edredão aos quadrados, as prateleiras com troféus e outros objetos de infância.

— Era. Eu disse à Naomi que podia transformá-lo, mas, pelos vistos, ela ainda não começou.

Fechei a porta e tranquei-a.

— Sexo no casamento do teu irmão? Ora, ora, valentão. Estou impressionada.

Abri o cinto, e ela humedeceu os lábios. Aquele vislumbre de língua rosa e lábios molhados foi o bastante para me fazer ficar teso.

— Tenho pensado muito ultimamente.

— Quando foi que tiveste tempo para pensar? Passámos grande parte das últimas vinte e quatro horas a esquivarmo-nos de balas — gracejou ela.

— Em todos os momentos desde que te encontrei nas minhas escadas.

Empurrei-a até ela se sentar na minha antiga cama.

— Isso é muito pensamento.

— Tu és uma mulher complicada. É preciso pensar e planear muito para descobrir como te convencer a fazeres uma vida comigo.

Baixei as calças até às coxas.

Os olhos dela estavam na minha virilha, e eu senti a pulsação e o latejar que a sua atenção provocava no meu sexo.

Enfiei os polegares no elástico dos meus *boxers*.

— Se pensas que o teu sexo, mesmo magnífico como é, vai contar como algum tipo de grande gesto que prove que estás nisto para o que der e vier, é melhor voltares à estaca zero.

Ela já estava a afastar os joelhos no rebordo do colchão. Eu ansiava por arregaçar toda aquela seda até à sua cintura e tomá-la. Mostrar-lhe o quanto precisava dela. Lembrar-lhe o quanto ela me queria. Mas, primeiro, tinha de fazer outra coisa. Virei-me.

— Posso estar disposta a aceitar o teu rabo como um grande... — As suas palavras suspenderam-se quando eu empurrei as cuecas para baixo. — Nash! — exclamou.

Tentei espreitá-la por cima do ombro, para ter noção do que ela estava a sentir.

— Raios, isto foi estúpido. Devia tê-la feito noutro sítio. Onde pudesse verte.

Onde é que eu tinha a cabeça? Uma mulher como a Lina merecia um pedido

de casamento à meia-noite, num safári, com fogo de artifício e leões, caraças. Não...

— Asas de anjo — sussurrou ela, passando os dedos pela tatuagem fresca. Estremeci. — Pobre querido — brincou ela.

E então senti os seus lábios roçarem a minha nádega. O meu sexo teve a reação esperada.

— Não posso acreditar que mandaste fazer uma tatuagem para mim. No rabo. Deves dar-te conta de que isto oficializa tudo. O teu rabo é meu. Todas as mulheres da cidade vão ficar devastadas. Porque vou absolutamente contar-lhes. Aliás, preciso do meu telemóvel. Quero uma fotografia disto.

— Angel — disse eu.

— O que é?

— Ainda não está pronta.

— Isso vejo eu.

— Certa pessoa teve de se fazer raptar a meio do trabalho. Mas não era disso que eu falava.

— O que é que falta? — perguntou ela.

— A nossa data. O dia mais feliz da minha vida.

Ela ficou calada durante tanto tempo que me virei para a encarar, ainda com as calças pelas coxas.

— O Knox mandou tatuar a data de hoje sobre o coração. Tradição de família — disse eu.

Aqueles belos olhos castanhos estavam vidrados de lágrimas. Os seus lábios cheios e vermelhos tremiam.

— Faz uma vida comigo, Angelina. Podes ter o medo que quiseses disso, porque eu não tenho. Serei suficientemente forte pelos dois.

Ela assentiu e derramou uma lágrima solitária. Acocorei-me à sua frente e limpei-lha, e depois avancei para a beijar.

Mas ela deteve-me.

— Mas ganho na mesma um anel, certo? — Nos seus olhos cintilavam alegria e matreirice, misturadas com as lágrimas.

Eu sorri.

— Já tenho uma marcação com o joalheiro para amanhã.

Ela aproximou-se mais, até as nossas bocas estarem à distância de uma

respiração.

— Então acho que é melhor eu fazer a minha marcação.

— A tua marcação para quê?

— Para a minha tatuagem de Nash. Estava a pensar que talvez o teu crachá seja apropriado.

Eu ergui-me, prendendo-a ao colchão.

— Caraças, eu amo-te, Angel.

— Amo-te, Garanhão Certinho — sussurrou ela, acariciando-me a cara com uma mão.

Uma sonora pancada fez estremecer a porta, e, por um segundo, recuei até aos meus anos de adolescência.

— Nash! Lina? Estão aí dentro? — chamou uma voz.

A Lina endireitou-se de supetão e ficou sentada.

— É a minha mãe?! — silvou.

— Merda.

Pus-me de pé, tentando freneticamente puxar as calças para cima.

— Lina? Estás aí dentro? Aquele Knock disse que deviam estar cá em cima.

— Pai?! — guinchou ela, em estado de choque.

— Se calhar estão a fazer sexo — sugeriu a mãe dela, no corredor.

— Porque é que tens de dizer essas merdas, Bonnie? — disse o pai.

— Porque é que os meus pais estão aqui? — exigiu saber a Lina, ajeitando freneticamente o vestido.

— Esqueci-me de te dizer. Sou capaz de os ter convidado... depois de lhes ter pedido autorização para casar contigo... já depois de te ter pedido em casamento.

Ela pousou as mãos no meu peito e olhou-me nos olhos.

— Prepara-te para seres sufocado até ao fim dos teus dias.

Não queria eu outra coisa.

EPÍLOGO ADICIONAL

ALGUNS ANOS MAIS TARDE

Lina

— Vai buscar! — anunciou alegremente o Stef.

— Vai-te lixar — rosnou o Knox, recolhendo outra peça na nossa mesa de jogos na sala de jogos.

Sim, eu, Lina Solavita Morgan, tinha uma sala de jogos. Também tinha uma secção inteira do armário dedicada a *lingerie* cara.

O meu belo marido lançou-me um olhar entendido, como se pudesse ler-me a mente, e virou uma peça para si. A *Piper* encontrava-se sentada no seu colo, gozando a ação em redor da mesa.

— Como é que és tão bom nisto? — exigiu saber o Lucian.

Era a sua primeira incursão no *Bananagrams*, e estava a levá-lo mais a sério do que a Sloane, que tinha desistido. Ela tinha os pés no colo dele, enquanto ia lendo um artigo sobre a última história de sucesso do seu programa no *iPad*.

A luz do *tablet* dançava sobre a cicatriz esguia e prateada no seu maxilar. Uma marca de valor. Uma marca que nos recordava a todos da valentia da nossa pequena bibliotecária.

Notei que o Lucian jogava com uma só mão, para poder massajar os pés da mulher sob a mesa.

— Ele faz batota — disse o Jeremiah, piscando o olho ao Stef.

— Isso é inveja, senhor Palavras de Três Letras.

— Alguém quer uma bebida? — perguntei, começando a recolher o vasilhame.

— Senta-te, Angel — ordenou o Nash. A mão dele estendeu-se e levou o meu pulso aos seus lábios. — Eu arrumo.

— Sinto-me melhor quando me mexo — disse-lhe, e depois inclinei-me para

roçar os meus lábios nos dele, apesar da pontada de dor na zona lombar.

— Estás bem? — perguntou ele, baixinho.

A sua mão percorreu-me as costas e o rabo. Com precisão, encontrou a minha tatuagem e apertou-a afetuosamente.

Eu estava enorme e desconfortável. Doíam-me as costas. Tinha os pés inchados. Nas últimas horas, tinha experimentado ocasionais dores agudas que me lembravam do que aí vinha.

— Estou bem — garanti.

— Vão buscar, merdosos! — ladrou o Knox, triunfante.

Toda a mesa resmungou.

— Noite de jogo — resmoneei, piscando o olho ao Nash, antes de transportar as garrafas de cerveja vazias para a cozinha.

O *Waylon*, o *basset hound*, ergueu a cabeça, confirmou que eu não tinha gulodices e voltou imediatamente a adormecer na tijoleira.

De algum modo, era a minha vida.

Claro, a minha vida incluía também construir aquela casa linda no terreno da Liza J, de frente para os meus cunhados, do outro lado do riacho. Tinha um trabalho excitante, uma cadela peculiar, um homem que amava mais a cada dia que passava. Os meus pais e eu estávamos bem. Eles ainda telefonavam. Muito. Mas eu já não lhes mentia sobre a minha vida, e eles tinham aprendido a lidar com o facto de eu estender as asas. Eu desconfiava que isso se devia sobretudo a terem passado a chama da preocupação para o Nash e agora confiarem nele para zelar pela minha segurança. Mas, mesmo assim, era uma vitória para mim.

Para completar tudo isso, a nossa maior aventura estava prestes a começar.

Larguei as garrafas vazias no caixote da reciclagem. A Naomi surgiu por trás de mim e passou um braço em redor da minha cintura alargada.

— A máquina de lavar louça está ligada, e eu já arrumei os restos.

— Obrigada. Prometo que, quando não tiver trezentos e cinquenta quilos e a forma de uma bola de praia, retribuo o favor.

— Estás a sentir-te bem?

Eu assenti e depois fiz uma careta. O peso da minha barriga de grávida fazia-se sentir mais abaixo do que o habitual. As minhas costas queixavam-se de tudo, quer eu me sentasse, ficasse de pé ou me deitasse. Pela primeira vez desde a adolescência, estava desconfortável no meu corpo.

Mas não queria queixar-me à minha amiga. Não quando ela e o Knox andavam a tentar ter os seus próprios bebés.

— Estou bem — garanti-lhe.

A Naomi lançou-me um olhar entendido.

— Mentirosa — disse afetuosamente.

— A sério. Estou bem. — Ao dizê-lo, percorreu-me mais uma daquelas dores agudas.

Os olhos do Nash viraram-se para mim como se ele também a tivesse sentido. O homem tinha-me vigiado como um falcão desde que aquela maldita linha rosa aparecera, tantos meses atrás. Eu dirigi-lhe um sorriso débil.

— Andar ou sentar? — perguntou a Naomi.

Qualquer uma das opções me parecia horrível naquele momento.

— Andar — decidi, e comecei nas minhas voltas em redor da ilha da cozinha, com as mãos na zona lombar. A Naomi pegou num pano da louça e começou a torcê-lo, com algo semelhante a um sorriso a brincar-lhe nos lábios. — O que é? — perguntei.

— Quero que saibas que vou amar muito esses bebés. Estou tão feliz por ti e pelo Nash que às vezes até me custa respirar — disse ela, com a voz a tremer.

— Não quero que alguma vez penses que, só porque estou triste por mim e pelo Knox, não estou feliz por ti e pelo Nash.

Parei de andar e encarei-a.

— Claro que sei disso. E preciso que saibas que desejava que estes bebés fossem teus ou que fosses uma bola de praia com trezentos e cinquenta quilos comigo.

Ela soltou uma gargalhada lacrimosa.

— Eu também. Faz-me sentir um pouco egoísta.

— Não há nada de mal em queres levar mais amor para a tua casa. Isso não é egoísmo.

Soltei-a ao ser atingida por mais uma dor.

Expirei lentamente.

— O Knox e eu estivemos a falar — disse a Naomi, deslizando para um dos bancos altos cuja escolha me fizera agonizar. Porque, pelos vistos, não era uma diva só na moda e na maquilhagem, mas também em equipamentos para o lar.

— E tomámos uma decisão.

— O que é que decidiram? — perguntei, tentando impedir que as minhas palavras soassem como se eu estivesse a ser estrangulada, pois a dor recusava-se a abater.

— Não vamos fazer mais tratamentos de fertilidade.

— Oh, Naomi — disse eu.

Ela abanou a cabeça e, para lá das lágrimas nos seus olhos, eu vi algo lindo. Alguma coisa feliz e esperançosa.

— Vamos adotar.

Estendi os braços para ela. A gravidez tinha-me tornado mais solta com o contacto físico. Provavelmente tinha que ver com o facto de eu partilhar fisicamente o meu corpo com não um, mas dois outros seres humanos.

— Temos um longo caminho pela frente, mas sentimos que é o que está certo. Como se uma peça de *puzzle* se encaixasse — disse ela. — Estou tão feliz.

Abracei-a o mais que a minha barriga permitia.

— Isso é lindo, Sabichona. Estou tão feliz por ti. Tu, o Knox e a Way vão encontrar o resto da vossa família — prometi-lhe.

— Eu sinto-o no coração. Tal como sei que tu não és a irmã com quem nasci, mas és a irmã que eu escolhi, Lina — sussurrou ela.

Lágrimas quentes turvaram-me os olhos, e eu abracei-a com mais força.

— Merda. Que maneira de pôr uma grávida a chorar. — A Naomi deu uma gargalhada lacrimosa contra o meu ombro. — É uma honra ter-te como irmã — sussurrei.

— Foi um pontapé? — perguntou a Naomi, levando a mão à minha barriga.

— Sim, um deles quer seguir as pisadas da Waylay no campo de futebol. — A dor seguinte apanhou-me desprevenida, e eu larguei a Naomi para me dobrar para a frente — Chiça! — exclamei.

— Nash! — chamou a Naomi, com urgência na voz.

Houve um estrondo na sala grande, e num segundo o meu marido estava ao meu lado.

— Tudo bem, Angel? — perguntou-me, percorrendo os meus braços com as mãos.

— Tudo — rouquejei, enquanto os restantes amigos e familiares tentavam entrar na cozinha ao mesmo tempo e ficavam presos na porta.

— Acho que ela está em trabalho de parto — anunciou a Naomi.

— Está adiantada — observou o Jeremiah.

— Normalmente, os gémeos adiantam-se — disse a Sloane, chegando junto de mim e pousando a mão fresca no meu ombro.

O Lucian seguiu-a. Mesmo depois de todo aquele tempo, mesmo quando as minhas entranhas ameaçavam sair-me do corpo, eu achava arrebatador o modo como ele se colocava sempre na órbita dela.

Dolorosamente adorável.

— O que é que fazemos? Precisas de toalhas e merdas dessas? — perguntou o Knox, aparentemente em pânico.

— Stef, vai buscar o saco que está no chão do nosso quarto — disse o Nash.

— Naomi, liga aos pais. Jeremiah, tira as minhas chaves do gancho e vai ligar o *Tahoe*.

Abanei a cabeça.

— O *Tahoe* não.

— O quê? — O Nash inclinou-se mais para mim.

— O meu carro. Uma última viagem, só nós os dois — disse eu entre dentes.

Ele inclinou-se mais para baixo e olhou-me nos olhos.

— Porra, eu amo-te, Angel. Embora sejas teimosa como tudo.

— Também te amo. Agora, por favor, tira-me daqui, antes que eu faça figuras e comece a chorar e a gritar.



— Não estou preparada. Não consigo fazer isto. Dois?! Dois bebés?! Onde é que tínhamos a cabeça? — exclamei, agarrando no braço do Nash com as duas mãos.

A cama e a bata do hospital eram o bastante para me fazer passar-me. Juntando o facto de dois seres humanos estarem prestes a explodir da minha vagina, era todo um outro nível de perder a cabeça.

— Desculpa, querida. Não volto a fazer-te isto — prometeu ferverosamente o meu marido. — Deem-lhe mais uma epidural, ou anestésicos, ou calmantes para cavalos, já! O que for preciso para resolver isto — ladrou.

Deixei cair a cabeça no colchão inclinado e fechei os olhos com força. A mão fresca do Nash pousou-me na testa. Senti os seus lábios contra o meu ouvido.

— Eu estou aqui, Angel. Estou contigo. Tu consegues absolutamente fazer isto. Tens de ser tu a fazer o trabalho pesado, e eu lamento isso pra caraças. Faria qualquer coisa para te tirar este sofrimento. Qualquer coisa. Mas juro-te que, depois disto, nunca mais vais ter de fazer nada sozinha. Está bem?

Assenti e abri os olhos.

— Está bem.

— Prepare-se. Precisamos que faça muita força, Lina — disse a enfermeira.

— Tu consegues, querida. Tu trouxeste-me de volta à vida. Podes trazer mais duas vidas ao mundo. Porque, caraças, tu és mágica.

Segurei a mão dele na minha e apertei com força. Os seus olhos azuis brilharam.

— Preciso de ti, Nash.

— Já não era sem tempo.

Abanei a cabeça.

— Sempre precisei de ti.

— Eu estou aqui. Vamos lá começar esta aventura.

— Mal posso esperar por depois — disse eu entre dentes.



A carinha enrugada sob o gorro azul não se parecia comigo nem com o Nash, tanto quanto eu conseguia ver. Parecia um velho rabugento com dedinhos minúsculos. Encostei a cabeça ao ombro do Nash. Ele tinha subido para a cama comigo e ficámos sentados, com o nosso filho e a nossa filha nos braços, gozando os primeiros minutos de sermos uma família de quatro.

O Nash olhava para a nossa menina com uma expressão de puro assombro. Eu senti o meu coração abrir-se ao meio para acomodar aquela nova quantidade de amor.

O meu marido heroico manteve o controlo por nós os dois. Tinha mantido o controlo até os gémeos estarem enfaixados, declarados saudáveis, e eu declarada a salvo. Então, com uma expressão de amor só por mim no seu belo rosto, o Nash Morgan tinha perdido os sentidos.

— Está sempre a acontecer — disse a enfermeira, quando foi buscar o amoníaco e os pensos em forma de borboleta.

Consegui tirar uma *selfie* tremida com o Nash estendido no chão ao lado da

minha cama. Quase todos os nossos melhores momentos como família implicavam sangue e hematomas.

— Estão cerca de vinte pessoas na sala de espera, com mais balões do que um desfile — anunciou uma enfermeira.

— Acho que devemos deixá-los entrar, antes que sejam expulsos — disse eu.

Sentia que o meu corpo tinha sido cortado ao meio e cosido a seguir, e daria o braço esquerdo por corretor e rímel. Mas descobrira que havia uma espécie de alegria especial em partilhar momentos imperfeitos. Uma força assombrosa que sentia quando deixava aqueles que mais amava verem-me no meu estado mais cru.

Tínhamos sido abençoados com aquela vida tão bela.

Aqueles bebés minúsculos e perfeitos seriam amados e cuidados por toda a nossa família alargada, mesmo quando as suas imperfeições humanas começassem a revelar-se.

O Nash abanou a cabeça.

— Quero mais uns minutos só connosco — disse.

— Está bem — disse eu, sabendo que ele estava a dizê-lo para meu bem. Sempre protetor.

Estendi o braço e percorri com o dedo a face rosada da nossa filha.

— Estava a pensar que talvez pudéssemos chamar-lhe Jayla, como a tua mãe — disse.

O Nash ergueu aqueles belos olhos azuis cheios de lágrimas. Assentiu silenciosamente por algum tempo, enquanto a sua garganta se debatia.

— Gostaria muito disso — rouquejou por fim.

— Sim?

— Sim. — Olhou para o nosso filho e de novo para mim. — Que tal Memphis?

— Memphis Morgan — disse eu baixinho. O nosso filho remexeu-se nos meus braços, e eu sorri. — Acho que ele gosta.

— Tu és linda, sabes?

Ergui os olhos e dei com o Nash a olhar-me com uma expressão de amor feroz. Eu estava um farrapo, e o meu marido era um mentiroso descarado.

— Por favor — zombei.

— Ainda bem que ficaste para o depois — disse ele.

— Mesmo depois disto? — perguntei, indicando com o queixo os dois recém-nascidos pelos quais éramos agora responsáveis.

— Eu não faria isto com mais ninguém no mundo — disse ele, com a voz espessa de emoção.

Eu suspirei e recostei-me no seu ombro.

— Nem eu.

Demorámos o nosso tempo, o nosso momento juntos.



A minha mãe foi a primeira a enfiar a cabeça na porta. Perguntei-me quantas pessoas tivera ela de espezinhar por aquela honra. Vi-a envolver o Nash num abraço longo e intenso, embalando-o de um lado para o outro.

— Estou tão orgulhosa de ti — disse ela, libertando-o do abraço para lhe segurar no rosto.

O Nash sorriu-lhe e puxou-a para um novo abraço.

Afinal, todo aquele amor que os meus pais tinham concentrado em mim não era assim tão sufocante quando dividido por nós os dois. Agora, por nós os quatro.

O meu pai estava à porta, segurando timidamente um ramo de flores silvestres. Mesmo do outro lado do quarto, divisei os lírios-do-vale. Os preferidos da Jayla. Tínhamos plantado um canteiro inteiro deles junto da casa e, sempre que ele floria, eu segredava um «obrigada» para a mulher que trouxera o amor à minha vida.

— Ele é a tua cara — suspirou a minha mãe, e os seus olhos encheram-se de lágrimas quando lhe passei o seu neto.

— Olha para este anjinho — disse o meu pai, entregando as flores e um charuto ao Nash em troca da sua neta.

Ouviu-se uma pancada na porta, e todos os outros começaram a entrar. O Knox e a Waylay entraram com a lacrimosa Naomi entre eles.

— Oh, meu Deus. São tão perfeitos! — exclamou a Naomi, agitando as mãos à frente dos olhos. — Tens quatro assados no congelador, o quarto dos bebés foi limpo e aspirado, e a *Piper* está com o Duke, que está a tomar conta dos cães todos até nós voltarmos, e que virá a seguir visitar-vos. Agora deem-me um desses bebés, por favor.

O Lucian tinha um braço protetor em redor da Sloane e transportava um saco-oferta da *Prada* na mão livre.

— Saco para fraldas — disse-me a Sloane, em silêncio.

O Stef e o Jeremiah fechavam o desfile, com o maior urso de peluche que eu já vira e a Liza J.

— Portaste-te bem, rapaz — disse a avó do Nash, ao olhar para a sua bisneta.

— Ela chama-se Jayla — disse o Nash.

A Liza J assentiu, e continuou a assentir.

— É um bom nome — disse por fim; depois assoou-se sonoramente a uma bandana.

O meu marido conseguiu voltar e subiu para a cama, para junto de mim. Eu aninhei a minha cabeça sob o seu queixo e suspirei de felicidade, enquanto ele brincava com os anéis no meu dedo. O meu anel de noivado era um diamante espetacular e feroso, e a aliança de casamento pertencera à mãe dele.

— Não sei como consegui ter toda esta sorte — murmurou contra o alto da minha cabeça.

Eu ergui o rosto para ele.

— Talvez porque tens um anjo ou dois a zelarem por ti.

O seu rosto suavizou-se, os seus olhos azuis enterneceram-se.

— Acho que és capaz de ter razão.

Beijou-me docemente nos lábios e depois na testa.

— Sabes — divaguei —, é bom tu teres um rabo tão bonito e redondo. Acho que vais ter de acrescentar outra data.

DA AUTORA PARA O LEITOR

Caro leitor,

Quanto mais livros românticos escrevo, mais me convenço de que amar alguém é a coisa mais corajosa que podemos fazer neste mundo.

Não é só ficar caída pelo soturno chefe da polícia da casa ao lado. São os amigos que aparecem com vinho nos nossos melhores e piores dias. O sobrinho que ainda não fala, mas que nos derrete o coração com um sorriso em que já despontam dentes. O irmão que consegue sempre fazer-nos rir. A vizinha que nos surpreende com vegetais frescos da sua horta. O suspiro feliz de um cão. Os olhares entendidos que se tornaram uma linguagem própria entre amantes de longa data.

E, por vezes, é mesmo o herói da pequena cidade que nos faz querer correr o risco de ficar com o coração esmagado.

A lição mais importante que a Lina e o Nash me ensinaram é que o melhor tipo de amor é aquele que temos a coragem de dar livremente. Mesmo sabendo que nos podem magoar, desapontar ou partir o coração, amar alguém exatamente como é constitui o maior presente que podemos dar.

Agora, se me dão licença, tenho de ir abraçar o senhor Lucy e pedir-lhe que me leve a comer os meus tacos de apoio emocional.

Beijos,

Lucy

P.S.: O livro do Lucian? *limpa o suor da testa* *enfia o *laptop* no congelador para o impedir de sobreaquecer*

AGRADECIMENTOS

Kristy Rempalski, pela sua generosidade ao apoiar *Lift 4 Autism* e pela sua criatividade cintilante ao ajudar a desenvolver a personagem da Xandra.

Carol e Cora, por viajarem desde o Connecticut para me verem em Enola, Pensilvânia.

Kari March Designs, por, mais uma vez, desenhar uma capa que me desperta sentimentos.

Korrie's Korner, pelo vosso fantástico *feedback* e os vossos serviços de edição para a diversidade.

Kennedy Ryan, por ser sempre um farol de talento e por me dizer se eu estava a ir bem.

Todos os leitores na minha página de autora no Facebook, que sugeriram que eu chamasse *Piper* à cadela.

O meu espantoso parceiro no crime, Tim, que celebrou este ano o seu quinquagésimo aniversário. Tal como um bom *scotch*, não paras de melhorar, *baby*!

Joyce e Tammy, por defenderem o Nash mesmo quando eu demorava uma eternidade a escrevê-lo.

Equipa Lucy, por manter o barco a flutuar enquanto eu desaparecia mais uma vez em Knockemout.

As equipas da Bloom Books e Hodder, por levarem esta série a um público mais vasto.

Flavia, da Bookcase Literary Agency, por me guiar durante o Ano do Caos.

Todos os leitores que arriscam ler um dos meus livros e não o odeiam.

Por fim, todos os autores meus amigos que correram ao meu lado, me disseram para me deixar de lamúrias e me animaram a prosseguir. Vocês fazem um trabalho solitário numa comunidade peculiar e fantástica à qual me orgulho de pertencer!